Promptuario analytico dos carros nobres da Casa Real Portuguesa e das carruagens de gala

POR

MONSENHOR CONEGO J. M. PEREIRA BOTTO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA,
DA ORDEM DE SANT'IAGO, DO INSTITUTO DE COIMBRA, DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E ARCHEOLOGOS PORTUGUESES,
DA SOCIEDADE LITTERARIA ALMEIDA GARRETT, FUNDADOR DO MUSEU INFANTE DOM HENRIQUE DO ALGARVE,
DAS REAES ACADEMIAS DE HISTORIA DE MADRID E DAS BELLAS LETRAS DE SEVILHA,
DA ASSOCIAÇÃO ARTISTICO-ARCHEOLOGICA DE BARCELONA, ETC.

TOMO I

LISBOA - IMPRENSA NACIONAL — M CM IX

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/promptuarioanaly01bott

PROMPTUARIO ANALYTICO

DOS

CARROS NOBRES DA CASA REAL PORTUGUÊSA

E DAS

CARRUAGENS DE GALA

PROMPTUARIO ANALYTICO DOS CARROS NOBRES DA CASA REAL PORTUGUÊSA E DAS CARRUAGENS DE GALA

POR

MONSENHOR CONEGO J. M. PEREIRA BOTTO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA,
DA ORDEM DE SANT'IAGO, DO INSTITUTO DE COIMBRA, DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E ARCHEOLOGOS PORTUGUESES,
DA SOCIEDADE LITTERARIA ALMEIDA GARRETT, FUNDADOR DO MUSEU INFANTE DOM HENRIQUE DO ALGARVE,
DAS REAES ACADEMIAS DE HISTORIA DE MADRID E DAS BELLAS LETRAS DE SEVILHA,
DA ASSOCIAÇÃO ARTISTICO-ARCHEOLOGICA DE BARCELONA, ETC.

TOMO I

LISBOA — IMPRENSA NACIONAL — M CM IX

Non quantum, sed qua mente dedisti.
(Owen)

Ás Preclarissimas Majestades

Senhor Dom Carlos 1.º de Bragança

Rei de Portugal

e

Rainha Senhora Dona Amelia d'Orléans

O. D. C.

O seu reverente vassallo e modesto capellão

Monsenhor Joaquim Maria Pereira Botto

Conego da Santa Sé Metropolitana Patriarchal de Lisboa

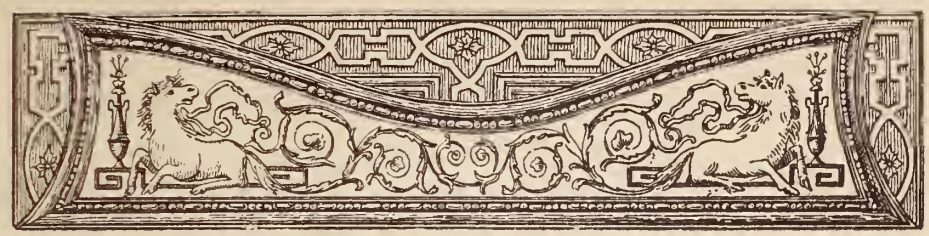
«Se este meu trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?»

Lusiadas, vi, 39.

PARTE I

«Quiz logo aqui a pintura, que viesse
Agora deleitando, ora insinuando,
Dar-lhe nomes que a antiga Poesia
A Seus Deoses já déra fabulando;»

Lusiadas, x, 84.



AO LEITOR

We begin our undertaking with a most difficult inquiry, a view of the whole mythology.

THORPE.

o debuxar estas deficientes linhas não presumi de mim; apenas acquiesci de improm pto a um pedido, que era implicitamente uma ordem.

Não escrevo uma obra, um livro mesmo — no sentido plenamente didactico do termo; é um lineamento, um simples elucidario de uma primorosissima collecção de carros nobres, glossados sob o quadruplo ponto de vista — *architectonico, mythologico, heraldico e historico.*

Mas um trabalho, por minguado que seja, é sempre um thesouro — τὸ πόνημα θησαυρός ἐστι — já assim o proclamava a velha sabedoria da Grecia.

*

* *

Porque resumir não é decepar, as leis da Methodologia não foram postergadas.

O chamado *Promptuario analytico dos Carros nobres da Casa Real Portuguêsa e das Carruagens de gala* constará de dois tomos, correspondentes aos dois *Depositos* deste valiosissimo archivo — o primeiro constituido pelos carros mais selectos dentre os mais antigos; o segundo pelos exemplares restantes.

Nelles se analysa os monumentos *de visu*.

No repositorio de *Notas,* que constituem a *Segunda parte* de cada volume, formulam-se umas pequenas dilucidações historicas, que sobremaneira interessam á *mais integral* exposição do assunto.

*

* *

É mister descrever o que de facto existe e o que só de memoria se conserva.

Mas descrever não é definir; a definição é funcção mais synthetica, que tem de contentar-se com as qualidades essenciaes do *genero* e *differença;* a descrição tem de baixar á esteira dos *accidentes*.

Na contextura de cada uma das *Primeiras partes* — por sem duvida a secção mais escabrosa, visto ser um trabalho de especial iconologia e prosopographia — quasi não tive fontes a sorver, nem oraculos a consultar.

Má estrella foi haver de reduzir-me ao proprio engenho e bagagem literaria cuja pequeneza transsudará no escrito, como no effeito ontologicamente se reflecte sempre a sua causa determinante.

Ha de, porém, haver Mestres, porque os ha para tudo.

Elles que autorizadamente falem, porquanto prefiro ser corrigido pelo sabio a ser lisonjeado pelo nescio.

Ante estes apenas bradarei submisso, como se conta de Corregio em face de uma tela de Rafael — *anch' io son' pittore?*

A outros lembro que é mais facil — topar com o erro, do que deparar com a verdade — censurar o que se faz, do que registar o que está feito — esputar vituperios, do que proceder a averiguações — objurgar desbragadamente, do que discutir com

dialectica. Es läßt sich allezeit besser von schweren zu leichten sachen, als von diesen zu jenen schreiten — di-lo a suprema autoridade de Kant.

Para temperar o aço não basta aquecê-lo ao rubro; é preciso, depois, resfriá-lo rapidamente — assim deve ser a critica sensata.

*

* *

Ao tempo da erecção da maxima parte destes ponderosos monumentos, a ornamentação profana ostentava-se, em regra, com um symbolismo profuso e intenso, fabulisticamente allusivo, sempre que a occasião o facultava.

As cabeças do cyclopico Polyphemo e da gorgonica Medusa serviam de alvo para o tiro á pistola nos manejos da Picaria, como as grandes exhibições pyrotechnicas eram o desenvolvimento calliphlogoscopico de varios themas mythologicos, de que, a custo, se libertavam os proprios serões musico-academicos.

— Vulcano e Cyclopes, Venus e Cupido, tudo no Terreiro do Paço se move e arde e confunde com as lavas e roncos do enfurecido Etna, nas festas nocturnas celebradas em honra do feliz advento da selecta Esposa do Rei *Magnanimo*.

«Não faltam ali os rayos de arteficio
Os tremulos Cometas imitando».

A par desta ideia, só grande pela sua ardente ficção, outras houve objectivadas em festejos do momento, deveras grandes pelo seu generoso conceito — compraram-se negros captivos e deu-se-lhes a liberdade.

Era o despontar luminoso de uma aurora redemptora!

— Por occasião do matrimonio do Senhor Dom Pedro II com a Sr.ª Dona Maria de Neuburgo, no jardim pyrotechnico ideado pelo Conde da Ericeira, encarregado dos aprestes para a recepção da Rainha (ao qual muito preoccuparam as *facas* e *azemolas* para os carros de Neptuno e dos Tritões, consoante se lê em sua carta de 23 de agosto de 1687, endereçada ao Estribeiro-Mór, D. José de Menezes), as figurações mythologicas dos Ventos

e das Estações, de Cupido e de Venus, das Graças e das Eumenidas, de Proserpina e de Vulcano, do Amor e do Odio, celebravam com inscrições adequadas os *Augustos Hymeneos de Suas Majestades,* como os delfins de Neptuno, no seu luminoso tanque, tinham por tarja epithalamica a seguinte jaculatoria de affectuosa bemquerença:

Si quis amare velit, rapiat de flumine flamam;
Igneus est ardor, flumen amoris est.

Como quem diz: Se alguem amar quiser, roube desta agua uma chamma; arde porque é fogo, mas a agua é de amor.

— Com a luminescente allegoria do seu arco triumphal — *Hypomenes e Athlanta* — celebraram os *ourives do ouro* os festos desposorios de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom João V.

(Na mythologia grega Hippomenes foi o principe que, dentre outros, conseguiu na caça vencer a princesa Atlanta, porque Venus o aconselhara a que lhe lançasse pomos de ouro, que ella iria colhendo).

— A erudita Archiduquesa de Austria, Sr.ª Dona Maria Anna Josefa Antonia, sabendo que uma esbelta Nereiada, amada do desmarcado Polyphemo, preferira á sua prosapia neptunina a proverbial elegancia do attrahidor filho de Fauno, consagrou a Seu Real Esposo, num dos seus anniversarios natalicios, um *Applauso armonico* com a expressiva letra — *Fabula de Galatéa y Acis.*

— De Haya, em agosto de 1717, escrevia o espirituoso e equanime Conde de Tarouca para seu sobrinho, o Conde de *Villar Mayor*...: — *Eu não me atrevo a dar-vos trabalho em cavalos terrestres, quando andaes applicado ás cavalarias altas do Pegazo, em discorrer por quantos montes Parnasos ressuscitou e descobrio o Conde da Ericeira*...

E o entretenimento epistolico com variegado recheio de entrechos fabulisticos vinha de longe, porquanto já no janeiro de 1711, ao fallar-lhe de uma caçada ideal, põe em jogo a venatoria Diana com um cyclo mythico de especial erudição. Perguntava-lhe pela *caça da coutada de Tentugal (coutada da pobre caça!)*, suppondo-o embrenhado *em bosque que, no primor do arvoredo, inculcava aos curiosos algum rustico mysterio, onde lhe sa-*

hira ao encontro hum Satiro, assaz polido para ser campestre e selvagem para ser cortez... Era o couteiro de Diana, Introductor nas Audiencias.

Dirigiram-se ambos ao *Palacio colmado que tinha por brazão de Armas uma cabeça de Acteon e por sentinella vigilante uma Dryada...*

Põe-se em ala a chusma das Ninfas..., gritando uma que o pobre Javali estava innocente e Adonis não era morto; dizendo outra que, de quando em quando, sua Ama hia ao Inferno a servir de Proserpina, como certo Mancebo hia ao Alentejo fazer de Marte. (Era uma picante allusão ao Conde sobrinho). *Seguio-se a merenda, num camarim de esteras... tapeçado de chaparreiras. Apoz o baile das Ninfas..., os discursos Academicos, para os quaes propoz a Deoza hum Problema: Perguntou ella onde menos tormentos padeceria, se, sendo Diana..., ou Proserpina..., ou Lua, que os Mathematicos põem em quartos...*

Discorreo-se muito... Findo o sarau, *ergue-se a Deoza para acompanhal-o a elle, que chega a casa... espavorido com tanto fantasma. Tudo conta; nada se acredita, e todos concluem:* Omnis venator mendax (Todo o caçador mente).

Era esta sentença de fina *moralidade,* que o sagaz Conde de Tarouca queria attingir com o seu brilhante apologo mythologicamente figurado.

— Nas composições literarias dos seculos XVII e XVIII, prosaicas ou rythmicas, dramaticas ou humoristicas, apologeticas ou mordentes, intuitivas ou allegoristicas, rhetoricas ou rapsodicas, é frequentissima a sembladura mythica na contextura do seu titulo ou sub-titulo. Por exemplo: Umas nesgas de prophylaxia com uns filamentos de historia, umas zargunchadas de politica com uns alaridos de patriotismo, uns brados de sociologia com uns bafos de theodiceia constituem a recheadura de um livro escrito pelo (menos vate e mais rimador, menos musico e mais musiquim) Licenciado Bracamonte, fabulisticamente baptisado *Mesa Primera de Pomona, y Flora, ministrada en la cozina de las Serenissimas Musas á costa de los medicos y politicos, en el Banquete que Apolo hizo a los Embaxadores del Rey de Portugal Dom Juan Quarto.*

—Em Madrid, no *Extasis Metrico de las Musas, al pulsar Apolo su Lirico instrumento,* felicita D. Fernan Montobar o seu particular amigo Antonio Guedes Pereira pelo nascimento de um quarto filho.

—Com versos mellifluos, como os desta aria,

Diamante soy, si eres cincel:
Azero soy, y eres iman.

compõe Acosta y Faria o seu trio de Alfeo, Aretusa e Diana, na *Fiesta armonica con toda la variedad de instrumentos musicos, con que la Reyna Nuestra... celebró el Real Nombre delRey Nuestro Señor D. Juan V (24 de junio de 1712)...*

—Em uma das noites de 1772, num desses fantasticos serões choreo-lyricos, em que as musas Terpsichore e Thalia, como se borboleteassem do phocido Parnasso para o beotico Helicon, ou das margens do Hippocrene para as do apollineo Permesso, vangloriosamente se dissipavam pela *Sala das Serenatas* principalmente consagrada aos misteres da frautista Euterpe (pelo que tinha pintado, no tecto, um *Serenim* ou partida musical cujas figuras eram as Reáes Pessoas)—num desses feericos saraus, dados nas altas mansões da primaveral Queluz outr'ora tam afeitas ás argentinas e vibrantes vozes dos Cafarelli, Gezciello, Pucci e Raff, e em que, com solemne gaudio de toda a lisbonense Arcadia, as horacianas delicadezas do proeminente Garção competiam com os anachreonticos ressaibos do fulgurante Dinis, como os cantares matutinaes do apiforme Matos reptavam o donairear gentil do jovialissimo Tolentino—numa dessas, como que poeticas evocações das antigas *Apolloneas,* onde o thessalico Phebo no seu santuario de Delphos se ostentava radiante circuitado pelas Musas bellas, que sempre o cortejavam offegantes, fez-se muita musica, alta musica, musica sublime, sob a magistral regencia do *João Cordeiro* (talvez ainda encatarroado pelo mal, que lhe fizera o voltar rapido da folha por uma bondosa Fidalga, sua discipula!)

Batuta falante, isochronismo de Maestro, mas ridicula, irrisoriamente timido, como um David Perez que, no carmim, jul-

gou ver o proprio sangue... e que, no sangue, ia vendo a morte!

Eram já as ultimas decadas do seculo XVIII e ainda os versos do *Il Parnasso confuso* do italiano Metastasio, requebradamente melodiados com a solfa e notações do germanico Gluck, faziam o encanto suave de uma audição cortesã, nobremente presidida pela vivacidade castelhana e *bourbonica* urbanidade de uma Dona Anna Victoria ao lado do já avelhentado Dom José I, mas ainda desempenado e majestosamente airoso ao acenar o começo da symphonia de abertura.

. . . . . .

Uma perfeita impregnação e saturação mythologicas, que quasi tudo alastravam no mundo da arte. Reflexivamente, portanto, na pintura e escultura dos Carros nobres.

*

* *

Por isso, em muitos delles, intensivamente particularizei a formula de Dupuis: — *Les personnages de la mythologie sont des êtres emblématiques* — buscando, através dos enleios e devaneios fabulizados do pintor, do estatuario e do entalhador, desnudar uma que outra allegoria, referente á consummação de determinados factos historicos ou allusão a uns tantos intentos de caracter publico ou particular. Bem póde dizer-se que os themas, imaginosamente campidos na decorativa da melhor parte destes vehiculos, exhibem, na sua generalidade, tantas fórmas scenicas, quantas as feições estrophicas inventadas pela poesia dos Gregos para a majestosa architectação das suas immortaes odes — desde o typo *alcaico* e *epódico* até o *pindarico* e *saphico,* sem exclusão dos encantos *epithalamicos,* festivaes *genethliacos* e *choreias dithyrambicas.*

*

* *

Se pequei, não foi por defeito, mas por excesso de hermeneutica, visto como talvez que, nalgumas composições pictoricas,

inventos esculturaes ou figurações de entalhe, houvesse apenas o intuito de mero gratuitismo ornamental, sem intencionada ideographia de qualquer conceito occulto.

*
* *

Nem sempre o assunto é categorico; havia, pois, de recorrer por vezes a juizos provisorios — funcção analytica, que tem a sua legitima cabida nos dominios do estudo empyrico, uma vez que satisfaça ás precisas condições technicas de *racionabilidade*, *necessidade* e *exequibilidade*. (A par das provas *directas*, tambem a *Logica* admitte as demonstrações *por hypothese*). Neste vastissimo campo de interrogações e reticencias, fiz o que pude dentro dos estrictissimos limites de tempo, que a urgencia das circunstancias naturalmente assinalavam.

*
* *

Para que a fórma estilistica adoptada na descrição dos variadissimos apainelados e figurações entalhadas, na penuria da sua roupagem, não fôsse pintura demasiadamente deslavada por carencia das precisas sombras e relevo, nem crua com tons escuros muito fortes e outros mais claros do que deviam ser, busquei amenizá-la com a inserção *accomodaticia* de alguns trechos, ao de leve estrezidos na *Epopeia* do eminente Camões.

Não é este pennejado uma comprovação absurdamente anachronica, mas um tributo de homenagem, uma reverente e habitual consagração feita ao grande Mythologo português.

Onde al merito di Lui tutto divoto
Io già tributo la mia penna in voto.

Dest'arte, todas as dicções do texto, vasadas entre comas, são *camoneanas* — sem grandes modernizações, que desrespeitem as fórmas archaicas e populares do grande Lyrico ou actualizações,

que por de mais corrijam as inconsequencias orthographicas da edição de 1572.

*

* *

Termino almejando por que outros, alevantadamente mais prestadios pelo seu peregrino talento e exalçada sabedoria, illuminem este esquisseto archeographico, concorrendo assim para a louvavel objectivação de uma veneranda sentença do transcendental fundador da Metaphysica christã — *Utile est plures a pluribus fieri libros.*

Cumprem mesmo um dever. A verdade, uma vez descoberta, cessa de ser patrimonio individual.

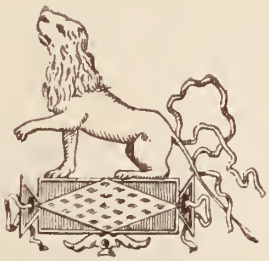
Se a civilização se engrandece e fortifica com a diffusão das luzes, e a verdade é uma lei da intelligencia, todo o homem, como membro da humanidade, tem a obrigação moral de exteriorizar os pensamentos, que possam interessar aos progressos da civilização.

Da publicidade vem a discussão; da discussão a verdade. E a *verdade* é sempre uma fonte de *bem.*

Museu dos Coches Reaes, em Belem, 22 de agosto de 1905.

Monsenhor Conego Joaquim Maria Pereira Botto,

Do Conselho de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Carlos I.



AVISO PROLOGOMENICO

Erguei-vos do profundo esquecimento
Coroados de luzes radiantes.

(Dias Gomes — *Eleg. I*).

Não obstante as variadas causas de desapparecimento, naturaes e artificiaes — que, todavia, não foram de ordem revolucionariamente politica, como na Inglaterra com a decapitação de Carlos I (1649), quando pereceram as suas luxuosas equipagens e as do seu antecessor Jacques I — os *Carros nobres da Casa Real Portuguêsa* constituem, ainda ao presente, com as *Carruagens de gala* (da posse privativa de Sua Majestade El-Rei) uma formosissima pinacoglyploteca.

Até aqui apenas ordenadamente armazenados, começam agora a jazer archivados em Museu, falando por elles um *Glossario scientifico,* que compendiosamente os apresenta.

De tudo se pode fazer sciencia, sempre que, referentes a determinado objecto, haja uma serie de verdades concatenadas entre si e subordinadas a um principio ou centro de perspectiva, que a todas illumine e avassalle.

Para a concretização deste escopo abundavam os *elementos* ou *factos,* que são os carros; faltavam, porém — *nomenclatura,* que *a todos* ajustadamente designasse — *theoria,* que devidamente os expusesse — *methodo,* que harmoniosamente os distribuisse.

Careciam de ser classificados com *prudencia* e *symetria,* segundo a affinidade, que o systematizador entre elles descobrisse, e um certo alvo, que de antemão concebesse.

*

* *

E intuitivo que um Museu, para bem corresponder ao seu ideal, para ser pratico, proveitoso emfim, tem de engalanar-se com uns certos foros scientificos, sublimando-se á altura de escola, que fale, e mentor, que ensine.

Mas, para fazer sciencia, é preciso bem definir; para bem definir urge bem classificar; para bem classificar é mister bem dividir; e para bem dividir é necessario bem fundamentar, buscando os precisos e sufficientes principios basicos, que logicamente arrazõem a intentada partição.

É assim que escolhemos dois grupos de caracteres bem simplices e perceptiveis, como razão de ser bastante para uma discreta classificação ou distribuição methodica das indispensaveis divisões — *technica constructiva* do carro, em vista das funcções a desempenhar — *proveniencia* do vehiculo *ou* modelo, e indigitação do reinado, a que a sua factura remonta.

Assenta nisto um plano systematico de definições adequadamente *claras, breves, differenciaes* e *reciprocas,* como a boa Logica reclama.

Ampliadas, depois, com a respectiva descrição dos monumentos, ficam elles scientifica e luminosamente expostos ao alcance dos menos aptos.

Como se sabe ou deve saber, um conhecimento só é *scientifico,* quando elle seja comprehensiva e extensivamente elaborado sob o quadruplo ponto de vista da causalidade *efficiente, material, formal* e *final* do objecto, a que se refere.

*

* *

Para o fito intentado, ficam deste modo fincadas as devidas métas, farolizadas as convenientes marcas, como quando o geographo mira a bem assinalar o terreno, que descreve, ou como o nauta ao querer enfiar o porto, que demanda solícito.

Assim se estabelecem, desde logo, as condições precisas para integralmente se responder a uma pergunta inicial, concernente á especie do carro nobre em definição — será *estufa? coche? berlinda? carro triumphal?* de *cortejo* ou *simples estado?* de *jornada?* etc.

Vae nisto uma habilitação preliminar, uma ossamenta substancial para, em torno della, fazer depois circundar o conjuncto dos seus accidentes, como em volta do esqueleto se adaptam os musculos e dados physionomicos do ser vivo, que individualizam.

Corresponde-se deste modo ás exigencias do primeiro principio de divisão — o *genero proximo,* que com a *differença ultima* são os requisitos organicos de uma boa definição.

*
* *

Deve notar-se desde já que, na technologia das Reaes Equipagens, o termo *estufa* é obsoleto. Nos inventarios de 1863, ainda apparece significando o *coche com vidraça na parte posterior*, segundo se observa no n.º 14 da collecção, o qual por este motivo vem alistado (1853) no *Inventario* das cocheiras *de Belem,* á semelhança do das cocheiras *do Calvario* (1833) com o nome de *Estufa da Corôa.* Era, por isso, tambem conhecido pelo nome de *estufa* o n.º 15, *D. João V,* e registado, como *Estufa Romana*, o n.º 8, *Papa Clemente XI.* São os unicos typos, que satisfazem a esta condição.

Hodiernamente, *coche* é todo o carro nobre com viga longitudinal e estribos de subida ao persevão, inclusos na caixa e velados pelas portinholas; entretanto que a *berlinda* tem duas vigas ou grandes varaes marginaes, cada uma com o seu estribo, sempre a descoberto.

O *escabello* de ascensão, propriamente dito, só apparece nos carros *Filipe II* e *Clemente XI* — com a differença ornamental, que destaca os vehiculos nobres, a que pertence.

*
* *

No que toca ao segundo principio de divisão, insta considerar que os carros nobres, actualmente existentes, são reductiveis a cinco familias ou agrupamentos fundamentaes: — α) *hispanhoes,* β) *francêses,* γ) *alemães,* δ) *italianos,* ε) *inglêses.* Tal é a ordem chronologica da nacionalização destes typos *ou* respectivos modelos vehiculares.

α) Compõem a serie *hispanhola* ou *filipina* os carros, que vão subordinados ao seguinte eschema:

D. Filipe II — á D. Filipe V

D. Anna Victoria — *A*	D. Carlota Joaquina — *A*
D. Anna Victoria — *B*	D. Carlota Joaquina — *B*
	D. Carlota Joaquina — *C*

Caracteristica commum — profusão de apainelados a coiro, repregados com taxas e taxões de metal amarello.

β) O coche *D. Maria de Saboya-A* (offerta nupcial do Christianissimo Rei de França Luis XIV á Esposa do Senhor Dom Affonso VI) tem por collaços, mais novos e mais distinctos, os coches *da Corôa, D. João V, D. José I* e *D. Francisco-A* — salvo as respectivas dimensões e tom decorativo, que os destaca.

Na berlinda *D. Pedro II-A*, reconhece-se basilarmente a mesma linha architectural e bem assim em todos os carros que, nos Depositos I e II, classificamos *á D. Pedro II,* por serem da mesma planta — modulo perpetuado através dos reinados dos Senhores Dom João V e Dom José I até os primeiros tempos do governo da Rainha Senhora Dona Maria I.

A evolução architectonica do typo vehicular *francês* tem representativamente, entre nós, por principaes topicos diagrammaticos — incipiente, crescente, culminante e descendente, ou *á Luis XIV, á Luis XV, á Luis XV (rocaille), á Luis XVI (transição)* — respectivamente os coches *D. Maria de Saboya-A, D. João V, D. Maria Benedicta* e berlinda *D. Maria I-A.* O *da Corôa* é um *Luis XIV* (*transição*), altamente estilisado como provaremos *suo loco.*

O serviço *á francêsa* esteve tão uniformemente montado que, ainda em 1826, havia quinze sellas para o serviço das equipagens, segundo os dizeres do respectivo inventario.

Dos *furgões* (nacionalização do *fourgon* francês), carros de quatro rodas com destino a Guarda-Roupas, ha ainda registo nas Notas das Reaes Cavallariças de *Belem,* attinentes ao anno de 1863.

γ) O carro alemão (originalmente inspirado pelos bons modelos da Hungria, successiva e gradualmente *burguês, fidalgo, principesco* e, por fim, *soberano,* já no inicio do seculo XVIII com primorosos lavores em suas heraldicas e symbolicas ensambladuras) ainda, nas cocheiras da Casa Real Portuguêsa, se achava francamente representado em 1853, a julgar pela lição dos inventarios — sem embargo de imperfeitos — com a data deste anno.

Sabia-se então dos vestigios de mais uma *estufa* e um *coche* alemães; como, em 1833, nas Estrebarias dos *Reservados,* havia conhecimento de um *carrinho* deste naipe, com assento na traseira. Nas Cocheiras *do Jardim,* estavam tambem apontados os *rodados* de outro carro da mesma familia architectonica.

Era naturalissimo que as Sr.as Princesas Dona Carlota Leopoldina († em 1826), Filha do Imperador Francisco I, e Dona Anna Augusta de Baviera (ducado alemão, elevado a reino em 1806), successivas Esposas de Sua Majestade Imperial o Senhor Dom Pedro, houvessem trazido — como era da praxe — os vehiculos nobres do seu cortejo nupcial e que alguns destes tivessem vindo do Brasil para Portugal, ao tempo do reinado deste Senhor, na soberana qualidade de Dom Pedro IV.

Tambem áquellas referencias inventariantes se poderiam haver ligado reliquias dos carros de apparato, feitos na Alemanha para a Embaixada do Conde de Villar Maior (Manuel) a Heidelberg, em 1687.

Antolha-se mesmo de summa probabilidade a finada existencia de mais algum carro alemão, advindo, como pertence de bodas, pela Augusta Esposa de El-Rei o Senhor Dom João V. É o que hermeneuticamente permitte a analyse comparativa de dois juizos historicos, formulados no texto descritivo de tão afanada viagem, rememorada adeante (Nota 7).

Na sua jornada de Vienna para Roteram trazia a Sr.ª Dona Maria Anna de Austria, como *trem seu, cinco coches, duas caleças* (seges de viagem) e dois *carros de bagagens;* daqui para Portsmouth, além dos vasos de guerra inglêses em escolta de Respeito, vinham mais *quatro navios para o serviço da Rainha Anna.*

No meado do seculo XIX, ao tempo do Rev.do Abbade de Castro e Sousa, tão intensiva era a tradição de carros nobres provenientes da França e da Alemanha, que só em coches *francêses* e *alemães* se usava falar. O unico sobrevivente desta ultima raça, especie quasi extincta, é o carro appellidado *D. Maria de Austria* — em formal divergencia da denominação *hispanhola* dada pelo Sr. Vilhena Barbosa.

(Desculpe-nos a grata memoria do finado noviço dos Conegos Seculares de S. João Evangelista e professo do Convento do Beato Antonio, que não obtemperemos, neste ponto, á sua magistral autoridade, pelas razões adduzidas a pag. 75 e seguintes).

ô) Provieram da Italia as duas seguintes interessantissimas sub-series de vehiculos; a primeira *por fabrico,* a segunda *por modelação:*

ROMANOS		PADUANOS
Carro triumphal — *A*	Papa Clemente XI	Carrinhos *A, B*
» » — *B*		» *C, D*
» » — *C*		» *E, F, G*
Em inventario de 1826, ainda estes quatro carros nobres eram denominados *Estufas romanas.* Existia tambem uma *Berlinda romana.*		No inventario de 1857, respeitante ás Reaes Cocheiras de *Belem* e de *Ajuda* — reproducção de antigos registos — apparecem com o nome de *Carrinhos das Pessoas Reaes, para passeio nas Quintas.*

É liquido que, em alguns pontos do antigo reino lombardo-veneziano, como rejuvenescido apuramento do vetusto *cisium* romano, forrado a

coiro, cursaram, no meado do seculo XVIII, carrinhos deste apparato, mórmente em Padua — donde o nome de *padovanini* e, para nós, a adjectivação de *paduanos*.

Bem mais provavel é que o padrão destes elegantissimos exemplares seja *só remotamente* italiano, podendo-nos ter advindo por intermedio da França que, a este tempo, já tinha de novo o seu *cabriolet* em pleno curso de mimo e ligeireza.

São visivelmente vehiculos com destino, não a *serem guiados,* mas conduzidos *á castelhana,* com o seu respectivo tronqueiro.

(Não ouso aventar doutrina estranha; é esta a tradicional technologia da Casa, que me cumpre acatar pelo simples bom senso natural e em justa acquiescencia ao autorizado conselho de um conhecido mestre, que diz: — *En matière d'attelage... on n'invente. On ne peut que recueillir l'enseignement des maîtres et rechercher les usages... pour les codifier en quelque sorte et en faire un tout*).

Foi com Luis XV que reappareceu em França este typo de carro subtil, adormecido pelo espaço de um seculo.

Sem desestimar o seu certificado de origem, era denominado *chaise à l'italienne* ou tambem *à soufflet,* em razão da cobertura de coiro, destinada ao resguardo das pessoas.

O *entourage en cuir* foi-se, pouco a pouco, restringindo até ficar reduzido á sua parte deanteira, de abrir e fechar, — que, entre nós, na terminologia das Reaes Cavallariças, se chama *saco.*

Viria este nome da bolsa, que usam ter á frente, pela parte de dentro, á qual em italiano corresponde o vocabulo *sacco?...*

Era á Italia, e nomeadamente a Roma, de preferencia a Paris, que a nobilissima Casa do Callipolense Filho do Duque D. Theodosio e da Sr.ª Dona Anna Velasco (antes de ser acclamado D. João IV), encommendava os seus mais apparatosos carros *de luxo*, alguns dos quaes deveriam haver recolhido a Lisboa — talvez mesmo os descritos em a nota 3, como gratos pelas suas recordações nupciaes.

ε) A Inglaterra — comquanto mais tarde começasse com o uso dos coches, sendo a Majestade o primeiro a quebrar os velhos habitos em contrario, pois que esta usança foi inaugurada em 1558 pela Rainha Isabel, Filha de Henrique VII e de Anna Bolena, em vehiculo que, annos antes, viera do continente para a Rainha Maria, casada com seu Primo, depois Filipe II — teve e tem um typo de coches, guarnições de arreios e fardamentos, technica e artisticamente *seu.*

Começou esta linha a radicar-se na formação dos cortejos portuguêses durante a estada do Senhor Principe Regente no Brasil — isto ao tempo, em que os conspiradores de Lisboa manifestavam o intuito de livrar o país do predominante influxo inglês, e muito singularmente da ingerencia

de lord Beresford nos serviços da administração publica (marechal-general que ainda, pelo menos em abril de 1824, tinha coche ás ordens, fornecido pela Casa Real).

Dos inventarios das Reaes Estrebarias se apura que, já em 1826, os estados Reaes se achavam omnimodamente afinados *á inglêsa,* sem esquecer os proprios laços de fitas para os *enfeites*. Carruagens, traquitanas, *paquebotes,* carrinhos, tudo por este processo. O *paquebote* ainda apparece apontado em 1860, no magro registo das Cocheiras do *Calvario.*

É vernaculização do *packet-boat* inglês (fórma parallela do *paquebot* francês); devendo, portanto, haver sido, segundo Littré, um carro pequeno e ligeiro — destinado ao transporte rapido da correspondencia, ordens, ou mesmo pequenos volumes urgentes.

O carro de estilo britannico, mais pesado e menos elegante que o francês, affirma-se na berlinda *D. Maria I-B,* para definitivamente assentar na variante *D,* de fundo semi-ellipsoidal — modalidade, que monotonamente caracteriza os carros deste naipe.

Evidencia-se nas seges *D. Maria II-A* e *B* — uns verdadeiros *coupés,* como que fragmentados daquelles menos airosos vehiculos.

A carruagem *da Coróa (D. João VI),* o *landau* de gala *D. Pedro V,* os *landaus D. Carlos I,* os *coupés* de gala *D. Maria II, D. Pedro V* e o *coupé branco,* actualmente appellidado *da Rainha* (pelas reformas nelle operadas em ordem ao melhor commodo de Sua Majestade a Senhora Dona Amelia), o *do Estribeiro-Mór* e o *da Camareira-Mór,* são vistosas expansões decorativas daquelle primeiro planteamento vehicular.

Comquanto na copiosa collecção dos carros nobres de Sua Majestade El-Rei não seja de gala a carruagem *á inglêsa* (de fabrico português) denominada *D. Pedro V,* é ella digna de notar-se pela estructura *sui generis,* que a destaca das outras. É uma vistosa *series of archs with columns or piers wich support them,* como diria um constructor britannico.

É, com effeito, uma pequena e mimosa galeria ogival, recatadamente transformada em carro nobre de passeio.

OBSERVAÇÕES

I

um dos antigos inventarios em esboço, archivado na Repartição das Reaes Cavallariças, depara-se com a inscrição de arreios *á hungara* — ferragens lavradas.

Faz-nos isto crer na probabilidade da existencia de alguma carruagem procedente da Hungria (a antiga *Hungaria* dos Romanos — celebre na historia dos Hunos, dos Scythas, dos Esclavonios e dos habitantes do Wolga). Foi o primeiro país no uso do coche propriamente dito e o primeiro a dá-los para a França, por occasião do casamento de Maria de Anjou com Carlos VII, e para a Alemanha; como esta, depois (de fabrica sua) os enviou para a Russia, na segunda metade do seculo XVIII, durante a governação de Catharina II, continuando-se assim a obra luxuosa iniciada pelo Czar Pedro I, de 1696 a 1725.

Talvez mesmo que á ordenação dalguma equipagem *á hungara* pertencessem os xaireis com *pelle de urso ao natural,* ainda registados em 1863.

II

Comquanto os antigos inventarios do trem das Reaes Cavallariças sejam *menos que um esqueleto* — pois que nunca chegaram a usufruir uma vida *perfeitamente organica* — nota-se, todavia, que variadamente nos falem de cousas *á castelhana, á francêsa, á alemã, á italiana, á inglêsa, á hungara,* e tampouco digam de cousas *á hollandêsa.*

Apenas registam umas mudas feitas com os *urcos* as Notas respeitantes á reorganização dos estados da Casa, no septennio de 1821 a 1828, afinados pelo advento da Familia Real procedente do Brasil, para onde havia retirado no fim de 1807, a fim de não soffrer os vexames de um odioso Junot, (embora depois attenuados com a vergonhosa retirada do marechal Soult e baldada renitencia de Massena, *L'Enfant chéri de la Victoire* — como Napoleão o havia appellidado).

Pois é certo que a Hollanda deu um largo contingente para a compostura dos formosos cortejos da Casa Real Portuguêsa.

Antes das ostentosissimas equipagens *á Luis XV*, Haya e Roma eram os centros industriaes, que melhor rivalizavam na manufactura das carruagens de apparato.

Alguns, pelo menos, dos carros nobres encommendados na Hollanda para a luzida Embaixada a Vienna (Conde de Villar—Fernão — 1708) deviam haver entrado em Portugal, tão bem a salvaguardo, como o do estado dotal da Rainha a Sr.ª Dona Maria de Austria.

Deste anno para o de 1713, as requisições não poderiam ter sido mesquinhas, porquanto ainda a celebração da Paz de Utrecht nos não havia tão desafogada e confiadamente aproximado da França. E não foram.

Ha dados sufficientemente probativos de que não eram só coches que vinham da Hollanda; mas de que tambem a vetusta *Hollandia* nos remettia parelhas de cavallos com os seus respectivos jaezes, etc.

Em prol deste asserto, tiro de um dos compartimentos do meu pouco pingue escrinio a seguinte nota, colhida em tempo (por particular fineza do meu muito esclarecido e bondoso amigo, Sr. Pedro de Azevedo) numa das cartas que, na *Torre do Tombo,* constituem, por copia, a collecção das que foram escritas pelo Conde de Tarouca e por D. Luis da Cunha ao *1.º Secretario de Estado de Sua Magestade,* Diogo de Mendonça Côrte Real, ainda em grande parte relativas á *Negociação de Utrecht.*

É desta cidade, em data de 30 de novembro de 1713, que o ultimo dos indigitados Fidalgos, entre outras cousas, diz: — ...*um coche e tres tiros... não mandei agora pelo calor do porão do navio e receio dos corsarios Biscainhos... vão quatorze eguas e outra das mais bem talhadas...; dos cavallos, cinco são do paiz de Holdemberg e tres destas provincias...*

Os campos da cidade de Oldenbourg (a velha *Oldenburgum,* a que a citada missiva chama *Holdemberg*), pertinentes ao Ducado deste nome, estendiam-se entre a Frisa e a região de Munster (o idoso *Monasterium,* no circulo da Westphalia) com um pastio ubertosissimo para a engorda do gado cavallar.

A raça hippica autoctona era mais *alemã* do que *hollandêsa;* por isso o texto da referida epistola declara: — ...*cinco de Oldenberg* e tres destas provincias...

Os *urcos,* a que o alludido inventario se reporta, eram os cavallos *frisões* ou hollandêses, cujo alto apreço se estendia pela propria Italia com o nome de *frigioni* — qualificação deduzida da sua procedencia, a *Frisa,* antigo departamento da Hollanda.

— Julgo que a palavra *urco* entrou para a hippologia e hippotomia do tempo, como fórma translata ou metaphorica da sua primitiva e natural significação (*batoque* ou rolha grossa, que tapa o orificio mais largo do barril ou da pipa. Elles eram, com effeito, cheios, de musculatura atarracada, valentissimos para o tiro dos carros. Partes ha do Ribatejo, onde á criança, fartamente musculosa e sadia, analogicamente se chama um *batoque;* como á mulher da plebe, que é adiposa, espadauda e esforçada, se dá humoristicamente o nome de *urco.* —

A singular e estranhavel omissão de registo, a que me refiro, explico-a principalmente pelo desmoronamento e incendio do terramoto de 1755, que por completo fez desapparecer os coches de origem hollandêsa, sem que um só ficasse, como representante de casta, dando-nos uma sexta *familia* para a bella collecção dos carros nobres da Casa Real Portuguêsa.

É certo que a teve; e não menos que a especie extincta se finou, sem de si legar á posteridade o mais pequeno fossil, por onde o seu typo autentico se possa de algum modo firmemente reconstituir.

III

Tambem se não conhece o mais pequeno rasto do carrinho *marroquino,* de quatro rodas, forrado a tisso arabe, com franjas de ouro, offerecido por Moley Abselen, como presente ao Principe Senhor Dom José.

Offerta certamente por galanteio e não como mobiliario de uso regional, uma vez que, na propria Turquia, só no tempo de Abdul Medjyd, successor de seu pae Mohammed II (morto em 1839) é que, pouco a pouco, começou o uso das carruagens, para uso particular e profano, porque, como pratica official de caracter religioso, apparece-nos *o coche de seis cavallos* transportando solemnemente o Alkorão em Constantinopla quando, em 1730, os Turcos se houveram ás mãos com os Persas.

Ali e em todos os paises de suzerania othomana, os carros de cobertura, a duas rodas, puxados a bois, só eram — e sem frequencia — applicados a viagens ou a mudanças para estações de campo.

É digno de apontar-se que, ainda em 1826 (como se conclue de Notas archivadas na Repartição das Reaes Cavallariças), abundavam as *sellas* e *arreios de cabeça,* typicamente *á mourisca,* para serviços de tauromachia e torneio. O entrançamento dos cavallos com esta denominação figura exclusivamente na compostura do estado de S. Jorge — procissão do *Corpo de Deus.*

IV

Por tradição domestica oral sei da finada existencia de uns carros, vulgarmente denominados — o *Barriga,* o *Bote,* o *Pipa* ou *do Espelho* e o *do Relogio* ou *das Camas.*

Inclino-me a pensar que o primeiro teria sido alguma curiosa imitação do classico *currus* da velha Roma, bojudo dos lados e á frente (que era fechada), de typo doliar, de um só jogo, tirado por dois, tres ou mais cavallos, consoante as referencias de Ovidio e Virgilio.

É certo que Albertoli, milanês, no seculo XVIII, fez renascer pelo norte da Italia alguns dos velhos typos vehiculares e muitas das suas originaes ornamentações, remontantes á antiguidade classica do Lacio e de Athenas.

Poderia, na verdade, ter advindo até nós qualquer exemplar desta especie ou modelo a executar, como succedeu para os *Carrinhos de passeio nas Quintas,* que denominámos paduanos — *padovanini.*

— A pessoa saudosa de minha familia ouvi, em criança, falar com fundada pena na venda do segundo especime, que muito bem conhecia (*o Bote*), dizendo ser um elegante barquinho, convenientemente montado num leito de tracção, offerta feita no Brasil para uso de um dos augustos Filhos do Principe Regente o Senhor Dom João. Quiçá especie de carriola *norueguêsa,* á fórma de embarcação muito estreita, em que só se podia ir de pernas estendidas — de que a *giga* de hoje nos dá uma tal ou qual ideia.

— O *Pipa,* que testemunha, vivente ao tempo deste escrito, declara haver cessado de existir no reinado de El-Rei o Senhor Dom Pedro V, era um carro de dois jogos, arqueado á frente, nas ilhargas e mais ainda na traseira (de fórma a occultar o respectivo rodado) — de feição, portanto, sensivelmente ovular.

Ainda existe ao presente o singelo espelho, que lhe pertencia e lhe dava o nome; donde é licito inferir-se que era destinado a um modestissimo toucador de jornada.

— O carro *do Relogio* (archivado no Deposito II), ou *das Camas,* tirava o appellido do instrumento regulador (em prata), que fazia parte do seu mobiliario; é tambem conhecido pelo nome de *Carro das Caldas.*

V

Nada ha registado acêrca das magnificas liteiras que, em Lisboa, se fizeram — como a que, com bellas pinturas de Pedro Alexandrino, na regencia do Principe Senhor Dom João, foi mandada (1801) de presente ao Sultão de Marrocos, Moley Soliman Ben Mahamed Ben Abdala Ben Moley Ismael.

O exemplar, tratado no capitulo respectivo, é deposito bisarramente feito por Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Maria Pia — portanto, propriedade Sua.

VI

Os *Carros Pretos* de nimia singeleza, nada de grandioso (a não ser o facto universal da morte) teem de commum com esse mausoleu ambulante, resplandecente de ouro e pedras preciosas que, da Babylonia para o Egypto, transportou o grande Alexandre, nem com aquell'outro, decorado com imponentes *Victorias,* aguias e tropheus que, tirado a dezaseis cavallos enlutados, trasladou o inclito Napoleão para a soberbada crypta dos *Invalides.*

O primeiro, reconstituido segundo a descrição de Diodoro da Sicilia, apparece em Ginzrot (Die Wagen und Fahrwerke der Griechen und Römer); o segundo póde estudar-se no *Dictionnaire de l'Industrie,* por Lami.

Tambem nada de particularissimo offerecem, como a *Berline à tombeau,* começada a usar-se em França no anno de 1804.

São simplesmente a ossada de dois coches rasamente armados a funebre, como estilo frio que melhor se compadece com a nudez da morte — um, destinado á translação mortuaria da Pessoa Real de maior idade; outro, o carro de *Respeito* á majestade do acto funereo.

Não ha restos positivamente definidos do coche funebre que, além destes dois, foi em especial preparado para o prestito de Sua Majestade Imperial o Senhor Dom Pedro IV, procedente de Queluz para o Real Jazigo de S. Vicente de Fóra — segundo consta do Inventario de 1860 (Reaes cocheiras *de Belem*).

Razões de manifesta plausibilidade nos levam a acreditar que houvesse sido o coche *D. Maria de Saboya-B* do Deposito II, as quaes serão opportunamente expostas.

VII

As berlindas *processionaes* ou *liturgicas, A* e *B* do Deposito I e *C* do Deposito II, teem servido á composição do cortejo festival nos tradicionaes *Cirios* ou *romarias religiosas,* em que a Casa Real, por antiga usança, se tem feito representar.

Pelo seu interessante caracter e particular officio merecem especial menção, na altura que ordenadamente lhes cabe.

*

* *

Nos Archivos da *Administração da Casa Real e da Serenissima Casa de Bragança* de cousa alguma se dá fé, que com mais expliciedade jorre luz sobre tão enredado assunto.

Os Srs. Conselheiro Pedro Victor e Tenente-Coronel Charters de Azevedo são bem severos puristas na responsabilidade administrativa dos seus cargos, para que um tal depoimento deixe de inspirar a mais absoluta confiança.

—Nos Registos da *Mordomia*, onde casual e incidentemente poderia haver cousa que, ao menos, como remota illação, permittisse a inferencia de qualquer filamento a explorar—tambem nada ha que illumine. Basta assegurá-lo o Sr. Conde de Sabugosa, Antonio Maria Vasco de Mello, que á nobreza dos seus Avós allia a aristocracia do seu talento e o fulgor da sua erudição.

—Não obstante os seus optimos desejos, tambem me não pôde literariamente auxiliar um Novo, que se não peja de cultivar o antigo, de nascença fidalgo e fidalgo de maneiras, o Sr. Francisco Figueira Freire da Camara, Ajudante do Sr. Alfredo Augusto José de Albuquerque—que, como Estribeiro-Menor da Casa Real, tem consagrado a esta causa uma boa parte do seu coração.

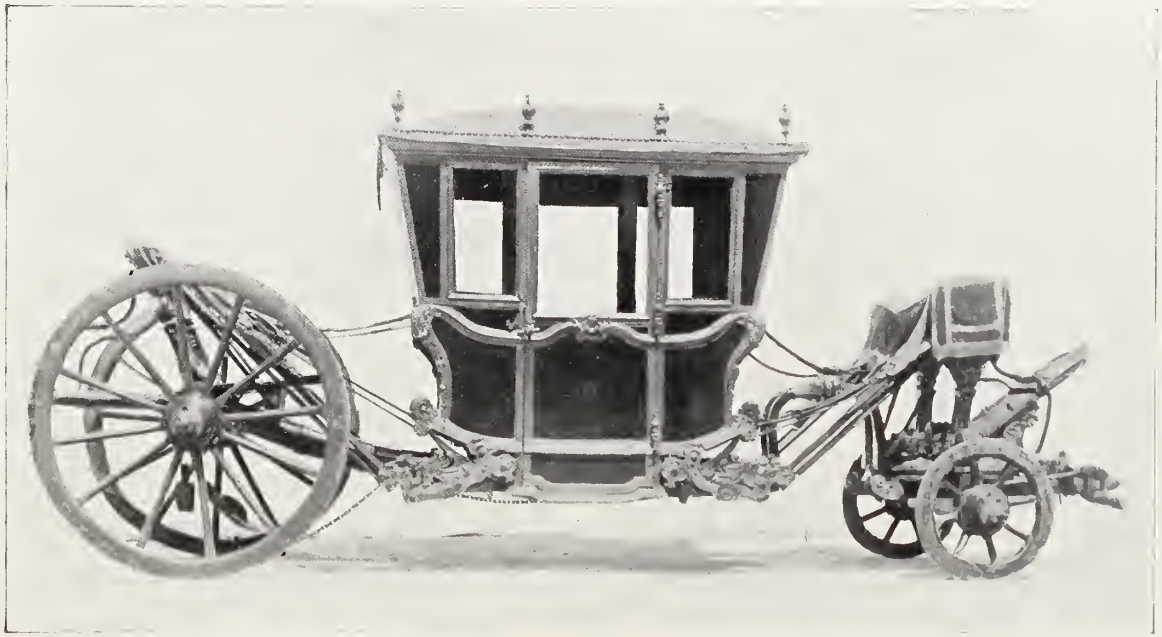
Com a sua sempre obrigante amabilidade, tarde me proporcionou o Sr. Figueira a consulta do rarissimo *De Bellebat,* cuja exposição relativa á Enviatura *Mello e Castro* de ha muito (e até sem pensar ainda neste mediano escrito) conhecia pela leitura do bello exemplar, pertencente á *Bibliotheca Publica* de Lisboa. O livro prestou, todavia, a excellente base para as photocopias apresentadas em a nota 9.

—Ao bibliothecario particular de Sua Majestade El-Rei, o consumado naturalista Sr. Alberto Alexandre Girard, gratamente devo a faculdade de uma nota (curta, mas corroborativa de outras, esparsas por este desprendado opusculo).

Portanto, acêrca do que, porventura, ainda exista por positivamente determinar, mais sensato é dizer com Broglie, ao cabo de uma das suas pertinazes e sempre fecundissimas investigações: *Mieux vaut confesser son ignorance, que se contenter de raisons insuffisantes.*

SALÃO DOS COCHES

Salão dos coches



Coche D. Carlota Joaquina — I

Comprimento de eixo a eixo	$4^{m},55$
Comprimento maximo da caixa	$2^{m},35$
Altura da caixa	$2^{m},22$

Coche *D. CARLOTA JOAQUINA-B*

Veio para Lisboa em 1785, como pertença nupcial da Senhora cujo nome tem.

Caracteristicamente *castelhano* — cobertura e apainelados superiores a coiro e pregaria metallica; pilares dourados, jogos a encarnado e ouro.

No brocado aureo, que lhe ornamenta a cimalha pelo lado interno, é perfeitamente symetrico ao seu consocio *A*, n.º 21 — fronteiro e emparelhado.

A pintura (quente pela viveza da sua significação symbolica e fria pelo amarello torrado, que faz o fundo commum a todos os principaes paineis deste coche) é constituida por um xadrez de linhas mixtas, no seio de cujos caixotins muito intencionalmente, de mescla com uma corôa Real, apparecem o *castello* de Hispanha e os *cinco besantes* de Portugal.

— Chamamos-lhes *besantes* e não *arruelas* porque, heraldicamente falando, aquella peça honorifica é em *metal* e não de *esmalte*.

*

* *

A composição do apainelado deanteiro é a mesma que a do seu opposto, quer dizer, um côro de Genios, que servem de tenentes ao Brasão português — dois com ramos de coral nas mãos, amparando os

flancos ornamentados do escudo; outro, posto em chefe, servindo de esteio á corôa Real, que o timbra.

As Armas do Reino vem acompanhadas

«Das Nymphas que se estão maravilhando»,

montadas cada uma no seu fogoso hippocampo ou cavallo marinho, que ellas dominam e guiam.

São referencias allegoricas á gloriosa navegação, ás famosas descobertas e conquistas portuguêsas de além-mar, — pensamento encomiastico symbolicamente reiterado nas *puertecillas* do carro, onde a corôa é sustida por um Genio, á laia de Atlante, e a ponta do escudo amparado por duas outras das cincoenta mimosas filhas de Nereu, sentadas no dorso de um sempre meigo delfim, sobraçando o corno de Amaltéa ou *Thesouro da abundancia.*

*

* *

Nos painelinhos infimos das duas portinholas divisa-se um Sylvano em attitude de fuga, abraçando uma mulher formosa; aos lados, duas Gymnesphynges, em repouso, de alto como se estivessem fitas no cume do monte Cytheron, contemplam com serenidade estas expansões de affecto.

— Nestes, como nos seguintes quatro apainelados, transpira um systema de allegorias ao festival de umas nupcias.

*

* *

Os quatro paineis dos lados das entradas são ornados, ao centro, por cartelas, que um Genio sustenta no ar, aguentadas em baixo por uma das filhas de Calliope que, com a attrahente suavidade do seu canto, alliciam sempre os delfins dos mares e todos aquelles que as escutam — é o canto suggestivo da Sereia, no dizer da mythologia.

O assunto nellas tratado, a tom de bronze, é fundamentalmente o mesmo, divergindo apenas nos accidentes, que o revestem.

Destaca-se, no lado da mão, como mais physionomica, aquella *cartouche,* em que a jornada da mesma esbelta personagem é protegida e annunciada pelo filho de Neptuno — o qual, tendo

«Na mão grande Concha retorcida»,

marcha severo, ladeado por uma das filhas do Oceano e de Tethys, que lhe faz reverente homenagem.

*

* *

Com o n.º 21 deste Deposito I e o seu consocio do Deposito II constituem a equipagem matrimonial trazida pela Snr.ª Dona Carlota Joaquina de Bourbon, Filha do Snr. Dom Carlos IV de Hispanha, á qual se ligou, em 1785, o Senhor Dom João VI, sendo ainda Infante de Portugal.

Estes tres coches e os dois da sub-serie *filipina* congenere — *D. Anna Victoria* cumulativamente demonstram que, no seculo XVIII, até na architectonia vehicular a arte nacional de Hispanha parece haver abdicado de si propria, asphyxiada pelo senhorial predominio do gosto francês, que a Côrte dos Bourbons trouxera comsigo. Van Loo, a seu turno, pintou a *Familia de Filipe V* e Luca Giordano fez morrer de paixão Claudio Coello — o ultimo representante da velha escola hispanhola.

Palomino pertence já á epoca bourbonica.

Estes cinco carros nobres *á Filipe V,* com todo o seu enleio pinturesco (armorial ou mythologico, pastoril ou marcial, sempre allegorico e panegyrico) fazem das grandes superficies douradas um emprego habilissimo — é atavismo suave do *velho modo* Berruguete, um dos artistas mais evidentes na historia da arte hispanica, o qual, como escultor, deu o nome a um estilo sobremaneira lisonjeiro ao sabor dos Hispanhoes, sempre amantes das criações severas, poderosas e movimentadas.

Em ambos os coches *D. Carlota Joaquina – B* e *A* se acata a *Grammatica heraldica* — que é uma arte engenhosa, uma sciencia exacta e uma lingua universal.

No carro *B,* em manifesto contraste ao seu similar *A* (cujo grande colorista tanto se esforçou por vencer o peso, a obscuridade e a dureza proprias da materia) desvenda-se-nos o aspecto sombrio, carregado — que em grande parte remonta ao tempo de Guisando.

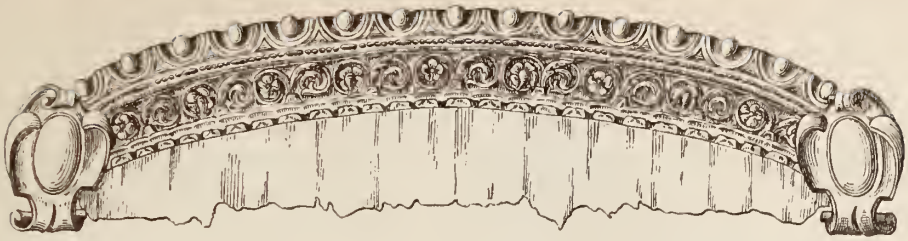
Por 1785, Francisco Goya (capaz de satira como Hogarth e humorista como Terrier) viveu nas auras de uma popularissima nomeada, discorrendo em palheta sobre todos os assuntos, desde o rasteiro cartão dos seus *Caprichos* até a subida tela — *Familia de Carlos IV.*

Heraldista, com raro genio do instantaneo e do caracteristico, era de pintura fria, pesada, de tom escuro — e, ás vezes, *cahotico* como Brusch ou Brueghel.

Pertencerá este carro nobre ao numero dos que elle estilizou para a Côrte de Hispanha?...

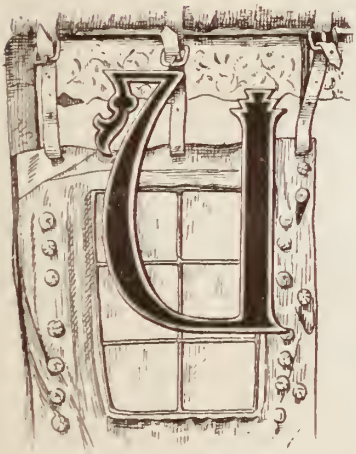
Coche D. Filippe II

Comprimento de eixo a eixo	$4^{m},10$
Comprimento maximo da caixa	$2^{m},40$
Altura	$1^{m},90$



Coche *D. FILIPE II*

«Fortuna o trouxe a tam longo desterro».



Um cyclo progressivo de bem farto seculo separa a technica estructiva e decorativa deste pesado carro dos cinco que, já elegantemente, compõem as duas sub-series *filipinas* annunciadas a pag. 23.

Duas cousas, porém, teem de commum entre si e de differencial com os restantes do Museu — cobertura e apainelados em coiro, retesado com a respectiva pregaria metallica em renques singelos ou multiplicados.

É interessante notar a rudeza dos principaes membros desta mumiforme mole — de lugubre memoria — relacionando-os com os seus homologos nos coches hispanhoes *D. Anna Victoria-A, D. Anna Victoria-B, D. Carlota Joaquina-A, D. Carlota Joaquina-B, D. Carlota Joaquina-C* — de mais grata recordação.

A boléa *a a'* tem o comprimento do eixo deanteiro, para que as escoras *a' b* e a sua correspondente possam firmar-se nas pontas dos eixos, pela parte de fóra dos rodados; nos outros a boléa é mais curta, porquanto as escoras vão por dentro.

Proximo de *b,* a escora bifurca-se; um dos ramos da forquilha vae aguentar com a sua argola terminal o eixo, a que se liga; o outro *b,* á fórma de patilha, serve de tapadoiro ao aro da boca, que defende o cuvo.

Como repercussão archaica, este preventivo reforço apparece ainda nos *Carros Triumphaes A, B* e *C,* feitos em Roma no anno de 1716. *Vide* pag. 77.

Não tem almofada para cocheiro, visto como o serviço era feito *á castelhana* (por tronqueiro e sotas); nesse logar, assenta a *arquinha d,* destinada a guardar petrechos de jornada, devidamente resguardados com a respectiva fechadura.

A desairosa viga *f,* ligeiramente flexionada, sem aldrabões, prende-se em *c* na cravija, dentro de caixa, que lhe permittia apenas um quarto de volta.

Na maxima parte dos coches, os rodetes — perfeitamente taes por serem de pinas *circulares* — facultam uma rotação de meia volta (e com absoluta firmeza pela continuidade do seu ponto de apoio); ao passo que, neste, a falta de segurança aumenta na razão directa do desenvolvimento do sector rodante, pois que as pinas são apenas duas trancas sobrepostas, ligadas ao centro pela cravija.

Nesta simpleza de construcção, a pina de baixo serve simultaneamente de travessenho, como a de cima serve tambem de soleira — é typo mecanico que, um seculo depois, por majestade archaica, se acha reproduzido nos *Carros Triumphaes A, B,* e *C,* ao tempo de El-Rei o Senhor Dom João V, isto é, quasi cem annos mais tarde.

Na direcção de *j j',* e circuitando todo o carro, havia um *guarda-lama* encoirado.

É de reparar que o coche *Clemente XI,* com um seculo a mais, tem esta peça e a entrada como neste, diversificando apenas no luxo da sua cobertura que, no carro *castelhano* está a coiro e no *romano* a velludo.

O ingresso não é de *puertecilla* como nos outros das duas sub-series *hispanholas;* tem simplesmente um escabello munido de guardas, suspenso em funcção de estribo, sobremaneira largo e superiormente cerrado com duas travessas volantes.

A disposição relativa destas peças deixa com verosimilhança presumir que o vão de accesso se podia transformar em pequeno varandim com assento em *h',* balcão em *i* e bacia em *h.* Deveria ter tido, como vedação, uma cortina de coiro, da mesma sorte que o citado carro *Clemente XI* tem um grembial de velludo, ornado ao centro com as Armas Reaes de Portugal.

Os caixilhos das janelas montados em pinasios de ferro — como de ferro retorcido são os pilares *k, k'* das entradas — ficavam suspensos á cornija por meio de francaleêtes, permittindo que se abrissem com facilidade, como ainda distinctamente se reconhece.

Por fóra, todo forrado a coiro, com jogos pintados a vermelho, de pregaria metallica ornamentada, devendo ter tido quatro maçanetas nos topos dos montantes *m, m', m'', m'''* (certamente em ferro batido, no es-

tilo dos ainda existentes nas columnas dos alçados da prôa e da pôpa, em *o, o', o'', o'''*).

Por dentro, ricamente acobertado de estofo em relevo com as côres hispanicas, tendo pendente no centro do tecto um cupulim floreteado do qual, como fecho de abobadilha, irradiam para os escudetes ornamentaes dos cantos e varios outros pontos symetricos da aba umas nervuras de talha ornamentada, que fazem deste *sóffito* uma singularissima coberta, toda reluzente de ouro e afogueada de carmesim.

*

* *

Pertence ao inicio do seculo XVII e ainda é de uma rude carrossaria sensivelmente medieval, de um realismo exterior isento de todo o sentimento de belleza; internamente, porém, resente-se já do movimento operado na vida ornamental pela *talha* aragonesa, impulso devido, no fim do seculo anterior, principalmente a Damiano de Valencia — de instrucção classica, mas tão presumido humanista, que a si proprio se chamava o *rival de Phidias e de Praxiteles* (nada menos que um émulo dos impeccaveis autores da Minerva do Parthenon e da Venus de Cnide, da Ἀθηνᾶ Παρθένειος e da Ἀφροδίτη Κνίδιων!).

O reino de Aragão representa, com effeito, um papel importante na historia da escultura em madeira; não ha mesmo exemplo conhecido de uma tão longa prosperidade desta arte num país, em que a pintura quasi por completo ia cessando de existir — Becerra do fim do seculo XVI não foi sómente um pintor selecto, mas primariamente um sabio anatomista em artefactos de talha. O talento dos Aragoneses para a escultura revelou-se em obras grandiosas com figuras ideaes profundamente sentidas.

A adaptação do entalhe e do enfeite pictorico á estilização das estufas da Côrte foi tão retardatariamente evolucionada, que já Filipe II mandava copiar do Alcazar de Sevilha para o sumptuoso Escorial (*la octava maravilla del mundo* — Sánchez) o grande quadro da batalha de Higuerela, e ainda o carro nobre, excluindo todo o ornato externo, revestia a fórma severissima do estilo *Cinquecento*.

É que a nova maneira, *a obra de talha*, tinha por centro artistico o norte da Hispanha, Navarra, Provincias bascas, Castella-a-Velha, e Galliza, ao passo que nos mais bellos trabalhos da Nova Castella e Andaluzia predominava o estilo *plateresco* — que era a metamorphose das tão gabadas fórmas pittorescas do gothico florido, como este era uma transformação do estilo da Alhambra e do genero *mudejar* (applicação estilistica do elemento mourisco á ideia christã, feita pelos vassallos arabes da Hispanha reconquistada).

O coche em exame prende-se externamente ao passado pela sua poderosa machina rodante e austero encoiramento ornamentalmente repregado, como pelo interior da caixa se liga ao futuro com o artesonado e lambrisado do seu tecto.

É um verdadeiro *prodromo de transição vehicular* bruscamente consummada no seculo XVIII, substituindo-se ao velho typo nacional, repercutido da archaica *stufa* italiana, o modelo afrancesado da technica estructo-decorativa inspirada pela Côrte bourbonica.

Desde a segunda metade do seculo XIII que as influencias artisticas da Italia se haviam estendido pela Navarra até os paises de lingua limusina (Catalunha, Valencia e ilha Majorca). A importação de obra e exemplares italianos para serviço cortesão e prelaticio continuou por todo o tempo dos primeiros Filipes — haja vista á tessitura do encamisado nos assentos deste coche — *D. Filipe II.*

No carro nobre, como em todas as manifestações da Arte, o *cachet* hispanhol expande-se menos na originalidade das producções, do que no temperamento dos seus artistas. Estilos aclimatados.

Cf. coche *á Filipe V* (sub-series — *D. Anna Victoria* e *D. Carlota Joaquina*).

*

* *

Não basta chamar-lhe *D. Filipe II;* insta sair do ambito pouco determinado de uma definição obscuramente *nominal* para entrarmos na area de uma definição *limitativamente real* (*de — fines,* limites), bem esclarecendo a comprehensão e extensão da ideia significada por esta epigraphe, marcando assim, com a repulsa de qualquer ambiguidade, essa perfeita *equação,* que a Logica reclama entre o sinal e a cousa assinalada.

A denominação dada ao coche, que nos occupa, refere-se ao Monarcha Snr. Dom Filipe, II intruso de Portugal e III legitimo de Hispanha — ou ao Snr. Dom Filipe, I usurpador de Portugal e II deste nome, dynasta do reino vizinho?

Por outra fórma — é o II de Portugal ou o II de Hispanha? o II ou o I de Portugal?

É incontroverso que os carros deste typo (*estufas,* como então se dizia) foram introduzidos na nação vizinha por 1558, em vida de Carlos V (V da Alemanha imperatoria e I do reino de Hispanha), Filho de Filipe o *Bello* e Joana a *Doida (Doña Juana)* — já então o mystico Ingresso no mosteiro de Yuste, mas ainda o senhor do mundo e dictador dos seus successores. Não menos irrefragavel é que o anno de 1581 foi a *primeira occasião,* em que elles rodaram no solo português, quando o

Snr. Dom Filippe (II de Hispanha e I de Portugal), *en cinco de deciẽbre hizo... su entrada en la ciudad de Yuelves* (Elvas), vindo noutros carros o Cardeal Alberto Archiduque de Austria (não era tio, como algures lhe chama o Reverendo Castro e Sousa), Titulares e Grandes de Hispanha (... *Seguiale el Cardenal Alberto, su cuñado y sobrino; delante los Titulos y Grãdes...*). Todo o prestito foi em direcção a Thomar *por estar casi en medio del Reyno,* onde as Côrtes terminaram *jurãdo primero al principe dõ Diego primogenito catolico, y el Rey los fueros del Reyno divididos en 25 capitulos... los proprios que el Rey dõ Manuel avia prometido a los Portugueses, quando passò a Castilla y Aragon a que le jurassen por herdero, y Pryncipe de aquellas Coronas por la sucession de la Reyna su muger dona Isabel, hija primogenita y sucessora de los Reyes Catolicos...* — Dom Diogo, que não chegou a reinar e cuja morte precoce originou a convocação das novas Côrtes, em Lisboa, em que *jurarõ los Estados del Reyno al Infante don Felipe por Principe herdero cõ la misma solemnidad y forma que lo auian hecho al Principe difunto.*

(São citações fragmentadas de apontamentos meus, colhidos para o estudo da *usurpação filipina,* quando uma vez compulsei o livro de Don Agustin Manuel y Vasconcelos, intitulado *Sucession del Señor Rey Don Filipe segundo en la Corona de Portugal...*).

Estas toscas e quasi barbarescas machinas ficaram, desde então, ao serviço da Casa Real invasora, cujo primeiro Monarcha se deteve dois annos em Portugal (... *auiẽdo gastado dos años, se fuè a Castilla en 2 de hebrero de 1583...*), cumprindo assim um dos artigos jurados nas Côrtes de Thomar: — *Que Su Majestad hará lo possible, por assistir el mas tiempo que pueda en Portugal...*

Mas *o coche, de que tratamos,* é da entrada solemne em Lisboa (1581) do *segundo* Filipe de Hispanha e *primeiro* de Portugal — ou é do tempo da festejada vinda a Lisboa (1619) do *segundo* de Portugal e *terceiro* de Castella?

Mais caracteristicamente ainda:

Era pertence do famoso heroe da batalha de San Quintin, arrojado fundador do Escurial, o emprehendedor da *vencida* armada *Invincible (sumamente duro cuando se tratava de castigar faltas contra la religión católica, de que siempre fué acerrimo defensor* — Melero), ou pertencia ao protector do Duque de Lerma e do Duque de Uceda, seu filho, Rei que *gustaba más de entregar-se á las diversiones que á los negocios públicos* — Perlada?

— Não esqueçamos que ambos os Monarchas desembarcaram no Terreiro do Paço, havendo o primeiro Filipe estacionado dezaseis dias em Almada, e que *no fuerõ vulgares las fiestas, con que Lisboa festejò su Rey...* —

A architectonia vehicular *filipina* só começou a destacar-se pela sua superior elegancia no principio do seculo XVIII, com os estridentes apparatos do luxuoso Neto de Dona Theresa, Filha de Filipe IV, Esposa de Luis XIV, o Duque de Anjou (Filipe V, *Bourbon,* 1700–1746); até essa epoca, o carro nobre era modestissimo; não figurava mesmo na esquipage dos cortejos de gala.

A *estufa* era uma evolução mobiliaria da *carrozza* italiana, como esta o era da *carruca* latina. Os carros *á Filipe V,* porém, são já repassados da technica francêsa *Luís XIV,* sem, comtudo, perderem de todo o encoiramento e pregaria ornamental da sua primitiva e caracteristica feição castelhana — haja vista aos coches *D. Anna Victoria* e *D. Carlota Joaquina* deste Museu.

No alvorecer do seculo XVII, a estufa hispanhola apresenta-se mais rasteira do que anteriormente e ainda sem ensambladuras externas, mas já de talha interior francamente lavrada.

O coche em questão é, sem sombra de duvida, um *carro de viagem,* como se evidencía pelas *necessarias* habilitações, *preventivamente* reconditas em ambos os seus assentos ou cadeiras. Ora, sendo physicamente impraticavel uma *estufa para jornada* mais rastejadora que esta (havendo de trilhar caminhos, em geral, mal gradados), devemos considerá-la já chronologicamente encravada na epoca do governo do Snr. Dom Filipe II de Portugal — III de Castella, Leão e Aragão.

São singelos os entalhes internos do tecto, mas as misulas, que o molduram, são já desafogadamente *filipinas* do seculo XVII.

Este meu argumento tem valor, porque é de *technica constructiva.*

Todavia, para estarmos bem acompanhados na fortificação deste modo de ver architectonico, adduzamos *ipsis verbis* a sentença do prestimoso socio effectivo da Academia Real das Sciencias, o lamentavelmente defunto Sr. Vilhena Barbosa, de respeitavel memoria.

Em 1875, a pag. 47 do Tomo II dos seus *Estudos historicos e archeologicos,* dizia o saudoso Mestre: — ... *soberano que, sendo terceiro do nome em Castella, intitulou-se Dom Filippe II na côrte de Portugal... Ao cabo de tres meses de residencia em Lisboa, partiu desta cidade... deixando aqui ficar um dos coches, que trouxera de Madrid.*

Este coche ainda se conserva e guarda no grande deposito dos coches reaes, estabelecido, ha dous annos, na Calçada de Ajuda...

Uma affirmação tão categorica havia de estar por certo cimentada no animo de Vilhena Barbosa com fontes historicas irrecusaveis. Uso seu, embora remisso na indicação de referencias bibliographicas — tal era a convicção da sua probidade!

Em conclusão, deve chamar-se o carro — *D. Filipe II* (II intruso de Portugal e III de Hispanha).

E reliquia authentica da dominação castelhana, como que espectro sinistro de um gigante que, no seu estertoroso mutismo, ainda parece bradar arrependido:

«Ponde na cubiça um freio duro
E na ambiçam tambem...»

*

* *

Fragorosa foi a vinda a Lisboa do Dador da *Ordenação filipina,* a fim de fazer reconhecer, como herdeiro da Corôa, seu Filho, futuro *Senhor Dom Filipe III* de Portugal — o dominado pelo odioso Conde-Duque de Olivares, seu primeiro ministro e intimo privado.

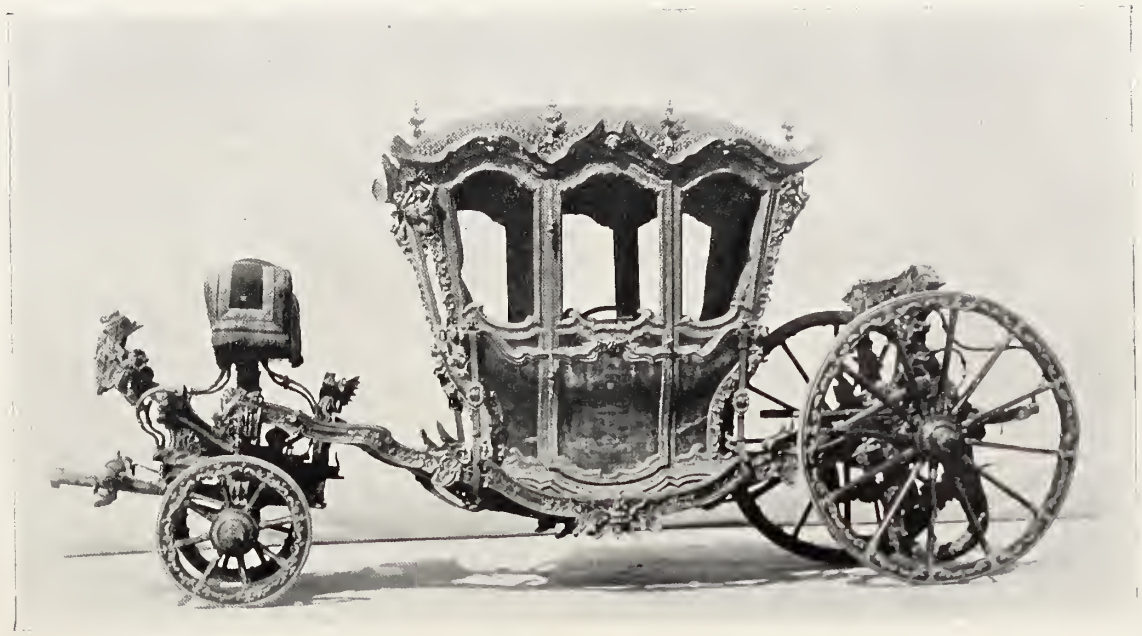
Nestas esplendecentissimas festas (depois correspondidas com as mais vexatorias exacções fiscaes, aviltações á Nobreza, conculcação de todas as franquias e privilegios engodativamente concedidos e das promessas formuladas em 1581, como as feitas á Serenissima Casa de Bragança por intermedio do Duque de Ossuna) — mandadas descrever pelo *Pio* Filipe ao chronista-mór J. B. Lavanha no seu livro *Viagem da Catholica Real Magestade de el-rey D. Filippe II N. S. ao reyno de Portugal...* — nesta famosa celebridade transluzia a mais fina comitiva castelhana.

Por occasião de tão estridoroso ensejo é que, em Lisboa, foi elevado a *Gentilhombre* da Real Camara D. Francisco Gomez de Sandoval y Roxas, filho de D. Leonor de Sandoval (Aia do Snr. Dom Filipe que, em 1621, havia de ser o III de Portugal, com 16 annos de idade), 4.º Marquês de Denia, casado com sua sobrinha D. Isabel de Borja e Aragão, filha de Francisco de Borja — Santo, que foi 4.º Duque de Gandia e 3.º Geral da Companhia de Jesus, depois da morte de sua esposa D. Leonor de Castro.

Os *Sandovaes de Castella* — que ainda actualmente na Sr.ª D. Josefa Sandoval (veneranda esposa do Sr. Conde de Figueiró e illustre Dama ao serviço de Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Amelia) teem uma brilhantissima affirmação do captivante primor das suas altas qualidades — procedentes de Hermindo de Sandoval (1124) ou de Guterres de Sandoval (1100), sempre intimos da Côrte filipina, já por este tempo tinham ramificação genealogica em Portugal por parte de D. Beatriz de Sandoval, mulher de D. João de Granada, filho do Rei muçulmano Muley Abul-Hayen.

É lição outr'ora colhida no exame confrontativo da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, Codices pombalinos* n.os 524 e 239 e *Nobiliario Genealogico de los Reyes y Titulares de España,* por Alonso Lopez de Haro.

... Ay abbadia en Aguilar del Campo, que llaman Sandoval, en cuyo territorio se tiene entendido ser el solar deste linaje... Los de Sandoval traen por divisa una vanda negra en campo de oro... — diz tambem o *Codice* n.º 422. Exactamente esta a composição do escudo *Sandoval,* descrito no *Thesouro da Nobreza,* de Fr. Manoel de Santo Antonio.



Berlinda D. Maria I — A

Comprimento de eixo a eixo	$3^{m},85$
Comprimento maximo da caixa	$2^{m},35$
Altura	$2^{m},25$

Berlinda *D. MARIA I–A*

É o unico carro nobre cujo cabeçal do alçado traseiro foi intencionalmente feito e encoirado para melhor descanso do *Moço da tábua*.

Com pilares dourados e jogos a encarnado e ouro tem no tejadilho maçanetas de bronze e pregaria pyramidal; é internamente forrada de velludo e exteriormente de lona pela coberta, tendo ao centro della, em pintura, o Brasão português, acompanhado nas ilhargas pelo polygramma seguinte, pousado num açafate por entre ramagens, que o envolvem:

Cifra desdobravel nas maiusculas cursivas *D. M. P. R. P.* — iniciaes de *D*om *M*iguel *P*rimeiro *R*ei *P*ortugal.

(Noutras alfaias para serviço do mesmo Senhor, como se vê no xairel do seu selim *á militar*, apparece, como inscrição, simplesmente *D. M.*)

O primeiro destes nombramentos remonta ao 2.º anno do governo de S. M. El-Rei o Senhor Dom Miguel, em que a capa externa do tejadilho desta berlinda foi restaurada (antes deturpada), mascarando-se o primitivo encoiramento com uma tela de

grosseiro canhamaço, toscamente pintada. Daqui o facto de ser tradicionalmente conhecida, nos ultimos tempos, pelo nome de *D. Miguel.*

*
* *

E de ordem preventivamente declarar-se que não ha, neste modo de dizer, a minima preoccupação *partidaria.*

Comquanto nesta polemica (quando em acção) se deva sempre jurisprudencialmente distinguir entre politica *de Pessoa* e politica de *Regime*, devo, todavia, confessar que nenhum suspeitoso preconceito preside á dicção de semelhante frase.

Tendo o Senhor Dom Miguel sido proclamado Rei nas Côrtes dos tres Estados, convocadas segundo o antigo estilo, ficou *ipso facto* com direito ao titulo honorifico de *Majestade.*

E com este teor assinou muitos documentos publicos de Regia sancção, desde 1828 até a sua capitulação em maio de 1834, após as derrotas miguelistas de Torres Novas, Almoster, Leiria, Asseiceira e Evora-Monte.

Por outro lado, o desterro não aniquila a consaguinidade. E, se esta é compativel com o desaffecto, é inconciliavel com o desrespeito.

Escrevendo-se um livro dedicado á alta Pessoa reinante de um Seu augusto Aparentado, seria por certo menos ceremonioso o uso — deprimente pelo seu contraste — de qualquer outro tratamento.

Os Mestres da Côrte, ao tempo de SS. MM. os Senhores Reis Dom Pedro V e Dom Luis I — de viva saudade — (como fazia o palaciano e sabio Conselheiro Sr. Antonio Jose Viale) sempre assim ensinaram os seus Regios pupillos, sem que aulico algum os encoimasse de *absolutistas* por declararem que o Irmão de Sua Majestade o Senhor Dom Pedro IV havia *governado, como Rei,* toda a monarchia (excepto a Ilha Terceira).

Nem tampouco o erudito Lente do Curso Superior de Letras foi suspeito de nefando traidor á patria por chamar ao primeiro usurpador — *Senhor Dom Filipe I, Rei de Portugal.*

Era o facto, comquanto o facto nem sempre objective o direito.

Bem sabia o abalisado Professor que contra a Senhora Dona Catharina, Filha do Senhor Infante Dom Duarte, Esposa do Sr. Dom João de Bragança (unica Neta de Sua Majestade o Rei Senhor Dom Manoel, Filha de *Pae e Mãe portuguêses e casada com um Senhor português*) nada juridicamente podiam — nem este Monarcha (intruso, por fim), nem Manoel Filisberto, Duque de Saboia, Filho da Senhora Infanta Dona Brites — nem o Senhor Dom Antonio, Prior do Crato, filho (não legitimo) do Senhor Infante Dom Luis — nem Rainucio, Principe de Parma, Filho da

Senhora Dona Maria, Filha do Senhor Infante Dom Duarte — nem a Rainha de França, Catharina de Medicis, allegando (improvadamente) descender do Rei Senhor Dom Affonso III e de sua primeira Mulher, a Condessa Mathilde — nem o Papa Gregorio XIII, considerando o Reino como espolio devoluto á Santa Sé pelo facto do Senhor Dom Henrique haver sido um Cardeal.

Tudo isto optimamente conhecia o autorizadissimo Conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa; mas tambem não pôde cortêsmente esquecer que o Snr. Dom Filipe — I de Portugal, II da Hispanha — era Neto de El-Rei o Senhor Dom Manoel, por ser Filho da Senhora Infanta Dona Isabel, Esposa de Carlos V, Rei da Hispanha e Imperador da Alemanha.

— Em 1821, a Majestade do Senhor Dom João VI, obrigada a reconhecer no Rio de Janeiro a nova ordem de cousas existente em Portugal, entregou o regime brasiliense ao Senhor Dom Pedro, como *Regente, seu Logar-Tenente no governo provisorio do Reino do Brasil,* e fez-se á vela para Portugal.

Dentro de anno e meio, o Senhor Dom Pedro é acclamado no Rio *Imperador e Defensor perpetuo do Brasil,* tendo El-Rei o Senhor Dom João VI de reconhecer, em 1825, a independencia das Terras de Santa Cruz, cedendo a seu Filho a soberania do imperio. Pois continuou (e officialmente) a ser tratado com o titulo de *Imperador;* e morreu como *Magestade Imperial.*

Em 1831, o Senhor Dom Pedro abdicou a corôa do Brasil em seu Filho Senhor Dom Pedro II. Pois falleceu, ao cabo de um anno, com a ceremoniosa honraria de *Imperador.*

Em registos archivados na Repartição das Reaes Cavallariças, remontantes a 1826, aponta-se o estado organizado pelo *fallecimento de Sua Magestade Imperial;* em inventario da mesma epoca consigna-se o registo de *sete espingardas de Sua Magestade Imperial,* como no arrolamento das Reaes Cocheiras *de Belem,* ainda em 1860, se enumera o coche que serviu ao *Enterro de Sua Magestade Imperial Dom Pedro IV.*

Portanto, as expressões attenciosamente adoptadas, são apenas o significado de uma etiqueta — representativa de velhas formulas palacianas — que a um livro, directamente saido do *Museu dos Coches da Casa Real,* cumpria acatar, perpetuando-a.

*

* *

Terminada esta ligeira incidencia, prosigamos na descrição momentaneamente suspensa:

Como que para atapetar o caminho a percorrer, as Canephoras, postadas pelas grimpas dos pilares cantoeiros, carregam á cabeça o seu κάνη; ou cesta de flores.

*
* *

No almofadado da portinhola da mão, pende sob docel o Escudo

«Do bellicoso Reino Lusitano»

cujas glorias se symbolizam trombeteadas por dois Anjos phalenados, que o ladeiam — são os Genios da Fama.

A parte central do fundo deste quadro é cheia por um grupo campestre, onde um Sileno está amarrado pelos pés ao tronco de uma arvore, já ferido, ou prestes a sê-lo, por uma personagem de faca em punho, a qual parece arremetter contra outro, que foge espavorido.

— Talvez seja Egle, uma das Hesperidas, que tinha por passatempo armar peças e enganos aos pobres pastores. Com suas irmãs Aretusa e Heperaretusa possuiam no *país mais occidental da Europa frondosos jardins com pomos de ouro, guardados por um rancoroso Dragão.*

*
* *

Os paineis lateraes desta porta deixam ver varios Satyros ou Faunos e Faunigenas, dois dos quaes seguram vasos; na face de um delles, o da esquerda, desenha-se Minotauro, descrito — segundo Euripides e Ovidio — a raptar uma donzella para ir devorá-la; no vaso da direita, descobre-se um coche tirado por dois animaes, que conduzem Proserpina e Plutão (*Coré* raptada por *Hadés,* conforme se nota num bronze de Praxitéles, no quadro de Nicomaco e em algumas moedas de Hierapolis, como expressão symbolica da sua realeza).

*
* *

No apainelado deanteiro, senta-se em o dorso de um elephante a grande deusa Cybele, com um ramo frutificado de pinheiro (arvore, que lhe era consagrada).

Uma figura de mulher, ornada de *monile* ou collar ao peito, donde pende uma *persona* ou caraça — musa Thalia ou musa Melpomene? — mostra-lhe em desenho um veado e uma effigie feminina, traçada ao modo da Artémis ephesina, em columna hermetica ou pyramide invertida, com o peito cheio de mamillos (symbolo da fecundidade, consoante é representada no cofre de Kypsélo e na necropole rhodesiana de Camiros). Tem proximo dos joelhos uma tela e pinceis de pintor.

Ao lado direito do *suggestum* ou subpedaneo da *Boa Deusa* (a Rhéa ou Gœa da theogonia hesiodica), divisa-se uma lyra ao pé de Musa, que se ostenta contemplativa.

— Parece isto a allegoria de uma intercessora que, em attitude supplicante, pede á Mãe dos Deuses (invocando a protecção da *persica Anahit*) o seu superior valimento para o impulso das artes, synthetizadas na poesia, pintura e musica — as que mais patheticamente extasiam a alma.

Minerva, o nume tutelar da Vida artistica, era neta da *Mãe universal,* Cybele ou *Gé* — no sentimento poetico da Grecia, um dos elementos primordiaes do mundo que, unido ao Chaos, pela acção fecunda dEros, gerou Urano, como, pela união prolifica com o Céu (Οὐρανός) deu nascimento á raça monstruosa dos gigantes Titans.

O veado é, na arte antiga e nos *ex-voto* delphicos, um dos attributos mais familiares á Artémis *Agrotéra* (ἀγρώτειρα, Diana *Caçadora*). —

Este grupo central, no meio de uma scena grandiosamente illuminada a candelabros, é ladeado por dois membrudos Hercules, que servem de Telamones a dois vasos ricamente burilados, os quaes symetrizam com os dos paineis lateraes. Ainda na acção se distingue dois animaes notavelmente fantasiados.

*

* *

No plano infimo desta face da berlinda, mal se vê, miniada dentro de pequenina cartela, uma scena tetrica, descrita nestes termos: — á direita, constituindo jury de tribunal, ou prestes a desempenharem as funcções de executores, ha, deante de uma bem atiçada fogueira, duas figuras de olhar sinistro, que aguardam uns vultos humanos, de capuz, enfesados, penitentes, um delles genuflexo...

— É menos logico suppor que este assombroso ornato seja puramente fantastico; deve envolver um pensamento occulto, porventura qualquer referencia symbolistica odientamente feita á extincção da *Mesa Censoria* ou tocante allegoria ás horrorosas masmorras, em que jaziam, já á beira do supplicio, caracteres de eleição, como o Bispo Dom Miguel da Annunciação, o Conde de S. Lourenço e o Marquês de Alorna, que a *Piedosa* Rainha fez soltar...

Tambem este painelinho pode ter ligação complementar com o assunto humoristicamente critico de outra cartelazinha, pintada em sitio identico no apainelado opposto, na qual inequivocamente se salienta um Hercules vigoroso — mais forte que o gigante Anteu, armado da clava, com que matou a famosa hydra de Lerna e a aguia de Prometheu.

Como quem separa os montes Calpe e Abyla e doma os Centauros ou limpa os curraes de Augias, está fustigando uns quadrupedes ridicula-

mente hyperbolicos — que, bem acossados, tanto correm pela terra, como voam pelos ares...

Não se afigura de mais o prever, através destas fórmas duramente sensibilizadas, uma allusão á energica repulsa imprimida, no reinado da Senhora Dona Maria I, ao tentame da surda reimplantação de determinado instituto, aniquilado em tempo de ministro, que aos seus adversarios votava um odio implacavel...

*

* *

Os almofadados do lado da sella teem ornamentação parecida, nas suas linhas geraes, com a do lado descrito; o grupo central, porém, desenhado na portinhola, diverge sensivelmente no tom campestre, que illumina o campo do painel.

— É, no dizer da mythologia, o pastor da vaquinha Io (cuja cabeça se divisa) a quem — para o matar — Mercurio fez adormecer ao som musical de uma trombeta.

*

* *

No plano superior do apainelado traseiro, reconhece-se Phebo, chefe soberano das nove deleitosas Musas — algumas das quaes o cercam — de lyra em punho, guiando o carro do Sol tirado por quatro cavallos de

«Aureos freos com feroz sembrante»

cuja carreira elle disperta, açoutando-os com um estafim.

O carro triumphal assenta numa zoteca ou nicho absidal de columnas salomonicas, acobertada por um duplo docel; a scena é aromatizada pela effusão de um perfume celestial, brotando de vaso superiormente mantido por Anjos, que ao mesmo tempo espargem flores por todo o campo.

— É palpavel esta nova allegorização ao desenvolvimento da Vida artistica, porquanto o filho de Jupiter e Latona era tido como o Deus da poesia, da musica e, em geral, das Bellas Artes. —

No lado direito, um Anjo alado descansa o pé num globo terraqueo e risca a compasso linhas rectas, triangulos e circulos — é a personalização da Geometria e Geographia; correspondentemente á esquerda, outro Genio segura com um dos pés uma esphera celeste, tendo na mão esquerda uma *tabula* com astros desenhados; na outra, empunha um sceptro — personificação da Astronomia que, na mente do pintor, era a rainha das Sciencias. Quatro candelabros, dois suspensos e dois erguidos do chão, esclarecem o scenario.

— A criação de uma Escola de desenho, a abertura das Academias militar de fortificação e de marinha, a instituição da Academia Real das Sciencias por diligencia do Duque de Lafões D. João de Bragança, e a da Biblioteca Publica sob auspicio do seu primeiro inspector Marquês de Ponte de Lima e do bibliotecario desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, são, entre outros factos congeneres, titulos sufficientemente probativos da realidade historica allegorizada nestes symbolos.

A Rainha Senhora Dona Maria I, com effeito, aproveitando a tranquillidade, de que gozava o país, e seguindo o edificante exemplo de seu augusto Pae, foi excelsa patrocinadora dos estudos no vastissimo campo das artes e das sciencias, grangeando-lhes efficazmente o seu progressivo derramamento. —

No plano inferior do mesmo quadro, debaixo de docel majestosamente ornamentado e ladeado por dois Hercules — que valem por dois gigantescos Atlantes — aguentando vasos inflorados, mantem-se sentada, descrita em estilo nobre e grandioso, uma garbosa mulher, com ares realengos, a qual, de compasso na mão esquerda, espalha moedas com a direita (liberal dotação, visivelmente destinada á fabrica *infra* planteada).

Com visos de cortejo, acompanham-na duas outras; a da direita segura num chirographo a ichnographia de um edificio de planta crucifera, *de duas torres* á frente, com vestibulo, adro e escadorio amplos — de feição basilical, emfim. A da esquerda empunha numa das mãos um maço, tendo proximo do pé direito alguns emblemas de construcção, emquanto que na mão direita firma o disco ovado, no qual se estampa uma figura trajando niveas vestes talares ecclesiasticas, de solidéo na cabeça.

— É o busto do Pontifice reinante, Papa Pio VI, *Braschi* (poucos annos depois, o deportado de Florença, Grenoble e Valence, a Quem o general Bonaparte, nas sangrentas lutas de 1797, chamava o *velho idolo prestes a baquear*).

Comprova-o a segunda lapide da sagração da Basilica *da Estrella* — padrão de realenga piedade, que vinga para Portugal a gloriosa *primazia* na historia da devoção ao Santissimo Coração de Jesus — que diz positivamente... *Summo pontifice Pio VI*... As medalhas commemorativas, lançadas no cavouco da sua primeira pedra fundamental, corroboram a interpretação dada ao busto Papal, miniado no painel traseiro desta berlinda — ... *Sanctissimo Cordi Jesu Primum Templum ædificatum Pio Papa VI*... MDCCLXXIX.

Merece ainda observar-se que, no apainelado inferior das espaldas deste vehiculo, se apresenta *disseminando dinheiro* a personagem descrita com ares de Rainha, como a que está pintada na Basilica *da Estrella*, em o bello quadro *da Visão* — de Batoni, como outros, incluindo a soberba tela da capella-mór, assinada e datada de MDCCLXXIX (...*pinx. Roma*).

Por outro lado, Pedro Alexandrino era bastante geometra e desenhador para, num esboceto de planta, dar como *simples arabescos* sinaes (desde Vitruvio) architecturalmente convencionados para representarem as secções horizontaes dos vãos de duas torres, com assinalação dos proprios degraus de subida ás alturas de um edificio, que optimamente conhecia, porque o ajudou a nobilitar com productos do seu sempre mavioso invento e animada composição pictorica.

(Com vista á demonstração, que segue).

*

* *

A que data remonta a erecção deste valorizado monumento vehicular?

Tem-se dito, principalmente desde o Rev.do Abbade Castro e Sousa (1858), haver sido estreado com a conducção das primeiras Religiosas, que povoaram o convento. Não póde ser — com a devida venia o refutamos.

Logo, á primeira vista, surprehende tanta pompa para o *transporte* de umas pobres Carmelitas *descalças,* ficando o imponentissimo facto magno da *sagração da Basilica* sem um coche, que proporcionadamente o perpetuasse tambem.

O clausuramento das freiras era apenas um accidente complementarmente religioso desta pia instituição; a igreja *basilical* consagrada á devoção, que lhe respeita, como cumprimento do voto de Sua Majestade a Rainha feito pela nascença de um Successor ao throno (...*ex voto suscepta prole*... — primeira pedra fundamental) era a essencia desta monumentalização.

A construcção de um convento era, nesses tempos, um facto vulgarissimo; a fabrica, porém, de uma *Basilica* ou *Real* igreja (βασιλεύς, βασιλεια — *Rei, Rainha*) com os seus especialissimos privilegios e autonomicas prerogativas, e, de mais a mais, a primeira que, em todo o mundo catholico, foi erecta com esta Consagração (...*Primum Templum ædificatum* — reverso da medalha commemorativa) era um phenomeno assombrosamente extraordinario para a piedade dessas eras.

A Igreja do *Santissimo Coração de Jesus, á Estrella,* comquanto — por ser de uma só nave — não tenha o seu *matronœum* (ματρωνίκον) e o seu *andronœum* (ἀνδρόν), não obstante se não assoberbe com a amplidão de uma *Santa Maria Maggiore* ou *Santa Maria degli Angeli* (que conheço de estudo pessoal) nem, por isso, deixa de ser uma verdadeira *Basilica,* segundo as theorias basilicographicas de Botari (*Roma sott.*), robustecidas com as demonstrações do autorizado Padre Marchi (*Monum. delle arti primit. Architettura*).

De facto, tanta foi a differença entre os actos preparatorios desta fundação e a cerimonia terminal da *Dedicação do Templo* que, só neste

dia, é que o Em.mo Patriarcha Senhor Dom Fernando I saiu da Junqueira com o mais luzente apparato dos seus estados de gala.

Era *um riquissimo* coche, dentro do qual ia sob pequeno docel com o symbolo do Espirito Santo bordado a ouro, tendo por sequito mais seis coches de Familiares tirados a tres parelhas de muares, faustosamente antecedido por um prestito liturgico de cincoenta e seis criados de farda com capas agaloadas, voltas e *cabelleiras cezareas,* dispostos em duas alas cerradas á frente pelo Monsenhor capellão cruciferario, montado em mula branca, de luvas e chapeu de borla roxa, com dois criados da Capella á estribeira...

Fixemos, de antemão, umas datas, visto que o problema é todo chronologico:

Carta Regia para a edificação..... 1777
Começo dos trabalhos..... 1778
Vedação da cêrca e galgamento do primeiro piso da caixa do mosteiro até o primeiro andar habitavel..... 1779
Lançamento da 1.ª pedra para a Basilica..... 1779
Entrada das monjas para a sua nova clausura..... *1781*
Acabamento das torres e fundição dos sinos..... 1788
Sagração do Templo..... *1790*

Assim como *S. Pietro in Vaticano* — a mais ampla e mais bella Igreja do mundo — é o producto estructo-decorativo que, do inicio do seculo XVI até o primeiro quartel do seculo XVII, se foi successivamente apurando no cadinho architectural de Bramante e Michel Angelo, de Vignola e della Porta, de Maderne e Bernin, assim a igreja *basilical da Estrella* (cuja fachada e zimborio teem reduzidos resaibos daquella, porque esta foi feita para se parecer com o monumento de Mafra) se foi modificando, desde 1778 a 1790, com as apuradas alterações feitas pelo architecto Reinaldo Manoel dos Santos sobre o risco do primeiro tracista o sargento-mór Mateus Vicente de Oliveira, mediante a superintendencia de Anselmo da Cruz Sobral.

Os topicos deste primitivo planteamento — que, sob a epigraphe *Vestigium Templi,* foi gravado no reverso da medalha commemorativa — estão marcados no quadro da *Visão da Rainha,* onde (Basilica, do lado do Evangelho) se vê a Senhora Dona Maria I offerecendo a Santa Teresa o *Templo* planteado na cartula, que um Anjo segura e um outro vae desenrolando — arca (navis ou ναος) crucifera, *narthex tetrastylo,* isto é, vestibulo, galilé ou portico com os quatros plinthos das bases columnares claramente definidos e *sem secções horizontaes correspondentes aos vãos das torres.*

O risco, que vem estampado na traseira do carro nobre em exame, é o segundo (*Reinaldo Santos*), porque *já projecta o galgamento das duas torres.*

A primitiva planta (*Mateus Vicente*), *sem vestigio de torres,* majestosa, mas simples, de zimborio mais abatido, com ausencia de lanternim, foi mantida até o anno da entrada das Carmelitas fundadoras, *em 1771;* a segunda é modificação *ulterior,* consummada em 1788.

Como é que este vehiculo, que traz esboçada a planta *posterior a 1771,* poderia ter sido estreado com o ingresso das freiras, que teve logar neste anno?

A logica dos numeros não comporta sophismas. Digamos antes que esta berlinda serviu, pela primeira vez, em 1790, conduzindo Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Maria I para o acto primariamente solemne da Sagração da Basilica — retumbante festividade, que decorreu por todo o oitavario, terminando no nono dia com o pontifical do Eminentissimo Prelado.

Outras desnaturalizações historicas acompanham o ensinamento que, em geral, corre a este proposito, de todo o ponto accidentaes ao nosso escopo. São minguadas vitualhas de quasi impalpavel importancia scientifica e que, por esta razão, pouco importa tocar-lhes; mas, a bolir nestes rebotalhos de sciencia, insta fazê-lo com escrupulosa exactidão.

Mais vale dizer verdades não novas, do que novidades não verdadeiras.

No ensino da historia não basta considerar o methodo e a sua parte pratica ou de applicação; é imprescindivel considerar tambem a sua exposição didactica — a menos que se não entenda, como o quasi sceptico Schoebel, que *l'histoire des histoiriens c'est trop souvent des contes à des enfants.*

Assim, cumpre-me resumidamente declarar: 1.º, nem as madres fundadoras vieram *só de Carnide,* mas de varias outras procedencias; 2.º, nem eram somente *quatro* (como uns dizem) nem *seis,* consoante outros affirmam. Eram *quatorze.*

Declara-o, por 1790 (com especificação dos proprios nomes e respectivos cargos) o Capellão basilical em chefe, Rev.do Pereira Cidade; ao passo que, em 1858, o Rev.do Abbade Castro e Sousa, aponta *cinco Religiosas.* Por certo *fragmento* de tradição oral.

Para que esta reduzida exposição imprima a fé, que desejo, devo francamente revelar que estudei circumspectamente o caso na fonte *proto-primaria* da especie sujeita, quando, ha annos, esbocei para certo jornal do norte do país um modesto articulo sobre a igreja basilical *da Estrella.*

Alludo á manuscrição do Rev.do Pereira Cidade, officialmente encarregado de elaborar a Historia da fundação e consagração do monumento, a fim de ser offerecida a Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Maria I. O citado Capellão-fidalgo, *com exercicio na Basilica,* é uma fonte *directa*

e *intencionalmente* historica no assunto presente. A contemporaneidade do facto occorrido e do documento que o relata, é a melhor garantia da veracidade deste ultimo.

*

* *

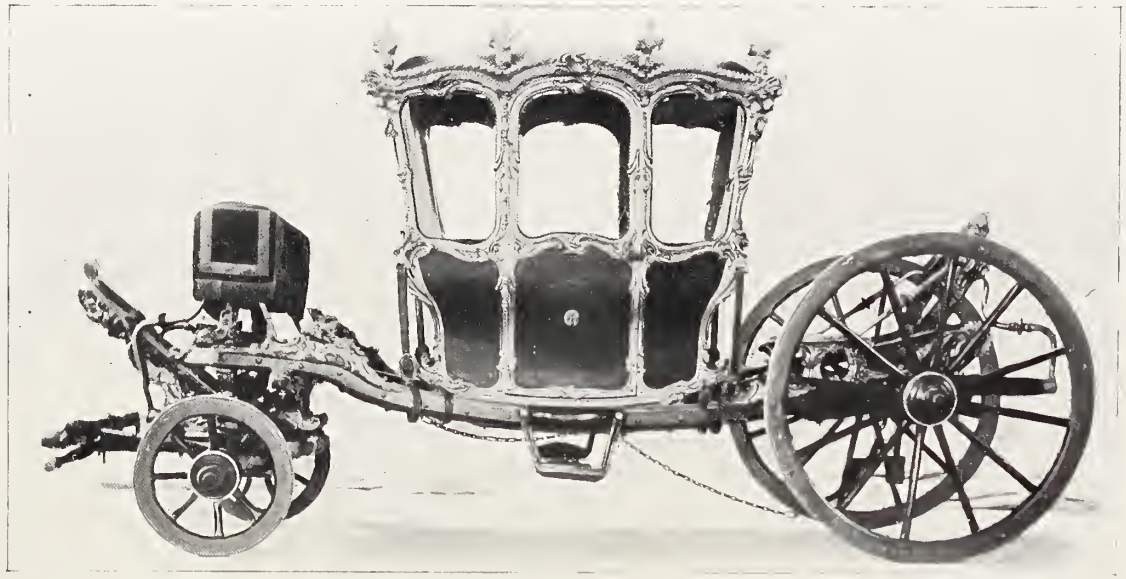
Posta a questão *do tempo,* naturalmente vem a pêlo a questão *da causa* — autor.

A paternidade do trabalho pictorico desta berlinda costuma, por bem ajustada tradição, ser attribuida ao nome glorioso de Pedro Alexandrino de Carvalho, um primacial da arte portuguêsa, de indomito engenho e resoluta exhuberancia artistica — mau grado do Conde de Raczynski.

E bem se coaduna, na verdade, a linha esthetica dos seus apainelados repletos de graça e fantasia com o estilo sempre trasbordando de encanto nas frescas, risonhas e bem fundidas tintas, com que este luminar se havia já definido na vasta tela do *Salvator Mundi.* (É o mais primoroso quadro da Sé Patriarchal de Lisboa, o qual, tanto pela sublimidade e nobreza do composto, como pela polidez e feridade da execução, muito o fez distanciar dos trabalhos de Oliveira, Negreiros, Roque, Rocha e Bruno — que até ahi lhe levavam as lampas).

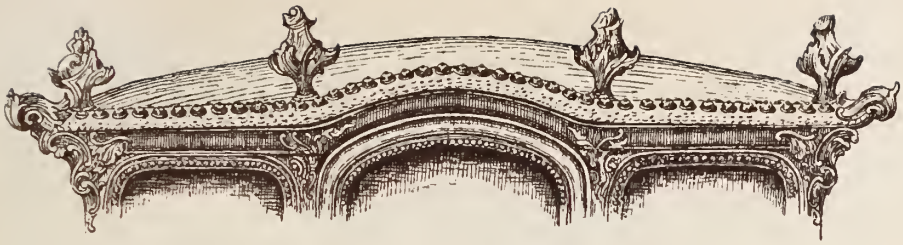
— Nos montantes angulares, lavrados *á José de Almeida* (já defunto, mas ainda lembrado na preciosa talha dos coches *Mello e Castro* e *Dom João V*), haverá algo que referir a Barros Laborão, superiormente distincto por esse tempo e muito ligado ao Paço Real nos trabalhos da sua especial competencia?...

Se, no estilobata da Arte, a recordação deste nome, entrelaçado com o de Silvestre Faria, significa para mim uma homenagem bem molduradamente cabida a proposito da massa decorativa desta berlinda, para a analyse conscia dos criticos professos representa apenas a exposição convicta de uma simples conjectura.



Berlinda D. Pedro II — B

Comprimento de eixo a eixo	$3^{m},65$
Comprimento maximo da caixa.	$1^{m},85$
Altura	$1^{m},80$



Berlinda *D. PEDRO II–B*

orrada de velludo carmesim, com ornamentação agaloada e alto relevo ao centro da copa, tem o tejadilho de coiro com pregaria e maçanetas de metal amarello; pilares dourados e jogos encarnados matisados a ouro.

De caixilharia com bordadura bem mais simples que o seu parelho *D. Pedro II-C,* (ao qual, nas suas linhas geraes, é sensivelmente parallelo) tem o fundo dos apainelados a tom vermelho semeado de flores, com as tarjas dos paineis e a ornamentação do Escudo tratadas a pintura *aventurinada.*

—Os assentos, bem como os de alguns carros nobres do mesmo typo, examinados sem as saias que os revestem, provam pela sua *preventiva disposição* que as berlindas não eram, como ás vezes se diz, vehiculos *exclusivamente* destinados ao percurso *ceremonioso* da cidade.

*

* *

Na portinhola do lado da mão, existe um já muito despintado grupo onde, todavia, se apercebem restos desvanecidos de uma mulher enthro-

nada com umas chaves na mão direita, tendo ao pé de si personagem esbelta, que sobraça um *manipulus* ou molho de espigas; á esquerda baixa, um anjinho de joelhos em posição de offerente.—E Ceres clavigera com as chaves symbolicas de sua mãe Cybele, isto é, com o poder da Boa Mãe dos deuses, o nume tutelar da agricultura.—

Acompanhada de Calligenea, a mais bella das suas nymphas,

«De dões de Flora e Zefiro adornada»,

vem receber as primicias dos frutos da Terra, como tributo, que mythologicamente lhe era devido.

Ao lado esquerdo deste grupo, ostenta-se de pé, vigilante, com ares de escoltar o prestito, gravemente mantelado de preto e coroado de louro, um ancião de aspecto nobre, que empunha uma vara.

—Por ventura algum dos seus ministros? ou sacerdote de Baccho (sem a *hasta pampinea*—o thyrso), divindade, em companhia da qual ella ensinou aos homens a Geoponia ou arte de cultivar os campos?

Será algum *œdituus,* guarda nobre encarregado da vigilancia do templo da deusa, no desempenho do seu munus de cicerone acreditado? ou grande official ligado ao seu cortejo, mantendo uma simples *hasta pura,* quer dizer, um sceptro primitivo, singelamente traçado, segundo o estilo grego archaico?...

Prefiro a primeira das hypotheses, crendo ver no hirto varão o commentario figurado do mytho de Triptolemo—primeiro sacrificador de Ceres (Demeter) nos propileos do templo eleusino, a quem por ella foi dado o grão fecundo de trigo, que devia fertilizar os campos da Attica e outorgada a cooperadora tarefa de disseminar no mundo inteiro a preciosa mercê da arvicultura.

Pelo tom jucundo da figuração, não pode ser nenhum desses dolorosos episodios da lenda demeteriana cujo commovente recitativo constituia a parte mysticamente dramatica dos famosos *mysterios de Eleusis*—a mais alta expressão das ideias religiosas da antiguidade pagã.

Se, na exegese deste painel, eu não receasse a possibilidade de parecer sugestionado pela paixão de um excessivo symbolismo, ainda perguntava, de concerto com as multiplicadissimas allegorias, que espiritualizavam o estilo pictorico da epoca:

Nesta enscenação mythologica, com as *offerta* e *chaves* que lhe são attributos consuetudinarios—pretenderia tambem o ornatista allegoricamente referir-se ao celebre tratado com Castella (1681) acêrca da famosa colonia do Sacramento, cujo *disfructo* se lhe concedeu sem, comtudo, se lhe reconhecer o *dominio*?...

A algumas decorações allusivas do tempo deu margem este historico incidente — litigio que, ainda em 1713, era internacionalmente debatido, nas irritantes conferencias de Utrecht, pelo inexoravel Conde de Tarouca (perfil soberano, que dava tratos de polemica ao cavilloso Duque de Ossuna e ao seu intimo, o desleal Conde Strafford, quando *com elles conferia*) e que só terminou após a clausula 5.ª do Tratado de paz com a Hispanha: *...se restituiran... a la corona de Portugal... el Territorio, y Colonia del facramento.*

*
* *

O apainelado deanteiro tem, ao centro, o Escudo português inclinado da sinistra para a dextra, heraldicamente falando, tendo por tenentes já quasi imperceptiveis — á direita, um grupo, constante de uma mulher, firmada, com outra jacente, de criancinha aos pés; á esquerda, um agrupamento, de composição sensivelmente parecida.

*
* *

Na portinhola da sella, mal se descobre um vulto feminino, coroado, de sceptro em punho, ladeado por algumas outras figuras.

*
* *

As Armas do Reino do painel traseiro, em posição perpendicular, teem, como apoios ainda determinaveis — á direita, pelo menos uma mulher tambem coroada, de joelhos, quasi a nu, de costas para o espectador; á esquerda, uma outra mais velada, que está sentada no chão.

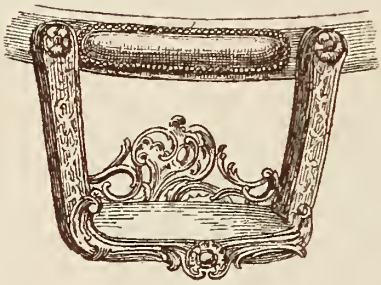
*
* *

Os quatro painelinhos, que circundam o carro, tambem já quasi sumidos por completo, offerecem restos de uns Anjinhos volantes, outros tantos Genios protectores, que as mythologias da Grecia e de Roma para tudo admittiam.

*

* *

A berlinda descrita remonta á epoca das curtissimas primeiras nupcias (1683) do Senhor Dom Pedro II com a Esposa de seu defunto Irmão, El-Rei o Senhor Dom Affonso VI, a Sr.ª Dona Maria Francisca Isabel de Saboia.



Berlinda D. Pedro II — A

Comprimento de eixo a eixo	$3^{m},80$
Comprimento maximo da caixa	2^{m}
Altura	$1^{m},85$

Berlinda *D. PEDRO II–A*

ste formosissimo carro nobre foi estreado no segundo matrimonio (1687) do Senhor Dom Pedro II com a Princesa alemã Sr.ª Dona Maria Sophia Isabel de Neuburgo, Filha de Guilherme (Frederico), Eleitor palatino do Rheno.

*

* *

Os seus motivos allegoricos são na maxima parte (em pintura de melhor estilo) assemelhados aos de um outro vehiculo, seu verdadeiro archetypo, existente na arrumação do Deposito II, inscrito sob o nome *D. Affonso VI* (?).

A coberta é de pregaria dourada com as respectivas maçanetas; pilares dourados, jogos a encarnado e ouro.

*

* *

A allusão ao festival das bodas encontra-se, da deanteira para a traseira e da mão para a sella, allegoricamente ideographada por estatuas representativas das quatro Estações — uma que, dentro do seu coche, vae espalhando flores (a Primavera); outra que, de cima de um pedestal, derrama uma cornucopia prenhe de frutos (o Outomno); terceira, que está colhendo espigas de trigo (o Verão); quarta (o Inverno) figurada por um

Satyro libando num copo infundibular, á fórma caprichosa do *orba* romano (o ἄμβιξ dos pintores da Grecia).

— É typo archaico que, no anno findo, observei existir ainda em pinturas muraes de Pompeia, por m'as fazer ver pela sua excentricidade o abalisado e caridoso medico, chorado amigo Dr. Julio Malfeito, visto desta especie de vasaria nada dizer o meu inseparavel Führer durch Pompeji. —

Os soccos, em que ellas se apoiam, são todos acostados de tres *Kadmilos* (meninos que, segundo a mythologia, serviam aos banquetes) ou então Euphrades (genios, que presidiam á allegoria dos festins), vendo-se os tres ultimos associados a um capro, como animal especialmente sacrificado ao filho de Jupiter, depois delle o mais afamado dos deuses — Baccho.

*

* *

No painel deanteiro, estende-se, ao fundo, em ultimo plano, uma cidade cintado de torres; em cima de um coche, vem garbosa uma figura de mulher com sceptro e de cabeça ornada por uma corôa mural — a boa deusa Rhea ou Cybele, mulher de Saturno — a *Gœa* ou *Gé* do mytho hellenico.

«No verde prado o carro leve»,

é puxado por dois leões conjugados, dirigidos por outros tantos Genios. Tem, á direita, um bacchante com os melhores attributos da sua casta, coroado, de thyrso e de taça libatoria. A junção destas duas personagens é superiormente affirmada por um Tutelar, que sobraça o Escudo português.

Mais se descobre uma scena «com danças e coréas» composta de duas figuras; uma é um Satyro, de vaso na mão esquerda, segurando com a direita uma mulher dansante, ornada de pelles e de corôa de flores na mão — certamente alguma Orgeana, sacerdotisa de Baccho, daquellas que presidiam ás orgias, ou então simples bacchante acclamando os louvores do seu deus.

Á esquerda do carro, a personificação de um Rio pairando tranquillo, como quem assiste prazenteiro aos *evohés* do acto (exclamações de bacchica homenagem) defrontado por duas nymphas — Potamidas ou Naiadas dos rios? Dryadas dos bosques? Napeiadas dos prados? Oreiadas dos montes?...

*

* *

Á direita, percebe-se um cortejo, constituido por dois typos de mulher com açafates de flores (naturalmente Domiducas, divindades evocadas ao vir a noiva para o solar do marido) e dois Anjos, que entre vaporosas

nuvens as espargem para a terra, derramando de um vaso o delicioso nectar, licor balsamico — *a suave bebida dos deuses.*

*

* *

No painel traseiro, de bem salientado movimento, ostenta-se radiante uma mensagem celeste presidida por personagem, sentada num carro englobado em nuvens, com duas aves pousadas no hombro esquerdo; desce hieratica para uma officina de instrumentos bellicos, defensivos e aggressivos. Ao fundo da escada, que conduz á forja, de mescla com as cotas de armas e floretes, estão escudo, capacete, aljava e ariete de escalar muralhas; ao centro, um velho sisudo, de fórmas athleticas, firma o Brasão nacional para cuja defesa, como Chefe de officina, se dispõe ajudar ao fabrico das armas — é Vulcano, (*Héphaistos*) o «gram ferreiro que obrou»

«Do enteado as armas radiantes».

— Na lição mythologica, Venus a formosa, acompanhada das suas Graças e do dilecto Cupido, apparece, por vezes, descendo do Empyreo ás ilhas de Lipara, de Lemnos e ao fundo do monte Etna a solicitar de Vulcano e dos Cyclopicos ajudadores (Brontes, Stergoes, Pyracmon...) tão valiosa cooperação para o inexpugnavel equipamento dos seus entes mais queridos. Mais graves, porém, que os Cyclopes, eram os filhos de Héphaistos, para com este, na faina do seu trabalho, aguardarem o advento da radiosa Aphrodite, servida pelas enlevadas Kharitas e escoltada pelo seu brando Eros.

Os forjadores delineados, neste abysmal episodio, trajando o *exómias* do seu labor officinal, Genios do fogo subterraneo cujo sanctuario era tambem localizado proximo de Lemnos, Imbros ou Samothracia, são oriundos de Vulcano; e, como taes, dever-se-lhes-ha chamar *Cabiros* — não são Cyclopes. O inventor tentando, por certo, soberanizar a acção, eliminou a todos o deprimente olho testeiro, que ridiculamente distingue e caracteriza esse famoso cyclo figurado, a que o Titan Prometheu — roubador do fogo celeste — se affirmava pertencer.

Bem distincto entre as grandes divindades do Olympo era Héphaistos para que o pintor imaginoso deixasse de allegoricamente fazer do divino metallurgo dos raios de Jupiter o campeão attento do Reino lusitano.

Em sinal da sua animosa possança, não o ideographa como o Vulcano *Kulloipodión,* debil, afeado, tristonho (pelo que Hera, a iracunda Juno sua mãe, o fez precipitar do Empyreo, ficando *distortis pedibus*, κυλλοιποδίων — de κυλλός + πόδες). Sumiu-lhe o caracter disforme, o typo embryonario dos antigos modelos plasticos — concepção hellenizada do deformado Ptah

egypcio — para o jovializar como homem vigoroso, em toda a força da sua robusta maturidade, sem a macieza do *pilos* conico acobertando-lhe a cabeça, mas com a austeridade do seu cabello inculto, segundo se vê cunhado em moedas de Lipara... Um Tutelar condigno do Escudo, que a si conchega.

*

* *

No painel da portinhola esquerda ou da sella, sublime de invento e de composição energica, Neptuno, de tridente, e com sua esposa Amphitrite dentro de uma concha guiada por mão de mestre, ferem os mares tempestuosos, tirados por dois hippocampos.

Rompem a marcha os Tritões, soprando nos seus busios; e

«A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava»...

Acompanham-os varias Occeanatidas, trazendo uma dellas um *canistrum* regorgitando de viçosas e variegadas flores; aos lados, um castello com bombardas e o tope de um mastro de navio.

No plano aereo desta deliciosa marinha, no alto por entre nuvens, um carro e cavallos, tudo em chammas, transportam velozes o Nume, que parece presidir a esta scena agitada — deve ser Jupiter, o senhor do Ceu e da Terra.

*

* *

Na portinhola da mão ou direita, um agrupamento celestial, de espirituoso colorido, desce de um carro — thalamo ethereo — conduzido por irisados pavões; é Juno *Zycia* (fórma cultual, sob que era adorada, segundo Pindaro, a filha de *Zeus,* Rainha dos deuses e deusa das *prisões conjugaes* — de ζεῦξις, *conjunctio*).

— Justa era esta figuração symbolica em berlinda destinada a um cortejo matrimonial. —

Com o mais eleito da sua amoravel comitiva (a sacerdotisa Cryses e Deiopeia, uma das mais formosas nymphas) toda soberana e afanosa, vem dar ordens em prol da bandeira portuguêsa, empunhada por um Genio protector.

Era mister que o neto de Hypos, rei dos Ventos (Austro, Aquilão, Euro e Favoneo ou Zephyro) lhes corresse o ferrolho da sua prisão tellurica e os fizesse, desagrilhoados, bafejar a «leda lassa Frota», que

«Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota».

Tal é o assunto que, á direita baixa do plano, se acha descrito — fagueiro para Lusos e tremendo para estranhos...

«Ao grande Eolo mandam já recado,
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes
Que não haja no mar mais navegantes».

*

* *

No amago de toda esta condensada fabulação, transparecem dois conceitos visivelmente intentados pelo pintor ornatista — a encomiastica entoação de cantos epithalamicos allegoricamente votados ao consorcio de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Pedro II com a, tão esbelta quão prudente, Princesa palatina Sr.ª Dona Maria de Neuburgo — e o caloroso epinicio das muitas descobertas e conquistas, das repetidas e assinaladas batalhas, sempre operadas com a fé em Deus, as quaes então faziam de Portugal objecto de particular respeito. Tempo, em que, no convivio das potencias, ainda eramos um reforço de combate cujo concurso as outras nações solicitavam — haja vista, neste reinado, á porfiada guerra *da Successão,* em que a morte de Dom Carlos II de Hispanha (*el Hechizado, último rey de la casa de Austria, cuyo reinado condujo á España al último período de decadencia, por la ineptitud é incapacidad del rey para gobernar* — Morate) veio envolver uma grande parte da Europa.

Parece que até no proprio *azul celeste,* que tão risonhamente inunda os apainelados desta suavissima berlinda, se vê transluzir uma certa intencionalidade religiosa — a confiança na protecção do Ceu, pairando por sobre as glorias de Portugal e provando

«Que mais póde a Fé que a força humana».

*

* *

A fantasia inexgotavel, o rythmo do movimento, a unidade da impressão geral combinada com a variedade dos motivos, a vida exhuberante, o emprego caprichoso dos elementos tirados na natureza conscienciosamente observada, a linha expressiva das personagens, o ajustamento da acção mythologica ao espaço offerecido e o magistral avoamento das concepções allegoricas — todos estes caracterismas fazem do presente carro uma das mais attrahentes singularidades da polystyla collecção vehicular deste recemnato Museu.

Illuminada a jorro por um *azul de Céu*, cariz que fulge em cada um dos seus estrellantes paineis, evoca e aguilhoa-me o manifesto de um fundado reparo, tocante á sua pictorica estilização:

Pela segunda metade do seculo XVII, á influencia da escola francêsa do Norte havia-se juntado na Hispanha o influxo das escolas italianas, mórmente a de Sena (berço de uma infinidade de illustres em todo o genero, desde o Papa Alexandre III até o heresiarcha Socín) e a da bella *cidade das flores,* Florença (*Florentia* > *Fiorenza* > *Firenza* > *Firenze,* patria de Dante Alighieri — o pae da lingua italiana litteraria — onde, em commum, respiraram o bafo das musas Leonardo di Vinci, Miguel Angelo e Rafael, os tres grandes corypheus da Arte).

Nesse fim de seculo, tempo coevo á eclosão deste deleitosissimo carro nobre, Madrid tinha absorvido quasi todos os talentos; possuia um grande numero de artistas habeis, que deviam *a sua maneira* não tanto aos mestres escolhidos, quanto ao seu estudo fervorosamente feito sobre os grandes coloristas, como — Ticiano, que das suas Venus fazia mulheres reaes — Rubens, sempre brilhante pela fecundidade da sua imaginação — e Velazquez, o genio sevilhano de mais elevado expoente.

De toque espiritual e ligeiro, tinham todos o grande talento *da côr.*

Então, Carreño — de concepção velazquiana — primava pelo retrato, como Cerezo — de carnações á Rembrandt — se definia pelo fantastico das suas visões. Pintores houve, que notavelmente realçaram pelo espraiado do seu *azul especial.*

... Haverá, nestes factos, uma simples relação de synchronismo artistico ou qualquer liame de causalidade efficiente?

Coche D. Maria de Austria

Comprimento de eixo a eixo	$4^{m},65$
Comprimento maximo da caixa	$2^{m},60$
Altura	$2^{m},35$

Coche *D. MARIA DE AUSTRIA*

odo elle de mimosissima obra de talha dourada — um primor de *intaccatura* — e tejadilho de velludo carmesim, tem interiormente forro do mesmo estofo, realçado com galões dourados; illuminado a vidraças da Bohemia.

O mote ornamental nelle mais geralmente espalhado é o leão — symbolo *do Poder;* os raios das rodas, principalmente traseiras, são allegoricamente decorados á fórma de sceptros — o emblema *da Realeza.* Como synthese — *Poder Real.*

*

* *

Nos quatro angulos superiores da parte externa da caixa, assentam as bem figuradas quatro Partes do mundo, estando a Europa e a America á frente; a primeira, armada, de capacete, empunha um escudo, com uma cota de armas aos pés — o sinal do poderio mavortico; a segunda, diademada com pennas e plumas, descansa no dorso de um crocodilo (o pavoroso anthropophago do rio Amazonas), que aboca uma cara de typo humano.

Correspondentemente, nos montantes da traseira, nota-se a personificação da Africa, de elmo com nasal *de pobroscidio*, segurando um leão

enraivado (o rei dos bosques lybicos); em quarto e ultimo logar, encostando o pé a um turbante oriental, agita uma caçolêta com perfumes a figura da Asia, região eleita das fragrancias, pois

«Que os vizinhos da terra moradores
Do cheiro se mantem as finas flôres».

*

* *

Entre as figuras de entalhe espalhadas pelos intervallos destas quatro allegorias, distingue-se os Telamones ou Atlantes, que rematam os pilares centraes; sobresae, ao lado da Asia, e fazendo *pendant* com a estatua de Ceres, o deus dos campos que tange a sua frauta pastoril, feita com os caniços do rio Ladon — transparente allusão a um acto festivo.

— É Pan, «com a fronte cornigera», o hieroplypho de mais annotada comprehensão e vasta extensão, que as mythologias grega e romana rezam.

O rosto abrasado (*facies rubra*) significava o ether embraseado; testa bicornuda (*bina cornua*) a allegoria do sol e da lua; a pelle de panthera (*pantheræ pellis*) a variedade das constellações; o cabello hirto (*capillus hispidus*) as arvores, arbustos e feras; os pés caprinos (*caprini pedes*) representavam a firmeza da terra; a flauta de sete variados canudos (*fistula septem calamorum*) as harmonias dos Ceus, que os antigos contavam até sete; a mulêta (*virga recurva*) indicava o tempo, que gira sobre si; emfim, *omnimodamente* um *tudo* na mythologia romana (substancialmente perfilhada da hellenica) — pelo que os mythologos gregos lhe chamavam Πάν.

Personaliza, nesta acção, a homenagem festival ao acto memorando de umas nupcias, trazendo á ideia o preito, por assim dizer *plenissimo de toda a natureza,* pela variedade dos conceitos, que este symbolo condensa.

Por aquelles tão afeados attributos é que foi sempre descrita pelos poetas, como assombrosa, a presença do deus *Pan,* origem de um terror particular — verdadeiramente *Panico* pelo seu sempre horrifico aspecto, medonho por hereditariedade (já assim era Demagorgon, seu pae putativo — Δέμας, *corpus* + γοργόν, *horribile.* Uma tara ancestral).

*

* *

Immediatamente sobre o peitoril das quatro janelas menores, assentam quatro vultos de mulher, assinaladas com os attributos mythicos proprios dos Rios.

— Ou é mero devaneio ornamental ou conjugada symbolização dos paises unidos por um enlace matrimonial, aqui representados cada um por um dos seus mais caudalosos cursos de agua, como era de estilo — *Tejo* e *Elba*. É este o verdadeiro rio alemão, comquanto nasça no planalto da Bohemia (Austria), porque, navegavel em todo o seu curso medio e superior, tem por desembocadura um largo estuario no mar do Norte, que lhe faculta ser o primeiro porto commercial do imperio (Hamburgo).

*
* *

Nos paineis das portinholas, bem como nos almofadados deanteiro e traseiro, está insculpido o Brasão português rematado por uma corôa ducal (a donataria do coche era Archiduquesa); tem por tenentes dois Anjos e como supportes dois leões, leopardados, rompentes e coroados, como que defendendo aquelles e o Escudo, a que se acostam — dupla homenagem heraldica, ceremoniosamente exhibida pelo autor da composição.

Aos paineis lateraes das portas adapta-se um broquel ornamental, tendo inscrito um *M* floreteado.

*
* *

Nas figuras femininas collocadas aos quatro angulos do plano inferior do coche, salientam-se duas — á frente, do lado da sella, a musa Thalia, como Genio da poesia; á esquerda do apainelado traseiro, o Affecto, de coração na mão, tendo aos pés um cão, como hieroglypho da Fidelidade.

— Transluz, nestes symbolos, a *acclamação poetica do amor e da lealdade* esponsalicia, no enlace matrimonial a que o vehiculo se refere, como presente de nupcias.

*
* *

No alçado do jogo detrás, que tem na grimpa o dito *M*, timbrado por uma corôa archiducal, ha um conjunto de typos que, pelas cornucopias, palmas, corôas e caduceus que os ornam, evidentemente symbolizam a Abundancia, a Paz, a Providencia, a Gloria, etc. — conceito allusivamente repetido na ornamentação metallica, que mascára as quatro pégas dos correões.

O caracter ruidosamente festivo deste cortejo nupcial está personificado nos *Amorini* alados que, aos quatro lados do plano infimo do carro,

montados em cima de leões, rufando atambores e atabales, «festejam as alegres vodas».

*

* *

A pintura do almofadado traseiro põe em evidencia um côro de Anjos, o maior dos quaes, inebriado em prazer, annuncia o fausto consorcio de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom João V e a Sr.ª Dona Maria Anna de Austria, representado pela sorridente Nympha, que alevanta ao ar uma salva preciosa sustentando dois corações aconchegados, e pelo Serafim, que ostenta um escudinho de bronze, em cujo campo mal se encontram os vestigios do supracitado *M.*

O Genio, que abraça uma columna, é a Firmeza; a seu lado, um outro segurando um espelho oval — a Verdade; em seguida, um terceiro, encostado a um cão — a Fidelidade, olhando para um outro sentado num leão, que é — a Força. Minerva, deusa das sciencias e das artes, preside soberana a este gracioso concerto.

— Como symbolo, nada mais typico para fazer realçar o apanagio das virtudes que, quaes outras perolas, se engastavam na corôa desta Rainha.

Tão luzentemente ellas se reflectiram na governança do país, quando ficou á frente da publica administração pela ida de seu estremecido Esposo ao Alentejo (1716) e, novamente mais tarde, quando o Monarcha enfermou para nunca mais prosperar que,

«Se he certo que co Rei se muda o povo»,

de *bom* fá-lo-hia *melhor*, se por mais tempo esta Senhora lhe assistisse.

Assim a generosa Fundadora do convento dos Carmelitas descalços, alemães (dedicado a S. João Nepomuceno), ia exhuberantemente correspondendo aos traços biographicos dados pelo sabio jesuita Francisco da Fonseca que, na ida do Embaixador e no Real cortejo do regresso, foi de ambas as Personagens constante companheiro, como Procurador Geral da sua Ordem nas Côrtes de Lisboa e Vienna. Diz o abalisado Padre Mestre, em livro de 1717, dedicado ao Conde de Tarouca (*João Gomes da Silva*), que a Archiduquesa Dona *Maria Anna,* filha segunda na ordem do nascimento, *era na virtude, capacidade, modestia e formosura, sem controversia, a primeira; e excedia tanto as suas Irmãs, como o Sol excede ás Estrellas.*

*

* *

Este coche, restaurado em 1862 para o serviço do estado no casamento de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Luis, de grata recordação,

foi feito á ordem do Imperador José I, por quem foi offerecido a sua Irmã, a Archiduquesa de Austria, Sr.ª Dona Maria Anna, filha de Leopoldo I e da Sr.ª Dona Leonor de Alemanha, ao vir para Portugal, como Rainha, no anno de 1708.

Por esta procedencia foi rubricado sob a denominação — *D. Maria de Austria.*

— É contraditoriamente outro o appellido dado a este carro pelo douto Vilhena Barbosa no Tomo X do *Archivo Pittoresco;* chama-lhe *D. Mariana Victoria.*

Justifiquemos o que é nosso, sem desrespeito pelo nome alheio.

A formula augustiana — *Diligite homines, interficite errores* — é maxima aprendida em escolas, de que jámais me envergonhei.

Trata-se, é certo, de um Mestre — *Amicus Socrates, amicus Plato...;* mas *magis amica veritas.* Forçoso é tambem, por dignidade propria, não olvidar que o cathedratico ἄυτος ἔφη tumulizou-se com o metempsycosista Pythagoras, finado ha já quasi vinte e seis seculos. O proprio Summo Pontifice, quando ecumenicamente formúla dogmas ou dirime questões de Fé, tem de subordinar-se a determinadas condições organicas, para que o seu *Magister dixit* attinja a força regulativa de um Magisterio — *autentico,* que todos devem ouvir — e *infallivel,* a que todos devem aquiescer. Sem este palladio, o mais puro orthodoxo pode afastar-se do seu ensinamento, sem incorrer na conspurcada nota de heresia.

A indefectibilidade positiva da classificação, a que nos vinhamos referindo, liga-se solidariamente á inerrancia do tribunal *legitimo,* que haja de proferir o *veredictum* — que não é, nem o erudito Vilhena Barbosa, nem quem subscreve estas linhas, o ultimo dos seus respeitadores discipulos.

O *juizo historico* é, na verdade, um meio externo de saber, reconhecidamente legitimo; mas, para ter foros de autorizado e efficaz, não basta a *credulidade* de quem o ouve, é preciso a *veracidade* de quem o profere.

Ora, infelizmente, o sabio autor do referido artigo arredou-se da verdade, neste ponto, porque foi mal informado acêrca do monumento a classificar; aliás teria retrogradado uns vinte annos além, chamando-lhe da mesma sorte *D. Maria Anna de Austria* ou *D. Maria de Austria* como, por simplificação de nomenclatura, nós fazemos.

Barbosa — que, sem palrices desfundadas, era habitualmente de uma *reflexão critica* bem sazoada para buscar em fontes historicas *primarias* a base juridica das suas sentenças — falhou, nesta materia, por demasiada confiança no informante infidedigno.

E tão pèchosa foi a communicação feita a Vilhena que, mesmo em cousas notavelmente obvias, claudicou, fazendo dizer ao criterioso escritor *que o brasão de armas é de excellente pintura,* quando sempre foi, com o restante da sua almofada, completamente dourado — aurigi-

noso sem contestação — e que *nas portinholas avultam as armas reaes de Hispanha,* ao contrario das de *Portugal,* que um cego pelo simples tactear reconhece, pois estão insculpidas no bem salientado relevo do seu escudo elliptico.

Este coche nunca teve, em obra de pincel, senão o almofadado detrás e, nas ilhargas, uns painelinhos cimeiros triangulo-acutangulares, destituidos da minima significação heraldica ou symbolica allegorização.

Mais e peor.

Escreve ainda que, *entre os criados da Casa Real, corria a opinião de que este carro era de D. Manoel,* por causa do *M,* que o assinala nalguns dos seus paineis ou divisões da caixa. Totalmente outra a tradição *domestica.* Sempre, por uma corrente *antiga, unanime e constante,* lhe chamaram o *Vienna d'Austria.*

O coche, a que desajustadamente davam o nome de *Manuelino,* era o n.º 20 deste Deposito I — que, por motivadas razões inseridas no texto respectivo, agora appellidámos *D. Maria Benedita* — assim como sempre intitularam *dos Filipes* o carro nobre capitulado *D. Anna Victoria,* o qual architectonicamente irmana com os demais da sua sub-serie, *sempre* tradicionados de *hispanhoes* ou *filipinos.*

Com esta notação de *D. Manuel,* dada por um ou outro criado, pouco se affrontou sempre a *Intendencia das Reaes Cavallariças,* para a repellir por desapropriada, visto tratar-se de um carro completamente fóra da organização dos cortejos modernos, arrumado de vez desde data immemorial. *Vide* Nota 15.

E criados ha ainda, com um bom meio seculo de matricula, que bem de perto teem vivido ao lado dos coches, para saberem á justa quaes os nomes *officiaes* dos carros nobres, que entram na organização dos estados.

Mais por espirito de curiosidade, do que por necessidade de depoimento, cito quatro dentre os que me foram apresentados por meu bom irmão, Francisco Maria Pereira Botto, Fiscal das Reaes Cavallariças, que em zelo inexcedivel sabe sempre corresponder ao affecto, com que os seus Superiores o apreciam e distinguem. São elles: — o moço de estribeira, José Leal (80 annos de idade), que entrou para o serviço em 1840 — o moço de cavallariça, Joaquim da Silva, um macrobio de 103 annos, ainda tão *compos sui,* que confiadamente occupa o logar de porteiro do Museu — o fiel, José Barreto, septagenario, que começou a sua escala em 1854 — o cocheiro *da Pessoa* (assim chamado por só servir as Pessoas Reaes em estados de gala), com 71 de idade, o qual abriu o seu assentamento no anno de 1847.

Além de que (e isto principalmente), neste assunto, o verdadeiro canal da tradição onomastica, primacial, *declarativo* — o seu orgão selecto, *classico* — reside no Pessoal superior da Repartição, tribunal de cuja *au-*

tenticidade de testemunho eu jámais podia duvidar sem que, reprehensivelmente, lançasse um veu de desacato pelas suas *capacidade, sciencia* e *probidade historicas* attinentes ao facto em debate e, por sobre mim, ridiculamente, um outro de presumido, precipitoso e tresvaliado.

Nesta conglobada referencia, seja-me licito individualizar o nome de um velho General, zelosissimo Estribeiro-Menor recem-aposentado, praxista ferrenho, inamovivelmente adscrito ás formulas tradicionaes da Casa, que, em 1862, assistiu ao amanho deste carro para o casamento de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Luis I, de saudosa memoria — é o Sr. Joaquim Antonio Vito Moreira, com quem muito aprendi acêrca de antigas usanças na compostura dos estados e organização das jornadas Reaes.

Entre as causas externas dos erros (ou melhor *occasiões*) os mestres figuram, ás vezes, em primeiro logar, na ordem suggestiva do seu influxo pratico. Contra estes o remedio heroico é a duvida prudente — *cartesianamente* tal — e o eclectismo esclarecido.

Para que eu não ebanizasse o que é eburneo, nesta flagrante collisão de autoridades — o unico tribunal *autentico* e o Sr. Vilhena Barbosa — segui ajuizadamente o partido mais legitimo, na hypothese sujeita.

Assim, a adaptação do nome *D. Maria Anna de Austria,* ou reduzidamente *D. Maria de Austria,* ao invés de *D. Mariana* Victoria, consignado *loc. cit.* pelo nunca assaz encomiado escritor, não se ostenta com o simples paludamento da plausibilidade de uma *opinião;* acoberta-se com a egide de um caracter dialectico, assertorio, *definitivo,* uma vez que, com a diaphaneidade do cristal, flue do seio de um syllogismo, que nada tem de complexo.

Nestes termos, o titulo *D. Maria de Austria* só cessará de vingar quando — com descalabro de toda a Logica — o corollario ou *consequente* deixar de ser a propria these cuja verdade se pretende demonstrar.

*

* *

Até aqui apurámos que este é o coche pronubo da Esposa de El-Rei, o Senhor Dom João V, e não da do Rei, Senhor Dom José I; agora resta liquidar como devemos estrictamente appellidá-lo — *D. Mariana* ou *D. Maria Anna de Austria* e, portanto resumindo, *D. Maria de Austria,* consoante fazemos?

É um problema onomastico de pouca monta, isoladamente considerado; mas interessa sobremaneira e impõe-se solidariamente, quando se trata de justificar a nossa desunião radical (neste ponto) de um Mestre com o peso do Sr. Vilhena Barbosa.

Dispunhamos claramente a argumentação:

Contra o abuso lectico, que os escolasticos fizeram da arte syllogista com todo o seu apparato aristotelico — reduzindo-a, ás vezes, a um simples jogo de palavras (*nugae difficiles*), mais apto para deseducar o bom senso natural, do que para disciplinar o espirito philosophico — sobreveio a reacção dos tempos modernos, especialmente do seculo XVIII, proscrevendo absurdamente o *syllogismo,* pouco fazendo por differençar o *paralogismo* do *sophisma* e esquecendo com frequencia que ha sophismas *logicos* ou de ideias e *grammaticaes* ou de simples palavras.

Pelo que me toca, desejo ser fiel ás boas regras da dialectica sobria, começando logo terminologicamente por evitar, as chamadas *logomachias,* destrinçando bem o verdadeiro sentido de uns tantos vocabulos intervenientes.

Na antiga Roma, até o tempo do 21.º Imperador (o assassino e assassinado Caracalla — 211 de J. C.) e principalmente na vigencia da Republica, era tão commodo e luminoso, tão fóra das arbitrariedades e da fantasia dos paes a imposição dos nomes a seus filhos, que a mera prolação delles bastava para o desvendamento de uma arvore genealogica.

Usavam de *prenome, nome, cognome* e, ás vezes, *agnome* ou appellido.

Aproveitemos o pouco, que resta desta luz e perguntemos com toda a simplicidade e clareza: — No caso pendente, *Mariana* é um simples *prenome* ou é graphia errada, proveniente da adjunção de um *prenome* a um *nome,* isto é, das palavras *Maria Anna,* rapida, euphonica e synereseticamente pronunciadas?

Resolvida a questão para a Pessoa — sujeito da posse — resolvida fica para o coche — objecto possuido.

O criterio *primario* mais á mão, naturalmente indicado, seria a consulta da respectiva epigraphia funeraria, visto tratar-se de uma tumulização Real, que sempre, como é de ordem, superabunda em reconhecimentos officiaes.

Quis a Soberana Rainha ficar jazendo na capella-mór da igreja dos Padres de S. João Nepomuceno, aos quaes legou a sua valiosa livraria (a Filha primogenita de Leopoldo I era uma sabedora).

Em um sarcophago de marmore preto de Sintra (obra do *nosso primeiro estatuario Machado,* como, na sua *Descripção e Recordação historicas do Paço e Quinta de Queluz,* lhe chama o autorizado Marquês de Resende) dormente no dorso de dois possantes leões de lioz branco, com a celestial vigia de quatro formosissimos anjos, que mereceram o *laudo* da Exposição parisiense de 1867 — bellos em pedra como os da paleta de Raphael na sua *Madonna del Baldachino* da Galeria *Pitti* em Florença — foram, com effeito, depositados os seus restos mortaes, excepto o coração que, como a alma voara para o ceu, assim elle regressou para Vienna de Austria, devolvido a *Seus Augustos Paes,* a quem sempre vivera ligado com o

melhor das suas raizes, pulsando sempre com o mais intenso das suas fibras. *Ex filiali pietate erga Augustissimos Patres meos* — diz a verba testamentaria, com que a exemplarissima Senhora falleceu no *Palacio da quinta de Baixo* (Paço de Belem).

O remate deste mausoleu, estimadamente archivado no valioso Museu Archeologico do Carmo, depois do lamentavel desbarate do monumento, ao trasladar-se o corpo da Rainha para o chamado Pantheon ou Jazigo Real — onde pouco ficaram merecendo os despojos cinerarios, que a muito mais tinham optimo direito! — nada dissipa da presente obscuridade, visto como é absolutamente anepigraphe.

Apenas a deteriorada urna, tambem de marmore negro (a caixa tumular propriamente tal, prestes a estilhaçar-se, botada para um baixo desvão do antigo mosteiro de S. Vicente de Fóra!) na indigencia do seu ingrato desprezo, declara com extraordinaria singeleza que foi o primeiro leito mortuario da *Rainha de Portugal, Viuva do Rei João V*

Portugalliæ Regina
Joannis V Regis Vidua
Obiit.....

Nada mais accusa, senão a data do seu lutuoso passamento. Não tem o nome dAquella, que ali dormiu o primeiro somno da morte...

E melhor foi que o não tivesse!

Em tão penuriosas condições, era mister recorrer a outras fontes probativas e sufficientemente abastadas para o aclaramento deste problematizado assunto:

— O jesuita Padre Francisco da Fonseca que, nesta questão, é uma autoridade *primaria,* não só como *sabio* do seu tempo e Procurador Geral da sua Ordem nas Côrtes de Lisboa e *Vienna*, mas principalmente como relator *probo* da Embaixada do Conde Villar Maior (Fernão) a Vienna de Austria e da viagem da Rainha para Portugal — por fórma alguma podia ignorar o legitimo nome desta Senhora. Assim é que, a paginas 343, entre outras da sua *Relação,* lhe chama *Serenissima Archiduquesa Dona Maria Anna.*

— A recita intima, dada no Collegio Clementino de Praga (uma das principaes cidades da *Alemanha,* capital do reino da Bohemia) em preito de honra á passagem desta Princesa, teve por actores, não os comediantes de profissão, mas Principes *alemães* e outros Fidalgos *teutonicos,* que necessariamente deviam conhecer, melhor que aquelles, o nome da Filha de Leopoldo I, que se dignou presidir á alta sessão theatral.

Pois a tragi-comedia enscenada, que teve por thema panegyrico a exultação da Esposa *unida a João V,* cujos encantos só por Euphrosina, Thalia e Aglaia — *como Graças* — poderiam ser igualados, era intitulada *Gratiarum unio Anna ex Joanne.*

— Com um rasgo proprio do seu caracter e tradições, a Inglaterra ordenou ao Almirante Bings que equipasse uma armada para guarda de honra do navio, que havia de conduzir a Lisboa a nova Rainha de Portugal, querendo — por cumulo de homenagem — que o barco tivesse da Pessoa o nome, que bem conhecido devia ser.

Pois chamava-se *Real Anna* a nau, em que esta Senhora se alojou.

— É absurdo suppor que o Marquês do Lavradio e os Condes de Soure, da Ribeira Grande e de Povolide errassem o nome da sua saudosa Ama e Senhora, quando o seu cadaver ainda não esfriava de todo.

Pois elles, assinando o *Termo da Entrega* do corpo da Fallecida aos Carmelitas descalços do Hospicio de S. João Nepomuceno, legalizaram um texto official, que diz ... *Serenissima Senhora Raynha May Dona Maria Anna de Austria*... Consta da *Torre do Tombo.*

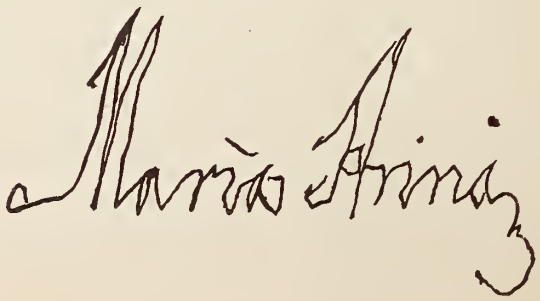
— Bem espoada me parece estar já a questão expendida; mas evoquemos, por ultimo, como argumento *proto-primario,* o testemunho da propria Rainha com a declaração dos *prenome* e *nome,* que seus Augustos Paes lhe consagraram — o que a ninguem é licito alterar.

No referido Archivo nacional, escrupulosamente resguardada, existe a expressão da sua ultima vontade, nitidamente consignada.

É escrita toda em latim pelo Padre José Riter, da Companhia de Jesus, excepto as ultimas doze linhas (latinas tambem), que são do proprio punho da Consorte de El-Rei o Senhor Dom João V.

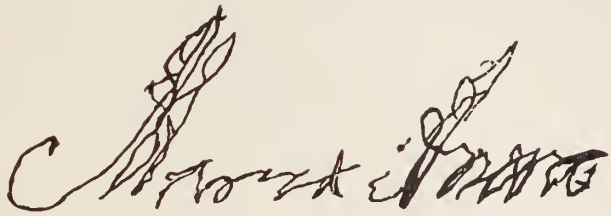
Este documento Regio tem um pequeno sêllo de lacre preto, timbrado com o sinete da Rainha — Escudos acostados de Portugal e Austria (campo, que deve entender-se de vermelho, faixado de branco ao centro). Os brasões são encimados por uma corôa Real — que não é o typo *português* da epoca joannina, mas visivelmente igual ao padrão, que faz o coroamento dos oito leões heraldicos, lavrados nos paineis, deanteiro, traseiro e das portinholas do carro nobre, que nos prende a attenção.

Ora, este publico instrumento, com data de 23 de outubro de 1753, começa por *Ego Maria Anna*... e termina pela assinatura da veneranda Rainha, que segue em *fac-simile* — já denunciante da tibieza, propria de uma idade provecta.



— Na *linea 2.ª* do codicillo appenso, lavrado em *Beleem, in Palatio 24 July 1754,* lê-se novamente a formula do estilo — *Ego Maria Anna,* autenticada, como abaixo se vê, pela mão assaz indecisa de uma quasi moribunda. Tremia... como já lhe tremiam os poucos dias a viver!

Quasi já nas vascas da morte, por tres vezes, avançam os dedos exanimes desta santa Mulher para lançar á escrita o primeiro ramo da letra inicial do seu *prenome Maria,* como, por duas, vacilla na inscrição do *A* do seu *nome* — *Anna.*



Taes são os ponderosos motivos, por que sempre chamei a esta Senhora Dona *Maria Anna* e não Dona *Mariana.*

Tratando, portanto, de simplificar o registo do coche de sua pertença esponsalicia, não pequei, denominando-o *D. Maria de Austria,* mas erraria de todo o ponto, se houvesse estampado, na cabeça deste artigo, o nome — *D. Mariana.*

*

* *

Estas declarações nada fazem desillustrar a singular autoridade do culminante praxista, Sr. Vilhena Barbosa.

— Num artigo das *Artes e Lettras,* escrito a proposito da legenda arabe insculpida no cofre da Sé de Braga, o Sr. Augusto Soromenho aventou, com demasiado espavento cathedratico, umas tantas illações historicas absolutamente destituidas de base acceitavel, porquanto o *Seyf addoulah* (سيف الدولة) da inscrição — ou *Espada do imperio* — é um simples agnome, *communmente* usado nas regiões muçulmanicas, onde muita gente é assim *insignificativamente* chamada... como, entre nós, ha muito *Conde,* que nunca o foi e muito *Duque,* que bem o desejaria ser — meros appellidos de familia).

E o abalisado Lente do Curso Superior de Letras em cousa alguma desmereceu no prestigio academico, que o recommendava aos seus proselytos.

— O Mestre dos mestres, Sr. Alexandre Herculano, apresentando, no volume II da sua *Historia de Portugal,* um mal traduzido texto arabe, tirado da *Historia dos Almóhades* por Abdaluahide, fez errada-

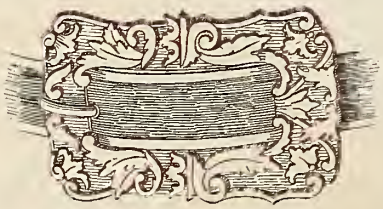
mente crer que a tomada da مدينة شلب (cidade de Silves) fôra anterior á conquista da fortaleza طُرَّش (Torres Novas), quando o texto da lição diz positivamente o contrario e a sabia autoridade do grande historiador mahometano Ibn Alathir ensina manifestamente o inverso. E, todavia, o plintho gigantesco do inspirado autor da *Harpa do Crente* — o solitario de Valle de Lobos — em nada abateu da sua briosa majestade.

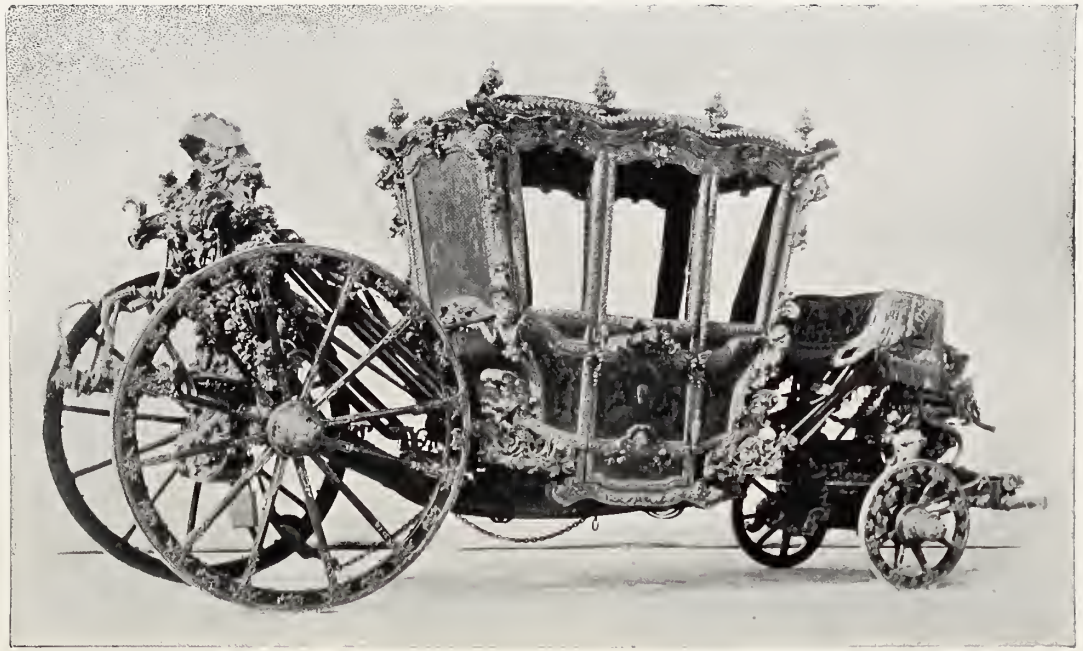
— No excellente manancial de *Geographia* arabiga de Ibn Saíde (tão applaudido pelos escritores, que se haviam occupado do periodo arabe da Hispanha, como exaltado por Almacrí no seu *Analecto* historico-litterario), a secção, que se occupa do Reino de Lisboa — o qual com o de Beja, Silves e Badajoz compunha o Andalús occidental — offerece: um livro فى حلى مدينة اشبونة (sobre a cidade de Lisboa); outro فى حلى قرية القبذاق (sobre a aldeia de *Alkibdzak* — Alcabideche); um terceiro فى حلى مدينة شنترة (sobre a cidade de Sintra); o quarto فى حلى مدينة شنترين (sobre a cidade de *Chenteryn* — Santarem).

Estes oraculos de primeira estirpe algo ampliam e retraem certos passos historicos ou descritivos, nalgumas das Memorias até aqui publicadas, respeitantes á epoca mourisca destas povoações; e, não obstante, nenhum dos respectivos monographos jazerá desvirtuado no justo conceito dos seus apaixonados sequazes.

Como o Sol nada perde com a momentaneidade de um eclipse, assim o nome do fallecido Vilhena Barbosa nada se empana com a turvatura deste pequenino parenthese.

Seria mesmo estolida incoherencia da minha parte agora refutar para *destruir,* e logo *construir* invocando. É uma autoridade de fina tempera que, com um trabalho sempre indefesso e consciencioso, passou a sua vida na inteira popularização e patriotica glorificação das cousas portuguêsas.





Coche D. José I

Comprimento de eixo a eixo	$4^{m},25$
Comprimento maximo da caixa	$2^{m},25$
Altura	$2^{m},30$

Coche *D. JOSÉ I*

odinatura similar do coche *D. João V* (como convinha ao primeiro carro nobre de um Afilhado de Luis XIV) — quiçá delle deduzido, ou immediatamente inspirado, como aquelle, no *carrosse chef-d'œuvre* que, em 1722, transportou Luis XV á grandiosa ceremonia da sua sagração religiosa.

Tejadilho com maçanetas e pregaria de metal dourado; no centro da copa, em alto relevo de brocado a ouro, assenta o Escudo coroado de Portugal em fundo

«De cetim da Adriatica Veneza,
Carmesí, cor que a gente tanto preza».

*

* *

Nos jogos, deanteiro e traseiro, a ouro e vermelho, por entre multiplicadas grinaldas de flores em obra dourada de talha, divisam-se umas cabeças fantasticas, de ademanes accentuadamente americanos.

— A America então, como fecundo manancial das nossas principaes riquezas em ouro e diamantes, devia naturalissimamente estar na viva imaginação de todos, argentarios e artistas.

*

* *

Nas almofadas de ambas as portinholas, firmam-se as Armas do Reino, tendo por apoios dois Anjos alados, que as engrinaldam de flores e vicejantes ramagens.

No alçado do jogo traseiro, ha um côro de anjinhos com asas de phalena, enramados com «os dões que dá Pomona», borboleteando por entre flores; um delles, ao centro, olha absorto para uma aguia aberta — emblema do poder — *que vê e domina de alto.*

— Do VI para o V seculo antes da era vulgar, na abundancia das suas riquissimas imagens, no meio das suas ousadas metaphoras, como brilhante recheio de um estilo sempre potente e fogoso, já o principe dos poetas lyricos da Grecia, Pindaro, allegoricamente bradava, nas suas tersissimas odes, que *uma só aguia era capaz de pôr em movimento um sem numero de outras aves* — εἷς μυρίους ὄρνιθας ἀιετὸς σοβεῖ.

*

* *

No apainelado superior desta secção architectural, em pintura de genero, encarregou-se o artista de pôr em realce a estrangulação de um leão por braço destemido de homem,

«... a quem do peito esforço creçe
Como a Sansam Hebreo da guedelha».

Comtemplam-no outros com suas mulheres numa scena campezina onde, no plano infimo, se sobresalta um cão pela denodada attitude do diligente lutador.

Paira nas alturas

«Hũa nuvem, que os ares escurece».

— Já no tempo do poeta Callimacho (seculo IV a. C.), o leão era adoptado como symbolo da força invencivel, *que sobrepuja a valentia das outras feras.*

Meio seculo antes da era christã (pelo menos) já tambem a literatura latina havia consagrado o uso deste hieroglypho, porquanto o erudito e elegantissimo poeta Lucrecio, confessando a impetuosidade do leão, declara-o — *difficil em sofrear as ondas da sua colera* —

... in primis vis est violenta Leonum;
Nec capere irarum fluctus in pectore possunt.

Pois, sem embargo disto, na arrojada concepção da tela, vem descrita a *braveza da fera, esganada pelo pulso de um homem!*

*
* *

Estes dois symbolos — a esculptura de uma *aguia* e a pintura de um *leão* — entraram por certo na technica artistica da traseira do carro, como base de uma alta allegorização pessoal.

Nota-se na esmerada fabrica deste coche, defrontado com outros, uma symbolistica extensivamente pobre, mas intensamente rica.

O reinado de El-Rei o Senhor Dom José I é com razão considerado como a epoca da Restauração literaria em Portugal; e, todavia, ornado de profusas allegorias, é o coche *D. João V*, que mais resalta pelos encantadores perfis das suas solemnissimas Minervas.

Neste carro nobre, porém, um unico pensamento superior se desvenda, desentranhando-se por entre borbotões de flores e catadupas de ouro; no painel traseiro, a traço de mestre, e na cabeceira do respectivo alçado, de bem lavrado entalhe, ideographa-se a solidaria conjugação da *vista perscrutante de uma aguia* com uma *força tão rija, como a do leão.*

Presumo nisto a typificação de uma grande personalidade (contemporanea e já historica) — o famoso estadista Sebastião José de Carvalho e Mello, peregrina intellectualidade, de glorias como as de um Sully de Henrique IV ou de um Colbert de Luis XIV (mesmo para aquelles que ao discricionario ministro chamam despotico, violento e, por vezes, cruel...). Tinha, com effeito, a vista altaneira da *aguia* e o musculo capaz de exhaurir a arremettida de um *leão,* porque dotavam-no a altivez e implacabilidade de Richelieu, a subtileza e astucia de Mazzarino, a obstinação e audacia de Alberoni.

Para a bem librada objectivação deste significativo ideal, eu creio arreigadamente na existencia de um previo concerto, celebrado entre dois grandes plenipotenciarios da Arte, o allegorista e mythologista pintor Volkmar Machado e o erudito, poeta e *imaginario* Machado de Castro — entalhador em chefe no tempo de El-Rei o Senhor Dom José I e intimo do futuro Marquês, seu omnipotente ministro.

Sebastião de Carvalho sonhou com o Bispo de Luçon, Cardeal Richelieu (conselheiro de Luis XIII, continuador da obra do letrado Luis XI) o archetypo moral do seu engenho e energia.

Pouco lhe importava de — com mão de ferro — haver de mandar executar o Duque de Aveiro, o Conde de Atouguia, os Marquêses de Tavora e incinerar outros, embora só effigiados, como o protegido de Maria de Medicis houvera feito ao Duque de Montmorency, ao Conde de Chalais, ao Marquês de Benuron e aos Duques de Vendôme e de la Valette, comtanto que pudesse clamar, como elle: — *Quand j'ai tout examiné, tout pesé, je marche droit au but; je fauche tout, et je recouvre tout de ma soutane rouge.*

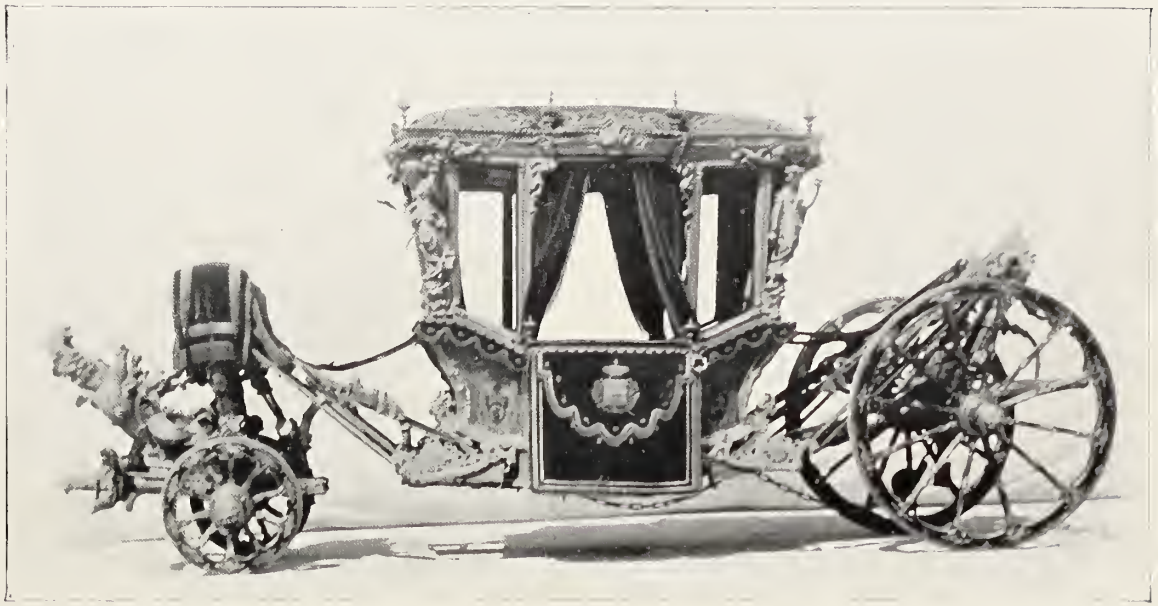
Com todo o seu talento e varonilidade fitava o nome de Commines, insinuante guia de Luis XI, sem se horrorizar ante as decapitações do Duque de Nemours e do Conde de Saint-Pol, uma vez que ao passarem, ainda com arrancos estertorosos! os despojos palpitantes das suas victimas, elle pudesse, num rythmo sinistro, bradar aos ouvidos de todos com voz cavernosa: — *Laissez passer la justice du Roi.*

(Mas a sua vida ennodoada pela sombra de grandes males, foi tambem mundificada pelo esplendor de grandes bens).

— Por sobre as ruinas dos privilegios aristocratas e coarctação das regalias municipaes mirou, como Richelieu, á consolidação do poder Regio na Pessoa do Senhor Dom José I — Soberano que, fendendo a tradição politica dos seus antecessores, tanto dos direitos majestaticos repartiu com o destemido Conde de Oeiras, como, quebrando a ininterrupta tradição religiosa, tanto facilitou a germinação das ideias encyclopedistas.

Não foi, porém, preciso aguardar as opportunas providencias adoptadas pela emocionante catastrophe de 1755, nem espreitar os ultimos lampejos da sua missão reparadora durante esse periodo, historicamente fecundo, de 1769 a 1773 (caracterizado pela transferencia da Inquisição em tribunal regio, pela reforma da Universidade de Coimbra e pela abolição da escravatura no reino) para bem definir o *Grande Marquês,* perfilando-o syntheticamente apenas em dois traços physionomicos — *vista de aguia e força mais que leonina.* Por influxo da Rainha, Viuva de El-Rei o Senhor Dom João V, nomeado logo Secretario de Estado dos Negocios da Guerra e dos Estrangeiros, o *liberal* de Metternich, o *tyranno* de Lafayette era já assazmente conhecido como *aruspice* de vasto alcance e *operador* de animo resoluto.

Já, portanto, em 1750, começo do reinado do Monarcha *Restaurador,* havia os ultra-necessarios dados historicos para que Volkmar Machado e Machado de Castro pudessem concertadamente engenhar a composição symbolistica do coche de um Rei cujo principal acto — propria, directa e exclusivamente emanado da sua vontade — havia sido o chamamento do diplomata de Londres e de Vienna aos exalçados conselhos da Corôa.



Coche Papa Clemente XI

Comprimento de eixo a eixo	$4^{m},60$
Comprimento maximo da caixa	$2^{m},35$
Altura	$2^{m},25$

Coche *PAPA CLEMENTE XI*

tambem conhecido pelo nome — *D. Fernando*, porque foi este Monarcha que o mandou restaurar por completo, em 1845, para servir na funcção baptismal da Serenissima Infanta a Senhora Dona Antonia e retocar, em 1858, para o cortejo do consorcio de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Pedro V com a Princesa de Hohenzollern-Sigmarigen, Sr.ª Dona Estefania.

Foi offerecido pelo Soberano Pontifice Clemente XI *(Albani)* — de Quem, mais tarde, herdou o nome — por occasião de haver mandado de presente a Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom João V, as *Faixas Bentas,* offertadas a seu Augusto Filho e immediato successor, o Principe Senhor Dom José.

— As *Fascie benedette* foram instituidas, em 1592, pelo Santo Padre Clemente VIII *(Aldobrandini)* para regalo das Côrtes mais intimas da Côrte pontificia, Austria, França, Hispanha e Portugal, como prenda de baptizado dos Senhores Infantes, *principalmente* Primogenitos.

Era a symbolica perpetuação de uma antiga usança, em virtude da qual alguem entrava nos laços *cordiaes* da intima compaternidade, quando

offerecia as faixas (*fascie*), em que seu filhinho fôra embrulhado (... *quanti ne diveniva il compare*... — como diz o sabio Moroni). É assim que, no fim do seculo VIII, o Papa S. Paulo I nos apparece *compadre* de Pépin de França, ao offertar-lhe este Rei os panos com que, depois do baptismo, fôra enfaixada sua filha Gistana.

*

* *

Bom é proseguir um pouco nesta ordem de ideias historico-hieroglyphicas, para que a definição da *importancia tradicional* deste carro nobre fique bem comprehensivamente determinada e bem constituida a altura do extrinseco valimento deste importante coche papal, de requintado merito architectonico:

A faixa ou *zona* militar (ζώνη) era a antiga distincção do soldado imperial e o symbolo da virgindade da nubente (*zonam solvere* para Catullo e Ovidio significava *entrar na vida conjugal*), como era o cingulo da castidade do monge; a *fascia* era nos povos da antiguidade o hieroglypho de um perpetuo affecto e o sinal de uma federação politica, como nos ricos era o cinto, donde pendia a bolsa do premio justiceiro ou da esmola condolente. Eis a base archaica, onde o Papado, no fim do seculo XVI, foi buscar o fundo historico para a instituição das *Fascie benedette*, como significação allegorica do parentesco, da pureza, da profissão na milicia christã, da rectidão e da misericordia.

As *faixas* — que, no sentir do autorizadissimo Gaetano Romano, foram primitivamente *strincie di drappo, o di pano lunghe e strette, le quale avvoltano intorno a chichesia, la legano e stringono leggermente e che parimenti si dice di tutte le cose, que circondano e defendono l'altre* — eram, nestas offerendas Reaes, uns panos preciosissimos, orlados de mimosissimas rendas, com illuminuras mysticas, ás vezes recamados de ouro, scintillantes de altas pedrarias, abrangendo até prestimosos objectos dedicados a varias outras pessoas, de algum modo relacionadas com o acto lustral — como, no caso em analyse, está o assoberbado coche de que nos occupamos e, nas *Fascie preziose* para o Primogenito de Francisco I de Austria, está a propria capa para a parteira, consoante é expresso no n.º 2:158 do *Diario di Roma* de 1795 (... *un manto reale... ricamato d'oro pell' ostetrice con le armi del Papa e dell' imperatore*...).

O *donativo delle sagre Fascie* foi estreado pela França com o nascimento do Delfim — Filho de Henrique IV (o querido do povo, mas o assassinado de Ravaillac) e de sua segunda mulher, Maria de Medicis (a exilada da Côrte) — mais tarde Luis XIII (o tutelado de Concini); da

mesma sorte que o primeiro Monarcha português que, na sua recemnatividade de 1690, as recebeu do Santo Padre Alexandre VIII (*Ottoboni*) por intermedio do Prelado Mgr. Tanara, foi o Senhor Dom João V, segundo genito e segundo do nome, mas o successor de El-Rei Senhor Dom Pedro II pelo fallecimento do primeiro Senhor Infante.

— O terminante *exclusivismo* desta oblata aos *filhos Herdeiros dos Reis,* affirmado pelo autor da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza,* é menos exacto — ... *ai reali infanti, massime ai primogeniti de' sovrani*... — diz o classico Moroni — autoridade *proto-primaria* no assunto, porque é *vaticanense*, com a alta qualidade de *Primo aiutante de Camera di Sua Santità Gregorio XVI* (*Capellari,* † 1846).

Por baseados nesta documentação *official* é que tambem recusamos a denominação de *Arcebispo de Nicea* dada ao portador das referidas *Faixas,* Monsenhor José Firrao, recebido na *Audiencia de Formalidade* a 23 de julho de 1775.

Quando Monsignor Giuseppe veio *per rallegrarsi col re Giovanni V del nato principe,* trazendo as *ricche e preziose fascie,* era *visitatore apostolico dell' Umbria e Marca* (a antiga *Macarska,* na Dalmacia-Veneziana).

Recolhendo a Roma, depois desta superior commissão da Santa Sé, (...*poscia*...) foi nomeado Nuncio para a Suissa (...*agli svizzeri*...); e só adveio *a Lisbona,* como Arcebispo Titular, para supprir a ausencia de Mgr. Bichi.

Se — mesmo nesta occasião — se deva chamar-lhe *de Nicea,* ou se *da Nicomedia,* isto é, se o Titulo *in partibus infidelium* era *de Isnick* ou *de Isnikmid,* é questão dispensavel, comquanto de algum modo complementar.

No immenso pelago dos factos historicos e onomastica local só está isento de risco quem jámais calaphandrou estes abysmos, por vezes insondaveis; nem eu — que, como homem, tambem não sou inerrante — busco incoherentemente desasar uma autoridade, que tantas vezes acato nos seus vôos de chronista — o autor da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza.*

*

* *

Conceituado o monumento pela sua alta significação historica, computemos-lhe agora a sua subida valorização artistica, deduzindo-a da technica constructiva e decorativa, que tanto o excepcionaliza.

O tejadilho, como que sustido no ar por oito Anjos com asas de phalena, é de velludo carmesim agaloado a prata dourada e bem assim as maçanetas, que o ornamentam.

De almofadas e pilares dourados, com os jogos encarnados realçados a ouro, é o unico carro circuitado, a meia caixa, por um guarda-lama de velludo tocado a ouro, como o *D. Filipe II* fôra por um equivalente de coiro.

*
* *

Ao centro dos quatro lados da cornija, adaptam-se outras tantas cartelas (*cartouches*) — simples enfeite, sem a minima relação heraldica com o brasão de Armas do Papa Clemente XI cujas peças honorificas eram — uma estrella de oito pontas no chefe do escudo, partido em faixa, com uma montanha no campo inferior.

O typo italiano do escudete, que ellas emolduram, como o que vem incluso nas carrancas, que servem de plintho ás quatro Partes do mundo, assinalam tão sómente a nacionalidade do artefacto offerecido.

*
* *

As portas — verdadeiros varandins para quem *ia á estribeira* — são apenas vedadas por bambinelas de velludo e *grembiále* do mesmo estofo com a corôa portuguesa ao centro em brosladura de alto relevo; tudo orlado a ouro. Uma bella expansão dos *Carrosses* á Henrique IV — o pomposo vencedor de Mayenne e promulgador do celebre edito de Nantes.

*
* *

Finge ser tirado por dois hippocampos (verdadeiros euphemismos de entalhe, porquanto trazem borlas em vez de patas hippicas), os quaes, atrelados ao jogo deanteiro, arrastam uma concha, em cujo alçado assenta a almofada do cocheiro.

*
* *

Nos angulos da frente, erguem-se: — á direita, a figura da America, de carcaz ás costas, de flecha e arco, tendo aos pés uma cabeça europeia, troncada e settada; á esquerda, a Africa, de capacete com nasal *de proboscidio,* de cornucopia e ramo de palmeira, descansando um dos pés em despojos africanos (pontas de marfim).

No apainelado correspondente, a ouro e azul, desenha-se um triumpho allegorico, de que são pregoadores dois emissarios, guias celestes de «Phlegon e Cyrois», que

«..... vinhão tirando
Cos outros dois o carro radiante».

Portugal está representado, nesta apologia, pela Corôa — timbre do grupo divinal, que enche o painel — e pelo *Dragão* subjacente, que symboliza

«As Portuguesas forças costumadas
A derribarem quanto achão adeante».

— Apollo (tão grandiosamente concebido por Delacroix nas suas allegorias do triumpho da luz sobre a treva, da vida sobre a morte) é, nesta rhythmica melodia, o accento mais dominantemente marcado.

Transparece victorioso, na miniatura, como o *Kallinikos* vencedor da serpente Python ou o *Boedromios* defendendo o seu apollineo sanctuario contra as furias dos Gaulêses. Respira o santo orgulho do triumpho, em attitude repleta de movimento, de physionomia serena e attitude refulgida de majestade — insuflado talvez por esse bello typo plastico das galerias do Vaticano (até Winckelmann, visto como a obra prima da arte antiga, e agora intemerariamente reconhecida como replica romana a um modelo do quarto seculo antes de J. C., obra genial de Lysippo, emulo do ephesino Apelles, na côrte de Alexandre Magno).

Pintado com predilecção, todo *de azul sobre ouro,* em carreira vertiginosa, aereo, impõe-se-nos sob o dual aspecto de Apollo *Nomios* ou deus *Pastor* (Νόμιος) — pelo arco que empunha, ostentando-se — pela lyra, que embraça — como Apollo *Lyraktypo* (Λύρα + κτύπος, *lyram pulsans*) ou deus dos *Canticos harmoniosos* e das *Luctas musicaes,* a que o *Hymno homerico* (xx) tão gloriosamente se refere.

Nada, a meu ver, de mais *mansa* e *harmonicamente* apotheosado para hypostasiar a procedencia papal deste decoroso donativo e o *entono epico* da historia de um povo, que com elle ia ser presenteado na Pessoa do seu *magnanimo* Rei.

*

* *

A vidraça do almofadado traseiro é ladeada pelas figuras symbolicas: da Asia, á esquerda; da Europa, á direita —

«..... da Europa Christã a mais alta e clara
Que as outras em policia e fortaleza».

A primeira está coroada de flores e frutos, erguendo para o ar um ramilhete da mesma composição botanica; segura um thuribulo, com que

esparge aromas, firmando um dos pés num turbante asiatico, á laia de tamborete.

A segunda, de corôa real moderna, empunha tambem o corno da abundancia (o κέρας Ἀμαλθείας da mythologia grega) e pousa o pé esquerdo num elmo de ouro, fechado, á antiga, tarado de frente em attitude *Real;* na mão esquerda, por sobre um veu, segura a tiara pontificia em cima de uma corôa radiada, realçada com pontas de ouro, a qual parece *inclinar-se, subjugada com o peso da primeira.*

— Não se diga gratuita por insolita a figuração symbolica, que avento. No seculo XII (historicamente o mais memoravel de toda a idade-media, propriamente dita) o Pontifice Celestino III — a Quem, por haver confirmado a Ordem militar dos Cavalleiros teutonicos, o norte da Europa deveu o salvamento da sua civilização — depois de haver firmado a corôa na fronte de Frederico I, derrubou-lh'a, afastando-a por fim com o pé, para ritualisticamente affirmar com esta cerimonia o seu celestial poder de *coroar* e *descoroar* os potentados da terra.

(Muito ha de *maravilhoso,* é certo, na historia deste Barbaroxa, de cuja morte por tempo se duvidou, como da de Carlos Magno dos Francos, da de Dom Sebastião de Portugal e da de Carlos o *Temerario* de Burgonha; mas a citação adduzida não está criticamente catalogada no grupo das varias lendas germanicas, que anuviam esta semi-fantastica personagem).

A tiara pontificia allude, neste coche, á alta categoria do Offerente (Papa Clemente XI); a corôa radial refere-se á alta esphera politica da Pessoa (Rei Dom João V), a Quem foi offertado o carro nobre.

É, pois, verosimil que a *disposição relativa* destes dois symbolos realengos envolvesse algum pensamento occulto, finamente intencional.

Era então ainda profundamente acatada a formula governativa do — *Per me reges regnant;* os Reis eram *Eleitos do Ceu.* O Senhor Dom João V, radicando a tradição politica dos seus antecessores, como Monarcha fidelissimo de *Direito divino,* curvava-se, é certo, perante Roma, reverenciando-lhe o seu eminente poder; mas tratava-a diplomaticamente, como um verdadeiro Rei que era, sem jámais perante Ella se desviar um apice das suas altas regalias majestaticas. —

O Marquês de Penalva, para bem frisar, na sua *Dissertação a favor da Monarquia* (1799), o caracter sacro da Realeza, aproveitou, em seu prol, a seguinte quintilha de Francisco Sá de Miranda:

A dignidade Real,
Que o mundo a direito tem
Sem ella ter-se-ia mal.
He sagrada, e não leal
Quem limpo ante ella não vem. —

Em tudo tão fidalgamente cerimoniosa a ornamentação deste carro, que até nas mascaras dos quatro correões veem estampadas as Armas de Portugal com o collar de Christo pendente.

*
* *

No jogo traseiro, ha um agrupamento mystico representativo da Religião e Caridade. O primeiro conceito, concretizado numa mulher sisuda e de idade que catechiza e afaga uma criança, domina o cabeçal do alçado; o segundo é personalizado, ao centro, pelo menino que segura e mostra um coração flammejante.

As tres primeiras columnas, em talho de mulher, á esquerda do visitante, (não rigorosamente *Canephoras*—κανηφόραι—porquanto falta-lhes o κάνης, cesto ou açafate, mas em funcção dellas) representam successivamente:—a Primavera, coroada de flores, erguida num pedestal e o Verão, todo enfeitado de espigas; a seu turno, o pomifero Outomno, que está repleto de uvas. Na direita, á fórma de Atlante ou Telamone, um typo de homem avelhado, com abafo na cabeça e de *focus* aos pés (a braseira romana), personifica o Inverno.

Á concha maior do jogo deanteiro correspondem uma outra menor no jogo detrás e as que, de metal, em miniatura, repetidamente ornamentam as fivelas e passadores dos correões.

*
* *

Na pintura do almofadado desta secção, resplandece

«..... a linda esposa
De Neptuno, do Ceu e Vesta filho».

Assentada num hippocampo, dentro de concha que goteja agua, vem

«Anfitrite fermosa como as flores»,

cuidadosamente mantida por um cortejo de Tritões e «aquaticas donzellas», ás quaes

«Coração move subita alegria
Saltando co a mistura dagoa fria».

Tudo de envolta em fantasiada ornamentação *Renascença*.

—Estudadamente parco o sequito thalassico da esposa de Neptuno, como convinha ao tom circumspecto de uma oblação pontifical.

Na arte classica, como na mythologia sabia, Amphitrite filha do Occeano, e Poseidon rei dos mares teem um cyclo eleito, que lhe é comitiva de apanagio.

Irrompe do cavo das ondas um mundo de seres fantasticos que, em turbilhão, fazem gritadora escolta á concha, que arrebata os Numes: — centauros marinhos espadanando com suas largas barbatanas, touros que bramam, dragões que silvam, capros que balam (cujas fórmas terrestres se hybridam com elementos colhidos no seio das aguas), guiados ás vezes pelo doudejante Cupido, que em tudo impera, etc.

O mythographo, porém, adstringiu-se ás graciosas Nereiadas, aos clangorosos Tritões e ao veloz *hippocampo* (assim idealizado na fervida intelectualidade dos Gregos pela analogia do ar e andadura do cavallo com a linha flexionada das vagas, com as suas crinas de escuma e com a sua rapida ondulação — de ἵππος, *cavallo* + κάμπος, *cetaceo*).

— Á mesma opportuna congruidade se subordina a modalização decorativa, que embrenha o thema descrito e que rendilhadamente suaviza todos os almofadados do coche, moldurando-os com ambagiosa delgadeza.

Foi, é certo, a cidade de Florença e não Roma que, com afan, tomou parte directa na ovulação da *Renascença* italiana; mas é justo não olvidar tambem que a vista contemplativa das grandiosas ruinas das margens do Tibre potentemente influiram na imaginação sensacional dos artistas do tempo, dispertando-lhes na alma o amor da gloria e favorecendo, no escopro e na palheta, o culto do antigo. A Brunelleschi e a Donatello facilitou a Côrte pontificia, o estudo afincado das velhas fórmas da arte romana, com que estes genios impulsionaram a torrente caudal das suas altas concepções e abriram desafogadamente aos vôos arrojados da arte mais rasgados horizontes.

No tempo do Soberano Pontifice Nicolau V (*Parentucelli,* seculo XV) — no campo do Bello artistico, o verdadeiro rival dos Medicis, que teve a paixão dos livros e o encanto das construcções — é que Roma attingiu de novo o apogeu da sua Arte.

Este auxilio cordial, completado, no seculo XVI, com a fecundissima tutela dos Papas Julio II e Leão X (*Della Rovere e Medici*), era então um dos deveres do Santo Padre, ao qual quasi não podia eximir-se sem prejuizo da sua autoridade particular, e até mesmo do seu poder ministerial.

E, pois, perfeitamente cabida a estylização *Renascença* na pintura de um carro *di apparato,* offerecido a um alevantado Monarcha, que, tanto do seu intimo, ia incrementando o fomento da arte portuguesa.

Memoria de uma revolução artistica e quiçá inspiração de um estimulo.

*

* *

Como symbolistica, bem póde neste paradoxal conjunto de *Apollo* e *Amphitrite* desvendar-se a *solemne acclamação* das repetidas *glorias navaes* de Portugal.

Já então o Santo Padre devia esperançadamente confiar no valente auxilio dos Portuguêses contra os Turcos na futura defesa da ilha de Corfu e no soccorro de Veneza, em que a mesma esquadra dos Condes de Rio Grande e S. Vicente tanto se cobriu de louros — mórmente nas lutas do Cabo de Matapan.

Tão penosa era esta empresa, que foi instantemente solicitada por dois *Breves* dirigidos ao Monarcha; por um á Rainha, e outro ao Infante Senhor Dom Francisco, como intercessores; e tão estupendo o seu effeito bellico, que foi laudatoriamente agradecido tambem por um especial *Rescrito* apostolico.

*

* *

Carro nobre muito adequadamente escolhido para a estrondosa entrada do primeiro Eminentissimo Patriarcha de Lisboa, Senhor Dom Thomás de Almeida, conduzindo-o de S. Sebastião da Pedreira a Santa Martha; donde depois, segundo o ritual estabelecido, seguiu para a sua cathedral.

Se é certo, que este coche — nobilissimo até a propria ornamentação dos aldrabões — conduziu a Rainha *Piedosa* na sua primeira visita officialmente feita aos trabalhos *conventuaes* da Estrella, de sua fundação, não menos exacto é, que da *symbologia* do coche n.º 3, justificadamente intitulado *D. Maria I-A*, se conclue (como averiguámos) haver sido o carro deste nome propositadamente mandado fabricar para o esplendoroso cortejo da *sagração* da Basilica.

Tem sido sempre o vehiculo predilecto das altas funcções religiosas. Muito tempo appellidado pela historica denominação de Coche *das Bençãos*, começou probabilissimamente a ter o nome de *Papa Clemente XI* só depois de 1798, como se apura em uma das subsequentes Notas.

Berlinda (procissional) Nossa Senhora do Cabo — A

Comprimento de eixo a eixo	$2^{m},85$
Comprimento da caixa	$0^{m},85$
Altura	$1^{m},55$

Berlinda *N. SENHORA DO CABO—A*

machineta (assim chamada antigamente) deste numero e a do n.º 13 são vehiculos festivaes destinados ao *Cirio* ou romaria de Nossa Senhora do Cabo do Espichel, cuja grandiosa festa era celebrada neste promontorio — o *P. Barbaricum* da velha geographia ou o *Finisterrae* da região da Arrabida que, alta e esguia, se intromette pelo oceano a dentro, nas alturas da «piscosa Cizimbra».

Como defesa natural da nossa costa maritima, é esta abrupta mansão umas das sentinellas mais avançadas — *adonde havia de ser doblado de puro senzillo el culto,* como na sua *Europa Portugueza* mysticamente diz o dulciloquo Manoel de Faria.

*

* *

A berlinda liturgica em questão, de bellissima talha dourada, tem pintados, nos paineis do seu rendilhado embasamento, os seguintes sym-

bolos, concernentes a umas tantas estrophes consagradas á hyperdulia da Virgem: — á frente, um *Sol* e uma *Lua* (*Electa ut sol — Pulchra ut luna*); do lado da mão, uma *Casa* e uma *Torre* (*Domus aurea — Turris davidica*); na traseira, uma *Estrella* e um *Espelho* (*Stella maris — Speculum sine macula*); do lado da sella, uma *Rosa* e uma *Haste* florida (*Plantatio rosae — Virga Jesse*).

— Por certo, os versiculos de preferencia entoados pela fé ardente dessa populosa procissão, constituida a principio (1429) pelos devotos de trinta freguesias do termo de Lisboa (chamada, por isso, dos *Saloios*) até chegar, em cirio, ao local do piedoso santuario.

Era um pequenino eremiterio (jacente no espinhaço do brumoso Cabo) com esta invocação pelo menos desde 1428, segundo se deprehende de uma *Carta de dotamento* do Cavalleiro Commendador de Cezimbra e Ourique, Diogo Mendes de Vasconcellos, a cuja Casa pertencia antes de ser cedido á Ordem de S. Domingos. Caloroso alvo da religiosidade dos Senhores Reis Portuguêses, teve um culto formalmente organizado na vigencia de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Pedro II por meio de *Breve* pontificio, mandado executar em 1697 pelo Arcebispo de Lisboa Senhor Dom Luis de Sousa, em homenagem á *Festa grande* de Nossa Senhora do Cabo — Virgem que tão decantada foi pelo veneravel Bartholomeu do Quental (fundador da Congregação do Oratorio), pelo padre Manoel Bernardes, seu autorizado membro e famoso lustre, e pelo facundo padre Antonio Vieira cujas lides apostolicas, politicas e literarias ainda, a esse tempo, estrugiam o mundo.

*

* *

O estilo architectonico deste carrinho muito bem se compadece com a era de 1740, em que a Confraria, reduzida a vinte e seis freguesias do arrabalde da cidade, resolveu não festejar em commum, mas individualmente por sédes parochiaes, deliberando a de Terrugem pôr em berlinda a pequena Imagem, que andava arrecadada no thesouro, chamado vulgarmente a *caixa da prata*.

É mesmo naturalissimo que esta esbelta machineta fosse dadiva de El-Rei o Senhor Dom João V, como expressão de mais um dentre os muitos votos religiosos que, por esta epoca, fizera pelo debellamento do terrivel morbo que se lhe annunciara e que, impossibilitando-o, de todo o consumiu em 1750.

Não menos verosimil é que a sua primeira restauração houvesse tido logar em 1770 (vigesimo anno do reinado de El-Rei o Senhor Dom José I), quando coube á freguesia de Nossa Senhora da Ajuda realizar os festejos do estilo, sob a Presidencia ou Juizado de Sua Altesa o Principe, Senhor

Dom José (então de nove annos) Filho do Senhor Dom Pedro e da Senhora Dona Maria Francisca (Rainha *Dona Maria I,* em 1777) — perpetuando-se assim a requintada devoção de seu Avô o Monarcha *Reformador* que, mais de uma vez, com a Real Familia e Côrte foram ás estridentes festas do Cabo, assinalando-as tambem com as profanas tauromachias, tão apaixonadamente proprias dessa epoca.

— O anno de 1770 é, no reinado deste Soberano, o periodo salientado de uma singular reviviscencia religiosa pelo restabelecimento das amigaveis relações entre as Côrtes de Lisboa e Roma (por dez annos interrompidas) e pela impetração e successiva erecção dos cinco novos bispados — de Penafiel, Beja, Castello-Branco, Pinhel e Aveiro.

*

* *

Ás ricas baixella, paramentaria e mais adereços, offertados pelos Senhores Reis Dom João V e seu successor, Dom Pedro III e Dom João VI — cuidadosamente acondicionadas sob o provado zelo do Rev. Thesoureiro das Reaes Capellas, Conego Antonio Maria de Almeida — correspondia uma vistosa equipagem, tradicional usança na maxima parte conservada pela Casa Real Portuguêsa, em cujo Chefe Augusto reside o Juizado perpetuo desta festividade.

Com effeito, ainda hoje (comquanto se não vá já em romaria ao Cabo Espichel) esta berlinda, no transporte processional da Senhora de freguesia para freguesia, é tirada a quatro muares, com tronqueiro e sota, ladeada por quatro criados a pé, vestidos de gala *á antiga portuguêsa,* munidos de brandões accesos.

*

* *

Remata por quatro misulas, onde assenta o coxim, que supporta a corôa — *Real* — pela Casa, a que o vehiculo pertence e pela Personagem, que figura transportar.

No cabeçal do pequeno alçado deanteiro, a aguia firmada sobre uma colgadura, annuncia a Virgem, como Mãe *benigna* de corredemptor influxo.

— Á imitação da Lacedemonia, a proposito do mythico sacrificio de Helena, em cuja defesa, correndo veloz, uma aguia veio arrebatar o alfanje prestes a degolá-la (...*aquila devolans sacrificuli gladium abripuit*... — segundo diz Pierio Valeriano), assinalaram os Romanos a esta ave mais uma virtude hieroglyphica — o symbolo da *Benignidade.*

Como estes, tambem ás vezes a symbolistica do primevo Christianismo adoptava o *mesmo emblema* para representar a protecção *benigna*

de Maria, *suspendendo*, em prol de seus filhos, o *gladio* da morte causada pelo peccado, no modo de dizer figurado dos ascetas.

*
* *

Em tudo symetrica á sua homogenea *B*, pela sua superioridade architectonica servia á conducção da Senhora, de Belem para a freguesia onde devia recolher; como a sua similar *B* servia ao cirio, desde Porto Brandão até o Cabo do Espichel.

*
* *

Inscritas, com a *C* do Deposito II, sob a denominação de *Berlindas dos Cirios,* no Inventario das Reaes cocheiras *do Calvario* que, baseado em antigos registos, data de 1833, não devem confundir-se com os chamados *Carros triumphantes* (pertença do mesmo apparato liturgico) dos quaes, ainda em 1863, fala o cadastro das cocheiras *de Belem.*

Eram — consoante me informam — uns carros fantasiosos, armados *ad hoc* sobre velhos rodados ou leitos de coches apeados, onde, por entre uns acastellados de nuvens, iam sentados em diversos planos os coros de Anjinhos, que abrilhantavam o acto processional, figurando (creio eu) os Anjos e Archanjos, Cherubins e Seraphins, Dominações, Potestades e Virtudes que, segundo a linguagem mystica da Igreja, constituem o celestial cortejo da Virgem, no throno do Eterno Padre.

Carro Triumphal — C

Charga da sella

Comprimento de eixo a eixo	$4^{m}.50$
Comprimento maximo da caixa	$3^{m},10$
Altura da caixa	$2^{m},65$

Carro TRIUMPHAL — *C*

s carros heroicos (*A, B, C*) desta sub-serie — expansibilissima evocação do *Currus Triumphalis* romano, que topicamente descrevemos em a Nota 1 — estão distribuidos segundo a importancia decrescente do seu apparato architectonico.

O primeiro *A* totalmente uma verdadeira scintilla aurea; este e o seu consocio *B*, dourados nos jogos e de velludo vermelho na caixa, eram mescla fulgurante de ouro e carmesim. É como quem diz: — reverbero de luz e fogo, que em tudo chammejava. Tal foi o reinado do Senhor Dom João V, a que remontam (sem que houvessem sido feitos para uso deste Monarcha).

— Estes famosos coches (que portentosamente constituem a mais peregrina amplificação do carro *A*, da *simples Enviatura* Mello e Castro á Côrte pontificia, em 1709) tiveram a sua ruidosa estreia, não por occasião do consorcio de El-Rei o Senhor Dom João V, mas oito annos depois, em 1716, com a *imponente Embaixada* do Marquês de Fontes, D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes á Côrte de Roma. Assim irreclamavelmente o denuncia Luca Chracas, no seu *Ragguaglio del Sontuozo Trene*

delle Carrozze con cui andò all' Udienza L'illustrissimo ed Eccellentissimo Signore Don Rodrigo Annes de Saa Almeida e Menezes, Marchese di Fontes... Commendatore di S. Pietro di Faro... Ambasciatore Straordinario appresso la Santità di Nostro Signore Papa Clemente XI (In Roma, MDCCXVI).

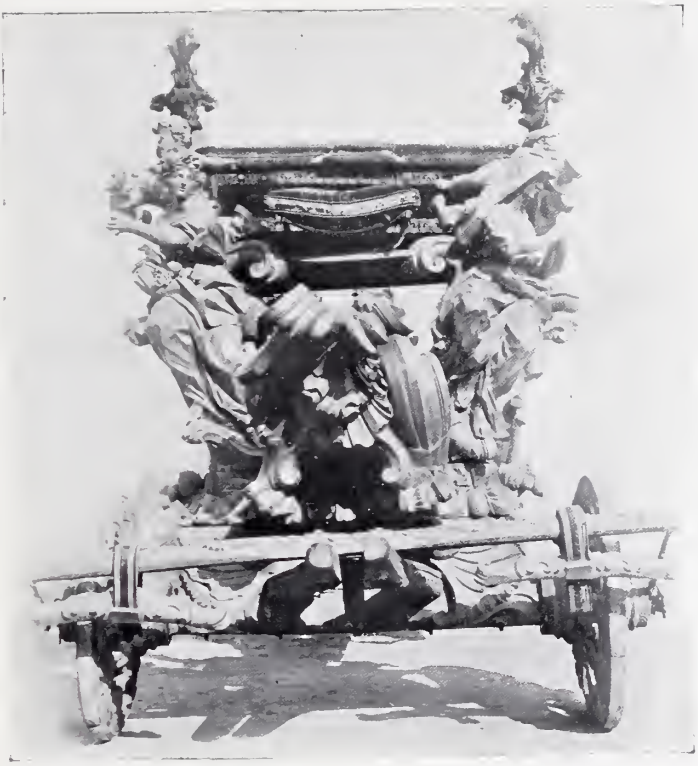
Tornando extensivo a estes carros nobres o principio de denominação geralmente adoptado, deduzido do nome da Personagem, para *cujo serviço o vehiculo foi construido*, devem ser appellidados — Coches *D. Rodrigo de Menezes* ou *Marquês de Fontes*. Por fórma alguma o nome de El-Rei, nos termos em que tradicionalmente se mantem apposto ao n.º 15 do Deposito I.

Jamais a Soberana Majestade deste Monarcha toleraria que a sua olympica Pessoa desprestigiosamente se sentasse em carros de proposito feitos para um Fidalgo que, comquanto Marquês de Fontes e Conde de Penaguião, era um Gentilhomem da Real Camara, serviçal, portanto, de El-Rei, seu Amo — e que se chamava *Dom João V*. Era o espirito da epoca. O *ápriorismo* deste coherentissimo escrupulo acha-se *á posteriori* corroborado pelo apprehensivo melindre, com que D. Luis da Cunha, em carta de Fontainebleau (a *Fons Blaudi* — patria de Henrique III e Luis XIII, celebre como *rendez-vous de chasse* desde Luis VII) com data de 2 de outubro de 1724, dizia para Diogo de Mendonça Côrte Real, *1.º Secretario de Estado de Sua Magestade,* ao remetter um coche: — *...não é indigno; nem eu, nem pessoa alguma se sentou nelle; sahio... para embarcal-o...* (*Vide* — Tomo XXII das *Cartas para a Côrte,* no Archivo da *Torre do Tombo* e, na *Academia Real das Sciencias,* Tomo I das *Cartas do Conde de Tarouca,* copia da que, de Utrecht em 1713, elle escreve para o *Estribeiro-mor,* Duque D. Jayme: — ... *O coche pode ser digno daquella fortuna, porque eu não entrei nelle nem se poz no jogo mais que para embarcar-se e, antes que se acabasse, lhe mandei pintar as Armas Reaes*). Não é indifferente salientar que a data desta estreia (1716) é *termo,* arithmeticamente falando, de uma *crescente progressão* pragmatica, a que os annos — 1713 a 1724 se referem, como *extremos* citados.

Mas o caracter excepcional do monumento reclamava uma denominação tambem *sui generis;* são, por isso, classificados como *Carros Triumphaes,* em recordação do acto *triumphosamente* apparatoso, para que foram fabricados em Roma.

Muito consideradamente, pois, se houve a *Illustração Portugueza* — que, em toda a parte do mundo sabio, é um repositorio de arte — chamando-lhes, no seu n.º 94, de 21 de agosto de 1905, *Carros Triumphaes da Embaixada D. Rodrigo de Menezes.*

É a primeira vez que esta intitulação apparece a lume, colhida em notas obsequiosamente ministradas pela Repartição das *Reaes Cavalla-*



Carro triumphal — C

Alçado deanteiro

riças, havia pouco tempo organizadas pelo obscuro autor deste modesto *Promptuario.*

Nesta opportunidade, apraz-me com particular reconhecimento registar que á reconhecida competencia dos seus letrados redactores mereceram ser approvadas as denominações comprobativamente dadas a outros vehiculos nobres — alguns dos quaes as não tinham.

Em nada, portanto, este desprendido glossario literariamente menoscaba a legitima prerogativa, que a citada *Illustração* formula contra qualquer tentame de *reproducção de artigos insertos,* no corpo das suas interessantes publicações.

E com sobrado motivo. A contrafacção do escrito ou de qualquer obra de arte é sempre uma usurpação literaria ou artistica, que a Justiça não póde absolver. Se as *ideias* não são pertença do autor, a *fórma* que lhes deu na expressão, constitue o seu *trabalho,* a sua *propriedade.* Todos os direitos, originarios ou derivados, como parte integrante da personalidade humana, são inviolaveis. O Direito não póde permittir lesões.

Nem, por outro lado, o acreditado *Periodico* maculou a pertença de posse exclusiva, que á Casa Real assiste, baseada no registo official de todas as suas photographias e bilhetes postaes sobre *Museu dos Coches* (mobiliario e tecto) — tudo habilissimamente preparado pelo artista-amador belenense, Sr. João Inacio Leal Junior — visto como a reproducção feita pela referida *Revista* foi generosamente precedida de Superior e especial consentimento.

*

* *

O coche em descrição, assim como o seu homogeneo *B,* tem rodados flammejantes iguaes, *gradinos* fixos ao centro parallelamente aos assentos, caixa e coberta exteriormente forradas a velludo com recheadas applicações de passamanaria elegantemente lavrada (fig. 11). A capa interna é de telina vermelha dourada, com sanefados e cortinas de correr; tejadilho *volante,* com pilares topetados por vasaria, que era semelhante á dos seus *parelios B* e *C* — descrita em *A.*

— A desadaptação desta especie de cobertura foi, ás vezes, usada mesmo em actos solemnissimos, taes como cortejos nupciaes, entradas publicas, etc., sendo então as Damas resguardadas do sol por chapeus ricamente ornamentados, sustidos pelos moços da Camara. Haja vista ao estado organizado pelo consorcio do Senhor Dom Affonso VI com a Sr.ª Dona Maria Francisca Isabel de Saboia, recopilado em a Nota 5, substancialmente em harmonia com os termos descritivos da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza.*

*
* *

As portas deste, como as do carro *B*, são sobremaneira excepcionaes pelo seu particular feitio de só abrirem por dentro com um tirante subtilmente ajustado.

No jogo da proa as escoras da boléa para o eixo teem, nestes tres coches, a patilha justaposta ao aro da boca, da mesma sorte que no carro hispanhol *D. Filipe II.*

*
* *

Ao lyrismo da consagração historica ideographada no alçado da popa deste carro epico corresponde o ceremonioso cortejo das quatro Estações, allegoricamente representadas por outras tantas mulheres, de conscienciosissima realidade anatomica, esculturadas em tamanho natural.

No jogo de deante (fig. 12), mantendo no ar o cocheiro, postam-se avante duas Quadras do anno, as mais sisudas e modestas, protegidas cada uma pelo seu Genio ou Vento propicio, animado com asas de phalena — o *pomifero* Outomno e o *inteiriçado* Inverno; a primeira coroada de frutos; a segunda, abafada, aquecendo-se a um *focus* ou *braseira* da usança romana.

*
* *

Á popa (fig. 13), tuteladas tambem pelos respectivos Genios, as duas Estações mais sorridentes e pomposas — a Primavera, á esquerda, toda enramilhetada de frutos e flores e o Verão, á direita, perenne de espigas de trigo — presidem, gratas e reverentes, ao desenvolvimento da acção terminal. Em baixo, sobre golphinhos, aproximam-se

«Dous homẽs, que muy velhos pareciam
De aspeito, indaque agreste, venerandos»;

dão-se intimamente as mãos, como se fossem da mesma grei ou de antigos laços.

«Dambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e ervas tinha»

— são plantas aquaticas (como seres marinhos, que eram) compondo com tão distincto *lemniscus* os visos desses soberanos, que montam em carro de tão veloz curso.

«Hum delles a presença traz cansada
Como quem de mais longe ali caminha»

Carro triumphal — C

Alçado traseiro

— é o velho *Oceanus occidentalis* ou *Atlanticus* que, admirado por não ser o unico na vida dos Mares, estreita a si o novo *Oceanus orientalis* ou *Indicus*.

*

* *

Ao centro do alçado, *due Amorini* (dois Anjinhos alados), affectando ser as Intelligencias dos dois Polos — o Genio boreal e o Genio austral — amparam um mundo,

«Este globo de Ceres e de Neptuno».

Personagem mystica, de archaica nudeza, surge por detrás delle, empunhando uma lyra, prestes a acompanhar

«Melodia sonôra e concertada
Suave a lettra, angelica a toada».

É Apollo *Lyractypo* e não, por elle mandado, seu filho Orpheu cujo dedilhar brando e amigo deslocava os rochedos e suspendia o curso dos rios; figura «o eterno lume» um Sol, que desponta ou Phebo, estendendo o claro manto

«Pello escuro Emispherio somnolento».

Symboliza o pregão redemptor da

«.....Lei certa que insinou
O claro descendente de Abrahão».

— O mytho de Apollo — nascido, segundo a tradição homerica, ao recatado abrigo da palmeira de Delos e logo pedindo a sua mãe Latona uma lyra para, no instrumento por excellencia da musica melo-dorica, descantar os verdadeiros designios de Ζεύς (Jupiter, seu pae) — o nume das harmonias e brando guia do coração das Musas (*Musageta*, Μουσαγέτας), o soberbaço guarda do antigo sanctuario de Pytho, que podia insuflar aos homens o dom lucifero da prophecia (*Phebo* — Φοῖβος) foi para a exagitada imaginação grega uma origem infinitamente rica de varias e brilhantissimas lendas.

O *Lyractypo* apresenta-se-nos, neste episodio ornamental, consoante adveio idealizado á guindada concepção do transcendente inventor, isto é, como sendo o *Delphinio-Alexicaco,* exornado com a sua chlamide pythica, deus *solar,* esbelto, *radiante,* protector da vida do mar, dotado de força immensa, mas cuja acção *benefica* podia tambem *afastar* da humanidade

decahida os males punitivos, que pelo *seu lapso* a ameaçam, da mesma sorte que, ás frechadas, logrou subjugar essa prodigiosa serpente gerada pelo limo da terra, depois do diluvio de Deucalião — Python, cuja pelle hirsuta ficou sendo o velamento fatidico da tripode dos seus oraculos.

(Δελφίνος, de δελφίς, *delphim* — peixe; e Ἀλεξικακός de ἀλέξέω ou ἀλέξω, *remedio* + κακός, *mal*).

São tres phases do mesmo mytho, allusivamente aproveitadas pelo engenhoso ideographista destes carros de *Triumpho*.

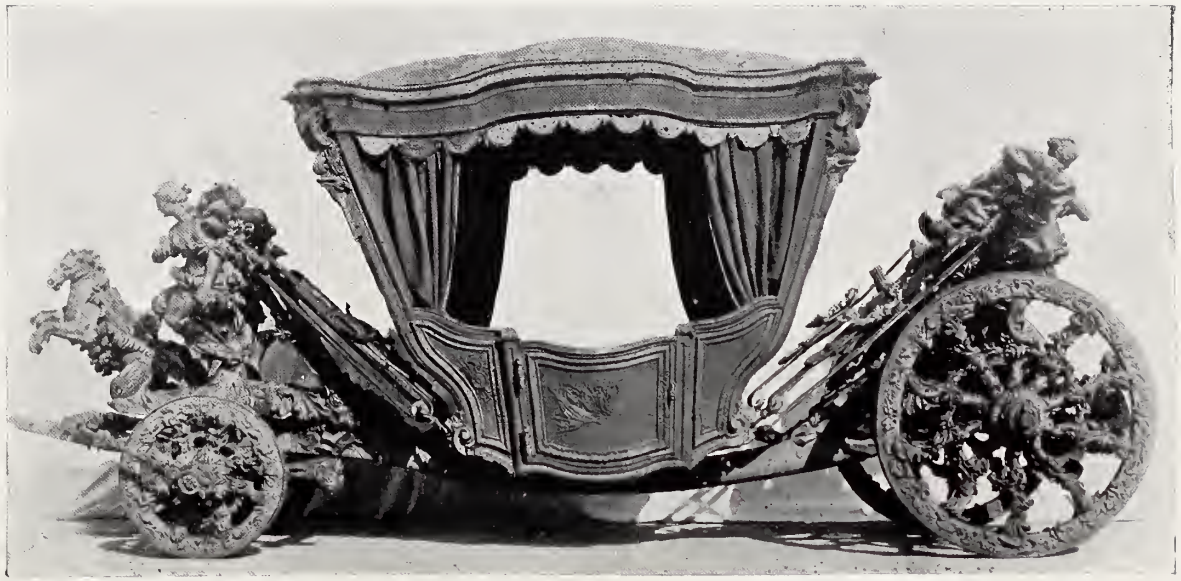
*

* *

Assim como as esculturas estatuarias do primeiro coche desta serieção *Triumphal* glorificam a *Navegação* e *Conquista* e as do segundo allegoricamente expandem o ambito do mesmo ideal, manifestando a derrocada de tanta gente barbara pelo esforço titanico da potente Alma portuguêsa, assim este symbolisticamente exalta o fecundo manancial do *Commercio do Oriente* e o civilizador missionamento da *Luz do Evangelho*.

No solidario acareamento dos tres epopeicos carros ostenta-se a brilhante exultação de um Povo glorioso e a majestade olympica de um Rei de byzantino apparato, Chefe prestigioso de uma raça,

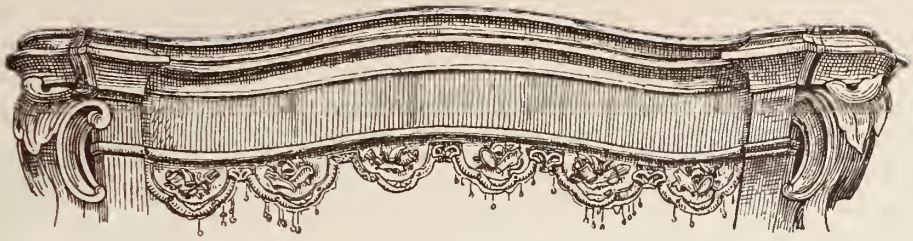
«Que dá á terra Lusitana Scipiões
Cesares, Alexandros e dá Augustos».



Carro triumphal — A

Ilharga da sella

Comprimento de eixo a eixo	$4^{m},95$
Comprimento da caixa	$3^{m},10$
Altura da caixa	$2^{m},50$



Carro TRIUMPHAL—*A*

esde os seus preciosos fivelões até as suas mais grandiosas allegorias iconicas, estes coches heroicos (*A, B* e *C*) estão para os restantes da sua consociação, como um sol para outros astros cujos é centro de gravitação e brilho.

O deste numero (fig. 14) é todo de caixa exteriormente forrada a tisso de ouro liso e internamente de ouro lavrado. A coberta e sanefados tinham applicações em relevo de cartesana e bem assim os seus quatro grandes paineis, cujos centros eram cheios por trofeus de armas faiscantes de ouro, com arietes e balistas, maças e cornetas, couraças e peitoraes, arcos e flechas, aljavas e outros petrechos bellicos de povos barbaros. Com atabales ou atambores repartidos por entre ramos de carvalho (que significam a Valentia) eram os de louro (que symbolizam a Victoria).

Tudo, no soberbo vehiculo, proclamava o alto poderio da nação, grande na terra como nos mares; assim falavam o tridente e ancora, os remos, proas e lemes, que se viam na composição de algumas das suas primitivas panoplias.

*

* *

As grandes superficies lisas, mas rutilantes de brilho maior, que

«Espelho de aço ou de crystal fermoso»,

faziam do corpo central desta sumptuosa machina um vasto oceano de luz aurea de feerico apparato, transformando todo o carro com os pagens que o rodeavam, numa como que imaginosa constellação, descida dos espaços aereos para vir rodar por sobre a terra.

*

* *

Os pilares são superiormente arrematados por carrancas de adrago, chimericamente lançadas como se fossem as gargulas de um majestoso edificio — outros tantos capiteis, sobre os quaes se erguiam vistosos trofeus de armas.

A coberta era orlada por festões de flores e caprichosos cogulhos ou avolutamentos vegetaes, lembrando a expansão franca das folhas de acantho em columnas corynthias — o mais nobre de todos os membros architectonicos na composição dos templos, dedicados ás grandes divindades olympicas.

No seio da cornija, que os architravava, figuravam: um elmo implumado; do outro lado, um turbante com pennas de airo (emblemas de uma *Realeza* com vasto poderio *oriental*).

Interiormente, a meio do tecto, a consagração heraldica deste *Triumphal* era affirmada pelas Armas do Reino em *cartellami à gran reliero,* tendo como postes de homenagem variados embandeiramentos, fixos aos cantos por meio de hastes de lança.

O Escudo nacional e com elle todo o fantastico monumento que timbra, eram, por assim dizer, vigiados por um empavorido diptero,

«Que a vivos medo e a mortos faz espanto».

Estava retouçado, solerte, num monte de armas maritimas e terrestres, ao meio da parte externa do tejadilho, de envolta com ramos de carvalho que vinham morrer aos angulos da coberta — fusilante de ouro, espinhaço serrilhado, lingua e cauda armadas em dardo, olho de azeviche, orelha enristada, boquifranzido de sanha, com garras aduncas, mirando tudo enviezado...

— Era o *Brasão* symbolico da Serenissima Casa de Bragança, estemma quasi falante de uma gloriosissima Dynastia. —

A estampa seguinte mostra os restos desmouchados do sedeudo drago, de todo esfolhado da sua mavortica touça, tal como se encontrava ainda por 1880. Já cabiscaido, mas ainda enviperado no seu officio de sobrerolda!

— Remonta ao seculo I de J. C., aos tempos do imperador Trajano (cujas qualidades guerreiras e intellectuaes tão celebradas foram num dos

Carro triumphal — A

Dragão do tejadilho

panegyricos de Plinio, o *moço*) o uso do Dragão — *Draco* — como insignia militar. Foi apropriado dos Dacios conquistados, que o usavam na sua milicia, montado no topo de uma haste com guelas de prata e recamos de pelles ferinas, dando-se aspeito de serpe horrorosa, que com o vento se movia e sibilava para terror do inimigo.

*
* *

O persevão e degraus deste aurinitente vehiculo são apavimentados a marfim com arabescos de preto, dispertando-nos na mente os burilados do *Currus eburneus* dos invictos generaes romanos, levados em triumpho até as asas do Capitolio.

Sobre elle assentam dois banquinhos em meia lua, giratorios, permittindo-lhes collocação em frente das portas, que assim ficavam com vistas de opulentos varandins.

Sem vidraças (mais com ares de tribuna, do que de coche) era apenas vedado por meio de riquissimas cortinas, com sanefados de bambolinas a tisso de ouro e gorgorão de seda amarella.

*
* *

O nobilissimo coche finge ser tirado (fig. 15) por um brioso hippocampo (o *equusbipes* do carro marinho de Neptuno e Proteu), adestrado com barbatanas de Pistris e cintado de um *encarpa* ou cordão de flores e frutos, conduzido por um maduro Sileno bellamente lavrado, o qual, todo belfo e giboso, lhe vae apontando o caminho,

«O corpo nu e os membros genitais
«Por não ter ao nadar impedimento».

E marcha todo enfitado com grinaldas, como se fôra um dos convidados para as famosas bodas de Pirithoo e Hippodamia!

— Nesta poetica allegorização, que se irradia até as carrancas de golphinho e leão visiveis nos argolões de amarrar, proclama-se a Majestade de um Poderoso, Rei *magnificente,* repleto de pompas asiaticas, um *Cesar* português e o ultimo delles...

Rome, pour ce Cæsar à vos Cæsars égal
Faites retentir l'air des viva Portugal.

— *sic* termina Sfragaro o final de uns versos laudatorios, consagrados á Majestade de El-Rei.

*
* *

Mais atrás, no mesmo jogo deanteiro, duas mulheres de tamanho normal, sentadas em troncos de arvores erectos num monticulado e a elles arrimadas. Uma, mais sorridente e enflorada (a Esperança, consoante vem em effigie numa medalha de Claudio); outra, mais severa, da mesma sorte elegante, armada sem fraldão, de peitoral e capacete (Minerva, deusa das Bellas Artes) — esta de *volumen,* aquella de ramalhete na mão. Manteem suspenso no ar, cercado de Zephyros (para que seja veloz), quem, com tanto fulgor, valeria por um bem plantado Phaeton ou celestial *auriga* do incendido Apollo.

Perpetuando os allegorizados conceitos da *Conquista* e *Navegação,* apparece nos rodados deste jogo, e tambem no do traseiro, um bem concebido entrelaçado de serpentes e golphinhos cujas cabeças surgem nos cuvos das rodas, como aquellas se enroscam na escora bifurcada do eixo.

— Este contraforte é de estilo fundamentalmente identico ao que se depara no coche hispanhol *D. Filipe II.*

*
* *

A arrojada composição do jogo detrás (fig. 16) apoia-se num enrocamento abrupto, de cujo seio emerge a cabeça boquiardente de um *paleotherio,* disforme, o *Genius loci,* o atalaia troglodyta daquella rustica mansão, especie de Baaltsephon ou *Deus Sentinella,* que os Magos egypciacos collocavam no meio do deserto para susterem a marcha dos invasores...

«Chamei-me Adamastor, e fuy na guerra
Contra o que vibra os rayos de Vulcano:
Não que posesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Occeano,
Fuy capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava».

É todo elle, o recondito *Adamastor* (inconfundivel com os pretensos *Atlante* de Ovidio ou *Brunel* de Ariosto), colossal gigante, de quem

«Em penedos os ossos se fiseram».

—Talvez a mais alevantada ficção de toda a Epopeia camoneana e inconcussamente uma das mais bellas producções do talento poetico.

Carro triumphal — A

Alçado deanteiro

Delle fez o Estro dos *Lusiadas* um monstro horroroso, que assolava os mares, (*indomavel* — Ἀδάμαστος), filho da Terra e amante de Tethys esposa do Oceano, por ella alfim aborrecido e transmutado em severo promontorio,

«Cabo até ali medonho ao navegante».—

Ei-lo no carro, surgindo do antro,

«O rosto carregado, a barba esqualida
Cheios de terra, crespos os cabellos,
A bôca negra, os dentes amarellos»,

para vir bradar ao arrojado profanador da clausura dos mares, que elle ciosamente guardava:

«Ó gente ousada mais que quantas!». . .

*
* *

Á esquerda da bisarma — *horrendum, informe, ingens* — o «animal Nemeyo truculento» (symbolo do *indomitus furor* dos Portuguêses) derriba um mancebo, com ramo de flores em punho.

— Não é o pastor Molorcho, em favor do qual Hercules abateu a desoladora fera; é a esbelta personificação das delicias de um país conquistado, desse

«Novo reino, que tanto sublimarão».

*
* *

Immediatamente por cima, a personalização da *Conquista,* genuflexa num estipite ou tronco desramado, reverenciada pelo Genio dos campos, com a sua clamyde afestoada de flores — um *Satiretto,* symbolo da Natureza, que vem representando a feracidade das terras indicas.

Sustenta-se no ar, affectando dar ordens, a deusa Bellona, irmã de Marte, a quem, enfurecida, secundava nos aprestos da guerra.

— Não está, porém, de olhos chammejantes e cabellos desgrenhados, de azorrague na mão ou vara ensanguentada, porque o momento não é de luta sangrenta, mas já de triumpho solemne. —

Ostenta-se gravemente armada, embraçando na sinistra uma egida (que não é a sua), um *scuto scaccheggiato* — o Escudo escaquellado dos

Sás, ascendentes do nobre Marquês de Fontes, os campeões acerrimos que mais promoveram na India as conquistas de Ciacul e Diu, glorificando assim os heroicos descendentes do famoso João Affonso de Sá.

—É uma simples allegoria, porque o brasão completo desta Casa, devidamente metallizado, esmaltado e timbrado, é com xadrez de prata e azul, de seis peças em faixa e sete em pala, encimado por um bufalo xadrezado de negro e prata, com uma argola de ouro nas ventas.—

Emblemando a vastidão das lusas conquistas, estão firmadas, á esquerda da Deusa, no sob-pé do monte de que nasce o seu arboreo escabello, uns estandartes do Occidente e um κόπις phrygio ou cimitarra — extensivamente peculiar ás nações barbaras do Oriente.

*

* *

Á direita deste grupo, espreguiçado num delfim, empunha a sua agulha de marear o neto de Eolo, Palemon, deus marinho que, na ficção mythologica, tem por officio assistir aos portos.

A montante delle, de busio a tiracollo (insculpido á fórma conchyliada do *triton variegatum*), um Tritão,

«Mancebo grande, negro e feyo»,

de cabellos,

«Que nunca brando pente conheceram»,

ergue aos hombros, como potente Atlante, uma bem informada mulher —a figura allusiva da *Navegação* — de esquadro e compasso nas mãos, em cujo collo Zephyro alado vem pousar um globo; (ou então Urania, de *radius* na dextra e outros instrumentos na sinistra, como Musa, que preside á Astronomia).

O possante filho de Neptuno e Salacia, de barba intonsa e cabellos emmaranhados («hũs limos prenhes dagoa»), monta nos destroços de um χηνίσκος de antiga nau grega, com feitio de capciosa Sereia — frisante allusão aos desastres dados no naufragoso promontorio, que bem parecia ser um limite posto por Deus á afouteza dos mareantes, um verdadeiro marco funerario de

«Naufragios, perdições de toda a sorte,
Que o menor mal de todos seja morte».

—Vae nisto, por certo, uma pungente referencia á subita e horrivel tempestade que, no Cabo da Boa Esperança, soffreu a armada de Ca-

Carro triumphal — A

Alçado traseiro

bral (1500), perdendo quatro naus e, numa dellas, o intrepido Bartholomeu Dias.

Bem frisantemente o prognosticara o fero Adamastor (a quem ousadamente havia devassado), bradando:

«Aqui espero tomar, se não me engano
De quem me descobrio summa vingança».

*

* *

Ao centro desta sumptuosa liação de grupos, repousa no chão um busio espinoso do typo conchoide *murex,* symbolo dos mares tropicaes — *they abound in tropical seas,* diz o naturalista Webster.

Paira, á ilharga, o Geniozinho que tutela um sceptro e capacete Reaes, associados a uma facha de armas — velho emblema do Poder e da Justiça, remontante ao tempo da entonada magistratura romana, cujos lictores traziam, de envolta com um machadinho (*securis*), um feixe de vergastas de sabugo ou de ulmo (*fasces*) para açoitar os malfeitores, antes de serem executados.

Cêrca deste, estaciona um outro Menino, de serpe aos hombros, como symbolo da Prudencia.

— Taes eram os attributos necessarios para a representação das virtudes (poder *justo* e *sensato)* tão organicamente precisas á frutuosa manutenção do longinquo e vasto imperio, que

«Entre gente remota edificarão».

Vê-se resaltar, neste concerto mythologico, a referencia a um sonho ditoso, á alma de um grande emprehendimento — a descoberta da India (centro de todas as grandes scenas da Historia portuguêsa, que ou tendiam a preparar-nos para aquelle ousado commettimento ou delle fecundamente se seguiram e dimanaram). Este sumptuosissimo carro — qual outra *allioth* da radiante constellação, em que fulgura — é, pois, a consagração architectonica da famosa empresa gloriosamente consummada, de Lisboa a Mombaça e de Melinde a Calecute, por

«Vasco da Gama, o forte Capitão
. . . . . .
. . . . . aquelle illustre Gama
Que para si de Eneas tomou a fama.»

*

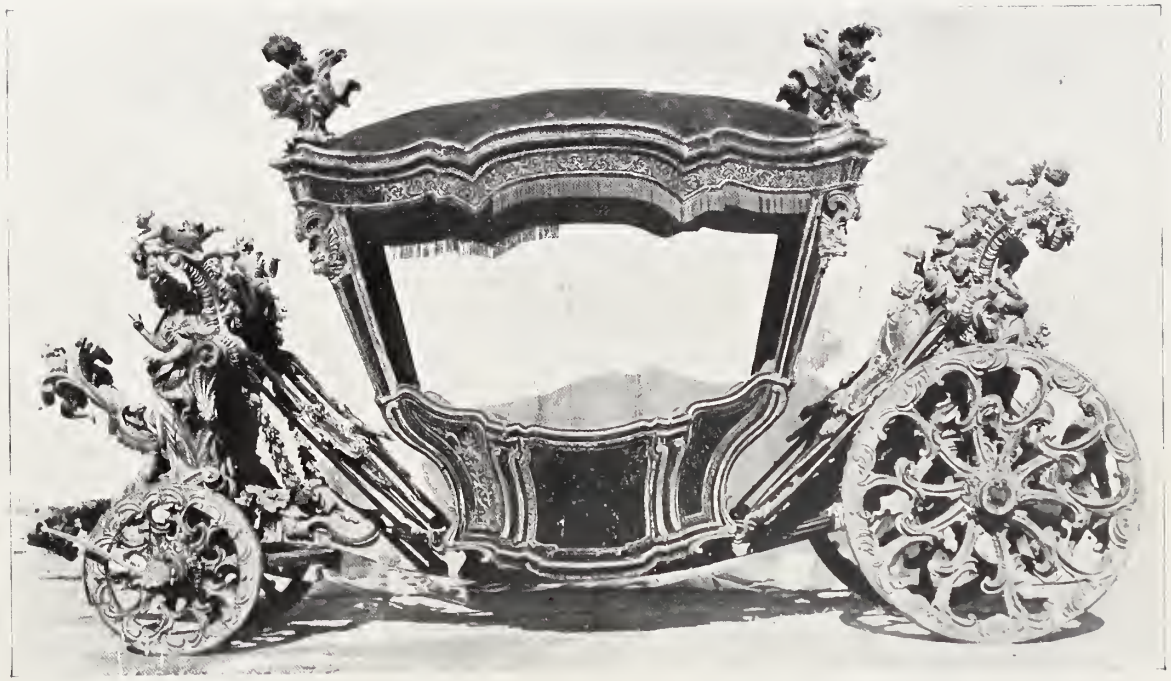
* *

O exuberante symbolismo figurado neste prestigioso alçado presta-se ainda a outra interpretação historica de valores (menos heroicos, menos remotos, é certo, mas tambem fecundos) mais proximos da idade do majestoso carro, que ornamentalmente sublima.

Póde ainda condensadamente envolver uma tocante allegoria aos *factos* mais physionomicos ou *projectos* luminosos que, á hora da sua composição, abrilhantavam já o governo do Rei *Magnanimo,* taes como:—a luta ingente terminada com a paz de Utrecht, a criação de bibliotecas e fomento de bellas artes, o impulso dado á navegação e brilho de batalhas de além-mar, a instituição de escolas militares para o estudo das sciencias mathematicas, a amplidão do ensinamento geographico e, por toda a parte, a prudente administração da justiça com amor sincero do povo, que do seu Rei livremente se acercava a reclamá-la.

Assim, toda esta monumentalissima fabrica era um sol, que em Roma refulgia e um padrão historico, que no mundo rodava... para

«Pôrem as coizas em memoria
Que merecem ter eterna gloria».



Carro triumphal — B

Ilharga da sella

Comprimento de eixo a eixo	$4^{m},50$
Comprimento da caixa	3^{m}
Altura	$2^{m},65$

Carro TRIUMPHAL – *B*

ste coche (fig. 17) é, no seu concerto harmonico, menos austero, mais jovial mesmo que os seus consocios *A* e *C*.

Com todo o forro externo de velludo, assente em elegantissimos moldurados, finamente passamanado a ouro desde os paineis até a coberta, era ornamentado com vasos fixos nos pilares, á feição dos descritos no carro *A* deste naipe.

A sua compostura interna é de seda polychromica com apuradissima ornamentação vegetal, tecida em fundo côr de cereja; os pilares terminam por carrancas de leão, modilhões que bem parecem outras tantas goteiras de um apparatoso entablamento.

*

* *

Á proa desta apollinea quadriga (fig. 18), firmado na concha do jogo deanteiro, um *Genietto* galante, simulando clamar com suavidade, annuncia a marcha triumphosa do monumento.

Vae soberanamente guiado por duas attrahentes figuras.

A primeira, á esquerda do agrupamento, veste em estilo archaico, de tunica e serpente que morde a cauda, em funcção de cingulo (emblema da vida sempiterna — *caudam reducto ore vorans,* ao modo da antiguidade

classica); de semblante grave, scintillantemente nimbada de luz, tem acostado ao peito um rosto da mesma sorte illuminado, como symbolização do Sol — o Ἥλιος da mythologia hellenica.

— É o hieroglypho da Luz Immortal, fazendo transpor os hombraes da eternidade

«Aquelles, que por obras valerosas
Se vão da ley da morte libertando».

O Apollo *Hélios* com a Diana *Séleué* — montada no seu fogoso cavallo, fugindo ao Sol e fingindo tapá-lo com um veu — são as primitivas personificações dos dois grandes luzeiros do Ceu, a que só mais tarde os pintores ceramistas appuseram nos vasos italo-gregos, a *rubicunda* e *fugaz* Aurora cuja mensagem luminosa o poeta mantuano com tanta emphasis desenha, no livro III da sua immorredoura *Eneida,* dizendo:

Jamque rubescebat stellis aurora fugalis

e que, com estupenda correcção e inequiparada subtileza de toque, se admira, irisante e sorridente, na *Galleria Pitti* (Florença), traçada pela paleta eclecticista de Guido Reni — esse egregio bolonhês que, ao lado de Domenico Zampieri e Albano, ao cabo de uma luta tenaz contra a escola realista, conseguiu, particularmente decidir da sorte da pintura no seu país (seculo XVII) e provocar o verdadeiro renascimento da arte italiana.

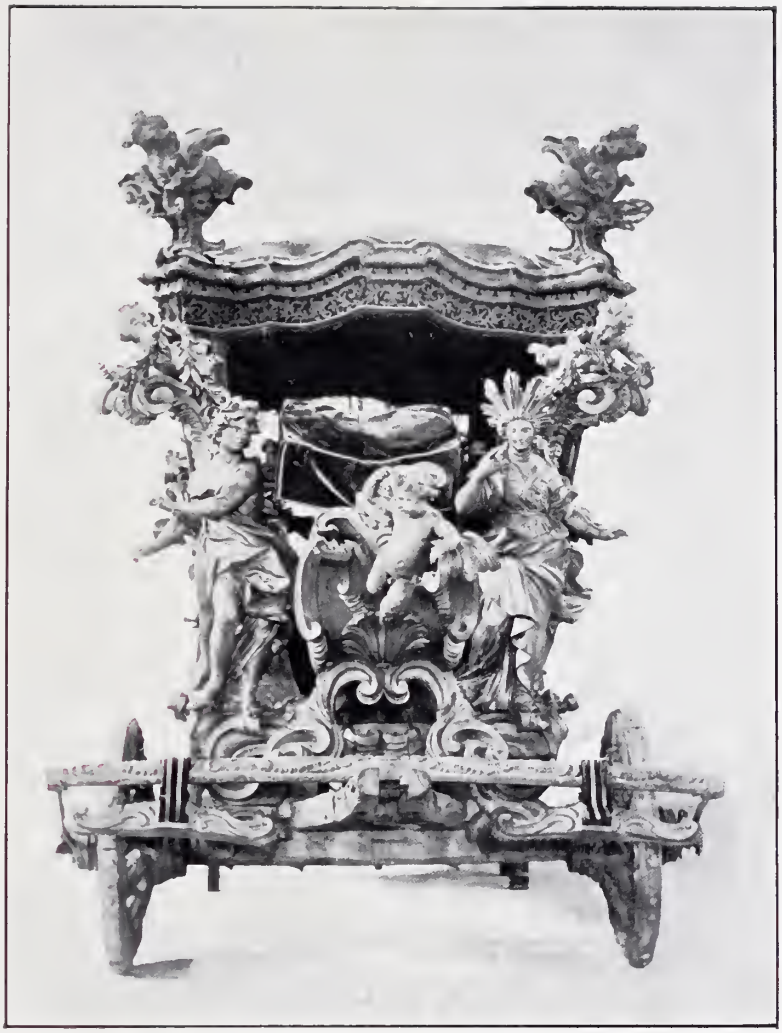
O pio allegorista, querendo metaphorizar a sempiternidade de umas façanhas, recorreu ao mytho do Sol, para bem avolumar a heliophania dos seus afamados heroes.

Não rascunha *Hélios*, como se fosse mero accessorio de antigas composições plasticas, que apenas ajudavam a formar o equilibrio de uns grupos e de umas massas; não é para elle uma *visão refracta,* é figura primacial.

Rutila-o com umas espadanas de fogo circumdante, que encandeia, domina e absorve, tal qual se afigura batido em moedas de Rhodes (Der Koloß von Rhodos, Lüdero), onde o deus Sol tinha a sua principal cultuação latreutica — ilha, que se preza de ser berço de Cleobulo, um dos sete sabios da Grecia (Ἄριστον μέτρον, *modus est optimus*), dos poetas Timocréon, Anaxandrides e de Agesandro, um dos tres escultores do famoso grupo Laocoon).

O bem imaginado espargimento igneo deste Astro immortal, traduzido na estatua que o symboliza, tem os focos da sua illuminante potencia singularmente conglobados na cabeça — que *pensa* e no peito — que sabe *sentir*.

Não admira. É um português, que allusivamente pregôa a immarcessibilidade dos louros de seus valorosos irmãos...



Carro triumphal — B

Alçado dianteiro — B

Carro triumphal – B

Alçado traseiro

Se a realissima expressão anatomica das bellas figuras destes tres Carros Triumphaes é factura de talha *romana,* a sua peregrina invenção e sciente composição são de puro engenho *lusitano* — como, em Nota, se provará.

*

* *

Á direita, um menos velado mancebo, entidade sobrenatural, Genio, que vem engrinaldado com a *laurea insignis* (a mais distincta das tres especies de *corona triumphalis*), como se fôra algum general romano a caminho ovante do Capitolio.

— É a figuração do amor do Heroismo, tão proprio daquelle

« .....peito illustre lusitano
A quem Neptuno e Marte obedecêrão». —

Os *Amorini,* que superiormente adejam, segurando uma *corona longa* ou comprido festão floreado, parecem escoltar o cocheiro e vão animando as personagens, que lhe servem de grandiloquos tenentes — tão majestatico elle vae!

— Eis, transcendentalmente allegorizada a marcha olympica da magnitude de um Povo pelas sendas agitadas do *Heroismo* até as raias tranquillas da *Immortalidade.*

*

* *

Na popa do ethereo carro (fig. 19), ao centro de uma bem librada composição — e como notação dominante — uma mulher ingenua, de vestidura talar, cinto e *paludamentum* (a χλαμύς dos escritores gregos do periodo romano) suspenso ao hombro por um broche ou *fibula,* de sceptro em punho (com visos realengos, portanto) senta-se, toda angelical, numa concha ficticiamente banhada pelas aguas

do bom Rio, que os pés á Lysia lava.

Como desenvolvimento da mesma acção, á direita do grupo, a Riqueza, divindade poetica filha do Trabalho, penteada ao modo grego archaico (μαλλός ἀθλητοῦ — *topete no alto*), de cornucopia pejada de flores e frutos, regala com seus mimos a bem fadada matrona, toda simples com o seu penteado á romana.

Á esquerda, o Genio da Fama, empunhando uma corôa (a *corona muralis* — apanagio militar do soldado mais heroico), no pregão da sua tuba, vae glorificando Lysia, parecendo ecoar:

«E tu, nobre Lisboa, que no Mundo
Facilmente das outras és princesa».

No alto da enscenação, dois Amorzinhos com asas de zephyro, brandindo compridos faustões de flores, estão prestes a engrinaldar Lysa, «de seductora esvelteza» a cujos pés se vê: um sceptro, um molho de varas ou facha de armas e um dragão rompente, fendendo com as garras o crescente de lua que sobrepuja, a fim que se conheça

«.....quanto excede
A ley de Christo á ley de Mafamede».

—São os symbolos emphaticos de uma Realeza soberana, de uma Justiça inflexivel e a allegoria historiada de uma derrocação muçulmanica.—

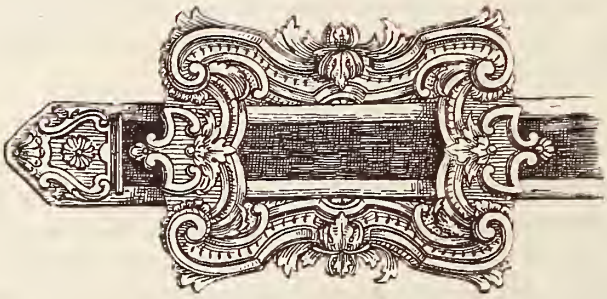
Em baixo, prostam-se submissas a Asia e a Africa, personificadas nas typicas figuras

«Do Turco Oriental e do Gentio»

com os pulsos roxeados pelas algemas, que os agrilhoam.

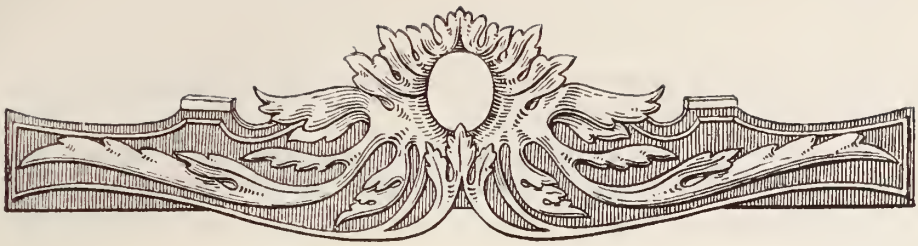
—Lysa e o Drago *brigantino* representam, nesta brilhante apotheose, a grande Alma lusa.

«Esta foy Lusitania, dirivada
De Luso ou Lysa, que de Bacho antigo
Filhos forão, parece, ou companheiros
E nella antam os Incolas primeiros».



Berlinda (processional) Nossa Senhora do Cabo — B

Comprimento da caixa	$6^{m},77$
Altura	$2^{m},19$
Comprimento de eixo a eixo	$2^{m},13$



Berlinda *N. SENHORA DO CABO B*

em a disposição geral da sua homogenea A, vehiculo n.º 9 do Deposito I, mas de bem mais acanhada contextura architectonica.

Como quem entoa hymnos de triumpho, ou *canta as suas loas,* sentam-se, nos capiteis das pilastras angulares, quatro Seraphins alados, firmes, ao pé de outros tantos vasos inflorados, que enramilhetam a airosa machineta processional.

Este carrinho liturgico é rematado por misulas que, procedentes dos cantos, vão ligar-se no alto, mantendo o coxim, que serve de assento á corôa Real.

A frente, o trigramma inicial da invocação — *Jesus, Maria, José.*

*

* *

Em vista da sua technica constructiva, não é arrojado fazê-la remontar ao tempo da Senhora Dona Maria I — Rainha que, a par do seu incansavel esforço pelo progresso das sciencias e derramamento da instrucção, tambem, como vivo testemunho do seu *piedoso* caracter, legou á posteridade a fundação da Real Casa Pia, a erecção da magnifica Basilica da Estrella (dedicada ao Santissimo Coracão de Jesus, de que era devo-

tissima) e a do mosteiro contiguo, doado ás monjas Carmelitas da Reforma de Santa Theresa (descalças).

Se realmente esta berlinda representa a exteriorização de um voto pelas melhoras do Principe do Brasil, seu Filho Senhor Dom José — desde 1770 consagrado á Virgem — deve a sua construcção referir-se ao anno de 1788.

*

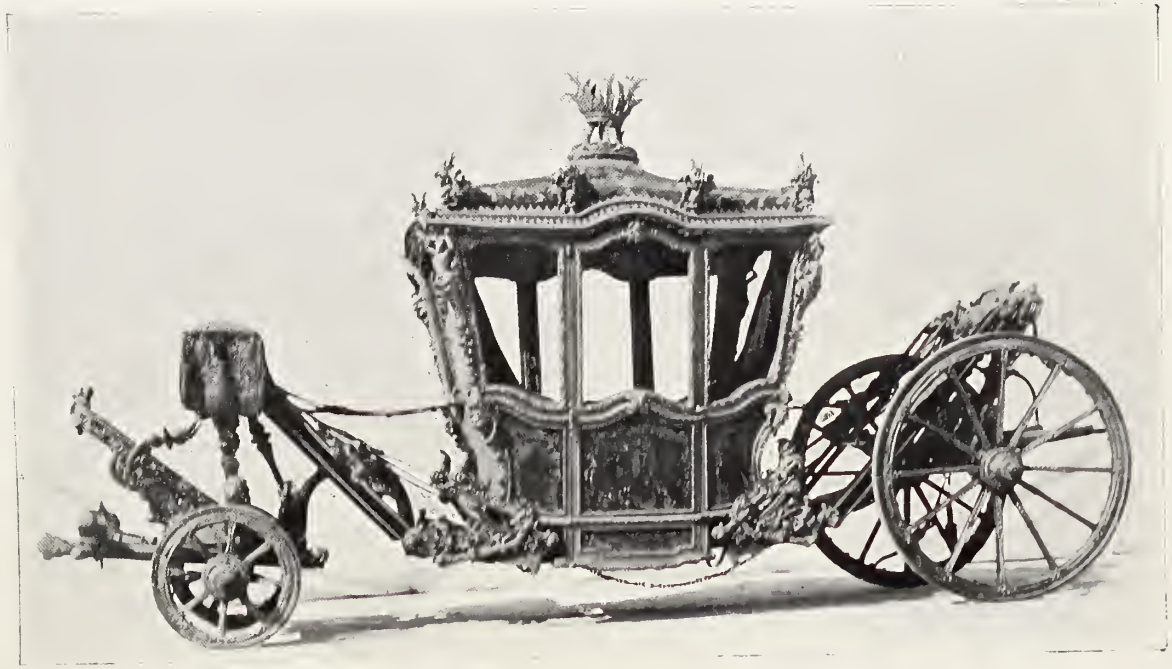
* *

Assim como a sua congenere *C* do Deposito II (de mais singela composição) era a destinada á marcha triumphal de Porto-Brandão até Espichel (apenas a Senhora desembarcava da galeota, que por muito foi consagrada a este acto processional), assim as machinetas *A* e *B* do Deposito I serviam ao trajecto da ida a beira-Tejo e regresso até a freguesia, que festejava.

*

* *

Os cirios de Nossa Senhora do Cabo e de Nossa Senhora do Amparo de Carnaxide, o de Nossa Senhora das Mercês (tambem do arrabalde de Lisboa) e a romaria de Nossa Senhora da Nazareth tinham sempre um estado especial, segundo se infere de notas relativas ao serviço das *Reaes Equipagens,* que alcançam pelo menos a 1821, quinto anno do reinado do Senhor Dom João VI — que em tudo continuou as pias tradições de sua amorosa Mãe.



Coche D. João V (corôa)

Comprimento de eixo a eixo.	$4^{m},95$
Comprimento maximo da caixa.	$2^{m},40$
Altura da caixa	$2^{m},40$

Coche DA CORÔA

De aspecto reduzidamente *triumphal* pelo typo symbolico da ornamentação, que lhe abrilhanta o tejadilho, tem, no centro da copa, uma especie de cupulim, donde pende um auriluzente florão.

É de cortinas verdes recamadas de ouro, com a cobertura majestosamente encimada pela corôa Real, que lhe dá o nome, entrelaçada com palmas, dispostas *á romana*; as maçanetas são substituidas por anjos alados, que coroam um dragão, nascente—Timbre *brigantino,* que ennobrece a orla heraldica dos fivelões da proa e popa deste coche, exclusivamente destinado ao serviço *da Pessoa* Reinante.

Nas mascaras dos correões, que suspendem a caixa do sumptuoso carro, finge-se o troar da artilharia sob o mando de um Genio da guerra, cujo facho empunha durante a marcha ou se allude a salvas de homenagem dadas pelo sacro Hymeneu que guia o coche,

Bem como o Sol fulgente, quando em braços
Da Bella Aurora ao thalamo se encaminha

*
* *

O persevão, marchetado a bronze e tartaruga, tem, ao meio, sob docel, as figuras allusivas á Astronomia, Geographia e Geometria — sciencias, para cujo ensinamento o Senhor Dom João V mandou vir da Italia dois eminentes professores, os padres Carbone e Capaci.

Da cabeça do docel erguem-se lateralmente duas aves, que visam duas cabeças de serpe, symetricamente dispostas a outras duas que, á fórma de misulas, aguentam o supedaneo da sobredita composição central.

Na plataforma do degrau, ameigam-se duas pombas, como que annunciando a entrada de dois Entes queridos por este piso, em cujas facetas lateraes pendem aljavas com arcos e setas.

— Tudo visivelmente consubstancia uma allegorica insinuação ao affecto conjugal de uns Altos Esposos.

*
* *

De jogos a ouro e vermelho, de cornija e pilares dourados, tem, como remate destes, quatro figuras armadas de carcaz, representativas da Europa, das duas Americas e da Africa; a Asia vem allegorizada, no jogo traseiro, á esquerda, por um turbante de Radjah.

O fundo dos apainelados, de tarjas a pintura *aventurinada,* é todo obrigado a paisagens, enquadradas em molduras com festões de flores.

*
* *

No painel da frente, o brasão Real está, á dextra, acostado de um tenente, personagem symbolica, que fustiga um menino de mãos presas (é o Castigo); á sinistra, outro de palma, cornucopia e criancinha com um açafate de flores (é o Premio).

*
* *

No almofadado da portinhola do lado da sella, as Armas do Reino são sustentadas por dois apoios tambem allegoricos. Á direita do visitante, o joven Podaliro, filho do nume da Medicina (mais tarde tambem medico eximio) ministra a uma mulher (sua irmã Hygie, deusa da Saude,

ou Panakeia, deusa omnicurativa) um licor — por ventura, aquelle «que Jove tanto estima», a ambrosia, bebida *nove vezes mais doce que o mel, com a suprema efficacia de deliciar os sentidos e conservar a mocidade, fazendo a vida amena e venturosa.* — Aprazente mytho. —

Serpeia, á esquerda, no braço do heraldico tenente uma *bicha,* hieroglypho significativo do resuscitador do espedaçado Hippolyto — Esculapio, o grande *sabedor dos simplices* — *Asclépios.*

— Desde a suggestiva mestria do maior medico da antiguidade classica (no seculo v a. C., Hippocrates, doutrinario oppositor do venturo anatomista Galeno) que a *serpente* se disseminou pela Grecia como emblema da *prudencia,* com que a medicina tem de perscrutar o presente, o passado e o futuro clinicos — di-lo elle, o famoso sabio de Cos: Ὃς ἤδη τάτ' ἔοντα, τάτ' ἐασόμενα, πρότ' ἔοντα.

A carne e a pelle, o dente e a mordedura, o veneno e o balsamo da vibora eram, na velha crença, um elixir tão potente de curabilidade, longevidade e invulnerabilidade, que nem a therapeutica de Dioscorides, nem a orthodoxia de Tertulliano lhe souberam desenganadoramente resistir.

Em grande parte do Oriente muslimico e da berbere Mauritania a ثعبان (*cobra*) e a أرقم (*serpente*) foram alvo de uma arreigada cultuação religiosa, como fetiche medico.

Por isso a *serpe,* allegorizando a *prudencia,* o *remedio,* chegou a ser mythologicamente consagrada ao appollineo nato da nympha Coronis, Esculapio, famigerado discipulo do centaurino Chiron, que lhe foi mestre, como de Hercules em astronomia e de Achilles em estrategia.

— O viajante observador, dirigindo-se pela ponte *Quattro Capi* (a antiga *Fabricius*), ou melhor ainda, pela ponte *Bartolomeo* para a *Isola Tiberiana,* reconhece em Roma, por baixo da actual igreja do santo Apostolo deste nome, os destroços da cobra esculpida na proa da *navis,* que assinala os restos do oratorio dedicado ao deus da Medicina, quando os Romanos, dizimados pela devastadora peste de 293 antes da era vulgar, foram a Epidauro (cidade do Peloponeso, celebre pelo sumptuoso templo esculapiano e pelas anthropophagicas devastações do gigante Peripheto) em busca prophylatica de um remedio salvador.

— Ainda hoje, em linguagem figurada, a vernacula locução *um oraculo de Epidauro* poeticamente vale por *uma sentença da Medicina.*

— A *bicha,* que espiralmente serpeja para a taça ou *patera,* em que simula ejacular o apeçonhentado licor do seu apanagio, apparece, como symbolo da *Salus Publica* (saude, salvação), frequentemente gravada em numismas de Marco Aurelio e do pio Antonino — o *segundo Numa* e *Pae da Patria,* cujo reinado marca incontroversamente o periodo mais feliz da vida do imperio romano.

— As *serpentes* que, em vez de arqueada grinalda, orbicularmente rematam a haste do *caduceus Mercurialis,* timbre armorial do pae de

Hermaphrodito, como arauto e mensageiro dos deuses, olympico *salvador* do pugnaz Marte, e a cobra ou *anguis* que, nos frescos de Pompeia e thermas romanas de Trajano, figuram o espirito tutelar regional (um *genius loci* de aspecto ophidico) são, no fundo, commenticias objectivações do mesmo conceito ideal.

— Jesus Christo, que tão opportunamente discorria por parabolas e tropos, a cuja emphatica expressão bellamente se amoldava o syro-chaldaico da sua linguagem (dialecto arameu oriental, que era tambem a lingua dos Apostolos), quando lhes confiou o triumphante resgate do immerso mundo moral, ao prescrever-lhes a sua evangelica missão, aconselhou-os a que fossem *ingenuos como as pombas* e *prudentes como as serpentes*.

Era, portanto, vulgarissima pelas terras da Judéa, da Samaria e da Galiléa a allegoria da *serpe,* como visão da *prudencia*—symbolo que, com o allusivo significado de *medicina moral,* pode biblicamente remontar (uns quinze seculos antes da era christã) á *serpente de bronze* por Moysés erguida no deserto para cura dos feridos, segundo claramente se vê na lição *deuteronomica,* relativa a esta passagem:

וַיַּעַשׂ מֹשֶׁה נְחַשׁ נְחֹשֶׁת וַיְשִׂמֵהוּ

Concluindo — faz-se em todo este conjunto mytho-pictorico uma palpavel referencia ás virtudes prophylaticas e therapeuticas da Hygiene, da Pharmacia e da Medicina.

*

* *

No apainelado, á direita da mesma portinhola, Arion, suavemente modulando a sua lyra — com o pé descansado na cabeça do delfim salvador que, esbofado, o conduziu a porto seguro — allude á Musica e á Poesia.

— Ao grupo symbolisticamente encomiastico de tanta Sciencia e de tanta Virtude, hieroglyphicamente mnemonizadas neste coche, intentou o estilizador da moralissima pinacotheca agregar a allegorização da Arte, representando-a pela Poesia e pela Musica.

Deu, porém, mais vulto á *Architectura dos sons,* como Madame de Staël chama a essa lingua emphatica que, com rythmo, intonação e intensidade, sabe harmoniosamente traduzir todas as sensações buliciosas da vida, desde a lagrima pranteada, que escalda de dôr, até ao sorriso fagueiro, que a ameniza e expunge.

Para bem lustrar a figuração deste idioma angelical, cujo relevo de phrase e emoção communicativa nenhuma outra linguagem fallada é capaz de igualar, escolheu elle o mavioso Arion, dedilhando a sua lyra eolica

com aquella suavidade, que tão bem soube arrastar o delphim que o salvou e o acompanha a seus pés.

(Este habitante dos mares é, na antiguidade culta, o hieroglypho, por excellencia, da salvação — *Delphinus pictus incolumitatis indicium est*).

Arion era um musico hellenico do seculo VII a. J. C., que em verso descantava a toada dos seus *linos* e *threnos,* dos seus *peans* e *hymeneus,* dos seus *hyporchemas* e *prosodias*, dos seus *nomos* e *parthenias*—um dos poetas *melicos,* que com Lasso impulsionou o dithyrambo hieratico, imaginando novas combinações orchestraes e coricas para assim facilitar a emergencia de um genero novo, o *dramatico.*

Para esta preferente allusão no decoroso embellecimento do coche em analyse, nada, com effeito, de mais gravemente *coronal* o autor podia imaginar do que a figura archaica de quem ás cordas da sua lyra segredava com ansia o grito de dor pela flor *que estiola* e a estancia laudatoria *junto ao leito do fallecido,* os brados apologeticos *em honra de Phebo* e os machetes *das bodas* circuitado de paranymphos, *as cantatas religiosas* com seus coros mavorticos e os hymnos processionaes *nas festas apollineas,* as estrophes melodicas *nas dansas do templo* e os *cantos virginaes* das raparigas da Etolia.

Ficção nobilissima de sisudez e soberba de majestade para um carro nobre que, vinculado ao nome glorioso de um Real consorte, traz insculpido o de uma Rainha, Esposa austera e branda — chamada Dona Maria de Austria!

Por sua vez, a lyra que Arion empunha, afeita aos brados sympoticos de Alceu e fundida com a elevação moral das odes de Sapho (a decima musa de Platão e o encanto phrenetico de Solon), tão avesada á *arsis* e á *thesis* das velhas cadencias throcaicas, era o instrumento originariamente eleito para as elegias guerreiras de Callino de Epheso e jambos amenos de Archelao de Paros, para os metros gnomicos de Theogonis de Megara e hexametros melancolicos de Mimnerno de Colophonia.

O pintor preferiu a Musica para a ideographia symbolica e synthetica da Vida artistica, porque é ella a mais subtil, a mais immaterial, a mais fugitiva de todas as Artes.

*

* *

A esquerda da portinhola, um homem,

«Que a coroa de palma alli coroa»,

de plastica herculea, de collar ao peito e armado de lança, embraça o escudo, onde se desenham duas igrejas cercadas de uma legenda adulterada (por mal recoberta na sua restauração), a qual primitivamente de-

veria ter sido HIC TERMINVS HEROI — *tal é o fim do heroe* — como quem insinua que a Religião deve ser a corôa do heroismo ou a cupula de todas as virtudes.

— O ideal da virtude (*virtus,* energia) é realmente o esforço supremo, *heroico,* em ordem á pratica do bem. *Nec coronatur, nisi ligitime certaverit.*

*

* *

Ao lado da mão, nota-se uma figura feminina trajando de Minerva — que aqui não representa a guerra, mas o culto votado á arte e á sciencia, porquanto a egida aponta por timbre, em vez da cabeça de Medusa, um manso delphim por inteiro.

*

* *

O painel da porta desta ilharga do coche tem descritas as Armas do Reino mantidas, como as do seu opposto, por dois apoios ou tenentes: á dextra do escudo, o typo symbolico da Fortaleza; á sinistra, a personificação da Justiça. São duas personalizações de mulher; uma segurando a columna (*que aguenta*), outra empunhando a espada (*que corta*) e sustendo a balança (*que fielmente pesa*).

— Muito antes de, em Roma, por imitativo reflexo da Grecia, para symbolo da Justiça (que mede o *peso* ou *valor moral* das acções) se haver adoptado a balança (*libra,* σταθμός) com o seu *jugum* (braço) e respectivos dois *lances* (pratos — *bi-lances* > *bilances* > *bilance* > balança), já este emblema, por typica expansão da Symbolistica hindu, se alistava no canon dos hierogrammatas do Egypto, que até, no *tympano das portas* e *fecho dos arcos,* o faziam intencionalmente pintar ou insculpir, significando que da pratica desta virtude depende o *ingresso* á felicidade particular do homem, como á sua objectivação se liga a *firme estabilidade* do edificio social.

— Desta e de outras congeneres emblemações corroborativamente se apura que a noção do Direito como principio *pratico,* essencialmente *positivo, universal, condição necessaria* para a realização do bem do individuo e da humanidade, como *unidade harmonica* que equilibradamente correlaciona os homens, não é uma conquista da moderna philosophia; vae substancialmente ao berço da vida hominal, como ideia innata que é.

Para a sublimada nobilitação de um coche, chamado *da Corôa,* bastava que, na sua decorativa pictorica, se fizesse a erecção destas duas majestaticas allegorias — o Direito e a Religião, que praticamente se abrolham em Justiça e Caridade.

*
* *

Ao côro unisono destas imagens allia-se a typificação do Bom-Senso, traduzido no almofadado seguinte (esquerdo da porta da sella) por um homem, já maduro em idade, de ar circumspecto e olhar concentrado, em guisa de quem aconselha.

—É hieroglypho, que ascende á vetusta Symbologia persa.—

No apainelado da popa, o Escudo português é ladeado, á dextra, por personagem acostada de uma ancora e pombinha voante—é a Esperança; o apoio da sinistra figura a Caridade, sempre emblemada por mulher aleitando ou ameigando criancinhas, que lhe sorriem.

*
* *

A laboração ornamental deste bem harmonizado composto é a expressão condensadamente allegorizada das virtudes soberanas, enaltecidas pela da Religião, que iam abrilhando o caracter de um Rei, que mais tarde mysticamente mereceu receber do Santo Padre Bento XIV, para si e seus successores, o titulo de—*Fidelissimo,* como, em vida ainda, o julgamento dos seus contemporaneos lhe havia já alliciado o apodixe historico de—*Magnanimo.*

E a magnanimidade não é só a ostentação e o fausto.

Não deve confundir-se o *brilho* com a *luz reflectida;* esta varía na razão inversa do quadrado da distancia, aquella permanece a mesma, qualquer que seja o seu grau de afastamento.

Ora, o nome de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom João V é nimbado por uma aureola propria; ha de, portanto, refulgir sempre.

Se, como toda a chamma não homogenea, tem, na sua parte central, um cone de sombra de pouco elevada temperatura, circumda-o tambem um cone luminoso, séde da luz e um cone externo, foco do calor.

Na critica historica dos reinados não basta avolumar o mal, é mister realçar o bem; da mesma sorte que, no decurso das operações photographicas, a prova negativa e a prova positiva teem de completar-se, em ordem á integra visibilidade da imagem.

Octaviano Cesar—que só deixou de ser mau, quando o crime lhe foi inutil—deveu, é certo, a fortuna do seu governo aos conselhos de Massena e aos talentos militares do seu habilissimo general, o politico Agrippa. Pois não deixou de ser o *Princeps* de todo o Senado, *Imperator* de todas as tropas, nem de ser proclamado—*Augusto;* da mesma maneira que, na Grecia, Pericles, deposto como autor dos grandes males de Athenas sua

patria, chegou a typificar uma epoca gloriosa, a primeira da grandeza do espirito humano, o *primeiro seculo literario* — como o *segundo* foi o de Augusto, o *terceiro* do Papa Leão X e o *quarto* o seculo XVII.

Luis XIV, á falta de principes de sangue, declarou herdeiros da Corôa seus filhos legitimados, o Duque de Maine e o Conde de Toulouse; sem embargo disso, logrou ser perante a Europa o — *Roi Soleil* do seu tempo — (...*do sangue Real de França, capazes e habeis para succeder na monarchia, na falta de Principes de sangue legitimos,* como o escreveu para a Côrte de Portugal o Plenipotenciario Conde de Tarouca, João Gomes da Sylva, em carta de 9 de agosto de 1714, expedida de Utrecht, onde se achava na alta qualidade de Congressista diplomatico).

A campanha do descredito tem os seus *quês* de analogia com a producção da ferrugem. Iniciada que seja a maledicencia, evolve depois por si mesma, avolumando-se de boca em boca; assim como no ferro, dado o sexquioxydo positivo da primeira camada *atacada* e feito o polo negativo da segunda *intacta,* o arco voltaico, de parelhas com a humidade adjunta, vae fatalmente oxydando tudo o mais.

E o ferro — comquanto seja *ferro* — chega a deslamellar-se por completo!

*

* *

O escudo coroado, que topeta o cabeçal do alçado traseiro do carro em estudo, é sustido por dois tenentes *angelicos* — motivo por que este carro nobre era tambem antigamente conhecido pelo nome de Coche *dos Anjinhos.*

Tem, no campo, entalhada a embrenhadissima conjugação polygrammica, constante da presente estampa:

Fig. 22

Eixo maior da oval . . . . . $0^m,16$
Eixo menor . . . . . $0^m,14$

O *imbroglio* literal desta cifra é decomponivel nas siglas dos ovaes (figuras 23 e 24), que elucidam o texto, decidindo incontroversamente da *epoca* do coche, a que o escudo pertence.

O enlace sacramental destes augustos Nomes é ainda symbolicamente mais estreitado pela *Cruz de Christo,* pendente em fita que envolve o campo, onde elles se vêem insculpidos.

— Consequentemente, invalida a dicção do Sr. Innocencio da Silva, expressa nas *Artes e Lettras* de 1872, em que — depois do inequivoco desenho deste carro — o declara do tempo da Senhora Dona Maria I, como

sendo o mandado fabricar pela Rainha para a sua visita solemne á Basilica da Estrella, no anno inaugural de 1790.

Fig. 23

João V, Rei de Portugal

Fig. 24

Maria Anna, Rainha de Portugal

—Farta-se de ser desorientada a classificação feita pelo *Diario do Governo* de 1845 quando, no tentame de descrever o seguimento para o baptisado da Serenissima Infanta Senhora Dona Antonia, diz ser do reinado da mesma Senhora (!) o coche, em que iam, do Paço Real para Santa Maria de Belem, Suas Majestades El-Rei e Rainha, Altezas, Principe Real e Infanta Senhora Dona Anna de Jesus Maria—incontrastavelmente o *da Corôa,* como melhor se observa na estampa do jornal a *Illustração,* de maio do mesmo anno.

*

* *

Comquanto somente depois de 1713 começasse o grande fervor na luxuosa expansão das equipages do Rei *Magnanimo,* rejeita-se *in limine* o facto da carencia de um coche condigno, afinadamente á altura da solemnissima recepção da Sr.ª Dona Maria Anna de Austria, feito propositadamente *ad hoc*—estreado, portanto, com o matrimonio da nova Rainha de Portugal. Assim imperiosamente o reclamavam a ceremoniosa tradição destes altos cortejos (que a majestade da Côrte do Senhor Dom João V não consentiria indifferentemente postergada em menoscabo da Sua Real Pessoa) e as exigencias da pragmatica vigente, porquanto o carro nobre do enxoval da Nubente não usava servir á Pessoa da Rainha na sua primeira entrada official; recolhia-se ella ao coche do seu Real Esposo.

Havia de existir — e *superior* ao melhor dos coches, que tinham composto o estado do Conde *Villar Maior* (Fernão) quando, em 1707, foi a Vienna de Austria pedir para o seu Rei a mão desta Senhora.

Não era, como o Senhor Dom José I, um *simples Principe* que casava, mas um *Rei já acclamado* como tal. Ao coche do Conde — de bellissima talha dourada — chama o autorizado relator do cortejo uma *montanha vegetativa de ouro.*

Attenta a fórma palaciana, *quatro vezes excepcional!* com que foi tratado o representante de El-Rei pelo Imperador José I ao ceder a mão de sua Filha, teria sido desprestigioso, e até offensivo por irrisorio, não haver em Portugal um coche, verdadeiramente soberano, para ser estreado com a publica recepção da Rainha, a Senhora Dona Maria de Austria.

É mesmo absurdo suppor — que a Inglaterra (comquanto alliada, estranha, todavia) de previo concerto com D. Luis da Cunha que, para este effeito, se achava em Portsmouth, alojasse a Soberana de Portugal em uma nau acastellada do commando de Manypons, esquipada com cem peças e oitocentos e dez homens de lotação, a que, por especial homenagem, consagrou o nome de *Real Anna* — que a fizesse escoltar até o Tejo em frente do seu futuro Paço, militarmente cortejada por uma guarnição de 7:050 marinheiros com 1:772 canhões ás ordens do Almirante Jorge Bings — e que um Esposo, com a estrondosa evidencia de El-Rei o Senhor Dom João V, não houvesse, *reverente* e *gratamente,* mandado fabricar á mais galante officina do mundo um carro ideal que, pela primeira vez, houvesse de rodar para ir receber, *como Rainha de Portugal,* uma Archiduquesa, afeita em Vienna de Austria ao trilho majestoso dos coches *Cezareos* da sua imperatoria Casa.

O Relatorio do douto Padre Francisco da Fonseca, circunstanciando o *regio apparato* desta ceremonia em ordem ás bençãos matrimoniaes recebidas na Sé, fala, com effeito, de *um soberbo coche, que pisou as ruas de Lisboa* — sem nada mais allumiar.

Este carro, cuja existencia se nos impõe *a priori,* deveria tambem, como os coches *D. João V, Clemente XI, D. Francisco-A* e outros dos de melhor porte, haver escapado ao ruinoso lance de 1755 — e por maioria de razão, em vista do meticuloso resguardo do seu acondicionado arrecadamento.

— Seria o coche *da Corôa* o primacialmente destinado á presidencia deste estado de gala?...

É nelle que enquadradamente caem todas as minhas vistas; nem, por exclusão de partes, ha outro para que appellar.

Esculpido dentro de um escudo encimado por uma corôa ducal (a Sr.ª Dona Maria de Austria era Archiduquesa), ostenta-se tão intencional aquelle *apertado* entrelaçamento dos *dois* grupos de letras, fazendo

de todas ellas *um só corpo de nomes* e estes tão bem *jungidos* pelo laço mystico de *uma cruz de Christo...*, tanto se impõe como maritalmente allusivo o contexto das avezinhas que atapetam o degrau com os carcazes, arcos e setas que o facetam, que, se isto não responde cabalmente á pergunta, coarcta-lhe, pelo menos, os seus pontos de reticencia.

As palmas sempre symbolizaram uma glorificação; e asadas eram as do tejadilho do coche para um acto de tão exalçada majestade.

Bem se harmoniza esta hypothese com o exame architectonico do monumento em questão.

A technica do rodado traseiro, a magna amplitude do espelho de deante, a relativa singeleza do cimacio absolutamente descarregado de pregaria, a projectura da cornija nas espaldas do carro e no seu lado opposto, a sobriedade ornamental das suas maçanetas heraldicas dispostas *á romana* como a corôa que soberaniza o pavilhão, a ausencia de chaparia metallica na cobertura externa do tejadilho (ao contrario dos coches *D. João V* e *D. Francisco,* substituida por passamanes relevadamente estofados), a *aventurinadura* (*pietra arventurina*), que tarja as divisões da caixa — todas estas minudencias *caracteristicamente differenciaes,* desemparelham o coche *da Corôa* do coche *D. João V,* sem que, todavia, se desirmane afastando-se por completo da sua germanidade, visto que architecturalmente os liga o mesmo systema basilar de figuração.

Do começo do seculo XVIII ávante, as *sensiveis* modificações na architectonia do carro nobre francês, isto é, na estructiva e decorativa da sua fabrica, só se assinalam a fundo nas phases: *Luis XV — Luis XV (rocaille) — Consulado* ou *Imperio — Restauração — Luis Filipe — Presidencia do Principe Napoleão.*

Já no anno de 1715, em coches pertencentes á Nação (como eram os embaixatoriaes), no boleado da cimalha, á laia de maçanetas, grimpava o *drago coroado por anjos alados* — scintillação nobiliaria, que apparece no estado de gala *Ribeira Grande,* distinguindo sobremodo o coche da Embaixada D. Luis da Camara, em Paris.

Nem, por outro lado, o confronto puramente pictorico dos dois systemas de almofadados nos ajuramentam a mesma rubrica oú chancella de autor, comquanto denuncie a mesma escola fundamental.

Este modo de ver architectonographico revela-nos o coche *da Corôa* mais como *um Luis XIV altamente estilizado,* do que como uma modalidade *Luis XV* — desafogada, typicamente tal. É uma brilhantissima estampa da alta transição de uma para outra phase architectonica, pendendo, todavia, pela sua expansão decorativa mais para a segunda dellas.

As idades classicas da estructiva vehicular estão mecanica e artisticamente entre si, como, no estudo geotectonico e geodynamico dos systemas, secções, pisos, assentadas e camadas terraqueas, se acham o archaico, o cumbrico, o silurico, o devonico, e o permo-carbonico da serie

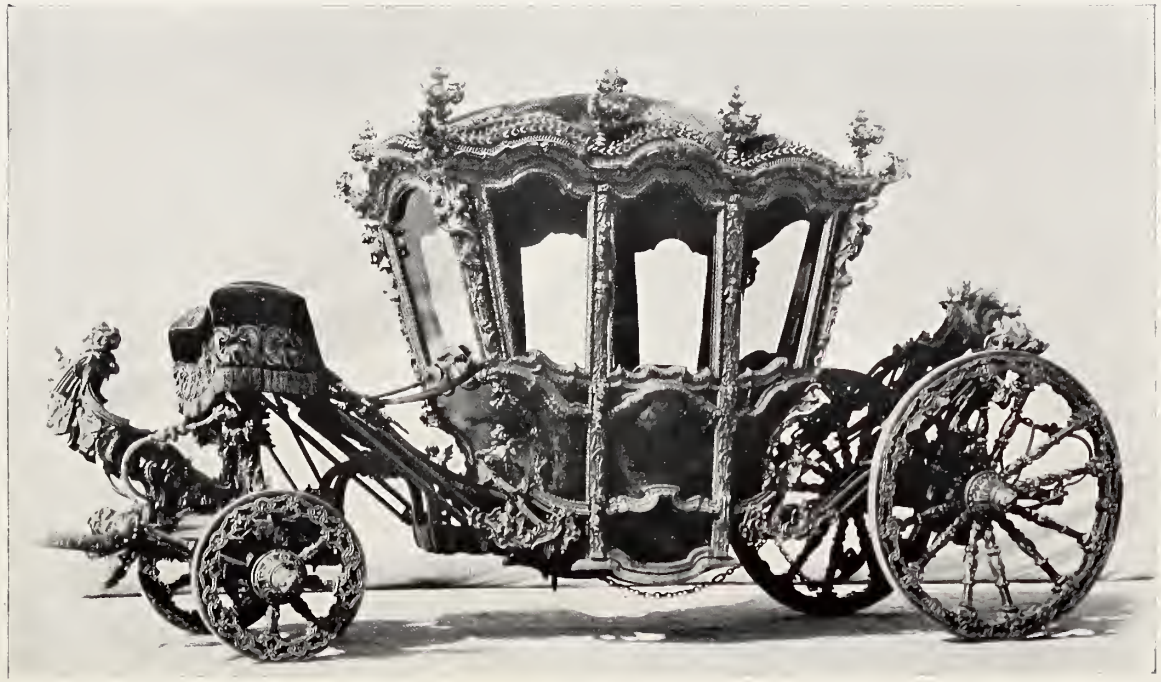
paleozoica — ou como esta, a mesozoica e a cenozoica que, tendo todas as suas rochas e, na maxima parte, os seus fosseis caracteristicos, sempre desnudam algo que, inorganica ou organicamente, lhes serve como que de cordão umbilical.

Na arte, como na natureza e na sciencia, não ha *hiatos absolutos;* tudo se aproxima e concatena.

O coche *da Corôa* desvenda-se-nos, não á fórma do coche *D. João V*, como uma simples *modinatura francêsa executada em Portugal,* mas como um modelo *omnimodamente francês,* tão puro, tão autentico de origem, como o *D. Maria de Saboia-A,* alistado sob o n.º 18 da collecção. — *Vide* Nota 22.

Pelo anno do casamento de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom João V (1708), ainda José de Almeida — de uns oito annos de idade — e seu irmão Felix Vicente de Almeida não bastavam technicamente á laboração de semelhante talha. Tambem Wateau (apenas com vinte e quatro) com difficuldade poderia já haver radicado, *em França,* uma escola de *nome seu,* de geito a ministrar-nos um Quillard — já conhecido e acreditado por tanto pintar á maneira do mestre que, ás vezes, se confundia com elle. Era ainda demasiado precoce para que, no grande mundo da arte pinturesca, qualquer asteroide não fôsse para logo offuscado pelo brilho intensissimo de soes rutilos, como Lesueur, Poussin, Lebrun e Lenôtre que, *pouquissimo* tempo antes, haviam transposto os hombraes da eternidade (mas sem se eclipsarem, porque são inempanaveis).

Esta hypothese — cuja probabilidade é *objectiva* e *intrinseca,* pois que os seus motivos emanam da propria natureza do objecto reconhecido — é de tão *quasi nullo* receio de erro, de tão *quasi absoluta* a sua formulação, de tão *quasi de these* o seu encouraçamento dialectico, que para mim se ostenta com os foros de uma *crença.*



Coche D. João V

Comprimento de eixo a eixo	$4^{m},13$
Comprimento maximo da caixa	$2^{m},30$
Altura	$2^{m},53$

Coche D. JOÃO V

elo delineamento architectural e compostura decorativa é, na generalidade dos seus traços, o mais finamente subtil de todos os carros nobres da collecção; pela sua significação heraldica, porém, avantaja-se-lhe o appellidado *da Corôa,* como pelo seu aspecto monumental lhe tomam a precedencia as imponentes ruinas dos tres *Carros Triumphaes.*

Áparte a ornamentação externa do centro do tejadilho, a composição architectonica deste carro nobre é modinatura visivelmente deduzida do coche feito em França para a sagração de Luis XV, em 1722, (o *chef-d'œuvre* de todos os *carrosses* francêses). Este modelo, confeccionado e insculpido pelo joalheiro da Corôa, Mr. Chobert, ainda em 1878 se achava archivado no Museu de Cluny, estabelecido num elegante edificio gothico-renascença — antigo pouso da abbadia do mesmo nome, erecta no meado do seculo XIV sobre ruinas do palacio romano de Constancio Chloro, onde Juliano, em 360, foi proclamado imperador pelos seus soldados e que os Reis francos habitaram, antes de fixarem a sua moradia na *Cité.*

Nem, na sala IX do *rez-de-chaussée,* onde se acham as *voitures de gala* dos seculos XVII e XVIII, arreios de luxo, cadeirinhas, etc., nem, em

vitrine alguma do andar superior, tive o prazer, nas minhas estações de 1903, de reconhecer o artefacto, a que a fidedigna autoridade de Faverot fazia referencia uns annos antes deste.

— A falta de certificado positivamente demonstrativo da idade do coche *D. João V* fica de algum modo remediada com a assignação deste limite chronologico, que nos permitte apontar, como epoca lata do seu probabilissimo apparecimento, o septennio, que vae de 1722 a 1729 (jornada ao Caia).

*

* *

A cobertura externa deste carro é de velludo carmesim com applicações metallicas em alto relevo; as oito maçanetas, que o adornam, são de bronze dourado de elegantissimo lavor. Distincto tambem o trabalho das aldrabas, que são encapadas a madeira.

O tejadilho, de forro interno densamente bordado a ouro, é mantido por pilares dourados de delicadissimo apparelho, no topo de cada um dos quaes se firma uma mulher, em cujo seio descansa um *Amorino;* são elles, que empunham as carrancas destinadas a manter os respectivos angulos da cimalha.

A grandeza majestatica do Monarcha, cujo nome tem, denuncia-se logo no docel encimado pelas duas cabeças diademadas a perolas, flores e frutos, que ornamentam o jogo deanteiro.

— É um verdadeiro monumento vehicular *á Luis XV,* armado com bellas molduragens de José de Almeida (a quem, como *imaginario* em pedra e madeira, o Conego Villela da Silva teceu os mais calorosos applausos), ajudado por seu irmão Vicente Felix de Almeida, architecto e escultor da Casa Real.

Bem se harmonizam ellas na mestria do seu acabamento com os almofadados, que brilhantemente guarnecem, attribuidos ao primeiro pintor-florista e retratista do seu tempo, em Portugal, educado nos *galanteios* de Wateau — celebre pintor e gravador francês, de gosto um tanto amaneirado, mas de colorido agradavel e correcto de desenho. Os referidos paineis são de Quillard, advindo com o sabio naturalista Merveilleux.

*

* *

No painel superior da portinhola direita, duas sereias amparam uma tarima almofadada, apoio de concha na qual se reclina, como se fôra no seu thalamo de bodas, a deusa Venus, que offerece a dois meninos, descansados no dorso de outros tantos delphins, valiosas concreções do fundo dos mares, entregando ao da direita um collar de perolas e ao da

esquerda tambem porção dellas, que elle gratamente recebe numa taça conchada, de mescla com «ramos de coral fino e prezado».

— A deusa do Amor, cujo poder mysterioso presidia, nas concepções da velha arte, ao renascimento da natureza e á união generativa dos seres (funcção geral que, mais tarde, os Hellenos limitaram, concentrando-a toda nas fibras do coração humano) vem debuxada, neste apainelado, consoante nasceu das ondas do mar, fecundada pela virilidade de Ouranos, para vir aportar languida ás espumosas praias de Chypre — a ilha intermediaria da sua primitiva cultuação oriental. É esta a lenda mythologica, que aqui reveste a sua fórma pictorica, nos termos da theogonia de Hesiodo.

Não apparece semi-vestida, como a bella Aphrodite do parto estupendo de uma escola contemporanea de Praxiteles e Scopas (mas de estilo sensivelmente diverso), hoje a mais bem sentida das estatuas do Louvre — essa Venus, assombrosa de brandura, que, em 1820, foi desenseiada da terra e que tanto fulgurou na pequena insula de *Melos* — hodiernamente *Milo,* do archipelago das Cycladas. Alardeia-se incasta, tal qual Praxiteles a havia desnudado para, dest'arte, corresponder ao gosto sensual do seculo IV antes de Jesus Christo.

Disgregada do lascivo Eros e do hoplitico Arés (que a esculptura, ás vezes, lhe dava por peccantes consocios) possuindo em grau supremo o attractivo da belleza, amollecida com o avelludado deslise, com esse dulçor, que os poetas anachreonticos exaltadamente lhe imaginam, transluz, não como a primeva Aphrodite *Ourania* do *Banquete* de Platão, mas já como a Venus *Pandémos* do celebre discipulo do sarcastico Socrates e mestre do peripatetico Aristoteles. É que, á medida que a arte archaica se tornava menos religiosa e mais sceptica, ia o typo da Deusa assumindo um caracter progressivamente gracioso e requintadamente lubrico.

Chega a parecer que o melico ornador, com singular primeza intentou, na quentura do seu pincel, dulcificar o adito mais nobre — a porta da mão — do coche *D. João V,* inflammando-a com a imagem absorvente, incendiaria, concupiscivel, de uma sensualizada *Nikephoros,* a cuja força victoriosa nada podia resistir.

*

* *

No apaisajado do painelinho inferior, reconhece-se, em pintura abronzada, um ajuntamento campestre de pequeninos faunos; uns brincam joviaes, outros prestam homenagem ao busto heroico de um poste hermetico,

— Na velha maneira pelasgica o Ἑρμη, columna pyramido-quadrangular, de base invertida, com cabeça destroncada ou busto, era somente representativa de Mercurio, arauto dos deuses. —

A cartelinha que envolve esta paisagem, encimada por um vaso de flores, está apoiada, ao centro, numa concha e sustida, aos lados, por um grupo, composto de mulher e menino, descritos ao veio de Satyros.

*

* *

Os pequenos almofadados lateraes, de bojo tambem como os das portinholas, são cheios por dois Genios que, armados com trombetas, seguram um pequeno escudo oval, onde, a côr de pedra, se observa uma Minerva, de bellos ares marciaes — a deusa da guerra, das sciencias e das artes.

Á direita, na mesma disposição, posta-se

«O consagrado filho de Maia»,

Mercurio, mensageiro celeste e elle mesmo um deus.

— Nestes quatro almofadados do carro, através dos motivos mythologicos, que elegantemente os preenchem, bem se vê allegoricamente transpirar o colorido brilhante de uma epoca caracteristicamente nacional.

Com effeito, este levantino Monarcha português era de molde a igualar os mais opulentos e dadivosos, de que as historias rezam; mantinha, como elles, o culto dos heroes, porque Portugal os teve no seu tempo, desde os conquistadores de Alorna e Bicholim até os Silvas e Barbosas, de tão luzido nome literario.

*

* *

O painel da frente abre superiormente com um gracioso docel cujas cortinas são arregaçadas por dois Genios alados — divinaes Sumilheres que, entre viçosos festões, se associam a outros, postados no mesmo alinhamento aereo; aos lados, tropheus compostos de escudos, capacetes implumados, lança com bandeira de azul e branco, estandarte rematado por um crescente lunar, etc.; ao centro, eleva-se um *suggestum* ou pedestal, a cujos flancos se arrimam, sustentando-o, umas sereias e griphos, de mistura com armas, entre as quaes sobresaem um estandarte topetado por meia lua, um dardo selvatico e uma haste de corôa com aguia aberta.

— «Os tropheos do Mahometa» são o padrão historiado de repetidas victorias travadas com a barbarie, como a de Matapan — assinalado serviço prestado á Italia contra os Turcos que, assolando a Moréa, visavam Corfu para tambem vexar Veneza.

A aguia e a corôa (significativas da *Austria*) fazem por certo allusão ao proseguimento da *Liga* (para nós de desastrosas e irremediaveis consequencias) a favor do Archiduque Carlos nas suas mallogradas pretensões á corôa de Hispanha contra o Duque de Anjou — aliás o primeiro registado na verba testamentaria de Carlos II. Podem tambem implicar uma grata referencia á illustre Casa da selecta Esposa do Senhor Dom João V.

*

* *

Em cima do referido plinto, a deusa Ceres, figura de bello resalto, coroada á antiga, defendida pelo leão, que lhe era cultualmente consagrado, está presente, de sceptro em punho, descansando o pé num tamborete dourado, proximo do qual se observam aggregados uma paleta, pinceis, e alguns livros.

Por sobre isto, descortina-se uma nympha, de vivissimo colorido, coroada de louro, recebendo da deusa um punhado de perolas; ao lado esquerdo, um Anjinho segura uma salva coagulada de dinheiros em ouro; proximo delle e aos pés da diva, abre-se uma saca contendo moedas

«De Colchos o gentil metal supremo»,

misturado com perolas e valiosos collares, contidos em vaso ricamente cinzelado. Adeja no ar, de trombeta na mão, um Genio segurando uma corôa de louro.

— Neste trecho decorativo, a Fama, com a sua altisonante tuba, vae fazendo ecoar a desmedida munificencia de um Rei, traduzida na rasgada liberalidade, com que protegia as artes e as letras, sem olvidar a industria e o commercio.

*

* *

Ao lado da peanha central do mesmo painel, descobrem-se outras mais pequenas, tambem ceremoniosamente ornamentadas, na esquerda das quaes se mantem de pé uma elegantissima Minerva, de bello garbo, traçada a pincel suave, acompanhada por um pequeno Genio, que empunha um estandarte de azul e ouro. Faz symetria com outra figura de mulher, á direita, de manto volante arregaçado em arco, a qual segura

na mão as caimbas de um freio com as respectivas redeas, tendo aos pés um porta-estandarte de branco, carregado de tres lises de ouro.

— Como se vê, ainda o Genio da guerra, figurado na bellicosa Mulher (tão sedenta de luta que, já armada, saiu do cerebro de Jupiter, ás machadadas de Héphaistos), prende e entretem a imaginação do pintor que, tomando por lemma um *chefe de França* (tres lises de ouro) e um instrumento de repressão, se vae allegoricamente referindo ao ajustado *refreamento* das tentativas do Neto de Luis XIV, por fim satisfatoriamente coroadas pela paz de Utrecht, que delle fez um rei legitimo, com o nome de Filipe V de Hispanha.

Os dois estygmas essenciaes á lenda da Deusa acham-se discretamente adaptados ao atavio deste chryselephantino monumento — como enliçado Tutelar da guerra e como Nume pacifico da sciencia e da arte.

Comquanto sem alteração fundamental no typo classico da divindade, é vasto o cyclo dos mythos, em que anda envolvido este nome (por excellencia a deusa poliada de Athenas).

A mais esthetica destas variantes, explicaveis pela inflammada subtileza do espirito hellenico, foi a que o estilista aproveitou para o alindamento deste carro nobre cujo encantado nome evoca umas eras grandiosas de tranquilidade e de luta, de arte e de estudo.

A escola antiga do seculo v começou a temperar com uma certa graça feminina o tom austero da deusa contendora dos poemas homericos, criando-lhe Phidias esse typo de nobreza divinal, que para os Gregos representava a mais alta expressão da coragem guerreira, que dá a paz e da actividade intellectual e artistica, que a torna fecunda.

De *chitón* hellenico aberto ao lado ou de *himation* talar, que roçague pelo chão, armada de *gorgón* (a egida, que ao mesmo Jove resistia) ou ornada com o *gorgoneion* (de aspecto mediano entre o typo horrente da Gorgon na arte archaica e a bella cabeça de mulher moribunda que, em epoca mais recente, representa Medusa), é sempre a virgem fascinadora — mas severa — de olhar meditabundo, esse perfeito ideal, que resume as mais altas qualidades do genio atheniense (a Athena *Parthenos*).

Sob o dobrado aspecto de Minerva *Promakos* ou deusa bellacissima (προμακός) e de Minerva *Ergané* (Ἐργάνη) ou deusa dos trabalhos da paz e do labor das sciencias e das artes, é que a metamorphoseadora da joven lydia (a destrissima Arachne) foi concebida e applicada pelo sabido artista ás louçanias deste filigranado coche.

*

* *

No almofadado da portinhola da sella, bojuda tambem, está de todo o ponto visivel um Neptuno ou *Poseidón*, firmando o tridentifero bastão,

com que fez brotar da terra o alado Pegaso; viaja em coche tirado por delfins, guiados á esquerda por um Genio; á direita, um outro (certamente emissario de Ceres, porquanto vem torreado) offerece ao rei dos mares os primeiros frutos da terra. Este grupo celestial assenta em banqueta sustida por duas sereias. A jornada vae bafejada por Ventos fagueiros, symbolizados nas duas cabeças, que sopram o carro — são o

«Boreas injuriado e companheiro
Aquillo.....»

*

* *

No painelinho inferior, em tudo disposto como o seu correspondente na outra ilharga do coche, dois capros guiados por *Genietti* puxam o carro de uma Ceres, o nume da agricultura.

*

* *

Juno, mãe dos deuses, é escrupulosamente miniada, tendo ao lado o pavão, que lhe era affecto, e os genios, que lhe fazem suave cortejo; symetriza um pequeno Jupiter que, em cartelinha parecida no outro apainelado lateral da portinhola, empunha o bastão do seu poder supremo, emquanto que, vigiado no throno pela aguia, que lhe era dedicada, vibra os raios cujos era senhor.

— É isto muito naturalmente o symbolo de uma grande luta.

Na guerra da *Successão,* sendo a liga offensiva e defensiva feita com paises maritimos, como a Inglaterra e a Hollanda, era de ordem que, no liame pictoristico destes apainelados, apparecesse algo de allusivo áquelle,

«A quem o mar cayo em sorte».

E bem adversas foram, neste reinado, as vicissitudes desta profiosa demanda, para que se deixasse de solicitar o apoio da deusa *cujo leite fazia immortaes* e o auxilio do apavonado nume, a quem Eolo e os seus Ventos cegamente obedeciam. Tudo, porém, baldado sem o mando do «Governador dos ceus e gentes», que com o seu raio fulminante havia desthronado o proprio Pae.

É assim que, na imaginosa paleta do artista, apparecem propicios Neptuno, Ceres, Juno e Jupiter.

*
* *

No apainelado traseiro, dentro de orladura sensivelmente parecida á do jogo de deante, desenvolve-se uma acção de vasto apparato mythologico. Ha um pedestal, sustido por griphos e sereias, flanqueado por tropheus de armas e emblemas, aos quaes se agrupa uma haste em que, por entre louros, está uma placa encimada de outro busto.

— Os medalhões cingidos por louros, com o retrato do *Imperador* incluso, fincados no alto da lança — *imagines* — começaram por ser uma insignia militar romana.

Aqui, será uma simples referencia á alta Majestade de um grande Rei. —

No plano superior, descansa um braçudo Hercules, de carcaz aos pés e clava na mão direita; conscio da sua triumphante rareza, encosta-se aos despojos «do leão da lagôa de Neméa», tendo aos lados a cabeça do javali do monte Erymantho que tudo assolava, e a da celebre corsa mythologica de cornos de ouro e pés de bronze.

Estes tres famosos trabalhos do glorioso filho do «Padre Omnipotente» bastavam, com effeito, a symbolicamente representar a força heroica, que se vê coroada por uma elegante Pallas, armada, de perfil, segurando na mão direita os louros dos fastos momentosos, que um Genio se dispõe a apregoar. Á direita desta allegoria, uma outra, constante de mulher, que mantem no ar uma balança (é a Justiça), tendo aos pés um Anjo com estandarte de azul, carregado de lises a ouro, dispostos em barra. Lembra a *França*.

Andante, como a primeira, outra matrona, de capa enfunada, agita um espelho oval (é a Verdade), acompanhada de um Geniozinho, que desenrola outro estandarte, mas de branco com barras vermelhas. Recorda a *Hispanha*.

— Insinua-se, neste trecho pictorico, o conceito da Força, incrementada pelos alentos da Justiça e illuminada pelos clarões da Verdade.

O coche *D. João V*, que decerto ceremoniaticamente figurou na ruidosa jornada ao Caia, em ordem ás nupcias do Principe Senhor Dom José com uma Princesa *de Hispanha*, Filha do Neto de um Rei *de França*, algo devia exteriorizar de symbolicamente allusivo á gloria dos dois paises — as suas bandeiras.

*
* *

No alçado do jogo detrás, a vermelho matizado de ouro, a majestade e o poder da Realeza estão respectivamente ideographados no docel, que

enriquece a cimalha e no typo angelical ornado de flores, que prende pela juba uma cabeça de leão.

*

* *

O lado externo das pinas, nas rodas do jogo traseiro,

«Animaes doze traz afigurados
Aposentos de Phebo limitados».

São os doze signos, que compõem o Zodiaco, desde *Capricornius* até *Sagittarius*.

— Nos emblemas da Côrte do Senhor Dom João V a allegoria refulgiu, como nas emblemações mythologicas da arte greco-romana; o Zodiaco,

«O ceo volubil com perpetua roda»,

com os signos celestes que o compõem e caracterizam, exhibia-se, por vezes, nas enscenações das grandes apotheoses.

Está todo plenamente insculpido no rodado deste jogo.

Cada constellação, que vae girando com a marcha solemne do coche, faz chispar uma centelha de luz no brilho fulgurante de um reinado, que foi a irradiação crepuscular da grandeza do velho Portugal.

Capricornius recorda a metamorphose de Pan, ao ver o possante Typhon cujo *poder* escalou o Ceu; Aquarius typifica a esbelta *gentileza* do convival Ganymedes; os Piscis, em curso pelas aguas salvadoras do Euphrates, symbolizam a fuga de Venus e Cupido, synthese commenticia do *amor;* Aries recorda o carneiro celeste sacrificado por Phryxo a Jupiter, cujo vello de *ouro* fazia a felicidade dos que o possuiam; Taurus é uma das transformações de Jupiter para raptar a formosa Europa, de *seductores encantos;* os Geminis iconographam a *immortalidade;* Cancer é o enviado terrivel de Hera contra Hercules nas suas lutas com a hydra polycephala; Leo figura o *triumpho* do filho de Alcmena nos bosques da Neméa; Virgo é uma das personificações de Pallas ou Minerva, deusa da guerra, mas tambem o nume pacifico das *artes;* Libra traz á mente o peso moral das acções e, portanto, a noção de justiça com as sancções do *premio* e do *castigo:* Scorpius perpetúa a sublime *magnanimidade* de Jupiter, dando ao velho e pobre Hyreu o filho Orion, por quem tanto almejava; Sagittarius, o sabio, allegoriza o thesouro das *sciencias,* pelas haver ensinado a Heraclés, a Achilles e a Esculapio.

Todos estes conceitos fabulisticos são a expansão aureolada de um fundo commum mythologicamente *religioso;* assim como os raios que

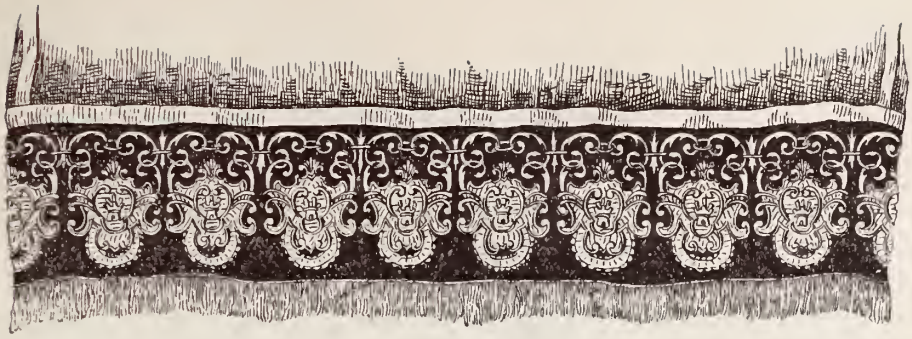
prendem as pinas, onde estes symbolos se insculpem, são irradiações de um eixo central, que os faz mover em cyclo.

Este aureo conjunto de allegoricas visualidades constitue o perfeito epitome da gloriosa rotação de um Reinado—todo de *poder*, de *gentileza*, de *amor*, de *ouro*, de *encantos*, de *immortalidade*, de *lutas*, de *triumphos*, de *artes*, de *justiça*, de *Magnanimidade*, de *sciencia* e finalmente de *Religião*.

«Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e moderno!»

Coche Infante D. Francisco — A

Comprimento de eixo a eixo	$4^{m},45$
Comprimento maximo da caixa.	$2^{m},25$
Altura	$2^{m},33$



Coche *INFANTE D. FRANCISCO-A*

ertence ao grupo dos apparatosamente mandados fazer para a famosa jornada ao Caia em ordem á troca das Senhoras Infantas.

Foi de proposito preparado para dar realce ao serviço particular do Infante Senhor Dom Francisco, cujo estado não era simplesmente composto de ricas equipagens; era um verdadeiro *pequeno Estado,* politicamente falando, constante de doações de villas, alcaidarias, padroados, palacios, e até do grão-Priorado do Crato aos cinco annos de idade, etc. — tudo, desde o berço, feito por seu dilecto Pae e fartamente continuado por seu Augusto Irmão, o Senhor Dom João V.

Em depoimento feito pela *Historia Genealogica da Casa Real,* concernente á solemne recepção da Rainha Sr.ª Dona Maria Anna de Austria, claramente se reconhece que, já nesta epoca, o Senhor Infante Dom Francisco (então de 17 annos de idade) tinha *preciosos carros* para seu especial serviço. Devem pertencer-lhe mais outros dois do Deposito II, — que com este architectonicamente systematizam, os quaes, sobre esta base, foram denominados *D. Francisco-B* e *D. Francisco-C.* — *Vide* Nota 22.

*
* *

De tejadilho com pregaria e vasta ornamentação metallica, com escudo timbrado de corôa ducal no remate do alçado traseiro, de pilares e jogos dourados, é interiormente forrado a tisso de ouro e seda polychromica.

— Nada, constructiva nem decorativamente, obsta a que este coche e os do seu grupo (*B* e *C* do Deposito II) — de technica mais singela que o *D. João V,* feito *em Lisboa* — sejam de manufactura nacional.

O sapiente Vilhena Barbosa, porém, dá-o como *parisiense,* — por certo com fundamentos, mas que para si reservou. É verdade que, pela pressa da habilitação para a momentosa *Jornada ao Caia* (1729), muitos outros vehiculos, ainda bem mais modestos, foram feitos em França; todavia, bom é ter presente que da *possibilidade* de uma cousa não é logicamente licito concluir para a sua *realidade — a posse ad esse non valet illatio,* diz um antigo aforismo. Classificamo-lo de *francês,* em quanto que, para nós, é esta a origem da sua modelação architectonica.

*
* *

As Armas do Reino,

«Onde a Terra acaba e o Mar começa»,

estão, em todos os grandes apainelados, apoiadas por dois tenentes e descansadas em cabeça de heroe laureado, dentro de concha guarnecida com perolas e hastes de coral vermelho; o chefe do escudo vem carregado do banco de pinchar, hierarchicamente allusivo á ordem genealogica do nascimento deste Senhor Infante.

(O *primogenito* Senhor Dom João poucos dias teve de vida).

A outra corôa, tambem á antiga, posta em segundo logar, jacente *aos pés* da primeira, representará o segundo grau *genealogico,* pertinente á nascença *Real* do Infante Senhor Dom Francisco, para cuja equipagem o carro era destinado.

*
* *

Nas principescas exhibições dos altos cortejos desta epoca, o estado media a Personagem, e os *Solfistas* definiam o estado.

Pelo cartear do Conde de Tarouca para o de Avintes (Utrecht, 18 de julho de 1713 e 14 de julho de 1714), do mesmo Fidalgo para D. Duarte Antonio da Camara (*Ibidem,* 20 de dezembro de 1714) e ainda de Haya, em 18 de janeiro de 1725 etc., apura-se:

Com *trombetas de Coblentz*, que bem feriam os seus *pontos de Guerra* — com *timbales de cobre de Norimberg*, vaquetados por peritos de *Witzbourg* — com *Lettras de Mestrice* presidindo, *por entre Rabecas*, ás *sonatas de clarim*, se annunciava a estrepitosa saida dos coches *do Infante* para os actos de mais luzida *gala*. Uma apotheose.

Na corôa Real de todos os almofadados, tanto o lambel como os pendentes desta peça honorifica, estão de prata, devendo ser de ouro, porquanto pertencem não a uma *Infanta*, mas a um *Infante*.

— Provavelmente o pintor (heraldista pouco meticuloso) muito de intento figurou-os de metal branco para o effeito optico de os destacar do metal amarello componente dos castellos, em que iriam confusamente cair no chefe do escudo.

*
* *

As quatro Estações do anno acham-se allegoricamente figuradas nos pequenos apainelados, que ladeiam as portinholas: — o Inverno, por velho que se abafa com um manto de pelles; no Outomno,

«O ramo que lhe ves por divisa
O verde Thyrso foi de Baco usado».

A seu turno, a Primavera é personalizada na deusa Flora, toda engalanada de flores; o Verão em Ceres, diademada de espigas, com fouce e *manipulo* ou gavela de trigo nas mãos (o *manipulus* da Symbolica romana).

*
* *

O cabeçal do alçado detrás — visivelmente deduzido do seu homologo no coche *da Corôa* — é ennobrecido por uma corôa ducal, cujo escudo parece accusar vestigios de uma cifra intencionalmente obliterada (com toda a probabilidade as siglas entrelaçadas do nome do seu alto Proprietario).

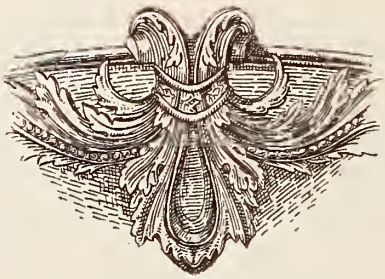
*
* *

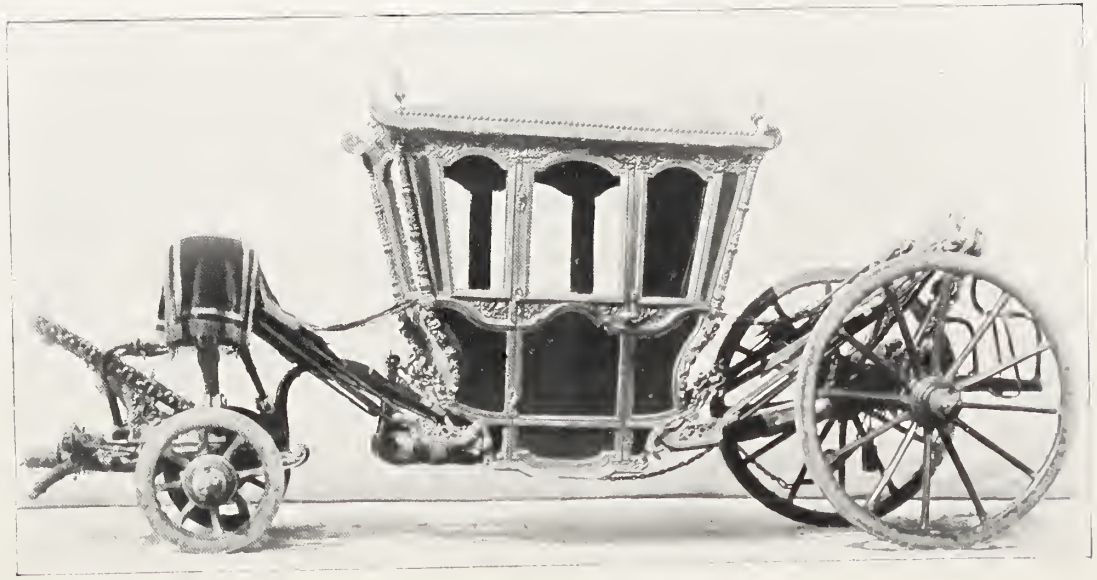
No plano superior do apainelado traseiro, nota-se uma mulher, de typo senhoril, e dois Anjos alados segurando escudo, em que se desenha uma

figura, de corôa radial na cabeça e outra aos pés, mantendo numa das mãos uma tela e na outra uma palma.

— Esta composição, ou é mera fantasia simplesmente destinada a matar a nudez monotona de uma grande superficie, ou então — e mais provavelmente — visou a personificação allegorica da *Genealogia Real,* referindo-a ao nome, que appellida o coche.

Neste presupposto, a primeira corôa, de pontas de ouro (a *Realeza*), o chirographo na mão direita da personagem (a *Lei*), a palma na mão esquerda (a *Gloria*), alludirão á *Majestade Real* do Senhor Dom João V que, como primeiro filho (vivente) de El-Rei o Senhor Dom Pedro II, era o seu legitimo successor dynastico.





Coche D. Anna Victoria — A

Comprimento de eixo a eixo	$4^{m},15$
Comprimento do maximo da caixa	2^{m}
Altura	$2^{m},10$

Coche *D. ANNA VICTORIA-A*

Tambem *claramente* feito para *jornada,* como se deduz do reparado exame *á substrucção* dos seus assentos.

Com mais outros coches *hispanhoes* são os unicos de toda a collecção, que se recommendam pela *singularidade* de uma mola preventivamente destinada a travar a tranqueta da *pnertecilla,* evitando assim que, com os solavancos da marcha, ella se pudesse perigosamente abrir. Asymetrico de qualquer outro, que não seja algum dos do seu grupo *á Filipe V.* Todos de uma technica inconfundivel.

De jogos a vermelho e ouro, maçanetas de metal lavrado, tem os angulos com volutas ficticias, avivadas por tres renques de pregaria amarella, que onduladamente acompanham todo o cimacio do coche.

No forro interior da copa, corre uma aba ricamente bordada a ouro.

Pertence ao dote matrimonial da Senhora cujo nome tomou, Filha do Sr. Dom Carlos IV de Hispanha (*hombre débil* — como declara um Professor da *Escuela Normal de Toledo — razón, por la cual reinaron en su nombre sn esposa Maria Lnisa y sn favorito D. Manoel Godoy*).

*

* *

Os seus quatro montantes angulares são vistosamente formados por columnas corynthio-corolliticas, de torcidos salomonicos nos troços inferiores ou tambores basilares dos fustes.

— O pejamento ornamental destes membros architectonicos (sobrecarregada, confusa e desgraciosa modalidade) é um reflexo do estilo *baroco* que, desde o ultimo terço do seculo XVII, havia invadido tambem a Hispanha, como, na ultima decada do seculo XV, a sua tão rica e florescente escultura — então em toda a força de vitalidade e criação — o tinha sido pela primeira *Renascença* italiana.

Nem o proprio Zarcillo, da primeira metade do seculo XVIII, escapou ao *diluvium* daquella enfatuada alluvião. Foi sem vestigios de influxo na pujante arte hispanhola que se ergueram: — a estatua de Carlos V (*rey tan sabio como valiente, que venció á Francisco I de Francia, en la célebre batalla de Pavía*) e a de Filipe II (*que derrotó los franceses en San Quintin*), trabalhadas pelos milaneses Leon Leoni e seu filho Pompeo Leoni — a de Filipe III (*cuyos pocos conocimientos en politica aceleraron la decadencia de la monarquia española*) e a de Filipe IV (*que envolvió á España en guerras con Holanda, Francia y otras grandes potencias, casi sempre perdiendo los españoles*), cinzeladas por Pietro Tacca.

Os desvios *barocos,* imprimidos nas columnas deste coche, são um estygma, ainda magro, do que profusamente succedia ás pilastras e frisos das architraves, como, nas formas do estilo *grotesco* ou *monstruoso* do seculo XV, se dava com a multiplicação das estatuetas, que até radiavam as rosaceas dos templos.

Nem por isto deixa de se ostentar como o mais majestatico de todos os carros do seu agrupamento *filipino,* sendo, por este incidente architectural, registado até 1860 com o nome de coche das *Columnas de ouro,* conforme se vê escrito nas annotações das cocheiras *do Calvario.* —

Por baixo dos respectivos soccos, quatro mulheres desempenham as funcções de Caryatidas, aguentando-os; a da frente, do lado da sella, que segura um espelho, symboliza a Verdade; a sua congenere do lado opposto, que aconchega as mãos ao peito, apertando offegante o coração, sensibiliza o Affecto.

— Da acareação hermeneutica destes dois symbolos, intencionalmente collocados á frente do carro, resalta o pregão ferveroso da jubilosa acclamação de uma *Verdadeira amizade.*

*

* *

Na parte posterior, uma figura de mulher vem espalhando flores, de par com outra, que dedilha um instrumento acitharado.

—Devem complementarmente significar o *Canto festivo* dessa *Verdadeira amizade,* entoado no cortejo nupcial, de que este vehiculo fez parte, ao regressar-se da jornada ao Caia.

*
* *

A noção da Realeza está emblematicamente concretizada na corôa jacente em a parte inferior dos quatro lados do coche, sustentada por umas outras mulheres que, visivelmente alegres, vem segurando as cornucopias da paz e da abundancia.

Uma dellas, pelo vaso que sobraça e pelo delfim que tem aos pés, ambos jorrando agua em abundancia, com toda a verosimilhança allude a um rio caudaloso; assim como o Genio que, aos hombros della, segura um pequeno vaso de agua, correlativamente personifica um confluente de inferior importancia, cujas aguas alimentam o primeiro, de mais volumosa corrente.

—Bem pode aqui transpirar uma fórma poetica de exprimir o *Guadiana,* cujo curso é engrossado pela ribeira do *Caia* sobre a qual, em ponte-palacio, foi formalmente feito entre os dois Monarchas da peninsula o pacto matrimonial da Sr.ª Dona Maria Anna Victoria, Filha do Sr. Dom Filipe V de Hispanha, com o Principe do Brasil o Senhor Dom José (depois, Rei primeiro deste nome), Filho de El-Rei o Senhor Dom João V.

*
* *

No subportal ou plano infimo de cada degrau, mais duas figuras de typo feminino, em obra de talha, tambem de cornucopias, se defrontam joviaes, parecendo destinadas a tapeçar de flores a entrada para o carro dotal.

*
* *

Todos os paineis são tarjados com floreios, vendo-se, nos da frente e traseira, o Brasão das Quinas lateralmente engrinaldado com troncos de louro e carvalho, synonymos da gloria e valentia dos Portuguêses — ramagem que, com a sua symbolica enlaçadura, parece estar sempre ecoando:

«Por que de feitos tais, por mais que diga
Mais me ha de ficar inda por dizer».

*

* *

Resta apurar o motivo, por que não chamamos a este coche *D. Maria de Austria,* nem mesmo *D. Mariana Victoria* — mas *D. Anna Victoria.*

Ha questões de nomenclatura apparentemente insignificantes, mas que em substancia importam, quando embaraçosamente implicam com varios pontos de ordem historica.

A assinação de um titulo é sempre uma nota de classificação; tem, portanto, sempre um tal ou qual interesse scientifico.

Uma epigraphe (por isso mesmo que o é — ἐπι, *sobre* — γράφω, *escrevo*) envolve fundamentalmente uma theoria (θεωρέω, *specto, cogito*); é sempre, scientificamente considerada, uma synthese theorematica (θεωρηματικός, *contemplativus*) do texto descritivo, que encabeça.

Emquanto a Logica fôr a theoria das leis do entendimento e das condições normaes do seu exercicio em ordem á investigação, demonstração e vindicação da verdade — emquanto o principio fundamental do syllogismo fôr mathematicamente o mesmo que o do raciocinio deductivo — emquanto dos diptychos da historia da Methodologia não forem de todo expungidos os nomes aureolados de Aristoteles, de Bacon e de Descartes, sempre é licito, ordenado e proficiente fazermos para o *veredictum* do seu supremo tribunal o nosso frio e opportuno appello.

Ali se ensina que quando, em o syllogismo dijuntivo dichotomico, é negada na menor um dos dois membros da dijunção, o outro vem necessariamente affirmado no corollario — por exemplo: — este coche é o *D. Maria de Austria* ou o *D. Anna Victoria*; ora, não é o *D. Maria de Austria,* logo é o *D. Anna Victoria.* A legitimidade da premissa menor ficou liquidada quando, a paginas 75 e seguintes, justificámos o nosso dessentir, nesta parte, da dicção do douto Vilhena Barbosa.

Falta apenas arrazoar a substituição do *prenome* — *Mariana* pelo *nome* — *Anna.*

Em contradita a alguns manuaes de Historia patria, attinentes ao reinado de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom José I, bastar-me-hia a substanciosa lição do Sr. Conselheiro Viale, sapientissimo Mestre, que foi, do Paço e Lente do Curso Superior de Letras, cujo nome profundamente reverencio como historiador cavouqueiro, esmerilhador que era — e não simples estilista de Historia.

A esta Senhora chamava o abalisado Professor *D. Maria Anna Victoria;* como o Conde de Raczynski — sempre difficil de contentar — a tratava por *D. Marie-Victoire,* consoante se nota ao falar de Carpineti, que tambem gravou o retrato do Senhor Dom José I.

Tanto me bastou sempre para a formação de um juizo positivo acêrca dos *prenome, nome* e *cognome* da Esposa do Monarcha *Reformador.*

Todavia — não por desceremonia ou desconfiança, mas como habitual systema de investigação cartesiana — sempre, quanto possivel, desejei fariscar as fontes *primarias* do ensinamento historico.

A solidez de um edificio depende *basilarmente* dos cavoucos do seu alicerce, quaesquer que sejam as linhas, que ulteriormente o travem e os arcosbotantes, que complementarmente o ladeiem. E, porque não ha sciencia do particular, tudo é mister relacionar, a fim que, por exemplo, se não creia que o actual ingresso á caverna da Sibylla de Cumas que conheço de piso proprio — essa mansão tenebrosa, por onde Virgilio fazia descer Eneas aos Infernos pela mão da tremenda prophetisa — é hoje, tal qual elle a descreve, no livro VI da sua encantadora *Eneida,* ou que as horrorosas grutas do Averno — pelas quaes Homero fazia errar, sempre privados de luz, os desgraçados Cimmerianos — são actualmente, como elles os pinta no livro XI da sua bella *Odysséa.*

Progridamos na demonstração iniciada.

Num livro de 1728 — portanto, palpitante de occasião — publicado em Lisboa com as necessarias *formalidades do tempo,* o qual tem por titulo *Relação dos Festivos Applausos, com que na cidade do Porto se congratularão os Felices Despozorios...*, usa-se da expressão — Sr.ª Dona *Maria Anna Victoria.*

Segundo se observa no mesmo documento, foi por esta fórma, e não usando do prenome *Mariana,* que Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom João V se dirigiu aos Magistrados daquella cidade por cartas *assinadas de Sua Real mão* e que o seu *Desembargador do Paço,* Doutor Francisco de Ataide, Governador das Justiças da Relação, se entendeu com os *Ministros* do mesmo Tribunal.

Note-se que a graphia é absolutamente *coeva;* e que, na prolação, tão *facil* é *euphonicamente* brotar, de *Maria Anna, Mariana,* como *cacophonicamente* é *difficil* fraccionar *Mariana* em *Maria Anna.*

Parece um trocadilho de mero gracejo ou simples nugacidade, mas é um argumento phonetico de sensivel força explicativa.

Como prova de lealdade nesta exposição didactica e sinal de firmeza argumentativa, venha a campo um poucochinho de attrito — porque da fricção espadana muitas vezes a luz, ou pelo menos brota um coefficiente de calor. As duas seguintes objecções, que a mim mesmo propus, são serias; mas perfeitamente pulverizaveis — nada, portanto, paralysando na demonstração emprehendida.

1.ª O *titulus* mortuario do antigo sarcophago desta Rainha (hoje simples cenotaphio ou tumulo commemorativo) tem inscrita a palavra *Mariana.*

2.ª A *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* tambem a chama pelo mesmo *prenome.*

Resposta I. No agrupamento das fontes *directamente* historicas, ao lado — das *historias,* propriamente ditas, como a de Thucidides — das *chronicas,* como as medievaes — das *biographias,* como as de Plutarcho, figuram, com effeito, as *inscrições,* como as de Behistun na Persia ou de Rosetta (*Raschid*) no Alto-Egypto.

Mas já nos tempos da epigraphia tumular e da paleographia mural da antiga Roma e da vetusta Grecia o criterio sabio se revoltava queixoso contra os lapsos do *lapidarius* e as impurezas do λιθοτόμος.

O mausoleu, a que nos referimos, é um *Machado de Castro* de 1781, como o da Rainha Sr.ª Dona Maria Anna de Austria é outro *Machado de Castro* de 1754.

Ora, mais facil é, por um repetido phenomeno de acustica euphonica e synerese literal, escrever, aos cincoenta annos, *Mariana* por *Maria Anna,* do que, na viveza mnemonica dos vinte e tres de idade, comprometter a data obituaria de uma Personagem Real.

Pois está errada, neste ponto, a epigraphia da urna cineraria da Esposa do Senhor Dom João V, porque grava XXV, quando essa Senhora falleceu a 14 de agosto — como *officialmente* declara o *Auto* ou *Termo da entrega do Corpo* na Igreja dos Carmelitas descalços de S. João Nepomuceno, archivado na *Torre do Tombo,* sob o n.º 38 do maço 2.º, na gaveta 16.

Alem de que — e por ultimo — o reparo derivado da inscrição nada destructivamente pode contra os argumentos *proto-primarios* que, decorridas poucas linhas, serão adduzidos no seu logar ordenadamente dialectico.

Resposta II. Não posso, mau grado meu, vingar para a *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* (cujo oraculo ouço sempre e, por veses, sigo) uma tão peremptoria infallibilidade, que não lhe reconheça, entre outras, as falhas relativas á *Apresentação das Fachas* em 1715, citadas na pagina 90 deste livro.

Uma cousa é acatar, *em these,* a autoridade de uma dada fonte literario-historica, outra cousa é, *em todas as hypotheses,* reconhecer a indefectivel dogmatização do seu autor.

Ha mesmo, na exposição didascalica, umas certas formulas dijuntivas que, por momentos, estrangulam a voz do mestre que as enuncia, *verbi gratia:* a *Historia Genealogica* trata a Esposa do Rei *Magnanimo, ou* separadamente com os *prenome* e *nome* — *Maria Anna,* ou syncreticamente com o *prenome* — *Mariana.*

Para o problema pendente, respeitante á Filha de conquistador de Napoles, Oran, da Sicilia e da Sardenha — que a tão subido grau elevou a Hispanha, dada a prostração, a que a haviam reduzido os ultimos Reis da dynastia austriaca (Filipe V, *El Animoso*) — nada me pode auxiliar o *fac-simile* da sua assinatura baptismal (como na polemica identica relativa

ao coche *D. Maria de Austria*), visto não existir o respectivo testamento no *Archivo Nacional*, e os documentos regios chancellados, como Regente, terem inscrita a formula que fielmente transcrevo:

Deixa-me na duvida sobre, se o *A* é a letra inicial do nome *Anna* ou se é um simples determinativo da palavra *Rainha*.

Mas, quasi tanto como esse *ultimatum*, valem as duas seguintes razões (ouro é o que ouro vale — diz o proverbio).

Devidamente engavetado na *Torre do Tombo* existe um documento, de chancella official (lavrado em epoca asada para a correcção de qualquer falta commettida a este proposito, se por ventura a tivesse havido), o qual pela sua alta significação deveria ter sido visto com particular escrupulo, e sem obice algum, que lhe perturbasse a sua minuciosa leitura.

Está rubricado pelos seguintes nomes: — *Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães* = *Guilherme, Cardeal Patriarcha* = *Duque de Saldanha* = *Visconde de Athougnia* = *Marquez da Ribeira Grande* = *Marquez de Souza e Holstein* = *Marquez de Ficalho* = *Conde de Sobral*, etc. É o *Auto da Trasladação* desta Defunta, do seu primeiro deposito (Igreja dos Religiosos Minimos do Convento de S. Francisco de Paula) para o *Real Jazigo* de S. Vicente de Fora, com destino aos *Monarchas, Principes e mais Pessoas da Serenissima Casa de Bragança*, organizado em 1855, no tempo do Rei Senhor Dom Pedro V, sendo Regente Seu Augusto Pae El-Rei Senhor Dom Fernando II.

Chama-lhe (linha 43, folha 2) *D. Maria Anna* e não *D. Mariana*.

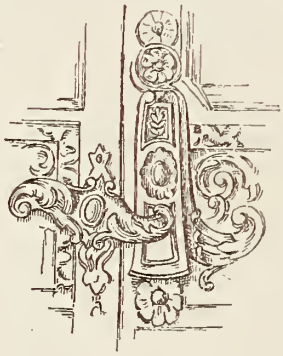
Finalmente, como coroamento da demonstração intentada, juntamos a esta prova puramente nacional uma — categoricamente *castelhana*.

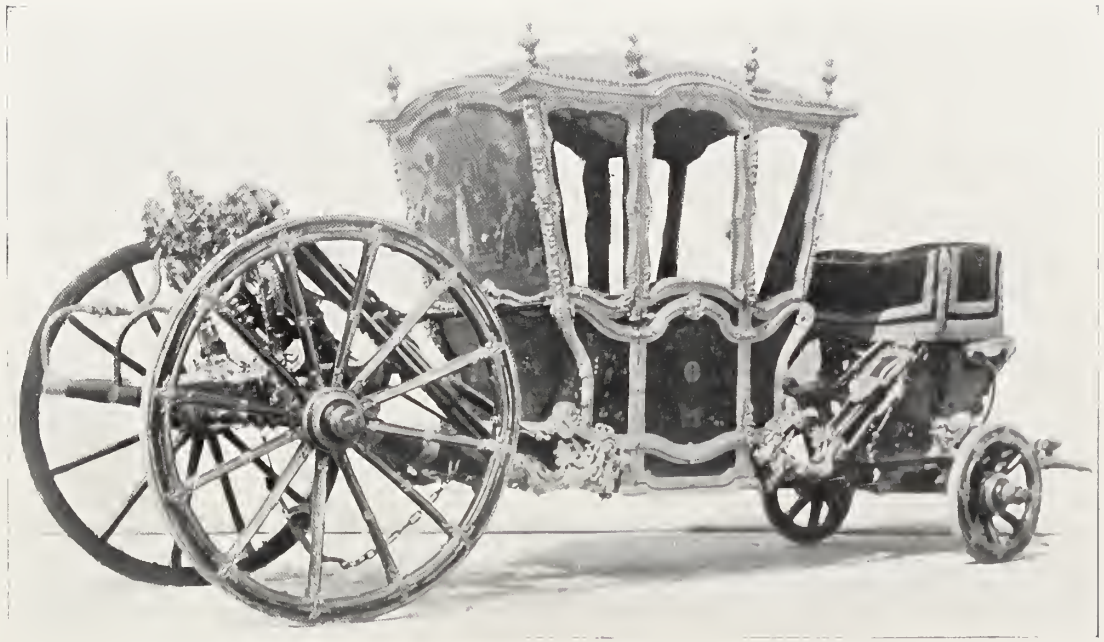
O coche 2.º deste sub-grupo hispanhol, jacente no Deposito II (por isso, etiquetado de *B*, como o do Deposito I o está por um *A* — carros nobres, que constituem pertença nupcial desta Rainha), tem bem salientemente pintada nos quatro paineis lateraes das suas *puertecillas*, uma placa ellipsodica com a clarissima inscrição floreada de um *A* — que nunca foi inicial de *Mariana*, mas sim de *Anna*.

Logo, podiamos ao coche questionado denominar, em resumo, *D. Anna Victoria,* omittindo o *prenome* Maria; e não deviamos paronomasticamente appellidá lo — *D. Mariana Victoria.*

. . . . . .
Maria Ana Victoria
hija, y peregrina Perla
del Gran Rey Felipe Quinto,
. . . . . .

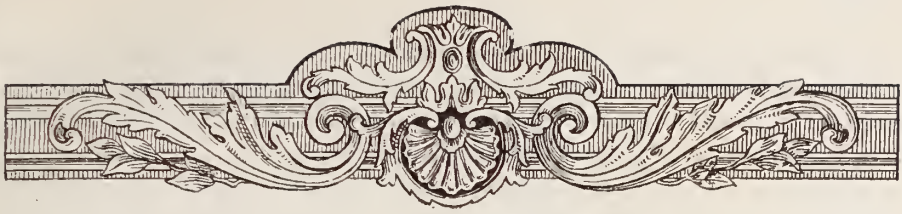
Assim lhe chamava, em Hispanha, um intimo aulico do seu tempo — e do *seu particular serviço.*





Coche D. Maria de Saboya — A

Comprimento de eixo a eixo	4^{m},10
Comprimento maximo da caixa	1^{m},85
Altura	2^{m},10



Coche *D. MARIA DE SABOIA – A*

o genuino typo *francês,* autentico *á Luis XIV*, Monarcha que, como presente de nupcias (1666), offereceu este carro á Sr.ª Dona Maria Francisca Isabel de Saboia, Esposa de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Affonso VI — o infeliz deportado do Castello de Angra e desventurado recluso do palacio de Sintra.

Por este facto, é tambem conhecido pelo nome — Coche *D. Affonso VI.*

De pilares dourados e jogos de vermelho realçados a ouro, tem o tejadilho de velludo carmesim agaloado a prata.

*

* *

Nos seus quatro grandes apainelados, com orlas em pintura *aventurinada* e festões grinaldados, a Corôa portuguêsa é flanqueada por griphos, como supportes heraldicos.

Os assuntos pintorescos dos paineis deste coche são de uma singularissima temperança symbolistica, singela e majestosa, sem os resaibos sensualistas dos grandes apparatos mythologicos — toques sabios, energicos, moraes e sublimes, proprios da escola de Poussin, o inventor da paisagem historica e heroica. —

Os pequeninos grupos de Anjos subjacentes ao referido Brasão, a começar pelo estribo da sella, são successivamente representativos de: — *jardinaria, festins, caça* e *repouso* — visivel allusão ao acto festival das bodas da emerita Neta da Duquesa de Vendôme.

Um pouco do estilo de Lenôtre, o mais bello decorador dos jardins das Tuileries e de Versailles (simples aldeia e *rendez-vous de chasse*, que o Rei Luis XIV transformou em cidade com um sumptuoso palacio Real).

*

* *

Aos lados da portinhola esquerda ou da sella, ha duas pequenas figuras symbolicas, que se prestam a ser interpretadas como allegorias á Verdade, cuja *luz* illumina, e ao Progresso, cujo *dardo* estimula.

E a emblematica *sagitta* não é a grega ou romana; é muito pensadamente, por mais aguda, a *adunca* ou asiatica.

— A gloria de Luis XIV não está somente nas conquistas dos seus bellos annos (em que, começando por ser o terror da Europa, terminou por servir-lhe de arbitro e pacificador), mas tambem no famoso impulso dado ás Letras e ás Artes, fazendo do seu seculo o seculo *do seu Nome*.

Systematizados, porém, estes dois painelinhos com os seus homologos do lado da mão ou direito, podem ser preferentemente allusivos de um outro conceito — mytheumatico, mas não menos ajustadamente symbolistico.

No primeiro delles, á direita do carro, com uns ares de familia communs ás figurações archaicas de Aphrodite, em que a *Venus genetrix* cujo poder mysterioso presidia ao renascimento da natureza e á prolifica união dos seres, era desenhada com traços sensivelmente mais castos, descortina-se a deusa, de chlamyde serica fluctuosa que ella, precavida, faz sem desmesura ondear por sobre si.

(Ainda no meio seculo antes da era vulgar um dos mais celebres Capitães da antiguidade, dotado do verdadeiro instincto e genio pugnaz do commando — o famoso domador das Gallias e imponente dictador, Julio Cesar — se vangloriava de fazer-se valer como pudico descendente de Venus pela varonia de Eneas, esse principe troyano apaixonado de Dido que a mythologia ensinava haver-se alfim refugiado nas margens do Tibre e estabelecido um pequeno estado, tido pelos Romanos como berço heroico do seu famoso imperio).

No segundo retabulozinho, um *Puer-lautus* ou perfumado paranympho, entoando o seu *carmen nuptiale,* brande o facho arrebolado do tricliniarcha Hymeneu.

Correspondentemente, na ilharga da sella ou esquerda, de φανός encandecido (como o harmonioso Mantuano os sabe enscenar no seu poema georgico de tam penetrante sensibilidade... *noctes lentus non deficit hu-*

mor...), outra figura com matronal semblante, *amicta* e de *palla* talar á romana — *honestæ mulieris indicium* — á guisa das estatuas da assoberbada villa Pamphilia, na esteliphera funcção de um Genio *eudaimonico,* vem alludindo á felicidade gerada pela deusa do Amor. Pelo astro, que lhe topeta a fronte, fulgurantemente recorda a Venus *ourania* (οὐρανός quer dizer *celeste,* sobrenome de Aphrodite quando nume dos prazeres innocentes do espirito, porque, denominada *géia* — de γῆιος, *terrenus* — era o desnuado nume, impudente orago de material e grosseira cultuação).

No mesmo lado do selecto vehiculo e sinistra da portinhola, divisa-se um segundo *Genietto,* de dardo e sagitta, nimbado de luz aurea como attributo da sua divinal procedencia.

É uma simulação de Cupido, personificando o arcano fecundo, que provoca a aproximação dos corações, que os fere, que os prende e lhes assegura a persistencia da Vida. Não finge o Erós cosmogonico de Hesiodo e dos poetas orphicos; lembra apenas o companheiro suave da deleitosa *Cypris,* «o favoneado minino» de cujas frechadas sanguentas tanto Sapho se queixava e cujo rechinante carcaz tanto aturdia o estro meloso do amenissimo Anachreonte (thema, que a poesia lyrica desenvolveu e de que a arte genialmente se apoderou).

— Neste fabulistico conglomerado, tenue repercussão de uma recatada *Erotidia,* com toda a sobriedade se ennovela a fina allegoria de umas esponsalias, ás quaes, como presente nupcial, o coche extrinsecamente se prende.

*

* *

O almofadado traseiro é dominado, no plano superior, por um retrato nobre de mulher, bem éffigiado no seu ar, côr, attitude e mais accessorios. Para alguns, é da propria Donataria do coche; para mim, uma simples allusão á sua *Regia Hierarchia,* como a do coche *D. Francisco-A* é a personificação allegorica da *Genealogia Real.*

De sceptro em punho, coroada, tendo no regaço um ramilhete composto de uvas, espigas de trigo e bem coloridos frutos, sentada num throno,

> «Recebe alli com pompa honesta e regia
> Mostrando-se Senhora grande e eggrejia».

A cabeça do docel, a corôa e manto de Rainha, o coxim, em que descansa os pés, são muito de industria flordelizados a ouro.

— O lis que, a principio, em França nunca appareceu como emblema, attributo ou peça heraldica, começa a affirmar-se no mobiliario dos brasões do seculo XII, estendendo-se, no seculo XIII, a tudo — desde a escultura e pintura até a tecelagem e diplomatica.

Os lises de ouro (cujo numero trino na armaria de França foi adoptado por Charles V, *le Sage,* no fim do seculo XIV—como symbolo do mysterio da Santissima Trindade) não são, portanto, no assunto presente, um motivo ornamental meramente decorativo, mas uma sigla patronimica, que indica a nacionalidade da Filha de Carlos Amadeu de Saboia, Duque de Nemours e de Aumale. A bella *Mademoiselle de Aumale* (assim chamada por ser Neta do Duque deste nome, o estrenuo defensor da catholicidade de França contra o protestantismo de Henrique IV, antecessor de Luis XIII), oriunda de um país, onde a Côrte de Versailles era de um brilho requintado — como o imponente debuxo deste painel ao certo pretende insinuar — vinha para ser *Uma Rainha,* em toda a majestatica comprehensão do termo.

*

* *

Ha, no mesmo quadro, um escudo tambem auriflordelizado, sustido por dois tenentes angelicos, um dos quaes ergue, na dextra, o caduceu de Mercurio.

— Deve ser o symbolo do commercio e industria, que Luis XIV, com a abertura do canal de Languedoc, com as manufacturas de Sedan e Elbœuf, com as tapeçarias de Flandres superiores ás dos Gobelins e vidrarias de Paris mais vistosas que as de Veneza, fez surgir da infancia, em que as deixara o calvinista converso, Henrique IV.

Assim nitidamente comprehendia e praticava o seu *métier de Roi* aquelle radiante Monarcha que, querendo que a França bastasse para si, sabia em vida bradar a seu Filho: — *c'est par le travail qu'on règne, c'est pour le travail qu'on règne* — e que, nos paroxismos da morte, lhe quis segredar: — *Carissimo Figlio, abbiate sempre il timor di Dio avanti gl'occhi; imitatemi nel bene, che ho fatto, ma nel male fuggite i miei esempj; sopra tutto non intraprendete leggiermente la guerra, come ho fatt'io, e non caricate d'imposizioni il vostro Popolo; questo é il rammarico, che meco porto morendo.*

Esta bellissima lição de ultimos momentos é garantida em traducção feita, sobre um fidedigno texto francês, por Guglielmo Bonhomme, na sua *Veridica Relazione della Infermità, e Morte Del Christianissimo Re di Francia Luigi XIV.*

*

* *

Na mesma almofada ou apainelado traseiro, cuja analyse foi interceptada por esta pequena digressão, notam-se ainda, descritos á esquerda: — um edificio (representa a Architectura); esphera armillar e telescopio (figuram a Astronomia); Genio sobraçando um leme (allego-

riza a Navegação); livro aberto com a inscrição HISTOIRE UNIVERSELLE (personaliza a Historia); paleta, pinceis e tento (alludem á Pintura); busto, fingindo pedra, (personifica a Escultura).

—Esta vasta symbolização é igualmente de uma exhuberantissima realidade historica. De facto, nenhum soberano, como Luis XIV, teve tantos genios a abrilhantar-lhe o seu esplendescente reinado.

Puget, com a altanaria e energia de um Michel Angelo (tambem simultaneamente pintor, escultor e architecto), foi o autor de soberbas figuras destinadas ás popas e camaras de muitos navios de Tolouse e Genova; Girardon povoou Versailles com o assombro das suas obras; Mansard fez surgir o *Grand-Trianon* e fendeu os ares com o zimborio dos *Invalides;* sublima a pintura Poussin, chefe de uma escola emerita pela sua elevação moral, interesse dramatico, riqueza e poesia das composições; Lesueur sabe pintar os mais intimos sentimentos das suas personagens; Lebrun decora a grande galeria de Versailles; Mignard esgota as scenas da delicadeza e da graça gentil...

Todo este discipulado de Poussin escandeceu o colorido da paleta francêsa, como a poesia de Malherbe regularizou a linguagem, e os pensamentos de Pascal equilibraram o bom senso.

*

* *

Segue, á direita do mesmo quadro, a exposição de uma esphera terrestre com o respectivo circulo horario (figuração da Geographia), ao lado da qual se senta um Anjo, de compasso e tela com um fortim polygonado inscrito (typifica a Geometria e a Estrategia militar); tem por companheiros outra personagem genial, que segura um sêllo pendente, branco, circular com effigie (ideographa a Diplomatica) e um terceiro, finalmente, mantendo um capacete, que se refere á Guerra.

—Nestas allegorias resalta uma effervescente allusão ás glorias, scientifica, militar, administrativa e marcial da França, cuja historia aponta em paginas de ouro: — o talento culminante de Descartes, compondo (aos doze annos e sem livros) uma geometria transcendental — o engenho estrategista de Vauban, que fortifica Brest e Toulon para ajudar a erguer a marinha militar, criada por Richelieu e depauperada por Mazarin — Colbert e Louvois, que systematizam a Economia e afinam a Diplomatica...

*

* *

O alludido grupo de Genios, moldado neste painel, é superintendido por um outro, alado, de maior vulto — o *Bucinator* da Fama — que com

duas tubas parece dispôr-se a simultaneamente entoar o cantico epico das glorias conjugadas de Portugal e da França, cujo soccorro capitaneado pelo Conde Schomberg havia concorrido para que o Conde de Marialva, em Montes Claros, gloriosamente decidisse a grande luta com a Hispanha — já com vinte e cinco annos de dolorosa duração!

*
* *

Este coche e o *da Corôa* — ambos francêses de *invento* e *execução* — declaram-se exhuberantemente figurados, mas sem carnosidades mythologicas, que de alguma sorte pornicamente os degradem.

Coche D. Pedro II — C

Comprimento de eixo a eixo	$4^{m},37$
Comprimento maximo da caixa	$1^{m},95$
Altura da caixa	$2^{m},20$

Berlinda *D. PEDRO II–C*

ejadilho com pregaria amarella e competentes maçanetas de metal.

Forros adamascados em velludo verde-escuro

«De rico fio sam que o bicho géra»

— tecido imitado pela pintura no fundo de todos os apainelados.

Os pilares são dourados e os jogos de encarnado, matizados a ouro.

*

* *

Os Brasões das portinholas accusam tintas já muito resequidas, observando-se ainda, em quasi todo o almofadado dos paineis, o brilho da pedra *aventurina*.

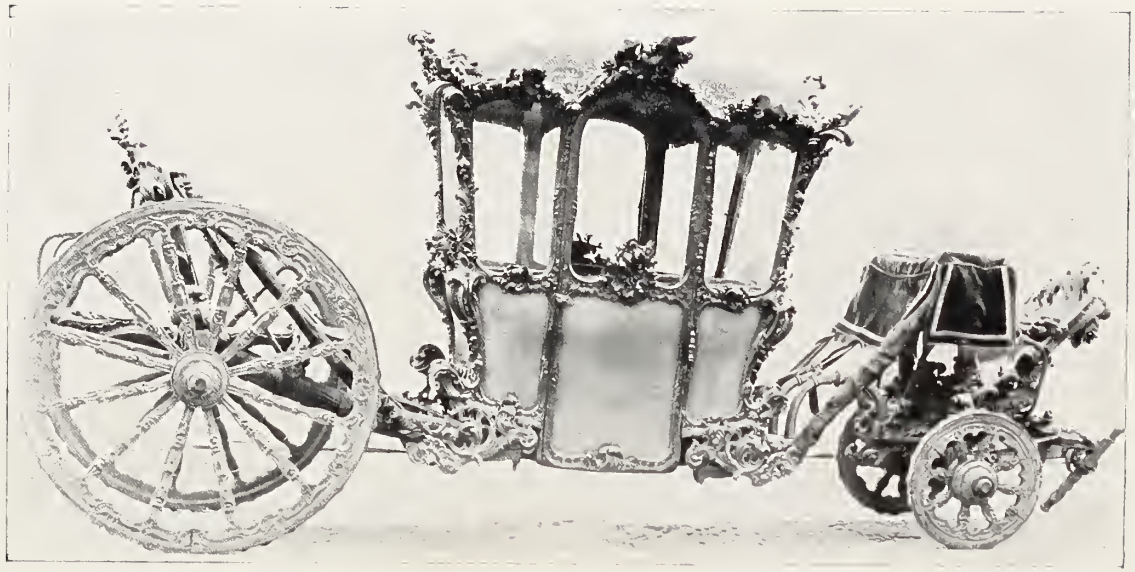
É enriquecido com molduragem de melhor talha dourada que o seu parelho *D. Pedro II–B,* o qual, forrado de velludo vermelho tem, a mais do que este, figuras no centro de todos os paineis — de tinta já tambem muito rechupada.

Munido com as *necessarias* habilitações para carro nobre de jornada.

Donde, mais uma vez, se conclue (ao contrario do que soe dizer-se) que a berlinda não é *privativamente* um vehiculo para *ceremoniosas* digressões urbanas.

*
* *

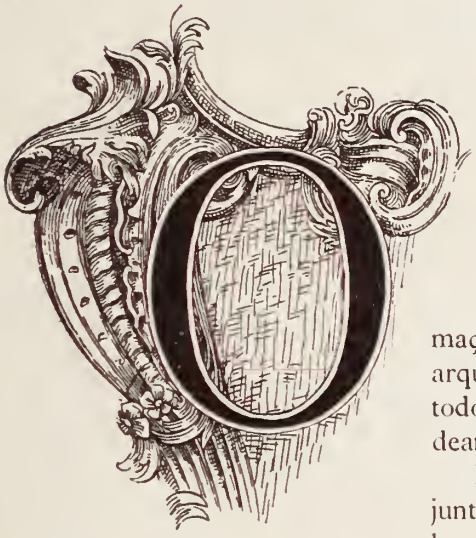
Da mesma sorte que o seu similar supra referido, remonta á epoca das primeiras nupcias do Monarcha, cujo nome tem, com a Esposa do seu finado Irmão, El-Rei o Senhor Dom Affonso VI.



Coche D. Maria Benedita

Comprimento de eixo a eixo	$4^{m},77$
Comprimento maximo da caixa	$1^{m},90$
Altura	$2^{m},20$

Coche *D. MARIA BENEDITA*



O tejadilho deste esbelto carro é interna e externamente coberto a velludo verde com relevo; o sanefado interessa pelas suas guarnições e pingentes de sirgaria; sem maçanetas, mas de brincados lavores em arquetes de madeira, formando no seu todo um coronide artisticamente ondeante.

Esta originalidade de entalhamento, juntamente com a dos pilares, portinholas e restantes moldurados, desde o alçado e pinas do rodado traseiro até a lança, boléa e balancins, fazem delle um modelo de elegancia no seu genero iconographico — um *Luis XV (rocaille)*.

*

* *

Portinhola da sella em descrição:

> «Num valle ameno, que os outeiros fende,
> Vinhão as claras agoas ajuntar-se»;

O aurito Pan, deus dos bosques e dos pastores, com os ademanes da sua irrisoria galhardia, persegue, nas margens do rio Ladon, a descuidada

Syrinx. A hemideusa da Arcadia, ao ver o pampanoso e traiçoeiro Luperco, estaca espavorida, implorando a protecção das suas irmãs Naiadas — que

«Nuas se deixão lavar na agoa fria.
. . . . . .
Ellas começão subito a gritar
Com que assalto tal nam esperavão».

Por aquelle valioso soccorro e pelo efficaz auxilio do Genio, que presidia ao Rio, foi ella metamorphoseada nos tenros caniços, com que o Rei dos rebanhos e Senhor dos campos fez a «agreste avena» ou flauta pastoril, que traz a tiracollo (a *syrinx* dos Gregos — σύριγξ — á qual correspondem o *arundo* e *fistula* dos Romanos, significando a frauta campestre inventada por Pan, consoante se observa em marmores captados nas excavações de Pompeia e Herculanum — typo mythologico, que se vê realmente perpetuado pelos pastores da Lombardia, com vinte e cinco tubos de canna, intitulado *flauta de Pan.*

— A transformação desta Nympha traduz um conceito familiar á arte archaica, sempre de acordo com a poesia heroica nas scenas figuradas, que mutuamente se inspiraram.

Foi a mobilidade das aguas que, no caracter mythologico das divindades aquaticas, fez predominar a aptidão para as metamorphoses, ao mesmo tempo que o curso impetuoso das torrentes da Grecia, durante a estação das chuvas, impulsionou á plastica artistica a adaptação de varias fórmas da natureza animal, desde o riquissimo mytho do taurino Acheloos até ao typo classico do deus fluvial da epoca *post-alexandrina* — representado á laia de personagem sentada ou encostada a um rochedo, coroada de algas ou caniços, de urna, leme ou cornucopia na mão e com outros accidentes allegorico-decorativos, insuflados pelo gosto theatral desenvolvido na arte greco-romana.

A arte puramente hellenica era de concepções energicas mais simples, e não menos symbolicas.

Do concerto entre a lição de Overbeck (Kunstmythologie) e a de Müller (Denkmäler der Kunst) se infere que o desenvolvimento dos typos divinos da mythologia experimentaram a lei geral, a que a arte e a civilização estão cadenciadamente submettidas — o progresso das fórmas.

Com effeito, Pan (do cortejo ordinario de Dyonisos com os Satyros, Silenos, Centauros, Medanas, Thyiades e Bacchantes) desenha-se no episodio arcadico deste painel, não já apparentando a displicente expressão de animalidade brutal e selvatica, com que vem affirmado nas moedas de Panticapea (*Greek coins* — Poole), nem com os ares ainda torvos de quem sae da gruta da Acropole para ir ensinar ao joven Olympos a arte do frautista; antes parece — mais sensivelmente humanizado mesmo, que

o proprio Pan do museu do Louvre — vir *hominalmente* acompanhar uma suave coréa de sempre graciosas Kharitas.

O pintor, dissimulando o que a alliança das fórmas originaes tem de monstruoso, revela haver conhecido o caminho, que a arte gradientemente tem percorrido, desde as robustas concepções das metopas do Parthenon e do friso do templo de Phigalia até a figuração de um Pan... quasi já sem estemmas de bestialidade, aligeiradamente velloso.

Todavia, a insolita assomada do *Zeus Arcadius* de Virgilio, nestes idyllicos vergeis, assombra a sua desaffectuosa Syrinx, incutindo-lhe um terror summo, sobrepujantemente *Panico*.

Este *panismo* de susto (o πάνισμός da escultura grega, repercutido no *terror Panicus* da arte greco-romana) vê-se aqui pictoricamente estampado, com fereza de toque, no rosto da arcadia Nympha.

As *facies* — benigna, meliflua deste amoroso Pan, e a confusa, aterrada desta rebelde Syrinx — são por certo as notas estilisticas, o *punctum saliens* mais digno de peso em toda a pinacoteca do coche em estudo.

*

* *

No painelinho, á esquerda desta porta, duas niveas pombas denunciam a chegada de Venus, deusa do Amor, a quem ellas eram consagradamente ligadas.

A formosa filha do Ceu e da Terra vem radiante entre nuvens,

«Vestida de hũa camisa preciosa»,

surprehender o afamado caçador Adonis (symbolo da gentileza) que, offegante, recebe de joelhos a «Déa» seductora. O incestuoso filho do rei Cinyras traz suspensa ao lado a sua buzina venatoria.

«Vendo a fermoza dama desejada»,

deita por terra a «chuça brava» do seu mister, como solemnissima homenagem prestada áquella, que desvairadamente o amou, ao extremo de o transformar em anemone, quando morto por um raivoso javali.

— Sem Paidia, sem Peithó e sem Eunomia, personificações do Gozo, da Persuasão e da Felicidade (Παιδιά, Πειθώ, Εὐνομία, outras tantas esposas do fascinador Eros ou insaturavel Cupido), nem por isso deixa de ser uma sentida *Adonia* o assumpto espanejado neste quadro — desafogo de uma paixão amorosa, de todo o ponto cabida no ornamento de um carro nupcial. Adonis, pensativo, saudoso e tristonho pressente, quem sabe? essa morte trucidada, que mais tarde o fulminou.

A lenda dos amores desta Aphrodite (uma das engenhosas variantes ou replicas pictoricas feitas ao sabor do motivo inventado pelo genio de Praxiteles 360 antes de J. C.), o mytho dos seus idyllios com o joven deus syrio apparece traduzido em vasos italiotas e em baixos-relevos de sarcophagos romanos, quando o crescente mysticismo da arte fez prevalecer o gosto pelas allusões aos paramos da vida futura. Adonis foi morto; mas transubstanciado numa flor... porque o era.

Vê-se aqui estampada uma Venus chypriota — positivamente, porquanto tem por adejante escolta duas das meigas pombinhas, em grande numero criadas no *temenos* do templo de Saphos, votado ao culto erotico da deusa prolifica.

(Τέμενος era o tracto de terreno adjacente ao templo ou ediculo da divindade, a que era liturgicamente consagrado — immune, portanto).

É em Chypre, que se deve buscar o prototypo da genesiaca Venus, visto que foi, por intermedio do commercio desta ilha que o culto da Aphrodite de Susa se diffundiu pela bacia oriental do Mediterraneo.

O autor, porém, não a descreve anachronica e friamente, como a Venus da arte mais archaica, duplamente acautelada com o seu *chiton* e o seu *himation* — a apresentação mais casta da pornica deusa; tambem a não desnuda por completo, exhibindo-se inspirado na Venus do Capitolio, na Aphrodite ἐν κήποις (dos jardins) ou na balneante do museu de Napoles; esconde-lhe a nudez omnimodamente praxitelica, velando-a com um subtilissimo prodromo de anagoa para — como melhor convinha ao carro dotal de uma Princesa — fugir da Venus francamente descamisada, consoante vem impressa na portinhola da mão do carro *D. João V.*

Mera ceremonia, uma vez que a estatuaria carnação do Nume transparece palpitante na polpa das suas hyalinas formas, que a diaphana camisinha de Cos finge occultar. Um tropo de Mestre, porquanto a mulher de tunica *soluta,* isto é, *sem cinto* — segundo vi em pinturas reservadas das ruinas de Pompeia, no *vico del Balcone Pensile* (*lupanare*) e se estuda nas *Satyras* de Horacio — sempre, na Grecia como na Italia, foi synonima de costumes relaxados, chamada, por isto, uma *dissoluta*.

*

* *

Na almofadinha da direita, a casta Deusa triforme (Hecate no Inferno, *Lua* no Ceu e Diana na Terra) descansa num rochedo, abrigando com seu pudico manto o predilecto Eudymion — pastor, por causa de quem a «Eburnea Lua», irmã de Apollo, baixava do ceu á terra... lá muito pela calada da noite.

—Por ser assunto manifestamente antithetico ao fim ameno da factura deste coche, não devia o allegorista attribuir á Deusa um papel infernal,

traçando algum dos tetricos episodios do sombrio culto de Hecate (a *Beudis* thracia que, com este nome, penetrou na Attica), nem tão pouco retratá-la com a ferina graveza de uma Diana taurica ou desgabada *Tauropolos*. Não quis ainda assinalar-lhe o ademan de *caçadora* (Ἀγρότερα), feição aliás dominante da Artémis hellenica, tão nobremente descrita pelo poeta homerico da *Odyssea*.

Como mais pura sublimação ornamental, guindou-se o pintor ao typo alevantado da Sélené — nume da luz lunar, antiquissima personalização do astro da noute, divindade dorica como Apollo — dando-lhe por divinal emblema o ἄμπυξ ou *frontale*, que typicamente recorda a sua fabulistica origem e adornando-lhe a fronte com a luz coada de um crescente de *Lua*, á semelhança do majestoso *antefixum* dos architectos etruscos ligado á cornija de um sumptuoso entablamento. De aspecto virgineo, poroso de castidade, descansa indumentada com o traje decorosissimo de qualquer dóna terraquea. Através de todos os cambiantes, que o typo figurado de Diana tem assumido, desde o mais rude *xoanon* até as formas classicas do Louvre e do Museu de Napoles, sempre nelles transpira a concepção predominante do seu caracter pudibundamente virginal.

A nota de soberana gravidade, que prevalece no culto artemisiano, foi sabiamente visada e expandida pelo autor, no invento, na composição e execução deste painel.

*

* *

Na almofada traseira inferior, dilata-se um apaisado «de tapeçaria bella e fina»,

«.....que cobre o rustico terreno».

Vem nelle espraiar-se um mar sereno, em cujo seio vae «polas argenteas ondas» singrando uma nau.

Á direita baixa, Pan, terno e sorridente (ou, por elle, qualquer outro da mesma grei cornigera), coroado com o seu bachanal *corymbus*, offerece, todo dengoso, um açafate de frutas á donzella, de «capellas deleitosas», diademada com verdura e cachos de uvas, que o ameiga a elle com não menos ternura.

A esta cordialissima entrevista justapõe-se outra, em que uma graciosa matrona, de fulvas madeixas involtas em rosarios de perolas, fita enlevada «o ledo amante», mimosamente engrinaldado.

No outro lado da scena, um bacchante, sentado no dorso de um capro — seguro já para o sacrificio por dois pequenos Kadmilos — liba o

«Não usado licôr que dá alegria»,

olhando supplicante para o Ceu...

— E o barco velivago que, sem palinuro que se veja e sem celeuma que se oiça, vae

«Cometendo os duros medos do mar incerto»?...

Por vezes, os poetas e ornatistas comparam a vida do casamento ao baixel, que veleja por mares incognitos, ao qual uma brisa fagueira leva a termo de bom porto, como o vendaval traiçoeiro o póde fazer sossobrar.

Em toda esta acção mythica, de bem equilibrados grupos, allegoricamente se assinala uma urdidura de amor, por cujo termo propicio se fazem votos ardentes.

*
* *

No painel detrás superior, de copiosa e energica invenção, um Jupiter olympico, como «Padre poderoso», anima Portugal, sempre heroico em suas façanhas, apontando-lhe o «estelifero polo». Apparece entre nuvens o «Padre sublimado», enfeixando,

«Com gesto alto, severo e soberano»,

os raios potentes, que fulminaram os audaciosos gigantes na sua pretensa escalada do Ceu.

Vem acompanhado da aguia altiva, que arrebatou o bello Ganymedes para ao Deus ministrar o delicioso nectar; um Genio, como arauto divino, mantem-lhe o sceptro da sua potente Majestade, emquanto outro firma a columna da Fortaleza, que lhe é apanagio.

Mais além, nesta mesma visão celeste, um Anjinho alado ergue attento uma serpente, que morde a propria cauda — é o hieroplypho do circulo perpetuo das mundanas vicissitudes, um dos symbolos do Tempo ou Saturno, cujo reinado na terra foi reputado todo prospero, uma verdadeira idade de ouro. No mais alto da nuvem, tudo espreita o *Olho symbolico* — que passou dos Egypcios para os Romanos por intermedio dos Gregos e destes para a iconographia christã, como sendo o *δικὴς ὀφθαλμός*, isto é, o *Olho da Providencia*.

A valentia heroica do Povo Português é representada pelo Escudo nacional sustido por dois Genios, apoios tutelares, que o acostam a um musculoso Hercules, laureado, de clava mortifera, o qual está mostrando ao sublimado vencedor dos Titanes as suas lendarias proezas, synthetizadas nas quatro, que claramente se antolham: — 1.ª, o acorrentamento do tricephalo guarda do palacio de Plutão e das portas do Inferno,

«Onde o Trifauce Cão perpetua fome
Tem de almas que passão deste mundo»

(é o Cerbero, sempre arremetente, que elle prendeu ao raptar a delicadissima Alceste) — 2.ª, a morte da «Hydra brava» cujas cabeças sempre renasciam — 3.ª, a do veado de pés de bronze e cornos de ouro — e, por fim, a do porco de Erymantho, que tudo assolava.

— Tem ares de condensadamente historica a lição, que parece allegorizada neste intensissimo composto.

O remedio acertado e energico dado ás calamidades originadas pela terrivel catastrophe de 1 de novembro de 1755 e a repulsa formal das invasões de Bragança e Chaves, as lutas sanguinolentas com a alta Nobreza do país e a expulsão dos Jesuitas, o tenso rompimento diplomatico com a Côrte de Roma e a potentissima reforma dos estudos, a abolição da escravatura em Portugal e as profundas innovações em pontos de legislação (delineadas e postas em pratica por um Gigante famoso, as quaes prepararam a opinião e os animos para outras de maior tomo, introduzidas meio seculo depois) são, na verdade, *trabalhos* de supremo esforço *herculeo,* que salientam um reinado como aquelle, a cujo termo remontamos a feitura deste coche.

*

* *

Na portinhola da mão, em quadro repleto de toques animosos, vêem-se os fustes de um propyleo grego, situado á beira «da agoa Neptunina», onde fundeia a nau Argos; para ella Jason leva em triumpho o celebre vello de ouro do carneiro offerecido por Phryxo a Marte — encantado talisman de abundancia para todos os que tinham a posse delle.

Acompanha-o, com o seu formidando *Codex cabalisticus,* «a Magica Medéa», depois de haver narcotizado e morto com a sua varinha de feiticeira o dragão que, em Colchos, era o guarda vigilante do afamado thesouro; agrupam-se dois argonautas distinctos (mais provavelmente Orpheu cuja musica suave até as feras attrahia e Theseu, o valente assaltante da incinerada Troia).

— Transluz, neste apparato mythologico, o pensamento vivo de um manancial perenne de ouro, jacente longe do país que, por via maritima, o conquista e vae explorando — *um Brasil?*

*

* *

No painelinho da direita, o pastor imberbe que se divisa gentil é, por ventura, o seductor «Acteon na caça tam austero»; recebe um pomo ba-

fejado pelo caduceu da Paz e da Felicidade que, adejando para a terra, está punhado por quem «excede em ligeireza»

«Ao vento leve e á seta bem talhada».

É Mercurio, o Hermes mensageiro de Jupiter.

*
* *

No da esquerda, um Centauro, «com gesto acceso», atravessa mares sem custo para aportar a seguro, raptando a forçada Hippodamia, tão lindamente velada com os seus fatos nupciaes!

«E não sente quem a leva o doce peso
De soberbo com carga tam fermosa».

*
* *

No apainelado deanteiro, Amphitrite, conduzida em coche por uma junta de golphinhos e acompanhada de duas «alvas filhas de Nerêo», segura no collo, amparada por um Tritão, uma donzella subtilmente vestida,

«Que o corpo cristalino deixa ver-se».

Seguem, á esquerda, em hilariante cortejo,

«Em coreas gentis, usança velha»,

Cloto, Nice, Nerine

«Com toda a mais cerulea companhia»

— é um par de Tritões, que com

«Sonorosas trombetas incitavão
Os animos alegres resoando».

No plano superior, á direita, sentado em escabroso rochedo da ilha dos Cyclopes, um delles, o alentado Polyphemo, todo festivo, com a sua

«frauta rude» a tiracollo, de olho frontal bem rasgado, fita a scena que parece proteger, como filho que era de Neptuno, o glorioso Rei dos Mares — o Poseidón da lenda grega.

*

* *

O fundo allegorico de toda a pinturesca fabulização deste coche, o seu typo singularmente architectural e varios outros considerandos de boa critica levam-nos a classificá-lo como offerta, preparada nos ultimos lampejos do reinado de El-Rei o Senhor Dom José I, para o enlace matrimonial de sua Filha, a Senhora Infanta Dona Maria Francisca Benedita com o Senhor Dom José, Filho da Princesa a Senhora Dona Maria Francisca — tres dias depois, Rainha, sob o *piedoso* nome de *Dona Maria I.*

É um verdadeiro monumento vehicular pela fina subtilidade do seu invento e composição architectonico-pictorica. Ostenta-se, como sendo de todos os carros nobres aquelle, em que a fabula ou acção, as personagens ou caracteres e o metro ou estilo formam uma synthese mais perfeita, girando tudo sobre um centro mais commum de mythologica unidade. Perfeitamente congruo

Ás Sacras Nupcias, que festeja Lyzia

— como versava, altisono, Pedro Valle, um poeta cortesão desses tempos, dizendo que

..... a Deuza .....
..... juntava á Magestade a Formozura.

Este mimosissimo coche é, com effeito, uma bem idealizada monumentalização esthetica, votada á alta memoria de Quem se mostrou — tão boa desenhadora, que seu mestre, J. Carneiro da Silva, gravou inventos da sua apurada lavra — tão poeta, que, aos oitenta annos de idade, ainda enthusiastamente recitava versos italianos e portuguêses — tão musica, que era a solista correctissima das *Oratorias* e *Serenatas* da sua Côrte — tão scientifica, que até Historia ecclesiastica conhecia a fundo — tão polyglotta, que Valle della cantava, sempre altiloquo e generoso:

Quanto, ó Deuza, entoas nas cem linguas

— tão sensata, que, como emerita Afilhada do Santo Padre Bento XIV, soube evitar os escolhos da incredulidade (que aniquila a religião) e os

do fanatismo (que por completo a desfigura) — tão patriota e caridosa, que é da sua fundação o Hospital dos Invalidos Militares em Runa — finalmente, tão politica, liberal e tão sincera, que classificou de *usurpada* a acclamação do Rei *Absoluto*.

Disfarçado de mulher
O melhor Sol do Occidente,

dizia Pinto Brandam, numa das suas decimas, referindo-se á veneranda Princesa.

*

* *

Qual o autor desta pequena, mas tão formosa e palpitante pinacoteca?

Seria o discipulo de Negreiros e mestre de Francisco de Setubal, Bruno José do Valle, talentoso ornatista de carruagens, allegorista de eleição, que as pintou para a Casa Real, rivalizando com o mavioso Pedro Alexandrino de Carvalho?

Pertencerão os paineis a este ultimo, tão facil quão fecundo mestre, a principio tambem estilista de seges, que com summo proveito frequentou a escola do segundo André Gonçalves, pintando ao natural, como produzindo de imaginativa?

Ou serão do seu successor na ornamentação dos carros nobres (quando Alexandrino começou a occupar-se só de assuntos mais elevados), o architecto-pintor Jeronimo de Barros Ferreira, fervente enthusiasta da sua arte, de colorido um pouco tirante *á flamenga,* habil na caricatura e *mythologista classico?*...

Por carencia de documentos que proporcionem a escolha *inquestionavel* de uma destas tres rubricas, a presumpção mais verosimil pende, a meu ver, para a ultima das paletas indigitadas.

Ha criterios cranianos, que são basicos de classificações anthropologicas, como ha traços physionomicos, que marcam sub-raças distinctas; assim, na esthetica da pintura, ha themas de eleição, manejos individualistas, côres locaes e transparentes que, á mingua de autenticação litteraria, contornam *modos* e esfuminham *autores.* — *Vide* Nota 24.

*

* *

Para bem se aquilatar a superior proficiencia mythologica e ethologica das ultimas minudencias descritivas com que, na delineação typica

destes escrupulosissimos paineis, se houve o tratadista emerito, basta — que, no quadro da porta da sella, se tenteie o ar seleccionado, impresso no *olho azul* da Syrinx e da sua concomitante Naiada — e que, no painelinho á direita da portinhola da mão, se sonde a sublimação do seu voante Mercurio. *Olhos azues,* positivamente.

Não é de recear um erro optico á distancia normal da visão, incidindo sem daltonismo sobre figuras de $0^m,45$, destacadas num fundo extraordinariamente gemado.

São *ceruleos* de pervinca (como, nas suas composições brilhantes de colorido, eram tratados pelo celebre Jordaens, pintor flamengo do inicio do seculo XVII) — e rutilam por entre fulvidas madeixas, que fazem recordar um tanto das personagens de Van-Dyck, sempre de pincel delicadamente simples e realisticamente sabio.

E isto, longe de ser, em mythologia, um erro de arte e, em decoração, um caprichoso gratuitismo, é, pelo contrario, uma significativa neomorphose pictorica, porquanto — na terra, de *olhos azues* só Minerva (por isto, chamada nos poetas a *Glaukopos,* de γλαυκός, azul e ὤψ, ὠπός, olho) — no oceano, só o deus *Glauko,* que em si resume toda a poesia da vida do mar (o *ceruleus* amante de Scylla, á qual a ciumenta Maga do promontorio *Circeium* converteu em monstro, como transformou em brutos os companheiros do ithaco Ulisses).

Era assim o espirito grego. A indefinida variedade dos sentimentos confusos que o grandioso espectaculo das vagas causa, provocou na Grecia essa viva eclosão de episodios lendarios, que compõem a sua fecundissima mythologia.

O estridor do trovão como o fulminar da centelha, o marulho da onda como a alvura da espuma, a lympha fugitiva como o murmurio do regato eram para a fogosa imaginação dos Hellenos mansas ou raiventas manifestações da Natureza divina que, a seu turno, deificavam.

Surgem, dest'arte, as Nereiadas do mar e as Naiadas dos rios.

O autor, como se descrevesse os idyllios do cyclope Polyphemo com a oceanica Galatéa ou tratasse o mytho do *Littoral* amante da *cynica* Scylla, *azulou* tambem os olhos da nympha do Ladon — fazendo-a «deusa da agoa fria» — e da Syrinx aturdida, por cujas margens vagueava exulada, para bem sensibilisar que a protecção deste Rio contra o atediado Pan ia ao apice de nella infundir o *olhar ceruleo* de uma Naiada — protomorphose da sua cyperacea transmutação.

Agora, a segunda parte do meu asserto:

Nas figurações symbolicas da pintura e da esculptura classica, o Hermés apresenta-se-nos com um caracter notavelmente complexo, porque a arte, multiplicando com facilidade as replicas livremente tratadas, tem plagiado as linhas topicas da estatua sublime de um Mestre, ajustando-lhes depois accessorios *sui generis,* conforme se observa na lyra e pal-

meira desse soberbo marmore de Paros, o Mercurio do Vaticano, denominado *Antinous* (nome do gentil bythiniense, favorito do Imperador Adriano, que para a arte romana foi o prototypo da belleza). Ao tempo das minhas notas presenciaes (1904) era o inolvidavel n.º 53 do 4.º gabinete, no *Cortile del Belvedere.*

Na vetusta symbologia plastica ou graphica, uma simples mudança de attitude póde, *ipso facto,* determinar o sublinhamento da attribuição, a que se allude. Assim, um Hermes, que emphaticamente gesticula com um braço, dá incontinente para a hermeneutica da arte o *Logios* ou deus da eloquencia — argumentador subtil, que convence, deleita e persuade (Λογείς).

Os differentes papeis ou funcções, que lhe são referidos, explicam a malleabilidade da sua physionomia ethica e a inconstancia do ademan, com que vem perfilado.

No caso sujeito, o pintor delineia Mercurio, não com os traços particulares, que compõem o typo glyptico do Hermés archaico — barba pontuda, vestido de *chitón* (tunica, χιτών), armado com o *kerikeion* (haste com dois ramos entrelaçados — o *caduceu*), aformoseado pelo καλὰ πέδιλα ou bellas sandalias enastradas com ouro, á semelhança dos genios phalenados, de que fallam os poemas homericos; o ornamentista abandonou o πίλεος ou barrete do antigo modelo para adoptar o κυνῆ (chapelinho de feltro com bordas estreitas), fazendo-o joven, imberbe, respirando finura e agilidade, alado, de chlamyde abandonada — tal qual se expande na nova escola attica, depois da guerra do Peloponeso.

Não o define como sombrio mensageiro dos poderes infernaes, jactancioso introductor das Musas ou tenro Kadmilo dos sacrificios; não o figura como nume tutelar do gymnasio de Athenas ou de Eleusis (o Hermés Euagonio — *certaminibus clarus*) ou como guia das almas dos mortos (*Psychépompé*); furta-lhe o estrigilo, que recorda a luta entre Eretrianos e Tanagrianos, visto como não quer nelle ideographar nenhum conceito bellicoso.

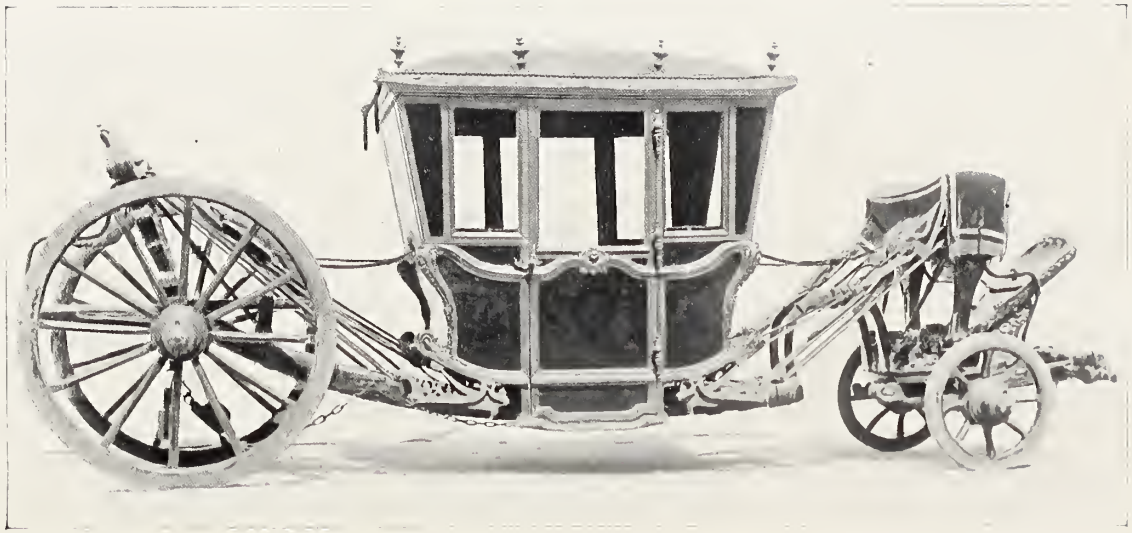
Não o estampa sob o aspecto do Hermés *Kerdóos* ou deus do ganho, dos mercados e transacções sociaes; nem como o interesseiro *Agoraios,* de bolsa gananciosa na mão; por completo o desvia do improbo Mercurio, ironicamente tracejado por Ovidio — crassicie tardiamente desenvolvida e afastada da pura tradição hellenica, modificação grosseira, que o genio pratico dos Romanos fez experimentar á physionomia moral do Hermés hellenico.

Neste episodio campestre, o allegorista purifica-o, quanto póde, ameniza-o, fá-lo repassar da inebriante doçura dos campos para, em mensagem de Jupiter, vir áquella lobrega mansão adoçar as amarguras do apaixonado Acteon. Comquanto figurante numa scena rustica, não lhe imprime o caracter pastoral do Mercurio *Criophoro,* o bom deus beo-

ciano, *de cordeiro ao hombro* (Χριός + φορός, de φέρω) — por ventura, para não susceptibilizar a iconographia christã na terna symbolistica do seu *Bom Pastor*.

É um presto Legado do Olympo que, velifero, baixa á terra para attenuar a soledade do anciado filho de Myrrha, mitigando-lhe o coração sedento com o pomo, de que é portador — pertença fagueira da sua enamorada Venus, a quem Páris (de preferencia á vindicativa Juno e cecropica Pallas nas litigiosas bodas de Pelêo e Thetis) declarou, por ordem de Jupiter, ser ella *A mais formosa das Tres*.

Eis um Mercurio *Opórimos* — subtilissima modalização, que extrema e exalta um pintor mythologo-ethologista.



Coche D. Carlota Joaquina — A

Comprimento de eixo a eixo	$4^{m},85$
Comprimento maximo da caixa	$2^{m},10$
Altura	$2^{m},12$

Coche *D. CARLOTA JOAQUINA-A*

e pilares dourados e jogos de vermelho matisados a ouro.

O tejadilho é encoirado, com grande e pequena pregaria amarella; tem os apainelados superiores armados a coiro com tres renques ou fiadas de pequenos pregos metallicos — caracteristica commum aos carros da sub-serie *á Filipe V*.

Trazido pela Princesa cujo nome tomou, por occasião do seu matrimonio com o Principe Senhor Dom João, faz systema vehicular com o coche *D. Carlota Joaquina-B,* d'este Deposito e com o *C* da mesma denominação, archivado no Deposito II.

*

* *

A pintura da *puertecilla* da sella tem na orladura uma galeria, de cujas extremidades se alevantam duas pilastras enramalhetadas, superiormente ligadas por um emparreirado com laçaria de florões, de um dos quaes, ao centro, pendem as palmas, que envolvem os Escudos accolados de Portugal e Hispanha, jungidos pela mesma corôa Real.

— A composição heraldica deste Brasão significa que uma Infanta hispanhola, a Sr.ª Dona Carlota Joaquina de Bourbon, Filha do Sr. Dom Carlos IV (o grande amigo do *Principe de la Paz,* e o grande

infeliz do Trafalgar) tomou para Esposo um Infante português, o Senhor Dom João (mais tarde El-Rei Dom João VI, por morte do Principe Senhor Dom José). —

A citada armaria assenta em cartela (*cartouche*) ladeada por cornucopias repletas de symbolos da Realeza e majestaticas louçanias.

Venus, a polyandrica, está reclinada numa concha, alvejando com a seta do seu amor o Tritão, que não ousa fugir-lhe.

—É a forma mythologica de allegorizar o mesmo facto historico, de antemão representado pelas peças honorificas componentes dos dois Escudos acostados. —

Ao lado direito deste duplo Brasão, num grupo de tres *Amorini* alados, a aljava de um e o facho incendiario do outro,

«Onde o minino as almas acendia»,

proclamam ao mundo a realidade de um affecto cuja categorização official se acha significada pela corôa de pontas de ouro, empunhada pelos seus consocios da esquerda, tão graciosos como os dois primeiros.

—A pintura moderna, á semelhança da pintura classica de Roma, nas suas allegorizações das scenas nupciaes, adoptou o *facho ardente* para symbolicamente representar o acto ceremonial das bodas, em que a noiva, com todos os seus donaires e atavios, era arrancada dos braços da mãe (para significar quanto presava a virgindade), sendo depois conduzida ao clarão de archotes (as nupcias eram de noite) levados por meninos, convenientemente preparados e recendentes de aromas—*pueri lauti.* —

Iam representando no prestito

«Os Regios Numes, que por alto impulso
Nos lapsos do Hymenêo as almas ligão».

—Jupiter, Juno, Venus, Diana e a Persuasão eram divindades tutelares do casamento.

*

* *

No painel do lado direito, em cima de um carcaz e por sobre nuvem acastellada, desnuda-se um amphitero, rompente, em cujo costado se assenta uma Venus, experimentando com o dedo a agudeza do dardo, que «o filho fricheiro», o «fero Cupido» segura, erguendo na outra mão um espelho oval.

—O espelho *reflecte;* a seta *fere.* —

O symbolo tem, como officio, sensibilizar a ideia de um affecto, cuja realidade fecunda mais uma vez se nota ideographada no outro painel da

mesma ilharga do coche, onde uma Dryada, coroada com a verdura dos seus prados, num throno de armas e nuvens, agarra pela mão o amoroso filho de Marte.

Vem afagando um pelicano, que se espicaça com o bico, para com o proprio sangue alimentar os filhos queridos.

—Accentua-se no emblema a nota de um venturo *amor filial* (a mais significativa das quatro modalidades hieroglyphicas deste animal, cujo invento remonta ao sacerdocio egypcio do tempo de Ptolomeu, seculo II d. C.).

*
* *

As orlas dos quatro grandes paineis (deanteiro, *puertecillas* e traseiro) quasi só divergem na pintura, pela escala proporcionada das suas dimensões; salientam-se apenas nos traços mythologicos com que, ao centro das respectivas galerias inferiores, se faz referencia ao mesmo sentimento e se exprime o mesmo facto esponsalicio.

*
* *

No almofadado de trás, á ponta do Brasão luso-hispanico corresponde, no plano infimo da moldura, uma cartela envolvente de um mar, por onde voga o grabato de Venus abraçando o menino Eros; Aphrodite vae acompanhada por ancião, que sobraça um vaso de aromas — o erotico perfume do Amor.

Á direita, no meio de nuvens e palmas, estreitam-se dois Amoresinhos, um dos quaes segura na mão esquerda um lume chammejante, proximo do espelho, que o outro mantem com a direita.

—Eis um novo hieroglypho da phrase intensivamente repetida: o *Verdadeiro affecto.* —

Á esquerda, em disposição analoga,

«Consagrando rendidos holocaustos
Ao thalamo feliz, que o mundo admira»,

um Cupido, armado de aljava, busca apossar-se do coração que feriu com a seta expedida, emquanto que outro lhe offerece uma corôa de myrtho — expressão encomiastica de um amor, coroado por venturosas nupcias.

*
* *

Ao centro da galeria pintada na *puertecilla* da mão, por baixo dos Escudos conjugados de Portugal e Hispanha, a tom de bronze, como nos

seus correspondentes dos outros paineis, revela-se-nos, sobre aguas revoltosas, guiada por um Genio, uma mulher de ares majestaticos;

«O Delfim tras comsigo, que aos amores
Do Rey lhe aconselhou que obedecesse».

Vem donairosa, em palestra intima com um homem, severo, coroado á antiga;

«Grave e leda no gesto e tam fermosa
Que se amansava o mar de maravilha».

É Amphitrite e seu esposo o Rei dos Mares — Neptuno, *Poseidón*.

— Adivinha-se, neste fabulistico circumloquio, uma allusão poetica á famosa entrevista matrimonial do Caia, junto do iberico Guadiana? —

Á direita do Brasão, o «ignifero» brande um feixe de raios do seu amor, com que vem de incendiar o fanal de um Himero tambem alado, no qual um terceiro vae aquentar o seu aduzente facho.

— Simulação, por certo, dos tres *paranymphos*, á fórma da boda romana; e, como taes, alludindo, no engenho do pintor, ao ceremonial de umas nupcias. —

Á esquerda, noutro cúpido agrupamento, ameiga-se ao collo de um menino um casal de pombinhos, alvos de neve, mimo de affecto para que um segundo sorri, ao passo que outro, ardente de enthusiasmo, faz as suas transportadas libações de taça em punho (cyclo de Himeros).

— Mais um relevo sentimental da mesma ideia fagueira.

*
* *

No painel á direita, no seio de nuvem, que se apoia num tropheu, está um infante sentado no dorso de um cão, que elle acaricia (o emblema da Fidelidade). A querida de Adonis,

«Venus que os amores tras comsigo»,

empolga toda a scena, esbelta, diademada; com a sua «alva petrina» ou magico cinturão de amor, apertando na mão esquerda uma chave *á antiga*, pretende por meio de um bocal de freio descerrar os labios e guiar seu filho Eros ou Cupido — é a alliciação de um affecto, que se busca regular e dominar, para que se torne bem real e expansivo, fiel e unico.

*
* *

A synthetização de todos estes symbolos, descritos em bem manejadas tintas, está concretamente objectivada no painel esquerdo da *puer-*

tecilla da mão, onde, postadas em uma nuvem, duas figuras suaves de homem e mulher, de «rubicunda»

«Cor, com que tu, Rubí, teu preço perdes»,

vestidos á epoca, de mãos direitas freneticamente estreitadas, apertam no ar, como pertença commum, um coração esbraseado.

Abraçam-se, quasi se osculam,

E dir pareano: di nova fiamma
Arda per te il mio cuore,
E suoni sul mio labbro: amore, amore.

*

* *

Na frente, como nos outros apainelados maiores, todos elles de imaginosa inventiva, tambem o Brasão central descansa numa cartela abronzada, cujo esbeltado thema é o seguinte: Por entre escolhos, navega no seu carro triumphante, puxado por uns delfins, o tridentigero filho de Saturno, abraçando a deusa dos mares, Amphitrite, parenta de Nereu progenitor das Nereiadas, uma das quaes (certamente Cymodose) presta homenagem a estas personagens mythologicas.

Á direita superior, Cupido com o seu arco certeiro acaba de ferir á seta outro *Amorino,* cuja ardencia se traduz no facho, que elle vae agitando — é a repetida insinuação allegorica da amizade, que prende Aquelles, que haviam de ser ligados por um matrimonio propicio.

Todo este festival acha-se consubstanciadamente figurado á esquerda, no menino que, jovial, descansa os pés em cima de um rufo e num freio de cavalgadas. Como coroamento terminal desta acção, surge outro Genio, de *tabula* alçada, onde sobresae uma corôa de myrtho, timbrada pelo monogramma *I.*

— Naturalmente é o joven filho de Bacho e de Venus, Hymen ou Hymeneu (já sem o facho do seu symbolo, porque a ceremonia matrimonial está finalizada) fingindo entoar, durante o prestito, a habitual evocação de Talasion ou deus da pureza conjugal.

Era esta a fórmula ruidosa — a que o artista quis talvez alludir — consuetudinariamente praticada pelos Romanos, emquanto a noiva, com o seu toucado de verbena e velada com um *flammeum,* com o seu vestido de cauda suavemente aconchegado por um *zona* (donde a locução *zonam solvere,* desafivelar o cinto, por *virginitatem auferre*), sempre aspergida com agua lustral até casa do esposo, ia, depois do banquete nupcial, receber das *pronubae* ou madrinhas as necessarias instrucções sobre o seu novo estado, constantemente animada por descantes epithalamicos — mais

ou menos *fascininos* para completa esconjuração do feitiço (*fascinum*), ou *fescenninos,* isto é, com a licenciosa liberdade das cantigas da Fescennia. O coronal de murta e a sigla *I* são emblemas, que se prestam a significar a junção parental das duas Familias reinantes na peninsula, a que o Poeta usava chamar «terra Iberia».

*

* *

Ao inverso dos seus consocios, *B* do Deposito I e *C* do Deposito II, a pintura deste coche é de um estilo amoravel, *vaporosamente* subtilizado.

Possuem os seus *muchachos* a justeza da representação allegorica que symbolizam, e acatam, com os seus accessorios, vivos ou da natureza morta, o modelado e exactidão do effeito preconcebido, a que allusivamente miram.

Com uma graça corporal, transparentemente tenue, alguns dos seus paineis desnudam figuras elasticas e ligeiras, de tons quentes que, á saciedade, reflectem uma luz suavissima. Parece nelles resumbrar algo de estudo sobre o ultimo modo (*el vaporoso*) de Murillo — que, no meio do seculo XVII, com verdade sem igual, pintava o abandonado das ruas de Sevilha com tão feliz sorte, como o filho do mais nobre *hidalgo* da Andaluzia. (Tão mestre e, todavia, do discipulado de um Academico indifferente, como era Juan de Castillo).

Ao tempo da vinda deste carro nobre, no anno de 1785, já o *Romantismo* pinturesco reinava pela Hispanha, é certo; mas attribuir (!) a José de Madrazo (1781–1859) o artefacto dos seus paineis é acclamar a viabilidade do physicamente impossivel.

Professor da arte na Côrte de Fernando VII (o desditoso e traiçoeiramente prisioneiro do intruso Napoleão — *llamado a Bayona, con pretexto de tener con él una entrevista!*), foi um pintor eleito, retratista com successo — mas não podia ser um thaumaturgo aos *quatro annos* de idade.

*

* *

Notavelmente conscia, erudita, é a *maneira* como o estilista, nestes apainelados, dispõe o irrequieto Cupido; trata-o, com o seu cyclo de Himeros (outros tantos geniosinhos amorosos), sem que nenhum delles fique de caracter indeterminado, mas — pelo contrario — cada um com a sensivel mythologia de uma allusão affectuosa.

Pouco se importou elle que Eros seja (como na concepção hesiodica) uma divindade primordial, contemporanea do Chaos, de Gœa e dos elementos esparsos no mundo primitivo ou que seja filho de Gé e de Oura-

nos ou Kronos (consoante a tradição orphica); *artista*, que era, considera-o, segundo a lenda mais popular — como o Deus, que personifica o amor, filho dilecto e companheiro assiduo de Aphrodite cujo encanto invencivel é a sua mais temivel qualidade.

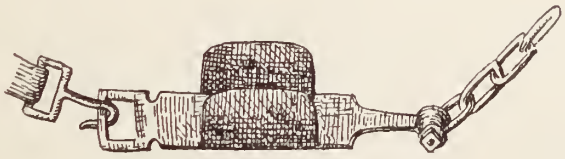
O allegorista deste coche — com a liberdade do pintor das velhas ceramicas chypriotas ou rhodesianas, que introduzia Cupido nas scenas mais variadas da vida, assistindo sempre ás aventuras amorosas dos heroes e dos deuses, tornando-se assim um Genio familiar — vergado, por certo, á suggestão da litteratura (epigrammas alexandrinos, poetas eroticos), que exerceu singular influxo nas representações figuradas do Amor e do seu cyclo — como os mestres do classicismo peloponesico, que nelle encontravam assunto de graciosas composições, formando deste modo uma verdadeira psychologia do coração humano, parece haver consumido, como os gravadores dos vetustos camafeos, nesta mythica personagem, toda a fertilidade da sua exhuberante imaginação.

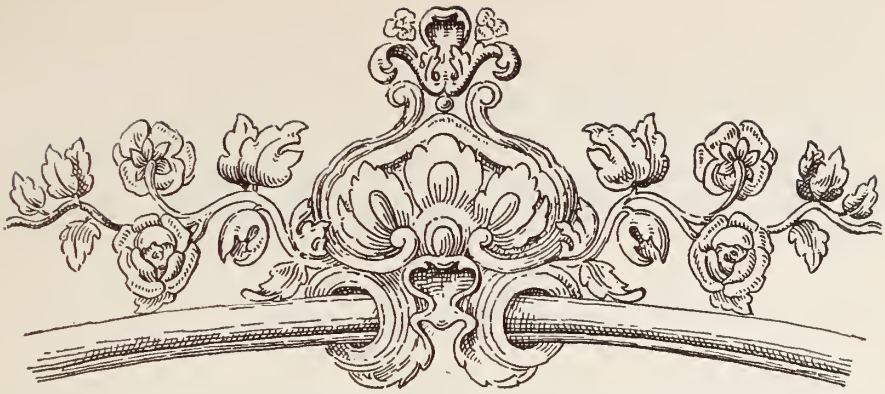
Tão sabido no campo da arte, que nenhum *Amorino* pintou de cabeça inclinada sobre os hombros ou fanal invertido, para fatidicamente não figurar, num carro nupcial, o *Eros funebre* do espirito romano.

Não esqueceu tambem: o olhar malicioso, que o syracusano Moschus poeticamente attribuia ao Filho da Venus — nem o sorriso encantador, com que Praxitelles o alegrava nas maravilhas do seu cinzel — nem as asas trepidantes, arco, setas, carcaz, e infantil doçura, que o *velho cantor de Téos*, nas suas ΩΙΔΑΙ, tão delicadamente descreve.

A fertilidade da inexgotavel invenção do artista (que, nestes formosissimos Cupidos, esconde a *flor* e o *delphim*, pois não mira a generalização do seu poder *na terra* e *no mar*) só faltou delinear um *Eros* cruciante maltratando uma *Psyké* ingenua — bastas vezes unidos em ceremonias nupciaes — firmando assim a allegoria platonica da *Alma* decaida, mundificando-se numa serie de provações, até reunir-se depois ao Eros Divino sempiterno.

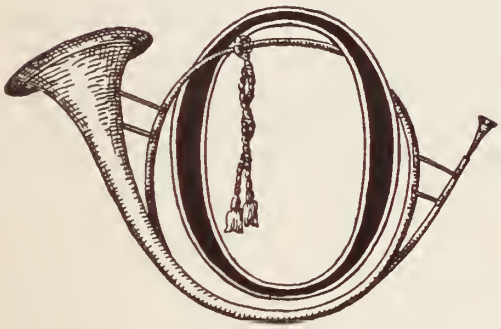
Esta serie de quadros evoca á mente uma *Erotodia* de Sparta, e o coche, que elles subtilizam, vale um *Hymnario* de Amor.





VESTIBULO

Carrinhos DE PASSEIO NAS QUINTAS



O estudo architectonico destes carros, a sua mais ou menos povoada decoração, a contextura ornamental dos Escudos que lhes nobilitam os paineis, os silhões dos seus respectivos tiros, sem desperdicio de uns laivos de tradição, tudo isto, relacionado com uns tantos juizos auxiliares de ordem puramente historica, fazem reconhecer nelles uma verdadeira *familia vehicular*, com a sua arvore genealogica, constante de dois troncos primarios. Primitivamente construidos para o *passeio das Quintas*, em serviço especial dos Senhores Infantes e Senhoras Infantas, podem ser referidos a duas epocas distinctas, immediatamente successivas e, portanto, *intimamente* proximas — vigencia da Senhora Dona Maria I (1777 a 1799) e regencia do Principe Senhor Dom João (1799 a 1816).

Ao assumir as redeas do governo, contava a Rainha *Piedosa* somente dois Filhos solteiros, visto como, no mesmo anno da sua acclamação, o

Principe do Brasil, Senhor Dom José, casara com sua Tia, a Infanta Senhora Dona Maria Francisca Benedita.

Dois ou tres carrinhos, portanto, teriam bastado para uso do Senhor Infante Dom João (successor em 1816) e da Infanta Senhora Dona Mariana, que, a esse tempo, contavam respectivamente dez e oito annos de idade.

*
* *

É naturalissimo que a multiplicação destes elegantes monumentozinhos começasse de 1793 por deante com a numerosa progenie do Principe Regente, terminada em 1806 (pouco antes da sua retirada para o Brasil) pelo feliz nascimento da Infanta Senhora Dona Anna de Jesus Maria, Esposa do primeiro Duque de Loulé.

Algum destes carrinhos poderia mesmo haver sido feito no Rio de Janeiro, á sombra de cuja Côrte foram viver artistas com afamada estilistica pictorica e entalhadores de acreditado renome profissional.

O que de maneira alguma se impõe á critica sensata é a absoluta necessidade de recorrer á França para explicar a mimosissima *fabrica* destes vehiculos — a menos que, por uma extravagante metaphysica, se queira identificar a causa *formal* do ser com a sua causa *efficiente*.

Se arrazoadamente hemos considerado de fabrico nacional alguns dos *melhores coches* do Museu, porque é que havemos de forçosamente ter como parisienses de *nascença* estes *pequeninos* carros, quando, na epoca do seu apparecimento, tinhamos os bastos recursos technicos para a sua delicada confecção? E alguns delles bem recendem a Pedro Alexandrino, Jeronimo de Barros e Inacio de Sampaio.

*
* *

Actualmente, consta esta interessante collecção de sete exemplares — cinco, de *A* a *E*, archivados no Deposito I; dois *F* e *G*, alistados no Deposito II.

Destaca-se, entre todos, pela superioridade do seu tamanho e duplicação de rodados, o carrinho *B*. Os restantes do Deposito I quasi só divergem pela pintura — differença, que as photographias mal chegam a accusar. Por este motivo só o texto dos vehiculos *B*, *D* e *E* é precedido das respectivas estampas.

*
* *

Nas ilhargas do carrinho *A*, reconhece-se uma cifra coroada, desmembravel nas siglas *R. M. I.*, pintadas em cursivo maiusculo — que querem dizer: *Rainha Maria Primeira.*

Num estandarte, que ornamenta o apainelado traseiro do carrinho *D*, descobre-se visivelmente — com o mesmo significado, mas com typo alfabetico differente — as lettras *M I R.*

Ora, sendo esta Senhora acclamada em 1777, é physicamente impossivel que os dois monumentos em questão sejam anteriores a esta data.

Os restantes cinco teem as precisas caracteristicas architectonicas e tradicional recommendação para não poderem retrogradar além do mesmo reinado, subindo ao de El-Rei o Senhor Dom José I.

Quem conhece mais do que umas simples generalidades de architectonia portuguesa, quem, portanto, sob o golpe de vista architectural, haja feito um estudo historico-comparativo dos reinados dos Senhores Dom João IV, Dom Affonso VI a Dom Pedro II, Dom João V, Dom José I e da Senhora Dona Maria I, terá por certo apurado que, alem da grande massa ornamental, mais ou menos commum a estas cinco modalidades ou phases estilisticas, ha, em cada uma dellas, uns topicos decorativos (ás vezes uma pequena chaparia metallica) tão individuaes, tão physionomicos, tão typicos, que jamais permittem confundir os artefactos construidos dentro dos limites da sua vigencia architectonica com os produzidos em qualquer outra idade.

Assim succede com os cinco restantes carrinhos *de Passeio nas Quintas,* não sendo absurdo, mas até mesmo naturalissimo, que possam avançar até a governança do Senhor Dom João VI; o que nenhum destes architectonica ou tradicionalmente pode é ser referido ao reinado do Monarcha *Restaurador* — e, por conseguinte, ser anterior ao anno de 1777.

A restauração do *cabriolet* — que, com toda a probabilidade, *proximamente* modelou estes *padovanini* portuguêses — é do tempo faustoso de Luis XV (1715 a 1774); mas construcção *á Luis XV* não quer dizer feita *na vida* deste luxuosissimo Monarcha, da mesma sorte que o carrinho *E* do Deposito I cujos paineis ostentam perfeitas estilizações *á Poussin* (como os do carrinho *F* do Deposito II se nos afiguram mais *á Lenôtre*), não é coevo do sublime autor *Bergers de l'Arcadie,* morto em 1665, proximamente quatro lustros antes do nascimento de Watteau.

— Tanto o portentoso genio de Andelys criou um modo bucolico *todo seu* (até pela propria Italia!) que o bello quadro existente na *Brera* de Milão vindo *dalla chiesa di Santa Maria della Vittoria,* denominado *Poussin,* é do romano Gaspare Duchet, *cosí detto* porque, no *fondo col bosco,* imitou em extremo o nobilissimo pintor francês. (Nas minhas notas

de viagem — 1904 — tenho apontado que é o n.º 702 da sala XXXI — *scuole straniere* — e não o n.º 401 da sala X — *scuole venete* — como regista *Karl Bædeker* na sua edição, *Leipzig*, de 1899).

*

* *

Pelo que toca ao seu uso ou applicação, basta fixá-los bem *de visu*, espreitar-lhes o balancim pendente do lado da sella, para logo se definirem, não como carros *de guiar*, mas como de *trabalhar á boléa*, sempre com o respectivo tronqueiro — o que mais previdentemente convinha á segurança dos jovens Passeantes.

De tronqueiro, ainda mais rigorosamente tal, é o carrinho *B* — o unico que tem lança; os outros são todos de varaes.

CARRINHO — *A*

No lado da sella, envolta em bem engenhada orladura, descobre-se, como ornato predominante, dormente no dorso de duas girafas, um pequeno apainelado, em cujo seio se divisa um trigramma coroado, escrito em cursivo maiusculo, que quer dizer: — *Rainha Maria Primeira* — symbolo, a que, por entre festões de flores, presta homenagem um par de Anjinhos superiormente reclinados.

Sobre duas Gymnesphynges firma-se o socco de um phantasiado arco triumphal, cujos pilares são duas formosas columnas hermeticas.

No meio de variados e delicadissimos motivos ornamentaes, estampam-se duas medalhas com assuntos fabulisticamente tratados.

Numa dellas, voga em concha pela «salsa via» a deusa formosa, a quem Páris entregou o pomo, que Juno e Pallas disputaram nas bodas de Thetis e Peleu — é a dissoluta Aphrodite.

Na outra, corta os mares, povoados de golphinhos, um agigantado Tritão abraçando um delles, como amigo de longa data.

*

* *

Com este nobilissimo apainelado corre parelhas o do lado da mão, onde, de par com outras Gymnesphynges (esphinges com rosto de mulher),

se observa o mesmo animal phantastico, mas figurado com rosto de homem — um Androsphynge.

É tambem em *marinha* a acção descrita nas duas medalhas, que ornam este almofadado.

Á luz meiga da lua, brincam no Oceano dois amorzinhos, mergulhando á porfia; em scena illuminada pelo fanal de um *Amorino,* navega outro, montado no espinhaço de um meigo delfim.

*

* *

No painel traseiro, sob um afestoado geral e debaixo das cortinas de um docel, que dois angelicaes sumilheres estão arregaçando, por entre palmas e gorgeios de aves, assenta o Brasão português com a cruz de Christo pendente.

São quatro as pequenas plaquetas que, da direita para a esquerda, exornativamente se enfileiram.

Na primeira, Venus, arrebatada por uns golphinhos, corre veloz em coche, que dois Tritões conduzem vangloriosos, como filhos

«Do Rey e de Salacia veneranda».

Na segunda, deslisa ella pela superficie das aguas,

«Toda banhada em riso e alegria».

Para isso lhe basta o côro dos alegres Cupidinhos que, donairosos, a vão cercando em concertada folia. Na terceira, o filho de Arés e de Venus, tomando por baixel plumoso o collo de um niveo cysne, voa pelos mares, tendo por companhia uma Oceanatida e um Tritão.

Na ultima, a Filha da escuma do Mar, monta desvanecida em carro circuitado por uma choreia de Sorrisos, Jogos, Prazeres e Attractivos, mythologicamente personificados nos *Amorini,* que a cortejam.

*

* *

Á semelhança das antigas officinas monetarias, que todas tinham as suas siglas e sinaes occultos, foi a alludida chancella *R. M. I.* (*Rainha Maria I*) que fez deste carrinho o chefe da turma, a que elle ordenadamente pertence.

CARRINHO — *B*

Na cercadura do painel da mão, firmam-se, num dos lados, duas Canephoras erguendo um *canistrum* ou açafate de verduras, onde se levantam dois *Amorini* alados, enroscados em cauda de bicha; sustentam um κάλαθος ou cesto de folhagem e frutos, em cujo seio está de pé um vaso, de typo originalmente grego. Brotam nelle vastas e frescas ramagens.

No outro lado, descreve-se um imaginoso avolutamento, donde se erguem dois Genios levantando aos ares uma cabeça extravagantemente emmoldada, de cuja fronte espadanam duas verdejantes cornucopias; ligam-se ao açafate de uma Canephora, que sustenta dois anjinhos, ideaes como os seus parallelos.

Ao centro, pende um docel arregaçado, de cabeça fartamente emplumada e vicejante de verduras; acoberta as Armas do Reino e as palmas, que parecem germinadas dentro de um λέβης.

— Os vasos gregos deste modulo eram sempre de bronze ou de algum metal precioso, com acção heroica desenvolvida no bojo.

*

* *

É identico o adorno, que floreja pelo apainelado da sella, tendo por unica differença palpavel as attitudes de um Erós, retratado nas medalhas suspensas.

Numa dellas, o «filho bello Infante»

> «No numero dos Deoses relatado»,

afaga a pombinha consagrada a Venus; na outra, empunha o dardo, com que incendeia nos corações

> «A viva flama, o nunca morto lume
> Desejo é só que queima e não consome».

— A todo este brinquedo decorativo presidiu por certo o pensamento de uma allegoria aos tenros annos das Personagens, a cujo uso o vehiculo era destinado.

*

* *

A tarja do almofadado fundeiro é de todo parecida com a dos apainelados lateraes.

Carrinho de passeio nas quintas — B

Comprimento de eixo a eixo	$2^{m},10$
Altura da caixa	$0^{m},70$

Ao centro, o Brasão nacional acostado de palmas, á fórma de brocal, por entre flores, choreias e gorgeios de aves, surge de um vaso archaico (*lebés*), como nos outros paineis; abriga-se sob docel abambolinado, pendente de uma cabeça destroncada, estacionada no meio de outras que esvoaçam, sustendo extensos frocos e coroamentos vegetaes.

*

* *

Nas digressões para a sua Quinta do Sobralinho, proximo de Alhandra, emquanto foi Estribeiro-Mór da Casa Real (1834 a 1860 †), era este carrinho de campo (unico de dois rodados) o preferido pelo Marquês e Conde de Villa Flor, D. Antonio José de Sousa Manoel de Menezes Severim de Noronha — o *Duque Excelso,* o *Terceira egregio,*

Que, entre quantos heroes a patria ha visto,
Avulta em dons do Ceo, em valentia!

Assim, no seu *Elogio historico,* poetizava o Dr. Ribeiro de Paiva, medico da Real Camara no tempo do Monarcha Senhor Dom Pedro V.

— —

CARRINHO — *C*

Na almofada da mão, com festões de verdura e açafates de flores, com ramos de coral e medalhas pendentes, com pombinhas que adejam e anjos que voam, enquadra-se, no plano infimo, a imagem da «Deosa Paphias» — a espumosa Venus.

Vem esbelta no seu coche subtil, tirado por duas pombas voantes — meiga metamorphose da nympha Peristero, em castigo de haver colhido mais flores, do que o mavortico Cupido.

O filho de Venus offerece á mãe adultera

«..... o arco eburneo rico
Onde as setas de ponta de ouro imbebe».

Um *Amorino* — da pleiade dos Attractivos e Prazeres — alenta a marcha do carro, empurrando-o, emquanto que um terceiro, munido com a caducifera vara (emblema da Paz), annuncia do alto a marcha triumphal da deusa de Paphas e de Lesbos.

Sobre a cartelinha desta miniatura, estampam-se dois golphinhos cavalgados por dois filhos de Salacia e Neptuno — Tritões que, por entre verdores, sobraçam uma tela emmoldurada. Como sempre, veem elles com

«A cor da pelle baça e denegrida
A barba hirsuta, intonsa mas comprida».

Representa-se no quadro a filha do Oceano e de Doris, Amphitrite, tirada em accelerada concha pelos delfins, que do Atlas a trazem para esposa do Rei do Mar; com o neptunino tridente são pungidos por um Geniozinho e guiados por não menos solerte conductor — é que

«Neptuno sabe bem o que mandou».

*

* *

No painel opposto, os motivos ornamentaes da cercadura são sensivelmente os mesmos — uns raminhos de coral, umas notas de musica a mais; distinguem-se pelo texto pictorico dos respectivos *cartouches*.

Na pequena cartela parallelogrammica do plano inferior, divisa-se a personificação de um rio (o Tejo), laureado, tranquillo mas vigilante, armado do leme ou remo, que

«..... compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio».

Na plaqueta superior, apparecem, «cortando o salso argento», quatro Nymphas que, desgrenhadas, de cabellos

«Pelos eburneos hombros espalhados»,

levam em triumpho a mimosa Cypris, aureolada com o proprio manto, de cujas fimbrias as quatro «aquaticas donzellas» lhe fazem grata cadeira gestatoria. Cupido, o «fero moço», vae mantendo erguido o nimbo, que moldura a triumphosa Venus.

*

* *

O apainelado detrás apenas diversifica no que toca ao preenchimento do seu campo central, que começa por ostentar um docel traçado *á Luis XVI*.

— Se outros indices architectonico-historicos não obstassem a que todo este grupo de *Carrinhos* remontasse além de 1777, tanto bastava a

Carrinhos de passeio nas quintas — D e E

provar que este por fórma alguma poderia ser anterior ao anno de 1774 — o primeiro do reinado deste infeliz monarcha que, após o grito lugubre de Danton, *Jetons-leur en défi une tête de roi,* exhalou no cadafalso o ultimo sopro da sua vida. (Bem certo é que nos grandes processos politicos nunca ha juizes, mas sómente vencedores e vencidos. Luis, como vencido, estava de antemão condemnado). —

O referido solio *á Luis XVI*, gravemente recolhido por quatro graciosos sumilheres, serve de reverente baldaquino ao Brasão de Portugal, pousado entre palmas num açafate de flores, e sustido por dois tenentes angelicaes, que se entreteem balançando um colar de perolas.

Parece que, entre ramos de coral vermelho, se estão desvanecidamente reclinando no pectinado de uma concha, offerecendo-a, como se fôra um marinho resplendor, ao Genio que, a pé firme, sofreia com delicadas redeas duas Gymnesphinges, estacionadas na plataforma de verdura, que serve de base ao restante desenvolvimento ornamental.

— Em tudo isto, o viço dos campos e os encantos da meninice, perfeitamente congruentes á primitiva missão destes esbeltos carrinhos.

CARRINHOS — *D* e *E*

Respiram atmosphera de campo e jardim os apainelados do carro *D*, como os do seu similar *E*.

*
* *

Num massiço de verdura, que frondeja ao centro do almofadado traseiro, estão as Armas do Reino, apoiadas num vaso jorrando agua e num cão em repouso. Em haste: — á direita, uma bandeira com as côres nacionaes; á esquerda, um estandarte de branco, orlado a ouro com as letras do mesmo metal *M I R* (*Maria Primeira Rainha*).

O escudo, exteriormente ornamentado com palmas e ramos de carvalho, é perfeitamente congenere do do carrinho *F*, archivado no Deposito II.

*
* *

No vehiculo *E*, todos os paineis são preenchidos por assuntos campestres de notoria delicadeza, involutos em tarjões, que sobremodo os salientam e distinguem.

*

* *

No almofadado da mão, vê-se, sentada num bosque, uma mulher de aspecto melancolico, parecendo que

«O rosto banha em lagrimas ardentes
Como co orvalho fica a fresca rosa».

A seu lado, uma outra personagem (tambem desentrançada, como se fôra Althéa pranteando a agonia de Meleagro) para a exanime implora a protecção do Ceu, aterrada pela visão aerea das «Arpias duras» que, não repletas com as «yguarias suaves e finas» da mesa de Phineu, ostentam vir traiçoeiras para esgadanhá-la com as suas garras — retrahidas, mas aduncas.

Com rosto sinistro de mulher e corpo livido de abutre pairam, com effeito, á direita alta, duas dessas monstruosas filhas de Neptuno e da Terra — por ventura, as immundas Aello e Ocypete, na mente do imaginoso compositor.

— Bem parecem ellas a paraphrase coloreada de um insinuante texto virgiliano. Estão, na verdade, descriptas, como o espirito subtil, a alma sempre doce e sensivel do principe dos poetas latinos, autor das *Georgicas* e das *Bucolicas,* as retrata no terceiro dos doze cantos da sua bella *Eneida* — obra eternamente genial em que, com toda a perfeição do estilo epopaico e bem excogitada delicadeza dos seus versos, tanto se admira a arte sublime de exteriorizar com a penna os sentimentos impulsivos do coração humano:

Virginei volucrum vultus, fœdissima ventris
Proluvies, uncæque manus, et pallida semper
Ora fome.

Assim o harmonioso metro de Virgilio burila o typo artistico das Harpyas, fornecido á Grecia pelo ritual egypcio, e mais tarde amenizado nas pinturas ceramicas de Egina e em lékytos chypriotas do uso funerario.

Renue-se o ser *desintencionadamente* ornativa deste quadro uma fórmula mythologica, tão intensivamente ascarenta como esta é.

No symbolismo funebre greco-romano, ao lado de Hypnos, deus do Somno (Ὕπνος), irmão mais novo de Thanatos, o nume da Morte (Θάνατος), figuravam as Harpias (Ἁρπυιαί) como personificações menos directas e impressionistas deste lugubre conceito. No *British Museum* as reconheci eu, ainda com mais significativo adejo, nos baixos relevos tumulares do monumento lyciano de Xanthos (ao fitá-las por mera casualidade, pois

que outro era o fim scientifico da minha missão em Londres, consignado em portaria governamental de 28 de abril de 1903).

Por estes criterios hermeneuticos se vê que aqui (ao invés da allegoria poetada no painel da ilharga esquerda) se aviva a expressão figurativa das agruras do mundo ou mesmo a intuição figurada da ideia da morte — uma *thanatophania,* portanto, euphemisticamente descrita.

Nas *Psychostasias* do puro hellenismo, os genios alados Kéres ou Harpias, não raro apparecem arrebatando a propria alma, que para os Gregos era uma substancia semi-material, consuetudinariamente symbolisada á forma de um pequeno fantasma humano, decolorado — *eidólou* ou ψυχή (o *baï* da superstição egypciaca) — concepção que, com singular naturalidade e particular energia, se encontra vasada nos moldes homericos da scena *Nekuia.*

Frequentemente os pintores da antiguidade, inspirando-se nas lendas e tradições mythicas, traduziam assim a *Visão da morte,* espectaculo lagrimoso, que tambem a intellectualidade poetica bastas vezes evocava.

*

* *

No quadro detrás, descreve-se um parque Real, a julgar pelo Brasão português, fixo a meio do obelisco, que lhe é fundeiro.

A esquerda, um troço de arcaria — que acalenta a memoria do *aqueductus* de Claudio — e, á direita, um renque cyprestal, de impressiva apparencia, incutem a suggestão de um remanso absorto á mulher descrita no primeiro plano desta acção.

Tentam distrahi-la, presenteando-a com flores, os Anjinhos que, pelo ar e a seus pés, a estão acompanhando. São elles umas tenras *Junones* (fadas subtís, que velavam pela vida da mulher e com ella davam o seu ultimo suspiro), irisadamente phalenadas, inebriando-a com a fragancia de engrinaldados estemmas e com o olôr de folhudas corollas cujas rosas immarcessiveis ainda recendem ás de Poussin no seu bellissimo thema *Le Triomphe de Flore.*

*

* *

É diametralmente opposta a enscenação do almofadado da sella. Outra mulher pela sonoridade do seu descante attrae o vôo das aves, como o lyrista Orpheu alliciava as feras, que corriam em tropel a escutá lo.

— Para o simples effeito interpretativo do ar offeguento e vista anhelante da passionada protagonista deste solitario apaisado, a cuja toada cordial duas avezinhas desninhadas veem offerecer o doce piado do seu

alegre gorgeio, pouco importa chamar *cithara* ou *alaúde* á machina musical que ella, na esthenia do seu desabafo, simula amigamente dedilhar.

A qualquer destes instrumentos, como aos seus requintados congeneres *archicithara* e *archilaúde,* mais falantes e suaves do que os arietinos schophars (שופרות היובלים) do velho canto synagogico e o jubilar Kanoun (قانون فارح) das seguidilhas arabicas, sempre foi dado ajudar a carpir as angustias da narrativa cantata e a vibrar os prazeres da rustica tonadilha. (Sei de um poeta inglês do raiar do seculo XIX, que ao *alaúde,* mesmo ferido *por homens,* assinala resonancias de *mariosissima ternura:*

.....are men
That lute and flute fantastic tenderness.

É Tennyson).

Neste *D'après Poussin* — que, se materialmente não rivaliza com o *paysage boisé* do *Palazzo di Scienze, Lettere ed Arti* de Milão, aproxima-se idealmente da *Pastorale* do *Musée des Beaux Arts* no *Longchamp* de Marselha — neste ermo arvorejado buscou talvez o instructo pintor figurar o extase de alguma nobre citharistria do seculo XVIII que, com olho de fito nos ceus da sua imploração e ouvido attento para os adejantes passarinhos está com elles entoando a sua branda κιθάρσις ou expandindo os κιθάρισμα do seu arfante coração.

Lineada á fórma das bellas citharoedas hellenicas, de sandalhas á grega (κρηπίς), desembaraçada da sua longa κυκλάς deleixadamente desasida, faz suspeitar que o imaginoso artista quis nella subtilizadamente imbuir os traços mythologicos da tyndarida Leda, pairando pelos bosquetes do murmuroso Eurótas, em cujas margens as lyrodias de Apollo tanto prantearam a inseduzivel Daphne.

Suavemente descuidada no seu arcadico idyllio!... como se na *virginal* espineta da sua recamara a melica corocitharista estudasse a redondilha de alguma bailata, ou com as alvoradas do seu *organino* quisesse *insegnare delle ariete à canarini.* (Era a feição musical da epoca destes aerizados carrinhos, tempo em que, para os estereis arrebiques dos labyrinthicos acrosticos e para as banalidades estrophicas dos mysticos anagrammas, até, a trechos, appareciam o taciturno serpentão e a atrombetada marina, ás occultas saidos do seu monastico reconditorio).

.....

A descrição de um exemplar de arte — *de + scribere,* isto é, escrever com minuciosidade — deve ser tão dilucida, tão bastantemente apisoada que, desapparecido elle por qualquer accidente destructivo, o artista possa topicamente reconstitui-lo á face do documento literario, que *descritivamente* o perpetúa, como o paleologo criador da anatomia comparada, Cuvier, pelas leis da *subordinação dos orgãos* e da *correlação das fórmas,* chegou com uns simples ossos fragmentados (!) a architectonagraphar

seres desapparecidos em voragens das vetustas revoluções terraqueas. De outra sorte a rachitica descrição nada mais será do que uma desmeolada minuta.

É, portanto, mais completivo apurar a preferente adaptação de um dos dois vocabulos apontados (*cithara? alaúde?*), antes tomando por base critica a remotidade de monumentos que os figurem e de autores archaicos que os descrevam, do que quaesquer modernos convencionalismos que, porventura, tentem denominá-los, abstracção feita destas fontes primaciaes.

Logo á primeira inspecção do nosso caracteristico *octochorde* se lhe recusa o nome de *lyra,* como equivalente ao de *tanborah* (طنبوره) — dado, com audição minha, por um visitante argeliano, que aliás se revelava superiormente illustrado. Por isso me compete diffusamente expor as razões, em que estribo o meu opposto modo de ver.

(Estranhei, porquanto de trato proprio eu sei que, em Argelia — tão afamada colonia na historia militar da França pelas lutas sangrentas do heroico Bugeaud com o aguerrido Abd-el-Kader — não se estudam somente os micodermios da fermentação vinosa ou as formulas do direito mozabitico, os lendarios thaumaturgos do Islam ou os intriscados dialectos zuauaicos; ha, postos em solfa, os descantes kabylas, e philosophicamente se conhece a musica arabe em suas relações com a musica grega e com as notações do canto gregoriano).

O *tanborah* é na theorização arabe um genero tão vasto, que abrange: — a lyra, da mesma sorte que o alaúde, a cithara e o proprio *rebab* tunisiano (رباب تونس) — a citharoide philomela e ainda a harpa hamburguêsa — a megamandola veneziana e o mandolino napolitano. Comprehende toda a casta de instrumento immediatamente tangido a dedos com o arco ou com o plectro, acordoado a tripa ou a metal, com sympathicas ou sem ellas, de um ou mais cravilhames, a cordoame simples ou dobrado, resoando em fundo harmonico ou delle privado, de costas lisas ou bombeadas; numa palavra, alcança mesmo o que instrumentalmente vae do takioto japonês até a bailaka russa, sem exclusão do cosmopolitico *tambor* e da guitarra portuguêsa (que tanta vez chora as suas coplas, de dia á sombra dos frondentes salgueiraes, e plange o seu fadario, de noite ao baço fulgor da lua).

Os arabes, que á guitarra apontam por *genero proximo* e *differença ultima* a nominativa construcção طنبوره فرنجيد — فرنجيد quer dizer *europeu*), teem tambem syntheticamente as palavras: — قيتاره — قيتارات — كويتره para bem individualizar este instrumento, cujo vocabulo nos adveio por intermedio da Italia (κ grego = *ci* romano = *chi* italiano = قي ou كي arabe), *chitarra.*

A lyra — que á astronomia setentrional deu a quasi ursulina Wega, scintillante emula da vizinha Cysne e da afastada Pegaso — a lyra, que á

botanica ministrou o typo *lyratus* de uma originalissima folha (*shape... with small lobes toward the base,* Bailey) — que á anatomia encephalica facultou a classificação de um certo *arrangement of lines in the human train,* Wilder — e que á ornithologia deu uma formosa homonyma, toda envaescida na implumada disposição da sua radiosa cauda — a lyra, fabulisticamente inventada por Mercurio, o instrumento dilecto de Apollo, de genuina procedencia egypcia, propagada pela Grecia por intermedio da Asia Menor (λύρα), nada proximamente fornece á typificação do nosso caso.

Tanto o termo francês *luth* (do provençal *laút*), como a aportuguesada desinencia *aúde,* nasceram ambos do arabe عود — substantivo que, anteposto do competente artigo, compôs *al* + *aúde* = *alaúde.*

عود significava, a principio, o bocado de tronco arboreo (sufficientemente apto para a rudimentar escavação de uma caixa harmonica), aproveitado com um galho curto, mais ou menos inferiormente anguloso, apropriavel ao estizamento vibratorio das cordas, que se lhe juxtapusessem.

É assim que o *alaúde* nasce, de fundo arredondado, depois *amandolado,* com braço em linha *composta* ou *quebrada,* formando uma abertura de 90° ou com desvio mais ou menos sensivelmente *obtusangulo;* ao passo que a *cithara* se affirma, na sua origem, de costa *chata* e braço pronunciadamente *rectilineo.* Qualquer que seja a fórma, mais ou menos especial e determinada, que os poetas gregos lhe hajam ulteriormente attribuido, a julgar pelos relevos do hospital de *S. Giovanni in Laterano* e pela descrição de Isidoro (*Orig.*, II, 3, 22), tinha ella muita semelhança peripherica com o peito e o pescoço do homem. Nem outro era o valor primevo da palavra *cithara* — κιθάρα, *thorax.* O alongamento do braço (consequencia necessaria do ἐπωμάδιον κιθαρίζων dos versos homericos — *Hymn. Merc.*) é uma evolução architectonica preparada pelo influxo dos citharistas egypcios, conforme se estuda nos monumentos funerarios de Thebas.

Era tocada a πλῆκτρον (plectrum — de πλήσσω, *ferir*), consoante se reconhece em *affreschi* do Vaticano e nas pinturas muraes de Pompeia. (O plectro, de marfim, tartaruga ou pena de ave, fazia vibrar as cordas, inserindo-se nellas e picando-as — *pizzicato* — ou discorrendo com deslise de uma para outra — *legatura* — como incidentemente se apura de Cicero no seu *De Natura Deorum,* ao tratar da existencia e providencia dos Deuses). Portanto, o instrumento musico delineado neste apaisajado — tão amenamente ressentido dos *paysages* de Nicolas *Poussin* como dessemelhado das *Fêtes villageoises* de Antoine *Watteau* — é, *archeologicamente,* uma cithara e não um alaúde.

Por vezes, a este proposito, os philologos, lexicographos, poetas e archeologos collitigam entre si, como succede com a *palla citharoedica* (*stola musicalis*) — a citada κυκλάς — que alguns, particularmente applicada ás mulheres, consideram fórma poetica do *pallium* romano e da χλαμύς grega.

Liteira

Altura	$1^{m},60$
Comprimento	$1^{m},10$
Largura	$0^{m},70$

Como solemne antinomia ao painel opposto que ideographa a tetrica *Visão da morte,* parece este allegorizar a gozosa *Intuição da vida.*

*

* *

O carrinho *E* do Deposito I, cuja analyse terminámos, e o *F* do Deposito II, são os mais sobria e congruamente estilizados com respeito ao fim da sua primeira criação.

—*Carrozzele* ou *calessini da giardino per ragazzi* era a intitulação vulgarmente dada na Italia aos congeneres da sua epoca.

LITEIRA

Gostosamente depositada por Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Maria Pia de Saboia.

*

* *

Tem maçanetas de bronze, com alinhamentos de pregaria metallica.

Era primitivamente destinada a duas fórmas de transporte, consoante a viabilidade do caminho — sustida por amarrações ao alçado dos rodados (que teve), ou levada por varaes, adequada e opportunamente montados, como bem se vê na ilharga photographada, que é a direita.

— Modernissima evolução architectonica da *lectica* romana, digna de conduzir uma Duquesa Camareira-Mór em cortejos nupciaes, como os das Rainhas Sr.as Dona Maria Sofia de Neuburgo e Dona Maria Anna de Austria.

*

* *

Figura-se, na portinhola esquerda, envolvida em mimoso *cartouche,* uma mulher montada num boi, sobre a qual esparge flores, um Anjo, postado superiormente ao grupo.

— Serão estas duas figuras a adultera Pasipha, mulher de Minos, Juiz dos Infernos e o touro de Creta, patria heroica de muitos deuses e deusas?... Ou a irmã de Cadmo, rei de Thebas, filha de Angenor, rei da Phenicia — a esbelta princesa Europa, a quem o concubinario Jupiter,

metamorphoseando-se em touro, raptou, levando-a para o continente, a que deu o nome?

Mais provavelmente este ultimo assunto — sem que tenha a sombra da elegancia e riqueza, do colorido e harmonia do *Rapto de Europa* (*Il Ratto di Europa*) do pintor veneziano, o seiscentista Paolo Veronese.

*
* *

Enchem os almofadados lateraes: — á direita, um Apollo, filho de Jupiter e Latona, que vem radiante de luz por conduzir no Ceu o carro do «presuroso Sol», e munido de lyra, como deus da musica e em geral das Artes Bellas. Á esquerda, como divinal arauto e mensageiro celeste, Mercurio «filho de Maia», de caduceu (symbolo de paz e felicidade domesticas),

«Com as azas nos pés á terra desce».

*
* *

No plano alto do painel de deante, Eolo, rei dos ventos, rorante de chuva e saraiva, solta os vassalos do seu dominio, representados nas cabeças, que simulam soprar os quatro Ventos principaes — Austro, Aquilão, Euro e Favonio.

Mais abaixo, á direita, repousa serena

«Latona Phebo e a Deosa á caça usada»,

Diana; á esquerda, na estação infima, uma personagem com typo de Genio alado, empunha uma fouce de haste longa, desenhada *á antiga — a falx fœneraria,* por antithese á de Ceres, a *messoria,* que era curtamente encabada.

— É allusão a Saturno ou *Tempo* (assassino do proprio pae), que muitas vezes representa o ceifar dos dias.

Omnia falce metit,
Omnia dente terit.

(D. P. Greg. Mag.)

Talvez que, nesta artificiosa composição, haja qualquer subtileza allegorica á viagem, que a vida é, sempre oscillante pelo embate dos ventos, ora tormentosos, ora mais fagueiros, raro tranquillos e cujo fim terminal é a morte.

*
* *

Na portinhola direita, apparece armada, tal qual nasceu do cerebro de Jupiter, uma Pallas, empunhando a lança, com que fizera brotar da terra a oliveira (symbolo da paz), e embraçando uma egida, o escudo proprio dos deuses e dos mais afamados heroes.

*
* *

Os paineis, que ladeiam esta porta, dão-nos por especial assunto: — o da direita, Neptuno; o da esquerda, Bellonaria.

O esposo de Amphititre tem por escabello um golphinho e por sceptro um tridente, em sinal da suprema realeza dos mares.

A sacerdotisa de Bellona, irmã de Marte,

«As alvas carnes subito mostrando»,

está de lança em riste e firma um escudo, medonho pelo horripilante toucado que o orna (a cabeça de Medusa cujos cabellos foram transformados em serpentes — tão justa foi a irritação de Minerva contra o sacrilego Neptuno!).

*
* *

Scenas ruraes obrigadas a assuntos venatorios e ornithologicos fazem os themas dos quatro painelinhos superiores, descritos com a indumentaria classica da epoca, a que o monumento remonta.

*
* *

No almofadado traseiro inferior, inclusa em quartela, que figura obra de fina talha, accusa-se uma scena campestre.

«Era no tempo, que nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lavradores».

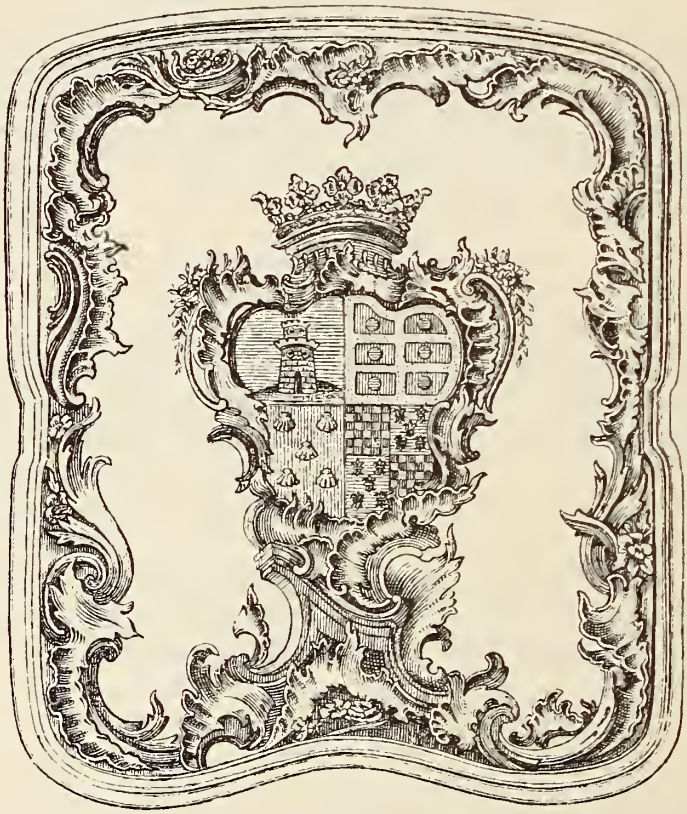
De *falx messoria* (foicinha), vem a grande mestra de Triplotemo, a quem ensinou a lavra da terra. Prestam-lhe homenagem duas Napeiadas, nymphas dos prados, que reconhecem e acatam o seu caracter divinal — uma, á direita, coroando-a de estrellas; outra, á esquerda, surgindo da

messe, de que é Genio tutelar, para lhe offerecer a gavela de espigas (o *manipulus*), como attributo complementar do seu realço mythologico.

*

* *

No painel superior da traseira, dentro de moldura elegantemente estilizada *á Luis XV*, pousadas numa fantasiada *rocagem*, observam-se as Armas supra figuradas cujo blasonamento segue.



— Antes de tudo, porém, notaremos que os campos *verdes* devem ser blasonados de *azul*.

Ou o pintor-heraldista errou, trocando a côr, ou deu-se então um interessante phenomeno chimico, que convem explicar para defesa do ornatista.

Ensina-se na Optica que, por effeito da refracção (desvio dos raios luminosos, ao passarem obliquamente de um para outro meio), a luz branca do sol *decompõe-se* em côres mais ou menos refrangiveis, isto é, com variados indices de *dispersão*.

Na infinidade das tintas, que constituem o *espectro,* são sete as principaes que, recompostas, dão o branco; como algumas dellas entre si originam uma terceira, differente — *complementares,* na denominação de Newton. Segundo as theorias de Fraünhöfer, de Melloni e de Wollaston, cada feixe luminoso, além das suas propriedades *illuminativas* e *calorificas,* contém em si um certo numero de raios *chimicos,* capazes de — momentanea ou definitivamente — ser os agentes de determinados phenomenos transformativos.

É assim que a luz *amarellada*, incidindo sobre o *azul*, gera o *esverdeado*, e que, á noite, um estofo de *azul* se nos afigura de *côr verde.*

Applicando estes principios ao caso, dizemos que a exposição aturada da liteira a determinadas condições de illuminação, durante seculo e meio, seria bastante a operar de vez a transmutação do antigo *azul* no *verde* actual. —

Posto isto, descrevamos:

Escudo esquartelado. No primeiro, em campo de azul, um monte de sua côr e sobre elle um castello de ouro torreado. É o escudo dos *Carrilhos de Cordova* (Casa dos Condes de Pligo e Marquêses de Laguardia, em Hispanha).

No segundo, em campo vermelho, seis besantes de prata entre uma dobre cruz e bordadura do mesmo metal. É o escudo dos *Mellos*, familia das mais antigas e nobres, dispersa pela Europa, cujo tronco foi Mem Soares de Mello.

No terceiro, em campo vermelho, cinco vieiras de ouro, postas em santor. É o escudo dos *Velhos,* procedentes de D. Arnaldo Bayão, por seu bisneto D. Nuno Soarez (Galliza).

No ultimo quartel, o primeiro escudete é enxaqueteado de ouro e vermelho, de cinco peças em pala e outras tantas em faixa; o segundo, em campo azul, carregado de cinco lises de ouro, postos em aspa; e assim os seus contrarios. Escudo dos *Alvins,* cujo solar é na Torre de Alvim, Ponte de Lima).

— Pertenceu a este tronco a Sr.ª D. Leonor de Alvim, mulher do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o heroe de Aljubarrota e Valverde (1385), famoso campeão da independencia da patria — de cuja unica Filha Sr.ª Dona Brites Pereira, Condessa de Barcellos, casada com o 1.º Duque de Bragança, Senhor Dom Affonso, Filho de El-Rei o Senhor Dom João I, proveio a Serenissima Casa de Bragança, hoje reinante na Pessoa do Augustissimo Senhor Dom Carlos I.

*

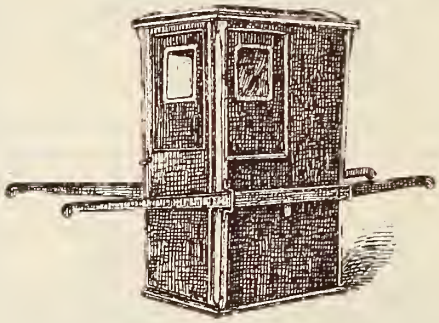
* *

Por justa homenagem, a quem *de juro e herdade* a merece, commentamos o 1.º quartel deste brasão: — Do casamento do 2.º Marquês de la

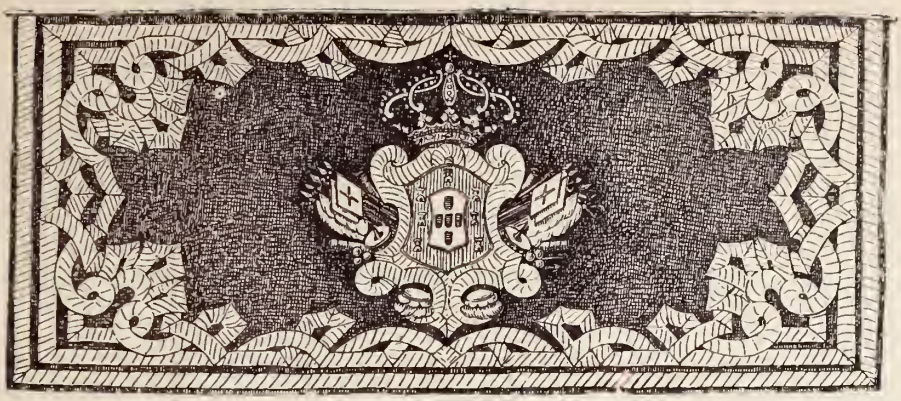
Guardia, D. Rodrigo Mexia Carrilho (*Carrillo*), com D. Isabel de Mendonça (*Mendoza*), filha de D. Diogo Furtado de Mendonça (*Hurtado Mendoza*), Conde de Saldanha e de D. Maria Mendonça, Marquêsa de Cenete, descendeu, entre nós, a nobilissima Casa *Valle dos Reis,* cujo representante vigente é o Sr. Duque de Loulé, o actual Estribeiro-Mór da Casa Real, Pedro Agostinho de Mendonça Rolim de Moura Barreto, Neto de El-Rei Senhor Dom João VI, por parte de sua Mãe a Serenissima Infanta Senhora Dona Anna de Jesus Maria de Bragança e Bourbon — tão venerando pela sublimação do seu caracter, como nobre pela sua Real ascendencia.

Ha Fidalguias, que se definem pelo simples lemma heraldico, inscrito no seu escudo de Armas, como esta que — realçado a letras de *azul* em campo de *ouro* — adoptou por mote a *divisa angelical*

AVE MARIA.



PARTE II



NOTA I

Die fürnehmste Schwerigkeit bestehet nur darinnen das man dem Grund und das Profil gebührend verfertige.
(Nach Palladio — Architectur-Stück).

julgar pelos monumentos da mais alta antiguidade, o uso dos carros remonta á formação das primeiras sociedades politicas, mormente para as necessidades agricolas, usos bellicos e jogos publicos.

Eram largamente conhecidos no Egypto ao tempo (1849 a. J. C.) do governo de José — outr'ora escravo bemquisto de Putiphar, e então com valia e autoridade só inferior á do Rei. Por mandado de Pharaó, enviou elle á Cananéa os necessarios vehiculos para que seu pae Jacob e os seus, ainda residentes em Beérchebah, fossem mais commodamente transportados para as terras de Goschen, a região mais fertil de todo o país — . . . :

בָּעֲגָלוֹת אֲשֶׁר־שָׁלַח פַּרְעֹה לָשֵׂאת אֹתוֹ

nos carros que Pharaó tinha mandado para o trazerem (Genesis, XLVI, 5).

Deste texto biblico e de outros subsequentes se conclue que o carro expresso por עֲגָלָה (singular de עֲגָלוֹת, que entra na locução בָּעֲגָלוֹת — a primeira transcrita da direita para a esquerda, porque a graphia é semita) era, como ao caso convinha, do

typo cujas duas variantes foram mais tarde copiadas pela sempre assimiladora industria romana, sob a denominação de *plaustrum*.

A determinação chronologica do uso dos vehiculos no país de Menés, fundador de Memphis, vae, pois, muito além da epoca do mais famoso de todos os Pharaós da dynastia XIX (sec. XV a. J. C.), Sesostris ou Ramsés *Magno*, o aguerrido conquistador da Asia occidental e arrojado constructor do Ramesseum.

Excede mesmo de um bom seculo a data historica da invasão dos Hycsos (2:200 antes da era christã), desses nomadas asiaticos que, por espaço de cinco seculos, dominaram o Delta e Heptanomis ou baixo e medio Egypto, obrigando os Pharaós indigenas a refugiar-se na alta região — a solitaria Thebaida.

É ao vigesimo terceiro seculo a. J. C. ou duodecima dynastia pharaonica que remonta o carrinho existente no museu de Florença, de uma technica elementarissima, com duas rodas e parapeito *roto*, sem o menor tegumento por ser de esqueleto completamente desnudado, ao invés do typo assyrio, já de mais pronunciada massicez estructiva, de caixa *cerrada*, de duas ou quatro rodas (como o phrygio), consoante se observa ainda nos baixos relevos do palacio de Assour-ben-Habal — o valoroso conservador das glorias tradicionaes de Teglath-Phalasar I e Semiramis, de Nabuchodonosor e Nemrod.

O carro egypcio foi sempre progressivamente acompanhando as quatro grandes fases da civilização deste povo phenomenal, de quem as antigas sociedades politicas do occidente sabiamente constituidas (particularmente a Grecia), foram auferindo dogmas theogonicos, formulas de cosmogonia, canones de legislação e primordios de sciencia.

Desde os tempos heroicos ou mais obscuros até Sesostris, o subjugador da Ethiopia e das Indias — de Sesostris ou Ramsés II até Psammetico, pae de Necos, que tanto lidou pela junção do Mar Vermelho ao Mediterraneo — de Psammetico a Ptolomeu, tronco da grandiosa dynastia dos *Lagides*, pae de Ptolomeu *Philadelpho*, o fundador da primeira biblioteca, a que elle chamava *o thesouro dos remedios da alma* — desde Ptolomeu *Lagus* ou *Soter* (σωτήρ «libertador») até a bella Cleopatra, com quem se finalizou a existencia politica do Egypto independente, foram-se sempre tambem evolucionando os meios de transporte vehicular, correspondendo a cada um destes estadios historicos uma feição architectonica perfeitamente definida.

Bastam a fabrica do templo de Thebas e a sala hypostyla de Karnak com as suas 134 columnas — algumas das quaes de 21m de alto por 3m,57 de diametro — as colossaes pyramides e os hypogeus tumulares, os obeliscos de Louqsor e o labyrinto de Amenemhat, a estatua de Memnon (que representa Amenophis II) e a collinosa Esphynge (symbolo do Sol nascente), o lago Mœris e os canaes de irrigação agricola, para bem se julgar quanto este povo, a par dos seus altos conhecimentos em astronomia, pintura e geometria, se guindou no cultivo da sciencia mecanica. O carro era para elles machina de guerra, alfaia agricola, vehiculo domestico e mobiliario liturgico.

*

* *

Não eram somente os Cananeus e outros povos semitas setentrionaes que, ao tempo de José do Egypto, desconheciam o uso dos carros viageiros; tambem os do grupo meridional (Ismaelitas e Qahtanidas), pela difficil praticabilidade das regiões que habitavam, os não usavam então.

Existia, é certo, entre os primitivos sectarios de Mahomet o termo عجل «roda», mas como peça organica dos engenhos industriaes applicados ao fabrico da طحين «farinha» e do زيت «azeite». O vocabulo archaico كريطة — salvo melhor juizo — derivação da

raiz جَرَّ «arrastar» referia-se originariamente a um simples leito arrastadeiro, destinado á carriagem das pedras — especie rude de trenó.

Na lexicologia arabe não é vetusta a existencia das expressões عرابد e كدش, que significam «sege».

Na Palestina são em extremo neologicas as formulas كَرُّوس (por influxo do «carrosse» francês) e عربى isto é, *á maneira dos Arabes* — por influencia da Arabia e nomeadamente do elemento britannico de Aden, onde, em 1881, pessoalmente reconheci a existencia do *cab* londrino.

— Muito de intento me desvio, *ás vezes*, da graphia vulgar de uns certos nomes orientaes. Assim como disse Assour-ben-Habal, em logar de Assurbanipal, tambem deveria haver dito *Nebukhadnétsar* por Nabuchodonosor e, preferentemente, *Mohammed* ou *Mohommad* por Mahomet, etc., pois que nas respectivas fontes literarias, a que me reporto, se encontra נְבוּכַדְנֶאצַּר e מֻחַמַּד. Com este simulacro de incoherencia, pretendo dar a entender que (presumindo não ignorar a mais *conveniente* ou *necessaria* literação das palavras, que escrevo) se antolha já tarde para mim o impor-me uma *radical* sublimação orthographica, *estrictamente* pautada por *principios*, *positivos* ou *convencionaes*, e *extensivamente uniformes*.

*
* *

Comquanto os actos avoengos de Ton-chi e dos Schangs, de Confucio e de Lao tseu fossem sempre habilissimos para diversos ramos das artes mecanicas, e se admitta no vehiculo china — como pretende Kerbech — uma existencia tres vezes millenaria, não se pode, todavia, vingar para a China a absoluta prioridade no fabrico do carro.

*
* *

Muito antes — de Xerxes, o destroçado de Salamina — de Dario, o vencido de Marathona — e de Cyro, o vencedor de Creso — o uso do vehiculo persa havia tomado singulares proporções, visto como a agricultura era entre elles mais que prezada (honrada) e o serviço das postas havia tido uma extraordinaria expansão. Quando a Persia dominou por toda a Asia menor, os Sacerdotes de Zoroastro, que eram os sabios e philosophos da nação (os *magos*, que em tudo superintendiam) por commodo individual e pelo interesse sacro e profano da collectividade para cujos destinos olhavam attentos, iam sempre fazendo imprimir ao carro a apparatosa agilidade, relativo conforto e compostura militar, que as circunstancias reclamavam. Os Persas, da mesma sorte que os Gregos, chegaram a ter o seu carro de guerra, armado com dardos na ponta do cabeçalho e defendido com meias luas cortantes, fixas nos cuvos das rodas.

*
* *

O carro hellenico para os certames circenses remonta ao seculo XIX antes do nascimento do Salvador, especificadamente o τέθριππον ἅρμα, de duas rodas e quatro cavallos — para uso privado dos magnates, na Lacedemonia e em Athenas — pois que o συνωρίς, de dois cavallos, era indistinctamente adaptado ao serviço dos combates e ás corridas do κίρκος («circo»).

Tinham ainda variados outros modelos para as diversas exigencias e gozosas commodidades da vida privada e social, segundo attesta Polybio. As corridas a pe, a ca-

vallo e em carro, o salto, a luta, o pugilato e o pancracio, como praticas gymnasticas e athletas, fizeram dos Gregos um povo forte e agil que, até o apparecimento do legionario romano, deu ao mundo os soldados mais bem adextrados. O miliciano grego era um *estrategico* por excellencia — ὁ στρατιώτης, como o general era um *estratopedarcha*, no sentido absolutamente imperativo do termo — ὁ στρατοπεδάρχης.

O carro era, pois, um elemento essencialmente vivo e progrediente, attingindo formas esbeltas nesses famosos *jogos nacionaes*, inspirados pelo fraternal sentimento de uma origem commum e pela consanguinidade de todas as tribus da Attica e do Peloponneso.

Não se confundiam os typos vehiculares usados em quejandos exercicios cultuaes, dados — em Corynthio, como preito a Neptuno (*isthmicos*) — na Argolida, em honra de Hercules (*nemeus*) — em Delphos, por adoração de Apollo (*pythicos*) — e na Elida, em homenagem a Jupiter (*olympicos*).

Do carro marcial da Grecia, remontante ao anno 333 (a. J. C.) vi eu, em 1904, um exemplar amosaicado, no bello museu de Napoles.

Figura-se no quadro a descrição da batalha asiatica de Isso — victoria, que a Alexandre Magno, o vencedor de Mithridates e de Dario Codomano, permittiu a fundação da Alexandria e a paternidade de Jupiter Ammon, para mais tarde lhe facilitar a morte, não como um virtuoso discipulo de Aristoteles, mas como um persa devasso do Oriente.

*

* *

Os Romanos, experimentando sempre mais ou menos o influxo dos povos vencidos, adoptavam o que lhes era mais grato e proveitoso nas sciencias e nas artes, como na estrategia militar e praxes domesticas.

É assim que, depois das longinquas conquistas da Asia menor, se apropriaram o uso da *liteira*, provinda da Phrygia e da Bithynia; da mesma sorte que, em quanto á sua fórma e destino, plagiaram da Grecia o carro de um rodado, a dois e a quatro cavallos — donde veio para a numismatica da vetusta Roma a perfilhação do *argentum bigatum* e do *quadrigatus nummus*. (Só nas vistosas equipagens do *triumfo* o numero de cavallos podia ascender a dez).

A liteira romana (*lectica*), a principio de uso exclusivamente feminino, era munida de um duplo varal, a que pegavam dois, quatro, seis ou oito escravos, consoante o tamanho della e a riqueza da sua proprietaria.

Consistia numa especie de paviola selecta, de guardas sufficientemente altas para susterem um colchão com os competentes travesseiros (*cervicales*), permittindo com facilidade o somno, a leitura, a escrita e o uso das refeições.

Mesmo parada, ficava sensivelmente afastada do chão por meio de quatro pilares, que se elevavam a aguentar um tecto de coiro, com sanefas e cortinados quando era aberta (*aperta*), e aos quaes se fixava um ligeiro madeiramento lateral, convenientemente ajanelado, quando era cerrada (*clausa*).

— Foi em extremo variada a collecção dos carros romanos, todos mais ou menos deduzidos de typos exoticos (com excepção de um, verdadeiramente autochtono, fechado a valer; quasi uma *arca*, de colchão e travesseiros para serviço dos invalidos e doentes, como bem se deprehende de alguns marmores funerarios). Chamava-se *arcera*, modelo, que antecedeu o uso das liteiras e outros meios de transporte suave, mais leves e elegantes.

— O *cisium*, com entrada pela deanteira e munido de assento (ao contrario do *biga*), era de duas rodas, ligeirissimo, apenas para duas pessoas — segundo se observa nos baixos relevos de alguns monumentos.

— Como vehiculos velocissimos pela sua extrema pequenez e leveza, tinham ainda o *birota* ou *birotus*, o *synoris* (typicamente grego), o *arcima* e o *ploxinum* — que eram os principaes no seu genero. O simples *plostellum*, puxado por cabrinhas, era mais um entretenimento infantil, bem differente do *plostellum punicum*, com cylindros ouriçados de facas cortantes em ordem ao trilho das eiras (o protoplastico, digamos assim, do actual *noreg* egypciaco).

— No dizer de Varrão, o *plaustrum* e o *sarracum* eram pesados, verdadeiros carros do campo, de rodas fechadas (*tympana*) e não armadas de raios (*rotae*), dissemelhantes apenas, em quanto que o primeiro era de exclusivo trabalho rural, tendo no leito um grande encanastrado de verga para conducção de cereaes (o *benna* dos Gaulêses — com reflexos ainda apreciaveis nas nossas provincias do Norte, por intermedio da civilização romana); ao passo que o segundo, de taipaes volantes, era roto á frente, podendo promiscuamente servir para carriagens agricolas e transporte de pessoas.

O *plaustrum majus* para os grandes carregamentos, com rodados do modelo *rota* (de raios), regularmente a tres cavallos, tem o seu hodierno representante no carro vulgarmente chamado, entre nós, *galera*.

Note-se que *plaustro* é vocabulo portuguesissimo.

— O viajante estudioso que, na Roma actual, por contraste ao sorriso elegante das modernissimas construcções da *Via Nazionale*, se encaminhe a lacrimejar, na *Piazza del Foro Traiano*, as melancolicas ruinas do, outr'ora, mais bello *Forum Imperatorium* (com os seus soberbos edificios do seculo II, construidos pelo architecto Apollodoro de Damasco) e se fixe no derrocado pavimento da *Basilica Ulpia*, orientando-se com os destroços do *Templum Divi Traiani*, depara necessariamente com a columna deste heroe. Ali (melhor ainda que, no seu gabinete, ponderando as tabulas do *Wagen und Fahrwerke* de Ginzrot), nos tambores componentes do fuste marmoreo desse monumento historico-sepulcral consagrado á gloria do grande Principe — que só tem de empanamento a terceira perseguição feita pelo Christianismo — fixando bem os famosos baixos relevos da sua espiral, pode estudar o typo *autentico* da *rheda* romana, de que tanto se ha fantasiado na litteratura, como na tela do pintor.

Longe de ser um vehiculo *ligeirissimo* era, pelo contrario, *bem pesado*. Espaçoso, de quatro rodas, de coberta ou sem ella, mais ou menos ornamentado, com entrada bilateral ao centro, era francamente destinado ao transporte de pessoas e respectivas bagagens de mão — um verdadeiro *char-à-bancs* do seu tempo.

— O celebre architecto romano, autor do precioso tratado *De Architectura*, Vitruvio, fala da existencia de uns carros prevenidos com engrenagem ligada a uma caixa de pequenos seixos, os quaes, ao cabo de umas tantas rotações do eixo, se iam deixando cair para dentro de um reservatorio, indicando assim o caminho trilhado numas certas unidades de tempo. Era um *contador* primitivo, um *taxametro* embryonario que, como singelissima applicação do pithagorico π (ou quociente da circunferencia pelo dobro do raio), declarava sem erro de calculo quantas vezes o aro *rectificado* da roda se havia já estendido pelo chão, annunciando, conseguintemente, o numero de passos ($1^{m},66$), estadios ($208^{m},3$), milliarios ($1^{km},667$) e *lencas* ($2^{km},5$), que o vehiculo havia já percorrido, A base do computo era a milha ou 5:000 pés (a cuja andadura correspondia a queda de um seixo) — corrida em 400 voltas de roda, graduada a 12 pés e meio de aro ou circunferencia ($12,5 \times 400 = 5:000$).

— Não por meio de representações em objectos de arte, mas pelas lições do poeta dos *Argonautas* (V. Flaccus, sec. I), do paduano das *Decadas* (T. Livius, sec. I) e do historiador de *Alexandre* (Q. Curcius, sec. I) sabemos que tambem os Romanos tiveram o seu *Currus falcatus* ou carro de guerra, armado de fouces (*falces*) fixas na ponta da lança e nas extremidades dos eixos, em sangrenta opposição ás *tenuissimas* asas do

Currus volucris, que a incandescida imaginação dos seus poetas e artistas tão elegantemente ligavam aos carrinhos de Jupiter e de Apollo.

— Conclue-se dos *Fastos* de Ovidio que o *carpentum,* de procedencia etrusca, ordinariamente com o toldo arqueado (*arcuatus currus*), defendido por cortinas, servia particularmente ás matronas e damas romanas. O nosso carro do Alentejo, toldado, puxado a muares, é o typo decaido deste especime romano.

— A uma dupla cadeira, de plataforma commum, assente num jogo de varaes e transportada por bestas, preferentemente para uso das mulheres, chamavam os povos do Lacio *basternum* ou *basterna.*

Mantem-se substancialmente affirmada na nossa antiga *cadeira, de tiro* ou *de mão* — *simples* ou *dupla.*

Quando *simples* era o mysterioso *ataude* do meado seculo XVII — assim humoristicamente apodada pela critica mordaz de Affonso de Miranda, ao occupar-se de certas donas reconditas, para quem a maquineta valia por esse negregado bioco ou negrejante capote, que tanto preoccupou a legislação do tempo, e que, ainda recentemente, conforme observei durante a minha residencia no Algarve, por dias e noites deu que entender á policia da capital deste districto.

(O passeio *em cadeira* era particularmente recommendado na prophylaxia obstetricia do seculo XVIII, em vista do exercicio moderado, que as urgencias desta melindrosissima situação sempre sanitariamente aconselharam. *A Rainha Nossa Senhora sahio hoje fora em cadeirinha por verificarse certa a sua prenhez...* — Assim, de Lisboa para Hollanda, em dezembro de 1715, com gaudio se annunciava ao Conde de Tarouca o advento da proxima natividade do *Principinho* successor da corôa, o Senhor Dom José).

— A primitiva *basterna* (originariamente constituida por caixa assente em leito rodado, servida por bois, cavallos ou muares), depois da conquista das Gallias, passou para a Italia, aformoseando-se a ponto de, no fim do seculo V, entrar como *Carro de gala* no cortejo do casamento de Clotilde, Princesa burgonha e christã orthodoxa, com o filho de Childerico I, *Clovis* — o verdadeiro fundador da monarchia franca, por ella convertido ao seu Deus, que elle tanto invocou na batalha de Tolbiac, victoriosamente ferida contra os vigorosos Alamans.

— No sentir do *Glossario* de Philoxenes, a *thensa* (*fac-simile* do ἁρμαθέων grego) era um *birotus* riquissimo, festival, ordinariamente tirado por quatro elephantes, em que iam enthronadas para o circo as Imagens dos Deuses, as quaes, nas festas mais secundarias, eram simplesmente levadas aos hombros de homens num *ferculum* — formula architectonicamente primogenitora do nosso *andor* processional.

— Como carro nobre para as damas da mais elevada aristocracia romana, em antithese ao *carpentum* vulgar, tinham ellas (quasi umas semi-deusas), como privança da sua guindada fidalguia, o finissimo *pilentum,* ás vezes, durante o Imperio, majestaticamente puxado por leões e outros animaes ferozes, já bem domados e subjugados a esta envaidada divinização feminil.

O leito, firmado em duas rodas radiadas, era uma possante base de quatro desenvolvidas faces, todas ellas artisticamente tauxiadas a bronze, marfim, prata ou ouro, sobre as quaes assentava um outro corpo assobradado, tambem parallelogrammico, de mais curtas dimensões — visos, portanto, de um throno, que deveria fazer lembrar o maravilhoso mausoleu da famosa Artemisia II, rainha de Halicarnasso.

Nos angulos deste segundo baseamento, erguiam-se quatro columnas, sempre preciosas, sustentando um tejadilho de frontão triangular, com tympano symbolicamente ornamentado e com afestoados bambolins pendentes do luxuoso cimacio.

Era dentro deste risonho ediculo que, donairosa, sentada num burilado tamborete, ia a alta dama romana, de niveas *sandalias* recamadas de ouro e pedras preciosas, ves-

tida com a *stola* purpurina, de *iuaures* pingentes, e acobertada com o seu *pallium* talar — seductor requinte de uma gala asiatica, exhibições de um luxo desvairado, a que, por justificado ciume, o olympico Cesar teve, por fim, de oppor um limite legal!

— A tão grande fulgor correspondia, como exornativa rotação da primitiva *basterua*, a attitude da soberana *carruca* do Prefeito romano (*Praefectus Urbis*), ao vir enfatuadamente envolto nas suas *tuuica laticlavia* e *toga pretexta*, estudadamente enrugadas, descansando em espaçosa cadeira curul erguida num vistoso tablado de dois rodados, toda ella relevada a bronze, marchetada a marfim e chispante de luz pelas scintillações da prata ou ouro, que a abrilhantavam. Positivamente, como quem faz de Rei ou Consul, na ausencia d'estes, e governa a cem estadios fora de Roma!

A *carruca* (*carrôtta* > *carrosse* > *carroça*) era, pois, um carro fino para uso de gente grada e de posição official; assim como o *currus*, quando *triumphalis*, dava a nota mais sonante das grandiosas apotheoses imperatorias e generalaticias. Actualmente, porém, entre nós, o termo *carroça* é de uma significação real sempre sobremodo apoucada; como a palavra *carro* representa, por vezes, o vehiculo destinado aos misteres da baixa carriagem.

— A empanar todo este brilho imaginemos, por ultimo, o *Carro Triumphal* romano (*Currus Triumphalis*), sobreposto de uma suggestiva estatua da *Victoria* em acção de coroar, dentro do qual o aguerrido general — decretadas pelo Senado (o *sanctissimus Ordo* de Cicero) as pompas do seu triumpho — vem de *paludamentum* (capa magna de lã branca, escarlate ou azul), laureado, de palma na mão direita e *scipio eburneum* (sceptro de marfim, encimado de uma aguia) na esquerda, acompanhado, ás vezes, pelos filhos e amigos mais caros. Atravessa a cidade, por entre arcos de triumpho na direcção do Capitolio, a dar graças ao Jupiter intercessor, em cuja fronte divinal reverentemente depõe a corôa, que até ali trouxera exornando a sua.

Este carro, geralmente de marfim (*Currus eburneus*) ou embutido do mesmo, com relevos dourados ou até de ouro, ou de prata massiça preciosamente cinzelada, era tirado por fogosos cavallos brancos, por elephantes e até por leões ou rennas (como succedeu no triumpho do primeiro imperador diademado, Anreliano, em que appareceu cativa a princesa Zenobia, rainha de Palmyra — no seu tempo, a verdadeira capital do Oriente.

Ia o sumptuoso *Currus* precedido pelos auctoritarios lictores, musicos, bois de chifres dourados com destino ao sanguinolento sacrificio capitolino, sacerdotes e victimarios de cutellos erguidos; depois, marchavam os carros com as imagens das fortalezas ou cidades expugnadas, talhadas em madeira, marfim, cera ou mesmo prata, de mescla com quadros descritivos das batalhas e varios despojos de valor, dispersos por entre as armas, intencionalmente de jeito a produzirem um tal ou qual fragor metallico ou estrondo bellico para marcial animação do acto jubilar.

Em seguimento, os prisioneiros de guerra, indo, á frente delles, os reis vencidos, submissamente cabisbaixos, de cabello tonsurado em sinal de escravidão, maniatados com cadeias de ferro, de prata ou mesmo de ouro.

Não raro, para cumulo de miseria e como ridiculo contraste — barbaramente desapiedado em acto tão apparatoso — um truão insultava os pobres vencidos com as suas chocarrices de irrisão e sarcasmo!

Atrás do carro, queimavam perfumes (*suffimenta*) alguns ministros, precedidos dos senadores e parentela do general victorioso — todos de branco e coroados de louro.

Como tumultuoso remate de tão tragica scena, ao som dos hymnos militares, improvisando versos chistosos e ditos epigrammaticos, fechavam o cortejo os soldados *donis militaribus donati* (quer dizer, condecorados com as suas *armillae, torques, phaleraе*), vistosamente coroados — uns, de *coroua oleagina* (folhas de oliveira) por haverem com o seu particular concurso facilitado a obtenção do triumpho — outros, de *corona*

civica (folhas e landes de carvalho) por salvarem um camarada, matando-lhe o seu adversario — mais além, de *corona muralis* (decorada com torres) os que primeiro escalaram a cidade sitiada — de *corona castrensis* ou *vallaris* (á laia de sebe travada com mato dourado) aquelles que abriram campo á valentia dos heroes — de *corona navalis* ou *rostrata* (com reluzentes esporões de navio) os arrojados marinheiros da primeira abordagem á *navis* inimiga — muitos, a seu talante, de *corona plectilis* (hastes floridas) ou de *corona sutilis* (com flores enfiadas). Todos, emfim, á uma, bradando ovantes — *Io triumphe!*

(O pequeno triumpho, de cortejo reduzido, era simplesmente a *ovação* — *ovatio* — porquanto tinha apenas, como acto sacrificial, a degolação de uma ovelha, *ovis*).

*

* *

Na idade media, em que o feudalismo queria, por assim dizer, os homens temperados a aço, como as cotas das suas armaduras e o gume das proprias espadas, cavalleiros adestrados e guerreiros sedentos, quasi desappareceram por completo os carros. No meio de uma sociedade tão violenta, criou-se um ideal de perfeição — o homem medieval tinha por modelo, na vida religiosa, o santo; na vida civil e politica, o cavalleiro.

Senhores e servos, padres e leigos, todos montavam a cavallo — frades e mulheres em machos ou mulas.

É a *carruca* romana e, portanto, a *carrôça* italiana, que mais esforços faz por sobreviver; era, de facto, o mais commodamente viavel de todos os meios de transporte pessoal.

— No fim do seculo XIII, depois das Cruzadas — essas grandes expedições, que custaram á Europa uma grande parte da sua população, mas que deram um vigoroso impulso ao commercio, á industria e a variadas instituições, que nella se criaram ou desenvolveram — reapparecem os carros para, com os apurados resaibos da velha ornamentação classica, serem de uso frequente na *Renascença* — epoca de fervente ovulação e eclosão intellectual e artistica.

Já então, com o volver dos annos, pela conveniencia do serviço collectivo da *carruca*, ella se havia duplicado, assentando ambas as caixas com os respectivos bancos, uma em frente da outra, na mesma plataforma de quatro rodas, reinsinuando se, desde logo, a ideia de duas entradas lateraes, ajeitadamente praticaveis.

— No seculo XVI, com effeito, vulgariza-se esta casta de vehiculos nobres singularmente aperfeiçoados, de combinações faceis, mas ricos de ornamentação em pintura e douradura, com accesso pelos lados, francamente abertos entre os planos dos dois eixos, de assentos fronteiros e de cobertura volante. São os *coches embryonarios* que, na alta Hungria, pela primeira metade do seculo XV, tiveram a sua primeira irradiação, procedentes — ou de Kossing (no condado de Sarvar), ou de Kotz (no de Poson), ou de Kosh (no de Zoll). É mais natural que fosse desta ultima povoação, como centro selecto de industria vehicular que, mais tarde, por intermedio da Italia, commummente adviesse para Portugal e Hispanha a palavra *coche* (*kosh* > *koshe* > *koche* > *coche*); da mesma sorte que derivaram: *caleche* de Kalisch (a antiga *Calisia*, cidade e provincia da Baixa-Polonia; *kalisch* > *kalische* > *kaliche* > *kaleche* > *caleche* — *landó* de Landaw (cidade da Baixa-Baviera) ou, mais provavelmente, de Landaw (cidade da Baixa-Alsacia) — e *berlinda* de Berlim (*berlim* > *berlin* > *berlina*, primitiva denominação hollandesa que, com a vinda de alguns carros *esbeltos* para Portugal, se nacionalizou sob a fórma, mais *alindada*, de *berlinda*).

São phenomenos lexicos perfeitamente identicos ao dado na Inglaterra, no meado do seculo XVII, com a *cadeirinha*, conduzida por dois homens, para uso de uma só pes-

soa, introduzida no tempo do despotico Filho de Jacques I, Carlos I (o decapitado dos partidarios de Cromwell).

Ficou sendo chamada *Sedan* ou *sedan chair* por proceder da patria de Turenne, a industrial *Sedan* (antiga *Sedanum* da margem direita do rio Meuse, França — ... *named from Sedan, where it was first made, and whence it was introduced into England. A portable chair or covered vehicle for carrying a single person, usually borne on poles by two men*... (N. Porter).

Ao raiar do seculo XVII, era já corrente na Italia a existencia de um pavilhão descansado em montantes ou pilares, fechado em volta, tendo superiormente cortinas de correr e estores de sola enrolados á cimalha ou munidos de pequenas vidraças ao centro, estendidos no tejadilho e prontos a descer ao primeiro ameaço do mau tempo — como ainda é claramente visivel no carro hispanhol n.º 2 — *D. Filipe II.*

Em Portugal, o uso franco de vidros nas janelas dos coches começou logo no reinado do Senhor D. João IV, como em França esta, tão admirada e applaudida, innovação principiou com o marechal Bassompierre, esbelto cavalleiro das Côrtes de Henrique IV e Luis XIII; ao passo que, na Inglaterra, ainda em 1662, se apresentam de simples cortinados muitos dos carros nobres mandados fazer para o prestito do consorcio da Infanta portuguêsa Senhora Dona Catharina de Bragança com o Soberano Lord Carlos II, celebrado em Portsmouth.

Em agosto de 1729, de Vienna de Austria para o melancolico D. Luis da Cunha, dizia o sempre jucundo Conde de Tarouca, ao falar-lhe lamentadoramente do seu *cochefragio*, em carta longa por elle chamada *á moda Tarouca*: ... *se deixou agora ferir pelos vidros... desejando que V. Ex.ª seja mais afortunado em coches*...

(O significativo neologismo do engraçado Conde — equipollente de *naufragio* — é coevo dest'outro — *atolondrado* — hybridismo, com que D. Luis, em linguagem intima, pretendia traduzir o cansaço mental proveniente dos seus negocios na Côrte de Inglaterra [*tolo* + *londrado*, de Londres]. Era uma fórma reservada de significar o embrenhado inherente ás altas questões diplomaticas da epoca, a que Sebastião de Carvalho, por seu turno, havia humoristicamente chamado — *serambelho* — calão com reparo encontrado na chancellaria de Vienna de Austria pelo nobre Conde de Tarouca, consoante o dá a entender numa das suas sempre interessantes epistolas).

A supracitada especie de carro, grande, espaçoso mesmo, passou então na Italia a ser chamada *stúfa* — nome analogicamente estabelecido pela melhoria do seu particular conchego, quando cerrado de todo; de temperatura commoda parecida com a de um gabinete aquecido pelo calor brando do fogão (*stúfa*). Foi systema introduzido em Hispanha, no fim do seculo XVI, pelo Rei Sr. D. Filipe II e por elle usado na sua jornada a Portugal, quando veio tomar posse da Corôa usurpada, com o nome de D. Filipe I.

Mais tarde, começou a *estufa*, termo já aportuguesado, a ter um envidraçamento regular, mais ou menos generalizado pelos paineis do coche.

A este tempo, já acauteladamente prevenida com duas vigas ou descansos longitudinaes, tinha a caixa mantida em suspensão por fortalecidos tirantes ou *amarrações* de coiro cru — simples aperfeiçoamento e não innovação, visto como o processo já houvera tido de ensaio experimental a primeira metade do seculo XVI.

— É o apparatoso Luis XIV que, no derradeiro quartel do seculo XVII e inicio do seculo XVIII, para serviço da sua Real Pessoa, faz imprimir modificações, inquestionavelmente elegantes, aos coches que, no casamento do seu successor Henrique IV com Maria de Médicis (1600), haviam entrado, pela primeira vez, nos prestitos da Côrte.

Modelados *á hungara*, serviam ás Damas, desde o fim do seculo XV, mas ás Princesas só nos reinados de Henrique II e Francisco II. As aberturas lateraes começam regularmente a ter as suas portinholas definitivas e os apainelados a ser enriquecidos

com os primores de uma pintura selectissima; desapparece a linha de prumo nos montantes angulares do coche, de molde a ficar o tejadilho com uma projectura elegante sobre o plano da caixa que, a seu turno, perde tambem a primitiva horizontalidade exterior; passa finalmente o carro a ter espelhos de descer, tornando-se assim commum a janela de vidraça que, no termo do seculo XVI, furtivamente apparecera na Italia, comquanto sem foros de propaganda radicada.

Como se vê, já o coche se ia perfeitamente accentuando á moderna, destacando-se sensivelmente dos antigos *carrosses* á Henrique IV de França, cuja entrada era vedada por um gremial, em vez da futura portinhola, á laia do que se observa no coche *Clemente XI*— oriundo de Roma no primeiro quartel do seculo XVIII, mas ainda, por intencional gravidade archaica, ornado no vão das ilhargas com tapeçaria brazonada, dando-se majestosamente ares de umas colgaduras pendentes.

— Estas expansão architectonica e evolução decorativa haviam de necessariamente reflectir-se (como na verdade se reflectiram) em Portugal, visto como se recorria principalmente a Paris, quando com urgencia ou mais requintado luxo era preciso encommendar carros nobres ou requisitar os mais apurados modelos para a sua manufactura nacional.

Assim se explica como, entre nós, já em 1695 era tão frequente o uso do vidro superior nas janelas dos vehiculos nobres, que até para as simples *liteiras dos Padres Confessores* o reclamava João de Campos Andrade ao Conde Estribeiro-Mór (Vianna) — consoante se vê notado nos *Manuscritos* da Academia Real das Sciencias (Tomo I, Gab. 3, n.º 22).

Só conheço ao certo o nome de um estilista segeiro francês que, em 1724, trabalhava por alto preço para a Côrte de Lisboa, ao mesmo tempo que para *o aparador* de El-Rei o Senhor Dom João V (e sob sua especial recommendação) Germain preparava uma nova baixella com as suas *corbelhas, fruteiros,* e *talheres* da mais fina cinzeladura e que Marie Angélique Pepe urdia, em Valenciennes, as suas delicadissimas rendas — era *o mestre dos coches La Fontaine,* como claramente se expressa uma epistola escrita para o *1.º Secretario de Estado de S. Majestade* por D. Luis da Cunha, em outubro do dito anno.

Este documento está enxerido no Tomo XXII das *Cartas para a Côrte,* depositado no Archivo Nacional.

(Então na Correspondencia diplomatica escrevia-se tudo o que, para aproveitar a posta, havia que participar, assumindo, ás vezes, a dicção uma fórma espirituosa e até notavelmente burlesca.

Tomei nota, em tempo, nos manuscritos da Academia Real das Sciencias, de uma carta expedida da Haya (1691) por Francisco de Mello para o Marquês de Marialva D. Pedro de Menezes, cujo teor parcial é: ...*Diogo Lopes dará a V. S.ª rezão do oculo de ver ao longe; e bem necessario seria para V. S.ª o ver a elle segundo vai magro e miudo;*... Não é raro que, de mescla com os mais momentosos assuntos, se fale em *sezões erraticas* e *bexigas cristallinas,* em *fluxões de estalicidio* e *purgas de prevenção*).

Talvez que, na historia dos Coches Reaes portugueses, o referido nome *La Fontaine* deva representar alguma Casa notavelmente constructora de França, tradicional e hereditariamente afamada no seculo XVIII, como em ourivezaria era a dynastia dos *Germain,* á qual o extraordinario Voltaire (que, até nisto! revela a maravilhosa facilidade, com que transitava do familiar ao sublime, dos mais risonhos caprichos da imaginativa á mais poderosamente epica invenção) consagrou estes versos:

...ces plats si chers que Germain
A gravés de sa main divine.

O nome dos *Germain* emparelha brilhantemente com os de Ballin, Delaunay e Cheret.

Qualquer que fosse o progresso da industria nacional, no tocante ao fabrico de carruagens de luxo em o fim do seculo XVIII, é certo que, ainda a este tempo, o primeiro carro das grandes equipagens da Fidalguia portuguêsa era requisitado de França, segundo se collige do estudo de documentos insertos no *Codice Pombalino* n.º 646, relativos á organização (1798) de determinado cortejo official em que, como Fidalgo Introductor, houve de comparecer o 2.º Conde de Oeiras e 2.º Marquês de Pombal, Henrique José de Carvalho e Mello.

NOTA 2

Consoante dissemos já, a proposito do coche *D. Filipe II* (III de Portugal), os carros nobres, denominados *estufas*, figuraram, *pela primeira vez*, entre nós, na solemne magnificencia, com que o Sr. D. Filippe II de Hispanha veio officialmente ostentar-se, em 1581, como *D. Filipe I de Portugal*.

Eram de todo forrados a coiro, sem ornamentação escultural externa, chapeados com multiplicada pregaria metallica mais ou menos graciosamente disposta, de *arquinha* (caixa postada no cimo do jogo de deante para petrechos de jornada), em vez de almofada para o cocheiro, visto serem tirados *á castelhana*, por tronqueiro e sotas.

Com os *Filipes* vieram, pois, as *estufas* (no sentido primitivo do vocabulo) como com elles veio o titulo de *Majestade* para o tratamento da Realeza — dado a primeira vez por El-Rei Sr. Dom Filipe II de Castella, na entrevista de Guadalupe, ao Rei de Portugal, seu sobrinho, Senhor Dom Sebastião I — de vivo engenho, de brios e valor em nada inferiores aos dos grandes heroes da antiguidade e dos tempos modernos, de eminentes virtudes moraes e christãs, mas falho de prudencia, que lhe moderasse os excessos do seu ardor bellicoso e de docilidade, que lhe submettesse os proprios alvitres ás luzes de conselheiros instruidos e experimentados — pelo que precipitou toda a nação com a infaustissima batalha de Alcacerquebir — القصر كبير *al-qasr-quebir*, «a grande fortaleza»; em opposição a القصر صغير *al-qasr seghir*, «a pequena fortaleza», Alcacerseguir.

(Foi, desde a lei de 1597, que o tratamento de *Alteza*, até então proprio dos Senhores Monarchas deste Reino, ficou sendo privativo dos Senhores Infantes e Senhoras Infantas).

A estufa *filipina*, de lugubre recordação, colleccionada sob o n.º 2 do Deposito I, assistiu sombria a essas sumptuosissimas festas, que tanto maravilharam o *Pio* Monarcha e que teriam farto de malicioso sorriso um Cabrera de Cordova se, por ventura, elle houvesse defrontado os inglorios arcos deste falso triumpho, como Baptista Lavanha os contemplou e descreveu.

... Malfadadas esperanças! pois que os seus ministros foram por tal arte, pouco a pouco, desvirtuando as promessas, a principio cavalheirosamente feitas, que mais e mais entre os *Grandes* e o *Povo* foi lavrando frisante descontentamento — vinte annos depois, rompido em aberta sublevação.

Este coche não deve ser confundido com os outros *filipinos*, de ostentação já mais notavelmente sumptuosa, a que com justificado fundamento chamámos *á Filipe V*.

Assim classificámos os carros nobres, que procederam de Hispanha, como equipagem matrimonial das Sr.as D. Maria Anna Victoria (Filha do Sr. D. Filippe V) e D. Carlota Joaquina (Filha do Sr. D. Carlos IV) por quanto, não obstante meio seculo de distancia, o estilo dos primeiros coches persiste nos segundos, sem grandes differenças de architectonia vehicular.

Estas duas sub-series foram estabelecidas em harmonia com dados de tradição domestica devidamente garantida, e com o estudo confrontativo da sua technica constructiva e decorativa.

Deste modo temos — como *filipinos* ou *hispanhoes* o coche *D. Filipe II* e cinco *á Filipe V* (dois do estado da Rainha Sr.ª Dona Maria Anna Victoria e tres da Rainha Senhora Dona Carlota Joaquina).

NOTA 3

Antes de 1581 — epoca, em que o intruso Sr. Dom Filippe I (II de Castella) veio a Portugal para, nas Côrtes de Thomar, prestar juramento de *bem governar o reino consoante as suas leis, usos e costumes*, e garantir a successão a seu filho — não havia o uso de coches.

Nos actos publicos da Côrte, o Rei, Rainha e Principe iam a cavallo com as suas *charamellas*, *sacabuxas* e *atabales*.

Os homens do povo pela sua pobreza e os ecclesiasticos pela sua modestia montavam em bestas muares; os cavallos eram para os nobres: as mulheres plebeias tomavam assento nas ancas dos machos, montados por parentes ou criados de confiança; nas ancas dos cavallos, só as damas nobres — sózinhas, apenas quando eram adestradas em equitação.

A transição foi suave, pois que, ainda em 1640, — quando, dois dias depois da sua acclamação, El-Rei o Senhor Dom João IV chegou a Lisboa — sem embargo de haver feito a sua entrada official em carro, seguio triumphalmente para a Sé montado em cavallo coberto com manta de velludo negro, guarnecido de passamanes e galões de ouro, acompanhado por alguns criados da sua Casa... Eram restos de velhas formulas. Dantes, á excepção da epoca, em que os Monarchas assistiam tranquillos ás epopeias dos seus navegadores, a missão do Soberano era eminentemente bellicosa; vivendo menos no convivio pacifico das Côrtes do que no bulicio fragoroso das batalhas, a custo largavam o seu ginete, a sua faca.

As andas, *liteira verdadeiramente tal*, especie de taboleiro ou leito, a principio sem caixa nem cobertura, conduzida por homens ou bestas, serviam nas jornadas para o transporte das Princesas, Fidalgas, homens idosos, enfermos, não raro Prelados, religiosos e até para os enterros.

A existencia da liteira *mortuaria* para o funeral dos proprios Senhores Principes e Infantes — pelo menos em tenra idade — deduz-se claramente das ordens emanadas da Secretaria de Estado para o Estribeiro-Mór, por occasião de *se enterrar na capella-mor de S. Vicente de Fora* o Primogenito Menino Dom João (1688). Vide *Manuscritos* da Academia Real das Sciencias (Gab. 3, E. 4, n.º 22), a fls. 54 e 58 do tomo 1.

Na mesma fonte literaria se apura o cortejo feito por liteiras de *Respeito*. Isto tudo ao tempo, em que o carro era já de usança correntia.

O Senhor Duque de Bragança, ao ir em 1633 ao Caia para o seu ajuste esponsalicio com a Sr.ª Dona Luisa de Gusmão, Bisneta do 4.º Duque de Medina Sidonia, partiu de Villa Viçosa para Elvas em coche de velludo encarnado e ouro, com pregaria de prata e ferragens douradas, tirado por seis mulas; ao passo que, para serviço da Senhora Duquesa, iam dois cavallos, uma *cadeira de mãos*, uma *liteira* de velludo carmesim passamanada de ouro com os seus competentes *caudieiros* e *liteireiros*. Vide *Historia Genealogica da Casa Real*.

Já de vespera tinha marchado uma *carroça* — no sentido *classico* e alevantado do termo — feita em Roma, lavrada a primor, com talhes e bronzes dourados, de tecto a velludo escuro, forrada de raso encarnado, enriquecida com flores de ouro estofadas. Na linguagem do tempo, *raso* significava uma especie de setim primoroso.

Os cortejos musicaes eram então privança absoluta das equipagens majestaticas. Com effeito, terminada na Sé de Elvas pelo Bispo proprio a ratificação do matrimonio, seguiu o estado Ducal para o seu solar com acompanhamento de *clarins, trombetas bastardas, ternos de charamelas, tambores* e *atabales*, com os seus vaqueiros guarnecidos de passamanes prateados.

Eram *bastardas*, no dizer da epoca, as trombetas dos cortejos Reaes: mais compridas e de maior campanula que as do seculo XVIII, davam uma *quinta* ou uma *oitava* abaixo da sonoridade da trombeta usual.

Esta definição de *bastardia musical* — que tambem attingia as trompas e outros instrumentos — é garantida pela reconhecida autoridade do abalisado musicologo e musicographo Sr. Alfredo Keil.

NOTA 4

Nos tempos, em que para o legitimo herdeiro da Corôa portuguêsa, como Neto da Senhora Dona Catarina, Neta de Sua Majestade El-Rei Senhor Dom Manoel, se voltavam ansiosos e confiados os olhos de milhares e milhares de cidadãos de todas as classes, animados de vivo zelo pelo bem publico e estimulados de nobre pondonor nacional, já a Serenissima Casa de Bragança tinha uma valiosa collecção de carros nobres, mórmente os feitos antes de 1604, para o casamento do Senhor Dom Theodosio, Pae do 8.º Duque de Bragança — mais tarde El-Rei o Senhor Dom João IV.

Para inteiro julgamento do antigo esplendor desta Serenissima Casa é preciso e basta ler a descrição de uma viagem feita no meado do seculo XVI, de Elvas a Lisboa pelo Cardeal Alexandrino, Legado do Santo Padre Pio V (*Ghislieri*).

Tanto se distinguia o serviço soberanamente fidalgo deste opulento solar — *continua emulação dos Grandes de Castella* — que, no passeio á Tapada, offerecido pelo Senhor Dom João de Bragança ao Duque de Niebla, figuraram nada menos que *dezoito coches*.

— Era este nobilissimo Fidalgo o Sr. D. Affonso de Gusmão, irmão da Esposa do Rei *Restaurador* o Senhor Dom João IV, a Sr.ª Dona Luisa Francisca de Gusmão, Filha de Dom João Peres de Gusmão e da Sr.ª Dona Joanna de Sandoval, immediata descendente do 1.º Duque de Lerma (depois Cardeal), D. Francisco de Sandoval e de D. Catarina de Lacerda, filha do 4.º Duque de Medina Sidonia (D. João).

A illustre Casa *Sandoval* — relacionada, em Hispanha, com o alto parentesco de S. Francisco de Borja e ainda proximamente parenteada com a estirpe hispano-arabe do ultimo Rei de Granada, como já mostrámos, acha-se actualmente vinculado — por intermedio de sua bondosa esposa Sr.ª D. Josefa Sandoval — o Sr. Conde de Figueiró (5.º do Titulo), Antonio de Vasconcellos e Sousa, honrado descendente de Luis José de Vasconcellos, que foi Vice-Rei do Estado do Brasil e Veador da Princesa Viuva, a Senhora Dona Maria Francisca Benedita.

É um Nobre sobremaneira apreciavel pelo encanto dos seus dotes pessoaes, como distincto pela sua guindada procedencia *Castello Melhor*, a cuja alta prosapia se prende o nome de Martim Moniz (famigerado contemporaneo dos valorosos Egas Moniz,

D. Fuas Roupinho, Giraldo *Sem pavor* e D. Payo Guterres), que as antigas chronicas dão, todo crivado de feridas, de proposito deitado ao través na porta norte do castello de Lisboa, para facilitar a entrada dos seus denodados companheiros de armas, no glorioso e triumphante assalto de 1147.

Esta porta, chamada, por tão altisonante facto, *do Moniz* ou *de Martim Moniz* (a antiga porta *do olival*), fica na Praça Nova, junta a um cubello. É a unica, que dá passagem para a encosta de Santo André: tem, por cima do arco, no lado externo da muralha, uma cabeça mutilada, restos de estatua commemorativa da referida façanha registada na legenda (*sic*), que a subscreve:

ElRei Dõ Afonso Henriqves mandov aqvi colocar esta statva e cabeça de pedra em memoria da gloriosa morte qve Dõ Martĩ Mvnis progenitor da Familia dos Vascon celos recebev nesta porta qvando atravesandose nela franqveou aos sevs a entrada com qve se ganhou aos movros esta cidade no anno de 1147.

João Roĩz Vasconcelos e Sovsa Conde de Castelmelhor sev decimo quarto neto por baronia fes aqvi por esta inscripsão no anno de 1646.

— Relatando agora o fio do assunto primario desta *Nota*:

Comquanto no momento historico da *Restauração* de Portugal rodassem já pelas vias *calipollenses* vistosas equipagens pertencentes ao solar dos Senhores Duques de Bragança, todavia, não tanto por mais elegancia ou sumptuosa riqueza, como em mostra de publico e solemne testemunho de grato reconhecimento, é certo que o Real Esposo da varonil e assisada Sr.ª Dona Francisca de Gusmão fez a sua entrada publica na cidade de Lisboa em carro offerecido por Thomé de Sousa (Alcaide-mór de Monte Alegre, depois Veador da Casa de El-Rei, pae de Fernão de Sousa, 10.º Conde de Redondo) — com o persevão e mais peças principaes tauxiadas de tartaruga e com o *sóffito* de prata.

Esta singular preferencia perpetuou-se, estendendo-se o uso de tão precioso vehiculo á ida para certos actos da Sé e assistencia á procissão do *Corpo de Deus* que, nessas eras, se fazia ainda com extraordinaria sumptuosidade liturgica.

A pratica dos coches *de Respeito* para cada um dos membros da Familia Real, nas publicas apresentações de grandioso apparato, era já definitivamente organizada em 1687, conforme deduzo de carta escrita, em agosto desse anno, ao Estribeiro-mór D. José de Menezes por Luis Teixeira de Carvalho, relativa á ordenação de um cortejo encaminhado á cathedral.

Ao tempo, porém, do glorioso Chefe da dynastia brigantina ainda, no trajecto para algumas das mais luzidas cerimonias, o Monarcha montava a cavallo.

Assim se encaminhou elle para a Cathedral, a fim de comparecer ao solemne *Te-Deum*, em acção de graças pela restauração do seu amado país.

— O periodo *definitivo* da fixação do coche *Real* e da vulgarização do carro *fidalgo* deve, entre nós, reconhecer-se no reinado do Senhor Dom Affonso VI.

Desde a governança deste desditoso Soberano até o tempo do seu immediato successor, o valente e adestrado cavalleiro Senhor Dom Pedro II, tanto chegou a avultar o abuso dos vehiculos nobres que foi mester ir, pouco a pouco, categorizando o molde

da sua factura e ornamentação exterior, pragmatisar a composição das respectivas librés e até arruar a precedencia na sua marcha pelas vielas estreitas e inclinadas — segundo se conclue das posturas repressivas da epoca, sanccionadas por multas severissimas de pecunia e degredo, de antemão descritas *ad terrorem* na affixação dos *padrões senatoriaes.*

Na Italia, ainda em 1722, o Vaticano dava solemnes recepções organizadas com simples cavalgatas — mas triumphalmente apparelhadas, comquanto destituidas da luzidia comparencia de apparatosos trens. Haja vista ao que escreve Luca Chracas, na *Relazione del publico ingresso fatto con Cavalgata alla Corte di Roma dall'... Signor Bali... Ambasciatore Straordinario... alla Santità di Nostro Signore Innocencio Papa XIII.*

NOTA 5

Não obstante as avultadas despesas com o prolongamento da guerra da *Restauração*, a collecção dos carros nobres foi-se naturalmente ampliando e enriquecendo, consoante o ia permittindo o acerto na governação do país pelo discreto valido do Senhor Dom Affonso VI, o Conde de Castello Melhor, Luis de Sousa e Vasconcellos, a cuja tactica administração militar ficou devendo este Monarcha o historico cognome de *Victorioso*, mais do que á efficacia de outros ponderosos factores.

As *liteiras*, porém, ainda não estavam em desuso ao tempo do casamento celebrado entre El-Rei e a Sr.ª Dona Maria Francisca Isabel de Saboia, advinda a Lisboa em agosto de 1666, com um cortejo naval de dez navios de guerra francêses — entrada de pomposa esplendidez, que importa summariar nos seus principaes toques.

Logo que o Monarcha, saindo do bergantim, subiu ao caes da Junqueira, pelo Conde de Sande, Introductor, foi presente á attrahente Princesa, de cuja graça diz o encalmadiço Pasqual Ribeiro: *En el eburneo cuello se mirava un tan nevado, y grande hilo de perlas, que pudieran ser embidia á las de Cléopatra*..... ....

Começou a organizar-se o prestito para a igreja das Flamengas, em ordem á recepção das bençãos matrimoniaes, para, depois do preciso descanso na Quinta de Alcantara, entrarem as Majestades officialmente na cidade, orando por fim na sua Sé.

Neste sequito, após os Porteiros de El-Rei com as maças aos hombros, Reis de Armas, Arautos e Passavantes com as suas cotas, Corregedores com as suas granachas e alguns coches, lá iam as *liteiras* com as respectivas librés de grande primor, postadas antes dos carros da Nobreza e do Estribeiro Mór — que seguiam os *de respeito*...

No couce da procissão, tomava logar no seu coche El-Rei, sentado á direita da Rainha, com o Senhor Infante na cadeira de deante (Dom Pedro, que lhe succedeu).

Na linguagem do tempo, chamou-se ainda *carroça*. ao carro nobre mais distincto dentre todos os que foram feitos para o consorcio de tão infeliz Monarcha.

Ia *descoberto*.

Com tejadilho deste typo *amovivel* existe actualmente apenas um especime — é o *Carro Triumphal-C* de coberta *volante*, que remonta ao reinado do Senhor Dom João V.

Saciemos, por uns momentos, o nosso pouco fleumatico Don Pasqual: .. *seguia la carroza Real, de la qual tiravan seis hermosas Acas, cuyas herraduras fueron de eburnea plata, y los tirantes de preciosa seda; era un vergel el todo de la carroza, siendo las flores dèl, muchos florones de oro — que se dexan ver; cortinas de precioso brocado*

colgavan de aquella ligera Esfera, en que se competian las influencias con las luzes... Vestia la Reyna la Emblematica color del Amor...

E com todo este encanto se foi para a Cathedral, por sob multiplicados arcos de triumpho, a Neta da Duquesa de Vendôme, *Mademoiselle d'Aumale*, em tão auriluzente carro, *sem cobertura, afim de* (conforme diz a *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*) *ser vista, sendo o sol reparado por um chapéo* de damasco carmesim, convenientemente sustido por um moço da Camara.

Eram restos da velha costumagem romana, segundo a qual os escravos, para defesa das suas Senhoras, levavam na mão o chamado *umbraculum* ou *umbrela*.

Como se vê, a *descobertura do carro nobre* era, na pragmatica desses tempos aureos, compativel com o proprio acto officialmente solemnissimo das publicas *Entradas Reaes*.

Para este particular effeito, foram expedidos avisos terminantes, conforme está escrito a pag. 56 do Tomo I de varios *Manuscritos*, archivados na Bibliotheca da Academia Real das Sciencias (Gab. n.º 3, E. 4, n.º 22) *.ordens aos cocheiros, para que nas paragens dos arcos, sem parar, vão com aquelle maior cuidado, que será conveniente para que S. Mg.es os possam ver e notar e para satisfassão do zelo e amor com que todo este povo recebe a R. N.a Sr.a e desejo que tem de a ver, o que se poderá melhor conseguir indo o seu coche com o tejadilho descoberto...* (Carta do Secretario de Estado Mendo Foyos Pereira para o Estribeiro-Mór D. José de Menezes).

O cortejo — que havia de deter-se *em Santo Antonio*, para o *Senado da Camara fazer a pratica de lhe entregar as chaves* — era fechado pelos Capitães da Guarda Real, com as suas fardas de verde agaloadas a prata...

O gaudio terminal da molesta jornada a Heidelberg.

— Alem do coche offerecido a esta Rainha pelo Rei Christianissimo Luis XIV, que é o n.º 18 do Deposito I, um outro (tambem *de coberta firme*) lhe deve haver pertencido no Deposito II, porque está assinalado com a complexa armaria da sua nobre Casa — (por isso, o classificámos de *D. Maria de Saboia-B*) cujo blasonamento é: Acostado ao escudo de Portugal, divisa-se um outro profusamente esquartelado, de crancelim no primeiro da quarta pala, isto é, de peça honorifica constituida por um segmento de corôa de florões, posto em banda, movediço do angulo dextro do chefe para o angulo sinistro da ponta (sigla heraldica, que mobila o brasão da Lorena). Posto em abysmo, um escudete de vermelho, serrilhado de preto e carregado de uma corôa de oiro, etc.

Da doutrina exposta, em substancial harmonia com a lição exarada na *Historia Genealogica da Casa Real*, conclue-se que não foi nem no coche *D. Maria de Saboia-A*, do Deposito I, de seu dote matrimonial, nem no *D. Maria de Saboia-B* do Deposito II que esta Senhora deu a sua entrada solemne em Lisboa, visto ambos serem de *tejadilho fixo* e esta Rainha haver feito a sua primeira apresentação official em *carro descoberto*.

É contraditorio recorrer ao *Triumphal-C* (o unico existente de tejadilho *volante*), porque este coche é meio seculo mais moderno, porquanto data de 1716.

Porventura, naquell'outro cujas ruinas ainda, em 1853, eram apontadas no Inventario das Reaes cocheiras *de Belem*, sob o nome de *estufa aberta?...*

NOTA 6

Na historia da evolução dos coches da Casa Real Portuguêsa e dos cortejos com elles e outros elementos constituidos nada houve de notavelmente singular pelo ensejo do primeiro consorcio, nem do segundo do Rei Senhor Dom Pedro com a Sr.ª Dona

Maria Sofia de Neuburgo — a não ser a aprestada composição da equipagem, que faustosamente transportou o Embaixador Conde de Villar Maior, Manuel Telles da Sylva (feito 1.º Marquês de Alegrete oito dias depois do casamento, a 19 de agosto de 1687) na sua ida a Heidelberg, a fim de solicitar do Principe Eleitor do Rheno, Filipe Guilherme e da Eleitriz, a mão de sua Filha, a Princesa Eleitoral para o Monarcha português.

Era o prenuncio fervoroso da applaudida gala, com que havia de ser recebida esta Senhora, de quem uma *Prolusam Genetliaca* da epoca dizia:

He da Casa & familia Palatina
O incomparavel inclyto Thesouro,
Que quanto mais se lhe profunda a mina,
Tanto mais fino se descobre o ouro.

Registamos a summula desta solemnidade com a particular mira de repellir a desasisada opinião dos que dizem haver sido a antiga liteira portuguêsa dos seculos XVII e XVIII de uso privativamente *feminino*.

Autoriza-m'o uma testemunha coeva, *officialmente* presencial — Antonio Rodrigues da Costa, Secretario da supracitada Embaixada e co-Introductor da nova Ramha em a nobre cidade de Lisboa.

... Realizado que foi o recebimento procuratorial, na capella de Heidelberg, pelo Bispo Coadjutor de Spira, encaminhou-se o cortejo para Hollanda, seguindo por mar a Plimouth, donde velejaram para Portugal.

Salvou a Berlenga, intervallando com as saudações da fortaleza de Peniche.

A nau inglêsa portadora da nova Rainha lançou ferro em frente de S. Paulo, onde o Rei se apressou a ir no seu bergantim, ornado *com bandeirolas e Armas Reaes ao som de Trombetas, tocando em suas tubas de prata.*

Foi o Conde de Val de Reis, Nuno de Mendonça (nobilissimo ascendente em linha recta do actual Sr. Duque de Loulé) o primeiro Fidalgo que — com a sua *luzida familia*, composta de oito Gentishomens e seis pagens, vestidos de sedas varias, com guarnições de *nevadas rendas*, com plumas e adereços de *valor e asseio*... — significou á Princesa, na eleita qualidade de Mordomo-Mór da Senhora *Infante* (sic) Dona Isabel, o grato alvoroço, que ia no animo de todos os seus vassallos; isto, depois de identico cumprimento feito pelo Conde de Santa Cruz, como Mordomo-Mór de El-Rei o Senhor Dom Pedro II.

No encaminhamento para a Sé, davam principio *ao fio da Real comitiva* os dois Procuradores da cidade vestidos de gala...; depois dos Corregedores, seguiam as *liteiras* e atrás dellas, sem precedencia, os coches de primorosa talha dourada... indo, *em liteiras como em coches*, os officiaes das Casas Reaes, Grandes do Reino, Ministros dos Tribunaes e Fidalgos...

Depois dos *dois* Estribeiros-Móres *do Rei e da Rainha*, marchavam os coches *de respeito* de uma e outra Personagem.

Desfilava, em seguida, o coche Real, *tão rico e custoso, como pedia a Soberana grandeza das Majestades;* detrás delle e dos Guardas, formavam os coches *das Damas* e *Damas de Honor*...

Consoante a pragmatica dotal, deveria esta Princesa haver trazido o seu carro nobre de nupcias; não ha, porém, o menor vestigio delle. Talvez que ás suas ruinas e ás dos da Embaixada Villar Maior (Heidelberg) se referissem os antigos registos da Repartição das Reaes Cavallariças, quando citavam carros *alemães*. Quem nos diz que estes roes não alludiam tambem a alguma das *berlindas*, mandadas fazer pelo Conde de Tarouca, nas quaes — depois de, em outubro de 1737, *haver tomado as ultimas despedidas das Magestades Imperiaes* — teria *corrido posta*, de Vienna para Madrid, *a terminar o*

ajustamento com a Hispanha, se a morte o não houvesse, entretanto, surprehendido: Bem poderiam ter dado entrada em Portugal, como de Roma vieram *as carrossas* de Mello e Castro e do Marquês de Fontes — que não eram ligeiras berlindas, mas pesadissimos coches, verdadeiros carros de *Triumpho.*

Estranhava elle que, *sendo S. Mg.de tão magnificentemente habituado a despesas de toda a sorte de luzimento, julgasse possivel que vinte mil cruzados de ajuda de custo bastassem a facilitar a sua saida airosa, tendo de expressamente fazer para si e sua familia as necessarias carruagens de caminho...*

Deste modo, sentidamente se lamentava ao velho e intimo camarada de campanha diplomatica, D. Luis da Cunha, recordando que *já se achava com 66 annos de idade e vinte oito continuados de Embaixadas!*

Pelo menos *tres* foram as *berlindas* feitas para as suas projectadas jornadas de Austria a Madrid e de Hispanha a Lisboa, segundo se apura no seu suculento Epistoleiro (que deveria haver pertencido á Casa *Angeja,* antes de se achar cuidadamente encorporado nos valiosos manuscritos da Academia Real das Sciencias, uma vez que alguns dos seus tomos teem, como auto de posse, o brasão privativo dos *Noronhas* — Escudo esquartelado; no primeiro, as Armas Reaes de Portugal; no segundo as de Castella, mantelado de prata e carregado de dois leões de purpura, batalhantes, com uma bordadura de ouro e veiros de azul. E assim os seus contrarios).

— Sabe-se, ao certo, que para o acto festivo do seu matrimonio mandou o Senhor Dom Pedro fazer, entre varios carros de apparato, a graciosa berlinda n.º 5 (chamada, por este facto, *D. Pedro II-A*), existente no Deposito I, de parceria com as duas congeneres do primeiro casamento, denominadas *D. Pedro II-B* e *D. Pedro II-C,* as quaes são de pintura *aventurinada* — ornamentação peculiar affirmada nalguns outros do *Deposito II* e no coche *da Corôa,* do tempo de El-Rei o Senhor Dom João V.

Foi no governo do Monarcha Senhor Dom Pedro II, e tambem no do Rei seu antecessor que mais realçou nos carros nobres da Casa Real este tom pinturesco brilhantemente decorativo, imitando a particular refulgencia da pedra vulgarmente chamada *victorina.*

É corruptela de *aventurina* — variedade de quartzo, com brilho *lithoide* ou *metallico* (como na Lithologia se usa dizer); em geral, colorido de vermelho ou amarello, com pontos interiores scintillantes de um fulgor aureo, produzido por palhetas de mica amarella (talco da Moscovia — a especie mais commum) ou determinado por pequenas fendas intimas, onde a luz se reflecte (especie vulgar na Hispanha e na Escocia).

Chamam-se tambem *aventurinadas* as rochas de outra composição mineralogica, com pontos metallicos reconditos uniformemente disseminados e, de algum modo, analogos aos da verdadeira *aventurina.*

Foi o descuido de certo operario, em Veneza, deixando cair num cadinho com vidro em fusão um pouco de limalha de ferro, que o fez surprehendentemente reconhecer este brilho de *sui generis* apparencia.

A base, pois, da descoberta de tão preciosa imitação foi um *fortuito* incidente, um *pequenino acaso — una avventura, una avventurina* (em italiano).

Daqui o nome.

Dá-se como perdido, pelo menos, entre nós, o processo da pintura imitativa deste gracioso resplendor.

Não parece, porém, de todo o ponto impossivel reconstitui-lo por tentativas, considerando que a sophisticação da vistosa *aventurina* se obtem, combinando, em determinadas proporções, o vidro pisado altamente aquecido, com protoxydo de cobre e oxydo de ferro.

O *aventurinamento* das seges (*facies* decorativo rival do antigo *similor* de Manheim) é trabalho originalmente francês.

—Sob o respeito, que nos prende a attenção, o governo do Rei *Pacifico* é ainda caracterizado (segundo corre impresso) pela entrada de uma selecta collecção de coches, vindos de França e da Hispanha, para uso da Rainha viuva, a Senhora Dona Catharina de Bragança.

Com relação a esta apregoada cohorte de carros nobres trazidos pela Real fundadora da Bemposta, a lição historica é para mim oppositivamente outra, com severidade exhumada de monumentos literarios da epoca, de caracter originariamente official (*Manuscritos* da Real Academia das Sciencias, Tomo 1, Gab. 3, E. 4, n.º 22), e não captados no ar, como echos tradicionaes que nem sempre accusam a leal repercussão da sua primitiva onda sonora.

Desenleemos a argumentação:

Na presença de grande parte da Nobresa dos dominios de Sua Magestade de Portugal... no maio de 1662... foram casados em Portsmouth (igreja *Domus Dei*, actualmente *Garrison Church*) *pelo Bispo Lord de Londres, Gilbert .. a Illustrissima Princesa D. Catharina, Infanta de Portugal... irmã de D. Affonso...* (VI, o Victorioso) *com o augusto Soberano Lord Carlos II... Rei da Gram-Bretanha, França e Irlanda, Defensor da Fé...*

(É o que, em substancia, consta do respectivo cartorio, cuja copia integral possue Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Carlos I, como attenciosa offerta feita na occasião da sua ultima visita a Inglaterra).

Foi este o Monarcha britannico, que a historia dá como restabelecido no throno dos Stuarts pelos esforços de Monk, casando pouco depois com a supradita Senhora Dona Catharina de Bragança, Filha terceira de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom João IV — por certo a mais frisante data nas ephemeridas das amigaveis relações entre o nosso país e a Inglaterra, pois corresponde á cessão de Tanger na Africa e Bombaim na India.

Por viuvez recolheu esta Rainha, em 1668, a Portugal, onde falleceu trinta e sete annos depois.

Volvia-se já o anno de 1688, isto é, o vigesimo do inicio de sua lutuosa sorte, e ainda o Senhor Dom Pedro II, seu Irmão, não havia podido conseguir que a enojada Senhora andasse *em carroça que não fosse de velludo negro cõ franjas de ouro, porque era o costume da Inglaterra, que ella queria observar tambem em Portugal...* (assim reza, como resposta sua, o referido documento da Academia).

Ora, sendo tão inquebrantavel esta resolução, para que havia de ter comprado carros luxuosos em França e na Hispanha?

Tanto não trouxe coches de gala que, ao querer o mesmo Monarcha mandar-lh'os (1688), ao menos destinados ao serviço de etiqueta, respondeu a D João de Almeida, para o fazer conhecer ao Estribeiro-Mór, Conde de Vianna: *...sendo assim, faria S. Mg.de hũa despesa, de que sua irmã se não havia de aproveitar; que melhor seria estarem lá os coches nas cocheiras delRey e que, quando ella quizesse fazer visitas de ceremonia, os mandaria pedir a seu irmão; e que então lhe poderia mandar esses, porque sendo delRey não importava que não fossem negros...*

E tão severa sempre na doída manifestação do seu luto, que nem em actos de forçada pragmatica se permittia mais do que meia solemnidade no equipamento do seu trem — *mande o coche a seis mulas,* era a ordem dada ao Estribeiro-Mór para a composição do seu singelissimo estado (*loc. cit.*).

Portanto, com a Senhora Dona Catharina de Bragança não vieram *carros de apparato.*

Mais que isto é forçar o syllogismo, dando á conclusão maior latitude, do que ás premissas — *Latius hunc, quam praemissae, conclusio nonvult.*

NOTA 7

Para o fim, que visámos, oito são as missões diplomaticas, que mais nos importa considerar — uma, no tempo de El-Rei o Senhor Dom Pedro II; seis, no reinado do Monarcha seu Filho, o Senhor Dom João V; e outra no governo da Rainha Senhora Dona Maria I.

São ellas: 1.ª *Villar Maior* — Manoel (Heidelberg, 1687); 2.ª *Villar Maior* — Fernão (Vienna de Austria, 1708); 3.ª *Mello e Castro* — André (Roma, 1709); 4.ª *Ribeira Grande* — D. Luis (Paris, 1715); 5.ª *Sá Menezes* — D. Rodrigo (Roma, 1716): 6.ª *Mello e Castro* — André (Roma, 1718); 7.ª *Sá Menezes* — D. Rodrigo (Madrid, 1727); 8.ª *Sá e Mello* — D. Ayres (Madrid, 1785).

O mais sublimado apparato das equipagens embaixatoriaes irrompe com a do nobre Conde da *Ribeira Grande*, porque já, nesta epoca, dada a pacificação europeia pelo tratado de Utrecht, se podia fazer derivar para maior corrente de luxo muito do que, até então, era despendido em aprestos bellicosos.

A escala foi progressiva, tocando o primeiro degrau desta luminosa ascensão ao estado de gala do Conde de *Villar Maior*, Manoel Telles da Sylva, nobilissimo ascendente dos actuaes Srs. Condes de Bertiandos e de Tarouca, Gonçalo Pereira da Silva Sousa e Menezes e Sebastião Eduardo Pereira da Silva Sousa e Menezes — aulicos que tanto se impõem pelos primores do seu alto valimento pessoal.

Preparava-se, na Alemanha, a congrua equipagem, emquanto o grave diplomata, destinado a pedir a mão da Princesa Palatina, Sr.ª Dona Maria Sofia de Neuburgo para o Senhor Dom Pedro II de Portugal, se ia marchando de Aldeia Gallega para Hispanha e França, com repouso em Genebra e Basiléa, até estacionar na fertil Spira, situada na margem esquerda do Rheno.

(Até esta parada foi, como era de esperar, asperrima a jornada — rispidez sensorialmente descrita pelo hyperbolico estilista da epoca, Ribeiro Coutinho, dizendo: ... *ya subiendo los levantados, y canos montes, ya midiendo los incultos, y disiertos bosquos, ya surcando los profundos, y caudalosos piélagos, alfin de siete meses llegaron*)...

Foi d'aqui que partiu para a antiga Heidelberg — capital do Baixo Palatinado, celebre pela riquissima biblioteca, que o seu conquistador de 1622, Maximiliano da Baviera, havia offertado ao Papa reinante, Gregorio XV (*Ludovisi*).

Esperavam-no vinte lacaios com as suas airosas librés, adrede dispostos para guiarem e ladearem um soberbo coche com forros de carmesim, bordados a ouro e cortinas da melhor tela, aprimorado com vistosos franjões feitos do mesmo precioso metal.

De caixa com bello entalhe dourado e com pinturas traçadas pelos *melhores artifices*, era tirado por seis *gentis cavallos de côr isabella*, tendo por carro de Respeito outro coche pouco somenos, forrado de velludo azul e cortinados da mesma côr com finissimas applicações de ouro, conduzido por seis *cavallos russos queimados*.

Seguiam-no mais quatro carros nobres de auriluzente caixilharia, tegumentados a damasco de differentes côres e apparelhados com bambinelas ricamente franjadas.

Era isto o arrebol matutino de um cortejo *á Ribeira Grande* e o preambulo antegozoso de um estado *á Sá Menezes*.

Assim briosamente correu o distincto Embaixador ao desempenho da sua missão — altissima, pela regia hierarchia das Personagens, de que era interventor — melindrosis-

sima, porque ia simultaneamente prestar o seu primeiro tributo de fidalga vassalagem a uma Princesa, a cujo merito literario o poeta Antonio de Sousa Macedo, consagrou estes versos:

Porque Sophia, ou Deusa das Sciencias
Dous nomes sam hum so significado.

NOTA 8

A fim de pedir em casamento a Archiduquesa Sr.ª Dona Maria Anna para Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom João V e dar os emboras ao Imperador José I pela sua ascensão ao throno por morte de Leopoldo I (1705), foi o Conde de Villar Maior Fernão Telles da Sylva declarado Embaixador Extraordinario junto á Côrte de Vienna de Austria.

Com a sua numerosa comitiva, na qual figuravam o Secretario Antonio Rodrigues Costa e o erudito jesuita Padre Francisco da Fonseca, Procurador Geral da sua Ordem nas Côrtes de Lisboa e Vienna — um verdadeiro chronista desta jornada embaixatorial e da viagem da nova Rainha — partiu o Conde para Plymouth, seguindo de Londres para a capital da Hollanda, Haya (a *Sgravenhagen* dos indigenas e a *Haga comitis* dos Romanos), onde cuidou dos *aprestos necessarios* para o caminho e entrada em Vienna.

Comprou *muitos tiros de formosos cavallos*, mandou *bordar os vestidos, fazer os coches*, habilitando-se *para si* e para as pessoas de maior distincção com tres coches de quatro logares, do typo *berlina* (como ali se chamavam) e *carros cobertos para a gente inferior*, devendo os restantes individuos seguir por outra via.

Claramente se vê do exposto que os vehiculos para as durezas da jornada estavam feitos; e os destinados á entrada solemne foram encommendados.

É erro palpavel confundir duas equipagens tão visivelmente distinctas.

O estado para a publica recepção foi mandado postar em *Inzerstroff* (antes *Entzersdorff* — margem esquerda do Danubio), donde os Embaixadores costumavam partir officialmente. Não foi, pois, nestes que Fernando Telles saiu da Hollanda.

Os outros iam, no seu penosissimo roteiro, soffrendo tratos de polé, sem embargo dos picaretes que, ás vezes, lhe iam roçando o caminho.

É caso para dizer-se que só o sugestivo influxo da companhia de um physico e a fé no *terço*, rezado ao mudar de *berlina*, poderiam haver levado a bom termo estes atormentados peregrinos.

*
* *

Desfeita a confusão — porque existe — indiquemos, a traço geral, em complemento do que a *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* encurtadamente expõe, os topicos mais distinctos dos carros nobres componentes do apparatosissimo cortejo, que entrou em Vienna de Austria, a 4 de junho de 1808 (dia do *Corpo de Deus*).

O primeiro coche era todo externamente tapizado de velludo carmesim com bordaduras de ouro, em cujas divisões ou apainelados principaes assentava o brasão do Conde de Villar Maior que é, como (com minguado rigor heraldico) se vê ainda no decapitado palacio *Alegrete*, sito na rua do *Arco* do mesmo titulo: — Escudo esquartelado, com as Armas dos *Sylvas* no primeiro, que devem ser um leão de purpura em campo de prata e com as dos *Telles* em campo de ouro, no segundo; e assim os seus contrarios. Era o carro do Embaixador.

Por dentro a tisso de ouro matizado de flores, tinha por colgadura uma tela do mesmo finissimo metal, que tambem brilhantemente mosqueava as deslumbrantes sanefas feitas *ao tear* e *a agulha,* as quaes por completo tornejavam o coche.

Com pomos dourados, por maçanetas, era conduzido por cavallos *côr de ferro,* com os seus arreios de carmesim. De *engenhosa e soberba talha,* parecia *uma vegetativa montanha de ouro* — diz o chronista no seu Diario de viagem.

*
* *

O segundo coche (em que iam o Thesoureiro Real e Secretario da missão diplomatica), com forros internos de velludo carmesim, engrandecido por fóra com a Armaria do Conde, era tirado por seis cavallos *baios* com flocos pingentes da mesma côr do carro.

*
* *

O terceiro, exteriormente menos brilhante, era por dentro de velludo azul marchetado a flores de ouro. — Com o mimo de um destes coches foi regalado o Cardeal de Saxonia, assistente ao Sacramento (aquelle, em que a Archiduquesa foi procuratorialmente matrimoniar-se á capella de Closterneuburgo (*Kloster-Neubourg,* abbadia de conegos, cujos era pertença). Com *todos os arreios e cavallos* era avaliado nuns *doze mil cruzados.* Assim o confessa testemunha presencial, a quem pesava a exemplar obrigação de não faltar á verdade.

*
* *

Os quatro restantes coches do sequito eram acobertados com velludo de differentes côres, irisando assim este refulgente cortejo que — antecedido pelos *Pages de Sua Excellencia,* montados em cavallos com xaireis verdes agaloados a prata e crinas enfeitadas da mesma côr, e palafreneiros com os seis cavallos de estado á mão — era esperado por duas *carroças Cezareas* com mais quarenta e duas tiradas a seis, e por ellas triumphalmente acompanhado até o palacio do Embaixador, ricamente disposto, ao extremo de bem *parecer uma Real mansão.*

No dia immediato (o da *Petição*) foi o cortejo ampliado com as lustrosas carruagens do Embaixador de Veneza e do Bispo de Vienna, armando com as outras um tão fantastico prestito, que o *Cesar, a Imperatriz e Suas Serenissimas filhas, por honrarem Sua Excellencia com exemplo jamais visto, estiveram em publico nas janellas do Palacio da Favorita, com toda a sua côrte,* significando por fim o Imperador que o esplendente acto em tudo *sobrepujara a sua expectativa* e que não esperava que algum outro lhe levasse *a primazia no luzimento* da sua compostura.

Esta profunda alteração no ceremonial da Côrte, a permissão de *sete* em logar dos *tres* coches do estilo, o facto solemnissimo de o proprio D. José querer *ser o procurador* da vontade do Rei *Magnanimo* para o acto esponsal, a licença para que *todas as Damas do Paço* assistissem ao baile dado pelo Embaixador (tudo contra o parecer dos ministros!), são quatro sinaes de insolito acatamento prestado á alta missão do Conde e, portanto, ao nome grandioso de El-Rei o Senhor Dom João V.

O brilho relumbrante de toda esta enscenação, o aspecto radioso do carro triumphal que inundava de luz e fogo o rosto do repotreado Embaixador, dando ao conjunto os ares de uma apotheose e ao Emissario a visão de um Apollo, inspiraram a publicação

de um *Applauso Ossequiosissimo,* repleto de ondas férvidas de enthusiasmo, esparsas por versos imaginosos, como estes, dedicados ao dito Conde Fernando Telles da Sylva:

Torna dunque, Signore, al patrio Lido:
.....
Torna pur, che Tu essendo Esempio raro
Di luminosa Gloria, Eroe sublime
.....
Ma s'è pe'l tuo partir nel pianto immerso
Ognun; vero Sol Tu sei, e non imago;
Perche d'umide Stille il mondo asperso
Lascia il Sole quand' ei ritorna al Tago.

*

* *

A grandiosidade feerica desta procissão devia corresponder a sumptuosidade da entrada solemne dos bemfadados Esposos na Sé de Lisboa — o que se effectuou em dezembro de 1708. Basta, para o nosso proposito, apontar o inicio deste mirifico cortejo. Ao desembarcar-se do bergantim Real, não tardou a cumprimentar a Rainha a Serenissima *Infante* (*sic*) Senhora Dona Francisca (Irmã de El-Rei, apenas de doze annos de idade), acompanhada da *luzida comitiva das Damas da Côrte... que pareciam um choro de Ninfas e hum Exercito de Estrellas* — diz o celibatario chronista.

...Desfila o prestito...

Após os carros dos Grandes, Senhores e Fidalgos, iam os das Majestades; seguia-se o que conduzia El-Rei, á mão direita de sua Altissima esposa; era tirado por oito cavallos murzellos ajaezados com riquissimas guarnições, cercado de quarenta moços da Camara e de tres companhias dos Reaes Archeiros — todos descobertos; marchavam depois a *liteira* da Camareira-Mór (devia ser a Condessa da Torre que, como tal, a acompanhou em Vienna) e seis coches com as Damas de Honor portuguêsas e alemãs...

Em coche do seu estado particular — que era variado e primoroso — ia o Infante Senhor Dom Francisco, Irmão de El-Rei...

E deste modo se foi para a cathedral, a cuja entrada, debaixo do pallio, um conego (segundo a praxe adoptada desde a Restauração de Portugal) deu a beijar ás Majestades aquelle crucifixo, ainda hoje existente no magnifico thesouro da mesma Sé — de ouro massiço, mas esmaltado — com que nas ruas o venerando Arcebispo Dom Rodrigo da Cunha, todo incendiado nas santas chammas do amor patrio, tanto alentou os animos ferventes de D. Antão de Almada, D. Miguel de Almeida, Estevam da Cunha, Tello de Menezes, Pedro de Alcantara, D. Carlos de Noronha, Antonio de Saldanha e João Pinto Ribeiro — a quem, talvez — mais que a nenhum destes, deveu o Senhor Duque de Bragança a corôa, que de juro lhe pertencia e a Nação a independencia, que lhe fôra esbulhada.

— Na dicção historica desta maravilha de patriotismo, não é de uso falar-se na potente sugestão do Desembargador do Paço, Dr. João Sanches de Baena, em ordem á efficaz resulta de tão phenomenal empresa. Pois, na lusa redempção, farta partilha de gloria lhe coube.

Confidente do Rei e seu aulico sabio, prestantes conselhos lhe deu, quando a convulsão latente lhe minava o solio e a corôa lhe oscillava na fronte — por mal segura ainda. Não vestiu o arnez, nem enristou a lança, é verdade; mas, por vezes, a logica, que incendeia, vale o sangue que espadana, e o verbo da tribuna suppre o espadão do guerreiro.

Não é sómente heroe o que vence as batalhas no desagrilhoamento de um povo. A requestada corôa do Mestre de Avis tanto deveu ao pesado montante de Alvares Pereira, como á grita estridente de João de Aregas.

Tanto João de Baena fez em prol do resgate da Patria, que na mente sentida da Hispanha (para a qual elle era um alto traidor) *foi o primeiro* a ser condemnado ao barbaro cutello.

Ora, omittir na historia um nome luminoso é mais que feia ingratidão e crua injustiça; é um crime nefando.

— No espaventoso cortejo, a que em resumo nos vinhamos suprareferindo, todo o luzente apparato descrito era ainda um pallido reflexo do festival trajecto, operado desde — Vienna de Austria até Roterdam, constante de noventa e nove carruagens, trezentas pessoas de comitiva e cêrca de novecentos cavallos, com os Mestres das Postas á frente tocando nas suas trombetas — da antiga *Roterodamum* (patria do sabio Erasmo e do pintor Wander-Werf) até Portsmouth, constituido por seis *yatchs* e cinco fragatas — do velho *Portus Magnus* até Lisboa pela poderosa armada inglêsa já mencionada, alem dos muitos barcos de transporte.

(Foi, nesta brilhante *comitiva* — verdadeiramente tal, visto como nella abundavam os *Condes* — que veio o de Breyner, de cujo sangue illustre descende o Sr. D. Thomás de Mello Breyner, abalisado medico da Real Camara, caracter de excepcional eleição — como terceiro neto, que é, de Francisco de Mello, Senhor de Ficalho e de D. Isabel Josefa Breyner de Menezes, filha de D. Maria Barbara de Breyner, Dama que, com seu pae o Conde de Breyner (Filipe Ignacio), veio ao serviço da Sr.ª Dona Maria Anna de Austria.

Breuner parece-me ser a fórma primitiva deste cognome, consoante se observa escrita: ...*quæ legavi comiti Breuner*..., na 1.ª nota do Codicillo adjunto ao testamento desta Rainha, escrupulosamente engavetado no Archivo da *Torre do Tombo*, juntamente com o Inventario (em alemão) das suas preciosissimas joias.

NOTA 9

Dos seis sumptuosos coches que, em 1709, compuseram o estado (primeira recepção solemne) de André de Mello e Castro, Enviado Extraordinario de El-Rei o Senhor Dom João V á Côrte do Santo Padre Clemente XI, nada mais resta do que uns topicos descritivos rapidamente formulados no resumido opusculo italiano de Francesco Posterla Romano e no relatorio dedicado por De Bellebat ao Conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal — ambos incompletos e, ás vezes, inexactos, como se conclue da minuciosa analyse das respectivas estampas.

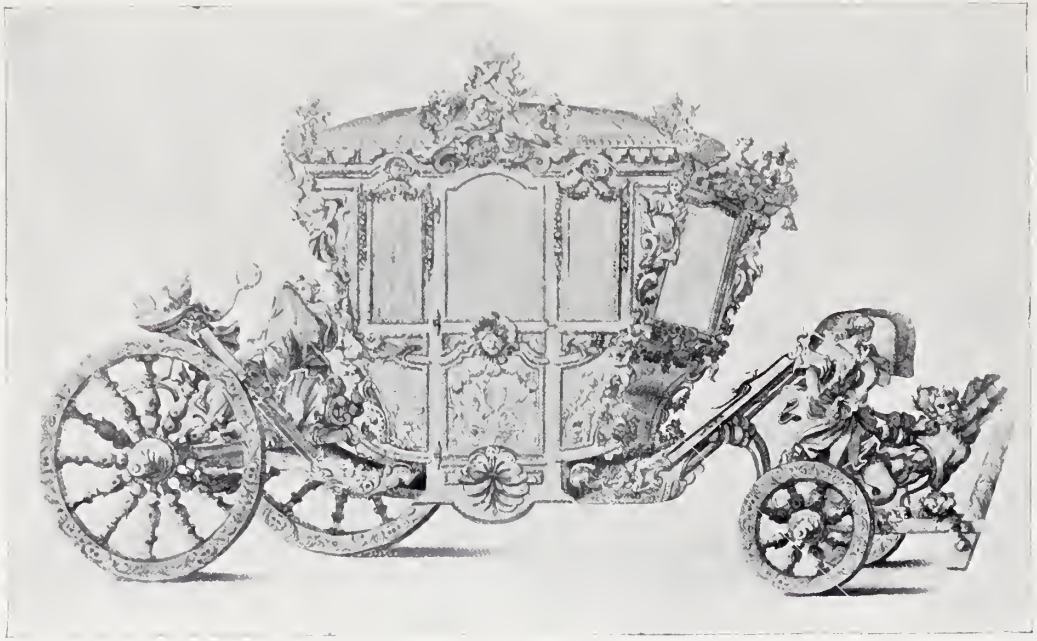
Foram ellas photographicamente apuradas pelo Sr. Leal Junior nos desenhos de Pietro Zerman (gravura de Giovanni Battista) insertos no opusculo intitulado *Relation du voyage de Monseigneur de Mello e Castro à la Cour de Rome, en qualité de Envoyé Extraordinaire du Roi de Portugal Don Jean V, auprès de Sa Saintité Clemente XI* (Paris, MDCCIX).

*

* *

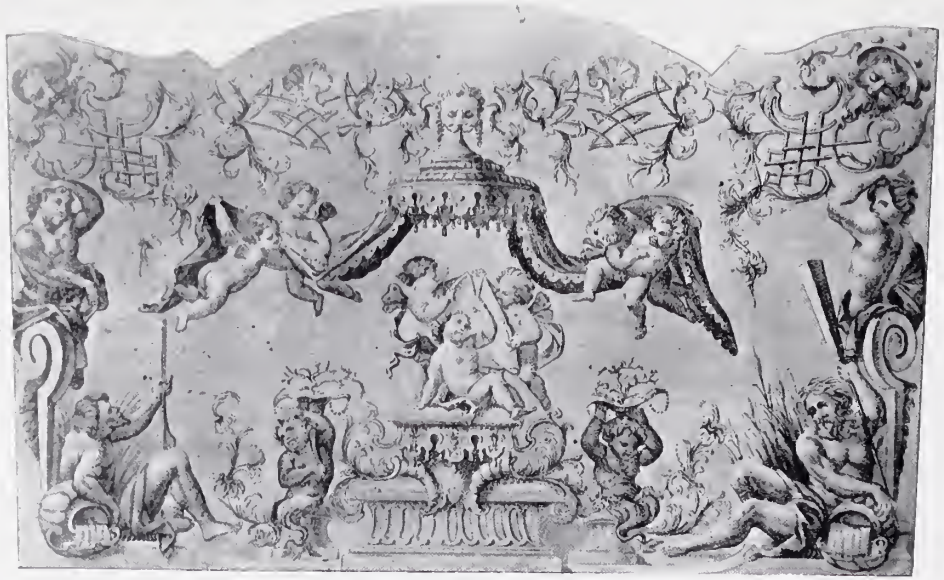
É sobre estas bases que, com os precisos coefficientes de correcção, engenhamos o seguinte bosquejo:

Os dois mais momentosos carros deste cortejo (Figs. 37 a 41), feitos em Roma pelo desenho de D. Manoel Gonçalves, Gentilhomem de Mello e Castro, *per onore di tutta*



Embaixada Mello e Castro — 1.º coche

A — Ilharga da mão



Embaixada Mello e Castro — 1.º coche

A — Painel deanteiro

Embaixada Mello e Castro — 1.º coche

A — Painel tráseiro

Embaixada Mello e Castro — 1.º coche

A — Alçado traseiro

l'Inclita & Insigni Nazione Lusitana eram, pela sua vistosa composição artistica e allusiva referencia historica, cousa *così ricca, così nobile, così bene intesa, que meritò il commune applauso di Roma.*

*
* *

A *stufa* em chefe (Fig. 38), tirada por dois frisões, forrada a broslados de ouro, cortinas de brocado, era ornamentada com pinturas emblematicas das glorias de Portugal e realçada nos pilares com entalhes figurativos da Justiça, Prudencia, Temperança e Liberalidade — symbolos das lucidissimas gemmas, que devem adornar a corôa e resplandecer no animo de todo o verdadeiro Rei.

As duas primeiras são claramente visiveis na ilharga do lado da mão, tendo: uma, o gladio na dextra, a balança na sinistra; outra, o espelho da symbolistica, que lhe é peculiar.

*
* *

No almofadado das portinholas estão descritas sobre trofeus figuras allusivas: á Guerra, que mantem um escudo; e a Paz, que brande ramos de oliveira e louro.

Os paineis lateraes com as esferas, vasos e agrupamentos, que os enchem, frisam as allegorias das quatro Partes do Mundo e das quatro Estações do Anno.

*
* *

Este coche esbelto, de originalissimas maçanetas, assente em quatro velozes hippocampos, que servem de esteio aos carreões, e annunciado de alto por um Anjinho phalenado firme no cimacio da frente, finge ir conduzido por dois Androsphynges, de farta cabelladura, tutoreados por outros tantos Genios que, vigilantes, vão ladeando a almofada do cocheiro.

*
* *

No painel da frente (Fig. 38) erguem-se, aos lados sobre misulas, um joven Atlante e uma Canephora aguentando caprichosa tarjeta, de cujo centro a cabeça do Boreas, sibilante, suspende um docel com as respectivas cortinas arregaçadas por quatro Genios, em funcção de sumilheres — allusão ao descobrimento da India que, em seguida, vem integralmente allegorizado.

Por baixo deste solio, tres Anjos com asas de phalena firmam um mappa e seguram um compasso — instrumento indicador do novo caminho para o Oriente; aos pés da tarima ornamentada, em que elles se apoiam, duas personagens indianas, com cauda de peixe, empunham raminhos de coral e rosarios de perolas, como emblemas de fertilidade das novas terras descobertas.

Encostados ás misulas lateraes, dois Rios (o Ganges e o Plata) personificam os gloriosos limites das nossas conquistas de além-mar —

«Feitos farão tam dinos de memoria
Que não caibão em verso ou longa historia.»

*
* *

Ns apainelado fundeiro (Fig. 39) infloresce em dois vasos um rengalhado tarjão; emmoldura com festões de flores a deusa Pallas, armada de lança, de corôa radial fartamente emplumada, embraçando o escudo do «Reino Lusitano conhecido».

É a imagem ideographada de Portugal cuja valentia está personalizada no reforçado Hercules (vestido com a pelle do leão da Neméa) que lhe faz vassalagem, apontando com sobranceria para os dois escravos — um mouro, outro africano, acorrentados, como vivas typificações das extensas conquistas e gloriosos dominios portuguêses.

O nume tutelar da bellicosa Alma Lusitana repousa num mundo ouriçado de armas, antigas e modernas, gentilicas e europeias (como quem diz — num mundo de façanhas), ansiando por que a Fama — que, por entre flores e frutos, esvoaça á esquerda — a venha diademar com uma corôa *á moderna,* a de Portugal.

«Quam doce he o louor e a justa gloria
Dos proprios feitos quando sam soados!»

*
* *

Ao centro alto (Fig. 40), a estatua suave da Religião, apontando com o indicador o *Livro* (βιβλίον) d'Aquelle

«Que do ceo á terra emfim deceo
Por subir os mortais da terra ao ceo»,

fala a um pagão, que a escuta attento e parece interrogá-la, havendo fustigado para os lados as armas selvaticas do seu gentilico poderio. As allegorizações da Africa e da America estão respectivamente affirmadas no leão e no animal fantastico, que lhe é opposto.

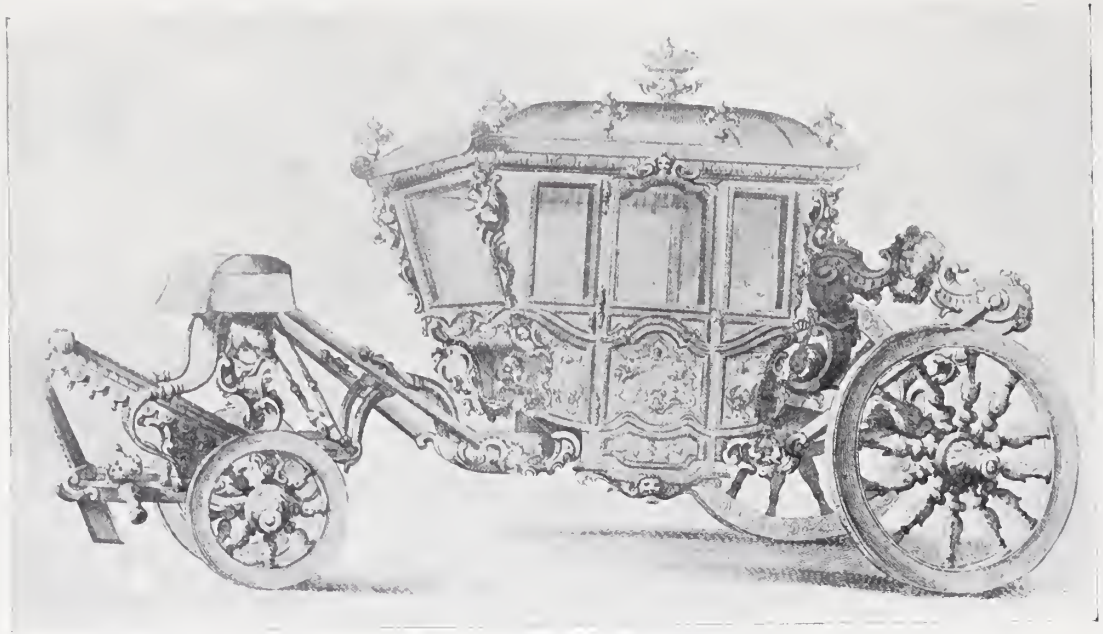
Assentam sobre elles: á direita, uma figura de mulher, erguendo a esfera armillar, que representa a Astronomia (musa Urania), sciencia auxiliar da perscrutação do novo roteiro maritimo para as Indias — symbolizado pela concha *pectinada,* em que o cathecumeno repousa; á esquerda, fitando a primeira, outra mulher de não menos insinuante esculturação, empunha um sceptro, como emblema do Poder.

— Tres altas sugestões estão hieroglyphadas neste conceituoso alçado — descoberta, evangelização, conquista (India).

*
* *

Foi sob este feerico baldaquino que, com *cinque Primarii Cavallieri,* o nobre Representante do Nobilissimo Monarcha se dirigiu ao Vaticano, rodeado de Cavalleiros teutonicos e portuguêses, num *seguito* de mais de setenta carruagens com Gentishomens de Embaixadores, de Principes, Barões romanos e *Signori Nazionali.*

Tres dias depois (17 de abril de 1709), com identico fausto se encaminhou á igreja de Santo Antonio *de' Portoghesi,* afim de assistir ao *Te Deum* e á Missa celebrada por



Embaixada Mello e Castro — 2.º coche

B — Ilharga da sella

Mgr. Beroti, Vigario do Real Cabido do Vaticano, em acção de graças pelos felizes desponsorios da Rainha a Sr.ª Dona Maria de Austria, digna Esposa de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom João V—de perduravel memoria.

*
* *

O segundo coche (Fig. 41), de ferramentos dourados, era coberto a velludo carmesim, matizado com *figurine grotteschi ed altro* pintadas em campo de ouro, nas quaes se destacavam os esplendidos debuxos amosaicados de Manoel Gonçalves Ribeiro.

As columnas dos angulos são topetadas por anjinhos, que se abraçam, phalenados, fingindo suportar a cornija do tejadilho, rematado tambem por uma corôa Real, assente em subtilissima maçaneta, moldurada como as restantes oito, que delicadamente ornam a coberta.

*
* *

O terceiro carro (Fig. 42), com forros interiores de velludo lavrado e pilares ornamentados por quatro troncos de Cariatides flabelladas, tinha, como os anteriores, uma Corôa Nacional afagada no tecto por tres Anjinhos, nascentes do meio da cupula, como seus caprichosos tenentes.

Era propriamente o coche do Embaixador.

Em todos os grandes almofadados, timbradas com um coronel de Marquês e apoiada em dois leões typicamente heraldicos, ostentava as Armas da sua Casa (*Gouveia*), que são as dos *Mellos e Castros,* isto é, um Escudo partido em pala, tendo: na primeira, seis besantes de prata entre uma cruz doble e bordadura de ouro; na segunda, em campo de prata, seis arruelas de azul.

*
* *

Aos cantos do cabeçal deste alçado (Fig. 43), floreteado ao centro com um coronel de Marquês, surgem, dentre vicejantes *pancarpias* ou festões de flores e frutos, dois Zephyros que, com outro posto no interpillar, igualmente phalenado e enflorado, representam a amenidade do clima patrio.

Duas grandes gymnosphynges—que, na symbolistica romana, emblemavam o segredo—postam-se na base do alçado, alludindo (na mente do compositor) ao movimento profundamente segredista, que precedeu e fomentou a Restauração de Portugal na Alta Pessoa de um Progenitor do Rei *Magnanimo.*

*
* *

Serviam-lhes de *seguito di rispétto* as tres *carrôzze* feitas em Roma, forradas a damasco de Genova, nas quaes, por entre variados arabescos e sorridentes anjinhos, avultavam preciosas esculturas de José Machado.

*
* *

Que deploravel destino tiveram estes infortunados monumentos, o primeiro dos quaes valia um meio Carro Triumphal *á Marquês de Fontes?*

É muito de acreditar que os coches (principalmente o *A*) de Mello e Castro — o simples *Enviado* de 1709 — aguilhoassem o incitamento á erecção dos *Triumphaes A*, *B* e *C* de D. Rodrigo de Menezes — o *Embaixador* encartado de 1716.

Não se sumiram na voraginosa catastrophe de 1755, porquanto, ainda quarenta annos depois, brilharam no Torneio Real, dado em honra do fausto nascimento do Principe Senhor Dom Antonio (fallecido em 1802).

Nas terras de Santa Cruz por certo se não esfacelaram com a desatinada fuga de 1807.

Tudo nos leva a crer que não foram ao Brasil no grupo dos quarenta e tantos carros, destinados ás equipagens das Reaes Pessoas e ao serviço dos Cortesãos.

Apenas se pode presumir haver ficado *um*, ainda hoje ligado á pequena collecção dos chamados *Coches Imperiaes* brasilicos, perfeitamente homogeneo da nossa berlinda *D. Maria I-D* do Deposito II (asserção esta que, no tomo correspondente será exprofessionalmente tratada).

Basta notar a *nimia singeleza* do cortejo de acção de graças pela chegada dos Regios viajantes.

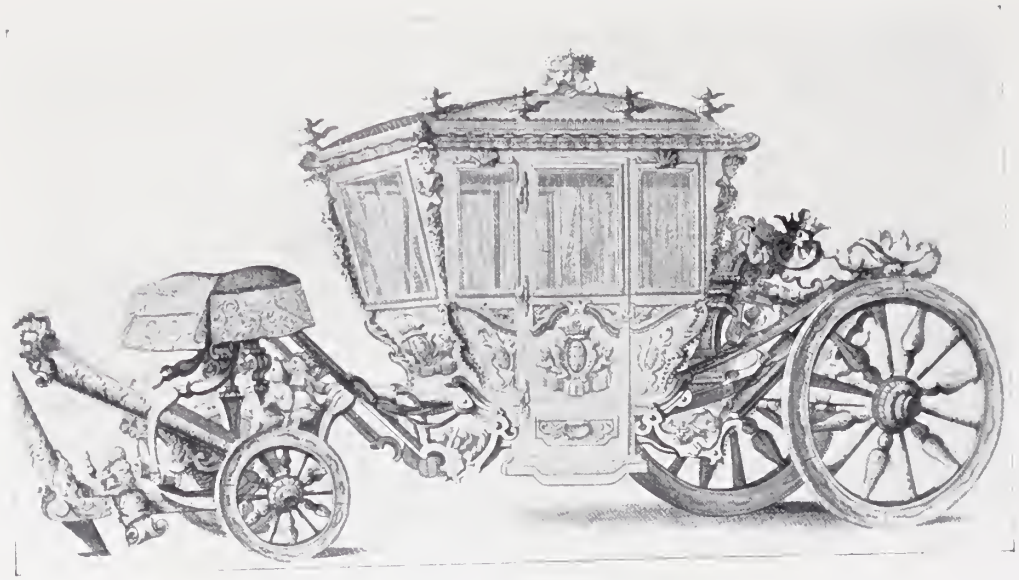
Segundo se lê em *Cartas impressas* da epoca, compareceram as precisas carruagens para conduzir, da Cathedral a Palacio, a Serenissima Princesa Viuva (Senhora Dona Maria Benedita), Senhora Infanta Dona Maria Anna (Tia do Senhor Principe Regente), as Senhoras *Infantinhas — sic —* (Donas Maria Theresa, Maria Isabel, Maria Francisca, Isabel Maria, Maria de Assumpção, Anna de Jesus Maria), o Senhor Dom Pedro Carlos (Infante de Hispanha) e as restantes Personagens, que para a Sé haviam ido processionalmente (Senhor Principe Regente, Senhora Dona Carlota Joaquina, Senhor Dom Pedro de Alcantara, Senhora Princesa Dona Maria Theresa e Senhor Infante Dom Miguel — então de cinco annos de idade).

Concluimos, por exclusão de partes, que se desmoronaram por insolita incuria de tempos felizmente passados, como por completo ia succedendo aos *Carros Triumphaes A*, *B* e *C* da Embaixada *Marquês de Fontes*, D. Rodrigo de Menezes (Roma, 1716), que com elles fizeram a sua ultima evidencia no citado Torneio, dado no Terreiro do Paço em 1795.

NOTA 10

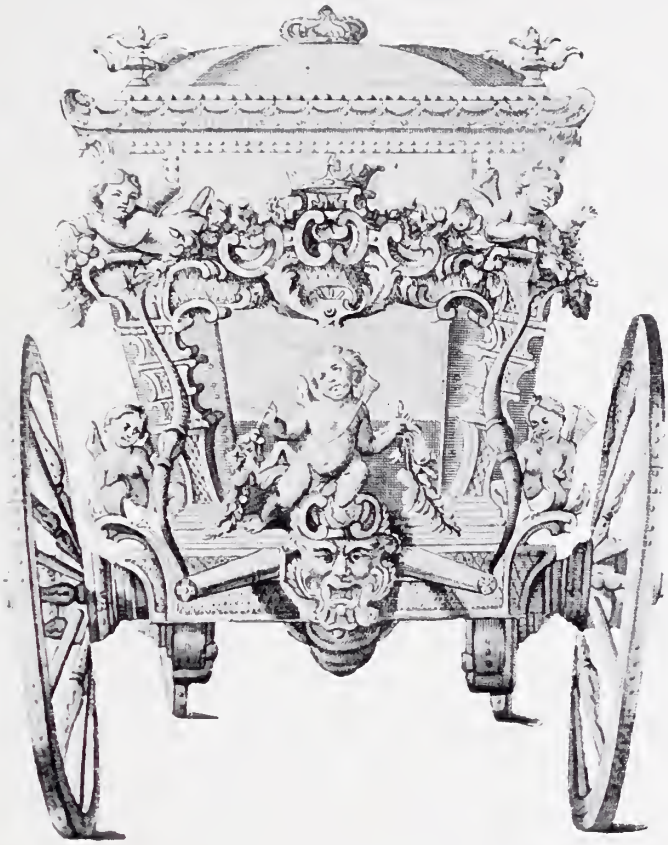
Comquanto os *Ruidos da Paz* de Utrecht já fizessem echo no mundo diplomatico pelo meado de 1711, e, em outubro do mesmo anno, fosse feita para Lisboa *a Remessa dos respectivos Preliminares* — comquanto muito se falasse já de *Armisticios*, sempre calorosamente defendidos nas conferencias do Congresso pelo Padre Solignac (*quem com mais força sustenta as suas opposições* — dizia sem rebuço o insuspeito Conde de Tarouca) e, em março, se houvesse recebido *ordem para procurar que a Inglaterra e Olanda fossem fiadores da nossa paz com Castella e as duas sobreditas da de França*, só a 15 de abril de 1713 João Gomes da Silva escreveu para Lisboa ao Conde de Villa Verde, seu primo, dizendo-lhe: — ... *Ajustou-se finalmente a nossa Paz; e, em 11 do corrente, se assinarão os Tratados de Portugal, Inglaterra, Prussia, Olanda e Saboya, ficando somente em guerra o Imperador e o Imperio* — noticia esta, que em Paris foi enthusiasticamente festejada com *Te-Deum* e fogos de artificio, de 22 a 25 de maio.

(Com a Grã Bretanha e Hollanda estava ajustada liga defensiva contra a França e Castella). Assim chegou felizmente o termo da maior desenvoltura europeia, tão paternalmente almejado, com proveito dos povos e da religião, pelo Santo Padre Cle-



Embaixada Mello e Castro — 3.º coche

Ilharga da sella



Embaixada Mello e Castro — 5.º coche

C — Alçado traseiro

mente XI em Breves expedidos para El-Rei o Senhor Dom João V — tres dos quaes conheço na integra. Foi, porem, em fevereiro de 1715, que o Conde de Tarouca e o Secretario de Estado Diogo de Mendonça Côrte Real se deram por escrito o cordial e confiado *parabem*, aguardando que o *Rey* brevemente (outubro) enviasse *carta pessoal para que o Plenipotenciario se pudesse despedir dos Estados Geraes.*

Era um simples alicerce de apaziguamento. Em ordem á solidificação desta empresa diplomatica marchou para França, em 1715, o Conde da Ribeira Grande, D. Luis da Camara, a fim de, na sua opportunidade, facilmente tomar as fertilissimas margens do rio Escalda e assentar a *nova Plenipotencia de Portugal* na provincia de Cambresis, em a cidade de Cambrai — cuja *Conferencia solemne* foi terminalmente encerrada em 1725 com extraordinario gaudio do incansavel Conde de Tarouca que, em junho deste anno, se alegra por bradar, a D. Luis da Cunha: — *voilá o Congresso totalmente acabado!*

(Esta synthese historica foi immediata e pessoalmente colhida em fontes primarias da Diplomatica, que lhe respeita).

Na cidade de Paris fez o nobre Camara uma das mais luzidas entradas publicas, de que então havia memoria.

O estado luxuosamente preparado para este acto ceremonioso, se não tinha a empolgante majestade do de D. Rodrigo de Menezes em Roma no anno de 1716, offerecia, pelo menos, o encanto de um formosissimo cortejo pela fina variedade dos seus cinco carros nobres, a cuja composição ornamental havia presidido o mais delicado bom gosto.

*

* *

O primeiro coche, *de oito vidros*, forrado de verde e ouro, com o persevão de cobre marchetado de tartaruga, tinha o pavilhão sustentado aos cantos pelas figuras emblematicas das quatro Partes do Mundo, entalhadas a meio corpo.

Ao centro externo do tejadilho, num bem inflorado coroamento, firmava-se uma rosa vivace — com as sepalas do seu calice e petalas da sua corolla, estames da sua androceia e carpellas do seu pistillo, naturalissimamente bordadas em cada um dos seus verticillos, saindo-lhe do pedunculo mimosos afestoados de jasmins que, nos angulos do friso, vinham abraçar um castello heraldico.

(Torre de prata, com o corucheu ou cupula de ouro, cruzetada, é a principal peça honorifica do brasão de Armas *Ribeira Grande*, como descendentes da historica personagem João Gonçalves Zarco, descobridor da ilha da Madeira, a quem Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom João V (segundo consta da respectiva Chancellaria) concedeu esta mercê, ampliando-a com o titulo de *Camara Lobos* — pelo que o escudo os tem, de sua côr, arrimados ao Castello da composição armorial). Em vez de maçanetas, tinha o coche dragonetes de bronze dourado, aos quaes uns genios alados adaptavam a corôa, que completa o symbolo da Serenissima Casa de Bragança.

No painel da frente, topetando um arco triumphal, a figura da Paz pisava a pés varios destroços de armas belligeras, emquanto que, no traseiro, alguns Genios phalenados, sob palmeiras (de que colhiam folhas e teciam corôas) queimavam diversas insignias de guerra.

Num dos lados, Mercurio, que no monte Caucaso acorrentara Prometheu, montado numa *Aquila* como mensageiro de Jupiter, annunciava-se, de seu mando, com o symbolico Caduceu; no outro da mesma almofada, a cabrinha Amalthéa, firmada no lombo de um *Felis-pardus* — a fera de Pan (πάν-θηρον) — parecia suster a panthera por parte do poderoso Olympico, a quem aleitara em Creta.

Este coche que, nos apainelados das *porteiras*, tinha as Armas do Embaixador e era tirado por soberbos *cavallos da Friza* com os seus cocares de plumas verdes e

brancas mosqueadas a ouro, allegorizava a Paz, recentemente feita entre a França e Portugal — belligerantes que, nos ardores da liça, eram na mente do inventor comparados á *aduncidade* de um e á *ferocidade* do outro dos dois poderosos animaes descritos.

*
* *

O segundo carro nobre, de rodas de vermelho matizadas a ouro, *com sete vidros* e placas de bronze dourado na coberta, tinha pintado nas divisões da caixa, deanteira e traseira, o brasão do Conde e, nas da mão e sella, os quatro *Tempos do Anno.*

No plano superior da almofada *de detrás,* a personificação da Lusitania, librando-se entre nuvens, segurava com um Genio a medalha da Munificencia. Tirado por *poloneses tigres* com os seus martinetes de ouro e vermelho, representava no cortejo a *Grandeza de Portugal.*

*
* *

O terceiro coche era uma *caleça* de cinco vidros com chaparia prateada no tejadilho, conduzida por *dinamarqueses lazões torrados*, ajaezados com arreios brancos debruados de verde. Forrada a tisso de prata, tinha pelos seus paineis, perfilados com subtilesa de toque, pedaços de ouro, ramos de coral, perolas e outros emblemas significativos da *Riqueza de Portugal*, que ia symbolizando.

*
* *

O quarto carro, ou *estufa de sete vidros,* com forros de carmesim, de frisos em obra de talha dourada, ennobrecido nos apainelados com o escudo armorial do Conde da Ribeira Grande e alindado com varios *grutescos* ornamentaes, era puxado por cavallos *alemães ruços queimados,* de martinetes a vermelho e ouro.

—Á semelhança dos *bestiães* da antiga Architectura, os *grutescos* ou *brutescos* da Architectonia vehicular são rigorosamente os lavores, esculpidos ou pintados, que fingem figuras de animaes, descritas a meio relevo. O primitivo estilo era em metal.

*
* *

A quinta *estufa* era de carmesim com fundos acolchoados a prata; ostentava os seus cavallos *hollandeses negros*, de uma extraordinaria possança, garbosamente enfeitados com martinetes brancos.

*
* *

Assim se apresentou na elegante Paris o Nobre Ribeira até chegar ao palacio dos Embaixadores, espalhando pelo seio da multidão que o acclamava, *moedas* de prata e de ouro.

Simultaneamente annunciava o feliz nascimento do Principe Senhor Dom José — *para delicia de Portugal e protecção da Christandade*, como então se dizia. Era o fastoso prologo do convite a fazer ao Christianissimo Luis XIV para o subido compadrado de El-Rei o Senhor Dom João V (como realmente succedeu, por procuração outorgada a Reynaldo de Mornay, abbade de Orléans, seu Embaixador *ad hoc*).

Estes numismas eram verdadeiras *medalhas commemorativas*, cunhadas *ob memoriam* da sua entrada official, á semelhança do que, para actos de grandiosa significação publica, se usava fazer nos mais civilizados povos da antiguidade classica.

Para este effeito, foram batidas mil em prata (com o valor de tres tostões) e duzentas em ouro, de *peso* cada uma, valendo aproximadamente seis mil réis.

Tinham por typo do anverso, um busto laureado do Monarcha, envolvido na legenda IOANNES. V. D. G. PORTVGALLIAE. REX. — com a data de MDCCXV no exergo. Um tronco verdejante de oliveira cuja ramagem prendia duas corôas, como divisa symbolica da paz entre Portugal e a França, constituia o typo do reverso, circuitado pela legenda VECTIT. ET. FIRMAT com a *exerga* Pax Trajectensis que, em vernaculo, é *Paz Ultrechtense*.

Foi o Tratado de Utrecht que, com o de Rastadt, regulou por um seculo a distribuição territorial dos Estados europeus.

A actual *Utrecht* era a antiga *Trajectum* ou *Ultrajectum* (patria do Papa Adriano VI, *Medici*) assente, á margem do *Rhenus*, no sitio onde o riacho Wecht sae ou *vae alem* (*ultra*) deste rio — ultrawecht > Ultrawecht > *Ultrecht* > *Utrecht*. Tal é para mim a evolução morphologica, que corresponde ao nome da referida cidade.

O numisma, a que me reporto, acha-se estampado, sob o n.º 24, na *Memoria das Medalhas, etc.*, por Lopes Fernandes, e sob o n.º 4, na Tabella GG da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*.

Posto isto, imagine-se *um dia serenissimo*, como foi o de 18 de agosto de 1715, e ter-se-ha delineado *ad integrum* o aspecto fantastico da tão superfina equipagem.

Este apertado bosquejo e inclusa digressão numismatographica não são um sonho vago e gratuito de qualquer chronista visionario; assentam nos topicos da *Relação*, impressa em Paris, escrita (a seu modo) pelo Secretario da Embaixada, Alexandre de Gusmão, com o *visto* autentico do proprio D. Luis da Camara, expresso nos termos: — *vu & examiné par Nous Le Comte de Ribeira.*

Da galhardia, com que se houve em França o heroe de Campo Maior (cêrco de 1712) e Mestre de Campo General, D. Luis Manuel da Camara, bem julgará quem de perto conheça o afinado caracter do seu 5.º neto, Sr. D. José Maria Gonçalves Zarco da Camara, 9.º Conde da Ribeira Grande, Veador de Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Amelia de Orleans — de linha tão exemplarmente nobre, quanto o foi a do 7.º Conde do mesmo titulo, na subida qualidade de Veador de Sua Alteza a Princesa Viuva, Senhora D. Maria Francisca Benedita.

Durante a vida, como após a morte, foi o liniamento moral do eximio Embaixador, laconica, mas resplandecentemente profilado pelo Plenipotenciario Tarouca (tão furtado a louvaminhas que, em plenas sessões utrechtianas, censurava o Duque de Ossuna pela *pouca constancia do seu proceder!*). Com effeito, em carta de prolfaça a D. Luis da Camara, expedida de Utrecht em fevereiro de 1714, dizia elle, exaltando o *aserto, com que El-Rey o empregava na Embaixada da França: ... He certo que, em Paris, se ha de estimar esta nomeação, pois que os merecimentos de V. E. forão tão conhecidos e bem avaliados naquella Côrte...*

Este merecido encomio é quadradamente robustecido com o seguinte epicedio, vasado na prosa de uma missiva dirigida a D. Luis da Cunha que, a este tempo (novembro de 1723), se achava em Versailles: *...Muito me magoa a noticia... da morte do pobre Conde da Ribeira, porque tinha merecimento, acompanhado de bondade e animo.*

Nada, na verdade, de mais accentuadamente insinuativo, podia resurtir na englobada conjuncção de tão poucas, mas saturadas linhas.

NOTA 11

Na retro-referida *Relaçam* embaixatorial, descritiva dos vehiculos nobres, que compuseram o estado de gala na entrada solemne do Conde da Ribeira Grande em Paris, no anno de 1715, encontra-se o emprego mesclado dos termos — *caleça, carro, coche* e *estufa*.

Additemos-lhes os nomes — *carrinho, carrossa, carruagem, equipagem, berlina, paquebote, sege, trem*; e com esta duodecena perfazemos o vocabulario português, que já no inicio do seculo XVIII exprimia as variadas formas vehiculares de mais ou menos nobre apparato.

A determinação do sentido archeoctonico de cada uma destas modalidades é uma luz a mais no campo penumbroso do nosso vasto problema e simultaneamente uma pequenina contribuição para o estudo da synonymologia nacional. *Definam-se bem os termos, tirem-se das definições as suas differenças e confirme-se tudo com o uso* — tal é a theoria de Rouband A questão da synonymia ou diversidade de aspectos principaes, sob que se pode considerar o conceito fundamental de uma dada palavra (συνώνυμος — de συν, «com», + ὄνομα, «nome», isto é, palavra que tem a mesma significação essencial, embora divirja nos seus accidentes) interessa deveras, sempre que se busca arrazoar a *technologia tradicional* propria de um certo ramo de estudo.

O *Pluribus autem nominibus in eadem re vulgo utimur* do grave e judicioso rhetorico Quintilliano, quer dizer, a averiguação das vozes synonymicas não é um expediente tão baldado, que humanistas com o folego de Lamotte e Banzée, de Lopez e Olive, de Guizot e d'Alembert, lhe não tenham consagrado a sua critica e que nós, com orgulho do formoso idioma de Camões, com ufania da

> ... lingoa, na qual, quando imagina
> Com pouca corrupção cre que é a Latina.

nos não glorifiquemos de registar os nomes lentejoilados do Padre Rafael Bluteau, do Patriarcha Fr. Francisco de S. Luis e do Padre Antonio Vieira, que de um só synonymo fez um dos seus esplendorosos sermões.

Os magros considerandos, que a quejando proposito seguem, são baseados em correspondencia epistolar (Haya, Lisboa, Utrecht, Francfort, Fontainebleau e Vienna de Austria) carteada entre D. Filippe de Sousa, Conde de Obidos, João Gomes da Sylva, D. Jorge Henriques, Conde Villa Verde, D. Luis da Cunha, Pedro de Mascarenhas, Diogo de Mendonça Côrte Real (pae e filho) e Conde de Cuculim, no periodo que decorre de 1711 a 1737, consoante as notas do meu pobrete ementario, para outro fim respigado por diversas *cartas de chancellaria* e *particulares de gabinete*.

1) *Berlina*. É caso omisso no diccionario do sabio lexicographo Rev. Bluteau, remontante ao primeiro quartel do seculo XVIII, com dedicatoria a El-Rei Senhor Dom João V — *grande genio para toda a casta de sciencia e artes*, como lhe chamava o Marquês de Assumar, a quem o Monarcha *encarregara de escrever na lingua latina a Historia do Bispado de Elvas*.

Era, ao tempo, um vehiculo — capazmente elegante para nelle *poder rodar, em Vienna, um Plenipotenciario de Sua Majestade*, com os subidos creditos literarios, ar-

tisticos, militares e diplomaticos de um Conde de Tarouca — e sufficientemente forte para atravessar *atoleiros e gelos tão difficeis de romper-se* no escabroso percurso da sua jornada de Haya para aquella Côrte, que chegaram a demandar a atrelagem de *dez e seis cavallos, ajudados por vinte Paysanos, gastando-se duas horas para avançar duzentos passos...!* (dizia-se então: *paysano* por homem do campo, *paysan*, como se escrevia *saboyardo* por saboiano, comquanto *savoyard* e *savoisien* se distingam, como *Savoie* e Haute-Savoie — *bancoroto* por bancarota — *conferir* por conferenciar — *Lettras de Mestrice*, por carta de exame — pessoa *de grande suposição* por *de alta qualidade*, etc.).

Vem a pêlo notar que o termo *berlina* (usado em Haya, Amsterdam, Utrecht e assim escrito, emquanto o Conde de Tarouca esteve na Hollanda (até dezembro de 1725), começou a metamorphosear-se em *berlinda* na sua linguagem epistolographica, já antes de, por 1737, pensar em recolher á Côrte de Madrid.

Por ordem do novo Rei da Inglaterra (Eleitor de Hanover, de passagem por Hollanda, em 1714) *foi o Barão Sekuten buscar á carrossa* o Representante de Portugal, *que ia felicitar* a Majestade britannica. Na descrição de um baile, dado em Vienna de Austria no dia de Reis de 1729, para o qual *com grande magnificencia* rastejaram *vinte e quatro traineaux com Damas*, deviam necessariamente ser apparatosas *as carrossas*, que conduziam *varias personagens*, incluindo *algumas dos primeiros ministros*.

Numa *vistosa carrossa* entrou publicamente em Lisboa a Esposa de El-Rei Senhor Dom Afonso VI, dirigindo-se á Sé archiepiscopal. *Carroça* era, em 1733, chamado o *Carro Triumphal-A* por sem duvida o carro nobre mais imponente de todas as Embaixadas europeias.

5) *Carruagem*. Vehiculo sempre finamente asado ao passeio nobre, podendo mesmo, *com especial apreço*, servir ao uso de *um Enviado Extraordinario*, como na capital da Hollanda, em 1723, bastou a Digo de Mendonça Côrte Real (filho).

Tanto percorria toda a gradação vehicular, desde a vagueante liteira até o coche pujante, que o Conde de Tarouca, no Diario da sua rispida tirada de Hollanda para Austria (composto por ordem de El-Rei) — jornada que elle se propôs fazer em 24 marchas — falla (31 de dezembro de 1726) de *hum dia, em que conservou as carruagens em Ratisbonna*.

6) *Carrinho*. (*Chaise* de duas pessoas). Ligeiro, adequado ao serviço fidalgo; por exemplo, como o de um Português altamente nobre vogando pela Hollanda, chamado elle D. Estevam Telles da Sylva.

7) *Coche*. Era genero, de quatro rodas; tão extensivo, que não só alcançava o *carro não torpe para a Majestade da Pessoa*, o florão, a grande estufa, mas tambem o paquebote e até o carrossim. Na vigente terminologia technica da Casa Real está precisamente definido, nos termos já apresentados.

8) *Equipagem*. Nem este vocabulo, nem o termo *esquipagem* apparecem registados no lexicon ao mesmo tempo que (em sentido nautico) o verbo *equipar* ou *esquipar*, que lhes são respectivamente raizes.

Referia-se cumulativamente ao carro com todos os seus pertences, sem exclusão dos piquetes que lhe estavam addidos. Ás vezes, com a pluralidade de um verdadeiro estado de gala, como *as equipagens que El-Rey mandou fazer para a estimada Embaixada do Marquês* a Madrid, em 1725.

9) *Estufa*. Segundo annunciámos já em logar opportuno, envolvia sempre a ideia de apreciado conforto, proveniente do bom ajustamento dos respectivos resguardos e

mais tarde das janelas de vidraças. O termo, de origem italiana, foi tão expressivamente escolhido para a architectonia vehicular que, por vezes, com elle se fazia exagerada comparação ao *laconicum* e ao *hypocaustum* do afamado Vitruvio. Esta denominação começa a vingar no carro dotado com a precisa capacidade para quatro pessoas. Sempre de duas cadeiras, tinha os seus *banquinhos* supplementares — *os dous assentos, que são irrecusaveis no coche, quando entra nelle a Real Pessoa de Sua Majestade* (assim se insinua de Utrecht, em abril de 1714).

10) *Paquebote.* Já no canon lexico do inicio do seculo XVIII vem inclusa esta palavra com a dupla significação — de barco ligeiro para facilmente fugir aos assaltos da pirataria — e de carro leve de quatro rodas para misteres de urgencia, e uso de passeio rural. De dois rodados, com particular agilidade. Em *Cartas de officio,* ahi por 1710, se explica a *demora da posta* pela *mayor dilação dos Paquebotes,* por causa *dos ventos* ou *fuga aos corsarios Franceses* — a que só se escapulia com facilidade o veloz *Mercurio da praça de Falmouth.* (Ao S. O. de Londres, no país de Cornouailles, com as suas historicas fortificações do tempo do Protestante Henrique VIII, o vencedor de Guinegatte e adverso de Francisco I, era o posto eleito para as jornadas de Portugal).

A *mala de terra,* servida por *expressos, postilhões* ou *correyos,* foi tambem, de quando em quando, surprehendida na Hispanha com a correspondencia de *Amsterdão* e *Roterdão* (assim, no primeiro decennio do seculo XVIII, se aportuguesava estas denominações, como tambem se dizia *Vendoma* e escrevia *Olanda*).

11) *Sege* (*descoberta* ou *de posta*). Carro pequeno, visto como era *facilmente vendivel* e, por certo, ligeiro para marchas de curta resistencia, como *as de Utrecht a Haya,* não raro *praticadas a cavallo* na estação diplomatica de 1713. Eram de andadura *muy suave* — assim da bella patria de Houthorst e Anna Schurman se affirmava para Portugal a D. Filipe de Sousa, no agosto de 1714.

12) *Trem.* Perfeitamente equivalente a *equipagem.* Assim se falava em... *trem do Imperador e do Principe.* Era voz latissima, applicavel até *o trem da artilheria;* significando, em varios casos, toda a machina, grande ou pequena, *que puxava* com rodas ou sem ellas, incluindo o proprio *traineau* (vocabulo oriundo do mesmo radical glottologico).

— Ao proprio estudo da philologia portuguesa me parece não desinteressarem estes comezinhos escholios de architectura vehicular na alvorada do seculo XVIII, uma vez que vamos — alludindo a monumentos literarios apolegados sob varios pontos de vista, dando quanto possivel á sua parcial exposição as fórmas graphicas que lhe são autenticas — explicando particularidades biographicas, de linguagem, de estilo, de tradições — determinando, por sua vez, a genese de umas certas ideias e o desenvolvimento de uns tantos typos literarios — registando factos de lingua e de metrica, etc. Não é, portanto, uma futilização de tempo o continuarmos aguardando os novos corollarios, que das mesmas fontes epistolares e de outras congeneres vão naturalmente fluindo, redigidos com os mesmos sublinhamentos e apolentados com a mesma interlocução de sete personagens a mais — Sousa Mexia, Mario Azevedo Coutinho, Condes de Villa Nova, de Avintes, de Atalaia, Condessa de Villa Nova da Cerveira e o Marquês de Alegrete.

De 1711 a 1715, e principalmente de 1713 (paz de Utrecht), não podia deixar de ser avultada, como realmente foi, a quantidade de carros nobres procedentes da Hollanda para as *Reaes Cavallariças* — e de mais ou menos sensivel apparato, para só serem chamados *caleças, carrossas* e *coches.* Este distincto fornecimento (em grande parte entregue á especial fiscalização de Manuel de Siqueira, como os livros o eram a Thomás da Sylva Telles) foi decrescente, mas annualmente successivo até 1718, em que o Conde

de Tarouca accusa para Diogo de Mendonça *a compra de um coche.* Na dispendiosa remessa das *cinco carrossas* operada em 1712, agrupava-se uma, que o signatario da correspondencia official confessava ser a *melhor que tinha visto.* E, todavia, não resta um carro hollandês para typificar a *sexta familia* vehicular no vasto e apurado alistamento dos que ainda possue a Casa Real Portuguêsa — a menos que, na sub-serie *á Pedro II* do Deposito II, não haja algum dessa proveniencia, mas sem caracteristicas architectonicas sufficientemente differenciaes para lhe garantirem uma modalidade de *sui generis* constructiva. *It is never late to mend.*

É inconcusso que, mesmo antes dos grandes *carrosses* á Luis XV, a manufactura de Haya utilizava para a armação do seu coche a modelação estructiva e decorativa vinda de França, cuja *elite* já em 1737, tanto havia avassallado o reino vizinho, que o Conde de Tarouca, ao talhar a sua irrealizada jornada de Vienna a Madrid, temia *as difficuldades da Espanha por ali se estar já muito na moda Franceza.*

Para *o ar das caleças* chegadas da capital da Hollanda, em 1711, tinham os *promptos officiaes* hollandêses o *molde vindo de Pariz* e a excellente aprendizagem dos *correeyros, que muitos annos havião assistido naquella Côrte.*

Em 1713, garantia-se de Utrecht a superioridade *de um coche* remettido para Lisboa, pois que as respectivas *medidas* e *o debuxo havião vindo* da mesma cidade.

Com justificado prazer recebeu Côrte Real (filho), ao ir para Haya no anno de 1723, a alegre noticia de que — *muyto bem fizera em trazer a sua carruagem* de Paris, porque *essas são aqui muyto estimadas,* e *certamente não custão tanto como as que se fazem nesta terra.* Por maioria de razão, copiados de esquissos parisienses as que exportavam como melhores, não admira que alguma das do referido sub-grupo *á Pedro II* seja *francêsa* por traça e *hollandêsa* de fabrico. Só uma tradição garantida — como em casos identicos se dá — serenaria por completo esta resaca de continuas reticencias, determinando a omnimoda acquiescencia dos animos ao seu firme veredicto, tanto mais quanto alguma cousa tambem foi importada de Bruxellas, consoante dou fé, em *mayo de 1725.*

Por tal forma *bonitas* eram, no fim do primeiro quartel do seculo XVIII, as *berlines* feitas na formosa Rainha do Sena (a outr'ora *Parisiorum Lutetia*), que *uma que houvesse já tido ali algum uso* prestava ainda para o Conde de Tarouca nella percorrer as ruas da *cesarea* cidade dos Condes de Habsbourg — a fidalga Vienna da Casa de Austria.

E João Gomes da Sylva era homem *de suposição,* a quem o Imperador *deu rapida audiencia.. , em primeiro logar, por attenção ao parentesco com Sua Majestade* (cunhado e compadre), *em segundo logar por amizade, que tinha com sua pessoa...* — assim se exprime elle num *Officio* de 1726, em que minuciosamente descreve os habitos peculiares da Côrte de Vienna de Austria. Já o nobre Fidalgo se havia contentado com *o emprego que deu ao coche das Demoiselles de Nassau,* quando, em 1720, esteve prestes a tomar para si os carros usados *de Conigsek, o que foy de Mydelay Stairs* ou o que pertencera a Mr. Hop.

— Digamos ainda de passagem, por estricta correlação de ideias:

25:000 *florins* foi a somma *proposta a Sua Majestade* para satisfazer, na Hollanda, *o coche* e uns solipedes, *que vierão para as Reaes Cavalhariças,* no anno de 1714 — *na compra de um coche para a Pessoa de S. A. e reforma de outro,* em 1718, *se gastou na Haya* a verba de *cinco mil cruzados* — com *sete mil francos* via o Conde de Tarouca (1721) *que não podia comprar cousa de geito.* (Em janeiro de 1719, o *valor intrinseco do florim, a respeito da moeda Portugueza,* tinha o titulo de *de tres tostões*).

É esta a unica base remota, que tenho, para a indecisa estimativa do preço medio de um carro, *que fizesse boa figura, que parecesse bem,* no periodo de tempo, a que me venho referindo.

— Como esta *Nota* foi engorladamente socavada para sufficiente medrança da *Observação II*, escrita no proemio deste dessasonado livro, cumpre-me ainda dizer que o cavallo indistinctamente chamado *hollandês*, vindo para El-Rei (ou, em regra, para o Conde de Obidos, quando a Majestade não precisava delle), derivava de outros pontos — que não somente da Hollanda — por onde eram comprados a varios *maquinhões* (mercadores de gado), ás vezes, mediante *estampas* ou desenhos remettidos de Portugal, como de diversas *Relações* consta. Superiores aos *Frizões* (mesmo aos verdadeiramente taes, *da Friza* ou *do Norte-Olanda*) eram reputadas *mais proprias para o serviço de S. M. as Egoas da Dinamarca, assim porque se conservavão melhor em Portugal que os Cavallos Capados, como por serem mais finas na forma e em terem menos garra* — ... *e de maior preço* (se continuava dizendo de Haya, em 1712), porque por elles se pedia *quatro centos florins*, ao passo que por ellas se queria *quinhentos*... A egoa dinamarquêsa do *Conde Wadstein* e a alemã *do Conde de Lippe* e *do Bispo de Munster* (principalmente se *tinha muito gala e vinha já ensinada no coche*) era sobremaneira apreciada *para o tiro de El-Rey*, muito do *gosto do Conde Obidos*, e definida *das melhores*, quando no mercado tinha a cota de *duzentos a trezentos mil réis*.

Talvez que a grande requisição de eguas e cavallos *ruços* — a côr dada por mais difficil de emparelhar na Hollanda — feita para a *Cavalhariça Real*, em 1724, fosse uma *recolta* de urcos já previdentemente calculada para a ventura *Jornada ao Caia*, de espantada memoria.

(Então a palavra *tiro* era, nesta ordem de ideias, synonyma de *serviço*, significando tambem, como agora, qualquer agrupamento de cavallos; assim se dizia, por exemplo — *seis tiros de outo cada um*).

Como meio seguro de se manter (*para uso do coche* ou *para montar*) os *tiros* bastamente prevenidos, ainda em 1725 eram reforçadas as *ordens dadas por El-Rey*, a fim que todos os annos *fossem recoltados* da Dinamarca e da Alemanha os *cavallos ruços* e as eguas da mesma côr ou *negras*. Isto tudo, sem embargo das providencias de antemão tomadas — que, como no singelo adminiculo para a historia da Zootechnia peninsular, com a devida venia do leitor, registo, não obstante a fórma aspera da sua technologia, que é mister conservar:

α) ... *vão vinte e tres, entre os quaes mandei dois inteiros para que se podessem castissar* com as egoas...

β) ... *porque não adoecesse no mar, foi conveniente lançala a um cavalo*...

. . . . . .

— Nem só *carros e suas prevenções*, nem só cavallos *ensinados no coche* e *doutrinados em picaria* — potentes urcos da Friza e bellos especimes de Stenford — embarcavam em Roterdam com destino á Casa Real e alta Nobreza do país.

Merece ponderar que, no Registo dos Documentos — expedidos de Haya, Utrecht, Amsterdam, Roterdam, da *Hollanda* emfim — que basteceu este meu perfunctorio estudo, nem uma só vez topei com a palavra *urco*, que ainda hoje apparece vulgarizada, mormente pelo Ribatejo, e vive apontada num escasso inventario da Repartição das Reaes Cavallariças.

E por certo recolheria no complemento terminal da sua alta funcção diplomatica, *correndo a posta em Berlinda*..., se a segavidas da Parca, em 1738, não ceifasse a desse esforçado Sargento-mór de Batalha, General de Artilharia e Mestre de Campo General na guerra *da Successão* — de animo nunca entibiado, como elle se dá a entender num dos seus fibrosos tercetos, quando diz: *Mais me temo a mim mesmo que ao Fado*.

Era unisonantemente tido e havido por poeta discreto e agradavel — e até improvisador *Syllogista*, quando em verso queria sê-lo, ajuntarei eu.

Eis :

João Gomes da Sylva Conde
de Tarouca votos faz
por seu sobrinho Thomaz
da Sylva Telles, Visconde
— tende logo um filho, e ponde
em fórma a proposição
que he de nossa geraçam
regra, como de Cartilha,
a mayor e menor filha
a consequencia varam.

Um trecho de Escolastica modulada transuda neste epigramma, em que com estilo tenue, com metro arbitrario mas sempre em frase musical, delicada e graciosamente revela quanto ansiava o nascimento de um certo filho masculino.

Releve-se-me o desvio apologetico.

Mas digressionei um pouco com este adejo rememorativo para editar aquella interessante decima do 4.º Conde de Tarouca, assinalando assim uma tença de sympathia e homenagem ao bem posto fidalgo português que, *sentindo com dor que D. Luis da Cunha se não oppusesse ás diligencias dos Ministros de Saboya*, se erguia durante a estrategia politica de 1711 para, num dos seus arrancos de coragem, vociferar que *nunca voluntariamente consentiria que o Duque de Anjou tivesse a minima porção de terra no continente de Espanha !*

É o diplomata sentencioso que, num dos seus mais bellos apophtegmas, escrevia para certo cortesão, varejando com este cerdoso latego uns tantos aulicos, *mal avisados conselheiros do seu Rey: He necessario deixarmos que Deos governe o seu mundo e que os Reys, que o imitão, governem os seus Reynos !*

É, por isso, que com arredondada justiça, Côrte Real, em 1724, lhe sabia replicar:... *sendo necessario hir alguem para Cambrai... V. S. o poderá achar na sua familia, porque tem Portuguezes capazes...*

Á Viscondessa de Villa Nova da Cerveira se declara elle haver sido *da Ordem dos Poetas;* e ainda, nove annos depois, em 1719, era nos maviosos versos das suas decimas que quasi sempre respondia á Duquesa de S. Pedro, sua comadre de eleição.

Em determinado *Officio* para a Côrte, incidiu confessar o *seu prestimo em manejos de cavallaria*, lembrando com saudade as vezes, que *a seu Amo servira de Estribeiro...*

Poeta e *Cavalleiro* — as duas notas coruscantes da cortesania da epoca, que elle jámais deixou olvidar de todo.

Se bem que patriotico, basta de devocionario. Demos por atesados os elos desta avita deuterose e progridamos a senda já um tanto envesgada.

2) *Caleça.* É termo que ainda ao tempo dos trabalhos lexicologicos do Padre Bluteau não estava na correnteza do *nomenclator* nacional. Devia ser um carro — bastantemente seguro e de tiro reforçado para com elle *se poder correr posta depressa* — sensivelmente carregado de encoiramentos, visto como era — composto por *officiaes correeyros, que com muy boa promptidão fazião semelhantes obras* — uns de magra singeleza para *custarem moderadamente*, outros com estofos de confortativa commodidade e com madeiras de bom entalhe, pois eram *armados* em Portugal por *tapeceiros* (hollandeses) *habilitados a executarem qualquer obra de movel* e, por fim de tudo, *muy gabados em Londres.*

3) *Carro.* Revestia todas as fórmas vehiculares, desde o typo vulgar destinado á carga bruta até o revestimento majestoso das grandes moles triumphaes. *Coches houve* que, comquanto *já carros velhos* ainda eram *autorizados* para as funcções *de um Embaixador.*

4) *Carrossa.* Nem sempre applicada á baixa carriagem, porque as havia *de grande custo* e solemnemente tiradas *a seis cavallos.*

Outro meato translaticiamente derivativo — diverso ou quiçá complementar do já aventado na *Observação II* do Prefacio a este depolido tomo — eu aventuro agora, (sem foros dictatoriaes) como fonte metaphoricamente remota deste tão analogico e tão sonoroso termo, que até de onomatopico algo parece ter — *Urco:*

1.º Na ceramica greco-romana apparece o *vaso bojudo* do typo *orca,* cuja fórma parallela era ὕρχη ou ὕρχα entre os Gregos, que tambem tinham a palavra ὑρχή para significar a *porca.*

2.º Em zoologia ichtyologica fala-se de um peixe, *de reforçada carnosidade,* parecido com o golfinho da denominação vulgar: é o *orca* (Fr. *orque*) — (*orc, the grampus, probably corrupted from It.* gran pesce, *or Pg.* grande peixe, etc., *a toothed delphinoid cetacean... wich is valued of its oil,* diz Webster).

Por intermedio de Haya até *os despachos de Mello e Castro* e *do Marquês de Fontes,* vindos de Roma, chegavam á Côrte de Lisboa; da mesma sorte que por esta via se lhes *pagava em florins a sua ajuda de custo* na cidade eterna.

Das Provincias-Unidas (*qui ont été, pendant plus d'un siècle et demi, les agents et les colporteurs de l'Europe* .. — Robert) muito mais nos adveio alem de carros e cavallos, como integração de remessa ou opportunidade de ensejo:

Palafreneiros que pensavão o gado, e *balotes com librés* de Haya — *caixotões de livros* para a Real Biblioteca, e *papel Frize, Hollanda, Seigneurs* — *cães de fila* para o Duque D. Jaime, e boas cadellas *de corretagem* — flautas *doces* e clarins de prata, com timbales *de cobre* e *cors de chasse* — favas de *Amsterdão* por sal *de Setuval,* com *salvas de Haya* e boas *de rendas de Bruxellas* — *Corpos de Trombetas* e *Rabecas,* com *papeis de solfa* e bons *Solfistas* — falcões e *Falcoeiros,* com cisnes e *assores* — cadellas *Arlequinas* e *Inglezinhas,* com vacas de escudo *para bom leite* — castiçaes *finos* e caldeirinhas *de prata,* com *garavatas de bom pouto, ao redor de cem florins* — vestidos, espadins e bons velludos, com salitre de Amsterdam — *arrecadas* com diamantes *rozas,* e *cruzes* de honor com brilhantes — grades de ferro *bem obradas,* e sedas da Persia *contrafeitas* — azulejos com *padrões de Historia,* e bellos *ladrilhos* de Heaven-Delft — navios por *compra* ou *concerto,* e marinheiros com *Mestres de náos* — tudo isto nos abastecia aquelle vasto emporio do Norte. Refiramos tambem o *Grão Mestre das Vallas* e *os Mestres scientes no fabrico dos Diques* que, sob a estremada primazia dos Engenheiros Reetz e Otter, vieram orientar a correcção das obras do Tejo e das barras da Figueira e Porto.

É, com effeito, longo manancial, sempre variegadamente interessante, o reportorio literario, ao qual, a proposito de coches, me tenho remettido.

Com os seus parentheses, ora sentimentaes, ora humoristicos, é, por vezes, de tão acre investida que, não esquecendo os *capadinhos do Eleitor Palatino,* nem os *birimbáos dos Frades Grillos entre hum conserto de Frautas doces* quis poupar.

NOTA 12

A concepção pathetica, transcendental, com assombrosa eurythmia expressa nos alçados, deanteiro e traseiro dos *Carros Triumphaes A, B* e *C*, a verdade anatomica das personagens nelles esculturadas sobre o antigo, o realismo icastico topica e typicamente classico das suas attitudes, a pureza *gentilica* da erecção dos tropheus, a imponente majestade do conjunto, tudo isto faz, á primeira vista, suadir que estas assombrosas machinas foram engenhadas por algum iconista *romano*, de primorosa eleição.

Em assuntos de *Bella Escolha*, a escultura de Roma era, com effeito, de uma observação modelar — superior á da restante Italia, como a *italiana* o era á *flamenga*.

Foi tambem pela observação philosophica da natureza que Phidias, decorador do Parthenon — o maior escultor de todos os tempos, cujo nome se tornou synonymo de *perfeição ideal* — se guindou ao sublimado apogeu da Arte.

São destroços, é certo, de uns carros heroicos; mas os descalabros do tumulo de Belus e do palacio de Assuero, da cidade de Palmira e do Parthenon de Athenas, do Colisseu e de Pompeia tambem teem o seu merito.

É a poesia das ruinas!

O presupposto de um invento e de uma composição romana aumenta de desconfiança com o exame das annotações inscritas, nalgumas das peças destes coches,— nos vasos ornamentaes do carro *B* a assinatura italiana *Vaso secondo col segno S*, etc.

Por outro lado, a este tempo eram entre nós frequentes os modelos vindos principalmente de Paris e mesmo debuxos de Roma, onde quejando systema de industria já muito havia avançado, desde a segunda metade do seculo XVII; os serviços de douradura e escultura — iniciados no seculo XIV, e em plena virilidade no seculo XVII — estavam, no momento desta fabrica, já altamente cotados, em Portugal, se bem que não ainda em todo o seu auge; a madeira esculpida (*obra de talha*) era nos seculos XVII e XVIII, o mais vulgar e mais frisante de todos os artigos de ornamentação, tendo apenas por competidor o azulejo hispano-arabe, o italiano, o flamengo e o nacional — em que tanto se evidenciou A. Oliveira Bernardes.

Com taes elementos, e em tão farta disponibilidade, só a urgencia obrigava a encommendas no estrangeiro, como succedeu com alguns dos muitos carros destinados á primeira jornada do Caia.

Concluir-se-hia, portanto, a não impossibilidade de tão valiosas moles haverem sido feitas em Portugal.

Chegou mesmo a escrever-se em 1889 *que o trabalho esculptural, que mais briosamente justificava a apologia de Joaquim Machado de Castro, era o dos Coches expostos no palacio das Janellas Verdes.*

(Desapercebeu-se então uma differença — é que, quando elles foram feitos *em Roma*, faltavam ao presumido autor ainda *quinze annos* para haver de nascer *em Coimbra*).

Uma exploração, porém, mais circunstanciada deste interessante objecto, sob o seu ponto de vista bibliographico, levou-nos á inconcussa certificação de que, se a mão de obra é *romana*, o invento e a composição são originariamente *portuguêses*.

Conheço-os de perto, no seu ser e respectiva historia, desde os primeiros dias da sua postura em exposição, onde sem cessar bradavam pelo glorioso destino, que a sorte lhes fadou e aos seus consocios — graças ao persistente e efficacissimo impulso de uma prestigiosa Rainha, a Senhora Dona Maria Amelia de Orléans, secundada pelo presti-

moso zelo do actual Estribeiro-Menor da Casa Real, Sr. Tenente-Coronel Alfredo Augusto José de Albuquerque, que não conheceu difficuldades por vencer. Precisemos.

Por parte de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom João V era mister officialmente participar ao Pontifice, então reinante, Santo Padre Clemente XI (*Albani*), o feliz nascimento do Principe o Senhor Dom José, havido a 6 de junho de 1714. Era pragmatica do tempo — a mesma que, uns annos depois, levou o *Conde de S. Esteram* a *cumprimentar El-Rey Christianissimo pela sua mayoridade.*

Para este solemne effeito foi escolhido D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, já em Roma, onde se achava por haver ido, em nome do Monarcha, prestar ao Papado a obediencia da praxe vigente.

Reclamando o caso uma audiencia ceremoniosamente publica, forçoso era organizar-lhe o seu adequado cortejo.

Apura-se do *Ragguaglio* já aqui citado que foi o proprio Embaixador Extraordinario (ao depois galardoado com varias honrarias e, entre ellas, a mercê de *Sobrinho* do Rei) quem inventou e desenhou o plano destes preciosissimos monumentos — *...pensieri e Geroflici concepiti ed ideati dalla gran mente dell' Eccellenza Vostra...* diz o texto, dedicado a D. Rodrigo.

E não faça isto estranheza, porquanto o Conde de Penaguião, Sá Menezes, alem de talentoso e erudito, um verdadeiro intellectual no campo das sciencias, era simultaneamente um mestre peregrino, familiarizado com varias artes — *...o Marquez de Abrantes, antes de ir a Roma e quando eu vim desse Reino, entendia bem Architectura...* escreveu sem asteismo, de Vienna para Portugal em 1734, o Conde de Tarouca que, nesta diffundida materia, era um doutrinador autocrata.

Conhecia sobradamente as escolas italianas, distinguindo-se, como portentoso, na discriminação entre originaes e copias — assim o diz um tratadista acreditado, José da Cunha Taborda.

D. Rodrigo Annes era um oraculo da Côrte; em pleitos de pragmatica praxista, dictador que, como resposta para um Duque, não trepida escrever: *He tam preeminente o officio de Estribeiro Mór que, ainda fora dos acompanhamentos, não dá no seu coche a mão direita a pessoa alguma* — assim se lê a fls. 348 do tomo 1 dos *Manuscritos* archivados na Academia Real das Sciencias (Gab. 3, E. 4, n.º 22).

Ao invés, pois, do que ao primeiro relance de olhos se poderia pensar, a invenção com todo o seu plano decorativo é estrictamente *portuguêsa*, e somente a sua fabrica é de manipulação *romana.*

*

* *

Com os esburgadissimos dados offerecidos por Luca Chracas no referido *Ragguaglio*, facil é reconstituir pela imaginação o fantastico deslumbramento deste fastoso cortejo triumphal.

(A *Stamperia Chracas* ainda em 1797 vivia com tão acreditada probidade profissional no animo da Santa Sé, que era a preferida para a publicação official do *Diario ordinario di Roma*).

Eram duas da tarde do dia de Santa Isabel Rainha de Portugal, no anno de 1716 — hora, em que o bello sol da Italia dardejava os seus raios por sobre os, outr'ora, jardins de Calligula e circo do Nero de nefasta memoria, aquecendo no monte Vaticano a cupula do arrojado Bramante e o erguido obelisco de Heliopolis.

Roda o *Portone di Bronzo*, que dá ingresso á *Scala Regia.*

Eis, que chega a Embaixada.

Ladeado por quatro palafreneiros com outro á frente, abre o seguimento o Regio Secretario dentro de um *vistoso Copé* decorativamente pinadot e dourado, com forros

de velludo carmesim, puxado por bem ajaezados cavallos, que eram sustidos por guias do mesmo estofo.

Dois homens fardados com a libré do Marquês, em funcção de batedores, vão desembaraçando o caminho á marcha olympica da triumphante comitiva, que lhes vae no encalço.

Em seguida, outro *palafrenière,* com bolsa de cordões e borlas douradas, guarda o significativo chapeu de sol (*ombrella*), bordado a flores de prata com mesclados de ouro...

—O porte de lacaio com *ombrella,* deante dos carros nobres, era privilegio exclusivamente cardinalicio e principesco. Os Principes podiam, de um para outro dia ou de manhã para a tarde, pedir audiencia ao Santo Padre, apresentar-se-lhe de espada á cinta e chapeu debaixo do braço, sendo recebidos pelos Cardeaes em trajo de côrte e ter o decano dos seus lacaios com vestes *á romana*—de velludo preto como os cardinalicios—postados sempre ao pé da porta da sua carruagem

Assim pomposamente se annuncia a chegada do *Carro Triumphal-A, carrozza di Rispêtto,* tirada provavelmente por oito possantes frisões, visto como os carros *B* e *C* o eram a seis—os de um baios (*baj*), os do outro castanho-escuros (*morelli*)—todos briosos com as suas crinas entrançadas a carmesim e ouro, e guiados com redeas da mesma sorte vistosas.

Como cauda luminosa desta radiante constellação, desfilava, em dois grupos decrescentes, um sequito de dez carros (*carrôzze*) differentes entre si, tratados a ouro e *lacca verniciata* (verniz da China), o primeiro dos quaes, chamado *di Fioccheti* (de *apparato* ou *grande gala*) tinha por *sotto piede* (concha) do cocheiro um Anjo—como atalaia vigilante de toda esta estridente cohorte, apresentativa de um pequeno, mas grandioso país.

Por fim, no quarto e ultimo plano de tão deslumbrante perspectiva, seguia ainda a enaltecida procissão composta de mais de trezentas carruagens com noventa Prelados, Cavalleiros romanos, Gentishomens de Cardeaes, Embaixadores e Principes—tudo no meio de uma fragorosa acclamação: *Viva Portugallo!* Quasi o aspecto scenico de uma allucinação mythologica!

L'evidenza superò la Fama.

*

* *

Foi o protagonista deste cortejo, o notabilissimo diplomata Marquês de Fontes, quem preparou no animo de El-Rei as negociações para o reenvio da celebre esquadra do commando dos Condes do Rio Grande e de S. Vicente, já por Breves solicitada, e até em missivas de Clemente XI para El-Rei, para a Rainha e Infante D. Francisco.

E lá partiu ella contra os Turcos, a cobrir-se de gloria, composta de cinco naus, duas fragatas, um brulote e uma tartana, com mais de dois mil e oitocentos homens e mais de trezentas e setenta e oito peças, provisionada para seis meses—*Eccede la spesa di questa Spedizione la somma di trè millioni*—diz o insuspeito autor da *Relazione della Squadra, che Sa Maestà di Portogallo manda in soccorro dell' Armata Christiana, ad instanza della Santità di N. S. Papa Clemente XI.*

Nestes termos, não admira que, pelo principal influxo de Sá de Menezes, se conseguisse—que a Metropole de Lisboa fosse elevada á alta categoria de Igreja Patriarchal—que a subida dignidade de Cardeal fosse inherente á eleição do Eminentissimo Patriarcha—que os *Principaes,* que formavam o Cabido Patriarchal (a todos os quaes El-Rei deu as honras de *Grandes do Reino*) usassem nos actos do culto de vestes cardinalicias—e que, como congruo remate de todas estas amplas concessões, fosse outorgado ao egregio Monarcha o titulo de *Fidelissimo* (..*Titulo seu denominatione Fide-*

lissimi...), para si e seus successores — ... *Te, Tuosque Portugalliæ*... *Reges pro tempore Successores in perpetuum*... (consoante o texto do Breve *Maxima ac præclara* do Santo Padre Bento XIV, de 23 de dezembro de 1748).

NOTA 13

Ao tempo da ida do inclito Marquês de Fontes (Sá Menezes) na alta missão de Embaixador Extraordinario para junto de Sua Santidade o Papa Clemente XI (havendo partido de Lisboa em uma *frota de navios Genovezes*), residia, em Roma, o filho do 1.º Conde das Galveias, André de Mello e Castro — Deão (aos 16 annos) *da Capella Real*, que em 1711 suspendeu as funcções mysticas inherentes ao seu estado clerical, a fim de ir desempenhar as diplomaticas, proprias de um Enviado Extraordinario á Côrte Pontificia. (*In Canonicatibus Ecclesiae Collegiatae aetas quatuordecim annorum satis habetur, nisi certus ordo Canonicatui sit adjunctus, sua nisi major aetas ex tabulis fundationis requiratur* — De Canonicis, Ioannes Sog. Ep. Aux. et Cing., *Institutiones Juris Privati*, Lib. Primus, Cap. I, § 20).

Só mais tarde (1718) foi declarado Embaixador, e então feito Conde, permanecendo ainda, nesta elevada jerarchia, por muito tempo junto da Côrte papal.

Nada, a meu actual conhecimento, ha que *directamente* nos elucide sobre a composição das equipagens, que organizaram o estado para tão deslumbrante acto, como foi o desta sua *segunda entrada* official. Apenas dois pontos de referencia para a idealização deste, mil vezes descommunado, apparato — *Rerum ignarus imagine gaudet* — :

São conhecidos, por figurados e descritos, os coches que, majestosamente entraram na *primeira missão* diplomatica de Mello e Castro (1709) e na Embaixada *Sá Menezes* (1716). Pois o cortejo desta sua *segunda recepção* (1718) tão sobrepujante foi, que por completo deslumbrou todos os Ministros estrangeiros, cegando-os para sempre na tentativa de qualquer outra solemne apresentação, encaminhada aos pés do Romano Pontifice! Isto faz-nos verosimilmente presumir que este assombroso cortejo — absorvente e asphyxiante de tudo o que, no seu genero, se havia exhibido na grandeza capital do orbe catholico — deveria ter sido substancialmente constituido pelos coches dos dois anteriores estados (já de per si extraordinarios), visto como os portentosos *Carros Triumphaes A, B* e *C* da entrada embaixatorial Marquez de Fontes só embarcaram para Lisboa depois de 1718, como em a *Nota 22* se ha de verificar.

NOTA 14

É tambem por completo ignorado o ultimo destino dos coches mandados fazer pela Corôa a fim de comporem o apparatoso prestito, com que o emerito D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes se apresentou na côrte do Sr. Dom Filipe V de Hispanha a solicitar, por parte de El-Rei o Senhor Dom João V para Augusta esposa do Principe Senhor Dom José a mão da Sr.ª Dona Anna Victoria (Maria), em dezembro de 1727.

Sobrevivem apenas uns escassos elementos graphicos para a figuração ideal de tão pomposa cerimonia.

Este cortejo foi o verdadeiro prefacio da estupenda jornada ao Caia, realizada em 1729.

Na entrada solemne do erudito Marquês de Fontes, já então com o titulo de Abrantes — em que Sá Menezes *foi fazendo no seu cavallo publica ostentação de quanto aprendera em picadeiros* — ia preventivamente um outro cavallo da Casa dos Reis Catholicos com o seu teliz de azul e Armas de Castella e Leão.

Precedido por doze Pagens e quarenta *lacaios* da Real Casa Portuguêsa, ladeado pelo seu Estribeiro, todo vestido de estofo de prata, com bordados a ouro e acompanhado por Gentishomens de varios Embaixadores, dava-lhe a direita o Conde Introductor; seguia-se a *carroça d'elRey* e, após esta, os sete coches do Embaixador português, postados em cadenciada linha de respeito — tres dos quaes sobrepujavam os restantes quatro.

*

* *

O primeiro coche valia por uma ingente *machina de ouro* a custo tirada por quatro possantes *frizões murzellos,* com os seus ricos jaezes de velludo vermelho.

Tal é a ideia inserta num folheto português publicado em Madrid por Lourenço Cardama.

Era um carro oitavado; por fóra, com forro de velludo carmesim e, por dentro, coberto a tisso de prata com laivos dourados, de cortinas azues matizadas pelos mesmos metaes nobres; espaldares fimbrados a franjões de ouro.

No topo de cada pilar, um Genio segurava com uma das mãos o collo erguido e a boca escancarada de um fremente Dragão de bronze dourado, assestando-lhe com a outra uma corôa na hispida cabeça — timbre symbolico da Serenissima Casa de Bragança.

No alçado dos jogos, ornados de mimosos entalhes, havia varios Anjos alados, que empunhavam as Armas do nobre Marquês — o escudo dos *Sás.*

*

* *

O segundo coche, com menor grandeza mas de não menos meritoria fabrica, tinha de particularmente allusivo, no jogo traseiro, a *empresa de uma aguia,* coroada a louro por dois Genios. Era dourada com primorosos lavores, e de pinturas nos lisos, assentes em fundo aureo.

*

* *

O terceiro coche, tambem oitavado como os dois antecedentes, de jogos dourados com as rodas de vermelho, distinguia-se pelos seus meudos lavores escrupulosamente insculpidos, enquadrando preciosas pinturas estiradas em reluzentes campos de finissimo ouro. Os montantes tinham por coroamento caprichosas maçanetas, entre as quaes se salientavam uns tropheus militares, armando no tejadilho quatro importantes cantoneiras.

*

* *

E assim, por entre o pomposo acompanhamento de varias carruagens dos Embaixadores, se foi D. Rodrigo á audiencia do Sr. Dom Filipe V, regressando a palacio na *carroça d'elRey* com o seu coche pragmaticamente vago, *por ser da Pessoa,* e

com os demais, que lhe pertenciam, ao serviço dos *Pagens, Gentishomens, Musicos e Ajudantes da Camera.*

Se El-Rey lhe manda fazer as equipagens, será para o Marquez estimavel Embaixada, porque terá premio sem fazer grandes despezas... dizia de Haya o Conde de Tarouca a D. Luis da Cunha que, em dezembro de 1725, se achava em Paris.

NOTA 15

Por parte dos Monarchas entrevistados, os Senhores Dom João V de Portugal e Dom Filipe V de Hispanha, a afanosa *Jornada ao Caia,* com o fim ostensivo de mutuos cumprimentos e regularização de negocios internacionaes, teve por escopo intensivo a troca das duas Infantas: — A Sr.ª Dona Maria Anna Victoria, Filha do Sr. Dom Filipe V e da Sr.ª Dona Isabel Farnèse para o principe do Brasil, o Senhor Dom José (depois Dom José I de Portugal); a Senhora Dona Maria Barbara, Filha do Rei *Magnanimo,* para o Principe das Asturias, o Sr. Dom Fernando, mais tarde Rei VI do nome, o fundador da *Real Academia de Nobles Artes* (*San Fernando*) e pacifico reparador da Hispanha (*muriendo de tristesa, en 1659, á consequencia de la muerte de su esposa...*).

Os principescos contratos esponsalicios tiveram logar em ponte-palacio engalanada a ouro, provisionalmente alevantada no leito desse pequeno confluente do Guadiana que, a montante de Elvas e Badajoz, estrema Portugal da Hispanha — o Caia, que deu o nome á celebre jornada.

Comquanto edificação alinhada para um fim ephemero, foi dispendiosissima, como *a priori* se imagina e *a posteriori* se contraprova pelas seguintes linhas:

. . . . . .
...Palacio de madera
que fabricaron en Caya
la ingeniosidad discreta
de España, y de Portugal
à costa de gran riqueza.

O testemunho é coevo, e insuspeito.

Como construcção definitiva, adrede preparada para este momentoso exito, manteve-se por muito tempo erguido o palacete de Vendas Novas. A todo este bem providenciado preparativo correspondeu o preciso arruamento de estradas, de jeito a francamente permittirem o desfilar ordenado de tão populosa comitiva. Nestes termos, em nada repugna admittir (como é de tradição dizer-se) que os coches *da Corôa, D. João V* e *D. Francisco-A* houvessem tomado a presidencia desta assoberbada equipagem — até Elvas, opinarei eu. É mesmo coherente que assim houvesse succedido, porquanto semelhante empresa foi visivelmente o envaidecido pretexto para uma *joannina* auto-apotheose, celebrada em face do deslumbrante Filho do Filho de um Rei luxuosissimo.

Defrontavam-se duas estrellas visiveis de primeira grandeza de planos orbitares quasi equivalentes, dois planetas superiores de quasi igual parallaxe, que se punham em conjuncção; não eram astros errantes sem catalogo assinalado ou meteoros luminosos sem trajectorias definidas; eram... Dom João V de Portugal e Dom Filipe V de Hispanha que, na sua revolução sideral, iam postar-se nos polos da mesma linha; um, *magnificentemente habituado ás despesas de toda a sorte de luzimento...* — *...Monarcha com que se não podia zombar...*; outro, o Neto do *Roi Soleil,* a quem a corôa *importou*

quarenta outo milhões... (notas lançadas á luz diffusa da Historia pelo primeiro diplomata português da epoca, o Conde de Tarouca — Vide *Manuscritos* da Academia Real das Sciencias).

Para relumbrar o sobrepujamento do imaginado successo, bastantes foram os carros preparados no país e não poucos os mandados construir em França, entre os quaes: vinte e cinco *estufas,* umas de velludo carmesim com bordados a ouro, outras do mesmo estofo com orlas douradas ou guarnecidas de ouro e retrós — cento e vinte e seis seges com forro de seda encarnada e seis forradas interiormente a velludo e ouro — muitos carros-matos e galeras, etc.

Foi então que El-Rei mandou mudar a libré da Serenissima Casa de Bragança, de pano silvado de verde e branco com galões de prata para a côr usada pelos antigos Reis, que era *pano encarnado, com os canos e vestias azues agaloados a prata.* Assim o declara a *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza.*

Tão avantajado era o luxo da epoca, que os carros apparatosos acima descritos — hoje visivelmente ricos — eram então simplesmente *correctos,* a julgar pelo texto de uma missiva de Paris, de 1721, inserta no tomo XIX das *Cartas para a Côrte,* archivado na Torre do Tombo.

Diz deste modo a um tal Bertolameu (*sic*): — *Recebi a carta de Vm.ce... foram encommendadas as duas seges e sem embargo do que manda que não sejam brincadas, suponho que para serem decentes é necessario...; huma de velludo carmesim com crepina e cartisana de ouro e outra de velludo verde com crepina e cartisana de prata e douradas...*

Nem só as simples seges do typo das supracitadas, mas tambem varias *seges de posta para uso de El-Rey* vinham de França a este tempo, como é evidente em certa passagem de uma outra carta com data de 1722, inclusa no tomo XXII.

— Tenho apurado que, na linguagem technica dessas eras, a estofa chamada *crepina* era, umas vezes, o velludo ou seda com relevo, outras vezes, o simples franjado com os respectivos cadilhos (em francês, *crépine* < > *frangia,* em italiano).

A *cartasana* era primitivamente, em trabalhos de passamanaria italiana, o papel (*carta*) forte, rijo (*sana*), que constituia o recheio ou esqueleto filamentado a linha, retrós, cobre, prata e ouro; mais tarde, tomando-se o conteudo pelo continente, passou a significar o *filo, seta, rame, argento, oro avvolto sopra pezzeti di cartone.* O termo *cartisana,* empregue no texto citado, é assumido directamente da lingua francesa — *cartisane;* o *cartasana* dos modernos lexicographos *portuguêses* procedeu immediatamente dos themas ou raizes italianas — *carta* + *sana.* Ambas as fórmas lexicas são, portanto, a meu ver, graphicamente correctas.

Com estes dois factos linguisticos se coadunam perfeitamente dois outros factos historicos, a que synchronicamente correspondem — é a coexistencia de artistas bordadores francêses e italianos que, entre nós, viveram (especialmente pelos reinados dos Senhores Dom João V, Dom José I e Senhora Dona Maria I) — a cuja agulha ou superintendencia se devem primorosos artefactos nas riquissimas paramentarias e indumentarias da Sé Patriarchal de Lisboa e Reaes Capellas, nas saias das almofadas do cocheiro nos coches *da Corôa* e *D. Francisco-A.* nos telizes expostos á entrada do *Salão* e no escadorio de accesso ás salas e galerias do andar superior, etc. —

Terminada esta elucidativa digressão, continuemos, volvendo ao assunto primario da *Nota,* que iamos preparando:

. . . . . .

Postados *os coches* no caes de Aldeia Gallega *ao serviço do Rei e Rainha,* partiram, a seu tempo, para Vendas Novas.

Deste remanso tomaram em direcção a Evora, seguindo-se lhes os Senhores Principe, Princesa das Asturias (Senhora Dona Maria Barbara), Infantes Dom Pedro (Filho do Senhor Dom João V) com Dom Francisco, etc.; depois, coches com os respectivos

Guarda-Roupas, berlinda com o Confessor e mais padres, *que assistiam á Rainha,* outra com o Corregedor, coches com os Camaristas dos Senhores Infantes, berlindas com os Veadores das Senhoras Princesas, coches de Respeito dos Senhores Infantes e Princesas, da Rainha e do Rei, dito com as Majestades e Familia Real, tres seges de El-Rei, outras tantas da Rainha... uma do Senhor Infante Dom Francisco...

—Não ha que pensar no *guapo coche* do Senhor Dom Manuel, como certo contista fantasia — contestação esta que não é gratuita, pois que se esteia no exame da correspondencia diplomatica de João Gomes da Sylva, durante o periodo que vae de 1716, anno em que, contra o animo de seu augusto Irmão e Rei, se dispôs *a proseguir a gloriosa reputação com que já era universalmente venerado seu esclarecido nome,* até o anno de 1736. Não é raro que a historia cesse onde o romance principia e que a historieta nasça, quando o estudo morre. Em lucta sangrenta contra os Turcos, ligado ao enfurecido Cabo de guerra Principe Eugenio da Hungria (*o famoso capitão... o heroe de dez batalhas*), pelejando em terra *pelo rendimento de Belgrado* (já que de balde *pedira o commando da esquadra em defesa do Papa*), *ferido de bala* em reconhecimento á Praça de Temeswar (a Temiswar de Soliman II, o mais celebre dos sultões othomanos), *libertado de perigos por D. Luis de Almeyda* (o distincto Gentilhomem e *adestrado Sargento mór de Batalha*), recolhendo á patria em 1734, *aonde foi restituido á Real graça de El-Rey, que até então não lográra,* só pelo dom divino da ubiquidade poderia simultaneamente assistir de carro nobre á celebrada Jornada ao Caia!

Teve-o, é certo, e nelle principescamente divagou, *gastando das rendas de seu Pay,* emquanto residiu em Haya, antes de partir para os regimentos da Hungria *como soldado da fortuna,* dizia elle de si mesmo — interpetrar-se-ha aventureiro, mas *inconstante* é que o Rei lhe chamava. — Esta lenda do *coche de Dom Manuel* concorreria, de sua vez, para est'outra dos *carros manuelinos?...*) —

Ao prestito, que iamos *per summa capita* historiando, não faltaram berlindas com as Camareiras-móres, Senhoras de Honor e Damas, tres das Açafatas, etc.

Fez parte desta marcha o coche *Oitavado* (Deposito II), para ella fabricado, como carro nobre destinado ás refeições Regias.

Assim este numerosissimo estado proseguiu até Elvas a sua imponente desfilada. Daqui ao Caia foi o assombroso cortejo constituido por quarenta e nove *berlindas* e cento e quarenta e seis *seges* com varias caleças e *liteiras.*

É curioso citar o avultado numero de *urcos* para o tiro dos coches — foram trezentos e cincoenta e quatro; cavallos e muares para seges e moços — quatrocentos e sessenta e oito; cavallos de sella com soberbos telizes broslados a ouro — seiscentos e setenta e tres; muares para *liteiras,* galeras, carros-matos — trezentas e dezaseis, etc., etc.

(Note-se que, em Hispanha, nesta epoca, o uso fidalgo da *liteira* estava mais arraigado do que em Portugal, porquanto não foi em coche — havendo-os de sobra — que a Esposa do Sr. Dom Fernando, Principe das Asturias, recolheu á Côrte do Sr. Dom Filipe V. Haja vista ao seguinte depoimento de um chronista sevilhano:

. . . . . .
...; pero Don Fernando
al iman de sus potencias
Maria Barbara, puso
en una hermosa litera
tan summamente custosa,
que baste decir, que en ella
se gastó médio millon,
segun prueba verdadera).
. . . . . .

Identicas foram as condições do regresso.

Chegadas as Reaes Pessoas ao Montijo, embarcaram no seu bergantim, aproando ao convento da Madre de Deus e em seguida a Belem para, no mesmo dia, darem ingresso na cathedral, recolhendo por fim ao Paço do Terreiro.

E para tudo dava de sobra a pingue lavra das minas de ouro e diamantes da America!

(*O dinheiro do Brazil vem muito a proposito para as despesas que havemos de fazer em Roma com a eleição do Papa*, dizia-se de Haya para D. Luis da Cunha, em 1724).

Não é, portanto, exagerado affirmar-se que El-Rei o Senhor Dom João V mandou fazer muitos mais carros que todos os Monarchas seus antecessores, e que o seu reinado marca o cyclo culminantemente apogistico na pomposa exhibição das Equipagens Reaes. Nunca, em ceremonias publicas, Rei algum do Occidente igualou a fervida solemnidade do grande *Salomão português*, que logrou exceder, neste ponto, o seu esplendoroso antagonista de França.

Monarcha algum, como o grandioso Filho do Senhor Dom Pedro II, conseguiu com o luzimento dos seus apparatos fazer realçar tanto os esplendores da Realeza.

E, nesses tempos cavalleirescos, Rei, que não fosse *um Dom João V*, só conseguiria ser o derradeiro dos Fidalgos,

«Na terra que aos Lusos coube em sorte».

NOTA 16

Este necessario complemento dos textos respeitantes aos coches *D. Carlota Joaquina-A* e *B* do Deposito I (e, portanto, *C* do Deposito II) mira á destruição de dois equivocos occorrentes.

Geralmente, quando se fala em esquipagens organizadas para a jornada da *Entrega das Senhoras Infantas*, suppõe-se logo — e somente — (com palpaveis incoherencias, varios anachronismos e até manifestos absurdos) a ida dos Monarchas Senhores Dom João V e Dom Filipe V ao Caia, onde a Princesa de Portugal Senhora Dona Maria Barbara tomou por Esposo o Principe das Asturias, Sr. Dom Fernando e a Princesa de Castella Sr.ª Dona Maria Anna Victoria recebeu por Marido o Principe do Brasil, Senhor Dom José (aquelle, mais tarde, o Rei Sr. Dom Fernando VI; este o Rei Senhor Dom José I).

Deve notar-se que, alem desta *Entrega*, celebrada em 1729 no ephemero palacio do Caia, como *zona neutra*, uma outra houve realizada no anno de 1785, em Villa Viçosa, como terreno *momentanea e amigavelmente commum*, onde a Infanta portuguêsa Senhora Dona Mariana, Filha de Suas Majestades El-Rei o Senhor Dom Pedro III e Rainha Senhora Dona Maria I, fez o seu enlace matrimonial com o Sr. Infante de Hispanha Dom Gabriel, e o Infante Senhor Dom João (depois Rei Dom João VI de Portugal) se consorciou com a Sr.ª Dona Carlota Joaquina, Neta do Sr. Dom Carlos III, Monarcha de Castella e Rei de Napoles, o colonizador da *Sierra Morena*, factor do imprudente *Pacto de familia*, pelo qual a Hispanha saiu da neutralidade, em que Fernando VI socegadamente a havia encerrado.

(Tinha esta Senhora apenas *once años de edad*, conforme diz Bernardino Herrera, nas suas *Memorias Historicas de los Despozorios... de las Reales Bodas... en el año de 1785*).

Emquanto o cortejo de Suas Majestades e Altezas Fidelissimas parte de Belem para Aldeia Gallega e descansa em Vendas Novas no *Palacio de los Passajes*, consoante narra o citado autor (feito para o grandioso apparato da primeira *Entrega*) para, com as mudas dos tiros na cidade de Evora, chegar a Villa Viçosa, sae de Aranjuez para Toledo o Real prestito hispanhol afim de, por Badajoz e Elvas, se recolher ao Paço da Serenissima Casa de Bragança, sito nos mimosos vergeis da antiga Callipolis.

Grandiosas foram no Palacio brigantino as *Serenatas de cantores italianos;* mas, em numero de assistentes, numericamente inferiores ao festejo feito em Madrid pelo Embaixador de Portugal, que convidou *cerca de dos mil personas*... para a celebre *cena y baile* de 27 de março.

Era o dia da apresentação ante-nupcial ou esponsalicia — a que os escritores da epoca, no reino vizinho, por marcial, engraçada e emphatica analogia, chamavam *Escritura de Capitulaciones Matrimoniales.*

Como auxilio corroborante á interpretação parcial de alguns dos paineis do coche *D. Carlota Joaquina-A,* passo a descrever a medalha preparada para a perpetuação do solemnissimo acto destas *Entregas.* É invento do Padre Garnier da Real Capella dos Francêses em Madrid, cinzelado em Lisboa por José Gaspar, correctissimo primeiro gravador da Casa da Moeda.

O anverso tem por typo um altar antigo de pyra chammejante, sobre o qual dois pequeninos Genios aguentam *tres* corações afogueados, emquanto um outro *Amorino* (o Hymeneu), de corôa de rosas e myrtho numa das mãozinhas e facho incendiario na outra, paira por cima delles, alegre e festival.

O coração do meio é, a meu julgamento, a allegorica carnificação do *Amor,* sublimando a ardentia dos dos extremos, que figuram ser os dos Infantaes esposos.

Aos lados da *ara circularis,* á frente afestoada com um vistoso *encarpa* ou entrançado de frutos e flores, divisa-se dois campos ferteis — um, com a vista do Terreiro do Paço banhado pelo formoso Tejo; outro, com um palacio Real e o leito do Manzanares.

A legenda, que circuita esta symbologia, é: — AVGVSTA. CONNVBIA. DIVTVRNÆ. FELICITATIS. PIGNORA. (*Augustos enlaces, penhores de uma eterna felicidade.*)

No exergo, datas com referencia ás Côrtes de Madrid e de Lisboa: — MATR. XXVII. MART. OLISIP. XII. APR. (*Madrid, 27 de março — Lisboa, 12 de abril.*)

São os dias das *Petições* officiaes, por intermedio dos respectivos Embaixadores Plenipotenciarios (em Lisboa, D. Carlos Gutierres de los Rios, Conde de Fernan Nuñez — em Madrid, D. Aires de Sá e Mello), porque o acto matrimonial, propria, pessoalmente tal, teve logar em Villa Viçosa, a 25 de abril do supra referido anno.

Davam-se, ás vezes, neste sentido, quatro ephemeridas diversas, correspondentes a phases periodicas de um mesmo acto substancial: — outorga preliminar do documento ante-nupcial ou celebração do contrato esponsalicio, isto é, da promessa reciproca de futuro Matrimonio, feita por Delegados *ad hoc* com as solemnidades do antigo estilo — depois, a ceremonia religiosa tocante a este acto puramente civil — nalguns casos, o proprio casamento procuratorialmente celebrado — por fim, a comparencia dos Constituintes, em ordem á repetição do consentimento (não necessaria, mas simplesmente *ad cautelam*) e assistencia pessoal ás bençãos da Igreja.

Daqui, confusões, replicas e contestações, em que certos historiadores e criticos se vêem dispensavelmente embrenhados.

O reverso da dita medalha commemorativa tem por typo uma simples corôa de rosas e murta, acompanhada pela inscripção: — GEMINATAM. POPVLORVM. LÆTITIAM. GRATVLANTVR. (*Os dois Povos se congratulam com esta mutua alegria.*)

No exergo, as siglas: — C. C. F. N. L. H., que se completam e traduzem *C*(arolus) *C*(omes) *F*(ernan) *N*(unnensis) *L*(egatus) *H*(ispaniæ) — *Carlos, Conde de Fernan Nuñez, Embaixador de Hispanha.*

Para bem se julgar do extraordinario tom das equipagens portuguêsas e movimento correspondente á celebração destes actos, basta considerar que a sumptuosidade do estado e ceremonial português excedeu o brilhantismo do cortejo hispanhol, e que a grandiosidade da jornada para as *Entregas de Villa Viçosa* foi sensivelmente inferior a das *Entregas do Caia*. Pois, uma autoridade insuspeita dá, por parte da Hispanha, a seguinte nota sumptuaria, relativa ás habilitações para o cortejo da vinda da Sr.ª Dona Carlota Joaquina (afóra as despesas com os presentes feitos em Paris): — *...asi de Casa Real, como de Caballeriza... quatro milliones, dos cientos veinte y ocho mil, dos cientos setenta y nueve reales y diez y ocho maravedises.*

Acêrca do estado de gala, com que o Embaixador de Portugal deu a sua entrada publica em Madrid, apenas sei que, depois da *Carroza Del Rey con quatro mulas á guias* e dos *seis bellos caballos* do Plenipotenciario, *ricamente enjaezados y encobertados con las armas de S. E.*, iam os seus quatro coches *muy primorosos y de exquisito gusto, con quatro hermosos caballos* cada um, *y ocho Lacaios á pié.*

Era Aires de Sá e Mello, que não deve confundir-se com o Embaixador para a *Introducção* em Villa Viçosa — D. Henrique de Menezes, Marquês do Louriçal, antigo Plenipotenciario de Turim e Roma.

Destas *aprimoradas* equipagens cuja *finura de gosto* tanto surprehendeu a Côrte de Hispanha (as quaes, como embaixatoriaes, eram pertença da *Casa Real Portuguêsa* e que não pereceram em 1755, pois que fizeram estado trinta annos depois) tambem nada mais resta do que o seu desditoso registo obituario nas linhas desta *Nota*.

— Agora o segundo prejuizo a pulverizar.

Eram cinco os carros nobres que, até Villa Viçosa compuseram o *Acompanhamento* da Nubente, Sr.ª Dona Carlota Joaquina de Bourbon: — coche *de la Persona* — coche *de Camera* (com o *Caballeiro Mayor* ou Estribeiro-Mór, etc.) — coche *de Damas* — coche de *Camaristas* (*Azafata*, etc.) — coche *de la Facultad* (*el Medico, el Cirurjano y el Boticario de Camera*). O coche do *Secretario de Entregas* havia marchado com antecipação.

Pela lição do indicado Bernardino Herrera se conhece que *estes mesmos* carros transportaram depois para Hispanha a Senhora Infanta Dona Mariana.

Não foi, portanto, como se usa dizer, nos coches intitulados *D. Carlota Joaquina* que a futura Rainha de Portugal fez o seu ingresso neste país. De Villa Viçosa até Aldeia Gallega (segundo a pragmatica adoptada) tomou a equipagem do seu joven Esposo. Intactos, pois, ligados como pertença de nupcias ás restantes joias do seu riquissimo enxoval, entraram elles em Lisboa, onde os aguardavam as momentosas luminarias, com que o principesco consorcio foi commemorado, a 8 de maio de 1785, pelo Conde Fernan Nuñez que, na qualidade de Embaixador, residia no Paço dos Estáos (mandado fazer, em 1449, pelo instruido Infante Senhor Dom Pedro — quando Regente durante a menoridade do *Principe* seu Sobrinho, o futuro Rei Senhor Dom Affonso V — visto carecer-se em absoluto de condigna *aposentadoria, hostáo*, para os representantes das Côrtes estrangeiras, então apparatosamente frequentes).

E tanto brado deu, por este festival ensejo, a esplendecente illuminação, que *Ainda hoje, ao ler certos livros velhos, se lhes percebe o clarão!* Assim, com a sua graça sempre cortesã e fartamente erudita, escreveu o Sr. Visconde de Castilho na, tão operosa quão brilhantemente doutoral, *Lisboa antiga*.

NOTA 17

Á familia vehicular, denominada *Carrinhos de passeio nas Quintas*, deve agregar-se um grupo, de funcções um tanto homologas, o das *Seges de Campo* — algumas dellas com os seus adestrados *tiros de caça* vindos de Hollanda, segundo se apura numa carta de Utrecht para D. Filipe de Sousa no anno de 1713, epoca em que, ao cuidado de D. Duarte da Camara, tambem chegavam da mesma procedencia *os passaros* (*falcões e açores*) *para serviço do Sr. Infante D. Francisco* que, *com licença de S. M. muito costumava passar a AlemTejo, para divertir-se pelas suas terras de Beja, Serpa e Moura, hindo cassar a Serpa.*

Eram vehiculos particularmente destinados ás caçadas, as quaes, no tempo de El-Rei o Senhor Dom José I, eram de magnificencia verdadeiramente *Real* — talvez excedente á dos reinados, do seu Augusto Pae, o Rei Senhor Dom João V, e do seu venerando Avô, *senhor Rey D. João o IV* — que, *á vara larga* ou *pampilho*, até touros, *cõ algũs caualleiros, ...bem rendia em o campo*, ao querer *trasel-os á praça*, onde iam *com peitoraes de cascaveis, pera melhor buscarẽ o cauallo...* (consoante escreve o seu Mestre Picador Galvam d'Andrade, na *Arte... dedicada ao Principe D. Pedro...*). Por incidente travação de ideias, seja dito que tambem este Senhor, de afamada *destreza no exercicio da montaria Real*, não só matava *veados, & janalizes cõ sua lãça* e com *a espada*, mas com esta e com o *garrocham* abatia *asperos touros*. E tudo *cõ briozo ar, & notoria força...* (Os *garrochoens eram de outo palmos cõ o ferro, & as garrochas de noue...*; assim como a *lãça de mõtear tinha dezanoue..., fóra o ferro...*, traçado *a modo de folha de cedreira*. Loc. cit.). Muito de designio deixei reservada para este appendiculo a noticia de uma singular funcção da *Liteira* — inedita; adjuncção é deductivel do seguinte periodo (pag. 430) do supracitado autor — que era *hũ grãde homẽ de cauallo, o qual obrou as mais difficultozas cauallarias no cazamẽto do senhor Rey D. João o IV: Tambẽ está introduzido trazerẽ o cauallo detraz da liteira...; he melhor ir adeante, porque a vê o caualleiro melhor e ao lacayo.*

No governo do Monarcha *Reformador* (proficientissimo na equitação) tudo em Picaria se achava cuidadosamente arregimentado, a ponto de haver um Regulamento proprio para *trabalhar os cavallos de guerra e da caça — tanto de veação, como volatil.*

Perfeitamente disciplinados os *ranchos*, que iam bater as moitas em busca dos *veados, cervas* e *vareiros*, dos *biques, gamos* e *javalis*.

A *caçada Real* em fórma tinha um previo cortejo, onde as *Seges de campo* occupavam, no couce, o seu logar de alinhamento, como se vê da celebre montaria á primeira mata do Bilrete, na villa de Salvaterra de Magos — uma das mais faladas nos annaes venatorios do Portugal dessas eras.

Ao raiar da aurora do dia 21 de julho de 1766, rufam os tambores para o apresto dos *Guias, Caçadores, Moços do monte* e *Emprazadores*, dos *Batedores, Couteiros* e *Carregadores das espingardas d'El-Rei*.

Vae caçar-se a corricão. Aberto o canil, lá vão á trela dos *moirisquinhos* os *filas rebellões*, a fogosa matilha dos sabujos e podengos, pelo seu cynagogo mal contidos. (*Caçar cõ caens de trella, se faz cõ pouca gente, & he hũa caça muyto enfadonha, & trebulhosa*). Prestes a abalar, por entre relinchos e tropeadas, começa a sequiosa cavalgata buzinando nas suas trompas. Azemeis e falcoeiros, açoreiros e cavalhariços, com os seus alões *de arremettida*, tudo álerta.

Para evitar que alcancem estrepes e para resguardo das quartelas, acham-se de antemão *chapeados* e munidos de *çapatilhas* os cavallos, que hão de *correr mato* com os seus *peitoraes* de defesa.

Era de tres tiros o *Carro das armas.*

Rompem a marcha os *ranchos* das Majestades e Alteza; primeiro, o Estribeiro-Mór com dezoito Picadores afim de, antes que El-Rei atire, correrem a pampilho as feras, que ousassem sair da ala.

Aproximam-se, por fim, as *Seges de campo* com o Monarcha e Sua Augusta Esposa, a Sr.ª Dona Anna Victoria — de quem a historia reza haver sido com *grande ar no baile e habil na espingarda.*

No encalço, o Senhor Infante Dom Pedro (depois Rei Dom Pedro III) com o seu camarista D. Vasco da Camara, o Conde de La Lippe e o Principe de Mecklenburgo, Irmão de Sua Majestade a Rainha da Gran-Bretanha — que muito se admirou por ver como os Fidalgos portuguêses se apeavam para *pegar nas feras,* quando succedia *atoarẽ*...

E tinha razão (fala agora um grande Monteiro, um arrojado callipolense do fim do seculo XVII, que tão bem, nos tojaes de Salvaterra e Pancas, *tẽteava a lãça,* como, nas mouteiras de Almeirim, *matava cõ as ballas*): *Quatros riscos ordinarios,* diz elle, *teem os caualleiros se descerẽ a pegar nos porcos, & vem a ser os dentes delles, os ferros das lãças, os couces dos cauallos, & os dẽtes dos caens*...

Hum dos maiores riscos que ha nas montarias, he o quererẽ os caualleiros tomar os porcos ás mãos pera os meterẽ em gayolas, & os leuarẽ ás praças... afim de os verẽ pellejar cõ outros animaes, intentãdo rendellos cõ os contos das lãças. ...O Senhor Dom Pedro era, no seu tempo, *o caualleiro que mais levava os olhos de todos,* porque, muitas vezes, *desestimava tanto animaes ferozes, que nem uzando das armas, os sogeitava cõ os braços* .. Com effeito, isto de *tirar-se ao porco* era empresa bem arriscada, do que, *cõ a lãça de alto, mas metida no riste, ir mõtear* rapozos ou gatos tixugos, monteses ou *sacarrabos.*

Não espanta que se *tirasse* com denodo aos bichos ferozes quem, como D. Vasco, sentia pulsar nas veias o sangue daquelle, que tanto aterrou o Arabio de Mombaça e dispersou os corsarios de Mangalor, quando Mestre de Campo dos Terços de Goa e General dos Galeões da India.

Era um dos Avoengos do Sr. D. Vasco da Camara (actual Veador de Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Maria Amelia de Orléans) — Fidalgo que em tudo honra o trilho da sua alta progenie.

Tanto se afidalgavam as formalidades da epoca nas caçadas *Reaes* havidas no começo do seculo XVIII, em Salvaterra de Magos (donde *S. S. M.* e *A. A.* usavam *passar ás batidas de Almeirim*) que eram, ás vezes, antecedidas por *Entrada publica* feita na povoação, rigorosamente official ao extremo de nem ser dispensada a comparencia dos proprios *Reys de armas* — como foi a de janeiro de 1713, noticiada para Haya em carta expedida de Santarem aos 3 de fevereiro deste anno.

Já no governo do sombrio Monarcha, o taciturno Senhor Dom João III, era Almeirim a *Sintra de inverno* daquelles tempos; os *verdes arneiros,* as *coutadas de lebres e veados,* a *arribação das aves,* com o confortavel remanso do seu *Paço de D. João I* davam ao sitio uns ares attrahentemente cynegeticos. Perto de si (como diz o *Mon. Lusit.*) para a caça *de volateria,* tinha o Palacio henriquino das Alcaçovas escalabitanas uma casa de *mudas,* onde as aves se remanchavam para o labor das suas novas plumagens.

Desde o seculo XVII que vinha ecoando a alvorotada fama das caçadas salvaterrenses e do apresto das equipagens venatorias, em que a ellas se dirigiam varonis Princesas de Portugal, salientando-se a Senhora Dona Isabel — fruto unico do matrimonio do Senhor Dom Pedro II com a Sr.ª Dona Maria Francisca de Saboia — finada

em 1690, mallogrando-se assim o seu projectado enlace com o Duque Victor Amadeu. (Foi este monarcha que ao Paço de Salvaterra, fundado pelo engenhoso Infante Senhor Dom Luis — o heroe de Tunis — filho do Rei Senhor Dom Manuel I, deu vastas ampliações de moradia e jardins).

Era a sobredita Senhora em extremo arrojadiça *no dar caça ao javali,* e tão impetuosa que, numa dessas suas infladas empresas, provocou, na lyra do inclito Padre Antonio Vieira, a seguinte, entre outras decimas :

Io q̃ en la selva nascí
por sangre, y padres bruto,
pagando el mortal tributo
el de ser bruto perdí:
Si en la vida Javalí,
al morir fuè racional,
pues moriendo à man tal,
fuè con tan discreta suerte,
q̃ supe escoger la muerte
para quedar immortal.

A caçada ao javardo era então o allucinado encantamento dos magnates e, em especial, do irrequieto e encaprichado Infante Senhor Dom Francisco, cego em toda a sorte de correrias, alarmando, não poucas vezes, a Côrte com os seus reprehensiveis desastres — ... *S. M. partio... com a noticia de haver quebrado hũa perna* .., *cahindo o cavallo, perseguindo S. A. um javali* — rumor que, em abril de 1712, voou até Holanda.

Das *Seges de Campo* destinadas aos torneios da caça nenhum exemplar existe, ao presente; mas legitimamente se conclue que deveriam ser tambem uns carros *pequenos* e necessariamente *sem cobertura,* porquanto, ás vezes, *enveredavam atalhos* para encurtar caminho, e *delles se apontava ás peças* de supito apparecidas.

Ainda, em 1833, no Inventario das cocheiras *da Banda da Praia* ou Reaes cocheiras *dos Levantados,* se registava um *carro* venatorio de El-Rei o Senhor Dom José I; e as notas relativas ás cocheiras *de Belem* (1853) inscrevem carrinhos *descobertos para o serviço de caça,* especificando, noutra parte, os carrinhos identicos *para as caçadas* de Mafra.

NOTA 18

As *cambotas,* que a maior parte das berlindas e carrinhos de um e outro Deposito teem — cujo alcance preventivo é de facil intuição — não constituem de certo essa providencial melhoria architectonica imaginada por Bento de Moura Portugal, que o Rev. Abbade de Castro e Sousa aponta no seu conhecido folheto, intitulado *Noticia acêrca dos antigos coches da Casa Real.*

No *reservado* F. 74 da Bibliotheca Publica de Lisboa, existe do citado inventor um livro, impresso em Coimbra no anno de 1821, que, a pag. XLI, fala, com effeito, de uns correctivos de segurança por elle adaptados a carros da Casa Real, dizendo (*sic*) :

...o carro que inventei, o qual por força do mesmo vento que o procura directamente em rumo contrario; e tambem o cordão pelo qual apeava qualquer cego da boléa,

ficando as duas bestas soltas com a mesma acção, o que na côrte se pode excusar por haver muita gente que anda na jornada e campanha é muito conveniente. O carro...

Ora, eu não impugno a maravilha do invento; o que contesto é a comprehensibilidade da descrição de uma mecanica tão transcendente.

NOTA 19

Importa conhecer-se — quanto ser possa — a *biographia* dos carros nobres da Casa Real, no tocante á composição dos estados, em que elles teem figurado até o presente.

Este ponto de vista a mais, no *historico* de tão aprimorados vehiculos, é uma exigencia de Methodologia.

A lição, que segue, não é uma ementa simplesmente luxuosa no systematico enchiridio, que me propus; é uma evicção racional do principio absoluto de finalidade e, como tal, um verdadeiro complemento logico da tarefa intentada.

Á falta de registo completo que — *pari passu* — tenha chronologicamente acompanhado a funcção de cada um destes carros (pomposa de alegria ou de tristeza), lembramos o que, acêrca delles, vae dito na secção, que individuadamente lhes pertence e no historiamento topico de alguns sequitos, muito de industria descritos neste Appendice ou corpo de Notas.

A formação de um cortejo — festival ou luctuoso — obedece a umas tantas formulas de tradicional pragmatica, fundamentalmente reductiveis a tres.

1.ª Os coches e berlindas estão usualmente divididos em tres grupos, extremadamente hierarchicos, onde se vae buscar o elemento *predominante* da composição de cada estado. São:

a) Coches — *da Corôa, D. João V, Clemente XI, D. Maria de Austria, D. José I;*

b) Coches — *Infante D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A, D. Anna Victoria-A;* berlindas — *D. Maria I-A, D. Pedro II-A*;

c) Coches — *D. Carlota Joaquina-A* e *B*; berlindas — *D. Pedro II-B* e *C.*

2.ª O coche e a carruagem *da Corôa* só entram em determinados estados, a que Sua Majestade Reinante preside, como equipagem *da Real Pessoa.*

3.ª Os coches *pretos* pertencem sómente ao funeral dos Reaes adultos.

Tocante ao *exclusivismo* do coche *da Real Pessoa*, interessa fixar o melindre, com que esta exigencia era sempre frisada ao expedir-se qualquer aviso da antiga Secretaria de Estado.

Dentre varios apontamentos por mim tomados nos archivos da Academia Real das Sciencias fixei, de mescla, uns dos quaes basta citar os seguintes, para sufficiente generalização deste asserto:

α) em carta de Luis Teixeira de Carvalho ao Estribeiro-Mór D. José de Menezes (abril de 1688), relativa á formação do estado na audiencia do Enviado Extraordinario do Rei de Castella, se recommenda .. *hum coche bom, não o da Pessoa...*;

β) no agosto do mesmo anno, Mendo Foyos Pereira, depois de fazer conhecer ao Estribeiro-Mór que ao Bisconde (*sic*) de Villa Nova da Cerveira competia receber o Embaixador de França, diz-lhe que... *tenha prompto o coche de S. Magestade, não o da Pessoa...*;

γ) nas ordens dadas por escrito ao Estribeiro-Mór, Conde de Vianna — outubro de 1693 — com o fim de acompanhar o Nuncio á *Casa da Hospedagem* (termo consagrado ás residencias dos Embaixadores — eram *Hospedes*), se determina que... *vá hũ coche, não o da Pessoa Real, mas um dos de S. Magestade; o melhor e dous ou 3 mais...*

Não obstante ser praxe firmemente estabelecida, reconhece-se nesta escolha uma preoccupadissima cautela.

*

* *

Não tem havido apontamentos perfeitamente regulares sobre a numeração e especificação das equipagens, que hão composto os diversos estados de gala ou de luto — lacuna que, felizmente, já deixou de existir com a actual remodelação desta ordem de serviços.

A meu estremoso irmão, Francisco Botto — dedicado auxiliar do Estribeiro-Menor da Casa Real, Sr. Alfredo de Albuquerque, na montagem do Museu — devo a valiosa compilação das noticias respectivas a este assunto, naturalmente divididas em duas secções.

A lista dos estados compostos pelos *Coches e Berlindas* pertence a este volume, que se occupa do Deposito I; a dos constituidos pelas *Carruagens de gala* exara-se no outro tomo, que corresponderá ao Deposito II.

Baptisado da Infanta Senhora Dona Antonia

(Abril de 1845)

Coches: — *da Corôa, D. João V, D. José I, D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A, D. Maria de Austria, D. Anna Victoria-A.*

Berlinda: — *D. Maria I-A.*

Funeral do Senhor Infante Dom Leopoldo

(Maio de 1849)

Coches: — *D. João V, D. José I, D. Francisco-A, Clemente XI, D. Maria de Saboia-A, D. Maria de Austria.*

Berlinda: — *D. Pedro II-A.*

Funeral da Infanta Senhora Dona Maria

(Fevereiro de 1851)

Coches: — *D. João V, D. José I, D. Francisco-A, Clemente XI, D. Maria de Saboia-A.*

Berlindas: — *D. Maria I-A, D. Pedro II-A.*

Funeral de Sua Alteza Imperial a Senhora Dona Maria Amelia (vinda da Madeira)

(Abril de 1853)

Coches: — 2 *pretos, D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria, D. Maria de Saboia-A.*

Funeral de Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Maria II

(Novembro de 1853)

Coches: — 2 *pretos, da Corôa, D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria.*

Casamento de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Pedro V

(Julho de 1858)

Coches: — *da Corôa, D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Francisco-A, D. Maria de Austria, D. Maria de Saboia-A, D. Anna Victoria-A.*
Berlindas: — *D. Pedro II-A, D. Maria I-A.*

Funeral de Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Estefania

(Julho de 1859)

Coches: — 2 *pretos, da Corôa, D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria.*

Funeral de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Pedro V

(Novembro de 1861)

Coches: — 2 *pretos, da Corôa, D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria.*

Casamento de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Luis I

(Outubro de 1862)

Coches: — *da Corôa, D. João V, D. José I, D. Francisco-A. Clemente XI, D. Maria de Austria, D. Maria de Saboia-A, D. Anna Victoria-A, D. Carlota Joaquina A* e *B.*
Berlindas: — *D. Maria I-A, D. Pedro II-A, B* e *C.*

Funeral de Sua Majestade a Imperatriz do Brasil e Rainha de Portugal Senhora Dona Carlota Joaquina

(Janeiro de 1873)

Coches: — 2 *pretos, da Corôa, D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria, D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A, D. Anna Victoria-A.*

Funeral da Senhora Infanta Dona Isabel Maria

(Abril de 1876)

Coches: — 2 *pretos, da Corôa, D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria, D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A.*

Embaixada Birmanica

(Janeiro de 1877)

Coches: — *D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A.*
Berlinda: — *D. Maria I-A.*

Embaixada Marroquina

(Maio de 1878)

Coches: — *D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A, D. Anna Victoria-A.*
Berlindas: — *D. Maria I-A, D. Pedro II-A.*

Centenario de Camões

(8 de junho de 1880)

Coches: — *D. Maria de Saboia-A, D. Anna Victoria-A.*
Berlinda: — *D. Maria I-A.*

Embaixada Hispanhola

(Junho de 1885)

Coches: — *D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A, D. Anna Victoria-A.*
Berlinda: — *D. Maria I-A.*

Funeral de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Fernando

(Dezembro de 1885)

Coches: — 2 *pretos, da Corôa, D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria, D. Francisco I, D. Maria de Saboia-A.*
Berlindas: — *D. Maria I-A, D. Pedro II-A.*

Casamento de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Carlos I

(Maio de 1886)

Coches: — *da Corôa, D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria, D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A, D. Anna Victoria-A.*
Berlindas: — *D. Maria I-A, D. Pedro II-A* e *B.*

Embaixada de Hispanha

(Maio de 1886)

Coches: — *D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A.*
Berlinda: — *D. Maria I-A.*

Funeral da Senhora Infanta Dona Maria

(Dezembro de 1887)

Coches: — *D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A.*
Berlinda: — *D. Maria I-A.*

Trasladação dos restos mortaes de Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Luisa de Gusmão do Convento de Santo Agostinho, ao Beato, para o Real Jazigo de S. Vicente de Fora

(Janeiro de 1889)

Coches: — 1 *preto, D. Anna Victoria-A, D. Carlota Joaquina-A* e *B.*

Funeral do Senhor Infante Dom Augusto

(Outubro de 1889)

Coches: — 2 *pretos, da Corôa, D. João V, D. José I, D. Maria de Saboia-A.*
Berlinda: — *D. Pedro II-A.*

Funeral de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Luis I

(Outubro de 1889)

Coches: — 2 *pretos, da Corôa, D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria, D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A, D. Anna Victoria-A.*
Berlindas: —*D. Maria I-A, D. Pedro II-A.*

Acclamação de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Carlos I

(Dezembro de 1889)

Coches: — *da Corôa, D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria, D. Francisco-A.*
Berlinda: — *D. Pedro II-A.*

Funeral de Sua Majestade a Imperatriz do Brasil Senhora Dona Maria Christina

(Janeiro de 1890)

Coches: — 2 *pretos, da Corôa, D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria, D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A.*
Berlinda: — *D. Pedro II-A.*

Embaixada Marroquina

(Dezembro de 1891)

Coches: — *D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A, D. Anna Victoria-A.*
Berlindas: — *D. Maria I-A, D. Pedro II-A.*

Funeral de Sua Majestade o Imperador do Brasil

(Dezembro de 1891)

Coches: — 2 *pretos, da Corôa, D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria, D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A.*

Entrega da Rosa de Ouro a Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Maria Amelia de Orléans

(Julho de 1892)

Coches: — *D. João V, D. José I, D. Maria de Saboia-A.*

Embaixada Inglêsa

(1901)

Coches: — *D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A.*
Berlinda: — *D. Maria I-A.*

Chegada de Sua Majestade Lord Eduardo VII da Inglaterra

(Abril de 1903)

Coches: — *D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria, D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A.*

Chegada de Sua Majestade El-Rei o Senhor D. Afonso XIII da Hispanha

(Dezembro de 1903)

Coches: — *D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria, D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A, D. Anna Victoria-A.*
Berlinda: — *D. Pedro II-A.*

Chegada de Sua Majestade o Imperador Guilherme II d'Alemanha

(Março de 1905)

Coches: — *D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria, D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A, D. Anna Victoria-A.*
Berlinda: — *D. Pedro II-A*

— A epoca tardia da revisão desta parte do livro permittiu o grato ensejo de ainda poder ser adjunta a nota da composição do estado de gala para a

Chegada de Sua Excellencia o Presidente da Republica Francêsa Emile Loubet

(Outubro de 1905)

Coches: — *D. João V, D. José I, Clemente XI, D. Maria de Austria, D. Francisco-A, D. Maria de Saboia-A, D. Anna Victoria-A.*

— De todos os cortejos supra apontados, o do casamento de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Luis I, de pranteada recordação, foi o que levou o maior numero de equipagens (quatorze) — dez coches e quatro berlindas, isto é, a totalidade dos carros nobres viaveis, existentes no Deposito I.

NOTA 20

Este pequeno supplemento é completivo da biographia de dois dos carros nobres mais distinctos da collecção — *Papa Clemente XI* e *D. José I.*

Simultaneamente aponta a ordenação summaria de um cortejo de gala já extincto e consigna locuções *technicas* cujo sentido insta aquilatar bem.

Em officio de 13 de setembro de 1798 [1] dirigido ao *Sr. Marquez de Pombal* [2], declara-se-lhe que fôra escolhido por Sua Majestade para *conduzir e acompanhar o Arcebispo de Damiata* [3], *Delegado Extraordinario* em ordem á *Apresentação das Faixas* [4], no prestito que opportunamente deveria seguir da sua residencia (á Boa Morte) até o

---

[1] Assinado por Luis Pinto de Sousa.

[2] Era o 2.º Titular deste nome e 2.º Conde de Oeiras, Henrique José de Carvalho e Mello, porque o 1.º (Sebastião) havia-se finado — mais por amargura, do que pela doença physica ou senilidade — na sua Quinta de Pombal, em 1782.

[3] *Damiata* está no documento em vez de *Damieta*. O Arcebispo era, *in partibus infidelium*, Titular desta cidade copta, assente numa das bocas orientaes do Nilo ao sul da primitiva povoação egypcia do mesmo nome, arrasada pelos Arabes, pouco depois da sua conquista pelo Rei S. Luis de França, em 1249. *Damiata* é, pelo contrario, a *Damiatte* dos Francêses, no Languedoc, com Bispo *proprio* — diocese de Montpellier.

O citado Arcebispo, então Cardeal decano do Sacro Collegio (antigo Nuncio em Portugal), chamava-se Bartolomeo Pacca di Benevenuto.

[4] A expressão *Faixa benta*, usada pelo Rev. Abbade de Castro e Sousa, é incurial e irritualista; só a frase *Faixas Bentas* ou o termo *Faixas* tem sancção official e liturgica.

Neste sentido, é plural *sem singular* — formula insubstituivel, por quanto é a unica que literalmente corresponde á palavra *Fascie* ou á locução *Fascie benedette*, ritualisticamente consagradas. Constituiam um agrupamento *de sua mesma essencia*, visto como eram formadas de *drappi nobilissimi ricamati d'oro* (ás vezes ornadas *di miniature*, com rendas e pedras preciosas — *con merletti e gemme*); quasi sempre incluiam varias outras oblatas, mais ou menos adequadas á idade infantil do Presenteado (*ed altre cose adattate all'uso dei*

Real Palacio de Queluz. Em integral obediencia ao Regio mandado, foi o cortejo composto pela seguinte forma:

.....

Fidalgos da Côrte, representados pelos respectivos Gentishomens.

Carruagem do Marquês Estribeiro-Mór.

Dita do Duque de Cadaval [1].

Dita do Duque de Lafões [1].

Equipagem [2] do Marquês Introductor, constante de: — uma traquitana a quatro, com dois sotas; uma carruagem inglêsa levando dois Gentishomens [3], tirada a seis; uma dita francêsa, de moços na traseira — sem ninguem, porque era *da pessoa*. Lacaios.

Coche do Senhor Dom José.

---

bambini). Em determinadas occasiões, chegavam as *Faixas* a perfazer um verdadeiro enxoval, ao qual não faltavam as proprias camisinhas co*n botonni d'oro à filagrana* e camafeus co*ntornatti di brillanti*...

Tão fatal era a *pluralidade* da denominação, que as mesmas rubricas das respectivas *Bençãos* obrigavam os objectos, que as tinham de receber, a serem dispersos por *varias* credencias (... *disposte intorno all' altare sopra diverse tavole*...)

Esta intitulação assumiu foros de tão extensiva co*llectividade* que, alem das *Faixas* propriamente ditas, abrangia todo o presente pontificio. Foi dentro deste latissimo ambito que veio encorporado o coche romano, a que nos estamos referindo.

As *Faixas*, portanto, nesta particular accepção, não obstante haverem tido algo de commum com os *cinture, cinturini, cinti, cintolini, cinte* e mesmo com os *eingoli* da antiga indumentaria italiana, não se devem confundir com as *fasciole* dos doentes, nem com as *fascies* no conceito de *calze*, nem com as remotas *fasciæ curales* ou *fasciæ pedules* das eras romanas (como se vêem descritas nas pernas e pés de algumas figuras da columna de Trajano), nem tão pouco com as *fasciæ tibiales*, que os Francos introduziram.

A mesma *facciatura* do ceremonial (quando em uso) tomava um aspecto meramente symbolico; não era o *enfaixamento*, á laia das mumias egypcias, systema popular de resguardo infantil, que ainda typicamente observei, em 1904, na Italia central e meridional, mórmente nas immediações de Napoles.

[1] Como a *Apresentação das Faixas* implicava um laço *parental* entre o Principe Senhor Dom Antonio e o Summo Pontifice, os carros nobres dos Duques *Parentes* faziam parte integrante e categorizada deste apparato de gala; o mesmo succedeu no tempo de Sua Majestade o Rei Dom João V com identica *Entrega* feita ao Principe Senhor Dom José — ceremonia, a que inicialmente se prende o coche *Papa Clemente XI*.

O parentesco *Cadaval* remonta ao tempo do Rei Senhor Dom Pedro II, cuja filha extramatrimonial, Sr.ª Dona Luisa, casou com o Duque D. Luis, e, por morte deste, com o Duque D. Jaime. A consaguinidade da Casa ducal *Lafões* (a que hoje andam annexos os marquesados de Arronches e Condado de Miranda do Corvo) gerou-se pela juncção marital do Sr. D. Miguel, filho illegitimo do mesmo Monarcha com a Sr.ª Dona Luisa (Arronches), elevada á dignidade de Duquesa.

[2] Vê-se, portanto, neste passo e pelo correr do programma, que *equipagem* ou *equipage* e *esquipagem* ou *esquipage* é palavra, que tudo *conjuntamente* abrange — desde o ajaezamento do cavallo, e compostura dos criados, até a propria carruagem, assim como significa cada um destes termos, *isoladamente* considerado. É, neste sentido, a antiga terminologia; e, por isso a fundamental. O diccionario não cria a lingua; sómente regista palavras, interpreta-as e orienta-lhes o seu significado. É um mentor, sem foros de paternidade.

[3] Chamava-se um destes João Miguel Adeodat de Brion, aristocrata bretão ao serviço da Côrte de França antes de recolher a Lisboa, como intimo do Marquês de Pombal (Henrique). Era o bisavô do não menos gentil e prestigioso Capitão de Fragata da Marinha de guerra portuguêsa, Sr. Hypacio de Brion, que a todos cativa pelo seu superior valimento e generosa prestabilidade.

Coche do Senhor Dom Antonio [1].

Quatro Coches da Casa Real, com Gentishomens e criados graves do Delegado Apostolico [2].

Um dos melhores coches *da Real Pessoa*, com o Nuncio na cadeira detrás, sentado á direita do Marquês Introductor; ladeado por dois estribeiros, levando na deanteira igual numero de moços de pé — um com o *teliz deitado no braço*, outro com os *antolhos*.

Equipagem do Nuncio, assim de coche como de lacaios.

Uma *partida de Cavallaria* com *Official militar*, posta ás ordens do Marquês Introductor por determinação do Duque Marechal General.

— No *P. S.* de um dos officios recommenda-se que o *vestido do dia* seja o *de gala grande*, e que as carruagens devam ser puchadas a quatro *Bestas*. (A graphia da maiuscula inicial desta ultima palavra é da responsabilidade do original. Tempos, em que tudo era grande!)...

---

[1] Eis o ponto sobrepujante desta Nota: — Qual era o *coche do Senhor Dom Antonio?* Ainda vive? Ou cessou de existir, não obstante a epoca da sua comparencia, neste estado de gala, ter sido bem posterior aos estragos de 1755, e sem embargo de — pela assinação do seu logar — ser definido, *neste cortejo*, como carro nobre de hierarchia superior a do *Coche do Senhor Dom José*, devendo por tal facto haver tido, em sua defesa, ainda mais bem cuidada conservação? Deve forçosamente existir, qualquer que seja a denominação do seu actual alistamento.

O citado *Coche do Senhor Dom Antonio* não podia rigorosamente ser o *da Pessoa* do principesco Agraciado, visto como — segundo a praxe — não era ainda um Adulto sufficientemente tal, para o ter com applicação a *cortejos officiaes* (contava apenas tres annos de idade).

Por outro lado, o seu logar jerarchico, na escrupulosa ordenação deste cortejo, rebate o supposto de algum carro nobre outr'ora pertencente ao Senhor Infante Dom Antonio, quarto Filho do Rei *Magnanimo*, cujo estado de gala era inferior ao do Senhor Infante Dom Francisco, terceiro na ordem genealogica do seu nascimento.

Sob o ponto de vista deste prestito, o coche mais adequado a seguir-se ao do *Senhor Dom José*, era o do Papa Clemente XI, advindo pela *Apresentação das suas Faixas*, e tão devidamente preferido, em quejandas ceremonias, quanto era tradicionalmente conhecido pelo significativo nome de *Estufa das Bençãos*, consoante se reconhece nos inventarios de 1833, attinentes ás cocheiras *do Calvario*.

Nem podia, no reino *fidelissimo*, deixar de ser o carro nobre mais attenciosamente escolhido nesse momento, em que a Santa Sé, no meio das suas torturosas angustias, se não esquecera desta cordialissima prova de compaternal affecto para com o Rei de Portugal. O anno de 1798 marca a era sinistra, em que o general Berthier, — *previamente feita a invocação dos manes de Catão e de Bruto!* — havia já proclamado nos Estados Pontificios a instituição de uma nova Republica, abolindo as temporalidades do governo papal e prendido o Venerando Pio VI nas vetustas muralhas de Valence (a antiga *Valencia* do Delphinado), onde apaixonadamente morreu em 1799, não logrando ver a sua estremecida Roma arrancada ás garras dos invasores pelo providencial esforço de Suwarow — esse tartaro fogoso, saido das margens do Volga, á frente da sua possante phalange russo-austriaca.

Fluctuat, nec mergitur, é bem certo.

Consequentemente, o coche inscrito no elenco deste saimento, como sendo do *Senhor Dom Antonio*, era o coche *das Faixas*, assim momentaneamente denominado por ir em funcção *de Respeito* á Augusta Pessoa deste Principe.

É mesmo verosimillissimo que a denominação fixa de *Clemente XI*, deduzida do nome do Papa offerente, seja posterior á consummação deste facto, tendo sido até então mais conhecido pelo nome de coche das *Bençãos*, derivado da identica funcção religiosa, para que — como presente baptismal — tinha vindo de Roma, em 1715.

[2] Bem poderiam haver sido alistados neste cortejo os tres bellos coches *Metto e Castro* (do desenho de *De Bellebat*), que ainda figuraram no *Torneio Real* de 1795, dado pelo nascimento deste mesmo Senhor Infante.

. . . . . .

E, desta fórma, no dia aprazado [1], com um *Acompanhamento de cincoenta carruagens* de Fidalgos portuguêses, chegou a vistosa comitiva á Real mansão de Queluz, onde o *Principe,* em nome de *Sua Augusta Mãy*, com o *Senhor Principe da Beira* e *o Infante D. Pedro* deram a *Audiencia da Formalidade* — seguindo-se-lhe a que foi dada pela *Princesa,* vestida *de Donaire*, acompanhada pela Senhora *Princesa D. Maria Francisca*, com as suas damas todas *de Donaires* tambem.

Terminados que foram estes actos da Côrte, deu-se começo á *Apresentação das Fachas,* ficando os competentes Breves depositados nas *Reaes Mãos do Principezinho,* o qual (assistido da Camareira-Mór, servindo de Aia), *parecendo de maior idade*, as recebeu do Nuncio, depois do seu adequado discurso, *falado em português* [2].

Confiando o Agraciado a offerta ao Mordomo-Mór, foi-se á visita do principesco *enxoval*, exposto na *Grande Salla* do Paço Esgotado, por fim, o programma desta apparatosa festa, retirou o cortejo com a mesma ordenação até Lisboa — sem carecer dos *Archotes de Cera*, porque a noite estava sufficientemente limpa e clara [3].

Agora, um ligeiro commento á exposição *supra,* inesperadamente ruminado numa antiga leitura do codice 646 da *Collecção Pombalina*, feita quando eu, no desempenho das espinhosas funcções cathedraticas, alvejava conhecer *ab imo* a cadencia das variadas e curiosissimas manifestações do culto externo, neste nosso devotissimo reino de Portugal.

---

[1] A fonte literaria, que indigito, nada demarcadamente diz sobre o dia da celebração deste acto — que não podia ir muito além de 13 de setembro de 1798, data do primeiro officio expedido para a preventiva organização dos respectivos trabalhos festivaes. Pode, todavia, precisar-se o espaço de tempo, dentro do qual o carro nobre *Papa Clemente XI* compareceu em estado de gala, sob o nome de *coche do Senhor Dom Antonio.*

Este *Senhor Dom Pedro,* apontado como assistente á *Audiencia da Formalidade,* só poderia haver sido o venturo Monarcha de 1826, nascido a 12 de outubro de 1798 — *Infantezinho* que, decorridos os dias recatadamente necessarios, bem podia apparecer acompanhado de Aia, como seu Augusto Irmão o *Principezinho* appareceu, apenas com a tenrura de tres annos de idade. Era uma *solemnidade infantil,* particularmente consagrada á Pessoa do joven Principe Senhor Dom Antonio, que falleceu em 1802 — anno do nascimento do Infante Senhor Dom Miguel.

— Depois deste anno de 1798, isto é, um anno antes do Principe Senhor Dom João deixar o governo *em nome de Sua Augusta Mãe* para entrar na *Regencia* (propriamente dita), ou dezoito annos antes da sua solemne acclamação com o *Real* nome de Dom João VI, nada mais (afora os estados de gala para Baptisados) conheço de exteriorizações com caracter religioso de alguma sorte publico — embora sem visos formaes de prestito — relativas a natividades Reaes, senão a vinda da *Mão de Santa Theresa* em posse das Religiosas de Santo Alberto e a do *Manto de Nossa Senhora do Rosario* do Barreiro, para serem expostos á piedosa devoção da Rainha Senhora Dona Maria II, nas difficuldades obstetricias, que precederam os nascimentos de Sua Majestade o Rei Senhor Dom Luis I e de Sua Alteza Serenissima o Senhor Infante Dom João, segundo se apura em livro archivado na Thesouraria das Reaes Capellas.

[2] Os discursos da *Solenne presentazione delle Fascie* frisavam sempre alguma das circunstancias momentosas do tempo e das Relações da Santa Sé com o país agraciado.

Por exemplo, na occasião da *Entrega* das *Faixas* que, no tempo de El-Rei o Senhor Dom João V, vieram para o *Neonato* Senhor Dom José, *il Papa raccomando al re le missioni de le Indie orientali.*

[3] Estava terminada a sequencia das funcções para que, em 1715, fôra destinado o coche *das Bençãos.*

— O ultimo presente de *Faixas* foi offerecido pelo Santo Padre Pio VI ao Alto português *Antonio Francisco Pio — Regia Prole delle Loro Altezze Reali Don Giovanni Maria Giuseppe e dell' Infanta di Spagna Carlôtta Gioachina.*

Benzidas em presença do Capitão D. Luis Alvares, *Incaricato della Corte di Portogallo..., nella Sala dove suole tenere il Concistorio nel Palazzo Quirinale,* ainda eram preciosas, segundo diz o n.º 2:360 do *Diario ordinario di Roma, in data dei 12 Agosto 1797* (de que tenho *Estratto — stamperia Cracas, presso S. Marco al Corso*) *...preziose fascie, e le altre cose occorrenti, come pure le Biancherie guarnite.* Ainda para admirar, *tanto per la vaghezza de' merletti, quanto per il ricamo.*

Bem o mereciam da Regia Personagem, de *Monsignor Pacca Nunzio in Portogallo destinato da Sua Santità a presentarle,* e bem condiziam ainda com o coche *Papa Clemente,* por excellencia e origem, o carro *das Faixas;* mas já não foram mimosamente apuradas pelas mãos fidalgas de alguma Parenta do proprio Papa —

As epocas chorudas dos Senhores Dom João V e Dom José I, da Senhora Dona Maria I e do Senhor Dom João VI deveriam constituir-se-me uma perennidade de aturada attenção.

Como epilogo do que, sobre *Fascie benedette,* conhecia de mais antigos estudos em Reinaldi e G. Moroni da Côrte papal, registei no meu canhenho a summa do ceremonial da *Entrega das Faixas,* por cuja apresentação o Infante ficava, desde logo, parenteado com o Summo Pontifice, na subida distincção de *Augusto Afilhado.*

Tal foi o motivo por que — o Principe das Asturias, Filho de Carlos III, ficou sendo Carlo *Clemente* (compaternidade do Papa Clemente XIV, *Ganganelli*) — o infante Senhor Dom Antonio, Filho do Senhor Dom João, depois Rei de Portugal VI do nome, teve o agnome de *Pio* (compaternidade do Summo Pontifice *Pio* VI, *Braschi* — um dos augustos Filhos da Rainha *Educadora,* o Senhor Infante Dom João era tambem agnominado *Gregorio* (compaternidade do Santo Padre Gregorio XVI, *Capellari*) — e a veneranda Mãe do actual Reinante se chama Senhora Dona Maria *Pia* (compaternidade do Papa Pio IX, *Mastai-Feretti,* etc.

---

como succedeu com as enviadas ao Filho de Luis XVI (o Luis XVII dos futuros emigrados), bordados pela Donna Constanza, Sobrinha do Pontifice — apenas vulgarmente feitas *sotto la direzione* de uma simples *consorte del Maestro di Casa del Sagro Palazzo Apostolico, Sig. Teresa Ricciotti Frattini.*

Era um symptoma. Tudo o que teve a sua aurora e o seu zenith — e, por sobre tudo, o luxo — tem natural e necessariamente o seu crepusculo, o seu nadir. Tão bem fadado foi o carro nobre *Clemente XI* offertado para *Fascie benedette,* que logrou ser o ultimo do mundo catholico a cortejá-las por despedida, no anno de 1798!

Já, em 1844, o douto *cavaliére romano* da Côrte Pontificia dizia: *Dopo questa benedizione* (1797), *e donativo, non ne abbiamo altri esempj.*

— Um traço a mais no esboço biographico deste bello carro romano.

E probabilissimo que, nos auriginosos tempos de El-Rei o Senhor Dom João V, o gratulatorio coche *Papa Clemente XI* (desde o seu ingresso neste país geralmente preferido para as altas festividades religiosas da Côrte) houvesse feito parte integrante dos seguintes faustosos cortejos: — lançamento da primeira pedra na basilica de Mafra solemnissimamente sagrada, para depois ser povoada por mais de trezentos religiosos da Ordem dos Menores — inauguração da primorosa e riquissima capella de S. João Baptista na igreja de S. Roque, feita em Roma, segundo dizem, pelo custo de um milhão de cruzados — estreia da igreja de Nossa Senhora das Necessidades e hospicio contiguo, destinado aos Congregados de S. Filipe Nery — benção do mosteiro do Louriçal para religiosas franciscanas descalças e festa da reedificação do hospital das Caldas da Rainha.

Como preambulo da sua futura assistencia ao grandioso festival da *Estrella,* compareceu, ao certo, na solemnidade da erecção parochial de Santa Isabel, cuja igreja foi em grande parte terminada pelo primeiro Senhor Patriarcha de Lisboa com o producto da venda da sua baixella no valor de 9:843$412 reis (contraste Manoel Pereira Silva Leal, 25 outubro 1753). Não menos positivo é que este momentoso carro foi o vehiculo nobre presidencialmente deputado ao alto cortejo da entrada official deste Senhor — ex-prior de S. Lourenço, exporcionista do Collegio de S. Paulo, o Dr. Dom Thomás de Almeida, da Casa dos Condes de Avintes e Arcos, 21.º Arcebispo e (na minha computação) 70.º Bispo de Lisboa.

Pode até conhecer o trajecto preciso feito, neste acto, pelo coche *Papa Clemente XI* quem attentar na descrição da primeira *Entrada patriarchal,* cujo texto parcialmente reproduzo, tal qual o apontei de manuscrito archivado na Academia Real das Sciencias, ao precisar, em tempo, desviar-me de um ennevoado aranzel, attinente á posse, que o primeiro Em.mo Patriarcha ulissiponense tomou da sua Sé.

E deste teor: *...em sabado trese do corrente* (fevereiro de 1717), *vindo de hũa quinta de S. Sebastiam da Pedreyra no coche até S. Marta, onde se apeou e os cavalheiros e familia que o seguirão; e dali veyo a cavallo e a comitiva até as portas de S. Antão, onde o esperavão o cabido e clerigos das Freguezias desta cidade occidental e Religiões da mesma; e ás mesmas portas o esperava tambem o Senado com o Palio; e revestindo-se o Patriarcha tornou a montar a cavallo...*

Tudo, em materia de coches para o estado de gala na comparencia do Em.mo Prelado, ficou grandiosamente estatuido, pois que de antemão, em carta de Elvas (onde, no mês de novembro de 1716, se achava El-Rei — *governando a Raynha em Lisboa com muyta acceytação*), se ordenara ao Conde de Tarouca que estudasse *as regalias da Cathedral de Saltzbourg, do seu Arcebispo, do estado e familia que tinha, dos coches usados para a sua sahida em publico, das vestes pontificias, dos habitos das Dignidades e Conegos,* etc.

(O Arcebispo deste titulo era Senhor de Saltzbourg — a antiga *Salisburgum,* praça forte da Alemanha, no circulo de Baviera, capital do mesmo nome — honrado como Principe Soberano e Legado da Santa Sé em todo o Imperio).

NOTA 21

Cabe aos coches *D. João V, D. José I* e *D. Maria de Saboia-A* a distincção de terem feito o estado de gala para a cerimonia da *Entrega da Rosa de Ouro* a Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Maria Amelia de Orléans, no anno de 1892.

Uma das paginas mais interessantes na biographia destes carros nobres.

Foi escala de serviço, acêrca da qual cursaram, por esse tempo, divagações escritas que, por sensivelmente desattentadas, urge temperar a fim de que se não afistulem.

Quanto mais significativa fôr a missão do prestito, tanto mais — biographicamente falando — será distincta a funcção dos coches e berlindas, que no seu arranjo houverem entrado.

Ora, a *Rosa de Ouro* não é um presente puramente *material*, simplesmente precioso pelo metal rico, que o constitue e pela arte vistosa, que primorosamente o confecciona; é *um donativo sagro e benedetto solemnemente fatto dai Sommi Pontefici, dignitoso, rispettabile pegli alti misteri che rappresenta e pei grandi oggetti che simboleggia;* tem, portanto, uma significação mystica que, por assim dizer, a espiritualiza e sublima.

Declara-o a supplica ritualistica, com que o Santo Padre, ao benzê-la na dominga *Lætare* (a quarta quaresmal), se dirige a Deus, em nome de toda a Igreja, dizendo: *... peccata dimittas, fide repleas, indulgentia foveas, misericordia protegas, adversa destruas...*

É ao alto significado da offerta que principalmente deve attender-se — *Non muneris estimanda est quantitas, sed altioris significationis qualis interpretanda* (n.º 52 do analista Rinaldi), conforme o Papa Calisto III (*Borgia*, 1455-1458) disse em missiva de seu punho, ao offertar a Rosa de Ouro a Carlos VII de França (o repressor da *Praguerie* e dos *Ecorcheurs*, que de *Indolent* passou a *Victorieux*, conseguindo, ao cabo de vinte annos de luta, expulsar os Inglêses de quasi toda a França, mas deixando ingratamente queimar Jeanne Darc e exilando Jacques Cœur, sacrificado a seus inimigos!).

Do que levamos dito se conclue que a oblata *Rosa de Ouro* é sobremodo mais importante que as *Faixas Bentas*, porquanto estas são simplesmente *benzidas* (*benedette*) pelo Santo Padre, e aquell'outra é, além de benta, *sagrada* por Elle (*sagra*); donde logicamente vem que, sob este ponto de vista mystico, os supra referidos carros nobres, teem, ao presente, uma nota de brilho a mais, do que as que notificam a historia dos estudos de gala, em que ha figurado o proprio coche *Papa Clemente XI*.

É o que mais nos importava considerar no tocante ao traçamento biographico dos coches, que fazem o lemma desta *Nota;* mas é systematico que complementarmente rectifiquemos ainda o restante da desajustada prelecção historico-liturgica (nem anonyma ella era!), pois que, alem de ficar topicamente exposto o doutrinamento estabelecido pelos tratadistas da materia, recorda-se a remotidade da instituição — *Rosa de Ouro* — e faz-se a assinação de alguns dos principaes vultos de historia patria, que com ella hão sido agraciados — o que não é indifferente ao fim capital deste meu desparamentado livro.

— A *Rosa aurea* era antigamente *un solo e semplice fiore, tingendosi l'oro di rosso per imitare il colore naturale di essa; si cessò del colorirla, quando s'introdusse l'uso di collocare un rubino in messo alla rosa per tornarla più preziosa* (Moroni); actualmente, porém, é *un composto di molte rose, con frondi, e spine..., un ramo spinoso di più rose*

con frondi, vago e fiorito... ed in sopra una più grande e tutte di oro puro; conforme diz Cartari e se vê na seguinte photocopia tirada de um exemplar autentico.

É instituição remota, cuja actual modalidade se liga probabilissimamente ao Pontificado de Xisto IV (*Della Rovere*, 1471-1484).

Carlo Orvietano, Prefetto dell' Archivio Apostolico di Castello S. Angelo in Roma (1681), em diametral opposição ao *Trattato delle Grotte Vaticane* por *Francesco Torrigi* — baseando-se num antiquissimo pergaminho, intitulado *Libro di Cencio Camerario* — declara-a inventada bem antes da epoca do civilizador da Saxonia e da Pannonia, o Imperador coroado do Papa Leão III, quando se exprime: ... *siami lecito... di trasportala a secoli più remoti, ed assai prima di Carlo Magno..*

O Rei de França Luis VII, por igual dadiva do Pontifice Alexandre III cognominado *Floro*, (*de la Branche ainée des Capétiens*) é do seculo XII; e Carlos Magno, Filho de *Pépin le Bref* é do seculo IX († 914).

Ao impugnador, que sobremaneira me queira honrar com a sua visita, gostosamente facilito a leitura de *Orvieto* e *Torrigi* — livros rarissimos, que com superior apreço eu possuo.

Um, como — *Decano degli Auuocati Concistoriali* — outro, como intimo do Santo Padre Urbano VIII (*Barberini*), *in Palazzo Vatic.* (1635), são fontes *proto-primarias*, que por completo dirimem toda esta polemica. *Roma locuta, causa finita.*

— Ao contrario do que então se publicou, esta alta offerenda papal não é *apanagio exclusivo* dos *Principes* ou *Princesas de sangue;* tem, por vezes, bastado que os premiados, de outra linhagem, hajam sido de um merito superlativamente excepcionalissimo. Receberam-na: Doges de Veneza, como Doganesas de Genova; Prefeitos e Senadores Romanos, como Guerreiros e Cruzados da Terra Santa; a Basilica Vaticana, como a Senhoria de Florença e a Igreja de Santo Antonio dos Portuguêses em Roma (ao restabelecer-se, em 1770, a concordia entre El-Rei Senhor Dom José I e o Summo Pontifice Bento XIV — *Lambertini* — *Rosa* que, depois de roubada, foi substituida por outra, no Pontificado de Pio VI — *Braschi* — sendo governador o Conego Pereira que, em nome *di tutta la nazione, lo ringraziò per la benigna condescendenza usata con essa* (*Diario di Roma*, n.º 2:010 *del* 1794): teve-a Lopo Pacheco (batalhador de Tarifa, ao lado do Rei Senhor Dom Affonso IV, na *Victoria dos Christãos*, em Salado), como advieram para o Monarcha *Venturoso* (uma, por offerta de Julio II — *Della Rovere* — outra, como affectuoso mimo do Papa Leão X — *Medici* — *per la propagazione e difeza della Fede...*), como a recebeu tambem o Principe Senhor Dom Manuel, Filho de El-Rei o Senhor Dom João III.

Com a *Rosa de Ouro* se tem havido por galardoadas as *Majestades:* Infanta Dona Leonor, Augusta Filha do Nosso Rei Senhor Dom Duarte I, Esposa de Frederico III da Allemanha; Rainha Dona Maria II (pelo Santo Padre *Gregorio XVI* — 1842 — *avendo fato da padrino nel battessimo del real duca di Beja Giovanni Maria Fernandes Gregorio...*); Rainha Senhora D. Maria Pia de Saboia (pelo Pontifice *Pio* IX, *qui fece da padrino nel batessimo della real principeza..*); e, ultimamente, a Rainha Senhora Dona Maria Amelia de Orléans,

QUEM DEUS PER MULTOS ANNOS SOSPITEM SERVET.

NOTA 22

Este escholio — apenas tagencial aos coches *da Corôa, D. João V, D. Francisco-A, Papa Clemente XI,* e ainda critico dos tres *Carros Triumphaes* — apresenta-se como particularmente biographico do *Triumphal-A,* que é a reverberante *Alcyon* dessa famosa *Pleiada,* para a qual por despedida assesto, saudoso, o meu inamplificavel telescopio.

O bello agrupamento estellar, de que ainda nos occupamos, reluziu na *Exposição retrospectiva da Arte ornamental* (celebrada em Lisboa, no anno de 1882), sob os numeros 40, 41 e 42 da sala R.

Estes peregrinos monumentos de architectonia vehicular foram então julgados pelo illustre homem de letras, Sr. Dr. A. Filipe Simões, como erectos *em Lisboa* e *expressamente feitos para a entrada solemne da Rainha D. Maria Anna de Austria* (assim chama elle tambem á respeitabilissima Esposa de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom João V — *Maria Anna*).

Baseou-se o judicioso analysta no arrazoado exposto pelo resabido Sr. Vilhena Barbosa em o tomo XI do *Archivo Pittoresco* (anno de 1868) — que temos de parcialmente contestar, acatando sempre as leis que a interpretação doutrinal impõe.

Para os casos amphibolos a dois se reduzem fundamentalmente os preceitos da Sciencia hermeneutica — um, concernente á intelligencia; outro, respeitante á vontade de quem critica. O interprete carece, com effeito, de dar ao texto amphibologico a accepção que com boas razões possa defender, e tem de respeitar, quanto possa, a creditada fama do escritor, que analysa.

Para formar um bom hermeneuta não basta ser abrilhantado com os dotes de um *espirito habil*, é mister ser ornado com as qualidades de um *coração recto.*

Escasseiam-me, infelizmente, os primeiros, mas esforço-me por algo possuir das segundas.

Já ao critico prudente, um seculo antes de Jesus Christo, o cortês Horacio — tão imitado por Boileau — aconselhava:

Vir bonus ac prudens
Arguet ambigua dicta, mutanda notabit.

O celebre poeta e prosador de Chatenay — que, por vezes, sarcasticamente se ria do que para outros era serio — sempre com aspera severidade repelliu o critico mordaz por officio de maledicencia, a quem elle, com a sua limpida precisão e caustica elegancia de estilo, chamava, no desdem de um sorriso muito seu:

...folliculaires, ne mordant que pour vivre.

É Voltaire, a cujas ferretoadas não desejo arregimentar-me.

De *philosophunculi...*, *minuti philosophi...*, *philosophi plebei...*, meio seculo a. J. C., os apodava o mais eloquente dos oradores romanos, o assassinado de Antonio e Fulvia, o habilissimo dialectico — Cicero, cujo verbo é a suprema expressão do genio latino aquentado com o sopro do genio hellenico e cujas lições de Philosophia são um verdadeiro monumento historico e modelo de atticissima elocução.

E a seita *Philosophie à bas étage*, tão ferreteada por Blaise Pascal, que elle, na escalda das suas *Provinciales*, jámais poupou com as fusiladas do seu potente calamo)! Entremos na materia.

O sapiente Vilhena, Mestre de mestres (porquanto como *Mestre* é baptisado pela inquestionavel e inquestionada autoridade do benemerito Sr. Visconde de Castilho) trata integralmente da parte secundaria destes nobilissimos *Carros* — a sua carrossaria — nada dizendo, porém, da alta symbolistica dos respectivos alçados deanteiros, resumindo-se em demasia na critica dos alçados detrás, omittindo no *Triumphal-A* a allegoria fundamental do *Adamastor*, e desanorteando-se sensivelmente na hermeneutica do alçado traseiro do coche C — que diz *representar o Olympo num congresso de Deuses.*

Não tentamos desaureolar um nome tão fulgentemente nimbado, cujo raio luminoso chamamos, por vezes, para testeira dialectica dos nossos argumentos. Cumprimos apenas o dever, que a Logica nos impõe.

Todo o homem é finito; e nem por isso deixa de criticar a natureza — que é obra de Deus.

O que, nesta zona architectonica (alçado traseiro do *Triumphal-C*), se retrata é uma *Apollineida* mystica, de caracter symbolico (como vimos anteriormente), em que o Nato de Delos, punidor do satyro Marsyas e do rei Midas, Phebo, tem por cyclo local desta allusiva phototheose duas joviaes *Estações* do anno e duas severas *Geniações* aquaticas — grupo mythologado, que jamais fez parte integrante das assembleias do Olympo grego.

Apollo é um *olympico*, mas não está aqui em synaxe olympica. Na concepção archaica da arte e da poesia hellenicas, só as Divindades primarias tinham cabida nos congressos thessalicos da mythologia, sempre presididos por Jupiter; os numes secundarios (e nem todos) constituiam apenas o divinal cortejo dos primeiros — como arautos velozes, cumprindo á risca as ordens emanadas — ou, como fabulisticos sarmentaceos, preparando o festim dos Immortaes em torno do seu Zeus — ou, finalmente, meteorizando com os seus finos cantares e maviosas dansas os languidos torpores da vida divina.

Não é a mensageira Iris que, nesta apojada enscenação, apparece, alada e bella, de caduceu em punho; nem a formosa (comquanto desphalenada) Hebe, de enochoe em mão para aos Olympicos ministrar com afagos o nectar, que os inebria; são incontroversamente duas *Quadras do Anno* (o Verão e a Primavera), com os seus toucados typicos, e ornadas com os attributos inconfundiveis, que lhes são personalissimo apanagio (o manipulo de trigo e a cornucopia de flores).

As verçosas montanhas da Grecia dispertaram (não criaram, porque a concepção do Infinito é *innata*) e vivificaram na tufosa imaginação dos seus povos o conceito de Deus, materialmente supposto como sendo esse *ether sem limites que, com o seu humedecido involucro, circuitava toda a terra* (. . γᾶν πέριξ ἔχουθ' ὑγραῖς ἐν ἀγκάλαις. — Euripides); polytheizaram a realidade objectiva da ideia, crendo poeticamente que o monte Olympo era a parnasea mansão da deliciosa Thessalia, onde, sob a chefia suprema do Διὸς Ὀλυμπικοῦ (do Jupiter, que ao genial Phidias inspirou na pedra uma das sete maravilhas do mundo), a Côrte celeste do mytho hellenico tinha as suas ordinarias aggremiações. Mas o *Zeus* da Grecia tem por tradicional consagração estatuaria uma *facies* distinctiva, quer elle se desvende manso, como Senhor pacifico de todos os deuses, quer se ostente terrivel, como o implacavel Dardejador dos raios potentes, que derribaram os ossuosos Titans.

O typo escultural do Neptuno ou Poseidon da arte classica tem uns charismas de sinzel, que a outros se não emparalham; não basta a nudeza para typificar o Deus do *cabello azulado* (κυανοχαίτης), o nume do *peito amplo* (εὐρύστερνος), como homem do mar que figurava ser.

Nem a effigie plastica do *Deus da vinha* se contenta com o ser *barbaçudo;* o *Dyonisos* Πώγωνίτης reclama o coroamento de *hera* e não de *limos*, como modelarmente lhe dão as moedas de Taxos. Não podem, por isso, os dois membrudos varões, fartos de musculosa virilidade, que se dão as mãos no plano infimo do referido alçado, ser classificados como figurações de Jupiter, nem de Neptuno, nem de Baccho; são simplesmente criações estheticas *ad hoc,* duas personificações marinhas, os dois Mares (*Atlanticus* e *Indicus*) que, nas majestaticas sessões do Olympico, jamais tiveram o seu assentamento soberano.

Até aqui foi Vilhena formalmente categorico.

Conjecturou depois, que estas prodigiosas machinas haviam sido engenhadas nos trabalhos *imaginarios* da Calçada de Santo André onde realçaram, com os de outros, os lavores de Jeronimo da Costa e os *Crucificados* de Manuel Dias.

A analyse anatomica das figurações allegoricas destes assombrosos coches evidencía que elles, só de per si, valiam bem uma *Academia do Nu* desses tempos.

Grande era já, na verdade, o merito dos nossos modeladores em madeira, em pedra e em barro; mas ostenta-se-me como demasiado ardor de patriotismo crer que o *Pae dos Christos* (como o benemerito professor Rodrigues diz ser appellidado o tal bracarense Manuel Dias) fosse tambem o *pae* destes coches. Elle, que nem a *filho* poderia ser guindado!

Certo é que o Em.mo Cardeal Saraiva, na sua *Lista*, lhe chama o *mais insigne esculptor do reino;* mas de superior á escola nacional não pouco havia em Roma — o *Parnasso da Arte,* onde a alta estatuaria sempre, de longa data, cultivou a expressão fidelissima dos variados cambiantes da vida. Por pequenas frases feridas na *Historia Genealogica da Casa Real* (que melhor cabem ao coche *da Corôa*) acreditou o sabido Barbosa que estes carros nobres foram estreados com a *Entrada publica* da Rainha Senhora Dona Maria Anna de Austria, quando a verdade é que elles foram inaugurados pela Embaixada *Marquez de Fontes*, D. Rodrigo de Menezes, no anno de 1716, em Roma, onde haviam sido obrados sob debuxo do valorizado Embaixador — Fidalgo, que simultaneamente era um prestimoso da Arte. Estudando-os, pelo ensejo da Exposição de 1882, havia-os eu classificado, de mim para comigo, como *Carros Triumphaes A, B, C* da Embaixada de Roma *Marquez de Fontes,* D. Rodrigo de Menezes, perante o Soberano Pontifice Clemente XI (*Albani* — 1716), sem embargo da corrente em contrario. O tribunal, autentico, que nesta interessante materia define toda a polemica, é o opusculo, já referido no texto dos tres coches, publicado *In Roma,* M.DCC.XVI. por *Francesco Chracas,* o qual tem por titulo: *Distinto Raggnaglio del Sontuoso Treno delle Carrozze con cui andò all' Udienza di Sua Santità, il dì 8 luglio 1716, L'illustrissimo ed Eccelentissimo Signore Don Rodrigo Annes de Saa, Almeida e Meneses, Marchese di Fontes, Conte Penaghiano..., Commendatore di S. Pietro di Faro, dell' Ordine di S. Giacomo..., Gentiluomo della camera della Maestà del Rè di Portogallo e del Suo Consiglio e Suo Ambasciatore Straordinario appresso la Santità di Nostro Signore Papa Clemente XI.*

— Seja dito de passagem que, numa serie de capitulos do citado tomo XI do *Archivo Pittoresco,* subordinados ao cabeçalho *...Luxo e magnificencia da Côrte d'El-Rei D. João V* — o Sr. Vilhena Barbosa, falando minuciosamente da estridula *Jornada ao Caia* (que eu, numa das antecedentes *Notas,* só tratei por topicos, visto não carecer de mais para a sobriedade do meu fim), avulta uma encontrada dissonancia, visivel antinomia no alistamento dos coches concorrentes a esse famigerado acto viatorio, que é necessario harmonizar. Sempre entendi de menos grave dialectica — e quiçá de intuitos menos reverentes e pouco affectuosos — repellir o que é substancialmente contestavel e não afinar aquillo, que só na fórma se contradita.

Occupando-se, no VI da articulada serieção, de *quatro coches ricos ou estufas... feitos em Paris* para o falado cortejo..., declara que, *em Lisboa*, foi feito um para *a Pessoa de El-Rei*...; no XI, descrevendo ainda esta memoranda marcha (que realmente parece um conto fantastico a mais nos maravilhosos das *Mil e uma noites*), affirma que, *entre os trinta e nove* coches desse estupendo estado de gala, sobresaía o *da Pessoa de El-Rei*, continuando com dizer: ...—*esmeraram-se todos os artistas parisienses em o aformosear e enriquecer tanto, que, sendo exposto ao publico antes de vir para Portugal, causou admiração na propria Capital, acostumada ás pompas de Luis XIV.*

Então o dito coche *da Pessoa* foi feito *em Lisboa* ou *em Paris?*

Respondamos pelo Mestre, que, com perda summa para a sciencia, já não é do numero dos vivos.

O primeiro é o carro, que tinha o nome *da Pessoa* (coche *D. João V*), porque ia como trem *de Respeito*; o segundo é a estufa-em chefe (o coche *da Corôa*), onde *ia a Pessoa.*

Este, omnimodamente *francês;* aquelle, *francês* de modelação, mas fabricado em Portugal — como varios outros, entre os quaes, o *D. Francisco-A* que, por morte deste Senhor Infante, e terminado o litigio de herança entre os Senhores Dom Antonio e Dom Pedro seu Sobrinho, passou para este Senhor (que delle se servia em actos solemnes e com que, na alta qualidade de D. Pedro III, se ostentou na cerimonia do seu casamento com a Senhora Dona Maria I).

Epilogando: Os *Carros Triumphaes A, B, C* (*Carrozze, ò Carri da trionfo*) deste Museu são os da Embaixada *D. Rodrigo de Menezes* á Côrte pontificia, em 1716.

*

* *

De mãos dadas com *Francesco Chracas* (Roma M.DCC.XVI), surge-nos em Lisboa, no anno de 1733, Thomás Pinto Brandam, publicando as substanciosas oitavas, que reproduzo na sua integra, como calorosamente emphaticas do *Triumphal-A.*

Visam o dragão que o encimava, descrito na secção da Parte I, respeitante a este solemnissimo coche.

Diz elle:

Á grande, e rica Carroça do Embaixador de Roma,
entrada pelo Terreiro do Paço,
depois de ter passado a Procissão de Corpus

I

Depois de já passada a bizarria
Da Procissão de *Corpus* celebrada,
(Que outra tal, nem em Roma se fazia)
Veyo a grande Carroça da Embaixada;
Por sinal, que eu cuydei, segundo o dia,
Que era a Serpe que vinha retardada;
Mas tambem se enganou muy boa gente
Quando lhe vio em cima huma Serpente.

II

Nas Chronicas dos mais Embaixadores,
Ou de Roma, ou de França, ou de Castella,
Já Marquezes, já Condes, já Senhores,
Muytas Carroças, a qual mais bella;
Mas tão grande, tanto ouro, e taes primores
Até aqui se não virão, como nella;
Mais breve, outra de Roma, sim viria,
Mas mais grande de Hespanha não podia.

III

Porque carro do Sol bem parecesse,
Vinha de rayos de ouro rodeada;
E porque o gyro natural fizesse,
Para o Occidental veyo embarcada;
Que no mar, era bem, se mettesse,
A que tanto á do Sol he semelhada;
Para hum quarto Planeta capaz era;
Posto que para o Quinto he curta esfera.

Neste estupendo carro — ornado *com tanto ouro e taes primores* — englobado em tão faulhentos *rayos,* que com elles pudera incendiar o universo, como ao *carro do Sol* ia succedendo — meteorizado com a *Serpente* symbolica, que na cupula se grimpava altaneira — *gyrando,* soberano, *pelo Terreiro do Paço,* como coche embaixatorial, que jamais *Castella, França* e a *Cidade Eterna* igualaram — nesta *rica Carroça da Embaixada de Roma,* bem palpaveis se denunciam os quatro respeitos criticos que, neste ensombrado estudo, marquei para mim (architectonico, mythologico, heraldico e historico), insinuadamente feridos pela tuba evocatoria destas expressivas oitavas.

Os planetas são astros errantes (πλανής, ἄτος quer dizer *vagus*), entre os quaes figuram, como principaes de mescla com outros, o Sol, a Terra e a Lua, que é secundario ou satellite. Pois o autor, com a autorisadamente facil liberdade de quem faz versos, reputa a mirifica carrossa capaz de poder brilhar nos ceus, como um *quarto Planeta!*

Se o anno da impressão do presente trecho poetico é o mesmo que o da publicação do Livro dedicado ao undecimo Conde de Monsanto onde, a pag. 61, estas estrophes veem estampadas, fica a era de 1733 logicamente assinalada como marcando com letras de ouro o ingresso deste *Currus Triumphalis* — que, por *semelhado ao Carro do Sol,* devia *naturalmente gyrar* para o occidente, vindo, como veio, *para o Occidental embarcado.*

Esta ephemeride não tem caracter absolutamente apodictico, porquanto tambem no *exercito sonetario* de Brandam — que tanto aprazia (cousa rara!) ao mordaz J. Agostinho de Macedo — está alistado o soneto XIV *ao Mausoleu do Papa Clemente XI na Patriarchal de Lisboa* (o qual só poderia ser escrito *em 1721,* anno da morte deste Pontifice, succedido, até 1724, pelo Santo Padre Innocencio XIII, *Conti*), e a primeira edição do *Pinto empennado e desempennado, etc.,* é posterior de onze annos.

(Perfeitamente acceitavel a asserção do Sr. Vilhena Barbosa, que os declara haverem tambem feito parte do soberbo *Torneio Real,* dado em novembro de 1795, para

memorizar o fausto nascimento do Senhor Principe Dom Antonio, Filho do Principe Senhor Dom João, depois Rei VI deste nome).

E entrando pelo Terreiro do Paço, lá vae o *Planeta Serpente* fazer a sua nova occultação na sombra das cocheiras do Calvario, por certo seguido dos *Triumphaes B* e *C,* que lhe são satellites (a Venus e o Mercurio deste grandioso Sol)!

Fogem para os da sua grei, porque a Serpe e o Dragão, como a Lyra e o Cysne, o Delphim e a Aguia são já antigos asterismos boreaes — e elles não podiam resistir á força invicta desse principio inherente á materia cosmica que, na philosophia newtoniana, se chama a *attracção universal.*

Eram já uns astros semi-resfriados e, portanto, decaidos do seu primitivo fulgor quando, em 1867, recolheram ás cocheiras de Belem, donde emergiram para o Palacio das Janellas Verdes em 1882; em 1904 entraram nas Reaes Cavallariças de Ajuda, volvendo daqui para o antigo *Picadeiro de Belem,* no anno de 1904.

Terminaram, felizmente, a sua ultima occultação planetar com o acto inaugural [1] do *Museu dos coches Reaes,* onde, mesmo exsangues taes quaes estão, ainda os *Colossos*

---

[1] Copia do auto:

AUTO DE INAUGURAÇÃO

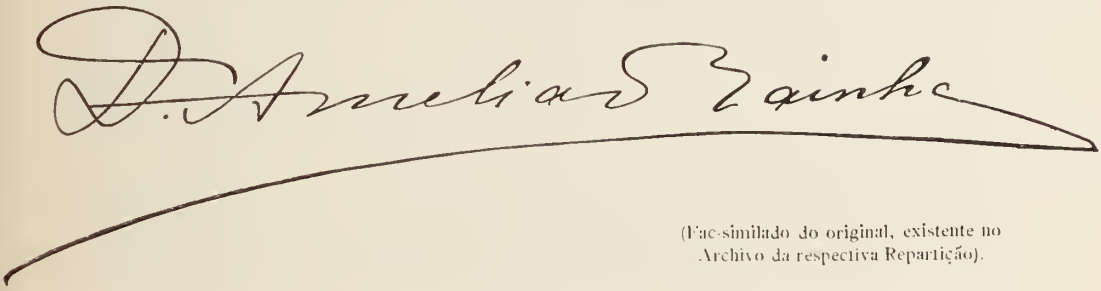
DO

MUSEU DOS COCHES REAES

NO

ANTIGO PICADEIRO DO PALACIO DE BELEM

Aos vinte e tres dias do mês de maio de mil novecentos e cinco (1905), se inaugurou este Museu, achando-se presente Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Amelia e as pessoas adeante assinadas:



(Fac-similado do original, existente no Archivo da respectiva Repartição).

Condessa de Figueiró

D. João d'Marcão Velasques Osorio, Ministro das Obras Publicas

Severiano Augusto da Fonseca Monteiro, director geral das Obras Publicas e Minas = *Arthur Alberto Falcão Rodrigues,* Director das obras publicas = *Rosendo Carvalheira,* architecto de 1.ª classe do Ministerio das Obras Publicas = *José Malhôa,* pintor que restaurou o tecto = *Frederico Augusto Ribeiro,* constructor civil = *Fernando Augusto de Serpa Pimentel,* ajudante de campo de S. M. El-Rei e inspector geral do Real Palacio = *Alfredo Augusto José de Albuquerque,* estribeiro menor = *Francisco Figueira Freire da Camara,* ajudante do estribeiro-menor = *Francisco Maria Pereira Botto,* fiscal das Reaes Cavallariças.

deste *Ramesséum* imponentemente se ostentam — severos mas sympathicos, como as velhas estatuas, babylonica de Sargoum e egypciacas de Memnon ou Khéphren — mortos, mas ressuscitados, como as esphynges do deserto lybico ou as mumias do periodo ptolemaico — rugados mas altaneiros, como as pyramides Cheops, Chefren e Mykerinos — mudos mas eloquentes, como as bellas ruinas dos templos de Selimonte, d'Agrignate e de Khorsabad. É que nem só o memphitico monumento de Phtah teve o *Braço regio* de um famoso Ramsinit!

E providencial foi a apalaçada estação da sua trajectoria sideral pelas Janellas Verdes, porquanto astros ha que, depois de haverem experimentado notabilissimas variações periodicas em sua côr e no seu brilho, desapparecem... para nunca mais serem vistos.

Mas ali eram *informes;* meras *esporadas* ou *esparsilas,* não armados em constellação. Faltava-lhes por completo um Tycho-Brahé, um Bayer, que bem lhes determinasse a sua legitima posição astronomica, emquanto não surgiu *Protectora* Benefica, que os fêz metter em asterismo, da mesma sorte que Arcturus, Orion e as Pleiadas, já biblicamente falados no livro de Job e na prophecia de Amos, só por Ptolomeu foram mandados catalogar (seculo II, dep. J. C.) nas suas verdadeiras longitudes e latitudes celestes.

Transitaram, com effeito, para o Deposito de Ajuda até o seu estabelecimento no *Salão dos Coches,* em Belem, firmando deste modo o verdadeiro heliocentro, de que aquelle systema solar carecia. Assim, a bem da harmonia do conjunto, ajudaram a fascinar o bellissimo *Ceu* deste Museu — onde, a par dos planetas primarios e secundarios que ali teem o seu sidereo estadio, era de ordem que tambem houvesse estrellas *fixas,* sem especie sensivel de movimento, que as animasse. Na formula poetica de Thomás Brandam, ao surgirem do grande Mundo Romano, eram perfeitos *Planetas,* pois que se moviam; agora, porque não giram, vivem como *Estrellas* que, não obstante a sua metamorphose cosmica, ainda brilham por si, por isso mesmo que o são.

Tambem o homem, nas jeremiadas de Lamartine, *est un Dieu, tombé, qui se souvient des cieux;* e a terra, na lição de Descartes, *est un soleil déjà encrouté.*

Tambem o Sol tem depressões, que o não mirram e maculas, que o não degradam.

Tambem Venus não tem a limpidez do astro-rei, e não deixa de exceder todos os demais luzeiros do Ceu; não tem a ternura fugaz da scintillação estellar, mas tanto fulge que, até em pleno dia, ás vezes se nos desnuda.

Tambem Selene muda o seu aspecto de lunação para lunação, e Venus tem suas fases, como a lua; tambem Marte se desiguala na configuração das suas manchas e variada é a face dos Satellites de Jupiter, que o cortejam; e todos elles lá percorrem as variadas estancias da sua trajectoria celeste sem, por momentos sequer, destoarem do seu cantico sublime no magnifico concerto dos astros. Entram, é verdade, na gala de nardinos cortejos os outros carros seus consocios de jazida, e estes, estaticos e cacheticos, só miram, passiveis, o rodar dos que lhe são infimos; mas tambem Venus excede em brilho a Lua, e é, á luz desta — solitaria e solemne — coada pelos flancos da prateada nuvem, que o poeta mavioso mussita com dor o cantico lugubre das ruinas majestosas!

Sobre o *quarto Planeta* de Thomás Pinto Brandam e seus consocios, os *Carros Triumphaes B* e *C,* está até aqui dito o que mais capitalmente interessa á respectiva biographia.

— Acêrca dos coches, em geral, disse o abalisado Sr. Barbosa num dos seus esmerilados artigos, dispersos pelo tomo XI do bello *Archivo Pittoresco* — que tantas penas eruditas e brilhantes teve a exultá-lo — em pag. 222 e 223, *ser escassa a noticia,* que delles tem; lamenta o Mestre *não haver descoberto a luz bastantemente clara, que lhe pudesse guiar os passos com segurança em tão intrincado labyrintho.*

Não descoraçoemos, que o assunto ainda não está de todo escarificado; é como os escondedouros das ruinas com mais filões por descobrir, e como a latidão dos ceus cujas nebulosas se irão resolvendo. Abaixo do horizonte ainda ha meio firmamento, e a luz zodiacal é a refracção dos raios do sol, produzida pela atmosphera deste globo luminoso. A sciencia ha de ser sempre, na bella frase de M.me Bompar — *Une recherche perpetuelle; plus l'homme trouve, plus il recherche pour trouver encore.*

O erudito Abbade de Castro e o sapientissimo Barbosa deram impulso á escabrosa solução do intumecido problema; mas a Galileu, o formulador da lei do isochronismo pendular que, no seculo XVI, construiu em forma a primeira luneta astronomica, succederam Cassini e Hook, Long e Maskelyne e outros videntes das alturas.

Mais bem aventurado, porém, que estes, o descobridor de Urano e dos aneis de Saturno, o ditoso Herschell, é que foi, pela magna potencia do seu telescopio, o verdadeiro criador da astronomia estellar. Sinceros são, pois, os meus votos por que essa luz amplificadamente fulgure. Modesto autor de um trabalho, por força repleto de maculas, ardo pelo Messias redemptor do meu livro — que delle bem precisa, porquanto é feito com peccado. Mas *utile per inutile non vitiatur.*

Tanto aos espaços aereos nos arrebatou o *quarto Planeta* de Pinto Brandam, que é forçoso terminar com astronomicas allegorias, e descer á terra, estugando o passo para cessar de vez esta fastienta procrastinação.

*

* *

Sem espirito de referta ou intento de nugatorio entretalho, mas como aclarado diluculo de uns *probleminos* intervenientes, franqueemos o proscenio á apodose desta Nota, procedendo por secciunculas, a fim que o seu catalectico apinhoado se não institua ápode e acephalico, obumbrado e cahotico. Iremos na fouçada do trigo segadouro, fazendo como o dipsaco do cardador. *Chi va piano, va sano; e chi va sano, va lontano;* (é o *Qui veut voyager loin menage sa monture*, de Racine — o doce rival de Corneille que, nas suas immortaes tragedias, elevou a maviosa lingua francêsa, nos ultimos decennios do seculo XVII, ao seu mais subido grau de universal encanto).

Em complemento:

a) Os 5.º e 6.º versos, um pouco sibyllinos:

> *— Por sinal, que eu cuydei, segundo o dia,*
> *Que era a Serpe que vinha retardada; —*

da primeira oitava supra desse poeta (a quem uma gravura de Debrié — 1732 — retrata, dizendo, no epicedio da respectiva orla, que *viveo de allegrar a gente, e morreo de fome*) obrigam a escrupulosidade do hermeneuta a um pequeno commento, visto como a sua menos adequada interpretação, pode desprestigiosamente comprometter o sentido translaticio das ultimas linhas:

> *Mas tambem se enganou muy boa gente.*
> *Quando lhe vio em cima huma Serpente.*

É, sem discussão, um trato de Symbolica christã. A bicha não é ali a asada *Serpente* heraldica (*gripho*, como tambem lhe chamam) da Serenissima Casa de Bragança, expressa no fecho da oitava.

Ou o poeta faz representativa referencia ao symbolo do Espirito do Mal, *Serpe retardada, segundo o dia,* por ir fugindo ao *Triunfo de Christo,* no acto processional

de Corpus com que a epigraphe implica, ou iconicamente aviva a ideia do velho uso de com ella se hierogliphar a destruição da idolatria que, nas figurações da Mystica, era o imperio do erro, personificado no Demonio, como Satan no infernal Dragão.

Por este motivo emblematico é que foi usança liturgica nalgumas partes do mundo catholico mais antigo, mórmente na Italia, ir nas procissões uma Serpe alçada, precedendo a cruz clerical da abertura do cortejo.

Assim se aprende em Claud. episc. Audegav. (*De Processionibus*) e o affirmava Allegranza (*Monum. sacr. ant. di Milano*).

Qualquer dos dois sentidos satisfaz cabalmente ás relações logicas dos antecedentes e consequentes do texto dubio em analyse. Segundo as regras da Hermeneutica tem o interprete de bem fitar as definições e exemplos do autor, os logares parallelos e o conceito das palavras do escrito. É por isto que taxamos de asceta o senir intimo dos taes dois versos. Vejamos. O *Ermitão de Santo Amaro* (assim Pinto jocoso-seriamente se chama a si mesmo, pelo facto de ahi morar), num *Vilhancico* consagrado *Á primeira Procissão do Corpo de Deus da Patriarchal*, diz:

Divino Enigma, exposto, occulto e claro,
Que aos olhos vos negais e ostêtais raro;
. . . . . .
Sahi, porque adorarvos quero tanto,
Como a Deos homem, Sãto, Santo, Santo.

É o *Recitado* da sua composição, a que elle faz corresponder a *Copla 11* de I:

Já hum Dragão ou Serpente
Se vos atreveo ousado;
E aqui por vós, deitão fóra
A huma Serpe e a hum Adrago.

Vale, como se fosse *autentica*, a interpretação formulada. (Nas procissões *estacionaes* o *stauroph*o*rus* — σταυρός, «cruz» + φέρω «levo» — succedeu ao *draconarius*, de δράκων, «serpente»),

*

* *

Carroça da Embaixada de Roma, entrada pelo Terreiro do Paço, depois de ter passado a Procissão de Corpus, diz, acêrca do *Triumphal-A*, a epigraphe das commentadas oitavas.

Numa *Nota* biographica de coches importa não dar por esgotado este assunto, uma vez que o distico da consagração daquella poesia, assim isoladamente considerado ao primeiro relance de olhos, e tomando por falso ponto de partida as actuaes circunstancias da chegada do cortejo Real para a dita festividade religiosa, permitte a illusoria presumpção de que o sumptuoso coche esteve ao serviço da Real Familia em ordem ao acto festival, a que nos vimos reportando.

Este inexacto presupposto póde ainda ser corroborado pelo facto de se haver já uma vez fantasiado o apparato da momentosa procissão de 1719, falando-se na chegada de *uns riquissimos coches á porta da escada para o patco da Capella* (a Patriarchal).

São imaginarios encostes, em que se não pode physicamente firmar a projectada abobada de tão desasida liberdade, ou falsos pontaletes facilmente desaprumaveis com grave risco das cambotas, que se tenta erguer.

A conjugação da citada epigraphe com o texto poetado, que lhe é subalterno, somente nos ensina que á vistosa galeria das actas nobiliarchicas deste esmerilhado coche

temos de encrustar a brilhante coincidencia da sua surprehendente entrada com a celebridade de uma festa do *Corpo de Deus.*

(Se realmente, como conjecturo, esse anno foi o de 1732, o dia teria sido *doze de junho* — data mensal que posso garantir, porquanto o computo calendaristico obedece a umas formulas arithmeticas fóra do alcance de quaesquer tergiversações).

Não ha erro que se não funde em verdade, de que se abusa. Recorda-nos, e bem, um famoso homem de Estado — o siciliano Crispi — que *I rumóri non sono ragióni.*

Pois bem, desfaçamos o equivoco, compondo topicamente a Procissão *de Corpus* desse tempo, apontando, entretanto, alguns dos artefactos expostos no *Salão dos Coches* e *Galerias,* que necessariamente figuraram nesse acto.

Segundo o plano já adoptado, apresentarei, no fecho deste artigo, um systema de notulas devidamente numeradas, como clarificada expansão do texto que vae correndo e que não convem interceptar com largos considerandos, a fim de não desligar o fio narrativo do alludido cortejo.

Tambem, nesta *Nota,* figuramos o desfilar de alguns outros prestitos, para secamente não destacarmos por completo os vehiculos nobres, que nelles rodaram; da mesma sorte que, ao tratar-se (*Nota 1*) da embryogenia do coche, no pensamento de fazer sobresair o adjectivo *Triumphal* dado aos monumentaes carros n.os 10, 11 e 12, nos occupámos compendiosamente das ovações capitolinas que, outr'ora, secundavam o antigo *Currus* romano.

Demais, era menos systematico desaproveitar o ensejo de uma pequena dilatação do assunto para ir resumidamente aclarando umas tantas questiunculas, que a elle intimamente se concatenam e que visivelmente interessam ao escopo deste livro.

Em materia de coches, ha até conclusões que somente deslisam do estudo de edificios e do elenco de determinados cortejos, como premissas bastantes do seu legitimo argumento.

É mesmo de ordenada vantagem littero-historica defrontar um impresso bastante conhecido — a *Historia critico-chronologica* do Dr. Ignacio Barbosa Machado, offerecida *ao Augustissimo Rey D. João V* — com um manuscrito, de que rarissimas pessoas teem conhecimento.

Mutuamente se completam na succinta descrição, que nos propomos.

Refiro-me á *Copia feita* — 1791 — *em Lisboa* (*para instrucção pratica dos Nossos liturgicos*) de um *Diario escripto em 1719, attribuido ao Beneficiado Figueira, Mestre de Cerimonias da Santa Igreja Patriarchal* [1].

(Um pequeno pacto previamente feito com o leitor paciente:

O *italico* de algumas palavras e frases, marcará — a ajustada nomenclatura de estofos, que entram no revestimento de alguns carros nobres coetaneos — a interveniente

---

[1] O *Diario* liturgico do Rev. Figueira *é o mais antigo, que ha do Rito desta Santa Igreja,* como diz o frontispicio. O texto das suas 1:014 paginas começa em 31 de dezembro de 1718. De indice incompleto.

O livro do Dr. Barbosa é substancialmente descritivo do mesmo cortejo mystico, a que o Beneficiado se refere; foi editado em M. DCC. LIX, porque os dois unicos manuscritos existentes (Real Biblioteca e Convento de S. Domingos) consumiram-se no formidavel incendio de 1755 — quando *ardeo o Real Palacio com todos os seos Thesouros cuja maquina e grandeza se equivocava com huma Cidade, o da Serenissima Caza de Bragança e de muitos Grandes da nossa Côrte...* (declara-o elle, testemunha presencial, que avaliou o prejuizo geral *em mais de trezentos milhões..*). E assim *ficou extincta a Santa Igreja Patriarchal, de que sahiu a procissão ..*

Foi a voracidade dessa catastrophe que deglutiu o *Armazem* ou *Arsenal* das armas do Paço da Ribeira, com uma collecção de peças de justa, torneio e de apparato ainda valiosa a esse tempo, não obstante a dizimação feita na epoca filipina. Explicar-se-ha assim a existencia do *Arnez de parada del Rey D. Sebastian de Portugal* na *Armeria* de Madrid, onde sobrepuja de brilho o seu congenere de *Filipe II?* (São respectivamente os numeros 290-A e 239-A, se as minhas notas impressivas de viagem me não falham).

descrição de typos batalhantes, delineados pelas sancas do tecto da grande *Sala dos Coches* — a technologia nacional de determinados objectos e particulares operações, mais ou menos relacionados com o assunto caracteristico deste despretensioso livro — a pragmatica privativa de alguns actos publicos do inicio do seculo XVIII — a construcção syntactica de textos portuguêses attinentes ao objectivo deste trabalho — a fixação topographica de roteiros dubios, etc.)

Aproximemo-nos da promettida narração summular.

Tem-se, geralmente entre nós, como unico e exclusivo synonymo de côrte luxuosa a de El-Rei o Senhor Dom João V, esquecendo-se ou ignorando-se que o rolar dessa lentejoulada onda, que tudo allumiou com as phosphorescencias do seu brilho, teve o seu mais proximo encrespamento no governo do Monarcha que, com o fim de se immortalizar pelejando contra os infieis, foi o primeiro Principe a cruzar-se para a conquista da Terra Santa, a convite do Papa Calixto III (*Borgia*) — o Senhor Dom Affonso V, o Rei que a Seu Tio, o Senhor Dom Affonso, deu o Titulo de Duque de Bragança.

De longe vinha já o microbio do luxo (tambem, metaphoricamente fallando, o mundo moral tem os seus vibrionianos — e, quasi sempre, megabacterias serpentiformes).

São os aventurados tempos manuelinos que marcam o periodo apogistico do primeiro galanteio português; mas os *mui doces taugeres, que soião ouvir-se,* para que a viçosa juventude bailasse *requebrada,* curveteando-se ao som da theorba de delicado cravilhame e do polycorde da harmoniosa archicithara, antecedem o reinado do Monarcha *Venturoso;* e já *El-Rei D. Diniz fez quanto quiz,* consoante o dito acintoso de Brochado e a lapide do sabugalense castello. É, todavia, o *Sol El-Rei D. João* do autor do *Pinto Renascido,* o Senhor Dom João V (Rei que, hoje, asphyxiaria a Realeza, mas que, então, com descommunal prestigio, a soube guindar ao septimo ceu), com esse seu aplumo de porte, que o emparelhava a Luis XIV (a quem o mais eminente orador da *Revolução,* Mirabeau, o eloquente victorioso da *Constituinte,* chamou *le plus asiatique* de todos os reis francêses), é o Rei *magnanimo* que, em tudo e por tudo, busca equipendiar-se ao *Roi Soleil de l'Europe.*

Maraffi, que dançava, deu a *marrafa;* e *Gafforini,* que cantava, criou a *gaforina;* ao cabello escovinhado ou *á crioula* oppillativamente succedeu o penteado *á Dona Maria de Austria* ou *á alamôa;* vem, com effeito, a moda francêsa que se chamou *Francezia,* e o paralta apolvilhado se envaida com a falsa polidura de um novo agnome — *o França.* Tres eram os indices manometricos, que então graduavam a perdularia bizarria dessas flatosas eras: nos palacios, o sarau dançante; nas ruas, o coche auriginoso; na igreja, o sair da procissão. A dança que, como se apura do *Cancioneiro de D. Diniz,* começou ao ar livre com a *baylia* ou *baylada,* cadenciada pelo dedilhar da citula e pelo ruflar do adufe, afidalga-se no tempo do Rei *Boa-Memoria:* attinge a alta caloria dos choreumas unisexuaes na Côrte do affavel, generoso e bem falante Monarcha o *Africano,* para alcançar alfim o typo do seculo XVIII, o rythmo do minuete, com as suas pausas *bem medidas* ou *mesures* á francêsa — tudo bem *mesurado* ou cortejado, como diz o excellente humor do Nicolau Tolentino:

Feita a geral cortezia
Pé atraz, segundo a moda.

(E é que todos *se alçavam!* mau grado os reparos do *Candido Lusitano* e do *Elpino Nonacriense*).

A seu turno, os carros nobres do Senhor Dom João V (que, ao estadearem-se nas grandes solemnidades officiaes, simulavam panoramicamente desenrolar o deslumbre dessa desoffuscante Côrte, que o ouro e os diamantes do Brasil haviam nivelado á altura das riquezas fantasticas do Oriente, e confundido com os palacios encantados das

Mil e uma noites), esses estupendos prodigios de architectonia vehicular ousaram sobrepujantemente rivalizar com os melhores da alta cortesania de França — os lendarios coches, que tão exaltadamente affligiam Luis XIV, *quando ousavam apparecer só á hora marcada, obrigando-o a bradar: J'ai failli attendre!* Assim, nos seus *Estudos Historicos*, substancialmente diz o Sr. Alberto Pimentel — que, pela finura do seu intellecto, crisol de sua sciencia e lhaneza do seu trato, se denuncia e captivantemente impõe como um dos nossos typos selectos do bom Fidalgo das Letras.

Por sua vez, no seculo XVIII, as procissões, essas publicas e solemnes *andaduras* mysticas (de *procedere*, andar — Casalius, *De rit. eccl.*) — que, em o Antigo Testamento, nas de Jerusalem, á volta do captiveiro babylonico (Esdras, II) e na de Jerichó com a Arca Santa, após a sua tomada (Josué, VI) e noutras quejandas tiveram a sua primitiva modelação — constituiam a nota mais salientemente dominante da luxuosidade liturgica dessas eras venturosas, principalmente a do *Corpo de Deus* [1], Haja vista á de 8 de junho de 1719, molde processional adoptado até 1755, em que o voraginoso desastre reduziu a escombros os alabastrinos e alacrados marmores da Patriarchal, *os quaes apostavam duração com a eternidade..., tão bem cinzelados, que nem a cera seria capaz de mais tenros arabescos...* — segundo um manuscrito de 1754 [2].

---

[1] A referida procissão do *Corpo de Deus* com a sua respectiva festa, tão celebres na Igreja universal, foram criadas pelo Summo Pontifice Urbano IV (1264), confirmadas pelo Santo Padre Clemente V (1311), e corroboradas pelo Papa João XXII no anno de 1316, depois do qual tiveram mais lata promulgação por toda a Christandade. Em 1707 achava-se, entre nos, sensivelmente decaida da sua primitiva grandeza. El-Rei o Senhor Dom João V, porém, que não só imitou os seus *Augustos Predecessores nos obsequios da Eucharistia ... em todos os seculos venerada pelos nossos Naturaes..., mas até os excedeo com inexplicavel vantagem* (Barbosa Machado), *decretou um novo obsequio do Sacramento, ou antes melhorou o seu magesto o triunfo*, no anno de 1719.

Tão grande era, por essa epoca, o desconcerto deste acto do culto externo, que até o *clero sem o habito choral, em turmas e sem ordem, muitas vezes se adeantava as dansas, que o Senado destinava para alegria d'aquelle momento* (di-lo o nomiuado autor, a pag. 138 da sua *Historia critico-chronologica*).

Ja sem o *gato-paúl* dos pelleteiros e as novas de Alvallade — sem o gigante dos boticarios e a catapulta dos alveneres, mas ainda (de paganissimo aspecto!) as requebradas *folias* dos homens de Arruda e as amouriscadas *chacomas* das mulheres de Friellas.

S. Mag.de que D.s g.de com o seu costumado zelo e fervor do culto Divino ficasse não permittio em a cidade occidental Religião ou Congregação alguma. ., mandando da Sua parte avizo aquellas sobre as quaes, ou por posse ou por privilegio, não tinha o Sr. Patriarcha jurisdicção. Assim fala textualmente o Beneficiado Figueira, a folhas 439 v. do seu volumoso manuscrito. (Não só com vistas de restaurar o primeiro apparato da velha ceremonia — additarei eu por minha conta — mas tambem, e talvez principalmente, para exceder as memoraveis procissões similares, que haviam feito: em Augsburgo, o Imperador Carlos V; em Paris, Francisco I; em Hispanha, Filipe II.

Neste ponto, mais vaiglorioso ciume, do que sincera piedade.

(A critica das personagens historicas não deve proceder, nem com demasiada severidade, nem com excessiva lisonja — e o justo meio, o δέ ἴσον μέσον μείζονος καί ἐλάττονος da Ethica aristotelica).

[2] Para duplo commentario, do manuscrito a que me refiro, e do sentido, com que tambem, ás vezes, manuseio o termo *arabesco* (como, quando trato da berlinda *D. Maria I-A*, do Coche *Papa Clemente XI*, e do tecto do *Salão*) é de ordem declarar que, completamente me desprendo da accepção vulgar, plebeia, por demasiado pobre e desajustada; alias seria torpemente compromettido a nobreza ornamental dos referidos monumentos.

O *arabesco* é para mim o mesmo que para a usual severidade do architecto inglês — o *arabic work. It consists of a pattern in which plants, fruits, foliage, etc., as well as figures of men and animals, real or imaginary, are fantastically interlaced or put together. It was employed in Roman imperial ornamentation, and appeared, without the animals figures, in Moorish and Arabic decorative art. The arabesques of the Renaissance were founded on Greco-Roman work.* O mesmo, portanto, que os *harpagenitudi* ou repartimentos, folhagens e espiraes, etc., de que fala o afamado architecto romano, amigo intimo de Augusto — Vitruvio do seculo I antes da era vulgar. Justifiquemo-nos.

E tudo o que, na obra de sinzel ou paleta, estilisticamente se aproxima dos folhames, frutos, conchas, delicada e fantasiadamente entrelaçados com seres imaginarios, consoante debuxos encontrados nas grutas

É neste prestito latreutico, portanto, que tomamos o escorço para imaginarmos o debuxo da *Procissão de Corpus* de 1732, no dia em cuja tarde — na melhor hypothese — deu entrada pelo Terreiro do Paço o imponentissimo *Triumphal-A* — pasmoso successo a que Thomás Brandam se refere em suas descritivas, encomiasticas e consecratorias decimas.

Da Capella Real (a que o Senhor Rei Dom João V, com a traça de Canevari, havia acrescentado *quasi meya igreja...*, fazendo dahi, *como capella Real, a mayor da Europa, e, como cathedral, uma das mayores e mais desembaraçadas Igrejas de Portu-*

---

das ruinas do palacio de Tito em Roma, edificado (assim como o *Amphitheatro Flaviano*, pelo seculo VIII chamado *Colosseum*) nos antigos jardins de Nero — cuja ferocidade o tragico e zombeteiro Racine tão energicamente photographa, nestes dois bellissimos versos:

Et ton nom paraîtra, dans la race future,
Aux plus cruels tyrans une cruelle injure.

Tal foi o peculio decorativo, que o *Sanzio* imitou nas *Loggie* vaticanenses (*di Raffaello*), e não nos frescos das *Stanze* ou *Camere* (salas de recepção do tempo dos Papas Julio II e Leão X — 1503 a 1521).

Confundir umas com outras — o que, na sciencia *de auditu*, se não faz raro — é não precisar bem o genuinamente *raffaellesco* na obra do grande Urbinense; identificar *Loggie* a *Stanze* é nada menos que reduzir ao mesmo piso dois andares de differente pavimento, baralhando todo o respectivo mobiliario.

Na sciencia *de visu*, sempre mais difficil por mais discursiva, os factos são sensivelmente differentes.

As *Stanze* ou *Camere di Raffaello* (que são quatro: *Stanza dell' Incendio, St. della Segnatura, St. d'Eliodoro, Sala di Constantino*, da qual se sobe ás *Loggie* (galeria recentemente envidraçada cujas alas acompanham o *Cortile di S. Damaso* ou Pateo do Pontifice português deste nome), já restauradas por Maratta á ordem do Papa *Albani*, são, com effeito, na sua parte mais antiga, obra do proprio punho do peregrino Mestre. Tenho-as visto absorto, e contemplado com extasi.

Aquell'outras, porém, (*Loggie*) — com as suas treze abobadas de extraordinaria composição, pelas quaes se estende a chamada *Biblia de Raphael* — foram preparadas segundo os desenhos e sob direcção do genial pintor, mas executadas pelos seus discipulos Julio Romano, João de Udino e outros de menor pujança.

¶ O Pontifice, no seculo chamado *Albani*, é o Papa da Bulla *Unigenitus*, o do nosso esplendido coche n.º 8 do *Salão* —.

Assim se discrimina a fórma *renascente* do menos bem appellidado *arabesco*, porque o ar primitivo da mais ou menos rica decoração (*decorative art*) arabe e mourisca (*Arabic and Moorish*) é primitivamente esbulhada de quaesquer figurações colhidas na natureza viva do mundo animal (*without the animals figures*), dando-se, em geral, como razão historica desta modalidade ornatista a *expressa defesa do Alcorão*.

Consintam-me os lexicographos de technologia artistica, — e, com elles, o valorizado Sr. Francisco de Assis Rodrigues — que, por ventura, sejam menos familiares ás lições do القران (*el-Koran*) — *Livro* que, na crença islamita, é a palavra illuminada do الله تعالى (*Deus Supremo*) revelada a Mohammed, successor de ابرهيم (*Ibrahim*, Abrahão) por intermedio de اسماعيل (*Isma'yl*, Ismael) e, por sua boca infallivel, transmittida á universalidade dos crentes:

O Koran — esse amalgama, por vezes incoherente, de preceitos moraes, religiosos, civis e politicos, mesclados com exhortações, promettimentos e ameaças concernentes á vida futura, de narrações mais ou menos fielmente captadas na antiguidade biblica, em tradições arabigas e até na historia dos primeiros seculos do christianismo — esse *Livro por excellencia* no sentir islamita, como para nós é a Biblia (de Βιβλίον; pl. τά Βιβλία, os Livros Santos ou *Biblia*), que é o assentamento basilar da civilização muçulmanica, fonte unica do seu direito, da sua moral, da sua economia e administração politica, etc., codigo recoltado por 622 de J. C., data da implantação da doutrina do Islam, porque é a da fuga (هجرة, *hedjirah* ou *hegira*) — esse, aliás interessantissimo, monumento literario não marca semelhante prohibição. No Capitulo ou *Sourata* 5.ª (٥ سورة) — em que permitte a pesca para alimento, e prohibe a caça, durante a epoca da ritualistica peregrinação a Mekka, como homenagem ao verdadeiro Alkorão escrito por Mohammed (كتاب محمد) — em que repelle o vinho e os jogos de azar, é que condemna as *aras* ou *pedras erguidas* (*ansab*, plural de *nasb* — da raiz نصب, *erguer*), onde os fieis derramavam oleos e faziam sortilegios. Foi a *tradição fanatica* que,

gal...) — por outra, do Paço da Ribeira, regia mansão cujo luxo de mobiliario e *tapeçados* de Arras e Liége perfeitamente correspondiam á sumptuosa altura com que se tratava a Côrte portuguêsa, como optimamente aponta o fidedigno Brochado — da magna igreja desse historico Palacio, originariamente manuelino, modificado com adaptações filipinas, onde estanciaram os Vice-Reis e a Duquesa de Mantua e que foi o lugubre theatro das lutas sangrentas, que deram a morte a *Miguel de Vasconcellos* — do opulento Oratorio desse realengo solar, ampliadissimo ao tempo de El-Rei Senhor Dom José I pela *Opera do Tejo* que lhe adjudicou, na qual os cantores italianos da Pa-

---

por abusiva generalização, estendeu o campo defeso; passou de *ara* para *estatuas*, e destas para toda a casta de *imagens do ser vivo*, tocando o escrupulizado extremo de que o *rigoroso observador* do Koran nem por sombra tolera, no jogo do xadrez, qualquer marca, que revista o minimo simulacro de *viva figuração!*

Tudo abominações inventadas pelo Espirito do Mal, pelo شيطان (*Cheyttan* — Satan), Satanaz ou Diabo!

Não admira, por parte do mahometano obstinado, tão supersticioso frenesi pela palavra de Allah, elle — que, *em nome de Deus, cunha a moeda*, بسم الله ضرب هذا الدرهم — que, na leitura capital de cada *Sourata* koranica, brada sempre pelo seu *Clemente e Misericordioso Allah* بسم الله الرحمن الرحيم, e que nelle cegamente confia em todas as aspirações da sua alma, exclamando, sem pestanejar, de olhos fitos no Oriente: *Praza a Deus!* ان شا الله (*in cha Allah!*; xallah! oxallah! «oxalla»! *oxalá!*).

Só mais tarde, com a franquia dos tempos, os *espiritos fortes* do Islamitismo, os artistas *mais avançados* foram subrepticiamente adaptando uma tal ou qual distractiva animalidade, introduzindo mesmo silhuetas de pronunciada feição humana, embora a principio hybridamente disfarçadas (do que tenho provas photographidas, por mim tiradas para jugulação do correntio prejuizo em contrario da positividade dos factos).

E dest'arte se foi, pouco a pouco, exvirginando a primeira fórma do immixto *arabesco*, que era tão predominantemente *rectilinea*.

O tom foliaceo da escultura copta — imitação rythmica da natureza — a epigraphia (a principio, de caracteres rectangulares, desprovida de alindamentos, tomando por texto os versiculos do Koran, que consubstanciavam os principaes artigos da fé muçulmana) e os entrelaços geometricos (o polygonismo), *especialmente no tempo dos Fatimitas) constituem as causas primordiaes da genese da arte arabe.*

.....

Mas a arte muslimica não ficou immovel; não foi uma formula imposta; moldou se no espirito do seu tempo e sempre o soube irreflectindo. Na epoca, em que o Propheta prégou o seu Koran, já a escola copta tinha por caracteristica o conjunto dos polygonos; inhabil, porém, para manejar as fracções de angulos, detere-se na simples combinação dos triangulos, dos quadrados e lozangos; as folhagens — o seu assunto favorito — haviam-se idealizado; o escultor tinha-lhes modificado a contextura peripherica e fantasticamente disposto o pectinado em mera ondulação de symbolico intento.

Mais tarde, o artista arabe — que jamais, como o copta, teve a noção do horror — sublima-se; num transcendental polygonismo, encarna as altas concepções do seu potente engenho, e delineia os traços do seu ardente sentimentalismo. É que, através da rede das linhas polygonaes, o pensamento erra, sem saber onde pousar, como que vagueando por um labyrintho; qualquer que seja o circuito que descreva, chega sempre a um ponto identico aquelle, de que partiu.

Sente então a ineluctabilidade das cousas e o peso das leis do tornar-se eterno — *que tão bem havia sido comprehendido pelo intellecto do velho Egypto!*

.....

... observamos que, a cada passo, aquella impressão se ergue, por assim dizer, do solo da mesquita, desce das paredes, cae das abobadas estalactícas e, por todos os lados, absorveu o artista genial; cada polygono polychromico, cada arabesco vermiculado, cada inscrição koranica o enlevava. A alma, vencida em tão sensacional arrobamento, devia cair naquelle mysticismo docemente resignado que, em todos os tempos, fez o fundo da crença oriental. É assim que os Arabes foram poderosos artistas — os reis da emphase — *lhes chama Réclus. Entre as formas abstractas, escolheram eltes as que, por mais estagnante regularidade, são sempre symetricas e, portanto, sempre semelhantes a si mesmas. Daqui, uma ideia de* eternidade, *tanto mais intensa, quanto a figura linear fôr um maior numero de vezes repetida. Mas, nem por isso, o artista muçulmano foi de uma absoluta uniformidade. (Tambem a mesma ideia pode, em literatura, ser traduzida por muitas formas differentes. E a arte arabe é uma literatura). Um mesmo espirito anima os artistas; cada um, porém, conserva a sua personalidade individual. Não é negar a belleza da*

triarchal substituiram a comedia pelo thema lyrico — dali, é que irradiou a luzidia desfilada do vistoso cortejo *de Corpus* [1].

O importantissimo Oratorio Real, abrilhantado para o prestito do *Triunfo do Sacramento,* como soía dizer-se — com os seus *panos de brocado branco e tela encarnada com franjados de ouro — com velilho de prata e guarnições de passamanes,* ao lado de *damascos carmesins de differentes côres* — pendendo-lhe das cimalhas *finissimos lôs da India, guarnecidos de galões de ouro e passamanes de prata* — em frente dos *crespos, perfilados com voltas apassamanadas,* disputando preferencias ás *telas cobertas de rosas de*

---

plastica antiga pretender que a encadeada geometria de um lambris arabe contem, as vezes, tantas commoções estheticas, como a mais perfeita moldagem das estatuas iconicas de um Praxiteles.

As linhas, que transcrevi, preparei-as eu ao regressar da *Alhambra,* do *Alcazar* e da *Gran Mesquita de Occidente*) para a confecção inicial do tomo I (pag. 119 e 120) do meu *Glossario critico* do *Museu henriquino* municipal de Faro.

Veio a pêlo a reproducção para bem accentuar o caracter geometral da pristina ornamentação arabica. Com esta desculpavel perlonga todos e tudo ficam bem — o termo *arabesco,* usado pelo retrocitado manuscrito de 1754, porquanto se queda escapole de qualquer escuridade perniciosa — a analyse dos coches, em que, ás vezes, uso desta formula, visto como não restará descritivamente menoscabada — a humilde pessoa de quem firma as presentes linhas, uma vez que não se deixa enrascado numa flagrante contradição entre o seu texto de dezembro de 1899 e o actual de agosto de 1905 — finalmente, o leitor benevolo, que tem opimo direito á maxima deferencia de quem a elle se dirige, impugnando-lhe alguma das suas crenças.

Em remate, tratou-se incidentemente de duas fases objectivas e artisticas, successiva e concatenadamente historicas, de um mesmo conceito.

É tão inexacta a apregoada repulsa feita pelo Koran á *animalização* do arabesco, como é a do odio, nelle formulado, contra os sectarios de Jesus Christo.

O furor sanguinario das Cruzadas — aliás santas na sua ideia — é que principalmente gerou esta actual animadversão. Mohammed, pelo contrario, declara-se de todo o ponto sympathico aos christãos : a confissão da sua odiosidade é contra os judeus e os idolatras. Para defesa destas contestações, cf. os versiculos 85, 92, 96 e 97 da dita *Sourata* (Edição de *Kasimirski,* porque a distribuição capitular e pericopal varia desta para o Koran de *Omer* (norte de Africa), como a de *Omer* diverge da de *Aly* (Persia), etc.

[1] Tão sobreeminentes foram as reformações operadas pelo *magnanimo* Monarcha no ambito e louçanias da Patriarchal, bem como no alto pessoal do seu funccionalismo, que em extremo se sentiu acossada a veia do omniloquo Pinto Brandam, fazendo-lhe explodir os seguintes versos :

Formoza minha Sé, quam differente,
Da Sé Velha te vês, agora, e viste !
.....
Seus Conegos já são participantes
Dos bens ; que quem os deu, tambẽ os dera
Aos outros, se os achara semelhantes ;

Mas estes formão cá tal Primavera
Que vemos a Capella, que era dantes,
Florescer mais, que a Sé, que era.

— Pelas narrações de Garcia de Resende, Damião de Goes e Duarte de Sande, concertadas com a gravura *Olissipo* (seculo XVI, *Theatrum Urbium* de J. Braunio), e planta de Lisboa (anterior ao terremoto de 1755, por José Valentim de Freitas — ms. da Bibliotheca Publica) se reconhece que o Palacio Real e Casas da India (antiga e nova), com os seus respectivos jardins, occupavam o espaço por onde actualmente se estiram os Ministerios da Marinha e Guerra, Fazenda, Reino e edificio da Camara Municipal. São de areas quasi isometricas o actual Palacio do Municipio e o antigo *Pateo de Capella,* o qual, descido um amplo escadorio, communicava á frente, sobre a esquerda, por meio do Arco dos Paços, com o Terreiro do Paço (de que a nova Praça do Commercio é sensivel ampliação, por terrenos conquistados ao Tejo).

Tambem, para o outro lado, tinha ligação com a Tanoaria, como se colhe da lição do Dr. Ignacio Barbosa, desembargador da Relação do Porto e censor da Academia Real.

Este esboço de minusculo tracejamento não é simplesmente conjectural ou meramente hypothetico ; é exacto, conforme se evidencia nos fragmentos de duas plantas (antiga e moderna), reduzidas á mesma escala

ouro, lavrado em seda branca — e altares ornamentados com *largas e delicadas sedas de Flandres* — sobresaindo, nesta irisada polychromia toda chispante de luz, os *Santos Protectores das principaes cidades do Reino,* enquadrados *na melhor talha* do seu tempo — e, por sobretudo, com uma capella do Santissimo, que era *hum globo de luzes e hum retrato do Empyreo* — este brincado templo, *da mayor assistencia e magestade*, assim decorativamente *apparelhado* para a grande festividade do dia, era, canonica e liturgicamente falando, uma capella *publica,* porquanto tinha porta para a rua, mas, de direito civil, *particular* do Paço regio da Ribeira, visto como a sua communicação era reservadamente interior, assistindo-se de ordinario aos actos religiosos nas tribunas, que para ella davam, e comparecendo-se nas ceremonias officiaes do culto *por meio dos dois arcos, que davam para o respectivo Pateo.*

Segundo o *Diario* liturgico do Padre Mestre Figueira, tão intima era a ligação, que (diz elle): *...estava de tapeçarias, telas, lós e passamanes a escada, que desce ao Pateo, pela qual desceo a procissão...*; esclarecendo que: *...a Serenissima Senhora Raynha e mais Pessoas Reaes a virão das janellas* (que olhavam para o Pateo, atapetado com *pannos de arraz de inestimaveis debuxos, alguns delles delineados pelo grande Rafael,* e devidamente *toldado para rebater o ardor do Sol* — como ensina Barbosa Machado), todas ellas com *damascos de ouro,* ficando, por isso, *sem ornamento algum as do Palacio,* que miravam *para o Terreiro do Paço...*, preparadas com *pannos de rás... A procissão, antes de ir para o Leito de paramentos* (o local, em que *delles se espolhavão*), *foi para o Paço...; e, entrada a primeira Sala..., esperarão, até que S. M. foi para o seu quarto...* (Figueira, *loc. cit.*, pag. 173 [1].

Nestes termos, em vista de fontes tão *proto-primarias* — como são a geometria inerrante de umas plantas e a narração verbal de autoridades, bastante *scientes* porque foram compartes classificados, e sufficientemente *probos* pela confiança que mereciam — podemos com afouteza taxar de pura criação fantastica, pedantesco estultiloquio ou crassa ignorancia das circunstancias locaes da *Patriarchal* e *Paço da Ribeira* o fa-

---

e sobrepostas, trabalho constante de uma estampa intitulada *A Indiaria Nova e as Primitivas tercenas de Lisboa*, magistralmente preparado pelo talentoso Engenheiro militar Sr. Augusto Vieira da Silva, cujos meretissimos *Estudos historico-descriptivos* vou acompanhando com particular apreço e sincero encomio.

A Patriarchal de El-Rei o Senhor Dom João V tinha o eixo da nave central (eram tres as naves, com alcadas de marmore e *pinturas de mestre*) orientado ao Setentrião do logar hoje occupado pela fachada norte dos Paços do Concelho, formando com ella um angulo aproximadamente de 90°.

A serventia publica desta *Capella* era pelo Arco dos Paços, uma vez que Barbosa Machado, narrando o recolher da Procissão *de Corpus* no anno de 1719, diz: *... ao chegarem a Porta da Campainha...*, e o *Diario* manuscrito do *Ceremonieiro* Figueira, referindo-se ao mesmo prestito, declara: *... Tornada a procissão pelo Terreiro...; por baixo das janellas do Paço, pelo columnado e pelo Pateo de fora e de dentro... Chegado o Pallio a porta do Pateo...*

— A *Capella Real*, probabilissimamente erecta (ao menos nos seus primordios liturgicamente regulamentados) pela fundação da monarchia, começa a denunciar-se, canonica e ritualisticamente tal, no governo de El-Rei Senhor Dom Dinis, o verdadeiro fundador do palacio da *Alcaçova*, onde, como consta da *Historia Genealogica*, sua Santa Esposa a Rainha Sr.ª Dona Isabel de Aragão, *depois de recitar na sua camera parte das Horas..., ouvia as restantes.*

De bastante tammanho..., dedicada a S. Miguel, teve depois a sua criação, definitivamente organica, em 1491, no tempo do Rei Senhor D. João II, segundo se vê do chronista Garcia de Resende, para mais tarde, com a fundação do Paço da Ribeira pelo monarcha *Venturoso*, ser votada ao orago S. Thomé, Padroeiro da India. Ultimamente, no reinado do Senhor Dom João V, é que foi consagrada ao mysterio da Assumpção da Virgem.

[1] *Espolhavão-se dos paramentos* é o mesmo que *espoliavam-se* delles, isto é, desparamentavam-se.

Para o denominado *Leito de paramentos* entrava-se pela porta do *Camarim da falda*, antes do qual havia uma antecamara, destinada ao pessoal menor do seguito em serviço patriarchal.

lar-se em espalhafatosos cortejos, idos deste para aquella, abrilhantados pelos mais diamantados coches do tempo de El-Rei o Senhor Dom João V, repotreando se nelles, com o seu chapeu de *graçotas* ou baixa plumagem, envolto em capa preta de setim, por dentro toda ramosa de ouro, alvejando com os seus *bofes* enroscados de finissimas rendas belgas ou de Vincennes, trajando *vestia* e calção da melhor seda da Persia...

Na biographia dos antigos carros nobres mais apparatosos, ainda sobreviventes, nada póde haver, portanto, que registar com relação a quaesquer estados de gala, compostos para as superantes festividades do *Corpus Christi,* saidos do Paço da Ribeira ao tempo de El-Rei o Senhor Dom João V, e no reinado do Monarcha o Senhor Dom José até 1755. De provada impossibilidade physica; é uma apodioxe rhetorica por si mesma rejeitada. A caprichosa idealização, a que me estou referindo, é um caso a mais de *Nuvem por Juno* ou, como jocosamente diria, nessa epoca, o nosso jovial Thomás Pinto Brandam:

Foi um *qui, quæ, quod...*
Muito *malus, mala, malum.*

Logo *ao romper da manhã* — assim se exprime B. Machado — do dia 8 de junho do anno indigitado,

(*Haverá mil sete centos*
Com mais dezanove annos
.....

intervem Thomaz Pinto), troou pelos ares o *festival estrondo dos sinos da Santa Igreja Patriarchal, Conuentos e Parochias...; de muito cedo* se achavam as ruas devidamente policiadas *com boas companhias do Regimento da Armada... e de outros..., que com os espontões defendiam a passagem do tumulto..., e conservavão a tranquilidade no concurso...*

— (Tres eram, ainda por este tempo em uso, as armas de mão, encabadas: — a *alabarda,* mais ou menos rendilhada, que elegantemente se adulterou na dos archeiros das *Guardas Reaes* — o *chuço* ou pique, em ponta de lança cruzetada que, ainda no fim do seculo XVIII, era manuseado por algumas companhias de infantaria — e a *partasana,* peculiar ás guardas de honra, de que grotescamente derivou o *espontão* ou chuço de sargento, que o texto deselucidadamente aponta).

Era hum Mundo cada rua,
Hum Ceo em cada caza;

(poetizava o autor do *Pinto Renascido*).

Para que o prestito saisse ás sete horas, naquella *bellissima manhã,* chegou *ás cinco* o Ex.mo Cardeal Senhor Dom Thomás de Almeida, *acompanhado pelo cortejo da sua numerosa e grave familia que, conduzida em muitos coches dourados e entalhados á maneira Romana...,* se foi para a *Capella* do Paço Real.

(Pelo que se vê, tambem — embora mais tarde, talvez por modestia — o estado patriarchal se *afrancesou* em fórma, pois que para a feerica Jornada ao Caia de 1729 — tão grandiosa, que trinta e oito caixões *de baixella de prata dourada* e vinte e quatro ditos com *prata branca* lhe não bastaram — saiu a Eminencia a 10 de janeiro, numa *berlinda francesa muito rica, com uma estufa tambem rica de Respeito e ainda mais quatro e outra berlinda para os capellaens, caudatario e mais familia.*

Por aquelle entalhe *á maneira de Roma* se conclue que o coche *Papa Clemente XI* de 1715 foi attrahindo outros a Lisboa, onde já luzentemente estacionava neste anno de 1719.

Não era, pois, como se tem supposto, um monge — que, *á Herculano,* quer dizer triste e só; era o guardião solemne de uma grei vehicular, mais patriarchal do que regia).

Com uns resquicios do velho ar marcial, chegam, entretanto do vetusto castello o *Santo Cavalleiro,* o *Alferes da antiga milicia* e o *Pagem da lança,* atravessando as ruas, toldadas com *brim por cima e damasco por baixo,* colgadas *as janelas* e *paredes por tapeçarias e damasco de varias côres...*

De junco a rua cuberta,
E a terra toda areada;
Não era um brinco de junco,
Nem poeira levantada.

(assim nos ajuda um descritor coevo, o infatigavel e fecundissimo Brandam — que, se por mundano não morreu *em cheiro de santidade,* foi-se, por certo, penitenciado *com muita fome*).

Nenhuma personagem faltava já para o enfileirar do magno cortejo.

Á frente, os *Tambores a pé e Trombeteiros a cavallo,* com suas *vestes de velludo carmesim e vistosos galões de prata. Os toques dos clarins e das caixas fazião hum ruido alegre,* estrondo festivo, que não imitava bellicos conflictos, mas lembrava apenas os gloriosos *triunfos, de que o Santo foi valeroso instrumento* [1].

Era a sonante vanguarda dos *Misteres* ou officios mecanicos, representados cada um pela sua significativa bandeira. *A Casa dos vinte e quatro.*

Depois, *vestido e calçado de ferro, com viseira e colete, montado em hum cavalo acobertado, ia, com hũa comprida bandeira, o Alferes de milicia, á antiga, conductor de quarenta e dous cavalos da Caza Real, pombos, bayos, alazões, castanhos, ruços e amellados, com as suas sellas e bolças de coldres, xaireis de prata lavrada ou batida, e telizes... franjados...* tendo, ao centro, por desenho *dois Anjos com trombetas..., e de castellos bordados aos cantos...*

(É de broslado congenere a saia do cabeçal do coche *Infante D. Francisco-A;* são telizes coevos os do escadorio para as *Salas* e *Galerias* [2].

---

[1] Da antiga *charamella* (fórma collectiva de manifesta impropriedade, pois que *charamella* é um instrumento *unico*), que tanto barafustou nesta soalheira tarefa, quasi nada mais resta do que o cabello sedeído, a tez enviscada, a venta platirhinica, a beiçada pevidosa, o esgar envinagrado e o olor da casta, desses pitanceiros africanos e azevichados anafileiros que, com o seu tradicional estribilho, bastantes vezes cacophonico, nos vem atordoando ainda — não ferido com as estridentes trombetas de Coblentz, mas rouquenhamente buzinado com as cornetas 73 e 82 do nosso Arsenal do Exercito [A. E. 1903].

— Dos aventaes timbaleiros pertencentes aos antigos cortejos, com as suas Armas Reaes dispostas por entre tropheos bordados, ainda hoje se acham exemplares autenticos, suspensos nas paredes da *Galeria-B* deste Museu.

[2] O liturgico Figueira, mais minucioso, neste ponto, do que Barbosa Machado, dá-nos o *Alferes de S. Jorge vestido de armas brancas.... com um estandarte na mão.... seguido de quarenta e outo cavalos de Estado..., sendo o primeiro de diante com teliz de veludo encarnado (da Caza Duque de Cadaval)..., e os mais com telizes de veludo verde e Armas Reaes (de S. Alteza e S. Mag.de que D.s Gd.e).*

a) São de vermelho os actuaes telizes em uso, quando os cavallos não tomam por cobertura as vistosas mantas *marroquinas* expostas no *Armario grande* dos aprestos de cavallaria (*Galeria-B*) que, com as sellas congeneres da mesma secção, constituem a rica offerta feita, em 1878, a El-Rei o Senhor Dom Luis I — de infinda lembrança — pelo embaixador Bachá Sid Tibi Benhima, em nome do Sultão de Marrocos.

Que ingenua scena de tão medievicas recordações ver assim ajaezados os esbeltos *alteres* da Casa Real, de variado desenho e alta genealogia, de andadura suave, resfolegando de vaidade pelas ventas *rasgadas de bom alento,* descarnados de cara e olhos grandes, mascando briosos os seus freios de corôa Real nos extre-

Como nota mysticamente caracteristica desta ficção medieval, apparece o santo *Guerreiro* rodeado pela *Irmandade de S. Jorge*, que usava festejá-lo na *Real Igreja do Hospital de Todos os Santos* (ala oriental do Rocio), onde então tinha a sua capella ou particular oratorio.

Ei-lo, em *hum cavallo branco*, com *armas brancas de prata, vestido de tela encarnada, com sua volta enrocada e chapeo na cabeça guarnecido de broches e joyas; hũa lança na mão direita e hum Escudo de prata na esquerda.*

Vem religiosamente symbolizando o crente profundo que, em pleno Senado, replicou ao Consul Magnencio e cuja constante intrepidez, perante o mago Athanasio, tanto assombrou os pretores Anatolio e Protoleu. É a perpetuação historicamente alle-

---

mos — como luzentemente se vê no *Armario VII* da *Galeria–C* — todos garridos, ufanos com os seus entrançados, mostrando-se embevecidos a quem os mira, emproados de cocares e frontaes, revendo-se na sombra das suas engalanadas rabeiras — (tudo lindo, lindo, como está archivado no *Armario grande* da *Galeria–B*), espumando neve, de ancas anediadas, direitos de perna e cadeiras bem partidas, com seus relinchos desafiando ao salto e á corrida os trintanarios que os seguram com os seus bellos trajes á *portuguêsa* (dos archivados nas *Salas D* a *G*), colericos *de boa vontade, & bom ar*, roçando o chão com os bem copados cascos, como se, nas escavas, buscassem o esconderijo de algum thesouro encantado, lobrega reliquia dos antigos donos dos seus arabigos progenitores!

Lédice de corceis, *todos chegados á boa doutrina!* .. de *seda fina, & estirada..., cavallos ligeiros, & de casta fina...*, como, acêrca do *Ginete*, se explica o Mestre Galvam de Andrade, na sua *Estardiota* de 1678. (É muito do meu tempo, por selecção de tradicional nobreza, não serem admittidos como *cavallos de estado — de estada*, melhor se diria — para este cortejo religioso, senão os que tivessem *ferro de Alter Real* e as *facas das Pessoas Reaes*, isto é, os cavallos de aristocrata procedencia, ou alta *geneologia*. Para o bem sabido *mestre Picador do Senhor Rey D. João o IV... pé direito branco he Argel; e de mão tambẽ Argel travado... Faca direitamente vẽ a ser toda a besta muyto pequena... E se, junto a isto, tiuer andadura, & tiuer a cara grossa, e as orelhas curtas, & bem abertas, a seda grossa, & algũas garras, & curta de quartelas, será direitamente faca... De corpo pera poderẽ servir na guerra, não é faca...* Com isto se compadece Madeira, ao falar da sua *faquinha*). Para desfazer uma teima.

b) O *Alferes da antiga milicia* na dicção da *Nota* ou *Alferes de S. Jorge* é o *Homem de ferro* do chamamento popular — adjectivação armeira tão inveterada entre nós, que já ao chapeu *de armas*, que com o camal completavam os arnezes da famosa jornada a Ceuta (*Chronica* de Azurara), se appellidava *de ferro*— imitação do desengraçado *sombreiro* ou horroroso *chapeu* do seculo XV.

Representando a milicia de outras eras, vae realmente (ladeado por dois moços da Real Estribaria, vestidos *á antiga portuguêsa*), sem armadura de peleja — sempre mais leve que a de torneio—pesadissima couraça, que tantas congestões causava! De arnez sem a sobrecarga de ornamentos gravados a *ponta séca* ou *agua forte*, rebatidos ou relevados, sem labor artistico de assumtos allegoricos ou mythologicos (gregos ou romanos *á l'antica*), sem embutidos de custosos metaes que dessem tratos á mente de algum Wohlgemuth ou Cellini, Durer ou Villafrãna e que fazer ás altas locubrações de algum armeiro ou mestre de solhas, vae, todavia, de elmo cerrado com viseira, de gorjal, com o seu peito de couraça e espaldar da mesma: tem espaldeiras, braçaes e avan-braços; de coxotes, joelheiras e caneleiras. Tanto *á ligeira* se acoberta, sem fralda e desescarcellado, que, hoje, até monta sella de camurça branca, quasi sem arções e sem borrainas, consoante se vê exposta no cavalete n.º 20 do *Salão dos Coches*.

Estas partes são simplesmente prateadas, porque em prata de lei só os estribos, cuidadosamente arrecadados na *Galeria–C, Armario XI*, como no *IV* se resguardam as pertenças do *Estado de S. Jorge*, completadas com outros aprestos systematicamente distribuidos pelos *V* e *XII* desta mesma *Galeria*, por outros das *A* e *B*, e ainda pelo *Salão* dos Carros Nobres.

Significativo, arremedo do *homem do arnez;* mais pesado, todavia, e real do que o ajaezamento do seu cavallo que, sem os verdadeiros ilhaes dos tempos bellicos, desprovido do lorigão atafaezado, não bardado ou sem tonelete, sem pescoceira e sem testeira a valer, rostrada ou rasa (como typicamente se vê descrito pelas sancas do tecto do *Salão*), vae o bruto symbolisticamente acobertado com as suas gualdrapas, não de *couro Tãgerino*, mas de camurça branca, tendo por falsa focinheira, ficticiamente tachonada, a que, de coiro espalmado, se acha pendente no *Armario XII* da *Galeria–A*.

c) Nas expressões — *Alferes de S. Jorge* ou *Alferes da antiga milicia* — o vocabulo *Alferes* tem por accepção fundamental o echo do seu primitivo significado arabe, isto é, *cavalleiro* (é modo de ver, que deixo á censura dos arabistas). Em Tanger, no anno de 1901, ouvi com sensivel frequencia dar-se ao cavallo o nome

gorizada do fogoso *Capitão* dos exercitos romanos da Dalmacia, feito *Conde* por Diocleciano (305 de J. C.) — o 38.º imperador, e o 1.º diademado, que tanto impulsionou o luxo de Roma com os faustos trazidos do Oriente — o criador do appelido de *Cesar* que, a principio, significava tão somente o presumptivo herdeiro do imperio — o talentoso militar, chefe supremo da *tetrarchia romana* por elle instituida, a qual, mesmo dilacerada e enfraquecida, ainda pôde retardar o baque geral do grande edificio [1].

É a imagem do santo Protector das aguerridas hostes portuguêsas, pelo Qual desde o valoroso Fundador da monarchia e desde o pastoral exemplo do Bispo Gilberto, se habituaram a bradar no ardor da peleja, á laia dos cruzados inglêses que, conforme ensina Osberno, tanto, com varios outros, auxiliaram o Senhor Rei Dom Affonso Hen-

---

fars. (فرس). No dialecto argelino, já mais puro que o berbere da Tunisia, Marrocos, etc., existe a palavra فارس (*farse*, cavalleiro) que, precedida do artigo *al*, ال (particula invariavel em todos os generos e numeros), dá *al* + *farse* = alfarse > alferse > alferese > *alferes* (الفارس, *Alferes* = *o Cavalleiro*).

É facto glottico perfeitamente analogo ao phenomeno linguistico, dado com a palavra *alcaide* (de *al* + *caide*) que, na sua primitiva significação etymologica, era o simples *juiz* (قاضي + ال, *al* + *qadhy*, *qaddi*), magistrado arabe, só depois sobrecarregado com mais ampla jurisdição, do que a meramente judiciaria; como, no nosso caso, em que o *Homem de ferro* se revela com o aspecto de um cavalleiro *selecto*, *em forma*. (*Vide* sancas do tecto do *Salão*), visto como tem espada, que — salvo a opinião dos mestres — pelo rendilhado das suas guardas e contraguardas, dá visos das de cavallaria dos seculos XVII e XVIII, evolucionadas da *esclavonia*.

O uso desta arma foi vedado aos peões aos quaes, nos tempos feudaes, só era licito o longo cutelo ou punhal que elles, derrubado o cavalleiro, se esforçavam por introduzir pelas juntas da armadura a dentro).

O *Homem de ferro* vem como *homem de cavallo*, formalizado; sem prosapia assinalada na cota de armas que enverga, é certo, mas tambem sem typo de *acontiado* ou assalariado — que era o pobre ou villão, que com uma simples loriga de atanado usava ficar-se quedo. De *asséto obrado pera caualleiro grãde, & grosso, & arcão traseiro quasi derrubado, em prevenida* a espada, de *bom* (?) *ar nas pernas, corpo, & mão*, de cavallo *armado de hũ cuberta*, mais que um *Padrinho*, que um *Mantenedor* de quaesquer *Ventureiros*, representa um Cavalleiro *categorizado*, um Primaz de tão eleita *Ordenança* — é o *Alferes do Santo*, que empunha a bandeira do seu generalato.

[1] Em duas palavras, a razão de ser historico-tradicional do louvavel esmero, com que se acham depositados pelo *Salão dos coches* e *Galerias* os pertences do Santo, destinados ao exclusivo uso processional na festa do *Corpo de Deus*:

a) O termo *Conde*, por mim reproduzido na descrição *retro*, tem o genuino sentido do *Comes* romano, sua fonte etymologica.

Era a personagem, que acompanhava o Governador na gerencia da provincia, ou Addido ao Principe nas suas viagens, como companhia classificada, seu conselheiro e ajudador. O *Comes* passou depois, no baixo Imperio, a ser uma entidade meramente honorifica, titulo dado a alguns dignitarios da mais selecta *Nobreza* — que se não deve confundir com a finura do *Patriciado*.

Os *Patricii* tinham a sua condição nobiliarchica por força da classe, a que socialmente pertenciam; os *Nobiles*, verdadeiramente taes, eram os cidadãos, que usufruiam do *Jus imaginum* (exclusivamente os que houvessem tido na parentela Magistrados curues), isto e, que gozavam da prerogativa de expor, no *atrium* das suas casas, os bustos (*effigies, imagines majorum*) dos avoengos, usualmente levados nas pompas funebres e processionados nas funcções solemnes da familia, conforme se estuda em Tito Livio, Suetonio e, modernamente, nas *Dissertt. de Imagg. Rom.*, por Eichstœdt.

Por forma que, em Roma, um *plebeu* podia ser Nobre; e um Patricio podia não ter *nobreza*.

b) Em a narração, a que esta addenda se filia, entende-se por *Capitão* (de *caput, pitis* — cabeça, o *chefe*) a patente militar, que devia haver correspondido ao *Præfectus turmae*. No periodo mais bem accentuado da organização do exercito romano (*equites*, cavallaria + *pedites*, infantaria) — a que todo o cidadão vinha de nascença vinculado, com ulterior alistamento obrigatorio, *delectus* — as turmas (*turmae*) compunham as alas da cavallaria (*alae*), como as decurias (*decuriae*) organizavam aquellas. As legiões dos infantes (*legiones*, divisões), a que presidiam os *Tribuni militum*, dividiam-se em cohortes (*cohortes*, regimentos ou bata

riques na brava conquista de Lisboa em 1147 — *Expeditio francorum et anglorum et variarum nationum ad obsidendum Olissiponem in Portugalia, tempore Hildefonsi Regis*... (*Port. Monum.*, «Scriptores», vol. I).

(O sequito obrigado do cavalleiro solarengo usava ser composto por uns tantos homens, de pé e de cavallo, que o ajudavam a montar, a apear, e a erguer-se, se por ventura caía, e que lhe iam ministrando as armas, de que elle carecia para o combate — todas dependuradas no arção da sella, excepto a lança e o broquel, que eram levados pelo escudeiro). É a razão de ser do *Pagem* que, hoje, transparece no cortejo exageradamente infantil, mais com ademanes de Archanjo do que com visos de entidade ter-

---

lhões) que, a seu turno, se partiam em manipulos (*manipuli*), da mesma sorte que estes se subdividiam em centurias (*centuriae*), commandadas pelo centurião (*Centurio*).

Não havia patente privativa para o mando das *cohortes* de infantaria, nem para as *alas* de cavallaria; ascendia-se por merecida eleição, militarmente comprovada.

Nos tempos de Diocleciano, um *Præfectus turmae* nos exercitos do Oriente, commandante por distincção de alguma turma de cavallos, era um *Comes*. Taes são os galões militares, que historicamente reconheço ao nosso Santo. Alçado a *Dux* honorario pela soldadesca christã da Dalmacia, a *General* protector *celeste* pelo catholicismo britannico, por imitativa piedade da antiga milicia lusitana é elevado a Cabo de Guerra, divinal *Intercessor* do exercito português.

(*Que hum Rey levava, por Gram Mestre,*
E hum S. Jorge, por Gram Cabo,

nos termos do citado Thomás Pinto Brandam que, com o facecioso e mordaz Souto Maior — antonomasticamente o *Camões do Rozio* — eram duas interessantes individualidades literarias nos majestaticos tempos do Senhor Dom João V).

Foi o Real Esposo de Dona Filipa de Lencastre, Senhora de abalisadas virtudes, Neta de Lord Eduardo III de Inglaterra (o conquistador da Escocia e instituidor da Ordem da Jarreteira, cuja é Patrono o S. Jorge) — *Defensor do Reino*, heroico vencedor dos Atoleiros, de Trancoso, de Aljubarrota e Valverde, e lendario tomador de Ceuta (cujo primeiro governador D. Pedro de Menezes, Conde de Vianna e depois Marquês de Villa Real, tão bem soube defender contra vigorosos ataques de innumeros soldados mahometanos) — foi o Grão-Mestre de Avis, El-Rei Senhor Dom João I, o Monarcha (1383-1433) que, ao restaurar o castello de Lisboa, o consagrou ao Santo, ordenando que se chamasse *de S. Jorge*, que a sua Imagem figurasse na procissão do Corpo de Deus e que o Juizado perpetuo da Irmandade do canonizado *Guerreiro* ficasse de futuro na Casa Real portuguêsa. Assim o contraprova o exame de dois livros em pergaminho com illuminuras, cuidadosamente resguardados na Igreja parochial de Santa Cruz do Castello. Um, que tem por titulo *Certidam | do Antigo compromisso | da Irmandade do Sr. | S. Jorge. | cita no Hospital de Todos os Santos | De que forão sempre Juizes | os Serenissimos Senhores | Reis de Portugal. | Confirmado pelos Illustrissimos | Prelados deste Patriarchado. | E novamente accrescentada pelo | Em.mo Sr. | D. Thomaz de Almeida | ... | em 11 de abril de 1724. | Sobrescrita pelo Escrivão | Marcelo Thomaz de Atayde Lobo.* (Tem confirmação regia do tempo do Senhor Rei Dom João IV). O outro, mais pequeno, de 1777, tambem illuminado, é simplesmente destinado ás assinaturas da Pessoa Reinante — das quaes contei cinco, sendo a ultima de Sua Majestade El Rei o Senhor Dom Luis I, de immarcessivel saudade.

(Está omisso o nome do actual Monarcha, Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Carlos I, naturalmente porque a Confraria foi extincta, ficando todos os seus direitos e encargos ao zelo da Irmandade do Santissimo de Santa Cruz do Castello — confiança, que bem se exforça por merecer, como de vista propria sei). Eis os motivos da tradicional usança pelos quaes, ao lado da Imagem de S. Jorge — escanchado na sua sella de velludo carmesim, listada a galões de ouro (*Salão*, cavallete n.º 22), enriquecida com os mais bellos estribos de prata do *Armario V* (*Galeria-C*) e abrilhantada com outros pertences do *XI* (*Ibid.*) — vae o *Fiel do estado*, emparelhado com um moço da Real Estrebaria, de trajes *á antiga portuguêsa*, consoante se vêem distribuidos pela *Sala* dos fardamentos. O piquete de gala é constituido por sete moços, todos com os espadins da sua categoria, taes quaes estão reclusos nos *Armarios, VIII* da *Galeria-C*, e *XVII* da *Galeria-A*. *Vide* plantas do *Salão, Galerias* e *Salas annexas*.

c) Das *armas brancas*, que a citação accusa como investidura do Santo, só actualmente tem: o *escudo*, cujo feitio traz á memoria o de certas *tarjas* das lições, justas e torneios, conforme se vê em exemplares de sola, imitações, expostos na *Galeria-B* (o coiro crú e curtido formava, a base da armadura do senhor ou rico-homem nos seculos VIII e X); — a *espada*, de interessantissimos debuxos e lavores, symbolisticamente

restre. Todo franzino, gracioso, repleto de jubilos e sorrisos angelicaes, com o seu capacete (de 1866), acompanhado por dois Palafreneiros, Moços de estribeira da Casa Real, a pé, devidamente fardados *á antiga portuguêsa*. Monta a sella de velludo carmesim, axairelada, com broslados de prata *á cartellami*, que lhe está de reserva no cavallete n.º 21 do *Salão dos Coches*, devidamente apparelhada com as valiosas *estriveirazinhas* do seu uso (*Armario V, Galeria-C*). Tal como actualmente se ostenta, de semblante descarregado, cada vez mais subtil, nada tem de homem de cavallaria *sellada e emmantada;* é antes um pequenino *Vexillario*, de ares sobrenaturaes que, com a cruz do seu labaro, vae annunciando de alto o regimento de Christo a que o batalhão pertence [1].

---

nobiliarchicos e militares, do seculo XVIII; — a *lança*, que o impassivel *Guerreiro* (sem risco de *perder a sella*), leva *desenristada:* vae *de alto*, com *ferro de offensa*, encaminhada a *bem correr o inimigo;* — e as *botas* (grotesco estojo, sem outro nome dado em *Indumentaria*), umas *grêvas sui generis*, talvez imitando, pela sua brancura, a *carneira, grossa, bẽ alua* do fim do seculo XVII, epoca, em que já o fidedigno Galvam dizia: ... *borzeguins se não uzão no tẽpo prezente, verdes, atamarados, & argentados...*

d) Suppondo que, no seculo XVII, se quis, com os estofos de Gentilhomem que adornam a Imagem do *santo Combatente*, deixar entrever, nalguns dos seus ademanes, um quê longinquo de trajo medieval, o *gibão* alludirá ao *laude* ou *laudel*, isto é, á *sobre-cota*, que os cavalleiros vestiam por cima das malhas, em cujo peito usavam pôr o brasão de sua Casa ou siglas heraldicas pintadas ou broslados, que lhe eram privativas de sua nobreza. O *manto* ou capa *curta* poder-se-ha generosamente considerar como extensissima ampliação allusiva á *espaldeira* ou defesa de hombros do seculo XV, em que os Freires traziam estampada a cruz da Ordem religiosa, a que eram filiados. Nesta hypothese, entender-se-ha a respectiva *golla* de rendas, como desejando trazer-nos á memoria o *guarda-collo* do ultimo periodo gothico ou da transição para a Renascença. Tambem os chamados *acicates* o não são rigorosamente taes — essas esporas longas e ponteagudas que, ás vezes, em officio de estrepes, se usava fincar no chão para deter os infantes inimigos. Em todo o caso é de notar que a Idade-media, essa epoca de invasões — em que, pelo embate da barbarie contra a barbarie, tudo foi confundido e arruinado — em que, a par de muito egoismo e crassidade, foi, entre outros alvores, brotando o sentimento nobre da independencia individual — em que o *padroado militar* fundou a jerarchica subordinação, depois convertida em *feudalismo* — este novo cyclo historico, caracterizado pela constituição da nova sociedade europeia, está fixado entre os fins do seculo V e o raiar do seculo VI (demarcação solidariamente assente por todos os publicistas, feudaes, monarchicos e liberaes); ao passo que S. Jorge foi *Cavalleiro de guerra* degolado pelo anno 300 de Jesus Christo.

Para as *Acta Sanctorum* o Heroe é, pois, do inicio do seculo IV. Um anachronismo theatral.

[1] O rigoroso *vestido á mourisca* (Pagem) — vindo tambem do seculo XVII — obrigava principalmente: a *hũa marlota até aos geolhos cõ meyas mangas largas, & hum capillar ou bedem...;* a *mangas brancas abertas nos pulsos, por debaixo dellas...;* a *duas toalhas, bem guarnecidas, chegando cada uma té ao geolho...;* a *barrete vermelho bordado no alto com cercadura de turbante, com seus talins, & alfanjas de obra primoroza...*

Donde se aufere que, no grandioso acto de 1719, já o traje do *Pagem da lança* não era totalmente *á moirama;* como no terceiro quartel do dito seculo, já tambem os telizes eram *á Skõberga..., muito desairosas por serem pequenos, & não terem poutas, que se atassem* sobre os peitos.. , emquanto que os outros *erão muito airosos* ..

Deste modo, na sua *Arte de Cauallaria de Gineta e Estardiota*, se lamenta Antonio Galvam de Andrade.

E a elle, a Manoel da Serra (*Mestre em hũa Academia... nesta cidade*) e a outros chiromantes do seu tempo e da sua lavra que eu julgo dever attribuir-se a peregrina theoria (chamemos-lhe neologicamente *comegnostica;* de κόμη, «cabello» + γνωστικός, de γνῶσις «conhecimento»), que então chegou a instillar-se no animo geral. Como se da côr se pudesse, categorica e inerrantemente, concluir para o ar e genio do cavallo!

Diz elle, por pag. 97, ...*brancos participão do elemento agoa, que he frio, & humido, & do humor fleumatico...: castanhos .. do elemento Ar, & do humor sanguinho...; alazões... do elemento fogo, que é quente, & seco, & do humor colerico* ..

Se os ruços *persolanas* eram sympathicos ao principio de tão alta hippognose (porque *denotam bom emperamento, & são bem enfreados*), os pobres ruços *queimados* eram deseleitos para o prestito, porque... *não querem andar* — e, demais a mais, . *se defendem cõ ruins movimentos.*

Valha, ao menos, o engraçado e reverente euphemismo!

O certo é que a tradição vinculou-se; e, ainda hoje se busca, quanto pode ser: — para o *Santo* o cavallo *branco* — para o *Homem de ferro* o *alazão* — para o *Pagem* o cavallo *castanho*.

Em dois *troços ou corpos* (fala ainda o Dr. Barbosa Machado, integrando agora a omissão do Beneficiado Figueira; como este, ás vezes, o explana tambem a elle), vão-lhe no encalço *os atabales Reaes com os seus pannos de ouro e as Armas do Reino*, emparelhando *os doze Trombeteiros* com *tubas de prata e bandeiras de ouro*, vestidos com *as librés da Caza Real*. (Destas saias de atabales ha modelos da epoca, depositados na *Galeria-B;* bandeiras, como as referidas, existem tambem, embora não archivadas no Museu.

(Já bastante está dito, em ordem ao nosso intuito primario; é preferivel, porém, evitar bruscas incisões. Resumir não é amputar, mas simplesmente retrahir a escala, sem perda dos topicos mais salientes. Ha mesmo umas notas ineditas e rectificações cujo interesse justifica a prolixidade da narração, que ainda continuamos).

Após os *Trombeteiros*, vae alçada a primeira cruz, ladeada pelos Cursores — de *largas e fraldadas opas roxas, com grossas varas encarnadas, tendo uns pomos como remate*. Confrarias e Irmandades das Casas religiosas. Depois, as das Igrejas seculares, antecedendo os *Clerigos das Parochias*. Religiões; e, no fim da ultima, a segunda cruz, conduzida como a primeira. Moços da sacristia. Acolythos Ordinarios. Capellães Cantores. Clerigos *ou Beneficiados das Freguesias*. Ministros da Relação. Tribunaes. Cavalleiros com os habitos e mantos da sua Ordem. *Pagens do Sr. Patriarcha. Capellães do dito Senhor*. Cantores. Acolythos Principaes. Sudiaconos Principaes. Sete Escudeiros, *de chimarras* sem capuz, com as sete mitras nas testeiras. Dois Capellães secretos emparelhados.

Surge agora o trato mais solemne da grande marcha triumphosa, abrindo filas com a cruz principal que procede illuminada por sete ceroferarios. Marchando, aos lados dos dois ultimos, os dois *Virgas rubeas* e outros tantos Capellães Ordinarios, levando as *Varas dos Penitenciarios com os seus molhos de cravos em baixo*.

Doze *Penitenciarios* revestidos, e os *Não assistentes*. Beneficiados *assistentes* munidos com os seus brandões. Os *Ill.mos Conegos, Diaconos, Presbyteros, e Dignidades de mitras na cabeça, acompanhados pelos* seus tres *Familiares*... (assim escreve o Rev. Figueira, no dito *Diario* liturgico) [1].

Em seguida a estes, os doze Escudeiros, o *Beneficiado do Baculo*, o Capellão Ordinario, os Acolytos Principaes e *Cerimonieiros*, denunciavam a aproximação de Sua Eminencia..., que vem de *Nobre á Cauda*. Atrás, o *Ministro da Mitra* entre dois Capellães secretos. Os cinco Cantores. Os Notarios. Os dois Caudatarios ladeando os *Ill.mos Diaconos assistentes*.

Marchavam os Flabellarios (escudeiros) junto do pallio, que era *de bella telilha branca com sanefas quartiadas, tendo em cada quarto uma Mitra*, a cujas oito varas pegavam *El-Rei, Infantes e os Cavalheiros trajando os mantos das respectivas Ordens*

---

[1] Com a grandiosa luxuosidade da *Capella* do sumptuoso Monarcha e com o extremo requinte do apparato patriarchal corria perfeitamente parelhas a imponencia capitular desses tempos aureos.

Acêrca do Cabido de Lisboa, como côrte archiepiscopal do seu purpurado Antistite, diz o insuspeito Dr. Ignacio Barbosa Machado...: *hum dos mais nobres e esclarecidos de toda a christandade*, como os — *de Colonia* (a antiga *Colonia Agrippina*, com Arcebispado erigido por Estevam III, no seculo VIII) — *de Trêves* (*a Augusta Trevirorum* cujo Arcebispo era Eleitor, com o titulo de Archichanceller do Imperio) — *de Moguntia* (Mainz)..., onde os *Conegos são Principes ou Conselheiros de primeira nobreza*. (Dos seus antigos privilegios ecclesiasticos e civis reza especificada e demonstradamente um importantissimo manuscrito, que possuo, elaborado e assinado pelo Reverendissimo Conego Moraes, mais tarde Bispo do Algarve, fallecido na alta qualidade de Patriarcha, o Ex.mo Sr. Cardeal Dom Ignacio de Moraes Cardoso).

militares. Com o brilho das suas vistosas fardas se estendiam, desde os Conegos até os Notarios, a *Guarda Alemã e a Portuguêsa* [1].

Assim ordenada, prosegue a comitiva pela Tanoaria, Calcetaria, *Rua dos Ourives do ouro* (1.ª paragem), Douradores, Rua dos Escudeiros em direcção ao Hospital de Todos os Santos (2.ª paragem), volvendo depois pela Rua das Arcas. Na *Igreja Nova dos Torneiros* (denominação de Figueira, porque B. Machado diz — *Convento de* Corpus, *sito nos Torneiros*) foi a 3.ª paragem, fazendo-se a 4.ª *na Igreja Nova da Conceição, em a rua Nova* (Figueira) ou — o que é o mesmo — na *Rua Nova dos Ferros,* conforme o texto de Barbosa.

(Manuseando, por especial obsequio, os apreciaveis trabalhos preparatorios do Sr. Jesuino Arthur Ganhado, confiadamente incumbido pela digna Camara Municipal de elaborar uma Planta da cidade de Lisboa anterior ao terramoto de 1755, reconheci que a *Igreja Nova dos Torneiros* incide topographicamente sobre o *Convento de* Corpus, *sito nos Torneiros*).

Dada a primeira *nuuda, á ponta da Rua dos Ourives* recolheram *Sua Majestade e S. S. A. A.* (Senhores Infantes Dom Francisco e Dom Antonio) *hoc ordine:* depois dos Capellães Secretos, Ministro da Mitra e dos *cinco Cantores,* tomaram logar as Pessoas Reaes com o Mordomo-Mór adeante e tres Camaristas atrás, seguidos dos Notarios, tendo El-Rei, á direita, o *Presidente do Senado com os seus Ministros,* entre os quaes,

---

[1] Por *Guarda Portuguêsa* se deve entender a *Guarda Real dos Archeiros*, instituida por El-Rei Senhor Dom João V. A *Allemã* ou *Tedesca* foi armada pelo Senhor Dom Filipe de Hispanha, primeiro intruso de Portugal — o apparatoso e arrojado Monarcha, que ousou debater-se com Drake e que, a cada momento, bradava: *Nunca se pone el sol en los dominios españoles!*

Os chamados *Mabardeiros* remontam ao reinado do Senhor Dom Sebastião, como a appelidada dos *Negros* e do governo de El-Rei Senhor Dom João III.

(Com duas canas adiante
is armado, e is temido —

escreve Sá de Miranda, referindo-se naturalmente aos *Porteiros da Cana*).

As guardas *Pretorianas* em fórma prendem-se ás remotissimas eras dos majestaticos *lictores* que, de *fasces* ao hombro esquerdo e de *virga* na mão direita, vestidos de *toga* pela cidade e de manto á militar (*sagum* ou *paludamentum*) fóra de Roma, antecediam, em numero — de *vinte e quatro* o Dictador — de *doze* o Consul, o Decemviro e o Tribuno militar. Tambem aos grandes privilegios das Vestaes (como sacerdotisas de Vesta, sob fiscalização do *Pontifex maximus* encarregadas de manter, dia e noite, o *fogo santo*, renovado no primeiro de março de cada anno) tocava a publica homenagem de *um* lictor, além do direito de precedencia nos jogos e o do perdão para o condemnado que encontrassem. Vesta ou *Hestia*, a filha de *Kronos* (Saturno) era o nume mais cordialmente venerado em todo o Olympo por ser o symbolo augusto da religião familiar e do culto divino (Εστία, *focus et ara domestica; domus, familia*). Na *guarda de honra* destas virgens (as freiras do seu tempo) que, com solemne ajuramentação do voto de castidade cultuavam a Deusa, transluzia sempre o typo austero da casta physionomia de Vesta (quando a arte peloponnesica do seculo v lh'o assinou — escola de Argos ou de Sicyone?), vestida com o seu duplo *chitôn* dorico, de pregas rigidamente caídas até os pés, recatadamente acobertada por um *suffibulum* descido pelos hombros, e sustendo, na mão esquerda, o sceptro emblematico da sua mythologica categoria de irmã mais velha de Zeus e de Hera (*Jupiter e Juno*). Para a vestal exemplar — a *virga* flacida do lictor, como guarda nobre da sua exalçada pessoa; para a incasta professa que, á semelhança de Tuccia, postergasse os deveres do seu cultual officio — a crudelissima inhumação em vida!

A dureza desta formula lembra aquell'outra de Trajano quando, no inicio do seculo II, ao tratar — de restabelecer a constituição, declarando-se vassallo perante a lei — de restituir aos comicios o poder eleitoral, concedendo ao Senado a inteira liberdade do suffragio e de dar aos Magistrados a sua pristina autoridade—regulamentou o cargo do *Præfectus urbi* da alta policia de Roma, e o do *Præfectus prætorio* da sua guarda palaciana, dizendo: *Accipe hunc ensem quo, si recte imperavero, pro me uteris; sin minus, contra me vertes* — «Toma esta espada; se eu governar bem, defende-me com ella; se mal, volta-a contra mim». Tremenda sentença!

o *Esmoler-mór e seus Companheiros,* levando, á sua esquerda, quatro *Moços da Camara.* Entra-se, por fim, a *Porta da Campainha,* isto é, a *Porta do Pateo da Santa Egreja Patriarchal.* O *Baluarte Real* do Terreiro do Paço annuncia o finalizar do imponente *Triunfo; as muytas Náos de Guerra postadas em linha de Batalha, prevenidas de grossa artilheria.. , as Torres e Fortes de Marinha,* e as *Fortalezas da Barra ..*, com os *Regimentos da terra...*, por bocas de bronze e linguas de fogo, responderam com descarga tão ruidosa, que *encheram os ares de fumo, os montes e valles de espanto, e os corações de alvoroço.*

Razão, pois, tinha o Rev. Figueira para escrever no seu Livro de 1719: *Os apparatos, que o Senhor Dom João... com a Sua Real grandesa mandou fazer, forão* MIRABILES VISU, ET DIGNI VIDERI.

— Em cortejos liturgicos nada, na verdade, de mais sumptuoso e apiedado; transportada, porém, toda a ceremonia para a relativa frieza dos tempos modernos, lamentavelmente provocaria o desacato de uns e o desrespeito de outros, a indifferença de não poucos e o affecto de rarissimos.

É certo, que das relações necessarias entre o homem e a Divindade logicamente deriva a necessidade do culto intimo cujos principaes actos são, como se sabe, a adoração, a oração e o amor. O culto externo é a expansão do culto interior, o seu complemento indispensavel, o seu natural e solidario entretenimento, a sua expressiva vivificação material—porque o homem não é um *puro espirito.* Este é para aquelle o que o corpo é para a alma. Da natureza social do homem vem que o culto externo privado tem irresistivelmente de revestir uma fórma publica, social tambem, solemne emfim.

Para Aristoteles — quiçá o maior nome de toda a Historia da Philosophia, se não pelo valor moral das verdades que descobriu, ao menos pelo numero e extensão dellas no dominio da natureza e da logica e, sobretudo, pelo incomparavel influxo, que exerceu no desenvolvimento scientifico do espirito humano, tanto no Oriente como no Occidente, tanto na antiguidade como nos tempos modernos, tanto entre christãos como em variados outros crentes — para a Stagirita, filho de Phœstis-e de um Asclepiade, Nicomaco de nome, em cujo animo *a verdade* levava lampas *á amizade* (ὅσιον πρότιμ ἂν τὴν ἀλήθειαν) — para o enclycopedico preceptor da intelligencia humana, como os Arabes lhe chamam, o *homem é um animal* tão naturalmente *social,* como essencialmente *religioso* (ζῶον πολιτικὸν καὶ θεοσεβές). A religiosidade é inherente á personalidade.

Por outro lado, o direito de liberdade ou plena manifestação da efficiencia individual em ordem á pratica do bem, é nota tão intrinseca ao caracter fundamental da pessoa humana, como o direito de dignidade e o de boa reputação, como o de vocação e industria, como o de acção e de locomoção.

Os actos extrinsecos — que symbolizam o culto — por isso mesmo que concretizam a *intima ligação* (religião, de *re* + *ligare*) entre o homem e o Ser Supremo, são exhibições dignas de todo o respeito. A Religião catholica não receia a discussão, porque é *verdadeira* e *santa;* sobresalta-se, porém, com o insulto, que pode gerar a perseguição — só conveniente, quando o martyrio é proveitoso. Por consequencia, quando, como na actualidade, a fé deixou de ser tão ardente e apaixonada como a dos tempos findos, melhor é que certas manifestações do culto, publicas, solemnes, officiaes, *extra ecclesiam,* sejam devidamente temperadas, para evitar que, *contraproducentemente,* se sujeite o que é respeitabilissimo ás indignidades, injurias e affrontas de uma maioria incivil e até, ás vezes, de conducta... sensivelmente *fora dos verdadeiros limites humanos.*

Deste modo, quando, em certos meios, por um tristissimo significado, as procissões sejam quasi apupadamente acolhidas, é preferivel que ellas se reduzam aos seus elementos *mais essenciaes,* adstringindo-as ao acanhado — *mas acatado* — ambito de um acto deambulatorio por entre naves ou de feição meramente claustral.

Dada ainda a inexequibilidade desta reducção, melhor é suspendê-las, porque a ceremonia processional fez-se para edificação dos fieis, nanja para desautoração dos principios religiosos e vexame das personagens, que nella figuram. Um celebre metaphysico francês, Malebranche — exagerado optimista, que tudo pretendia ver em Deus — repellindo certas inopportunidades do culto externo, diz-nos, de bem para o nosso caso, que: *Le vrai culte ne consiste pas dans telle ou telle situation de nos corps, mais dans telle ou telle situation de nos esprits.*

*

* *

A proposito do referido estado de gala patriarchal para o memoravel acto de 1719, por estreita associação de ideias nos advem á mente a existencia de um outro, sobremaneira interessante sob o respeito biographico de coches, por determinar uma ephemeride a mais na variadissima escala de serviços do carro nobre romano *Papa Clemente XI* — segundo levamos dito, o majestoso vehiculo sempre eleito para a constituição dos grandes sequitos de alto caracter religioso, desde a sua fulgurante entrada em Portugal, no anno de 1715.

Desmiuçando bem um livro de 102 folhas manuscritas, que abrange o registo da entrada e saida de varios artigos de fardamento e a nota especificada do pessoal inferior das Reaes Cavallariças, que figurou em diversos serviços, mais ou menos apparatosos, desde 3 de julho de 1821 (*...para o estado de Suas Magestades, e Altezas, vindos do Rio de Janeiro*) até 1 do primeiro mês de 1829 (*...entrega de fardamento encarnado ligeiro para o creado da Princeza Vinra*), encontro — em data de 14 de agosto de 1823 — um apontamento do preciso vestiario *para o bando das Luminarias na chegada do Patriarcha.* A 18 do mesmo mês (fl. 85 v.), marca-se *a sahida do fardamento encarnado rico para o estado da chegada de Sua Eminencia, que Sua Magestade manda pôr em Sacavem.*

Luminarias de antemão pregoadas por um *Bando* e fatos *ricos de grande gala,* denunciam uma festa grandiosa, undisona. De que se trata? Que movimento de coches é este, tão solicita e extraordinariamente preparado?

Fixemos bem uns certos factos historicos, para do seu alto significado inferirmos a importante missão deste singular prestito. Trata-se do afagoso regresso do Eminente Bispo da Diocese que, por mais de dois annos, em terras de França, fadejara o seu homizio — é o Senhor Dom Carlos da Cunha e Menezes, da Casa dos Condes de Castro Marim.

No setembro de 1819, havia subido á Dignidade de Cardeal da Santa Igreja Romana e assumido o alto cargo de Patriarcha de Lisboa — havendo solemnemente entrado na Sé da sua Archidiocese em janeiro de 1820, *no seo coche rico puchado a 8 Urcos, vindo adiante... em a Mula branca o seo capellão, de cruz Patriarchal com o Santo Christo virado para S. Em.cia, e atraz, seis coches puchados a 6 Machos, aonde vinhão os Capellães e Pagens...* (assim o declara — com a immoderada grandiosidade de certas maiusculas iniciaes! — uma folha avulsa de manuscrito da epoca, que me pertence e que fez parte do espolio litterario do Patriarcha Senhor Dom Ignacio de Moraes Cardoso, fallecido em 1883).

Ainda um pouco mais de historia, *per summa capita,* para nitida solução do caso presente:

Pela infausta morte da *piedosa* Rainha Senhora Dona Maria I, succedeu-lhe no throno o Principe Regente Senhor Dom João VI, com o titulo de Rei do reino unido de *Portugal, Brasil e Algarves* — só ao cabo de dois annos solemnemente acclamado no Rio de Janeiro (1818).

Decorridos alguns meses após os desponsorios do Principe Real, Senhor Dom Pedro de Alcantara com a Archiduquesa Sr.ª Dona Maria Leopoldina, Filha do Imperador Francisco II (da Alemanha e, depois, de Austria, Pae da Imperatriz dos Francêses, Maria Luisa, Esposa de Napoleão I), a conspiração de Lisboa contra a ingerencia inglêsa e a revolução de Pernambuco eram phenomenos symptomaticos de bem mais desafogada aspiração — nada menos que a mudança na fórma governamental do país.

Com effeito, as tropas da capital, em setembro de 1820, imitam as do Porto, que haviam já levantado o primeiro brado da *Regeneração*. Estas, triumphantes, descem sobre Lisboa; os dois governos provisorios fundem-se em uma só Assembleia governativa, e o soberano Congresso Nacional de janeiro de 1821 — depois de haver nomeado a Regencia que, por parte do Senhor Dom João VI, havia de exercer o poder executivo — occupa-se em discutir, decretar e mandar jurar as bases da Constituição, que depois com mais segurança e madureza tinha de firmar e outorgar.

Mas recusa-se ao juramento o Senhor Cardeal Patriarcha Cunha Menezes, pelo que foi desterrado para Bayonna — já tão celebre pela cessão que Carlos IV de Hispanha ahi fez de todas as suas possessões ao Imperador dos Francêses, como pela celebração constitucional do reino vizinho.

Logo, no começo do anno de 1823, o Conde de Amarante tentou destruir o novo regime politico; não obstante, porém, a victoria de Santa Barbara, passou-se á Hispanha. O exercito do Duque de Angoulême, com o intuito claramente publicado de vir apear as novas instituições vigentes naquelle país, dá aos absolutistas de Portugal novos alentos, inspirando-lhes mais firme confiança e apoio moral.

Então o Senhor Infante Dom Miguel, com o viso de abolir a Constituição de 1822, sae de Lisboa para Santarem, aggregando-se-lhe, pouco a pouco, as forças da capital, que se lhe foram unir a Villa Franca de Xira. Em 30 de maio de 1823, El-Rei o Senhor Dom João VI parte para esta povoação ribatejana, onde o Senhor Infante se lhe apresentou com as tropas, que o haviam seguido.

El-Rei muda de ministerio, promettendo dar ao seu povo uma nova Constituição, que causas independentes da sua vontade o impediram de consummar.

Facil, portanto, o regresso do exilado Autistite, Senhor Dom Carlos. Immediatamente festejada, como era natural, a sua repatriação — como se fôra uma nova entrada Patriarchal. Eis explicado o caso.

Recolhe, com effeito, o exilado Patriarcha.

Até aqui as premissas, agora a conclusão:

Da quantidade e qualidade do pessoal empregado na organização deste estado de gala (segundo consta do dito registo, fl. 35 v, archivado na Repartição das Reaes Cavallariças) se deduz que devia ter constado de cinco ou seis carros nobres; assim como da indole do cortejo, e, em harmonia com as praxes mantidas desde 1715, se infere que, neste selecto agrupamento vehicular, deveria necessariamente haver figurado o carro *Papa Clemente XI*.

Não é facto secundario para a biographia deste coche.

NOTA 23

O reinado de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom José I corresponde a vinte e quatro annos do de Luis XV em França e a pouquissimos do de Luis XVI.

A modelação architectonica dos carros do seu tempo, traçada por typos de cunho parisiense, devia, pois, resentir-se, do entalhe dominante e expandir-se, portanto, — *á Luis XV* e *á Luis XV* (*rocaille*).

Desta segunda maneira, evolutiva da primeira, é exemplo frisante o coche n.º 20 *D. Maria Benedita*, distincto pelas suas elegantes *rocagens*.

Todos os carros nobres ao serviço quotidiano do Monarcha *Reformador* pereceram com o terremoto e incendio, na terrivel catastrophe de 1755, escapando apenas os que existiam em deposito para os serviços de maior gala, guardados nas cocheiras do Calvario — então fóra do aro da cidade. Alguns dos esmagados ou queimados por essa lutuosa occasião deviam ser notavelmente artisticos, porquanto tinham a illuminar-lhes os seus paineis paletas amestradas cujo merito deixou na historia o rasto phosphorecente de nomes, vibrantes de estro e potentes de esthetica.

Do governo da Senhora Dona Maria I para os primeiros do tempo de El-Rei o Senhor Dom João VI, a collecção dos carros nobres da Casa Real e carruagens de gala chegou, numerica e especificamente falando, ao seu segundo apogeu; era a somma esplendida de muitas e abrilhantadas parcelas.

Foi no fim do reinado desta Senhora que a architectonica vehicular começou a bifurcar-se — com a *perpetuação da linha francêsa*, vigente desde o tempo de El-Rei o Senhor Dom Affonso VI e com a *iniciação da linha inglêsa* — carrossaria mais consistente, mas por certo menos graciosa.

À mingua de dados sufficientemente precisos para uma rigorosa estatistica da existencia utilizavel das equipagens ao serviço das Reaes Pessoas, desde o seu mais movimentado periodo até o presente, offerecemos, para mais palpavel confronto, um graphico aproximado da sua differencial intensidade numerica:

— Não foi tanto pelo casamento de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom João V (1708), como pelo bem estar tranquillo após a paz de Utrecht (1713), que começou, a passo agigantado, o grande movimento ascensional no numero das Equipagens Reaes para, em 1729, apressadamente tocar o seu zenith com os apparatosissimos preparativos da estupenda jornada ao Caia — topico I do diagramma.

— Depara-se, em II, com uma descendente rapida, que se explica pelos ruinosos desastres do terremoto e incendio subsequente de 1755.

— As festivaes habilitações em ordem ás estrondosas festas da Sagração da Basilica da *Estrella*, justificam a ascensional, marcada em III com o anno de 1790.

— A estonteada fuga da Familia Real para o Brasil repartiu o deposito dos carros nobres. Com o regresso de Sua Majestade Imperial, reorganizam-se os serviços das Reaes Cavallariças — o que é figurado com a assinalação de 1821, na columna IV.

— São intuitivas as causas lamentavelmente politicas da desordenada depressão apontada em V — definhamento para que, depois da morte do Senhor Dom Pedro IV, influiram as partilhas de alguns carros, que não poderiam ter sido (como não é raro ver-se escrito) coches ou berlindas *pertencentes á Corôa*, como bens *nacionaes*, e *não particulares*, que eram.

— A cota, descrita no VI, refere-se ás vendas, reservadas e publicas, de carros demasiados e deteriorados, realizadas no tempo da Rainha Senhora Dona Maria II, cujo anno não sei precisar bem.

— No reinado do Monarcha o Senhor Dom Pedro V, os ultimos tempos da administração *Duque da Terceira* dão, no VII, o motivo da cotação 1860.

— Do tempo de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Luis I para o actual reinado de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Carlos (VIII e IX) ha sensivel melhoria de reparos nalguns dos carros nobres da Casa Real, com singular apuramento das carruagens que pertencem a El-Rei.

Deste eschema se deprehende que orça pelo quinto dos da epoca do Senhor Dom João V o actual numero dos *Coches* e *Berlindas,* sommado com o das *Carruagens de gala* (propriedade particular de Sua Majestade El-Rei), dando tudo a esplendida totalidade de cincoenta e nove vehiculos nobres, com inclusão dos sete *Carrinhos:*

DEPOSITO I

Coches....	D. Carlota Joaquina-B, D. Filipe II D. Maria de Austria, D. José I Papa Clemente XI, Triumphal-C Triumphal-A, Triumphal-B Da Corôa, D. João V Infante D. Francisco-A, D. Anna Victoria-A D. Maria de Saboia-A, D. Maria Benedita D. Carlota Joaquina-A	15
Berlindas..	D. Maria I-A, D. Pedro II-B D. Pedro II-A, D. Pedro II-C Machineta «Nossa Senhora do Cabo-A» » » » » » -B»	6
Carrinhos.	A B C D E	5
	Total	26

DEPOSITO II

Coches	10
Berlindas (incluindo a Machineta «Nossa Senhora do Cabo-C»)	10
Seges ou Traquitanas	2
Carrinhos de Passeio nas Quintas	2
Carruagens de gala	9
Total	33

(A berlinda processional «Nossa Senhora das Mercês» pertence aos festeiros).

Total geral existente 59

— Damos descritivamente conta de mais cincoenta e quatro carros nobres por completo desapparecidos :

Dom João IV (1633)		2
Embaixada	«Manuel Telles» (1687)	6
»	«Fernão Telles» (1708)	10
»	«Mello e Castro» (1709)	6
»	«Ribeira Grande» (1715)	5
»	«Sá Menezes» (1716)	14
»	» (1727)	7
»	«Aires de Sá» (1785)	4
		54

NOTA 24

Do que fica exposto legitimamente se conclue que, depois da notoria *Jornada ao Caia* em 1729, no tempo de El-Rei o Senhor Dom João V, chegou a ser vastissima a collecção dos carros nobres da Casa Real Portuguêsa.

Tres vezes, pelo menos, foram arrolados os mais antigos, depois de 1716 — anno, em que na Embaixada Marquês de Fontes, os *Triumphaes A, B* e *C* tiveram a sua estreia em Roma, consoante vae dito e demonstrado.

O *carro de triumpho-A* tem o n.º 9 insculpido na cabeça do monstro; em *B*, vê-se, no alçado traseiro tambem, a inscrição de um 7 no crescente lunar, quebrado a meio pelo dragão, que lhe tanxa as garras; nesta serieção, deveria ser 8 o algarismo marcado no carro *C*.

Ha outros vehiculos nobres, que simultaneamente accusam duas numerações, como 63 e 16 na berlinda *D. Pedro II-B;* ao passo que alguns só apontam uma unica notação.

O que serviu de base differencial á organização deste registo?

Parece que nada houve de systematico, uma vez que a relativa importancia architectonica dos *Triumphaes* deveria ordenadamente dar 8 para o carro *B* e 7 para o carro *C*.

Posto de parte o lado esthetico (talvez fino de mais para o classificador), só lhe poderia restar, como ponto de referencia, a extensão das *vigas* — por serem traves, que a todos se mettem pelos olhos a dentro.

Pois, nesta hypothese, o 7 pertenceria ao *A*, visto como ellas — sem aldrabões, ligeiramente flexionadas — teem de comprimento, tomado entre perpendiculares, $6^{m},45$, $7^{m},7$ e $7^{m},18$.

Defrontada a superior imponencia destes carros heroicos com os restantes coches e berlindas, teriam elles (não obstante o seu lamentavel decepamento architectonico) manifesto direito a serem apontados com os n.os 1, 2 e 3, como estrellas de primeira grandeza nesta phenomenal constellação — *bellissima*, no autorizado dizer do Conde de Raczynski, ao falar de um português, que pintava seges com esmero: «*carrosses dont on voit, dans les remises de la Cour, de fort beaux spécimens de diverses époques et de divers artistes*».

E, referindo-se aos coches da Casa Real, infelizmente nada mais esclarece — elle, que sobre o assunto tanto privou com o conhecido abbade Antonio Damaso de Castro e Sousa. Com semelhante dicção limita-se a insinuar um problema que, em toda a sua complexidade, abrange tres importantes questões elementares.

1.º Que artistas, de profissão ou de amor, laboraram nos carros nobres da Casa Real, constantes dos Depositos I e II, ou que na sua technica decorativa puderam, directa ou indirectamente, haver tido singular influxo?

2.º Em que monumentos exerceram a sua actividade, por invento ou composição, em pintura ou obra de entalhe?

3.º A que epoca (reinado ou reinados) se deve referir a effectividade ou possibilidade da sua ingerencia artistica?

—Por complementar ampliação, perguntaremos ainda: E a que nomes famosos nos annaes da Arte se liga a factura pictorica do deleitabilissimo tecto monumental, que abriga a parte mais selecta desta valorizada collecção de antigos vehiculos nobres?

*

* *

O estudo confrontativo das Armas Reaes, que ornam estes afamados carros, só de per si, nem sempre dá uma resposta cabal á terceira destas perguntas — ao contrario do que, ás vezes, se diz.

A assinalação de uma epoca pela simples analyse de uma *corôa* nem na propria Numismatica seria absolutamente certeira, se a legenda faltasse em certos casos, quanto mais na pintura, onde o ornatista tinha a plena liberdade do pincel para fantasiar o brocal do escudo, a sua posição e a sua mais ou menos floreada composição externa.

Se, no interessantissimo campo da Sciencia dos numismas, ha criterios inconcussos, que indigitam datas ou epocas precisas de certas emissões monetarias — como por exemplo, entre nós, o desenvolvimento angular do chefe do escudo, o apparecimento da esphera armillar e do manto real coroado — outros accidentes ha, ao invés, que são de um significado chronologicamente indeterminado — como, *verbi gratia,* a ausencia de ponta no escudo (omissão, que desce por todos os reinados até o Senhor Dom Pedro II) e o seu typo oval que, annunciando-se no tempo do Senhor Dom João V, salta em claro os dois reinados successivos para, de mescla com o escudete pontagudo, se vir affirmar no tempo da Rainha a Senhora Maria II.

De mais, o pintor dos antigos carros nobres só respeitou por absoluto aquillo, que heraldicamente não podia transgredir, isto é, o mobiliario honorifico do escudo com os metaes e esmaltes da sua composição armorial e o timbre, que syntheticamente o encima; o brocal, porém, o paquife e outras sortes de ornamentação extrinseca são meros partos de imaginação.

O lambrequim (typicamente tal) com o seu desenvolvimento acanthico, de colorido fundamentalmente igual ao das figuras componentes do escudo — verdadeiramente heraldico — só apparece em carruagens da Serenissima Casa de Bragança.

As *corôas,* pois, como vulgarmente se usa dizer, (antes *brasões,* que implicam escudo, corôa e timbre) podem, com effeito, ser, neste campo, um meio cognitivo auxiliar, mas tambem, pelas suas illusorias exterioridades, podem constituir verdadeiras causas externas de erro.

Se a corôa, que ornamenta o carro nobre, isoladamente considerada, bastasse a nacionalizar-lhe a respectiva origem, seriam *portuguêses,* o coche (*alemão*) *D. Maria de Austria*) e o coche (*romano*) *Papa Clemente XI.*

A *autenticidade* de um monumento, quer dizer, a qualidade que elle tem de pertencer á *epoca* que se lhe conta e a de ser realmente das *pessoas,* a quem se attribue, deve concluir-se do concerto de *varias premissas,* principalmente da interpretação dos seus caracteres, da analyse das suas inscrições (se as tem), do exame do seu estilo, do seu confronto com obras analogas e da sondagem dos dizeres testemunhaveis, que de alguma sorte lhe respeitam.

A mesma *tradição* — não obstante ser cadeia cujos elos nos podem prender legitimamente á verdade historica inicial — carece de uma severa verificação, baseada no triplice ponto de vista da sua *antiguidade, unanimidade* e *constancia.*

A assinalação da caracteristica *autenticidade,* ou a determinação positiva dos nomes dos artistas, que ornamentaram todos os monumentos em questão, é difficuldade ainda bem mais ardua, que tentaremos derimir em parte e em parte attenuar.

Talvez que, com o volver do tempo, tudo se dilucide a valer. Tambem nebulosas planetares e estrellas nebulosas dos espaços celestes houve, que só mais tarde, á semelhança de Andromada, se foram resolvendo com a ajuda de mais potentes telescopios.

*

* *

As almofadas de muitos apainelados são uns verdadeiros quadros; e a definição da paternidade de um quadro, sem expressa assinatura do seu autor, é sempre um assunto melindrosissimo — como todas as questões de *origens.*

Um escritor abalisado — de autoridade tão cathedratica na especie sujeita, quão subtil analysta de tudo o que a moderna intellectualização vae pondo em evidencia — o Sr. Dr. Sousa Viterbo, diz que a classificação de um quadro, além do seu rigoroso exame, não se póde fazer *com plena segurança,* sem o auxilio de documento elucidativo.

Em abono deste sensatissimo criterio, tão proprio da sua magna individualidade, e em prol do meu acautelado procedimento, cito, com foros de pessoal, uma interessante anedocta:

Quando, em 1881, fui superintender nos serviços disciplinares e literarios do Seminario episcopal do Algarve, disseram-me haver sido classificado de *Sequeira* um quadro da capella — bom de toque, de desenho, de expressão, e vivo de colorido — cuja acção, descrita em tamanho natural, é o ensinamento de Christo, aos doze annos, feito no Templo aos Doutores da Lei, no momento de ser surprehendido por *José* e *Maria* que, ansiosos, O buscavam por toda a parte.

Não me pareceu *anachronica* a demarcação, pois que o famigerado discipulo de Cavallucci e de la Picola, viveu em Roma na epoca, em que o venerando Bispo do Algarve, de sublimado engenho artistico e altas aptidões technicas, o Senhor Dom Francisco Gomes de Avellar (natural da Calhandriz, termo da villa de Alhandra) estivera na Cidade eterna — privando ahi com Sequeira e com Vieira, o moço (*Portueuse*), de quem trouxe boas telas para o Paço de S. Brás de Alportel.

Eu, duvidando sempre, mas sempre silencioso no meu intimo, pois que a classificação fôra feita por um profissional, quis ouvir um laureado academico, então selectissimo professor do lyceu de Faro.

Caso confirmado!...

Já então occultamente me ia rendendo, considerando que o antigo eremita do Buçaco e noviço da Cartuxa tambem passara, como Rafael Sanzio e o veneziano Tintureto, quasi toda a sua vida genial mudando de estilo e de modo de pintar.

Jamais quis discutir o problema, porque não era um diplomado documentalmente habilitado para a polemica sujeita; e com armas desiguaes é arrojado combater.

Em determinada occasião, porém, mandei apear o quadro e todos os seus restantes consocios para serem cuidadosamente tratados (por processo mais meigo, que não fosse o do tradicional *vasculho!*) Ensaiei todas as condições de luz possiveis, natural e artificial, buscando todos os pontos de vista imaginaveis...

E ao cabo de tanto labutar, tambem bradei o meu *eureka* — *Marcello Leopardi ap. Ro. 1791* é a rubrica, que assina a tela.

Foi, pois, o quadro pintado *em Roma* no anno de *1791* por *Marcello Leopardi* — nome que, nem por Chrisma, equivale a Domingos Sequeira.

Foi tambem por falta de elucidação bastante que o Conde A. Raczynski (aliás um critico adestrado em assuntos de Arte) se arriscou a ser — e foi realmente — menos puro no seu juizo, quando, em 1847, se occupou do terceiro quadro do lado da Epistola (*Sagrado Coração de Maria*), exposto na Real Basilica da Estrella, em Lisboa.

Elle, tão severo para com os pintores portuguêses que, quando, no seu *Portugal* delles fala, de sua lavra e não por informação alheia, quasi lhes contesta o dom suave da paleta — á excepção de Sequeira, por quem é enthusiasta — ao extremo acerado de os tratar por *macchianti* (*macchiare*, em italiano, significa *manchar, sujar, borrar*), bem pouco austero foi para comsigo, attribuindo *toda* esta tela á Senhora Dona Maria Benedita, Tia de El-Rei o Senhor Dom João VI.

É certo que, sem um previo esclarecimento *ad hoc*, não é facil presumir que a referida obra seja fruto de dois *autores* porque, onde tudo (á parte o ideal mystico e a invenção das fórmas sensiveis) é igualmente mediocre, nada ha *de mais ou menos* bello a contrastar.

Eu sabia pelo relatorio do Rev. Pereira Cidade, Capellão-Fidalgo da Basilica do Sagrado Coração de Jesus, testemunha *pessoal e officialmente assistente á erecção* do monumento, que os Anjos da direita (Miguel e Gabriel) eram da Senhora Infanta Dona Maria Anna e que os da esquerda (Custodio e Rafael) pertenciam á Senhora Princesa Viuva. O que, porém, eu casualmente só conheci em Paris, no anno de 1903, num folheto português impresso nessa cidade — escrito certamente por pessoa, que muito privava com a Senhora Dona Maria Francisca Benedita — é que o quadro foi assinado com esta dupla rubrica, por certo, desapparecida com o seu ulterior engradamento: — *Maria Anna Portugalliæ hanc dexteram partem invenit, delineavit et pinxit* — *Maria Benedicta Princeps hanc sinistram partem invenit, delineavit et pinxit.*

Portanto, se o Conde é veridico quando, ao contemplar a dita tela, diz que é *peu digne d'occuper cette place,* nada tem de exacto, quando remata a sua classificação, chamando-lhe em absoluto *son ouvrage*, attribuindo-o deste modo *por completo* á ultima das duas Senhoras de Regia estirpe.

Depois da singela narração destes factos anecdoticos de proficiente lição, ninguem capitulará de timido o conselho do Sr. Dr. Sousa Viterbo, nem de acanhada a reserva, com que eu por minha parte procedo.

Termino esta salutar digressão com o resumo de uma fabula, cuja moralidade muito se coaduna com a exposição feita e se deve relacionar com o caminho á seguir na classificação pictorica dos diversos apainelados dos carros nobres antigos, que constituem os Depositos I e II deste interessantissimo Museu.

Diz-se, na mythologia da Grecia, que o atheniense Dedalo, engenhosissimo constructor do labyrintho de Creta (que delle tomou o nome) dera a seu filho Icaro umas asas, que ambos pegaram com cera, para que dali se pudesse libertar, voando. O pae, sabio, affectuoso e prudente, recommendou-lhe que não adejasse alto para muito perto do sol; o moço, porém, leviano e presumpçoso, desrespeitando o bom conselho paternal, sente derreterem-se lhe as asas e caiu..., morrendo afogado no mar — que, por isso se chamou *icario*. Ora, é a sorte tragico-comica, que para mim, *nem allegoricamente,* desejo; mil vezes antes o supplicio de Sisypho ou Tantalo, de Schinis ou Perillo. Neste e no segundo volume, indicando luzes, que positivamente resolvem não poucas das questões intervenientes, contento-me, por vezes, com apontar pistas, que de algum modo reduzem as difficuldades restantes.

*
* *

Do que, até a presente data, se ha escrito com semelhante intento — e eu conheça — é a monographia do erudito Abbade de Castro e Sousa o trabalho, que primeiro rudimentarmente arca com esta obumbrosa difficuldade, num folheto de doze paginas, impresso em 1858 (segunda edição, *novamente augmentada e corrigida*).

A lição do douto Vilhena Barbosa, inserta no corpo dos seus *Estudos Historicos e Archeologicos,* é muito mais choruda em geral, mas menos individualizadora na indigitação dos nomes, que se ligam ao fabrico dos antigos carros Reaes. Tambem em artigos, dispersos pelo *Archivo Pittoresco,* apresenta alguns dos carros de gala da Casa Real Portuguêsa.

A mais ampla latitude, porém, se presta o *historico* deste intrincado problema que, abrangendo todos esses vehiculos nobres, agora atacamos em fórma, sob os seus pontos de vista *mythologico, heraldico* e *architectonico* — já se vê, desaçalmado pela meticulosidade propria de quem se não sente com foro de mestre para empresa de tão alto quilate.

Declara o citado Abbade de Santa Eulalia alguns entalhadores e pintores, que successivamente trabalharam *em carros nobres* nos reinados dos Senhores Dom João V, Dom José I, Dona Maria I e Dom João VI — mas sem apontar *em quaes.*

E ninguem melhor que elle o podia haver integralmente feito, pois que, desde 1837 até 1858, andou na faina de uma ininterrupta pesquisa, tendo em seu auxilio elementos vivos de muita tradição oral.

No fabrico nacional de alguns dos ricos coches do tempo de El-Rei o Senhor Dom João V, além de Costa Negreiros, cita os nomes (e quasi só os nomes) do pintor francês Quillard, que laborava no estilo de Wateau e os dos entalhadores portuguêses José de Almeida, Felix Vicente e Vicente Faria.

Ampliemos o que melhor baste á mais lucida intelligencia deste assunto:

— *Pedro Antonio Quillard* preparou, com effeito, *festas galantes* no meio de jardins e paisagens, mantendo fielmente a ethopeia da sua epoca; imitava por tal fórma Antonio Wateau (tambem francês, de desenho correcto e colorido agradavel) que Volkmar Machado o julgou seu discipulo. É autor dos retratos dos Duques de Bragança no Paço de Villa Viçosa, mandados fazer pelo Rei *Magnanimo.*

— *José de Almeida* — o primeiro escultor português do seculo XVIII, que soube esculpir bem em pedra — foi discipulo de Monald e emulo de Giusti em Roma, onde (1718) ajudou com reconhecido merito a molduração dos carros, que compuseram o sequito da Embaixada *Mello e Castro.*

Podia haver figurado no entalhe de coches até o decimo nono anno do reinado de El Rei o Senhor Dom José I, em que falleceu.

— *Felix Vicente de Almeida,* seu irmão, que foi escultor da Casa Real, morreu no mesmo anno.

É muito natural que *Vicente de Faria* desempenhasse, nestes trabalhos, um papel menos importante, visto como era em ceramica que elle principalmente modelava, imitando muito de perto Antonio Ferreira, um barrista de eleição.

— O estimado discipulo do afamado Ludovice, *Silvestre de Faria,* fallecido em 1800, foi o entalhador em chefe do Palacio de Queluz — *a Versailles* de El-Rei o Se-

nhor Dom Pedro III — ao tempo das transformações nelle operadas pela Rainha Senhora Dona Maria I.

— *José da Costa Negreiros* poderia ainda haver produzido pelo espaço de nove annos dentro do reinado do Senhor Dom José I, uma vez que foi surprehendido pela morte no anno de 1759.

Ensina Volkmar que Negreiros pintou *coches ricos* para os *Senhores de Palhavã* — *Senhores* que eram, ao tempo do escrito; *Meninos* que foram, ao tempo da factura de alguns carros.

Foi em coche abrilhantado por este artista que o Senhor Dom Gaspar (*Palhavã*) fez a sua entrada archiepiscopal em Braga.

*
* *

Como pintores de coches, no tempo do Monarcha *Reformador*, faz o Reverendo Castro e Sousa apenas referencia a tres nomes — Cyrillo Machado, Joaquim da Costa e Borges Raposo — declarando que outros o foram (sem a minima individualização).

— *Cyrillo Volkmar Machado,* pintor allegorista e mythologista, affirmado e definido como tal em trabalhos do Palacio da Ajuda, pintou, com effeito, *carruagens riquissimas* para a Casa Real, como elle mesmo escreveu, autobiographando-se no fim das suas *Memorias* — apuradas e publicadas pelo seu intimo amigo Villela, Conego de Santa Maria Maior (Lisboa), nas quaes declara haver sustentado concorrencia com Pedro Alexandrino. (Leia-se o abalisado Cardeal Saraiva, Doutor Frei Francisco de São Luis, Reitor reformador da Universidade de Coimbra, antes de ser eleito Patriarcha de Lisboa.)

— *Joaquim da Costa* foi discipulo do paisagista francês Pillement, que por varias vezes residiu em Portugal.

— É certo que *Gaspar Borges Raposo* pintou carros de apparato para a Casa Real, no picadeiro do Collegio dos Nobres — e, por fim, só de carrinho pela penosa doença, em que a sua leviandade o prostrou.

Se (como da referida monographia consta) elle, na verdade, trabalhou para as Reaes Cavallariças ainda no reinado de El-Rei o Senhor Dom José cujo termo foi em 1777, deveria ser então de uns quinze annos de idade. É extraordinario; mas extraordinario era tambem o seu talento e bom senso artistico. Viveu ainda 26 annos no reinado da Senhora Dona Maria I, visto morrer em 1803.

*
* *

Pelo referido Abbade de Tibães é dado *Pedro Alexandrino de Carvalho* como autor de pinturas feitas em carros, que serviram á inauguração da Basilica da *Estrella* (1790), e numa liteira offerecida em 1810, ao Sultão de Marrocos. Deveria ser o seu ultimo trabalho, porquanto cessou de existir neste mesmo anno.

Sempre vigoroso na graça espontanea, com que sabia imaginar, compor e colorir, incansavel, de extrema facilidade, o exuberante filho de Rafael de Urbino poderia haver começado a sua labutação artistica no fim do reinado do Senhor Dom João V, con-

tando então 20 annos de idade. Com particular habilidade para descrever *meninos*, segundo ensina J. Nunes Taborda.

Na vida solidaria do corpo e do espirito ha phenomenos perfeitamente parallelos; nas funcções gustativas ha paladares de eleição, da mesma sorte que, no gosto esthetico, ha inclinações predilectas. João Udino pintava bem animaes, frutos e flores, como Spagnoletto, discipulo de Caravaggio, era apaixonado por assuntos horriveis, chegando até a desgostar a *ferocidade* do seu desenho; tambem o grande colorista Ticiano pintava bem *mulheres* e *meninos*, não sendo muito feliz em tratar de *homens*.

*

* *

Do até aqui exhibido (tomando por acanhada base a lição do Rev. Abbade Castro) sómente se apura de precisamente conhecidos em trabalhos de coches para a Casa Real Portuguêsa: — no reinado do Senhor Dom João V, dois pintores (*Quillard* e *Negreiros*) e tres entalhadores (os dois *Almeidas* e *Faria*); no do Senhor Dom José I, tres pintores (*Raposo, Costa* e *Wolkmar*); no da Senhora Dona Maria I e Senhor Dom João VI, um pintor (*Alexandrino*).

Nem, a semelhante respeito, mais nos adeantam Taborda, Cyrillo e o doutissimo Cardeal Saraiva, os quaes, de 1815 a 1839, successivamente compulsavam os manuscritos de Antonio Ribeiro dos Santos, catalogados em 1814. J. Bermudez, que não attingiu o fim do reinado da Senhora Dona Maria I e o *Abecedario pittorico* de Guarienti, que pára em meio do reinado do Senhor Dom José I, deixam-nos no mesmo estado de penumbra.

— Os portuguêses *José Machado* e *Antonio Salci Selleiro*, cujos nomes o Rev. Castro e Sousa aponta, trabalharam, em Roma, nos carros nobres, que constituiram o *Sequito di rispétto* após os tres primeiros coches (Embaixada *Mello e Castro* á Côrte Pontificia, no anno de 1709). O primeiro era escultor, ao certo.

— (Foi nas pinturas amosaicadas do segundo coche que muito se distinguiu o mimoso pincel de *Miguel Gonçalves Ribeiro*, cujo nome não deve ficar em esquecimento).

Quaes seriam os *outros* artistas, a que o alevantado sacerdote se refere na supracitada publicação?

Houve, na verdade, acreditados mestres de pintura em seges que, de preferencia, deveriam ter sido chamados para ornatistas dos coches, berlindas e carrinhos da Casa Real, como verdadeiras competencias, que eram — depois brilhantemente registadas nos annaes da arte pictorica, taes como:

— *Bruno José da Silva*, de pincel mais energicó, mas menos delicado que o do seu mestre José da Costa Negreiros, de intuição talentosamente artistica, verdadeiro antagonista de Pedro Alexandrino, por 1762 (pleno reinado do Senhor Dom José I) pintou carros, tratando com mestria os assuntos allegoricos e sagrados, que faziam o encanto das suas obras. Morrendo em 1780, ainda trabalhou com folego nos tres primeiros annos do governo da Rainha a Senhora Dona Maria I.

— Nos ultimos annos do reinado de Sua Majestade El-Rei Senhor Dom José I e nos primeiros sete da Rainha *Piedosa* (1784), existiu um paisagista, discipulo e imitador de Pillement, muito dado a arabescos e ornatos barocos, pintando com graça e gentileza as carruagens, que ornava — era *Joaquim Marques*. Tinha umas flores tão *suas*, que a ellas chamava a sua *botanica imaginaria*.

— O successor encartado de Pedro Alexandrino de Carvalho, na pintura de carruagens — que sempre alegrava com *os seus meninos,* deuses da Fabula, motivos allegoricos, ornatos, caricaturas e, ás vezes, bem miniados retratos (para que tinha especial condão) de involta com flores, que bellamente desenhava — foi o lido traductor da *Art de la Peinture* de Fresnoy, *Jeronymo de Barros Ferreira,* de bom colorido — por momentos, um pouco tirante a flamengo nas bambochatas do seu invento. Tambem laborou de architectura; architecto, dentro do reinado da Senhora Dona Maria I, até o anno de 1803.

— Ao nome do veneziano *Pelligrini* — retratista facundo, mas de engenho pobre no esboço mythologico — se liga a tradição de trabalhos ornamentaes em carros nobres da Casa Real, executados de 1803 a 1810.

— Durante a estada da Côrte nas terras de Santa Cruz, mandou *o Rei* Senhor Dom João VI (portanto, depois de 1816 — termo da sua Regencia) fazer para a Senhora Infanta Dona Anna de Jesus Maria um *carrinho* que, em 1821, voltou a Portugal com o regresso das Majestades.

Era de todo o ponto natural que fosse preferido para estas pinturas um discipulo do acreditado Alexandrino, por nome *Ignacio de Sampayo,* que lá se achava em misteres da sua arte — isto na hypothese de o vehiculo ser fabricado por 1819 ou 1820.

* * *

Amadores e profissionaes de manifesto engenho houve, pela sua posição social e official tão achegados aos Paços Reaes e pela superioridade do seu merito tão respeitados como oraculos em pleitos de arte, que muito provavelmente, por justificada espontaneidade, superior insinuação ou mandado, de algum modo poderiam haver intervindo, (como alguns realmente intervieram) na ornamentação de carros nobres, com o seu invento e desenho, com a sua composição, expressão e colorido ou simplesmente com o seu voto consultivo sobre um assunto palpitante, que sobremaneira interessava aos aulicos de então — aos quaes, em geral, não era alheia a calorosa sympathia pelas boas regras de Prunetti, formuladas na sua tão conhecida *Arte critico-historica.*

É positivo que os dois carros de gala do cortejo organizado em Roma pelo Embaixador Extraordinario André de Mello e Castro, para a sua primeira entrada official no Vaticano (o primeiro dos quaes foi um famoso prologo ao advento dos mirificios *Carros Triumphaes A, B* e *C*), foram do desenho do seu Gentilhomem D. Manuel Gonçalves — *e con ben giusto encomio dai più accreditati Professori di si bell'Arte,* escreve um contemporaneo, testemunha visual da nascença destas bellissimas equipagens.

— Os carros heroicos n.os 10, 11 e 12 deste Deposito I são um estupendo producto da candente imaginação do proprio Embaixador D. Rodrigo de Menezes (Marquês de Fontes), conforme vae dito e liquidado.

— Razões ha para acreditar que os tres principaes coches mandados fazer na Hollanda (Haya) pelo Conde de Villar Maior (Fernão Telles da Sylva), destinados para a sua solemne recepção em Vienna de Austria, como Embaixador Extraordinario no anno de 1708, haviam sido um felicissimo parto dos seus fecundos conhecimentos e requintado bom gosto em materia de Bellas Artes — superior aptidão garantida pelo 28.º Arcebispo e 8.º Patriarcha de Lisboa, Dom Frei Francisco de S. Luis (o Em.mo Cardeal Saraiva, que não sabia affirmar de leve).

— Não se admitte, em boa coherencia, que o transporte artistico do Conde de Tarouca, Embaixador nas Côrtes de Hollanda e Vienna de Austria, fosse alheio ao *debuxo* dos coches cujos *roes* mandava de Haya para a Casa Real, a fim de nelles se fazer a previa *selecção*, em ordem ao adequado sequito de Sua Majestade a Rainha Sr.ª Dona Maria Anna (elle, tão ardente por, em tudo, bem servir a causa do seu Rei, que numa das suas expansões epistolares com Antonio Roïz da Costa se declarava, no agosto de 1710, *mal com o Norte por amor de Portugal e com Portugal por amor do Norte!*).

Em mimos de architectura não era um simples entendedor, mas um verdadeiro oraculo europeu, de acatadissima autoridade, então universalmente conhecida e hoje geralmente ignorada. Não creio que o acrisolado zelo de alto Plenipotenciario permittisse que o seu transmontado engenho artistico fosse indifferente ao plano dos carros nobres, que de Hollanda cuidadamente adivinham com este superior destino.

Para se me haver denunciado como um resabido mestre em lições de desenho, bastou que, nas minhas pesquisas para um estudo particular sobre a Historia da Arte em Portugal, eu o reconhecesse sob estes tres lances do mesmo avantajado ponto de vista:

1.º Foi por tal fórma *vistoso o Edificio de Cambray para si construido de risco proprio*, que *muitos Principes*, incluindo *o Eleitor de Colonia e o Bispo de Osnabruck, delle mandarão pedir plantas, sendo o seu custo em muito avaliado nas Côrtes de Vienna, Pariz, Londres e Madrid.*

(Este desenho foi enviado a Diogo Côrte Real, como por escrito declarava, em julho de 1723).

2.º Numa criteriosa exposição de cincoenta capitulos — ou memoria descritiva, como agora diriamos — *refuta as plantas de Missier*, *Canevari* e *Santos Pacheco* (*de Diabos Pacheco!* conforme, em abril de 1734, elle espirituosamente diz de Vienna para seu filho Monteiro-Mór, que insistia por que lhe desse planta *de seu invento para a empreza de uma caza*. Tratava-se de um *bem galante Edificio que, com a sua fonte de embrechados rusticos* e todos os commodos do tempo, foi realmente construido segundo o almejado *risco, posto em limpo pelo seu secretario, o qual era não só um bom architecto, mas insigne debuxador*. Assim se dita em missivas de dezembro de 1734 e abril de 1735.

(O alludido Canevari era nada menos do que o architecto romano encarregado por El-Rei Senhor Dom João V de plantear o Escurial português — minuta rejeitada, assim como a de Philippe Juvara, para ser absolvida a de Frederico Ludovice).

3.º Ao magistral João Gomes da Sylva é que o Imperador de Austria (onde elle então tinha a Plenipotencia de Portugal) mandou *communicar o desiguio do seu primeiro Architecto*, tocante ao *magnifico Mausoleo* — Castrum doloris, *em que pozera todo o cuidado* — para *emendar*, se fosse preciso, a jazida tumular do chorado *Infante D. Carlo.*

(Este planteamento foi, com effeito, *approvado* pelo Conde de Tarouca e delle lhe foi dada *pelo mesmo Architecto* uma copia, no intuito *de ser offerecida a El-Rei*, juntamente com o mesmo desenho *estampado em tafetá* e *com as inscripções feitas e impressas pelo Poeta do Emperador*. Não carecia, pois, de ser um plagiario de Bedusi, como um zoilo da epoca esbravejada. Eis o que intuitivamente se reconhece em correspondencia expedida de Vienna, no agosto de 1736.

Justificada, portanto, a minha asserção.

— É por ventura, presumivel que a Senhora Infanta Dona Maria Francisca Benedita (dada á pintura, a ponto de ornar o Paço e ornamentar igrejas com quadros da sua paleta) não tivesse sido sequer ouvida sobre as acções e episodios, que deviam allegoricamente encher os paineis do coche, que seu amoroso Pae, El-Rei o Senhor Dom José I lhe mandou preparar, como presente de boda?

Nenhuma incompatibilidade moral se dava entre o grave pundonor de uma Princesa (com a sisudez dos seus amadurecidos trinta annos) e os conceitos desenvolvidos nas varias *estancias* deste seu carro — que é um verdadeiro *poema analogico*.

Nelle se percorre o *bucolico* pelas scenas risonhas dos campos — quadros, idyllios e situações, donde fluem os prazeres mais almos e simples da vida; com vôos de encadescencia e fogo de enthusiasmo attinge-se o *pindarico*, porque ha cantos de victorias e feitos de heroes; saboreia-se o *anachreontico*, lyrando suavemente a doçura dos gozos da vida, que nem sempre é de bossal crassidão; insinua-se o *epithalamico* na mythologica sujeição dos apainelados, por instancias do Hymeneu que proclama a felicidade de umas vodas; preliba-se o *dithyrambico*, mas sem um Baccho com os seus tigres e a hera que limpa as capitosidades, porque não ha nelle festins desordenados.

É incongruente querer as *gnomas* reformadoras de Solon, Pittacus, Bias, Thales e restantes sabios da Grecia numa tela jamais *epodica*, visto como o seu pensamento não é de propositada intencionalidade philosophico-moral. Trata-se de poesia, que é sempre a linguagem pathetica da paixão e da imaginação. A *verdade* é para instruir; a *ficção* é que deleita.

Quanto ao estilo ou fórma pinturesca, nada tambem na pequenina galeria deste coche, se divisa com mais ampla nudez do que a innocentemente estudada então nas chamadas *Academias do Nu*.

Á propria atmosphera do *Vaticano*, como repositorio de Arte, em tempo algum repugnaram a Venus da *Croce greca*, os Centauros da *Sala Rotonda* e as Nymphas da *Galleria delle Statue*.

*

* *

Como preparamos uma *Nota* calculadamente habilitada a abranger os carros nobres antigos, cuja collecção perfaz os Depositos I e II deste bello Museu, vamos colher agora, no vasto Parnasso dos artistas por encarte, nomes aureolados que, *directa* ou *indirectamente*, *proxima* ou *remotamente*, de alguma sorte pudessem haver refulgido na obra cujo estudo intentamos:

— *Bento Coelho da Silveira* produziu, como entalhador, trabalhos riquissimos; como pintor — no sentir de Cyrillo — por muito improvisar, era, ás vezes, amaneirado e incorrecto. Guarienti considera-o tão fecundo no seculo XVII, como Pedro Alexandrino no seculo XVIII. Morrendo velhissimo ao despontar o governo do Senhor Dom João V (1708), pintou ao certo no reinado anterior e em todo o governo do Senhor Dom Affonso VI (1656-1683), remontando o seu noviciado artistico aos ultimos annos do Monarcha *Restaurador*.

— O pintor *Marcos da Cruz*, mestre de Bento Coelho — segundo confessa o sabio Beneditino de Tibães, Cardeal Saraiva — floresceu ao tempo de El-Rei o Senhor Dom João IV, vivendo ainda vinte e dois annos no governo do Senhor Dom Affonso VI (1678).

— Dentro do reinado do Senhor Dom Pedro II, em 1695, existiu *Braz de Almeida*, que o Padre Diogo Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca Lusitana*, declara como pintor, escultor e desenhador geralmente estimado.

— *Antonio de Oliveira Louredo* foi, em 1698, nomeado pela Rainha Senhora Dona Maria Sophia de Neuburgo *official pintor de sua Casa*. Eximio retratista. (Os geniaes

teem quasi sempre a sua eleição de trabalho; tambem por este tempo, em França, Vollet (mestre de Lesueur, Lebrun, Mignard e Valentin) tinha a attracção do retrato).

— *João Glama Strœbel,* pintor alemão, que viera (1708) ao serviço da Sr.ª Dona Maria Anna de Austria, amoravel Esposa do Rei Senhor Dom João V, fixou a sua residencia no Porto, onde foi mestre do Vieira *Lusitano.*

— Ao tempo desta grandiosa Rainha, havia uma pleiade de *pintores das Obras das Reaes Cavallariças,* entre os quaes se ergue, aureolado de brilho, o nome de *Thomaz de Sousa Villar.*

— Ao lado do colorido palpitante e pujantes allegorias do Vieira *Lusitano,* das vivazes polychromias ornamentaes de *Ignacio de Oliveira,* a par da paleta brilhante de *André Gonçalves,* tambem é justo citar-se o famigerado architecto e escultor, alemão de raça mas italiano de origem, *Frederico Ludovice.* Bastas vezes inspirado nos arrojos de Bramante, Buonaroti, Peruzi, Michael Angelo, Vignola e Palladio, legando-nos Mafra como testemunho soberano da sua galharda mestria, foi, entre nós, um verdadeiro legislador na arte, estabelecendo as boas regras do *classicismo architectural.* Ao serviço da Obra Real, desde o começo do reinado do Senhor Dom João V (1707) até o quarto da regencia do Principe Senhor Dom João (1803).

— Pelo governo do Monarcha *Magnanimo* e começo do do seu immediato Successor, pairaram em Portugal pintores e restauradores italianos, á busca de trabalho bem pago, porque eram acreditados na sua difficultosissima especialidade.

Dentre os principaes registamos: Dioll Jacomo (1728) — Pietro Guariduti (1735) — Peregrino Parodi (1721) e Pietro Guarianti (1753).

(Ha em coches da Casa Real repinturas e retoques, que devem remontar a este tempo).

— *Alexandre Giusti,* escultor romano, chamado a Portugal em 1747, autor do retrato do Senhor Dom João V (outr'ora existente na Biblioteca da Congregação do mosteiro oratoriano das Necessidades), estatuario em chefe das obras de Mafra, foi quem, no tempo dos Reis Senhores Dom João V e Dom José I, deu á nossa escultura um affincadissimo avanço. Cego desde os derradeiros quatro annos deste ultimo reinado, ainda viveu nos vinte e dois primeiros do da Senhora Dona Maria I para decidir altos pleitos da sua bella arte.

— No tempo de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom João V, existiu um pintor-florista, sobremaneira distincto; com cincoenta e cinco annos de idade, falleceu em 1747. Foi *Victorino Manuel da Serra.*

— *Vieira Lusitano,* discipulo de Lutti e depois de Trevisani, dotado de extraordinaria intelligencia do anatomico, de colorido sensivel e palpitante (como se observa nas carnosidades vibrantes das suas nymphas da Fabula), mereceu ser o pintor eleito da Côrte do Senhor Rei Dom João V, podendo rivalizar com os mais celebres do estrangeiro. Ainda se affirmou por 1763, ou decimo terceiro do reinado de El-Rei o Senhor Dom José I. Na quentura das suas tintas parecia inspirar-se, ás vezes, na viveza do chefe da escola veneziana — Ticiano que, dois seculos antes, fazia das suas Venus mulheres *verdadeiramente reaes.*

— *Ignacio de Oliveira,* forte em anatomia, em symetria e noutras partes fundamentaes da sua arte, tambem do discipulado romano de Lutti e depois do de Mathei, de colorido

extremamente vago e agradavel, de desenho sempre elegante, teve, como decorador, a direcção dos theatros Reaes, na ausencia de Bibiena e antes de Azzolini.

Encheu de ornatos e paineis a Côrte do *Salomão português*, e foi ainda colorista — um tanto á Van-Dyck — no quarto anno do reinado da Senhora Dona Maria I (1781).

— *André Gonçalves 2.º*, discipulo do genovês Femine em Lisboa, mestre de Joaquim da Rocha, de Costa Negreiros e de Pedro Alexandrino, imitador de Conca e de Marata, ardente de côr mas tepido de engenho, finou-se no duodecimo anno do Monarcha *Reformador* (1762).

— O escultor conimbricence *Joaquim Machado de Castro,* discipulo de José de Almeida, modelador da estatua equestre erecta no Terreiro do Paço e autor da conhecida estatua da Senhora Dona Maria I, famoso barrista de assuntos pastoris, tomou em Lisboa a direcção da escola de escultura, separada (1770) da *mafrense* instituida por Giusti — a quem elle deveu a sublimação do seu bello talento artistico.

Sendo escultor da Casa Real e Obras Publicas, no tempo do Marquês de Pombal, deu soltas aos seus vastissimos trabalhos esculturaes, principalmente até o sexto anno da Senhora Dona Maria I; cheio de erudição — e ainda poeta de odes — falleceu nonagenario em 1822 (sexto do governo do Rei *Clemente*).

— *Joaquim Carneiro da Silva,* que morreu no anno de 1818, apurado em Roma na escola de desenho de Sterni, e successor de Ponzoni nas aulas do Collegio dos Nobres, foi o professor das Senhoras Infantas Dona Maria Anna e Dona Maria Benedita, Filhas de Sua Majestade El-Rei senhor Dom José I.

Registamo-lo, não tanto como gravador profuso, mas particularmente como desenhador de primeira plana — a lapis, á penna, a sepia. Era intimo do Paço.

— O padre *João Chrysostomo Polycarpo da Silva*, mestre dos estatuarios *Jeronymo da Costa* (de Braga) e *Manuel Vieira* (do Porto), directores do celebre laboratorio *imaginario* da Calçada de Santo André, foi o encarregado de empastar nos carros de triumpho as figuras, que appareceram pelo cortejo da inauguração da estatua de El-Rei Senhor Dom José I. Tratou da sua arte, desde os tempos pombalinos até 1790, ou treze annos ainda inclusos na governança da Senhora Dona Maria I.

— Como ajudante do Rev. João Chrysostomo e do portuense Manuel Vieira, não deve ficar em olvido o fecundissimo *Barros Laborão,* educado na escola do entalhador *João Paulo;* dilecto do Marquês de Pombal, que era um *alto apreciador das artes bellas,* (como diz o Marquês de Resende), foi por seu influxo ligado a trabalhos Reaes, substituindo Giusti nos serviços da Basilica de Mafra. Atravessando, sempre laborioso, o governo da Rainha *Piedosa,* chegou até o quarto anno do governo do Rei Senhor Dom João VI (1820).

— *Amatucci* entrou para a Casa Real, como escultor em madeira, no anno de 1807, por cuja folha trabalhou em Mafra até 1809.

— *Simão Caetano Nunes,* mestre de Gaspar Raposo, professor de Geometria e Perspectiva na Academia de S. José, rival de Stopani nos theatros do Bairro Alto, da Rua dos Condes e da Graça, foi, na varonilidade da sua vida, o pintor-architecto e decorador mais afamado de Lisboa. Excepcionalmente probo e sempre melancolico, morreu em 1783, sexto da vigencia da Senhora Dona Maria I, vivendo cincoenta e oito annos no reinado antecedente.

— *Joaquim Manuel da Rocha* que, como pintor tinha o avultado merito dos incendios e da natureza morta (principalmente em conchas), logrou ser o primeiro professor de Desenho na aula montada por El-Rei o Senhor Dom João V e um dos Directores da *Academia do Nu*. Os seus desenhos chegaram até 1786, nono do governo da Rainha *Piedosa*.

— *Faustino José Rodrigues*, escultor, pae do professor da Real Academia de Bellas Artes de Lisboa, Francisco de Assis Rodrigues — cujo nome rubrica um *Diccionario technico* — é por seu filho declarado como benemerito discipulo de Machado de Castro e seu frequente auxiliar. Viveu até o primeiro anno do reinado do Senhor Dom Miguel I (1829).

— *Pillement*, abalisado paisista francês que, em 1809, ainda vivia em Lyon com noventa annos de idade, esteve em Portugal, pela ultima vez, nos primeiros tres annos do reinado da Senhora Dona Maria I (1780). Foi mestre de Joaquim Mellisent, dos Costas (Joaquim e Manuel) e de outros evidentes.

— A *João Teixeira Pinto*, dotado desde a infancia de felicissimas disposições para grande pintor e escultor, substituto de Machado de Castro na sua escola de escultura, encarregou a Casa Real varios trabalhos de sinzel, por 1798 a 1802.

— *Vieira Portuense*, discipulo (em paisagem) de seu pae, que era todo imitador de Pillement e (em figura) de João Glama, terminou em Roma o seu curso com o acreditado professor Corvi. Desenhador correcto, mas colorista frio, teve por coevo e rival Domingos de Sequeira — aquelle todo fiel ao estilo historico e religioso; este sempre tão sedento de inspirações novas, que só no fim da vida elegeu alvo definitivo para as suas commoções estheticas. De natureza artistica bem differente do Vieira *Lusitano* (todo determinado e classico), menos energico do que elle — melancolico mesmo — e deixando-se repassar por influxos da sua epoca, foi com Domingos Sequeira encarregado das pinturas projectadas para o Real Palacio de Ajuda ao tempo de Sua Alteza Real, em 1802.

Morreu, tres annos depois, na Ilha da Madeira.

— *Maximo Paulino dos Reis*, educado em Roma, trabalhou muito de pintura no mesmo Real Palacio pelo meio do reinado da Senhora Dona Maria I e governo de El-Rei o Senhor Dom João VI (1800-1826).

— *José Francisco Pereira de Freitas* viveu, como pintor-florista de reconhecido merito, desde os ultimos annos de vida da Rainha *Piedosa* até o duodecimo do governo da Rainha *Educadora*. De 1804 a 1846.

— *Eusebio de Oliveira*, que morreu em 1814 — successor de *Martim Vicente* no serviço artistico do Principe Senhor Dom João e, mais tarde, do architecto *Reinaldo dos Santos* nos trabalhos da Obra Publica — era habilissimo em pintura de tectos. Martim Vicente foi o primeiro architecto da Estrella e de parte da ampliação feita no Real Palacio de Queluz.

— *Domingos Antonio Sequeira*, dos primeiros a frequentar a Escola de Desenho criada pela Senhora Dona Maria I, companheiro em Roma de Nunes Taborda e José A. do Valle, apaixonado pelo desprestigio da sua arte em Portugal, recolheu-se ao ermo do Buçaco, aos claustros da Cartuxa, até ser nomeado pintor do Paço para, com Vieira,

o Moço (*Portuense*), trabalhar nas Reaes Obras da Ajuda, ao tempo do Principe Regente, Senhor Dom João. Bello no desenho, na ordenação e no colorido, menos facil que Bento Coelho e Pedro Alexandrino, mas mais genial do que elles, percorreu quasi todo o ciclo da sua vida artistica, variando de estilo e paleta, como se fôra um Tintureto ou um Raphael. Chegou a ter resaibos de Rembrandt e de Dietrich, quando este imitava aquell'outro — cheic exaltado da reacção hollandesa contra as pompas classicas da composição, a pureza tradicional da linha, a nobreza theatral das attitudes e a fria sobriedade do colorido. Sequeira — o pintor português de talento mais innato — finou-se, em Roma, no terceiro anno do reinado da Senhora Dona Maria II (1837).

*

* *

Á composição pictorica do tecto do *Salão dos Coches*, engalanadamente armado sobre os despojos do primitivo *Picadeiro Real*, ligam-se nomes gloriosos e datas classicas, que de per si consubstanciam as ephemerides de uma areola historica por compor.

Por isso acantonamos aqui, em galeria especial e ultima deste cadastro artistico, summariamente rascunhado, os seguintes nomes:

— *Giovánni Bibienna* (com quem veio de Italia o famoso *Paolo*, pintor de batalhas e paisagista) começou ao serviço do Rei Senhor Dom José I no anno de 1753.

— *Giácomo Azzolini*, architecto e pintor-decorador que, por vinte annos, superintendeu nas ornamentações do Real Theatro da Ajuda, falleceu em 1787.

Foi elle quem *traçou o projecto para o Real Picadeiro*, cabendo a outros o termo desta primorosa tarefa, concluida na regencia do Principe Senhor Dom João, entre 1803 e 1816.

— *Francisco de Setubal*, pintor de flores, luares, incendios, marinhas e figuras a fresco, *depois de haver começado a pintar o tecto do Picadeiro* do Real Paço de Belem, morreu *em 1792*, no decimo quinto anno do reinado da Senhora Dona Maria I.

Na pintura de varios tectos, desenhados por *Eleutherio de Barros*, foi secundado pelo seu discipulo Domingos A. Sequeira (passado o anno de 1781, e antes deste germe belenense de um producentissimo talento ir, em 1788, fecundar-se a Roma, empuxado pelo suave bafejo da protectoria *Marialva*). Confessa-o Raczynski, no seu *Dictionnaire Historico-artistique*, fundado na lição do consciente Cyrillo.

— *Nicôla della Riva*, italiano, pintor de batalhas, bambochatas e paisagens — um bom animalista — veio a Lisboa no anno do fallecimento de Francisco de Setubal (1792), retirando, cinco annos depois, para Hispanha. Retratou muito, ao voltar em 1800, recebendo, em 1803, a pensão de 600$000 réis para pintar *no Picadeiro Regio os objectos de Picaria*. Morreu em 1818 — segundo do Senhor Dom João VI. Apaixonado pelo cinzento até nas proprias flores!

*

* *

Esta compendiosa apostilla não dá, é certo, uma solução omnimoda ao problema ventilado; mas limita — e não pouco — a desbalisada area das suas incognitas.

Se, por falta de evidencia objectiva, se não attinge, neste latibulo, a certeza absoluta de um asserto apodictico, sae-se, em alguns casos, da esteira nevoenta da duvida e entra-se, deciso e resoluto, no campo pervio da probabilidade, formando opiniões e até aventando juizos conscienciosamente *verosimeis*. Demarcam-se reinados, computam-se annos, extremam-se *maneiras*... antevêem-se autores.

É vasta a messe; mas eu é que não sego maior fouçada. Ao perguntador rabugento offereço como refrigerio, a inolvidavel resposta que, em tempo, me foi dada por um Mestre entre mestres, Mr. Cavailhac, ao consultá-lo do Algarve sobre a classificação de determinado espolio palethnologico:... *sachons attendre et demandons à de nouvelles recherches plus de lumière.*

*

* *

O contexto desta Nota não é uma dessaborida expolição, mas um illuminativo proemial da que se lhe segue, porquanto involve o commento da photocopia de uma apparatada polyanthéa em que, no panoptico dos coches e berlindas encanteirados pelo vasto *Salão* a dentro, com enlevo se divisa grande parte da esteira do tecto respectivo, prolongada até as sancas que marginalmente o ladeiam.

Se esta Nota é uma synthese, que *compõe;* aquella é uma analyse que *dissolve* — e a synthese com a analyse, ou se exerçam sobre factos, idéas e juizos elementares para examinar a verdadeira natureza dos seus objectos e rectificar os respeitantes conhecimentos, ou incidam sobre as relações reciprocas desses conceitos para devidamente os esclarecer e demonstrar uns pelos outros, são sempre funcções methodologicas que, longe de se excluirem, antes se auxiliam e mutuamente completam.

Esta elucidante paniconographia teve ainda a sua feliz cabida pelo providencial atraso na paginação das provas litterarias do livro de que faz parte, cuja doutrina está essencialmente concatenada a varios trechos de morosa laboração artistica.

Appareceu, entrementes, o n.º 1731 da *Nature*. É uma autorizadissima *Revue des sciences et de leurs applications aux arts et à l'industrie*, sempre mestra nas prelecções exhibidas pelos sabios articulistas, cuja fama mundial de todo o ponto as acredita e capitalmente aureolada com o nome primacial do seu inolvidavel fundador, Mr. Gaston Tissandier.

(Tissandier — que minerou os estudos de Pallissy e Réaumur, de Juisseu e Linneu — esmerilhador do mundo physico como Owen e Temminck, Lindley e Milne — Eduards — que pela sua alta nomeada scientifica vale um Gervais com o seu *Ceratodus* ou um Marsh com o seu *Brototherium* — sciente das *Pedras fosseis*, como Simonin e da *Terra antediluviana*, como Figuier — que, a seu turno, se ria de Voltaire por ver que as *conchas alpinas* de Buffon não haviam caido dos chapeus de antigos peregrinos outr'ora encaminhados ás portas santificantes de Roma — que causticamente apodava de *philosophes aux abois* os crentes medievaes por taxarem de *lusus naturæ* as *pedras figuradas* da moderna paleontologia — o emocionante autor dos *Martyres de la Science* é uma autoridade classica, que a todos cathedraticamente se impõe como medio-theorista entre as resoluções cataclysmicas professadas por Cuvier e as evoluções lentas do ensinamento de Lyell).

A douta lição de um artigo epigraphado *Le Musée des coches royaux à Lisbonne*, incluso no referido numero do dito *Hebdomadaire illustré* de Paris, preparada pela delicadissima penna de Mr. Martel, derivou de apontamentos facultados pela *Repartição das Reaes Cavallariças* em face do manuscrito, em via de publicação, cujo titulo foi trasladado nos seguintes termos: — *Description analytique des coches nobles de la maison royale portugaise et de ses carrosses de gala.*

Uma parcial desajusteza de versão (apparentemente pequena, mas grande na realidade historica dos factos juridicos), de certo originada pela exiguidade das notas rapidamente offerecidas á gentil mediação de Mr. Strauss, forçar-me-hia a ulteriores explicações, se não fôra esta bem fadada diuturnidade. Cumpria-me quebrar o silencio.

É que, no segundo membro da supracitada intitulação—*et de ses carrosses de gala*—vem *ses*, devendo ser *des*, visto como as chamadas «*carruagens* de gala» (á excepção da denominada «da Corôa»), são propriedade de Sua Majestade El-Rei e os denominados «*coches* da Casa Real» são pertença da Nação.

O bem delineado artigo sobre os referidos carros nobres é curto, mas incisivo; fere as teclas deste harmoniosissimo accorde sempre com uma linguagem tão scintillante, como os monumentos que alveja, *cette collection aussi précieuse qu'originelle... fausteuses dorures d'un autre âge.*

Ante um tam luzido equipamento vehicular é realmente caso para se apostrophar, como eu, em Zurich, ouvi a um apreciabilissimo consorte de viagem, o emerito Professor Sr. Wolfg, ao sairmos do *Schweizerisches Landesmuseum:* — Hier riecht's wirklich nach Geschichte! Ha, com effeito, varias fórmas de monumentalmente *concretizar historia;* e esta é uma dellas.

As succosas linhas, a que nos vimos referindo, salientam os coches e berlindas mais evidentes, sem deslembrar o vistoso repositorio, que os alberga e os annexos, que faustosamente os completam, — famoso *pourtour de la royale remise*, que com as suas *luxueuses vitrines abritent les jeux complets de costumes, ornements, étriers, harnais, rênes, etc.,... de ces invraisemblables équipages!*

Com justificada razão procede o abalisado autor, dizendo: — *C'est un véritable éblouissement que le coup d'œil, tout à fait féerique, de la Sale des Coches—... monumentales châsses de bois précieux, d'or, de velours et de brocart que, depuis trois siècles, on entretient avec un soin méticuleux.*

São indiscrepantemente nobilissimos estes engalanados vehiculos, que Mr. Martel com todos os visitantes illustrados classificam de *série unique de voitures royales, qui n'a de rivale en aucun pays du monde par la variété, la richesse et la conservation des objets, qui la composent.*

O primeiro tejadilho, que á direita se reconhece, pertence ao coche *D. Filipe II — voiture la plus ancienne (non la moins curieuse).*

A penultima cobertura figurada no mesmo alinhamento é do carro clementino cuja technica tanto architectonicamente se aproxima do *carrosse Louis XIV* (*1e époque*), como se distancía da *carrozza da viaggio* offerecida por Fernando II das Duas-Sicilias ao Santo Padre Pio IX, de saudosa memoria, e da *vettura di gala* do Cardeal Bonaparte (*con pitture sui pannelli*), tambem pertença de Sua Santidade o Pontifice Pio X — monumentos vehiculares, de que dou fé por pessoal contemplação.

Á imponente equipagem *Papa Clemente XI* chama encomiasticamente a Revista de Mr. Tissandier *le premier d'une série de carrosses, où l'art du sculpteur sur bois s'est épuisé à fouiller et à doser toutes les parties de l'édifice.*

Estas expressões palpitantes de brilho, resurtidas por mão de mestre na arte de bem descrever, referem-se capitalmente aos imponentissimos *Carros Triumphaes* cujos desenhos descobrimos na penumbra do fundo estampado, jacentes no logar de honra do extenso *Salão*. Ali estadeiam elles, embora desesquipados estalões photometricos da ruidosa embaixada a Roma — *Marquês de Fontes* — ichnographicas mumificações que, na ruina desmoronadiça das suas artisticas personagens, na resequida murchidão dos seus inflorados festões e no toante rodopello dos seus cyclopicos rodados, resenham, insculpida em letras de ouro, a deslumbrosa soberania do nosso velho Portugal!

Dal tempo que fù eretto il Regno di Portogallo nessuno Rè Christiano arrichi con più pretiosi doni la Chiesa Romana, ne mandò ambasciate più vistose, che quello di Por-

togallo — assim o proclama o meu velho autor dos *Meriti delli Rè di Portogallo verso la Santa Sede Apostolica.*

(E que seria feito do iroso adrago, em tempos fincado com aspero rangido na grimpa do *Triumphal-A*—o *symbolico* dragão, phantastico arremedo de algum pterodactylo dos velhos sedimentos jurassicos, verdadeiro ossuario de tanto organismo desapparecido ?!)

Colossaes vehiculos de prodigiosa ossatura, que bem mereciam uma especial *Gigantologia,* como a Guettard e a Tarrabia valeram os objectos do seu particular estudo!

Outr'ora enricados, hoje esfolhosos, são ainda magnificos esphacelos de feericos tabernaculos sobremodo ajustados á olympica majestade de um *Apollo de Belem.* Só de per si fazem a alevantada ufania d'este *Salão,* como as *Ushabitu figures,* os *Canopic jars,* as mumias pharaonicas de *Mycerinus* e *An-Antef* e as de *Bak-en-Mut* e de *Katebet* (ministro e sacerdotisa de Amen — Ra em Thebas) bastam a justificar a aprumada ostentação dos *first and second egyptian rooms* do Museu de Londres, cuja historia tão perfiladamente se entrelaça com os nomes gloriosos de Sloane e Cotton, de Jorge IV e William White.

Tambem os frontões escalavrados do Parthenón sem as columnas doricas cujos eram esteio e as bellas metopas do seu friso sem os triglyphos que os architravavam (tudo imaginosamente concebido na mente enfogada de um Phidias e architecturado por Ictinos e Callicratés na epoca mais brilhante da vida de Athenas e no periodo mais fulgurante da arte hellenica) já não circuitam o santuario da Pallas Athenea ou chryselephantina Minerva; e, todavia, ainda na sala d'*Elgin,* do *British Museum,* com o nobilissimo estilo das suas fórmas subtis e sob o majestoso enrugamento das suas transparentes roupagens, lá estão monumentalizando as processionaes panatheneas subindo á culminante Acropole (donde, ao longe, perdiam de vista na bruma azulada os cimos ouriçados dos montes peloponesicos) para offerecer á Deusa de suprema belleza e majestade soberana o sumptuoso πέπλον, bordado a ouro pelas niveas mãos das mais jovens athenienses;

Ao subir-se no *vieux Louvre* o escadorio *Daru,* que da galeria *Denon* conduz ao celebre Museu de pintura, a meia ascensão do *Grand escalier,* deparamos com a agigantada *Victoire de Samothrace,* por certo radio fulminoso da mesma peregrina concepção, que a Victoria de Pœnios erecta no famoso templo de Olympia.

Agora, é um simples torso de estatua, sabiamente reconstituida com os seus cento e vinte (!) fragmentos; e, sem embargo, impavida na proa de uma ναῦς μακρά, avançando altiva, com as vestes agitadas pela brisa do mar, ainda, como as gravuras monetarias de Demetrius, perpetúa a sangrenta batalha naval, que tanto immortalizou o filho de Antigono. Acephala e desasada, tal qual Champoseau a descobriu na Samothracia, já sem buzina que faça estridor e sem *corona rostrata* que incite ao heroismo, ainda assim, na emphase da sua attitude e com a expressiva intensidade do seu porte, parece estar annunciando o prologo sinistro d'este grande drama de sangue — o signal do combate. Mero troço esculptural de um explendido paradigma rhodesiano — insinuante pela technica dos detalhes, sugestivo pela inspiração ideal que reflecte — não obstante a sua esburcinada mutilação, serve ainda á historia da arte para vivamente rememorar que o nume romano *Victoria,* de caracter individual francamente accentuado, de publica cultuação organicamente estabelecida, teve o seu embryogenico prodromo no seio da tradição attica, por onde, a principio, Νίκη (Παρθένος) pairou confusa com Ἀθηνᾶ ou Minerva cujo poder guerreiro significava. (A pseudotheodicea hellenica, na primordial evolução dos seus mythos secundarios, revela-nos, com effeito, á forma sarcolar, quasi amorpha, os seus primevos *xoanons,* como a paleontologia, nos terrenos laurentino e cambrico da epoca primaria, nos aponta os seus *eozoons* e *cophytons,* verdadeiros *animaes* e *plantas-auroras,* phosphorescendo já nesses massiços sedimentares do velho mundo antediluviano).

Quão proficiente é, por vezes, a lição anepigraphe dos monumentos, quando interrogados por quem, sondando-lhes os mysterios, intenda a emphatica mudez da sua bella linguagem! Pela expressão — que é a lei suprema da arte — dirigem-se sempre á alma, como pela fórma captivam os sentidos.

Imprimem admiração, — que é sempre naturalmente respeitosa — como esta, crescendo e ardendo, gera o enthusiasmo, que arrebata. Cadinham e acrisolam o gosto, que aprecia a belleza; como o genio — que é o gosto em acção — a faz aquentar e reviver.

Não admira, pois, que a razão superiormente esclarecida e o fino sentimento esthetico de Mr. Martel, bem comprehendendo os *Carros Triumphaes* d'este Museu na arte soberana que objectivam, no conceito allegorico que sensibilizam e na feição historica que typificam, lhes consagrasse uma folha de tão formosa estampagem.

Sem rivaes! Não é por certo excesso de topolatria chamar-lhes assim, não tanto pela vasta magnitude das suas proporções materiaes, como pela sua pecularissima accentuação technica e pela fórma como no lavor do seu lenho consignam e transmittem a affirmação de um tam grande ideal patriotico.

Descimbrados vehiculos de um já desdourado fulgor!... mas tambem as *parhelias* são *falsos soes* e não deixam de representar um augmento fulgurante de luminosa tonalidade. Já de maramosdica magreza lá no fundo do *Salão!...* e ainda *corôas boreaes* cujas coruscações meteoricas inundam com os seus feixes magneticos todo este horizonte especular, tam repleto de miragens de arte na variada scintillação das suas multiplas visões!

Na fulgurante conglobação do desenho exhibido nesta Nota, não se prestou ao alcance da objectiva photographica a mimosa berlinda processional *Nossa Senhora do Cabo-A,* que tambem se lhe associa sob o n.º 9 da distribuição geral.

A sua gracilidade, porém, não escapou á pupila finamente artistica do laureado critico, porque, conhecendo-a de per si, lhe foi exornativamente chamando *un bijou d'élégance et de légèreté.*

A esquerda baixa do mesmo panorama, enxerga-se parte do carro nobre *D. Pedro II-C,* tendo por immediata figuração a do esbelto coche francês *D. Maria de Saboia-A* que, sob o duplo aspecto da architectonia vehicular e artes ornamentaes correlativas do seu tempo, bem faz lembrar a justeza critica da bella phrase do eminente tribuno Castellar — *La Francia es el zapador de la civilización* — pelo que Mr. Martel o define — *le plus remarquable au point de vue de la décoration peinte.*

É no termo d'esta ala que, alistados com os n.ºs 14 e 15, pousam o celebre coche *da Corôa* e o afamado coche *D. João V* — nome oriundo do ostentativo Monarcha a quem o Arcebispo de Benevento, Cardeal Orsini, em sua carta de 22 de agosto de 1722 (como se lê em Giovanni di Nicastro) chamava *qual miracolo del secol nostro* e cujas virtudes eram pelo venerando Antistite exalçadas ao apice de as proclamar de *assai più luminose delle gemme, che sfolgorano nel regal Diadema!*

Os envidraçamentos visiveis no plano inferior e superior da estampa exposta assinalam os variados depositos dos arreios e aprestos mais selectos e festivaes que, com os coches e berlindas do *Salão* e os armarios dos fardamentos dispersos pelas salas A, B, C, D, E, F, G — tudo distribuido segundo as plantas subsequentes — brilhantemente constituem *divers spécimens de l'art ornamental des* XVII *et* XVIII *siècles,* consoante se exprime Mr. A. Martel no opulentado discurso, com que sobredoira e illumina a bella *Revista* de Mr. Gaston Tissandier.

NOTA 25

Ao antigo palacio de Belem (*Arrabida* de nome, por ser agasalhado dos frades da Provincia monachal assim nominalmente conhecida — de الرابطة, *eremeterio* ou retiro para exercicios espirituaes) pertencente ao Conde de Aveiras D. João Tello de Menezes, juntou o grandioso Monarcha Senhor Dom João V um outro e pertenças do Conde de S. Lourenço, fazendo acrescer aos velhos jardins, pomares e copadas ruas, novos arruamentos ajardinados, com pavilhões e estatuas, com os seus lagos e cascatas. Isto na mira de engendrar uma formosa Quinta de verão — para em tudo se fazer echo dos rasgados expedientes do seu luxuoso antagonista, o Christianissimo Rei de França Luis XIV.

Só no terceiro anno do reinado do Senhor Dom José I se poderia haver dado começo á anhelada obra do *Real Picadeiro de Belem,* porquanto Giácomo Azzolini, autor do projecto, chamado da Italia pelo seu compatriota Bibiena, só em 1753 entrou ao serviço deste Monarcha. Ligado á Obra Real poderia ter acompanhado a execução do seu plano até 1787, anno em que morreu — decimo do governo do Rei *Reformador.*

Antes de 1792, decimo quinto do reinado da Senhora Dona Maria I — epoca do fallecimento de Francisco Setubal — havia este artista português dado inicio á pintura decorativa do tecto, tarefa de que fôra encarregado. Seguiu-se-lhe o afamado paisagista e animalista italiano Nicôla della Riva — pelo menos em 1803, anno em que tomou sobre si *sómente o que respeitava a Picaria.*

Daqui se conclue que algum outro pintor laborou no que restava por debuxar e que pertencia a outro ramo pictorico.

(É este justamente o tempo, em que Domingos Sequeira e Vieira *Portuense* se achavam a braços com as pinturas projectadas para o Real Palacio da Ajuda).

A obra do Picadeiro ultimou-se na Regencia do Principe Senhor Dom João, de 1803 para 1816.

A parte central do tecto do *Salão dos Coches* — esteira, que mede 658^{m2} (47 de comprido × 14 de largo) — é um campo ornamental de vastissima complexidade, orlado por um famoso arabesco, ou mais caracteristicamente, fecundo *raffaellesco* de pura Renascença. É uma tela predominantemente composta pelo alinhamento longitudinal de tres grandes quadros ellipsoidaes, de boa invenção, ladeados por dois renques de medalhões circulares, bem tratados a cinzento.

O assunto, allegoricamente exposto neste pinturesco conjunto, é todo de insinuante symbolismo *mythologico, artistico* e *historico.*

No plano superior de A, um Genio *bucinator,* pagem *da lança* de um cavalleiro galopante que tem por guias dois mensageiros celestes, entrega-lhe as Armas do Reino

«Com fama grande e nome alto e bem subtil».

Ao centro — traçadas á maneira das apotheoses de Debrié — as quatro Partes do Mundo fitam gozosas o cavalheiroso Portugal, no concerto tacito de uma voz:

«Quem ha que por fama não conheça
As obras Portuguesas singulares?»

Em affectuoso convivio, acercam-se de um globo os tres Continentes mais civilizados; o africano, porém, mantem-se afastado, como rebelde ao caloroso bafejo da civilização. A America abate a frecha do seu *arcus* á grega; a Asia queima numa caçoula o suave aroma das

«Arabias.....
Donde vem os cavalos para a guerra
Ligeiros e feroces, de alta raça»;

a Africa,

«Os geolhos no chão, as mãos ao ceo»,

reconhece a triste apertura do seu cativeiro. A Europa com toda a sua «grão genealogia» e christã religiosidade, com todo o seu garbo militar e façanhoso heroismo — symbolizados nas corôas, docel, livro de Horas, capacete e louros, que tem aos pés — trajando o seu manto de arminhos, assiste genuflexa á deificação de tanta gloria. Tal é o seu assombro!

— Á falta de subsidios historicos sufficientemente precisos, poder-se-ha de alguma fórma, pontual ou aproximadamente, determinar a epoca da composição deste quadro — e, por consequencia, das telas A′ e A″ que lhe são allegoricamente complementares? O problema é clivoso, mas soluvel.

Todas as cousas teem uma criteriologia propria ou systema de sinaes cognoscitivos, aptos para a sua sufficiente discernibilidade (κριτήριον de κρίνω, *julgar, distinguir*).

Á mingua de adminiculos fidedignamente literarios, a chromognose de um quadro está sempre dependente de uma ordem de criterios *internos* mais respeitantes ao *assunto* e de outros *externos*, que mais affectam a *fórma* de o tratar e se relacionam com varias *circunstancias* concomitantes.

Quando estes charismas — *positivos* ou *negativos* — são bastantemente *perspicuos, certos* e *proprios*, isto é, *apodicticos*, geram a *certeza absoluta*; no caso contrario, porém, teem um valor meramente *anapodictico*, quer dizer, só podem grangear a *certeza moral* ou um maior ou menor grau de *probabilidade*.

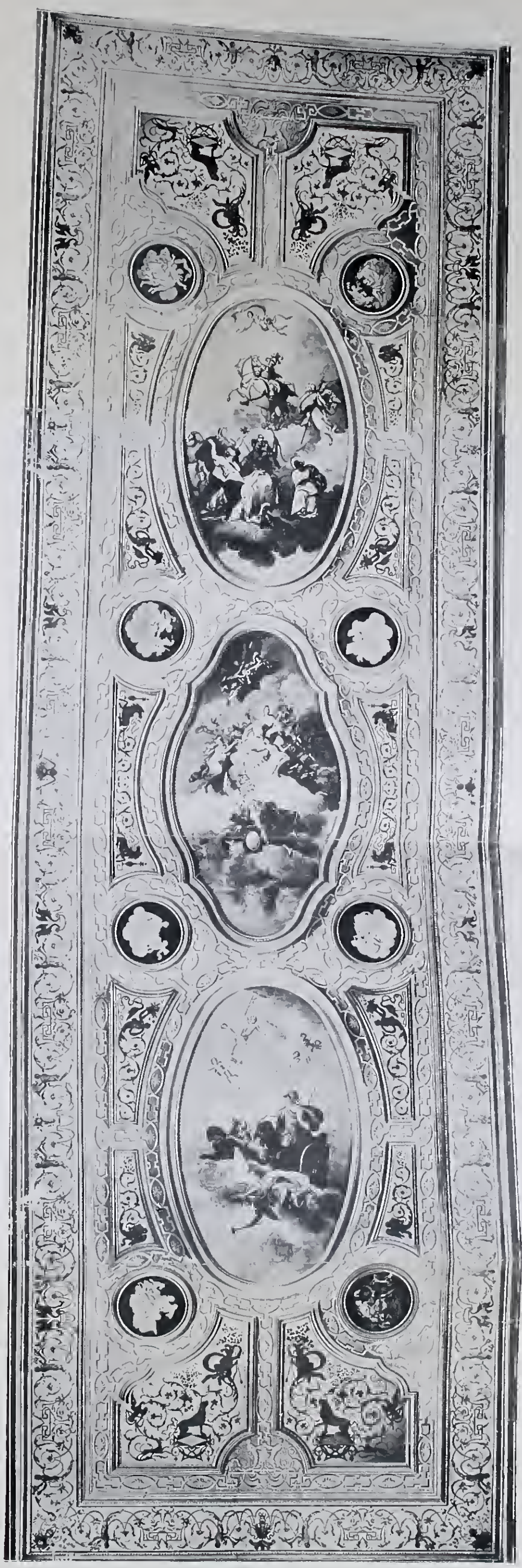
Contentar-nos-hemos com esta segunda valorização.

Ora, cada uma das allegoricas personalizações das quatro Partes do Mundo gloriosamente representativas do extensissimo raio das momentosas conquistas de Portugal) apparece, neste quadro, trazendo como emblema um vivente, caracteristico da sua zoologia regional — assim: o *cavallo* para a Europa, o *camello* para a Asia, o *crocodilo* para a Africa e a *arara* para a America.

Quando Debrié desenhava e gravava, entre nós, as suas apollineas divinizações, com os seus deslumbrantes zodiacos e as engenhosas personificações das quatro Partes do Mundo, ao lado da Asia com a typica caçoleta dos seus oloriferos perfumes, dava á America, por hieroglypho, um saco ou vaso regorgitando moeda de ouro. Isto *por 1742*.

Baquoy, no frontispicio do magno *Atlas Universal* de *Robert, Géographe du Roy*, gravou em Paris os inventos de Oder, allegorizando a Europa por uma açodada Pallas, e adaptando á America um tapir, como symbolo zoologico do seu continente — o que, um quarto de seculo depois, é ainda reproduzido por Santini no *Atlas* editado em Veneza. (Garanto para esta emblemação a *data de 1757*, porque logro a dita de ser dos poucos bibliophilos que, na sua livraria, arregimentam estes dois grandes e grandiosos volumes).

Não me consta que, em Portugal, apparecesse a formosissima *arara* typificando a bella America, senão com a vinda do magistral trabalho de Batoni, exposto na capella-mór da Basilica da *Estrella*, com a rubrica *de 1779*.



Esteira do tecto

O quadro assinado *de Roma* não podia plagiar o tecto do Picadeiro *de Belem;* muito mais natural é o inverso. Eis o que, de per si, faz acreditar que *a invenção* da tela não precederia este anno.

Em A′, contempla-se, enthronada num acastellado de nuvens, uma mulher com aspecto benigno, de corôa radial, toda nimbada de luz, segurando na mão direita uma estatueta e embraçando com a sinistra uma cornucopia; é a divina *Paz*, Eirené — filha de Themis, deusa da Justiça.

— Dá-se aqui uma pequena transformação pictorica, em que a mythologia dos factos se afasta um tanto da mythologia da arte — certamente operada para salientar a fecunda allegorização, que o inventor cogitou e se propôs executar.

A figurinha, que a impolluta matrona, num assomo de cordial regozijo, ergue para o ar, não é o menino Ploutos, mas a miniatura de *Niké* (a *Victoria*) — filha do Titan Eopater.

Ou esta, gozosa, offereça libações aos deuses do Olympo, confundindo-se com Hébé — ou esvoace, anhelante, perto de Jupiter e de Minerva, na luta titanica da *Gigantomachia* — ou, sorridente, traga para Hercules a corôa enfitada, que lhe ha de exalçar a fronte gloriosa — ou, enthusiasta, libe num κρίπους, em honra do poeta vencedor — ou descante, exaltada, os louros alcançados em concurso gymnico-musical, vejo-a sempre com ares de virgem robusta, alada, vestida com o seu *chitón,* de corôa e palma nas mãos (ás vezes, algo inclinada para ávante, em attitude de plena audacia).

Assim vem figurada nesta tela, tal qual irradia, como attributo de alta significação, nas estatuas chryselephantinas de Phidias e monetariamente se estampa em numismas das dynastias macedonicas (emblema singularmente querido dos principes de humor guerreiro, que partilharam o imperio de Alexandre).

Na informação das suas personagens allegoricas sempre os artistas usaram de mais ou menos liberdade, recorrendo a engenhosas subtilezas, por vezes bem difficeis de precisar.

Após a victoria, a paz; com esta a abundancia. É o conceito fantasiado no quadro parcellar em analyse.

Nelle deixa a deusa *Pacifica* de suster-nos braços o menino Ploutos (personificação da *Riqueza,* como Khryses era do proprio *Ouro*), consoante o grande escultor atheniense Képhisodoto a havia tratado, para se apresentar mantendo, á sinistra, o *corno da Abundancia,* que era a emblemação desse infante — filho de Ceres e ministro de Plutão, a quem Jupiter fizera cegar, para que os haveres tanto tocassem aos bons como aos maus.

Nesta allegorização, a *Paz* não se affirma ao lado da frondifera thyada de Dionysos, mas está requintadamente cortejada por Genios phalenados e festivalmente acompanhada por Nymphas — tão bellas como os ramilhetes, que lhe estão offerecendo.

Estacionam, á sua esquerda, dois Anjos alados, um dos quaes, confiado, agarra a ancora da *Esperança;* o outro reparte

«As contas do Christallino transparante»,

tiradas de uma valiosa taça, cheias de corôas *á antiga*

«De ouro luzente e fina pedraria».

No plano superior, adeja, como accessorio, uma Pallas, «fulgente e armada» com as insignias da sua marcial realeza — é a *Guerra,* «turbulenta e sanguinosa», dando costas á *Paz,* que é «serena e fecunda».

Como episodio complementar da scena allegorizada no mesmo ceu, libram-se no costrado de outra nuvem duas «nimphas amorosas» carnosamente moldadas,

«De grinaldas na cabeça côr de roza».

Abandonando na terra *as amphoras e crateras, onde as abelhas vão depôr o suave mel, e a crista dos montes, onde tecem os seus véos purpurinos* (*Odysséa*, XIII), subiram aos ares para, severas e symbolicamente ataviadas com o *carvalho da robustez* e a *palma do triumpho,* apoiar, nas alturas, o invicto e glorioso Brasão dos

«Cinco escudos esclarecidos
Em sinal dos cinco reis vencidos».

No quadro A″ — menos accionado, mas não menos significativo que os antecedentes — ostenta-se um ceu caliginoso, por onde corre veloz, tirada por uma junta de leões, a sumptuosa *biga* da bem lançada personagem que, de capacete e *paludamentum* rubro, de espada, lança e escudo, representa a *Guerra*,

«Fervendo-lhe no peito o duro Marte
O Mavorte feroz dos Portugueses».

— *A luta mede o heroe.* O tratadista deste painel, pretendendo allusivamente fazer sobresair o valor bellicoso do braço lusitano, horribilizou o seu Genio da Luta, dando como ornato central do escudo que embraça, não o simples *Gorgoneion*, mas a propria cabeça da filha de Phorco, destroncada por Perseu, tendo por coifa as serpentes daninhas cujo simples esgar petrificava os que de perto as fitassem e cujo sangue calido gotejou o solerte Pegaso, com que Bellerophonte combateu a chammejante Chimera, sempre num fumante vomito de labaredas. Condensação de uma brilhantissima allegoria!

(O rosto do *Gorgoneion* era de mediano aspecto entre o typo pavoroso dessa *Gorgon* da arte archaica — onde os icthyologistas foram buscar o seu *Gorgonocephalus verrucosus* — e a bella cabeça de mulher moribunda que, em mais recente data, personaliza Medusa).

No campo superior, divisa-se um côro de geniozinhos, que parecem despenhar-se do alto —

«Divina guarda, angelica, celeste»,

arvorando um delles o symbolico caduceu. — Deve ser Ceryx, arauto *a grega* que inviolavel, intervinha nas liças, como Mercurio, no monte Cytheron, lançando ás serpes o bastão, a que ellas se enroscaram. —

Em baixo,

«Consigo a Fama leva porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro»;

é um *Bucinator* que, esvoaçando por entre nuvens, irrompe os ares; com a sua tuba canora, á dextra, e uma corôa de louro á sinistra, vae annunciando

«O premio, lá no fim bem merecido».

— Por certo que á candente imaginação do inventor presidiu o transcendental intuito de synthetizar, nas tres grandes telas descritas, uma these heroica de Historia pa-

tria: *Portugal admirado pelo mundo inteiro* (quadro A), *tanto nos frutos do remanso da Paz* (quadro A'), *como no fragor do bulicio da Guerra* (quadro A'') —

«.....a excellencia,
Nas armas e na paz, da gente estranha
Será tal que será no mundo ouvido
O vencedor por gloria do vencido».

Os quatro bellos medalhões circulares, que acompanham o grande thema central, representam a Consagração das Bellas Artes, classicamente typificadas na Escultura (*b*), na Pintura (*b'*), na Musica (*b''*), na Architectura (*b'''*). Circundam a *Paz*, que as insuffla e alenta, ao invés da *Guerra*, que as estiola e mortifica.

A Poesia não ficou olvidada na idealização do artista-inventor, mas inclusa e calorosamente relevada na *fórma poetica*, que soube e quis dar á vivificação material destes conceitos.

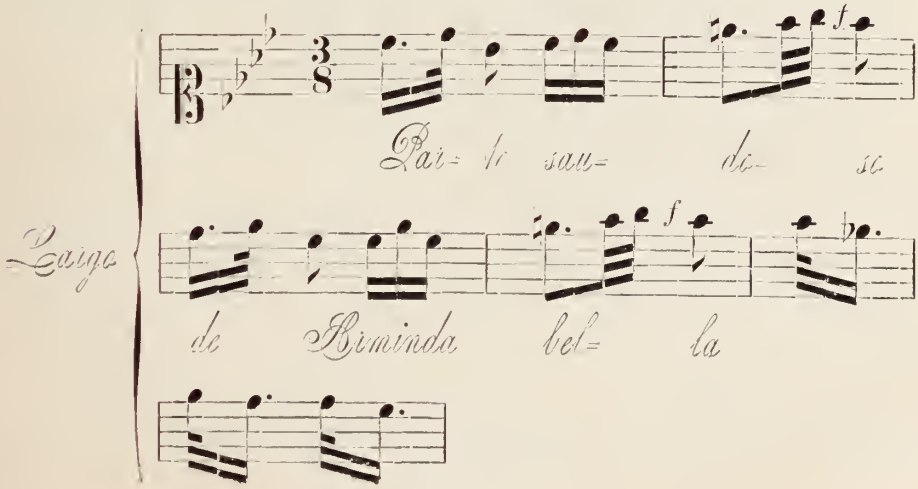
O conceptor era manifestamente um estheta. Bem conhecia elle pela philosophia da Arte que o que a Architectura faz pelas linhas geometricas, a Pintura pelas côres e desenho, a Escultura pelas fórmas do corpo organico e do corpo humano em particular, e a Musica pelos sons harmonicos, consegue-o a Poesia por todos estes symbolos rythmicamente agrupados. Divinizadas todas quatro nos respectivos paineis — porque a todas escutam, ajudam e obedecem donosas entidades angelicaes — cada uma destas galantes donzellas está descrita em funcção technica do ideal artistico, que allegoricamente personalizam.

A Architectura (*b'''*) parece, de compasso, querer deduzir de uma columna, já constructa, o modulo, que haja de fundamentar a erecção das restantes, no edificio que sonhou.

A Pintura (*b'*) ostenta traçar uma dessas bellas Athenienses que, nas procissões em honra de Ceres, de Baccho e de Minerva, usavam levar á cabeça o seu κάνη de verga ou açafate regalado de mimosas flores. Está compondo uma *Canephora*.

A Escultura (*b*) sinzela um busto, de capacete cristado, com visos de tempos heroicos. É uma dedicatoria a Minerva, como deusa das Artes e das Sciencias.

A Musica (*b''*) faz entoar a um infante phalenado o seguinte trecho que, nas tres primeiras das doze pentagrammas, a muito custo se nota ser a seguinte lição coral, cuja exactidão me foi garantida pelo consciencioso pintor Sr. A. Conceição e Silva, que *simplesmente a limpou*. Um texto autentico, portanto.



— Esta inscrição não é um *arabesco* musical; é uma frase convicta, regulamentarmente *medida*, um inicio *melodico* em *movimento* espaçado escrito em *la bèmol*, com umas *superabundantes* em *tresquealtera* e uns *f. f* por *accentos* ou *modificações*; é o *capo* de uma expansão de saudade perfeitamente *cantavel*, visando o coração enamorado de uma *Arminda bella*..., talvez tão seductora como a *lodata* e *vagheggiata Armida* cujos *ingauni, bellezze e lusinghe* preoccupadamente salienta o Canto IV da immorredoura obra do poeta sorrentino. (São estrophes sempre cheias de imagens ricas e concepções grandiosas, taes quaes Quinault as soube comprehender na sua tragedia lyrica, patheticamente sensibilizada pelo genio musical do florentino Lulli — o famoso inventor da Opera — e como o toque sabio, energico, e por vezes sublime, de Poussin a pôde, com o seu encantado Reinaldo, apresentar attrahente ás pinacothecas de Berlim).

O idioma da letra musical estampada neste medalhão e a *maneira* dos seus homologos circulares, um tanto destacavel da que caracteriza os quadros cinzentos de Picaria, dispersos pelas sancas do tecto (em que naturalissimamente Nicôla della Riva foi auxiliado por Paolo, afamado pintor de batalhas), avigoram-nos a presumpção de que, tambem nesta zona da extensissima tela, ficou assinalado um trecho de trabalho *portuguès*.

Um artista *italiano*, profissional de eleição — farto de saber quem era a fada que, nos seus deleitosos jardins, detinha afastado das Cruzadas, em que cavalleirosamente militava, o seu dilecto Reinaldo (valoroso Achilles christão) — não vinha escrever *Arminda*, em vez de *Armida*, ao querer consignar em português a citada frase do texto.

Numa paradisiaca vagueação historico-artistica de 1904, tive o grato, saudoso e inolvidavel ensejo de conhecer que, desde a patria do arrebatador Tasso, Sorrento *la Gentile* (o *Surient* do dialecto napolitano e o *Sorrentum* dos Romanos, que tão rica foi de formosos templos e vistosas villas) até a capital da Lombardia, Milão, *la Grande* (por cujo *meio* se espreguiçava a ribeira *Olona*, o antigo *Olanum; medio-Olanum* > *mediolanum* > *meiolanum* > *miolanum* > *Milanum*) — tão celebre pela sedenta tyrannia dos seus *Visconti* como pelo luxo artistico dos seus *Sforza*, tão memorada pelos nomes perfulgentes de Bramante, Leondivinci, de Barcaglia e Steffani — eram, por vezes, *popularmente* entoados trechos do seiscentista Tasso, referentes á *bella Armida* dos seus sentidos cantares. (Quem os ouvira assim do deleitoso Camões!).

Como admittir, pois, que um homem de Arte, *italiano* de origem e de profissão, escrevesse de seu punho, num quadro eleito, *Arminda* em logar de *Armida*?

(Conforme se vê, *Arminda* está, no texto musical em discussão, por *Armida*, a Circe da epopeia christã, uma das mais bellas heroinas gizadas por Torquato Tasso na sua majestosa *Gerusalemme liberata* — poema tão imponente, que Guarti, no prologo da edição de 1904, o declara *vicino ad assedersi fra Omero e Virgilio*).

— Nas serenatas do seculo XVIII para o alvorecer do seculo XIX, depois do apparecimento da opera alemã intitulada *Armida*, ficou este nome afidalgadamente consagrado, entre nós, para representar a dona, que mais seduzia com os fulgores da sua graça e encantos do seu porte.

Se eu soubesse quem era, no tempo das *modinhas finas* portuguêsas (em que fecundamente versejou o aristocrata Lereno, pseudonymo do Dr. Caldas Barbosa), essa *bella Arminda* da canção, como de ha muito sei que por *Marcia bella* era tida a Sr.ª D. Maria de Menezes, excellente e formosa filha do airoso ginetario e estardiota Marquês de Marialva, poderia, quasi precisamente, indicar a epoca da pintura deste trato de tecto, a que me vou referindo.

Assim, limitar-me-hei a corroborar que o invento do respectivo medalhão por fórma alguma podia ser anterior a 1777, anno em que o autor da *Alceste* e da *Iphigenia* (Guck) compôs a citada opera de germanica mestria.

Ao tempo da laboriosa gestação da *Armida* do grande Rossini — divinal maestro, que tão genialmente soube conciliar a frase melodica com os progressos da arte moderna e que pela esthetica do seu inspirado estro tanto, nesta bella *partitione*, fez sensibilizar os devaneios de *Rinaldo*, como Giordano o faz com a estreme suavidade da sua amoravel paleta na pinacotheca do *Palais des Arts* em Lyon — isto é, em 1817, já esta parte do Picadeiro estava de todo terminada.

Nenhuma outra inscrição ou simples rubrica ha, que incisivamente aclare a lista completa dos artistas, a quem collectivamente deva ser attribuida a pintura de que falamos.

Os dizeres, insertos nas paginas abertas da Biblia, ou livro de Horas do quadro A, são *actualissimos*, porque a primitiva literação era ficticia. Consignam, no fim, a seguinte data, que marca o termo da sua restauração: *Anno 1904 — Fevereiro.*

A dissonancia desta *novidade* (liturgicamente desajustada pelo caracter profano do texto, inserido num livro intencionalmente symbolico, porquanto foi de sua origem destinado no quadro a figurar a *Religião*) ficou de alguma sorte compensada pela justeza do historiamento nelle inscrito — escrupuloso ao extremo de nem ser omittido o servente da obra — que, por sinal, se chama Manuel da Velha. (E eu, a sós, engrimpado no tejadilho de um coche, de binoculo intremulo, já com o gaudio effuso do charadista que desembuça a chave do enredoso logogripho, a suppor, pela desinencia *-ente* — primeiro lobrigada, que ia achar o *Intendente* da fundação!).

Além de outro nome, já com justiça registado nesta Nota, votada á transformação do *Real Picadeiro* de Belem em *Museu* dos *Coches Reaes*, indigita ainda, nas 7.ª e 8.ª lineas da pagina direita do *novo diptyco*, o ajudante Manuel Salles de Almeida.

Superiormente á data referida, vê-se tambem, no fundo esquerdo, o seguinte periodo:

Era Architecto dos Palacios
Reaes Rosen-
do Carvalheira.

Abre, pois, a lição epigraphica com o laureado nome do pintor Sr. José Malhôa e termina por est'outro, não somenos distincto nos trabalhos da sua especialidade.

Malhôa é um colorista preciso e elegante; ainda novo, e já com *uma obra sua* de monumental orientação; facil e fecundo, realisticamente eloquente, com uma paleta de trasbordante apojadura, quasi mesmo encyclopedico, é, por sobretudo, um paisagista em chefe; de talento, que vibra pelas scenas do labor campestre, como a ondulação da brisa fagueira, que faz da messe folhuda um oceano de verdura; de estro sentimentalista, que se irradia pelo apaisado, personalissimamente português, como o sol reluz pelas hasteas viburnas do trigal segadouro. —

Symetrizando com os medalhões do centro, apparecem, aos lados de A e A″, outros da mesma circunferencia cujos themas são caracteristicamente mythologicos, expondo (por fórma singularmente original) a perspicazissima allegoria das quatro Estações do Anno, como philosophica symbolização da ideia do *Tempo* — em cujo seio nasce, vive e morre tudo o que tem de morrer.

Em *a*, um homem de ar sereno, fartamente alado, em viagem aerea (o Zephyro), arrebata a nympha Chloris, a quem desposou e deu o imperio das flores. Representa a Primavera.

Em *a′*, a amante de Vertumno, Pomona, deusa dos vergeis e dos frutos que colhe e está recebendo, recorda o Outomno.

Em *a″*, Vulcano ou Hephaistos, deus do fogo, descansa da faina com que, na bigorna da sua recondita forja, prepara as setas, que o carcaz do menino Cupido está aguardando. Lembra o Inverno.

Em a''', Venus ou Aphrodite, acompanhada, á esquerda, por um pequeno «Deus das agoas frias» e por

«Outro de arco encurvado e sela ervada».

marcha entre golphinhos, como espumosa filha do Mar. Traz-nos á mente a fresquidão, que attenua as quenturas do Estio.

Todo este movimento scenico do tecto é cantonado em c, c', c'', c''' por um leão heraldico, *lemniscato*, (α) que, em *album* ou *titulus* (rematado por *cauda de andorinha*), firma, num escudo losangado, a simulação de alguns escaques.

— Com todo o sabor de intencional e symbolica, envolverá esta composição alguma referencia nobiliarchica ao brasão dos *Sás*, por haver sido (ainda em tempo de El-Rei o Senhor Dom João V) o fomentador da erecção do inegualado *Picadeiro* — D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes,

«..... aquelle que he famoso
«Por cavaleiro sabio e virtuoso»,

e que, *como tal*, preferiu entrar na Côrte de Madrid, quando foi solicitar do Rei Sr. Dom Filippe V a mão da Sr.ª Dona Maria Anna Victoria para esposa do futuro successor á corôa de Portugal . . .

É liquido que á linhagem deste Fidalgo allude o escudo enxaquetado, que Bellona segura no alçado traseiro do *Triumphal-A*.

E, porque é que, em tempos de tão vasto symbolismo, não havia de, ás occultas, referir-se ao mesmo iniciador o xadrez fantasiadamente lavrado no broquel do *Estafermo*, como quem — em nome do primoroso mestre na Arte de bem cavalgar — irrisoriamente açoitava o cavalleiro, que o não sabia ser?... Um embate aspero á botana da lança e uma allusão heraldica ao propagador do circo.

Á parte já descrita e á parcialmente estampada nos bellos *eu tétes* e *fechos* de alguns capitulos (ornamentação para este desplumado livro habilissimamente deduzida de trechos decorativos do tecto do Museu e de coches, que elle abriga, pelo Sr. Filipe J. Fernandes) additemos uma pinacotheca de Picaria com os seus corseis adestrados — o legionario romano, de *contus* e *paraζonium*, no seu potro da Campania tonelado de *scordiscum* — o imperatorio pretoriano, de *galea* e *pectorale* no seu garboso *phaleratus* de *dorsalis* á etrusca — o cavalleiro peninsular, nobre realengo ou villão acontiado, todo de pompas *á ligeira* no seu ruço de cocar — outro de loriga e bafurneira, de gladio e adarga, com lança de empolgadeira, no seu ginete de bardão — a escaramuça *à l'antica* e a justa medieval — Sirenes de fataes amavios com Tritões bicaudatos — hippocampos embridados e delfins inflorescentes — Neptuno mantendo um freio e Amphitrite um *chambrié* — Canephoras e Telamones sorrindo ao gorgeio de um irisado aviario — os Terminos phalenados e as multiplas Gymnesphynges — Nereu, que typifica os Mares e Nereiadas, que os povoam — os Hermes pyramidaes e os rareados Androsphynges — capellas festivaes, sem thyrsos de dithyrambo — deleitosos *Amorini*, de um fresco quasi romano — ramilhetes variegados e frutos coloridos, sem

«As Amoras, que o nome tem de amores»,

mas com

«O pomo, que da Persia veio».

Todo este *panopticum* de caliscopica estilização constitue, hoje, a cupula-florilegio de um verdadeiro *Templo d'Arte*, consagração esthetica do Nome excelso de uma Rainha.

Assim como na morphogonia dos *Lepidopteros* ha sensiveis mudanças de fórma e estructura, desde o seu primitivo estado de *larva* até o terminal de perfeito insecto, assim o *Picadeiro do Paço de Belem*, na sua evolução para *Museu dos Coches Reaes*, perpassou uma como que segunda fase biotica — mas sem o languor da *nympha* ou entorpecimento da *chrysallida*.

A sua transmutação em vastissima *cavea choreal* para os requebrados bailes Reaes de outubro e dezembro de 1823, de janeiro de 1824 e de alguns outros (echo sumido e despintada visão destes primeiros rodopios) não foi uma simples modalidade ephemera, mas um nebuloso vaticinio, que agora teve a mais dilucidada realização.

O antigo *Picadeiro*, na sua metamorphose em *Museu*, só variou de nobreza, sem deixar de ser alta *Escola*. E tão subida ella foi que, na ultima decada do seculo XVIII, *Liberal e Nobre Arte* chamava á Equitação o Mestre da Picaria Real, M. Carlos de Andrade, no livro, em que buscou vulgarizar as lições de Figenbourg, Newcastle e Pignatel (professor de Pluviel, Mestre Picador de Luis XIII).

No terceiro quartel do seculo XVII, a um outro Andrade (Antonio Galvam de), autor de uma *Arte de Cavallaria de Gineta e Estardiota, dedicada ao Principe D. Pedro...*, *Filho do Senhor Rey D. João o IV...* (*M. DC. LXXVII*), consagrou o Conde da Ericeira, (com a expressão poetica tão caracteristica da sua linguagem sempre viva e animada) o seguinte soneto que, encomiando o brioso cavalleiro, cumulativamente faz a exultação da Hyppomachia — o *nobre exercicio*, como em 1677 lhe chamava o Duque de Cadaval — a *nobre Arte de saber manejar um cavallo, & darlhe a doutrina mais util*, consoante a classificava o velho Conde do Sabugal, D. Joam Mascarenhas, para quem Galvam era *qual outro Bellorophonte domãdo outro Pegaso...* (Alludia a esse heroe fabuloso, neto de Sisypho que, montado no meduseo cavallo, matou a Chimera, formidoloso monstro absolutamente ideal, como a Phenix, o Dragão e varios outros do vasto reportorio mythologico). Fala D. Luis de Menezes, o *Conde da Ericeira:*

Com douta mão, com destro entendimento
Explicaste, Galvam, Gineta, & Brida,
E com galharda acçam, com voz luzida,
Alma á destreza dás, gloria ao talento.

Quando em robusto, & leve monimento
Dauas aos brutos ley, & alma entendida,
Ensinaste aprendendo, & hoje dás vida
Ao esplendor, que a idade entrega ao uento.

Renouaste no seculo maduro
A gloria, que alcançaste no passado,
E seguraste a fama no futuro.

Agradecida a Patria ao teu cuidado,
No applauso desta acçam, firma o seguro
Do credito, que em todas tens logrado.

No animo do citado *Estribeiro, & Mestre* (que, no casamento do *senhor Rey o Victorioso*, obrou as mais extraordinarias *cauallarias, assim na Gineta como Estardiota*), Professor *de ambas as sellas dos Senhores Reys... da Real Caza de Bragança...*,

D. João o IV, el-Rey D. Affonso o VI, & o Principe D. Theodosio, & D. Pedro, e no conceito de todos os *desembaraçados nos punhos, & destros homẽs* do seu tempo, um Picadeiro era uma *Academia,* onde com *primorozas lições* o cavallo *se reduzia dos seus resabios* — para *ficar folgando* de modo a *mal caber* em uma rua, *ladeando-se* a uma e outra parte, *vencendo o rosto pera mostrar-se mais bem enfreyado,* sentindo-se formoso com o jaez que o obriga a mostrar *sua louçania...* — para ficar soberbo e brioso, atrevido e fiel, esforçado e marcial... — restando mais *pera a guerra que pera qualquer outro trabalho,* prestes então a tomar parte na palma e corôa das victorias porque, sem *voltar a taboa* ao perigo, guia o cavalleiro no ardor da peleja. Os primeiros encantos do cavallo e, portanto implicitamente, a defensa da sua escola, nenhum escultor, nenhum poeta, nenhum ginetario ou estardiota, melhor que a Biblia, (no vigesimo livro do Antigo Testamento — איוב) os cantou jamais, nas bellas imagens da sua linguagem emphatica que, com a mesma verdade e energia, sabe pintar todos os sentimentos — alternativamente simples e terrivel, pathetica e melancolica, profunda e apaixonada, sempre sabia sem erro e poderosa sem exforço — dicção cujo theopneuma até a umas tantas palavras e frases, ás vezes, parece baixar.

Não cito em hebraico o texto a que me refiro, para melhor ser entendido pela mór parte dos leitores; tambem o não escrevo em latim para a nenhum causar entejo; mas, para absoluta fé do que digo, reproduzo-o mesmo em inglês, na bella lingua shakspeariana de um cicerone que, por largos annos cathedraticos, folheei em bastos dos seus versiculos:

18. *What time she lifteth up herself on high, she scorneth the horse and his rider.*

19. *Hast thou given the horse strength? hast thou clothed his neck with thunder?*

20. *Canst thou make him afraid as a grasshopper? the glory of his nostrils is terrible.*

21. *He paweth in the valley, and rejoiceth in his strength; he goeth on to meet the armed men.*

22. *He mocketh at fear, and is not affrighted; neither turneth be back from the sword.*

23. *The quiver rattleth against him, the glittering spear and the shield.*

24. *He swalloweth the ground with fierceness and rage; neither believeth he that it is the sound of the trumpet.*

25. *He saith among the trumpets. Ha, ha; and he smelleth the battle afar off, the thunder of the captains, and the shouting.* (Capitulo XXXIX).

— (Modelar esta enthusiasta apostrophe de Job! — alta personagem biblica, typo de extraordinaria piedade e exemplar resignação que, torturado pela doença, zombado pelos amigos e até invectivado pela propria esposa, foi um dos mais ricos e poderosos varões das terras de Hus, na Idumea ou país de Edom — a quem Deus, depois de provado, restituiu todas as suas primeiras condições de mundana felicidade.

¶ A região hussita deveria haver ficado situada no setentrião da Arabia, para as bandas do Euphrates e Mesopotamia. Consequentemente, Job falava do ar e do genio do cavallo arabe). —

Ao Picadeiro belenense optimamente coube tambem a mesma classificação de Antonio de Andrade (*Haverá tres cazas, hũa de arreyos pera as sellas das Academias...* — *Levarão o cavallo á Academia...* etc., dizia elle dos do seu tempo). Se, portanto, foi uma *Academia* nobre, não menos nobre Academia é a Escola, em que elle se resolveu — e ainda mais bellamente achegada aos dilectos jardins do atheniense Ἀκαδημος (Académos; Ἀκαδημία, fundada por 300 antes de J. C.), por onde o assombroso discipulo de Cratylo e intimo amigo de Socrates, o *divinal* Platão, até os noventa e dois ou tres annos, não só ditou e escreveu os seus famosos dialogos metaphysicos e dialecticos, moraes e politicos, mas tambem os altamente estheticos, como *Phedro* ou *da Belleza, Hippias* ou *do Bello, Ion* ou *da Poesia, Banquete* ou *do Amor.*

Corrida ao Estafermo

Ainda não dou por finda a, já prolixa, digressão, pois que tambem, por momentos, desejo (doutrinalmente) *correr um pouco o Estafermo* — lição-fecho deste livro, assim como elle o é do *Vestibulo* do edificio, que encerra os carros nobres, de que o tomo se occupa.

No tempo de Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom José I—gentilissimo Cavalleiro nas curvetas *Terra a terra*, nas *Garupadas*, nas *Balotadas* e nas *Capriolas* — elevou se a Escola hyppomachica a tão guindado grau, como nas cavalheirosas eras dos Senhores D. João I, em que cada Mestre de Picaria tinha o fôro de Cavalleiro-Fidalgo, e do Monarcha *Eloquente* (o *muy alto e muy excellent ElRey dõ ednarte*, como se descreve em suas *ordenhações e cuſtumes do rreyno*) o qual, no dia dos seus annos, em 1435, deu a alguns Fidalgos uma *Arte de beim caualgar*, copiada de proprio punho. (O Senhor Dom Duarte, já não era — á semelhança do antigo homem de cavallo — simplesmente o brigão boçal, o justador despejado; o promulgador da *Lei mental* era valoroso sim, mas já polido Monarcha que a todos os do seu tempo excedia em saber e *eloquencia;* o Avô da *Excellente Senhora*, sempre excitado e nostalgico, foi, todavia, o bem acabado cavalleiro medieval, que pelo labor das letras repartia as asperezas da vida, provando — como diz o verso gentil de Sá de Miranda — que

A lança.....
co' os livros não se despouta).

Pelo meio do seculo XV, Carlos VII — o sagrado de Reims pelo mago influxo da libertadora de Orléans (a immortal *Jeanne Darc*, uma das mais puras glorias da França) — tratava os humildes como *Nobres*, apenas entravam no numero dos seus Picadores. Entre nós, os Picadores de El-Rei não iam a escolas particulares; e o Mestre da Real Picaria formava sempre entre o Estribeiro-Mór e o Estribeiro de El-Rei.

O inolvidado Marquês de Marialva, D. Pedro José de Alcantara Antonio Luis de Menezes — que, tendo quasi 70 annos, ainda na presença de Suas Majestades a Senhora Dona Maria I e Senhor Dom Pedro III, trabalhou o celebre *Aventureiro* com o desembaraço de um juvenil — raro deixava de presidir, como Estribeiro-Mór, ás *primorosas* lições da Picaria (e sempre com a sua gran-cruz a tiracollo).

Correr parelhas, por *ser igual a*, ainda é, na Lexicologia portuguêsa, locução de estilo apolimentado.

Da equitação, como adminiculo de guerra, dizia o ardente patriota e grandiloquo vate Luis de Camões, ao terminar a sua assoberbada Epopeia:

«Os Cavalleiros tende em muita estima;
Pois que com seu sangue intrepido e fervente
Estendem não somente a ley de cima,
Mas inda vosso imperio preeminente.»

Pertencia a este *Manejo* o *Estafermo* actualmente jacente no *Vestibulo*, que se usava postar no hippodromo, por occasião das *Corridas*, que delle tomaram o nome.

Dentre os variados jogos — mais ou menos precedidos de *Musicas* e *Danças*, de *Mascaras* e *Bastimentos militares* — destinados a educar a ligeireza dos corceis, a destreza dos cavalleiros, a habilidade nas armas de arremeço e o tiro de pistola, como: *Escaramuças, Parelhas, Desafios á lança, Alcanzias, Argolinhas, Pombos, Barquinhas, Cabeças*, etc., era a *Corrida ao Estafermo* o mais hilariante de todos. (E, por ventura, o mais proveitoso, em face das sentenças de Antonio Galvam: *A argola he ensayo do estafermo, & elle o he das justas... — ...argola da qual, sendo bem corrida, fica o*

Caualleiro encaminhado a bem correr o estafermo, & resulta deste exercicio, se obrar bem, justarse primorozamente).

Consoante as usanças no fim do seculo XVIII, logo que elle fosse descoberto pelo pagem do *Guia*, devia o cavalleiro, correndo a toda a brida, pojar com a *botana* da lança o escudo, fazendo-o voltar, sem que o azorrague o colhesse.

Estas lanças, de faia ou borca para vergarem (quando eram descontoadas), em vez do ferro com os seus gumes, cuspide ou farpão, tinham no sitio do engaste uma cabeça de embate, á fórma de *botão* — como se vê no *Vestibulo*. De botão *botana*.

(Nada tem de novo a ideia. Já os soldados romanos, nos seus exercicios e combates simulados, usavam da *hasta præpilata*, que era *hasta pura* ou simples vara, sem ferro *cuspis* — tendo na ponta uma bola — *pila*. Assim se apura nas lições de Plinio e Tito Livio).

Estafermo

do Real Picadeiro de Belem

Concertado o alvo, continuava a corrida pelos cavalleiros do primeiro *batalhão*, até que o *Contra-Guia* — *Guia* do segundo — abrisse a vez para os da sua cohorte, conforme mostra a estampa adjunta, que é tirada de uma gravura de Frois sobre desenho de Silva, pertencente a livro, offerecido ao Senhor Dom João, Principe do Brasil o qual, descrevendo minuciosamente a etiqueta do Picadeiro, modelada pela civilidade Luis XIII de França, trata de cavallos *em toda a sorte de ares e trabalhos de manejo*.

Mostra o *ex libro* que, ainda em 1790 (decimo terceiro anno do reinado da Senhora Dona Maria I), esta e outras quejandas corridas eram campeadas ao ar livre.

O *Estafermo* ostentava-se então de mavorcia catadura, com o seu *elmo de crista* pennachada, de *couraça* para peito e espalda, com *fraldão de escarcellas* e de *pavez me-*

dusado (um grotesco arremedo á meia-armadura *de consolete,* que muito usada foi pelos Portuguêses).

O do *Real Picadeiro*, porém, (actualmente no *Vestibulo* do Museu, para sempre apeado das suas primitivas funcções, tão zombeteiramente penaes) era, como se vê na gravura, em tamanho natural; de borzeguins em vez de *grévas*, de bragas por *coxotes*, de imbricatura ficticia por *peitoral de solhas*, de manto por *camal* e de *cufia* por *cervilheira;* com broquel de *villanagem*, arremangado, alvar como todos, e até truanescamente *desmantelado* (dispensando assim a ceremonia inicial do seculo anterior).

Valem por uns fosseis humanos, que accentuam e extremam as feições de duas epocas historicas — *Les fossiles sont pour le géologue ce que les médailles sont pour l'historien.* (Tissandier).

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00041 7283

INDICE DAS MATERIAS

PARTE I

Pag.

Ao leitor 11
Aviso prologomenico 21

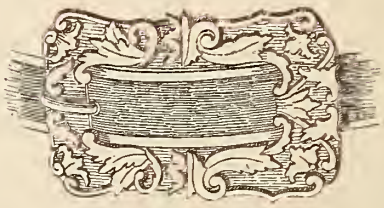
SALÃO DOS COCHES

Coche *D. Carlota Joaquina-B* 37
» *D. Filipe II* 41
Berlinda *D. Maria I-A* 49
» *D. Pedro II-B* 61
» *D. Pedro II-A* 65
Coche *D. Maria de Austria* 71
» *D. José I* 83
» *Papa Clemente XI* 89
Berlinda (processional) *Nossa Senhora do Cabo-A* 99
Carro Triumphal-C 103
» *Triumphal-A* 109
» *Triumphal-B* 117
Berlinda (processional) *Nossa Senhora do Cabo-B* 121
Coche *da Corôa* 123
» *D. João V* 135
» *Infante D. Francisco-A* 145
» *D. Anna Victoria-A* 149
» *D. Maria de Saboya-A* 157
Berlinda *D. Pedro II-C* 163
Coche *D. Maria Benedicta* 165
» *D. Carlota Joaquina-A* 179

VESTIBULO

Pag.

Carrinhos de passeio nas Quintas 187
Carrinho-A 190
» *B* 192
» *C* 193
» *D* e *E* 195
Liteira 200

PARTE II

Nota 1 207
» 2 217
» 3 218
» 4 219
» 5 221
» 6 222
» 7 226
» 8 227
» 9 230
» 10 231
» 11 238
» 12 245
» 13 248
» 14 248
» 15 250
» 16 253
» 17 256
» 18 258
» 19 259
» 20 265
» 21 270
» 22 272
» 23 298
» 24 301
» 25 319